



DO AUTOR DE
OS PILARES DA TERRA

KEN FOLLETT



SEPARADOS POR CLASSES,
LIGADOS PELA BUSCA DE ...
UM LUGAR CHAMADO
LIBERDADE



Ken Follett

UM LUGAR CHAMADO
LIBERDADE

Tradução de
HAROLDO NETTO

Rocco

1996

À memória de John Smith

PARTE 1

ESCÓCIA

A neve cobria os picos de High Glen e as encostas arborizadas em fragmentos perolados, como um adereço no busto de um vestido de seda verde. No fundo do vale um regato impetuoso se desviava das pedras geladas. O vento cortante vindo do Mar do Norte uivava trazendo lufadas de granizo misturado com chuva e neve.

De manhã, no caminho para a igreja, os gêmeos McAsh, Malachi e Esther, seguiam uma trilha em ziguezague ao longo da encosta leste do pequeno vale isolado. Malachi, conhecido como Mack, usava uma capa xadrez e calças de tweed amarradas à altura dos joelhos, mas abaixo deles as pernas estavam nuas e seus pés sem meias, gelados, metidos nos tamancos de madeira. Ele, no entanto, era jovem e esquentado, e quase não notava que estava frio.

Aquele não era o caminho mais curto para a igreja, mas High Glen sempre o empolgava. As encostas altas, os bosques silenciosos e cheios de mistérios e a água rumorejante formavam uma paisagem intimamente vinculada à sua alma. Já vira o casal de águias criar três ninhadas ali. E como as águias, roubara o salmão do proprietário das terras nas águas prolíficas do regato. E da mesma forma que o cervo, escondera-se entre as árvores, silencioso e imóvel quando os guarda-caças se aproximaram.

O proprietário das terras era uma mulher, Lady Hallim, uma viúva que tinha uma filha.

A terra do outro lado da montanha pertencia a Sir George Jamisson e era um mundo diferente.

Os engenheiros haviam escavado grandes buracos nas encostas; montes artificiais de escória desfiguravam o vale; carroças enormes carregadas de carvão pareciam arar a estrada lamacenta, e as águas do regato ficavam pretas com a poeira.

Onde os gêmeos moravam, uma aldeia chamada Heugh, havia uma longa fileira de casas baixas de pedra que se empilhavam morro acima como degraus de uma escada.

Eles eram as versões masculina e feminina da mesma imagem. Ambos tinham cabelos louros escurecidos pela poeira do carvão e admiráveis olhos verde-claros. Ambos eram baixos e de costas largas, com braços e pernas

dotados de fortes músculos.

Os dois eram igualmente opiniáticos e gostavam de discutir.

As discussões eram uma tradição de família. O pai deles fora um inconformista consumado, sempre ansioso para discordar do governo, da igreja ou de qualquer outra autoridade. A mãe trabalhara para Lady Hallim antes do casamento e, como muitos servos, identificava-se com a classe superior. Em um inverno mais rigoroso, quando a mina foi fechada um mês após uma explosão, o pai morrera de crupe, a tosse que matava tantos mineiros de carvão; a mãe pegara uma pneumonia e o seguira em questão de semanas.

Mas as discussões continuaram, principalmente nas noites de sábado, no salão da Sra.

Wheighel a coisa mais parecida com uma taverna na aldeia de Heugh.

Os que trabalhavam na propriedade e os rendeiros adotavam o ponto de vista da mãe.

Diziam que o rei era designado por Deus e que era por isso que as pessoas tinham que obedecer a ele.

Os mineiros tinham ouvido falar de novas ideias. John Locke e outros filósofos diziam que a autoridade do governo só podia advir do consentimento do povo. Esta teoria agradava a Mack.

Poucos mineiros em Heugh eram capazes de ler, mas a mãe de Mack sabia e ele a atormentara para que o ensinasse. Ela ensinara os dois filhos, ignorando as birras do marido, que dizia que as ideias da mulher eram acima do seu estrato social. No salão da Sra. Wheighel Mack era convocado para ler em voz alta trechos do Times, do Edinburgh Advertiser e publicações políticas como a radical North Briton. Os jornais eram sempre atrasados semanas, às vezes alguns meses, mas os homens e mulheres da aldeia ouviam avidamente os longos discursos reproduzidos palavra por palavra, as diatribes satíricas e as narrativas das greves, protestos e distúrbios da ordem.

Foi depois de uma discussão de sábado à noite no salão da Sra. Wheighel, que Mack escrevera a carta.

Nenhum dos mineiros jamais escrevera uma carta antes e houve longas consultas a respeito de cada palavra. A correspondência era destinada a Caspar Gordonson, um advogado de Londres que escrevia artigos nos jornais ridicularizando o governo. A carta fora confiada a Davey Patch, o mendigo caolho, para ser colocada no correio; e Mack se perguntara se ela um dia chegaria ao seu destino.

A resposta tinha chegado na véspera e foi a coisa mais excitante que jamais acontecera a Mack. Mudaria sua vida a ponto de deixá-la irreconhecível é o que ele pensava. Podia ser que o libertasse.

Tanto quanto podia se lembrar, ansiava por ser livre.

Quando criança invejara Davey Patch, que vagava de aldeia em aldeia, vendendo canivetes, barbantes e baladas. O que havia de tão maravilhoso na vida de Davey, para Mack ainda menino, era que podia se levantar ao nascer do sol e ir dormir quando se sentisse cansado. Mack, desde os sete anos de idade, era acordado pela mãe às sacudidelas poucos minutos antes das duas horas da manhã e trabalhava no fundo da mina por quinze horas, terminando às cinco da tarde. Aí então voltava cambaleando para casa, muitas vezes para cair dormindo em cima do mingau. Mack não queria mais ser mendigo, mas continuava ansiando por uma vida diferente.

Sonhava em construir uma casa para si em um vale como High Glen, em um pedaço de terra que pudesse chamar de seu; em trabalhar do raiar do dia ao pôr-do-sol descansando todas as horas da noite; com a liberdade de ir pescar num dia de sol em um lugar onde os salmões pertencessem não ao senhor da terra, mas sim a quem quer que os pescasse. E a carta que tinha em mãos dizia que seus sonhos podiam se tornar verdade.

— Não sei se você deveria ler isto em voz alta na igreja — disse Esther, enquanto atravessavam a encosta gelada.

Mack também não estava seguro, mas retrucou:

— E por que não?

— Haverá encrenca. Ratchett ficará furioso. — Harry Ratchett era o supervisor, o homem que tomava conta da mina em nome do dono. — Ele pode inclusive falar com Sir George, e aí o que vão fazer com você?

Ele sabia que a irmã estava com a razão e seu coração estava cheio de medo e alarme.

Mas isto não o impediu de discutir com ela.

— Se eu guardar a carta — disse — será inútil.

— Bem, você poderia mostrá-la a Ratchett em particular. Ele talvez o deixasse ir embora tranquilamente, sem confusão.

Mack deu uma espiada na irmã gémea com o canto do olho.

Podia afirmar que ela não estava sendo dogmática. Parecia muito mais preocupada do que combativa. Sentiu uma onda de afeição por ela. Fosse o que fosse que acontecesse, estaria do seu lado.

— Mesmo assim — ele sacudiu a cabeça teimosamente. — Não sou o

único afetado por esta carta. Há pelo menos cinco rapazes que iriam gostar de dar o fora daqui, se soubessem que podiam. E o que me diz das gerações futuras?

Ela lhe dirigiu um olhar astuto.

— Você pode estar certo, mas não é este o motivo verdadeiro; o que você quer é se levantar na igreja e provar que o dono da mina está errado.

— Não, não é nada disso! — protestou Mack.

Depois ele pensou por um momento e sorriu.

— Bem, pode ser que haja alguma verdade no que diz. Ouvimos tantos sermões sobre obedecer a lei e respeitar nossos superiores. Agora descobrimos que eles vêm mentindo o tempo todo, sobre uma lei que nos afeta a todos, e muito. Claro que quero me levantar lá e gritar isto com toda a força.

— Não lhes dê razão para que o punam — disse ela, preocupada.

Ele tentou tranquilizá-la.

— Serei tão polido e humilde quanto puder — disse. — Você dificilmente me reconhecerá.

— Humilde! — exclamou Esther ceticamente. — Gostaria de ver isso.

— Só vou dizer o que está na lei. Como pode isto ser errado?

— Não é cauteloso.

— Ah, bem, isto lá é verdade — concedeu ele. — Mas vou fazer assim mesmo.

Os dois irmãos atravessaram a linha de crista e desceram do outro lado, de volta à mina Glen. À medida que iam descendo, o ar ia se tornando menos frio. Poucos momentos depois, a igreja de pedra apareceu, ao lado de uma ponte sobre o rio imundo.

Perto do adro da igreja havia umas poucas choças de rendeiros. Eram cabanas redondas com um fogo no meio do chão batido e um buraco no telhado para permitir a saída da fumaça. O aposento único era compartilhado pelo gado e pelas pessoas durante todo o inverno. As casas dos mineiros, bem mais acima do vale, perto das minas, eram melhores: embora também tivessem chão batido e telhados de palha, cada uma tinha uma lareira e uma chaminé, assim como vidro na janelinha perto da porta; e os mineiros não eram obrigados a dividir seu espaço com as vacas. Assim mesmo, os rendeiros se consideravam livres e independentes e olhavam para os mineiros com ar de superioridade.

No entanto, não foram as cabanas dos camponeses que atraíram agora a

atenção de Esther e Mack, fazendo com que parassem. Uma carruagem fechada puxada por uma bela parelha de tordilhos estava diante da porta da igreja. Diversas senhoras de saias-balão e agasalhos de pele estavam saltando, ajudadas pelo pastor, segurando seus elegantes chapéus rendados.

Esther tocou no braço de Mack e apontou a ponte. Montado num enorme alazão de caça, a cabeça inclinada por causa do vento frio, estava o proprietário da mina, Sir George Jamisson.

Jamisson não era visto ali fazia cinco anos. Ele morava em Londres, que ficava a uma semana de barco e duas semanas de diligência. As pessoas diziam que ele havia sido um comerciante avarento em Edimburgo, que vendia velas e gim numa loja de esquina, e nem um pouco mais honesto do que tinha de ser.

Tempos depois, um parente morrera jovem e sem filhos e George herdara o castelo e as minas. Com base nisto, construía um império que se estendia a lugares inacreditavelmente longínquos, como Barbados e Virgínia. E agora era impecavelmente respeitável: um baronete, um magistrado, o edil de Wang, responsável pela lei e pela ordem na zona portuária de Londres.

Obviamente estava visitando sua propriedade escocesa, acompanhado da família e convidados.

— Bem, é isso aí — disse Esther, aliviada.

— Como assim? — perguntou Mack, embora fosse capaz de adivinhar.

— Você não vai poder ler a carta agora.

— Por que não?

— Malachi McAsh, não seja idiota! — exclamou ela. — Não na frente do próprio dono!

— Pelo contrário — disse ele, obstinadamente. — Isto torna tudo melhor ainda.

Lizzie Hallim recusara-se a ir à igreja na carruagem. Era uma ideia boba. A estrada que vinha do castelo Jamisson era um caminho cheio de buracos e costelas, e os seus sulcos lamacentos congelados eram duros como pedra. O deslocamento seria horrivelmente acidentado, a carruagem teria que ir a passo de marcha, com os passageiros chegando gelados, machucados e provavelmente atrasados. Ela insistiu em ir a cavalo para a igreja. Um tal comportamento tão pouco característico de uma dama fez com que sua mãe se desesperasse.

— Como é que você vai conseguir arranjar um marido, se sempre age como um homem?

— Posso conseguir um marido na hora em que quiser — replicara Lizzie. Era verdade; os homens se apaixonavam por ela a todo instante. — O problema é encontrar um que eu seja capaz de suportar mais de meia hora.

— O problema é encontrar um que não se assuste depressa — resmungou sua mãe.

Lizzie riu. As duas estavam certas. Os homens se apaixonavam por ela à primeira vista, depois descobriam como ela era e recuavam correndo. Seus comentários escandalizavam a sociedade de Edimburgo há anos. No primeiro baile a que foi, conversando com um trio de velhas viúvas, comentara que o Alto Xerife, a principal autoridade da Coroa no condado, tinha um traseiro gordo e sua reputação nunca mais se recuperara. No ano passado a mãe a levara a Londres na primavera e a “lançara” na sociedade inglesa.

Tinha sido um desastre. Lizzie falara alto demais, rira em excesso e zombara abertamente dos modos requintados e das roupas justas dos janotas que tentavam cortejá-la.

— É porque você foi criada sem um homem dentro de casa — acrescentara sua mãe.

— Ficou independente demais. — E depois entrou na carruagem.

Lizzie caminhou ao longo da fachada de pedra do castelo Jamisson, dirigindo-se para os estábulos no lado leste. O pai dela morrera quando tinha três anos, de modo que praticamente não se lembrava dele. Quando perguntara o que o matara, sua mãe respondera vagamente: “Fígado”. Ele as deixara sem um centavo.

E por anos a fio a mãe vivera de migalhas, hipotecando cada vez mais a propriedade da família Hallim, esperando que Lizzie crescesse e desposasse um homem rico que resolvesse todos os seus problemas. Lizzie estava agora com vinte anos de idade e já era hora de cumprir seu destino.

Era este, indubitavelmente, o motivo pelo qual a família Jamisson estava visitando a propriedade escocesa novamente após tantos anos, e tinha como principais convidados da casa as suas vizinhas, Lizzie e a mãe, que moravam a uns quinze quilômetros de distância. O pretexto da festa era o vigésimo-primeiro aniversário do filho mais moço, Jay; mas o motivo verdadeiro era que eles queriam que Lizzie se casasse com o irmão mais velho, Robert.

A mãe era a favor, já que Robert era herdeiro de uma grande fortuna. Sir George era a favor, porque queria acrescentar a propriedade dos Hallim às terras da família Jamisson.

Robert também parecia a favor, a julgar pelo modo como cercava Lizzie de atenções desde que chegaram, embora fosse difícil saber o que havia no coração dele.

Ela o viu de pé no pátio do estábulo, esperando que os cavalos fossem selados.

Lembrava o retrato da mãe dele que estava na parede do salão do castelo: uma mulher séria, feia, de cabelo fino e olhos claros e com uma expressão determinada na boca. Não havia nada de errado nele; não era especialmente feio, magro ou gordo e tampouco cheirava mal, bebia demais ou se vestia efeminadamente. “Era um excelente partido”, disse Lizzie a si própria, “e se a pedisse em casamento provavelmente aceitaria”.

Não estava apaixonada por ele, mas conhecia o seu dever.

Decidiu brincar um pouco com ele.

— É realmente muita falta de consideração de sua parte morar em Londres — disse.

— Falta de consideração? — Ele franziu a testa. — Por quê?

— Você nos deixa sem vizinhos.

Ele ainda parecia intrigado. Não devia ter muito senso de humor. Ela explicou:

— Com você longe, não há uma viva alma entre nós e Edimburgo.

Uma voz atrás dela disse:

— A não ser por uma centena de famílias de mineiros e de diversas aldeias de colonos.

— Você sabe o que quero dizer — disse ela, virando-se. Não sabia quem

era o homem que lhe falara. Com o seu jeito habitual muito direto, perguntou: — Afinal quem é você?

— Jay Jamisson — respondeu ele, com uma reverência. — O irmão mais esperto de Robert. Como pôde se esquecer?

— Oh!

Ela ouvira dizer que ele tinha chegado tarde da noite, na véspera, mas não o reconhecera. Cinco anos atrás ele era muitos centímetros mais baixo, tinha espinhas na testa e uns poucos pelos dourados no queixo. Agora estava mais bonito. Mas não era esperto naquele tempo e ela apostava como não mudara a este respeito.

— Eu me lembro de você. Eu reconheço a presunção.

Ele sorriu.

— Se ao menos eu tivesse tido o seu exemplo de humildade e modéstia para copiar, Srta. Hallim.

Robert disse:

— Olá, Jay. Seja bem-vindo ao castelo Jamisson.

Jay pareceu se irritar.

— Deixe de lado o ar de proprietário, Robert, pois ainda não herdou nada.

Lizzie interveio, dizendo:

— Parabéns pelo vigésimo-primeiro aniversário.

— Muito obrigado.

— É hoje?

— É.

Robert perguntou ao irmão, impaciente:

— Você vai a cavalo conosco para a igreja?

Lizzie viu um lampejo de ódio nos olhos de Jay, mas a voz dele mostrou-se neutra.

— Vou. Mande que selassem um cavalo para mim.

— É melhor irmos andando. — Robert virou-se para o estábulo e levantou a voz. — Andem depressa com isso aí!

— Já está pronto, senhor — respondeu um cavaleiro de dentro da cocheira, e um momento depois três cavalos eram trazidos: um vigoroso pónei preto, uma égua baia e um castrado cinzento.

Jay disse:

— Suponho que estes animais tenham sido alugados em algum comerciante de cavalos de Edimburgo.

Seu tom era crítico, mas ele se aproximou do castrado e deu um tapa no seu pescoço, deixando que ele cheirasse seu casaco azul de montaria.

Lizzie viu que ele se sentia à vontade com cavalos e que gostava deles.

Ela montou o pônei preto, que estava com uma sela feminina, e saiu trotando. Os irmãos a seguiram, Jay no castrado e Robert na égua. O vento soprou a mistura de neve e chuva nos olhos de Lizzie. A camada de neve no chão tornava a estrada perigosa, pois escondia buracos às vezes com mais de trinta centímetros de profundidade, o que podia fazer com que os cavalos tropeçassem.

— Vamos pelo meio da floresta. É mais abrigado, e o chão não é tão irregular — disse Lizzie, e sem esperar pela concordância dos dois irmãos, conduziu o cavalo para fora da estrada e entrou na velha floresta.

Por baixo dos altos pinheiros, o chão não tinha vegetação.

Os córregos e os trechos pantanosos estavam congelados e o solo coberto de poeira branca. Lizzie fez com que o pônei abrisse um meio galope. Após um momento o cavalo cinzento passou por ela.

Quando levantou os olhos, viu um sorriso desafiador no rosto de Jay: ele queria correr.

Lizzie deu um grito e um chute no pônei para estimular o animal que se lançou para a frente energicamente.

Eles dispararam por entre as árvores, mergulhando sob os galhos mais baixos, saltando por cima dos troncos caídos e espadanando imprudentemente os regatos que atravessavam. O cavalo de Jay era maior e teria sido mais veloz num galope, mas as pernas curtas e o menor porte do pônei eram mais bem adaptados àquele terreno e, gradualmente, Lizzie foi ganhando a dianteira.

Quando não pôde mais ouvir o cavalo de Jay, Lizzie diminuiu a marcha e fez com que seu cavalo parasse em uma clareira.

Jay logo apareceu, mas não havia sinal de Robert. Lizzie supôs que ele era sensato demais para arriscar o pescoço em uma corrida inútil. Ela e Jay saíram andando a passo, lado a lado, recuperando o fôlego. O calor que se desprendia dos cavalos mantinha os cavaleiros quentes.

— Eu gostaria de apostar uma corrida com você numa reta — arquejou Jay.

— Montada com uma perna de cada lado eu ganho de você — disse ela.

Ele pareceu um tanto chocado. Todas as mulheres bem nascidas cavalgavam em selas laterais. Para uma mulher, montar escarranchada em

cima do cavalo era considerado vulgar.

Lizzie considerava isso uma bobagem, e quando estava sozinha montava como um homem.

Ela estudou Jay com o canto do olho. A mãe dele, Alicia, a segunda esposa de Sir George, era uma loura coquete de quem Jay herdara os olhos azuis e o sorriso cativante.

— O que é que você faz em Londres? — perguntou-lhe Lizzie.

— Estou no Terceiro Regimento de Infantaria de Guarda. — Uma nota de orgulho surgiu na sua voz, e ele acrescentou: — Acabo de ser promovido a capitão.

— Muito bem, capitão Jamisson, o que é que vocês, bravos soldados, têm a fazer? — perguntou ela, zombeteiramente. — Há guerra em Londres no momento? Há inimigos para você matar?

— Há muito o que fazer para manter o populacho sob controle.

Lizzie de repente se lembrou de Jay como um garoto malvado e agressivo e imaginou se ele não gostaria do trabalho.

— E como é que você controla? — perguntou.

— Por exemplo, escoltando criminosos até a forca e não deixando que sejam salvos pelos seus amigos antes do carrasco fazer seu trabalho.

— Então você passa seu tempo matando ingleses, como um verdadeiro herói escocês.

Ele não parecia se incomodar em ser importunado.

— Um dia eu gostaria de renunciar ao meu posto e ir para o exterior — disse.

— Oh, por quê?

— Ninguém dá a mínima a um filho mais moço neste país — explicou ele. — Até mesmo os criados param para pensar quando você lhes dá uma ordem.

— E você acredita que será diferente em alguma outra parte?

— Tudo é diferente nas colônias. Li livros a respeito. As pessoas são mais livres e tranquilas. Você é considerado pelo que é.

— E o que você faria?

— Minha família tem uma plantação de cana-de-açúcar em Barbados. Tenho esperanças de que meu pai a dê para mim, pelo meu vigésimo-primeiro aniversário, como meu legado, por assim dizer.

Lizzie sentiu-se profundamente invejosa.

— Você é que é feliz — disse. — Não há nada de que eu gostaria mais

do que ir para um país novo. Como deve ser emocionante.

— É uma vida dura a que se leva lá — disse ele. — Você poderia sentir falta do conforto daqui... lojas, óperas, a moda francesa, essas coisas.

— Nada disso me interessa — disse ela, desdenhosamente. — Odeio estas roupas. — Ela estava usando uma saia-balão e um corpete bem justo na cintura. — Gostaria de me vestir como um homem, de culotes, camisa e botas de montar.

Ele riu.

— Isso poderia ser ir um pouco longe demais, inclusive em Barbados.

Lizzie estava pensando: “Ora, se Robert me levasse para Barbados, eu me casaria com ele na mesma hora.” — E lá você tem escravos para fazer todo o trabalho — acrescentou Jay.

Eles saíram da floresta perto da ponte, poucos metros a montante. Do outro lado do curso d'água, os mineiros estavam enchendo a igrejinha.

Lizzie ainda estava pensando em Barbados.

— Deve ser muito estranho ter escravos, e ser capaz de fazer com eles tudo o que você quiser, como se fossem animais — disse. — Não o faz sentir-se estranho?

— Nem um pouco — foi a resposta de Jay, com um sorriso.

A igreja estava cheia. A família Jamisson e seus convidados tomavam grande parte do espaço; as mulheres com suas saias largas e os homens com as espadas e os chapéus de três bicos.

Os mineiros e os colonos que formavam a costumeira congregação dos domingos deixaram um espaço em torno dos recém-chegados, como se receassem encostar nas roupas finas e manchá-las com pó de carvão e bosta de vaca.

Mack falara desafiadoramente com Esther, mas estava muito apreensivo. Os proprietários do carvão tinham o direito de açoitar os mineiros e, acima de tudo, Sir George Jamisson era um magistrado, o que significava que ele podia mandar alguém ser enforcado e não haveria ninguém para contradizê-lo. Seria, sem dúvida, uma imprudência de Mack arriscar-se a incorrer na ira de homem tão poderoso.

Mas o certo era o certo. Mack e os outros mineiros estavam sendo tratados injustamente, ilegalmente, e toda vez que pensava nisso, ele se sentia tão revoltado que tinha vontade de gritar sua raiva de cima dos telhados. Não podia espalhar as notícias sub-repticiamente, como se pudesse não ser verdade. Tinha que ser ousado ou recuar.

Por um momento considerou a hipótese de recuar. Por que criar caso? Aí então o hino começou, e os mineiros cantaram em harmonia, enchendo a igreja com suas vozes emocionantes. Nas suas costas Mack ouviu a sublime voz de tenor de Jimmy Lee, o melhor cantor da aldeia. O canto o fez pensar em High Glen e no sonho de liberdade e ele revestiu-se de coragem e resolveu seguir em frente com o seu plano.

O pastor, o reverendo John York, era um homem de uns quarenta anos de idade, jeito suave e cabelos ralos. Falou hesitantemente, nervoso com o esplendor dos visitantes. O sermão dele foi sobre a Verdade. Como reagiria à leitura da carta por Mack?

Seu instinto o levaria a alinhar-se com o dono da mina.

Provavelmente ia jantar no castelo após o serviço religioso. Mas ele era um clérigo; seria obrigado a se pronunciar a favor da justiça, independente do que Sir George pudesse dizer, não seria?

As paredes de pedra da igreja eram nuas. Não havia lareira, claro, e o

bafo da respiração de Mack condensava no ar frio.

Ele estudou o pessoal do castelo. Reconhecia a maior parte da família Jamisson.

Quando era menino, eles tinham passado grande parte do seu tempo ali. Sir George era inconfundível com seu rosto vermelho e barriga estufada. A mulher dele estava ao seu lado, metida em um vestido rosa cheio de babados que ficaria bonito em uma mulher mais jovem.

Lá estava Robert, o filho mais velho, de olhar duro e destituído de senso de humor, com vinte e seis anos de idade e começando a desenvolver o aspecto rotundo do pai. Ao lado dele, um bonito homem louro com mais ou menos a mesma idade de Mack: só podia ser Jay, o filho mais jovem. No verão em que Mack estava com seis anos de idade, brincara com Jay todos os dias no bosque em torno do castelo Jamisson, e ambos haviam pensado que seriam amigos pelo resto da vida. Mas naquele inverno Mack começara a trabalhar na mina e aí não houve mais tempo para brincar.

Reconhecia também alguns dos convidados dos Jamisson.

Lady Hallim e a filha Lizzie eram bem conhecidas. Lizzie Hallim há muito tempo que era uma fonte de sensação e escândalo no vale.

As pessoas diziam que andava vestida com roupas de homem e uma arma no ombro.

Dava as botas para uma criança descalça e depois arrasava com a mãe da criança por não ter esfregado direito a soleira da sua porta. Mack não punha os olhos nela há anos.

A propriedade dos Hallim tinha uma igreja própria, de modo que elas não iam ali todos os domingos. Mas visitavam quando os Jamisson estavam presentes e Mack se lembrava de ter visto Lizzie na última vez, quando ela teria uns quinze anos; vestida como uma fina dama, mas jogando pedras nos esquilos como qualquer menino.

A mãe de Mack tinha sido criada das senhoras em High Glen House, a mansão Hallim e, depois de se casar, às vezes voltava lá para rever velhas amigas e exibir os filhos gémeos.

Mack e Esther muitas vezes brincavam com Lizzie durante essas visitas, provavelmente sem o conhecimento de Lady Hallim. Lizzie era um pouco atrevida: mandona, egoísta e mimada.

Mack a beijara uma vez e ela puxara seu cabelo e o fizera chorar. A impressão que dava era de que não tinha mudado muito. Tinha um rostinho travesso, cabelos castanho-escuros cacheados e olhos muito escuros que

sugeriam travessuras. Sua boca era um arco cor-de-rosa.

Olhando-a fixamente, Mack pensou: “Eu gostaria de beijá-la agora.” Na mesma hora em que esta ideia cruzou a mente dele, ela o encarou.

Ele desviou o rosto, envergonhado, como se Lizzie pudesse ter lido seus pensamentos.

O sermão chegou ao fim. Além do costumeiro serviço presbiteriano, hoje haveria um batizado:

Jen, a prima de Mack, tivera o quarto filho. Seu mais velho, Wullie, já trabalhava na mina.

Mack decidira que o momento mais apropriado para fazer sua declaração seria durante o batismo. Mas, quando o instante foi se aproximando, sentiu um tremendo frio na barriga. E foi aí que disse a si próprio para não ser tolo: arriscava a vida todos os dias lá embaixo na mina; por que deveria ficar nervoso em desafiar um comerciante gordo?

Jen estava de pé junto da pia, parecendo muito fraca.

Tinha apenas trinta anos, mas já dera à luz quatro filhos e fazia vinte e três anos que trabalhava lá embaixo na mina e estava exausta. O Sr. York aspergiu água na cabeça do bebê.

Aí o marido dela, Saul repetiu a fórmula que transformava em escravos todos os filhos dos mineiros escoceses. “Dedico esta criança a trabalhar nas minas de Sir George Jamisson, menino e homem, pelo tempo em que for capaz, ou até que morra.” Era este o momento sobre o qual Mack decidira.

Ele levantou-se.

Neste ponto, o supervisor, Harry Ratchett, normalmente se aproximaria da pia batismal e entregaria a Saul o “arles”, o tradicional pagamento pelo compromisso: uma bolsa de dez libras.

No entanto, para surpresa de Mack, Sir George levantou-se para cumprir o ritual pessoalmente. Ao se levantar, seu olhar cruzou com o de Mack.

Por um momento, os dois homens se encararam.

Depois, Sir George começou a andar na direção da pia.

Mack passou ao corredor central da igreja e disse, em voz alta:

— O pagamento do arles não tem sentido.

Sir George parou no meio de um passo e todas as cabeças se viraram para Mack.

Houve um momento de silêncio estarrecedor. Mack podia ouvir as batidas do próprio coração.

— Essa cerimônia não tem for a de lei — declarou Mack. — O menino

não pode ser prometido à mina. Uma criança não pode ser escravizada.

Sir George disse:

— Sente-se, seu jovem tolo, e cale a sua boca.

O tom condescendente da recriminação de Sir George enfureceu Mack tanto, que todas as suas dúvidas se desvaneceram.

— Sente-se você — disse ele, imprudentemente, e a congregação ficou ofegante com a sua insolência. Ele apontou um dedo para o Sr. York. — O senhor falou sobre verdade no sermão, pastor. Defenderá a verdade agora?

O clérigo olhou Mack com um ar preocupado.

— O que significa tudo isto, McAsh?

— Escravidão!

— Ora, você conhece a lei da Escócia — disse York, em tom razoável — Os mineiros de carvão são propriedade do dono da mina. Assim que o homem tiver trabalhado um ano e um dia, perde a liberdade.

— Sim, senhor — disse Mack. — É perverso, mas é a lei. O que estou dizendo é que a lei não escraviza as crianças, e posso provar.

Saul protestou.

— Nós precisamos do dinheiro, Mack!

— Pegue o dinheiro — disse Mack. — Seu menino trabalhará para Sir George até completar os vinte e um anos, e isto vale dez libras. Mas — ele levantou a voz — quando atingir a maioridade, será livre!

— Eu o aconselho a calar a boca — disse Sir George, ameaçadoramente. — Isto é uma conversa perigosa.

— Que, no entanto, é verdadeira — insistiu Mack, teimosamente.

Sir George ficou roxo: não estava acostumado a ser desafiado tão persistentemente.

— Acertarei com você quando o serviço estiver terminado — prometeu, furioso.

Entregou a bolsa a Saul depois virou-se para o pastor e disse: — Continue, por favor, Sr.

York.

Mack ficou bestificado. Certamente que eles não iam simplesmente continuar como se nada tivesse acontecido?

— Vamos cantar o hino final — disse o pastor.

Sir George retornou ao seu lugar. Mack permaneceu de pé, incapaz de acreditar que tudo tivesse acabado.

— O segundo salmo: “Por que os céus se enfurecem e o povo imagina

que é uma coisa ?” — continuou o pastor.

Uma voz atrás de Mack disse:

— Não, não. Ainda não.

Ele se virou. Era Jimmy Lee, o jovem mineiro que tinha uma voz magnífica. Ele já tinha fugido uma vez, e como punição usava uma argola de ferro no pescoço onde haviam sido gravadas as palavras “Este homem é propriedade de Sir George Jamisson, de Fife”.

“Graças a Deus por Jimmy”, pensou Mack.

— Não pode parar agora — disse Jimmy. — Vou fazer vinte e um na semana que vem. Se vou ser livre, quero saber a respeito.

Ma Lee, a mãe de Jimmy, disse:

— E nós todos também.

Ela era uma velha durona, sem dentes, muito respeitada na aldeia, e sua opinião era influente. Diversos outros homens e mulheres expressaram sua concordância.

— Você não vai ser livre — pronunciou-se asperamente Sir George, pondo-se de pé de novo.

Esther puxou a manga de Mack.

— A carta! — cochichou, nervosa. — Mostre a eles a carta!

Mack tinha esquecido a carta, na sua excitação.

— A lei diz outra coisa, Sir George — exclamou ele, brandindo a carta.

York perguntou:

— O que é esse papel, McAsh?

— É uma carta de um advogado de Londres que eu consultei.

Sir George ficou tão ultrajado que parecia prestes a explodir.

Mack ficou contente por estarem separados duas fileiras de bancos, caso contrário o proprietário das terras poderia pegá-lo pela garganta.

— Você consultou um advogado?

Ele cuspiu as palavras explosivamente. Aquilo parecia tê-lo ofendido mais do que qualquer outra coisa.

York perguntou:

— O que diz a carta?

— Eu vou ler — afirmou Mack. — “A cerimônia de arles não tem fundamento na lei inglesa ou escocesa.” — Houve um burburinho de comentários surpresos na congregação; aquilo contradizia tudo o que eles tinham sido ensinados a acreditar. — “Os pais não podem vender o que não possuem, isto é, a liberdade de um adulto. Podem compelir o filho a trabalhar

na mina até que atinja os vinte e um anos, mas...” — neste ponto Mack fez uma pausa dramática e leu a frase seguinte muito lentamente — “... mas aí ele será livre para ir embora!” Na mesma hora todo mundo quis dizer alguma coisa. Seguiu-se um verdadeiro tumulto, quando uma centena de pessoas tentou falar, gritar, iniciar uma pergunta ou externar uma exclamação.

Provavelmente metade dos homens ali presentes havia sido prometida quando criança e, em consequência, sempre tinham se considerado escravos. Agora estavam lhes dizendo que tinham sido enganados e queriam conhecer a verdade. Mack levantou a mão para que se calassem, e quase que imediatamente eles ficaram em silêncio. Por um instante, Mack maravilhou-se com o seu poder.

— Deixem que eu leia mais uma linha — disse. — “Uma vez que o homem é adulto, aplica-se a ele a lei que se aplica a todo mundo na Escócia: quando trabalhar um ano e um dia como adulto, perde sua liberdade.” Houve resmungos de raiva e desapontamento. Aquilo não era nenhuma revolução, perceberam os homens; a maioria não era mais livre do que sempre fora. Mas seus filhos podiam escapar.

York disse:

— Deixe eu ver esta carta, McAsh.

Mack foi até a frente e a entregou a ele.

Sir George, ainda vermelho de raiva, perguntou:

— Quem é esse pretenso advogado?

— O nome dele é Caspar Gordonson. — respondeu Mack.

— Oh, sim, já ouvi falar dele. — disse York.

— Eu também — disse Sir George com escarninho. — Um rematado radical! É um associado de John Wilkes.

Todos conheciam o nome de Wilkes: era o celebrado líder radical que estava exilado em Paris, mas ameaçava constantemente retornar e solapar o governo. Sir George continuou:

— Gordonson será enforcado por causa disto, se depender de mim. Esta carta é traição.

O pastor ficou chocado com aquela conversa de enforcamento.

— Eu dificilmente pensaria que traição tem algo a ver com isto...

— É melhor que você se limite ao reino dos céus — interrompeu Sir George asperamente. — Deixe que os homens deste mundo decidam o que é traição e o que não é. — E com isto ele arrancou a carta da mão de York.

A congregação ficou chocada com a brutal censura ao seu pastor e todos

ficaram quietos, esperando para ver como ele reagiria. York sustentou o olhar de Jamisson e Mack teve certeza de que o pastor desafiaria o lorde; mas York abaixou os olhos e Jamisson pareceu triunfante e sentou-se de novo, como se tudo tivesse acabado.

Mack sentiu-se ultrajado com a covardia de York. A igreja devia ser a autoridade moral. Um pastor que recebia ordens do proprietário das terras era completamente supérfluo.

Mack dirigiu ao homem um olhar de franco desprezo e disse, num tom de voz escarninho:

— Devemos respeitar a lei ou não?

Robert Jamisson levantou-se, o rosto congestionado e vermelho como o do pai.

— Você respeitará a lei e seu lorde lhe dirá o que é a lei — disse ele.

— Isto é o mesmo que não ter lei alguma — disse Mack.

— O que é a mesma coisa, no que diz respeito a você — retrucou Robert. — Você é um mineiro: o que é que tem a ver com a lei? Quanto a escrever para advogados — ele tirou a carta do pai — aqui está o que penso do seu advogado. — Com estas palavras, rasgou a carta ao meio.

Os mineiros arquejaram. Seu futuro estava escrito naquelas páginas e ele as estava rasgando.

Robert rasgou a carta repetidas vezes e depois atirou os pedaços para cima. Eles flutuaram sobre Saul e Jen como confete em uma cerimônia de casamento.

A dor que Mack sentiu foi tanta, como se alguém houvesse morrido. A carta era a coisa mais importante que já lhe ocorrera.

Tinha planejado mostrá-la a todo mundo na aldeia. Imaginara levá-la a outras minas em outras aldeias, até que toda a Escócia tomasse conhecimento dela. E, no entanto, Robert a destruíra num segundo.

A derrota deve ter aparecido no seu rosto, pois Robert fez um ar de triunfo. Isto enfureceu Mack. “Ainda não estou liquidado”, pensou. “A carta se fora, mas a lei continuava sendo a mesma.” — Vejo que você está amedrontado o bastante para destruir a carta — disse, espantando-se com o tanto de escárnio que havia em sua própria voz. — Mas você não pode rasgar a lei da terra. Ela está escrita em um papel que não pode ser rasgado tão facilmente.

Robert hesitou, surpreendido, sem saber direito como responder a tamanha eloquência.

Após um momento, disse, furioso:

— Saia.

Mack olhou para o Sr. York, e os Jamisson fizeram o mesmo.

Nenhum leigo tinha o direito de mandar que um membro da congregação saísse de uma igreja. Será que o pastor iria se ajoelhar e permitir que o filho do lorde expulsasse um integrante do seu rebanho?

— Esta casa é de Deus ou de Sir George? — quis saber Mack.

Foi um momento decisivo e York não esteve à sua altura. Pareceu ficar envergonhado e disse:

— É melhor você ir embora, McAsh.

Mack não pôde resistir a uma réplica, embora soubesse que seria uma imprudência.

— Muito obrigado pelo sermão sobre a verdade, pastor — disse. — Nunca o esquecerei.

Ele virou-se para ir embora. Esther levantou-se também.

Quando começaram a percorrer o corredor central Jimmy Lee levantou-se e os seguiu.

Um ou dois outros também se levantaram, depois Ma Lee pôs-se de pé e, subitamente, o êxodo foi generalizado. Ouviu-se o barulho das botas arrastando no chão e o farfalhar dos vestidos quando os mineiros deixaram seus lugares, trazendo as famílias. Quando Mack chegou na porta, sabia que todos os mineiros o estavam seguindo para fora da igreja e foi tomado por uma sensação de camaradagem e de triunfo tão fortes que fizeram com que seus olhos se enchessem de lágrimas.

Todos se reuniram em torno de Mack no pátio da igreja, onde era o cemitério. O vento cessara, mas nevava, os grandes flocos de neve pairando preguiçosamente até caírem sobre as lápides.

— Aquilo foi errado, rasgar a carta — disse Jimmy, furioso.

Alguns outros concordaram.

— Escreveremos de novo — disse alguém.

— Pode ser que não seja fácil conseguir que a carta seja postada uma segunda vez. — ponderou Mack.

Na verdade a mente dele não estava nesses detalhes. Respirava com dificuldade e sentia-se exausto e estimulado, como se tivesse subido correndo a encosta do High Glen.

— Lei é lei! — disse outro mineiro.

— Sem dúvida, mas lorde é lorde — replicou um outro, mais cauteloso.

Quando Mack se acalmou, começou a avaliar mais realisticamente o que conseguira.

Tinha agitado todo mundo, claro, mas por si só isto não mudava nada. Os Jamisson tinham se recusado categoricamente a reconhecer a lei. Se resolvessem usar suas armas, o que os mineiros poderiam fazer? Adiantaria alguma coisa lutar pela justiça? Não seria melhor abaixar a cabeça e esperar um dia conseguir o emprego de supervisor de Ratchett?

Uma pequena figura toda de preto disparou porta afora da igreja como um cervo repentinamente libertado. Era Lizzie Hallim.

Ela foi direto para onde estava Mack. Os mineiros abriram caminho prontamente.

Mack a encarou. Se no estado normal já era bastante bonita, agora, com o rosto cheio de vida devido à indignação, estava encantadora. Os olhos negros lançavam faíscas quando ela perguntou:

— Quem você pensa que é?

— Eu sou Malachi McAsh...

— Eu sei seu nome — interrompeu ela. — Como se atreve a falar com o lorde e seu filho daquele jeito?

Como eles se atrevem a nos escravizar quando a lei diz que não podem?

Os mineiros murmuraram sua aprovação.

Lizzie olhou em torno, avaliando-os. Os flocos de neve ficavam presos na pele do seu casaco. Um caiu sobre o seu nariz e ela o afastou com um gesto impaciente.

— Vocês têm sorte de ter trabalho pago — disse ela. — Todos deveriam ser gratos a Sir George por explorar as minas e proporcionar às suas famílias recursos para viver.

— Se somos tão felizardos, por que eles precisam de leis que nos proíbam de deixar a aldeia e procurar outro trabalho?

— Porque vocês são idiotas demais para saberem quando estão bem!

Mack deu-se conta de que estava gostando daquela discussão, e não só porque implicava ter que olhar para uma mulher bela e bem-nascida. Como oponente, era mais sutil do que Sir George e Robert.

Ele abaixou a voz e adotou um tom indagador.

— Srta. Hallim, já desceu alguma vez numa mina de carvão?

Ma Lee deu uma risada, só de pensar.

— Não seja ridículo! — respondeu Lizzie.

— Se um dia descer, garanto que nunca mais nos chamará de felizardos.

— Chega de insolência — disse ela. — Você devia ser açoitado.

— Provavelmente serei — disse ele, mas sem acreditar; nenhum mineiro jamais tinha sido flagelado ali durante toda a sua vida, embora seu pai tivesse assistido uma vez a um açoitamento.

Lizzie estava arfando. Ele teve que se esforçar para não fixar os olhos no seu colo.

— Você tem resposta para tudo, sempre teve — disse Lizzie.

— É verdade, mas você nunca ouviu minhas respostas.

Ele sentiu uma cotovelada dolorosa no lado do corpo; era Esther, avisando-o para ter cuidado onde pisava, lembrando que nunca seria pago para ser mais inteligente que a pequena nobreza.

— Pensaremos a respeito do que nos disse, Srta. Hallim, e muito obrigado pelo seu conselho — disse Esther.

Lizzie aquiesceu condescendentemente.

— Você é a Esther, não é?

— Sim, Srta.

Ela virou-se para Mack.

— Você devia ouvir sua irmã, ela tem mais juízo que você.

— Esta é a primeira coisa verdadeira que você me disse hoje.

— Mack, fecha essa matraca — cochichou Esther.

Lizzie sorriu, e de repente toda a sua arrogância desapareceu.

O sorriso iluminou-lhe o rosto e ela pareceu outra pessoa, amável e alegre.

— Não ouço essa expressão há muito tempo — comentou, rindo.

Mack não pôde deixar de rir junto com ela.

Lizzie virou de costas, ainda rindo.

Mack observou-a quando caminhou de volta para a igreja e juntou-se aos Jamisson, que acabavam de sair.

— Meu Deus! — disse ele, sacudindo a cabeça. — Que mulher!

Jay estava furioso com a briga na igreja. Enfurecia-o ver alguém querer ultrapassar sua classe social. Era a vontade de Deus e a lei da terra, que Malachi McAsh devesse passar sua vida escavando carvão debaixo da terra e que Jay Jamisson vivesse uma existência mais elevada. Queixar-se da ordem natural era ruim. E McAsh tinha um jeito irritante de falar, como se fosse igual a qualquer outra pessoa, não importa quão bem-nascida.

Nas colônias, agora, um escravo era um escravo, e não havia essas tolices de trabalhar um ano e um dia, ou de pagamento de salários. Era assim que se devia fazer as coisas, na opinião de Jay.

As pessoas não trabalham, a menos que compelidas, e a compulsão pode muito bem ser impiedosa;— era mais eficiente.

Quando deixou a igreja, alguns dos colonos ofereceram-lhe congratulações pelo seu vigésimo-primeiro aniversário, mas nenhum dos mineiros falou com ele. Os mineiros agruparam-se de um lado do cemitério, discutindo entre eles mesmos, falando baixo, mas com raiva. Jay sentiu-se ultrajado por terem estragado o dia do seu aniversário.

Apertou o passo na neve até onde um cavalariaço segurava os cavalos. Robert já estava lá, mas Lizzie não. Jay olhou em torno, procurando-a. Estava ansioso por voltar para casa cavalgando ao lado de Lizzie.

— Onde está a Srta. Elizabeth? — perguntou ao cavalariaço.

— Na varanda, Sr. Jay.

Jay a viu conversando animadamente com o pastor.

Robert bateu no peito de Jay com um dedo agressivo.

— Escuta aqui, Jay, deixa Elizabeth Hallim em paz, está entendendo?

A expressão do rosto de Robert era beligerante. Cruzar com ele naquele estado de espírito podia ser perigoso, mas a raiva e o desapontamento deram coragem a Jay.

— De que diabo você está falando? — perguntou, agressivamente.

— Você não vai se casar com ela, sou eu que vou.

— Não quero me casar com ela.

— Então não flerte com ela!

Jay sabia que Lizzie o achara atraente e divertira-se brincando com ela, mas não tinha pensado em conquistar seu coração.

Quando ele tinha quatorze anos e ela treze, achava que era a garota mais bonita do mundo, e partira-lhe o coração ver que não se interessava por ele (ou, na verdade, por nenhum outro menino), mas isto fora há muito tempo. Os planos do pai eram para Robert desposar Lizzie, e nem Jay nem ninguém mais na família podia se opor aos desejos de Sir George.

Assim Jay ficou surpreso ao ver que Robert tinha ficado aborrecido o bastante para se queixar.

Demonstrava que se sentia inseguro; e Robert, como o pai, raramente mostrava-se inseguro.

Jay desfrutou o raro prazer de ver o irmão preocupado.

— De que você está com medo? — perguntou.

— Você sabe muito bem do que estou falando. Você rouba minhas coisas desde quando éramos crianças: meus brinquedos, minhas roupas, tudo.

Um velho ressentimento familiar compeliu Jay a dizer:

— Porque você sempre teve tudo o que queria, e eu nada.

— Tolice.

— De qualquer modo, a Srta. Hallim está hospedada em nossa casa — disse Jay, em um tom de voz mais razoável — Não posso ignorá-la, posso?

A boca de Robert exibiu uma expressão de teimosia.

— Você quer que eu fale com o pai sobre isto?

Estas eram as palavras mágicas que terminaram com muitas das disputas da infância.

Os dois irmãos sabiam que o pai sempre decidia a favor de Robert. Uma antiga amargura contraiu a garganta de Jay.

— Está certo, Robert — concedeu — vou procurar não interferir no namoro.

Ele montou e saiu a trote, deixando que Robert escoltasse Lizzie de volta ao castelo.

O castelo Jamisson era uma fortaleza cinza-escura de pedra com torres e ameias, e tinha o aspecto dominador e a altura de tantas casas de campo escocesas. Fora construído setenta anos antes, depois que a primeira mina de carvão no vale começara a trazer fortuna para o lorde.

Sir George herdara aquela propriedade através de um primo da primeira mulher.

Durante toda a infância de Jay, o pai dele fora obcecado com carvão. Gastara todo o seu tempo e dinheiro abrindo novas minas e não haviam sido feitas quaisquer melhorias no castelo.

Embora tenha passado a infância ali, Jay não gostava do lugar. Os cômodos imensos e cheios de correntes de ar no andar térreo — salão, sala de jantar, sala de estar, cozinha e sala dos criados — haviam sido construídos em torno de um pátio central com um chafariz que ficava gelado de outubro a maio. O lugar era impossível de ser aquecido. Grandes lareiras acesas em cada cômodo, queimando o abundante carvão das minas Jamisson, pouca diferença faziam sobre o ar gelado dos grandes ambientes com pisos de pedra, e os corredores eram tão frios que era preciso vestir uma capa para ir de um cômodo a outro.

Dez anos antes, a família se mudara para Londres, deixando um quadro reduzido de criados para manter a casa e proteger a caça.

Durante algum tempo, eles voltaram todos os anos, trazendo consigo convidados e criados, alugando cavalos e uma carruagem em Edimburgo, contratando mulheres de colonos para esfregar os pisos de pedra, manter as lareiras acesas e esvaziar os urinóis. Mas o pai relutava cada vez mais em deixar seu negócio e as visitas foram escasseando. O restabelecimento este ano do antigo costume não agradara Jay. No entanto, Lizzie Hallim adulta fora uma agradável surpresa, e não só por representar um recurso para ele atormentar seu favorecido irmão mais velho.

Ele contornou os estábulos e desmontou. Deu umas palmadinhas no pescoço do animal.

— Não é nenhum especialista em corrida de obstáculos, mas é uma montaria bem-comportada — disse ao cavaleiro, entregando-lhe as rédeas. — Gostaria de tê-lo no meu regimento.

O cavaleiro pareceu satisfeito.

— Muito obrigado, senhor — agradeceu.

Jay entrou no grande salão. Era um espaço enorme e lúgubre com os cantos tão escuros que neles a luz das velas praticamente não penetrava. Um tristonho cão veadeiro estava deitado sobre um velho tapete de pele diante do fogo. Jay cutucou o animal com a ponta da bota e fez com que saísse do caminho para que pudesse aquecer as mãos.

Acima da lareira ficava o retrato da primeira mulher do seu pai, a mãe de Robert, Olive. Jay odiava aquela pintura. Lá estava ela, solene e com ar de santa, olhando com desprezo a todos que vinham vê-la. Tinha pegado uma febre e morrido de repente aos vinte e nove anos; seu pai se casara de novo, mas nunca esquecera o primeiro amor. Tratava Alicia, a mãe de Jay, como uma amante, um brinquedo sem status ou direitos; e fazia com que Jay se

sentisse quase que como um filho ilegítimo. Robert era o primogênito, o herdeiro, o especial.

Jay às vezes tinha vontade de perguntar se ele era fruto de uma imaculada concepção; se tinha nascido de alguma virgem.

Ele deu as costas para o retrato. Um lacaios lhe trouxe um copo de vinho quente adoçado que ele bebeu, agradecido. Talvez acalmasse a tensão que sentia no estômago. Hoje o pai anunciaria qual seria a parte dele na herança.

Sabia que não ia herdar a metade, ou mesmo um décimo, da fortuna do pai. Robert herdaria aquela propriedade, com suas ricas minas e a frota de navios que já administrava. A mãe de Jay o aconselhara a não discutir; ela sabia que o pai era implacável. Robert não era apenas o filho preferido. Ele era o pai redivivo.

Jay era diferente, e por isto seu pai o rejeitava. Como o pai, Robert era astuto, impiedoso e perverso com dinheiro. Jay era descuidado e gastador. O pai detestava gente descuidada com dinheiro, especialmente o seu dinheiro. Mais de uma vez gritara para Jay:

“Eu dou sangue para ganhar dinheiro e você joga fora!” Jay tornara as coisas piores, poucos meses atrás, contraindo uma imensa dívida de jogo no valor de novecentas libras. Fizera com que sua mãe pedisse ao pai para pagar. Era uma pequena fortuna, dinheiro suficiente para comprar o castelo Jamisson, mas Sir George podia facilmente gastá-lo. Assim mesmo, agira como se estivesse perdendo uma perna. Desde então Jay perdera mais dinheiro, embora o pai não tivesse sabido.

“Não discuta com seu pai”, ponderou a mãe, “e peça algo modesto”.

Os filhos mais jovens geralmente vão para as colônias: havia uma boa chance de seu pai lhe conceder a plantação de cana-de-açúcar em Barbados, com o seu solar e os escravos africanos.

Tanto ele quanto a mãe tinham falado com o pai a respeito, mas ele não disse que sim nem que não, e Jay tinha grandes esperanças.

Seu pai entrou poucos minutos depois, batendo os pés para limpar a neve das botas.

Um lacaios ajudou-o a tirar a capa.

— Mande uma mensagem para Ratchett — disse o pai ao homem. — Quero dois guardas na ponte vinte e quatro horas por dia. Se McAsh tentar deixar o vale, eles deverão prendê-lo.

Havia apenas uma ponte atravessando o rio, mas existia outra saída. Jay perguntou:

— E se McAsh sair pela montanha?

— Com este tempo? Ele pode tentar. Assim que soubermos que fugiu, podemos mandar um grupo contornar pela estrada e fazer com que o xerife e uma tropa de soldados estejam esperando do outro lado quando ele chegar lá. Mas duvido que consiga.

Jay não estava tão seguro assim — aqueles mineiros eram tão fortes e resistentes quanto os cervos e McAsh era um desgraçado obstinado — mas não discutiu com o seu pai.

Lady Hallim chegou em seguida. Tinha o cabelo e os olhos escuros como a filha, mas não possuía nem um pouco do brilho e da vida de Lizzie. Era um tanto corpulenta e tinha rosto carnudo marcado por rugas de desaprovação.

— Deixa eu pegar o seu casaco — disse Jay, ajudando-a a se livrar do pesado casaco de pele. — Venha para perto do fogo, suas mãos estão frias. Quer um pouco de vinho quente?

— Que bom rapaz você é, Jay! — disse ela. — Eu adoraria um pouco de vinho.

Os outros foram chegando da igreja, esfregando as mãos e pingando a neve derretida no chão de pedra. Robert conversava com Lizzie obstinadamente, indo de um tópico trivial a outro, como se consultasse uma lista. O pai começou a falar de negócios com Henry Drome, um comerciante de Glasgow, que era parente de sua primeira mulher, Olive; e a mãe de Jay foi conversar com Lady Hallim. O pastor e sua mulher não foram; talvez tivessem ficado aborrecidos por causa da briga na igreja. Havia um punhado de outros convidados, a maioria parentes: a irmã de Sir George e seu marido, o irmão mais moço de Alicia com a mulher e um ou dois vizinhos. Quase todas as conversas eram a respeito de Malachi McAsh e sua estúpida carta.

Após algum tempo a voz de Lizzie levantou-se e foi ouvida acima do burburinho das conversas na sala, e, uma por uma, todas as pessoas foram se virando para ouvi-la.

— Mas por que não? — estava ela dizendo. — Quero ver com os meus próprios olhos.

— Uma mina de carvão não é lugar para uma dama, acredite-me — disse Robert gravemente.

— O que é que há? — quis saber Sir George. — A Srta. Hallim quer descer numa mina?

— Acredito que eu deva saber como é? — explicou Lizzie.

— À parte outras considerações, roupas de mulher tornariam a visita quase impossível — disse Robert.

— Então eu me disfarço de homem — retrucou ela.

Sir George deu uma risada.

— Há umas garotas que eu conheço que conseguiriam se disfarçar bem — disse ele.

— Mas você, minha cara, você é bonita demais para isso.

Obviamente ele achava que aquilo fora um cumprimento inteligente e olhou em torno em busca de aprovação.

Os outros riram respeitosamente.

A mãe de Jay cutucou o pai dele e disse qualquer coisa em voz baixa.

— Ah, sim — disse Sir George — todos estão com os copos cheios? — E sem esperar por uma resposta, ele prosseguiu: — Vamos beber ao meu filho mais moço, James Jamisson, conhecido de todos como Jay, pelo seu vigésimo-primeiro aniversário. Ao Jay!

Todos brindaram e as mulheres se retiraram para preparar o jantar. A conversa dos homens passou a ser de negócios. Henry Drome disse:

— Não gosto das notícias da América. Podem vir a nos custar um bocado de dinheiro.

Jay sabia do que o homem estava falando. O governo inglês impusera impostos sobre vários produtos importados pelas colônias americanas — chá, papel vidro, chumbo e anilinas — e os colonos estavam ultrajados. Sir George disse, indignado:

— Eles querem que o exército os proteja dos franceses e dos peles-vermelhas, mas não querem pagar por isso!

— Nem vão pagar, se depender deles — disse Drome. — A assembleia da cidade de Boston anunciou um boicote de todas as importações britânicas. Preferem desistir do chá e concordaram inclusive em economizar tecidos pretos não usando roupa de luto!

— Se as outras colônias seguirem o exemplo de Massachusetts, metade de nossa frota não terá carga para transportar — disse Robert.

— Colonos não passam de bandidos, é o que eles são... — disse Sir George. — E os destiladores de rum de Boston são os piores. — Jay ficou surpreso ao ver como o pai estava irritado; o problema tinha que estar lhe custando dinheiro, para que estivesse tão exasperado.

— A lei obriga que comprem melaço das plantações britânicas, mas eles contrabandeiam o melaço francês e forçam o preço a cair.

— Os colonos da Virgínia são os piores — disse Drome. — Os plantadores de tabaco nunca pagam as dívidas.

— Como se eu não soubesse disso — disse Sir George. — Acabo de decretar a inadimplência de um plantador. Deixou-me com uma plantação falida nas costas. Um lugar chamado Mockjack Hall.

— Graças a Deus não há imposto de importação sobre prisioneiros! — disse Robert.

Houve um murmúrio geral de aprovação. A parte mais lucrativa do negócio de transporte marítimo de Jamisson era o transporte de criminosos condenados para a América.

Todos os anos as cortes sentenciavam diversas centenas de pessoas ao desterro; uma alternativa ao enforcamento, como punição para crimes tais como furto, e o governo pagava cinco libras por cabeça ao armador. Nove em cada dez condenados cruzava o Atlântico em uma embarcação de Jamisson. Mas o pagamento efetuado pelo governo não era o único dinheiro a ser ganho. Os condenados eram obrigados a trabalhar sete anos sem remuneração, o que significava que podiam ser vendidos como escravos de sete anos. Os homens valiam de dez a quinze libras, as mulheres de oito a nove e as crianças menos. Com 130 ou 140 condenados empilhados no porão, ombro a ombro, como peixes em uma cesta, Robert podia contabilizar um lucro de duas mil libras, o preço de compra do navio, em uma única viagem.

Um negócio lucrativo.

— Tem razão — concordou o pai, esvaziando seu cálice. — Mesmo isso, contudo, pode acabar, caso os colonos imponham sua vontade.

Os colonos se queixavam daquele comércio constantemente. Embora continuassem a comprar os condenados, tamanha era a falta de mão-de-obra barata, ressentiam-se com a pátria-mãe por descarregar sua escória em cima deles, e culpavam os condenados pelo aumento da criminalidade.

— Pelo menos as minas de carvão são confiáveis — disse Sir George. — são a única coisa com que se pode contar hoje em dia. É por isto que McAsh tem que ser esmagado.

Todo mundo tinha uma opinião sobre McAsh, e diversas conversas irromperam ao mesmo tempo. Sir George, no entanto, parecia querer dar o assunto por encerrado, pois, adotando um tom jocoso, virou-se para Robert:

— O que me diz da jovem Hallim, hem? Uma pequena joia, se quer saber o que acho.

— Elizabeth tem o temperamento muito forte — disse Robert,

dubiamamente.

— É verdade — disse o pai, com uma risada. — Lembro quando matamos o último lobo aqui nesta parte da Escócia, oito ou dez anos atrás, e dela insistindo para criar os filhotes.

Costumava andar por aí com dois lobinhos na trela. Nunca ninguém viu uma coisa daquelas na vida! Os guarda-caças ficaram furiosos, disseram que os filhotes iam fugir e se tornar uma ameaça. Mas eles morreram, por sorte.

— Ela pode dar uma esposa problemática — disse Robert.

— Nada como uma égua briosa — sentenciou Sir George. — Além do mais, o marido sempre tem a última palavra, seja como for. Você poderia se sair muito pior — ele baixou a voz. — A mansão foi confiada à guarda de Lady Hallim como curadora, até que Elizabeth case. Como a propriedade de uma mulher pertence ao seu marido, tudo passará a pertencer ao noivo no dia em que ela se casar.

— Eu sei — disse Robert.

Jay não sabia, mas não se surpreendeu: poucos homens se sentiriam felizes em legar uma propriedade de certa importância a uma mulher.

Sir George continuou.

— Deve haver um milhão de toneladas de carvão no subsolo de High Glen, todos os veios seguem naquela direção. A garota está sentada em cima de uma fortuna, perdoe a vulgaridade.

Ele deu uma risada de desdém.

Robert mostrou-se caracteristicamente obstinado.

— Não estou seguro sobre o quanto ela gosta de mim.

— O que é que há para desgostar? Você é jovem, vai ser rico e quando eu morrer será baronete. O que mais pode uma garota querer?

— Romantismo? — respondeu Robert.

Ele pronunciou a palavra com desgosto, como se fosse uma moeda desconhecida oferecida por um comerciante estrangeiro.

— A Srta. Hallim não se pode dar ao luxo de ser romântica.

— Não sei, não — retrucou Robert. — Lady Hallim vive endividada desde que me entendo por gente. Por que não poderia continuar devendo para sempre?

— Vou lhe contar um segredo — disse Sir George. Ele deu uma olhada por cima do ombro para assegurar-se de que não o estavam ouvindo. — Você sabe que ela já hipotecou toda a propriedade?

— Todo mundo sabe disso.

— Acontece que eu sei que seu credor não está disposto a renovar.

Robert disse:

— Mas certamente que ela poderia levantar o dinheiro com outra pessoa e pagar a ele.

— Provavelmente — concordou Sir George. — Mas ela não sabe disso. E seu consultor financeiro não lhe dirá, já me certifiquei disto.

Jay perguntou-se que propina ou ameaça seu pai teria usado para subornar o consultor de Lady Hallim.

Sir George deu uma risada sarcástica.

— Como está vendo, Robert, a jovem Elizabeth não pode se dar ao luxo de dizer-lhe um não.

Neste momento Henry Drome afastou-se da roda onde conversava e aproximou-se dos três homens da família Jamisson.

— Antes de entrarmos para a ceia, George, tenho que pedir-lhe uma coisa. Sei que posso falar à vontade na frente dos seus filhos.

— Claro.

— Os problemas na América me atingiram seriamente... fazendeiros que não podem pagar suas dívidas e assim por diante... e receio que não vá poder cumprir minhas obrigações com você neste trimestre.

Era óbvio que Sir George tinha emprestado dinheiro a Henry. Normalmente o pai era brutalmente prático com seus devedores: ou pagavam, ou iam para a cadeia. Agora, contudo, ele disse:

— Eu compreendo, Henry. Os tempos estão difíceis. Pague-me quando puder.

O queixo de Jay caiu, mas um momento depois percebeu por que seu pai estava sendo tão clemente. Drome era aparentado com a mãe de Robert, Olive, e o pai estava sendo bonzinho com Henry por causa dela. Jay sentiu-se tão enojado que se afastou.

As senhoras voltaram. A mãe de Jay exibia um sorriso contido, como se guardasse um segredo engraçado. Antes que pudesse perguntar-lhe o que era, chegou outro convidado, um estranho de terno cinzento. Alicia falou com ele e depois levou-o a Sir George.

— Este é o Sr. Cheshire — disse. — Veio em lugar do pastor.

O recém-chegado era um homem com o rosto marcado por bexigas, de óculos e com uma peruca antiquada de cachos.

Embora Sir George e os homens mais velhos ainda usassem perucas, os mais jovens raramente o faziam, e Jay nunca pusera uma na cabeça.

— O reverendo Sr. York manda pedir desculpas pela sua ausência — disse o Sr.

Cheshire.

— Não precisava — disse Sir George, virando-se para ir embora; não estava interessado em religiosos jovens e obscuros.

Foram jantar. O aroma da comida se misturava ao cheiro da umidade que se desprendia das cortinas velhas pesadas. A mesa comprida tinha sido arrumada com fartura e requinte: quartos de veado, carne de boi e porco; um salmão assado inteiro e algumas tortas.

Mas Jay mal conseguia comer. Será que o pai iria lhe dar a propriedade de Barbados? E se não fosse a de Barbados, seria o quê? Era difícil ficar ali sentado e comendo enquanto o seu futuro estava prestes a ser decidido.

De certa forma ele praticamente não conhecia o pai. Embora vivessem juntos, na casa da família em Grosvenor Square, Sir George estava sempre no depósito no centro da cidade, com Robert.

Jay passava o dia com o seu regimento. Às vezes se encontravam rapidamente no desjejum e ocasionalmente na ceia; mas a ceia de Sir George costumava ser servida no seu estúdio, enquanto ele examinava uns documentos. Jay não era capaz de adivinhar o que o pai faria. Assim, brincou com a comida e esperou.

O Sr. Cheshire mostrou ser uma presença levemente embaraçosa. Arroto audivelmente duas ou três vezes e derramou seu clarete, e Jay reparou que olhava de modo fixo e bastante óbvio para o decote da mulher sentada ao seu lado.

Eles se sentaram às três horas, e quando as senhoras se retiraram, a tarde de inverno já estava se transformando em noite.

Assim que elas se afastaram, Sir George mudou de posição em sua cadeira e peidou vulcanicamente.

— Assim é melhor — disse.

Um servo trouxe uma garrafa de porto, um barrilete de fumo e uma caixa de cachimbos de barro. O jovem clérigo encheu um cachimbo e disse:

— Lady Jamisson é uma mulher danada de fina, Sir George, se me permite dizê-lo.

Danada de fina.

Ele parecia bêbado, mas mesmo que estivesse, uma observação dessas não podia passar em branco. Jay adiantou-se em defesa da mãe.

— Eu lhe agradeceria se não falasse mais nada a respeito de Lady

Jamisson, senhor — disse, em tom glacial.

O clérigo levou uma vela acesa ao cachimbo, inalou e começou a tossir.

Evidentemente nunca fumara antes. Seus olhos se encheram de lágrimas, ele engasgou, lançou uns perdigotos e tossiu de novo. A tosse deu-se em acessos tão fortes que a peruca e os óculos dele caíram e Jay imediatamente viu que não se tratava de um clérigo.

Começou a rir. Os outros o olharam, curiosos. Não tinham visto ainda.

— Olhem! — disse ele. — Não estão vendo quem é?

Robert foi o primeiro a perceber.

— Meu Deus, é a Srta. Hallim, disfarçada! — exclamou.

Houve um momento de espantado silêncio. Aí então Sir George começou a rir. Os outros homens, vendo que ele ia tomar aquilo como uma piada, riram também.

Lizzie tomou um gole d'água e tossiu mais um pouco.

Quando se recuperou, Jay admirou o seu traje. Os óculos haviam escondido os cintilantes olhos escuros, e os cachos laterais da peruca tinham escondido parcialmente seu belo perfil. Uma gravata alta de linho branco tornava mais grosso seu pescoço e cobria a pele lisa e feminina. Tinha usado carvão para fazer as marcas de bexigas no rosto, assim como havia desenhado uns pelos no queixo, simulando a barba de um jovem que ainda não se barbeia diariamente. Nos cômodos escuros do castelo, em uma tarde de inverno na Escócia, ninguém desconfiara do seu disfarce.

— Bem, você provou que pode passar por um homem — disse Sir George quando ela parou de tossir. — Mas ainda não pode descer na mina. Vá buscar as outras senhoras e daremos a Jay o seu presente de aniversário.

Por uns poucos minutos Jay tinha se esquecido de sua ansiedade, mas agora ela voltou com um baque.

Eles se encontraram com as mulheres no corredor. A mãe de Jay e Lizzie quase estouravam de tanto rir: Alicia, obviamente, tivera conhecimento do segredo, o que explicava seu sorriso misterioso antes do jantar. A mãe de Lizzie não tinha sabido de nada e sua aparência era glacial. Sir George liderou o grupo através da porta principal. Era hora do crepúsculo. A neve cessara de cair.

— Aqui está — disse Sir George. — Este é o seu presente de aniversário.

Na frente da casa um cavaleiro segurava o mais belo cavalo que Jay já tinha visto.

Era um garanhão branco, com cerca de dois anos e as linhas esguias dos cavalos árabes. Toda aquela gente o deixava nervoso, andando de lado e forçando o cavaleiro a puxar o bridão para que ficasse quieto. Seus olhos tinham um brilho selvagem e Jay soube instantaneamente que o animal devia correr como o vento.

Ele estava perdido em admiração, mas a voz de sua mãe atravessou seus pensamentos como uma lâmina.

— Isto é tudo? — quis saber ela.

O pai disse:

— Ora, Alicia. Espero que você não vá ser desagradável...

— Isto é tudo? — repetiu ela, e Jay viu que seu rosto estava retorcido numa máscara de raiva.

— Sim — admitiu ele.

Não havia ocorrido a Jay que aquele cavalo estava sendo dado a ele no lugar da propriedade de Barbados. Olhou fixamente para seus pais, enquanto a percepção se consolidava. E o amargor que sentiu foi tamanho que não podia falar.

Sua mãe falou por ele. Nunca a vira tão enfurecida.

— Este é seu filho! — exclamou, a voz estridente de ódio. — Está fazendo vinte e um anos de idade... tem direito à parte que lhe cabe na vida... e você lhe dá um cavalo?

Os convidados olhavam, ao mesmo tempo fascinados e horrorizados. Sir George ficou vermelho.

— Ninguém me deu nada quando fiz vinte e um anos! — retrucou, furioso. — Nunca herdei nem um par de sapatos...

— Oh, pelo amor de Deus! — disse ela, desdenhosamente. — Todos nós sabemos como seu pai morreu quando você tinha quatorze anos e você trabalhou em um moinho para sustentar suas irmãs, mas isto não é motivo para condenar à pobreza o seu próprio filho, é?

— Pobreza? — Ele abriu as mãos para indicar o castelo, a propriedade e a vida que acompanhava tudo aquilo. — Que pobreza?

— Ele precisa de independência. Pelo amor de Deus, dê-lhe a propriedade de Barbados.

— Ela é minha! — protestou Robert.

O queixo de Jay por fim destravou e ele reencontrou a voz.

— A plantação nunca foi administrada adequadamente — disse ele. — Pensei em dirigi-la como um regimento, fazendo com que os negros

trabalhassem mais e assim por diante, de modo a torná-la mais lucrativa.

— Você acha realmente que seria capaz disso? — perguntou seu pai.

O coração de Jay deu um salto: talvez o pai mudasse de ideia.

— Acho! — exclamou, ansiosamente.

— Bem, eu não acho — disse o pai, asperamente.

Jay sentiu-se como se tivesse sido golpeado no estômago.

— Não acredito que você tenha a menor ideia de como dirigir uma plantação ou qualquer outra empresa — acrescentou Sir George, irritado. — Acho que é melhor você continuar no exército, onde lhe dizem o que tem de fazer.

Jay estava atônito. Olhou para o belo garanhão branco.

— Jamais montarei aquele cavalo — disse. — Levem-no embora.

Alicia falou com Sir George.

— Robert vai ficar com o castelo, as minas de carvão, os navios e tudo mais. Ele tem de ficar com a plantação também?

— Ele é o filho mais velho.

— Jay é mais moço, mas não é nada. Por que Robert tem que ter tudo?

— Por causa da mãe dele — respondeu Sir George.

Alicia fulminou Sir George com um olhar, e Jay percebeu o quanto sua mãe odiava o marido. “E eu também”, pensou. “Eu odeio meu pai.” — Maldito seja você, então! — disse ela, provocando exclamações chocadas dos convidados. — Que você seja maldito e mergulhe no fogo do inferno!

Com isto ela se virou e entrou na casa.

Os gêmeos McAsh moravam em uma casa de um cômodo só, de dois metros quadrados, com uma lareira de um lado e duas alcovas protegidas por cortinas, para camas, do outro. A porta da frente abria-se para uma trilha lamacenta que descia a encosta desde a mina até o fundo do vale, onde encontrava a estrada que dava na igreja, no castelo e no mundo exterior. A água era suprida por um regato na montanha atrás de uma fileira de casas.

Durante todo o trajeto para casa, Mack se sentira tremendamente angustiado por causa do que acontecera na igreja, mas nada disse, e Esther, diplomaticamente, não lhe fez perguntas. De manhã cedo, antes de sair para a igreja, tinham posto um pedaço de bacon no fogo para cozinhar e, quando chegaram, o cheiro enchia a casa e fez com que a boca de Mack aguasse, animando-o. Esther cortou em tiras um repolho que colocou na panela enquanto Mack atravessava a rua para pegar uma jarra de cerveja na Sra. Wheighel. Os dois comeram com o apetite colossal de trabalhadores braçais. Quando a comida e a bebida terminaram, Esther arrotou e perguntou:

— Bem, o que é que você vai fazer?

Mack suspirou. Agora que a pergunta tinha sido colocada diretamente, sabia que só havia uma resposta.

— Tenho que ir embora. Não posso continuar aqui, depois de tudo aquilo. Meu orgulho não permitirá. Eu seria um lembrete constante, a cada homem do vale, de que os Jamisson não podem ser desafiados. Tenho que partir.

Ele tentava permanecer calmo, mas sua voz tremia de emoção.

— É o que eu achava que você ia dizer. — Lágrimas surgiram nos olhos de Esther. — Você está se colocando contra as pessoas mais poderosas da terra.

— Mas estou certo.

— Está. Mas certo e errado não importam muito neste mundo, só no outro.

— Se eu não for agora, jamais irei... e passarei o resto de minha vida me arrependendo.

Ela fez que sim, melancolicamente.

— Com toda a certeza. Mas e se tentarem impedi-lo?

— Como?

— Podem colocar um guarda na ponte.

O único outro modo de sair do vale era atravessando as montanhas, e este era por demais lento: os Jamisson poderiam estar esperando do outro lado, quando Mack lá chegasse.

— Se bloquearem a ponte, atravesso o rio a nado — disse ele.

— Nesta época do ano a correnteza é suficiente para matar você.

— O rio tem cerca de trinta metros de largura. Calculo que possa atravessá-lo em um minuto ou dois.

— Se o pegarem o trarão de volta com uma argola de ferro no pescoço, como Jimmy Lee.

Mack estremeceu. Usar uma coleira como um cachorro era uma humilhação que todos os mineiros receavam.

— Sou mais esperto que Jimmy — disse. — Ele ficou sem dinheiro e tentou trabalhar em uma mina em Clackmannan, e o proprietário da mina denunciou-o.

— Este é o problema. Você tem de comer; e como ganhará seu pão? Carvão é tudo quanto sabe.

Mack tinha um pouco de dinheiro guardado, mas não ia durar muito. Mas ele tinha pensado nisto.

— Irei para Edimburgo — disse. Ele podia pegar uma carona em uma das pesadas carroças puxadas a cavalo que levavam o carvão das minas, mas seria mais seguro caminhar.

— Lá pegarei um navio; eu soube que eles estão sempre querendo rapazes fortes para trabalhar nos carvoeiros. Em três dias estarei fora da Escócia. E eles não podem trazer você de fora, as leis não são válidas em toda a parte.

— Um navio — disse Esther, especulando. Nenhum dos dois jamais vira um, embora já tivessem visto gravuras em livros. — Para onde você irá?

— Londres, eu acho. — A maioria dos navios que transportavam carvão eram destinados a Londres. Mas alguns iam para Amsterdã, tinham dito a Mack. — Ou Holanda.

Ou mesmo Massachusetts.

— São só nomes — disse Esther. — Você nunca viu uma pessoa que tenha estado em Massachusetts.

— Suponho que lá todos morem em casas e durmam de noite, como em todos os lugares.

— Suponho que sim — concordou ela, meio na dúvida.

— De qualquer forma, não me importo — disse ele. — Irei para qualquer lugar que não seja a Escócia. Qualquer lugar onde um homem possa ser livre. Pense só nisso: viver onde você quiser, não onde mandarem. Escolher seu trabalho, livre para deixá-lo e pegar um outro onde receba mais, ou que seja mais seguro, ou mais limpo. Pertencer a você mesmo, e não ser escravo de ninguém. Não seria maravilhoso?

Havia lágrimas ardentes no rosto dela.

— Quando você irá?

— Ficarei um dia ou dois dias, e espero que os Jamisson relaxem a vigilância um pouco. Mas na terça-feira completo vinte e dois anos. Se eu estiver na mina na quarta-feira, terei trabalhado um ano e um dia e serei um escravo de novo.

— Você na verdade não passa de um escravo, seja o que for que aquela carta tenha dito.

— Mas gosto da ideia de que tenho a lei do meu lado. Não sei por que deva ser importante, mas é. Faz com que os Jamisson sejam criminosos, quer o reconheçam, quer não.

Assim, partirei na noite de terça-feira.

— E eu? — perguntou ela, num fio de voz.

— É melhor você trabalhar para Jimmy Lee, ele é um bom lenhador e está desesperado por outro carregador. E Annie...

Esther o interrompeu.

— Quero ir com você.

Ele ficou surpreso.

— Você nunca disse nada sobre isso!

A voz dela tornou-se mais alta.

— Por que você acha que nunca me casei? Porque se me casar e tiver um filho jamais poderei sair daqui.

Era verdade. Esther era a solteira mais velha de Heugh.

Mas Mack presumira que era só porque não havia ninguém bom o bastante para sua irmã. Não lhe ocorrera que todos aqueles anos ela quisesse secretamente fugir.

— Eu nunca soube!

— Eu tinha medo. Ainda tenho. Mas se você vai, irei com você.

Mack viu o desespero em seus olhos, e doeu recusar-lhe, mas ele tinha que fazê-lo.

— Mulheres não podem ser marinheiros. Não temos dinheiro para a sua passagem, e não deixariam você trabalhar para pagá-la. Eu teria que deixá-la em Edimburgo.

— Não ficarei aqui se você for embora!

Mack amava a irmã. Eles sempre tinham sido solidários em qualquer conflito, desde as brigas da infância, passando pelas discussões com os pais e chegando às disputas com a administração da mina. Mesmo quando tinha dúvidas quanto à sabedoria do irmão, ela era feroz como uma leoa na sua defesa. Mack desejava muito levá-la consigo, mas era muito mais difícil dois escaparem do que um.

— Fique um pouco mais, Esther — disse ele. — Quando eu chegar onde estou indo, escreverei para você. Assim que conseguir arranjar trabalho, começarei a economizar para mandar buscá-la.

— Verdade?

— Claro que é verdade, pode ter certeza!

— Cospe e jura.

— Cospe e jura? — Era algo que eles faziam nos tempos de criança, para selar uma promessa.

— Eu quero!

Mack viu que a irmã estava falando sério. Ele cuspiu na palma da mão, estendeu o braço por cima da mesa de tábua e apertou a mão áspera de Esther.

— Juro que mandarei buscar você.

— Muito obrigada — disse ela.

Tinha sido planejada uma caçada na manhã seguinte e Jay decidiu ir junto. Estava com vontade de matar alguma coisa.

Não comeu o desjejum, mas encheu o bolso com biscoitinhos de uísque, bolinhas de aveia encharcada em uísque, e saiu para dar uma espiada no tempo. O dia começava a clarear.

O céu estava cinzento, mas o nível das nuvens era alto, e não chovia: eles conseguiriam ver a caça.

Sentou nos degraus da frente do castelo e montou uma nova pederneira em forma de cunha no mecanismo de disparo de sua arma, fixando-a firmemente com uma bucha de couro macio. Podia ser que matar alguns machos servisse como válvula de escape para sua raiva, mas o que ele queria mesmo era poder matar seu irmão Robert.

Orgulhava-se de sua arma. Um rifle de pederneira de carregar pela boca, fabricado por Griffin, da Bond Street, e tinha um cano espanhol com incrustações de prata. Era muito superior à tosca espingarda “Brown Bess” distribuída a seus homens. Engatilhou a arma e fez mira em uma árvore no meio do gramado. Ao fazer a mira ao longo do cano, imaginou estar vendo um veado de bom tamanho com enormes chifres. Caprichou na pontaria no peito, atrás do ombro, onde batia o grande coração do animal. Em seguida, mudou a imagem, e passou a ver Robert: o obstinado e inflexível Robert, ganancioso e incansável com seu cabelo escuro e seu rosto bem-nutrido. Jay puxou o gatilho. A pedra bateu no aço e produziu uma satisfatória chuva de centelhas, mas não havia pólvora na caçoleta da escorva, ou munição no cano.

Jay carregou a arma com as mãos firmes. Usando a medida que ficava na tampa do seu frasco de pólvora, despejou exatamente duas dracmas e meia de pólvora negra dentro do cano. Pegou uma bala esférica de chumbo no bolso, embrulhou-a em um trapo de pano e empurrou-a para dentro do cano também. Em seguida soltou a vareta sob o cano e usou-a para empurrar a bala para dentro da espingarda, tanto quanto foi possível. Era uma bola com mais ou menos um centímetro de diâmetro. Era capaz de matar um cervo adulto a uma distância de cem metros: poderia esmagar as costelas de Robert, rasgar seus pulmões e dilacerar o músculo do seu coração, matando-o em segundos.

Ouviu sua mãe dizer:

— Olá, Jay.

Ele levantou-se e deu-lhe um beijo de bom-dia. Não a via desde a noite passada, quando ela amaldiçoara seu pai e saíra, furiosa. Agora parecia fatigada e triste.

— Dormiu mal não foi? — disse ele, compreensivamente.

Ela fez que sim.

— Já tive melhores noites.

Pobre mãe.

— Eu não devia ter amaldiçoado seu pai daquele jeito.

Hesitantemente, Jay disse:

— Você deve tê-lo amado... um dia.

Ela suspirou.

— Não sei não. Ele era bonito, rico e baronete, e eu queria ser sua esposa.

— Mas agora o odeia.

— Desde que começou a favorecer seu irmão, prejudicando você.

Jay sentiu-se furioso.

— E você pensava que Robert veria a injustiça que há em tudo isso!

— Tenho certeza de que vê, no seu coração. Mas receio que seja também um jovem muito ganancioso. Robert quer tudo.

— Ele sempre quis. — Jay lembrava de Robert nos tempos de criança, feliz apenas quando se apossava dos soldadinhos de chumbo de Jay, ou da parte dele no pudim de ameixas. — Lembra do pônei de Robert, Rob Roy?

— Lembro, por quê?

— Ele tinha treze anos e eu oito, quando ganhou aquele pônei. Eu estava louco para ter um cavalo e era capaz de montar melhor que ele, já naquele tempo. Mas nem uma vez deixou que eu o montasse. Se ele próprio não queria montar, mandava que um cavaliário exercitasse Rob Roy enquanto eu observava, só para não me dar o prazer.

— Mas você montava os outros cavalos.

— Quando fiz dez anos já tinha montado tudo o que havia no estábulo, inclusive os cavalos de caça do pai. Mas não Rob Roy.

— Vamos caminhar um pouco.

Ela estava usando um casaco forrado de pele com um capuz, e Jay vestia a capa xadrez.

Eles atravessaram o gramado, seus pés esmagando a grama congelada.

— O que fez com que meu pai ficasse desse jeito? — indagou Jay. — Por que ele me odeia?

Ela acariciou o rosto do filho.

— Ele não o odeia — disse — embora você não possa ser culpado por pensar o contrário.

— Então por que ele me trata tão mal?

— Seu pai era um homem pobre quando se casou com Olive Drome. Ele nada tinha senão uma loja de esquina num bairro de classe baixa de Edimburgo. Este lugar aqui, agora chamado castelo Jamisson, era de um primo distante de Olive, William Drome. William era um solteirão que vivia sozinho e, quando caiu doente, Olive veio cuidar dele. O homem ficou tão grato que mudou seu testamento, deixando tudo para Olive; e aí, a despeito de todos os cuidados dela, ele morreu.

Jay fez que sim.

— Já ouvi essa história, mais de uma vez.

— O problema é que seu pai acha que esta propriedade na verdade pertence a Olive. E ela é o alicerce sobre o qual todo o seu império comercial foi construído. E o principal a mineração de carvão, é o mais lucrativo de seus rendimentos.

— É sólido, segundo ele — interrompeu Jay, lembrando da conversa da véspera. — O transporte marítimo é um negócio instável, muito sujeito a riscos, mas o carvão é sólido.

— Seja como for, seu pai sente que deve tudo a Olive, e que seria assim como um insulto à memória dela se desse alguma coisa para você.

Jay sacudiu a cabeça.

— Tem que haver algo mais do que isto. Sinto que não sabemos toda a história.

— Pode ser que você tenha razão. Eu lhe contei tudo o que sabia.

Eles atingiram o fim do caminho e voltaram em silêncio.

Jay perguntou-se se seus pais passavam as noites juntos. Seu palpite era de que provavelmente passavam. Seu pai devia achar que, quer ela o amasse ou não, era sua esposa, e assim sendo, ele tinha o direito de usá-la para aliviar-se. Foi o tipo do pensamento desagradável. Quando chegaram na entrada do castelo, ela disse:

— Passei toda a noite tentando imaginar um modo de consertar as coisas para você, e até agora não consegui nada. Mas não se desespere. Alguma coisa surgirá.

Jay sempre confiara na força da mãe. Ela era capaz de fazer frente a seu pai, de obrigá-lo a fazer o que ela queria. Chegara inclusive a persuadi-lo a pagar as dívidas de jogo de Jay.

Mas desta vez Jay temia que pudesse falhar.

— O pai decidiu que não terei nada. Devia saber como isto me faria sentir. No entanto, tomou a decisão assim mesmo. Não adianta suplicar-lhe nada.

— Eu não estava pensando em suplicar — retrucou ela, secamente.

— O que, então?

— Não sei, mas ainda não desisti. Bom dia, Srta. Hallim.

Lizzie estava descendo a escada da frente do castelo, vestida para a caçada, parecendo um lindo duende de gorro preto de pele e botinhas de couro. Sorriu e pareceu satisfeita por vê-lo.

— Bom dia!

Jay animou-se ao vê-la.

— Você está indo conosco? — perguntou.

— Não perderia esta caçada por nada deste mundo.

Era raro, embora perfeitamente aceitável, que mulheres fossem às caçadas, e Jay, conhecendo Lizzie como conhecia, não ficou surpreso com o fato de ela ter planejado sair com os homens.

— Esplêndido! — disse ele. — Você acrescentará um raro toque de refinamento e classe ao que, não fosse isto, seria uma expedição grosseiramente masculina.

— Não aposte nisto — disse ela.

A mãe disse:

— Vou entrar. Boa caçada, vocês dois.

Depois que ela se foi, Lizzie disse:

— Sinto muito que seu aniversário tenha sido estragado. — Ela apertou-lhe o braço compreensivamente. — Talvez esqueça seus problemas por uma ou duas horas nesta manhã.

Ele não pôde deixar de retribuir seu sorriso.

— Vou me esforçar ao máximo.

Lizzie levantou o nariz e fungou, como uma raposa.

— Um bom e forte vento sudoeste — disse. — Simplesmente perfeito.

Fazia cinco anos desde que Jay caçara pela última vez, mas ele se lembrava do que era preciso saber. Os caçadores detestavam os dias calmos, quando uma brisa súbita e caprichosa podia espalhar o cheiro dos homens,

fazendo os cervos fugirem.

Um guarda-caça surgiu, contornando o castelo com dois cães numa trela, e Lizzie foi brincar com os animais. Jay seguiu-a, sentindo-se bem mais animado. Olhando para trás, viu a mãe na porta do castelo, olhando fixo para Lizzie, com uma expressão estranha e especulativa no rosto.

Os cães eram desses de pernas compridas e pelo cinzento, às vezes chamados de cães veadeiros das Highlands e às vezes de cães irlandeses para caça de lobos. Lizzie agachou-se e falou com cada um de uma vez.

— Este é o Bran? — perguntou ao guarda-caça.

— O filho do Bran, Srta. Elizabeth — respondeu ele. — Bran morreu há um ano. Este aqui é o Busker.

Os cães seriam conservados bem na retaguarda do grupo de caçadores. E soltos apenas depois que os tiros fossem disparados.

Seu papel era perseguir e trazer algum animal ferido, mas não derrubado.

O resto do grupo saiu do castelo: Robert, Sir George e Henry.

Jay firmou a vista no irmão, mas Robert evitou seu olhar. O pai balançou a cabeça abruptamente, quase como se tivesse esquecido os acontecimentos da noite anterior.

Do lado leste do castelo os guardas tinham montado um alvo, um tosco boneco imitando um cervo, feito de madeira e lona.

Cada um dos caçadores ia disparar nele alguns tiros para acostumar o olho. Jay perguntou-se se Lizzie seria capaz de atirar. Muitos homens diziam que as mulheres não eram capazes de atirar direito porque seus braços eram frágeis demais para sustentar a arma, ou por lhes faltar o instinto assassino ou por qualquer outro motivo.

Seria interessante ver se era verdade.

Primeiro todos atiraram de cinquenta metros. Lizzie foi a primeira, e fez um disparo perfeito, com o seu tiro acertando o alvo no ponto mortal bem por trás do ombro. Jay e Sir George fizeram o mesmo. Robert e Henry acertaram mais para trás do corpo, causando ferimentos que fariam com que o animal se afastasse e morresse lenta e dolorosamente.

Atiraram de novo de setenta e cinco metros. Surpreendentemente, Lizzie saiu-se com perfeição mais uma vez. Assim também Jay. Sir George acertou a cabeça e Henry a anca.

Robert errou completamente e sua bala limitou-se a soltar centelhas da parede de pedra da horta.

Finalmente tentaram de cem metros, o limite máximo de suas armas. Para o espanto de todos, Lizzie conseguiu outro tiro perfeito.

Robert, Sir George e Henry erraram por completo. Jay, atirando por último, estava determinado a não ser derrotado por uma mulher.

Demorou-se, respirando controladamente e mirando com todo o cuidado, até que por fim conteve a respiração e comprimiu o gatilho delicadamente, para quebrar a perna de trás do alvo.

Final da história da incapacidade feminina para atirar: Lizzie os superara a todos. Jay estava cheio de admiração.

— Será que você gostaria de se incorporar ao meu regimento? — brincou. — Não são muitos os meus homens que atiram assim.

Os pôneis foram trazidos pelos cavaleiros. Os pôneis das Highlands eram mais seguros do que cavalos, naquele terreno irregular. Todos montaram e saíram do pátio.

Quando desciam o vale a meio trote, Henry Drome puxou conversa com Lizzie. Sem nada para distraí-lo, Jay viu-se pensando de novo na rejeição do pai. Aquilo queimava em seu estômago como uma úlcera. Disse a si próprio que devia ter esperado a recusa, pois o pai sempre favorecera a Robert. Mas alimentara seu otimismo tolo lembrando a si próprio que não era nenhum bastardo, que sua mãe era Lady Jamisson; e persuadira-se de que daquela vez seu pai seria justo. Sir George Jamisson, contudo, nunca fora justo.

Gostaria de ser filho único. Quisera que Robert estivesse morto. Se houvesse um acidente hoje, e Robert morresse, todos os problemas de Jay estariam resolvidos.

Queria ter coragem para matá-lo. Tocou no cano da arma, pendurada no seu ombro.

Podia fazer parecer um acidente. Com todo mundo atirando ao mesmo tempo, seria difícil dizer quem tinha disparado a bala fatal. E mesmo que adivinhassem a verdade, a família abafaria tudo; ninguém queria escândalo.

Jay sentiu um arrepio de horror ao se dar conta de que estava devaneando sobre matar Robert. Mas eu nunca teria tido esta ideia se o pai me tratasse justamente, pensou.

A propriedade dos Jamisson era como a maioria das pequenas propriedades escocesas.

Havia um pouco de terra cultivada no fundo dos vales, que os colonos exploravam comunalmente, usando o sistema medieval de faixas e pagando ao proprietário pelo uso da terra em espécie. A maior parte do terreno era de

montanhas cobertas de florestas, que não prestavam para nada, exceto caçar e pescar.

Uns poucos proprietários haviam derrubado suas florestas e experimentavam a criação de carneiros. Era difícil ficar rico com uma propriedade rural escocesa; a menos que você encontrasse carvão, claro.

Quando já tinham se deslocado cerca de cinco quilômetros, os guarda-caças avistaram um rebanho de umas vinte ou trinta fêmeas a uns seiscentos metros de distância, acima da linha das árvores, em uma encosta voltada para o sul. O grupo parou e Jay pegou seus óculos de alcance. As fêmeas estavam a favor do vento em relação aos caçadores e, como sempre pastavam contra o vento, estavam viradas na direção contrária, mostrando o clarão branco de seus traseiros às lentes dos óculos de Jay.

Fêmeas eram perfeitas para se comer, mas o mais comum era atirar nos grandes machos com suas presas espetaculares. Jay examinou a encosta da montanha, acima das fêmeas. Viu o que esperara ver e apontou.

— Olhem! Dois machos... não, três... um pouco mais acima de onde estão as fêmeas.

— Estou vendo, logo acima da primeira crista — disse Lizzie. — E outro, pode-se ver as presas do quarto.

O rosto dela estava corado com a excitação, tornando-a ainda mais bela. Aquilo era exatamente o tipo de coisa de que gostava, claro: estar ao ar livre, com cavalos, cães e armas, fazendo algo violentamente enérgico e um pouco arriscado. Ele não pôde deixar de sorrir, enquanto a olhava, remexendo-se desconfortavelmente na sela. A visão dela era suficiente para esquentar o sangue de um homem.

Deu uma olhada no irmão. Robert não parecia à vontade, ali naquele tempo frio, montado num pônei. “Estaria melhor num escritório de contabilidade”, pensou Jay, “calculando os juros trimestrais de oitenta e nove guinéus a três e meio por cento ao ano.” Que desperdício seria uma mulher como Lizzie se casar com Robert!

Jay deu-lhes as costas e tentou concentrar-se na caça.

Estudou a encosta da montanha com os óculos de alcance, procurando uma rota pela qual pudessem se aproximar dos machos. Era preciso ficar a favor do vento, para que os animais não sentissem o cheiro dos humanos. O preferível seria ir ao encontro da caça vindo da parte de cima da montanha. Conforme o exercício de tiro ao alvo confirmara, era quase impossível acertar em um cervo a cerca de cem metros, e cinquenta metros era o ideal: assim,

toda a técnica da caçada repousava em aproximar-se o bastante para um bom tiro.

Lizzie já imaginara uma abordagem.

— Há um circo a uns quatrocentos metros atrás, vale acima — disse, animadamente.

Circo era uma depressão no terreno de forma mais ou menos circular formada por um regato que descia pela encosta, e onde seria possível para os caçadores se esconderem quando subissem. — Podemos subir por ele até a crista e depois nos aproximarmos.

Sir George concordou. Não era sempre que deixava que lhe dissessem o que fazer, mas quando deixava, normalmente era uma bela mulher.

Deixaram os pôneis no circo e subiram a montanha a pé. A encosta era íngreme e o solo ao mesmo tempo rochoso e lamacento; de modo que ou mergulhavam os pés na lama ou tropeçavam nas pedras. Antes que se passasse muito tempo, Henry e Robert estavam bufando, ofegantes, embora os guardas e Lizzie, acostumados àquele terreno, não mostrassem sinais de cansaço. Sir George tinha o rosto vermelho e ofegava, mas era surpreendentemente resistente e não diminuía o ritmo. Jay estava em forma, por causa de sua vida no regimento de infantaria, mas assim mesmo viu-se respirando com dificuldade.

Atravessaram a crista. E protegidos por ela, escondidos dos cervos, seguiram pela encosta da montanha. O vento era cortantemente frio e havia lufadas de neve acompanhada de chuva, assim como redemoinhos de uma neblina glacial. Sem o calor do cavalo por baixo, Jay começou a sentir frio. Suas luvas finas de couro de cabrito estavam totalmente encharcadas e a umidade penetrava nas suas botas de montaria e nas caras meias de lã de Shetland.

Os guardas tomaram a dianteira, conhecendo o terreno. Quando acharam que estavam se aproximando dos cervos, desceram um pouco. De repente caíram de joelhos, e os outros os acompanharam. Jay esqueceu do frio e da umidade e começou a sentir-se estimulado: era a emoção da caçada, e a perspectiva de matar.

Ele decidiu arriscar uma olhada. Ainda rastejando, mudou de direção, subiu até a crista e espiou por cima de uma rocha. Quando seus olhos se adaptaram à distância, viu os machos, quatro manchas castanhas na encosta verde, estendidos numa linha irregular.

Era raro ver quatro machos juntos; deviam ter encontrado um trecho

onde o pasto era magnífico. Olhou com a ajuda dos óculos. O que estava mais distante era o que tinha a melhor cabeça: não podia ver os chifres claramente, mas eram grandes o bastante para terem doze pontas. Ouviu o grasnar de um corvo e, olhando para cima, viu um par deles circulando sobre os caçadores. Pareciam saber que em breve poderia haver restos com que se alimentarem.

Um pouco acima alguém gritou e praguejou: era Robert, escorregando em uma poça de lama.

— Maldito idiota — murmurou Jay.

Um dos cães deixou escapar um rosnado baixo. O guarda levantou para ele uma das mãos, em advertência, e todos ficaram imóveis, atentos para o som de cascos em disparada.

Mas os cervos não fugiram, e após um instante o grupo continuou a rastejar.

Em pouco tempo tiveram que mergulhar de barriga e retorcer o corpo. Um dos guardas fez os cachorros deitarem e cobriu-lhes os olhos com lenços, para que ficassem quietos. Sir George e o chefe dos guardas desceram um pouco até uma outra crista, onde levantaram as cabeças cautelosamente e espiaram. Quando regressaram para junto do grupo, Sir George deu as ordens. Ele falou em voz baixa:

— Há quatro machos e cinco armas, de modo que eu não vou atirar desta vez, a menos que um de vocês erre — disse ele.

Era capaz de bancar o anfitrião perfeito quando queria.

— Henry, você fica com o animal mais da direita aqui. Robert, o seu é o seguinte... é o mais próximo, e o tiro mais fácil Jay fica com o seguinte. Srta. Hallim, o seu é o que está mais longe, mas é o que tem a melhor cabeça... e você é uma excelente atiradora. Tudo certo?

Vamos então tomar nossas posições. Deixaremos a Srta. Hallim atirar primeiro, certo?

Os caçadores se espalharam, escorregando na encosta íngreme da montanha, todos procurando uma boa posição de tiro. Jay seguiu Lizzie. Ela usava uma jaqueta curta de montaria e uma saia sem armação, e ele sorriu quando viu seu traseiro petulante menear-se na sua frente. Não eram muitas as garotas que rastejariam daquele jeito na frente de um homem, mas Lizzie não era como as outras garotas.

Ele subiu mais um pouco, até um ponto onde um arbusto seco lhe dava uma cobertura extra. Levantando a cabeça, pôde ver o seu macho, um animal

jovem com uma galhada pequena, a cerca de sete metros de distância; e os outros três, espalhados ao longo da elevação. Pôde ver também os outros caçadores: Lizzie, à sua esquerda, ainda rastejando; Henry, na extrema direita; Sir George e os guardas com os cães; e Robert, abaixo e à direita de Jay, a vinte e cinco metros, um alvo fácil. O ritmo do seu batimento cardíaco alterou-se quando ele mais uma vez foi assaltado pela ideia de matar o irmão. A história de Caim e Abel voltou à sua cabeça. Caim dissera: “Minha punição é maior do que eu posso aguentar” .

“Mas eu já me sinto assim”, pensou Jay. “Não posso aguentar continuar sendo o supérfluo segundo filho, sempre esquecido, vagando pela vida sem nada, o filho pobre de um homem rico; eu simplesmente não consigo aguentar isso.” Ele tentou expulsar o mal da cabeça. Escorvou sua arma, despejando um pouco de pólvora dentro da caçoleta, junto do ouvido, e em seguida fechou a tampa da caçoleta.

Finalmente, engatilhou o mecanismo de disparo. Quando puxasse o gatilho, a tampa da caçoleta se levantaria automaticamente, ao mesmo tempo em que a pedra lançaria centelhas.

A pólvora dentro da caçoleta se acenderia, a chama passaria através do buraco do ouvido e iria queimar a quantidade maior de pólvora que ficava por trás da bala.

Jay rolou e, ficando de bruços, pôde observar a encosta.

Os cervos pastavam em pacífica inocência. Todos os caçadores estavam em posição, exceto Lizzie, que ainda se deslocava. Jay fez pontaria no seu animal. Depois, lentamente, desviou o cano até apontar para as costas de Robert.

Poderia dizer que seu cotovelo tinha resvalado numa placa de gelo no momento crucial fazendo com que descesse a linha de visada para um lado e, com trágica má sorte, acertara o irmão nas costas. O pai poderia suspeitar da verdade, mas nunca poderia ter certeza e, restando-lhe apenas um filho, será que não enterraria suas suspeitas e daria a Jay tudo o que anteriormente destinara a Robert?

O tiro de Lizzie seria o sinal para que todos disparassem.

Os cervos costumavam ter uma reação surpreendentemente lenta, Jay se lembrava disto. Após o primeiro tiro, levantavam as cabeças e ficavam imóveis, por umas quatro ou cinco batidas de coração; aí então um deles se moveria e no momento seguinte todos se virariam ao mesmo tempo, como um bando de passarinhos ou um cardume de peixes, e fugiriam, os cascos

elegantes ressoando na grama dura, deixando os mortos no chão e os feridos mancando à retaguarda.

Lentamente Jay retornou o cano da arma até que a pontaria ficou de novo sobre o cervo. Claro que não mataria o irmão. Seria uma coisa inimaginavelmente perversa. Seria assombrado o resto da vida pelo sentimento de culpa. Mas, e se se contivesse, será que não lastimaria para sempre?

Da próxima vez em que o pai o humilhasse, mostrando preferência por Robert, ele não cerraria os dentes e desejaria de todo o coração ter resolvido o problema quando tivera oportunidade, eliminando aquele odioso irmão da face da terra?

Desviou o rifle mais uma vez para as costas de Robert. O pai respeitava força, decisão e crueldade. Mesmo que adivinhasse que o tiro fatal fosse deliberado, seria forçado a tratar Jay como um homem, um homem que não podia ser ignorado ou esquecido sem consequências temíveis.

Esta ideia fortaleceu sua decisão. No fundo do seu coração o pai aprovaria, Jay disse a si próprio. Sir George nunca permitiria que o enganassem: sua reação às más ações era brutal e selvagem.

Como magistrado em Londres mandara dezenas de homens, mulheres e crianças para Old Bailey. Se uma criança podia ser enforcada por roubar pão, o que haveria de errado em matar Robert por furtar o patrimônio de Jay?

Lizzie estava demorando. Jay tentava respirar com calma, mas seu coração estava disparado e a respiração se fazia aos arrancos. Ele sentiu-se tentado a dar uma olhada em Lizzie para ver que diabo de coisa a estava detendo, mas ficou com medo de que ela escolhesse justo aquele instante para atirar e aí então ele perderia sua chance; assim, manteve os olhos e o cano fixo nas costas de Robert. Todo o seu corpo estava esticado como a corda de uma harpa, e os músculos começavam a doer com a tensão, mas não se atreveu a mover-se.

“Não”, pensou ele, “isto não pode estar acontecendo, eu não vou matar meu irmão.

Mas eu vou matar, por Deus que vou matá-lo, eu juro!” “Depressa, Lizzie, por favor.” Com o canto do olho ele viu algo deslocar-se na sua direção.

Antes que pudesse olhar para cima, ouviu o disparo da arma de Lizzie. Os machos ficaram imóveis. Firmando a pontaria na espinha de Robert, bem entre as omoplatas, Jay comprimiu o gatilho gentilmente. Um vulto grande

cresceu por cima dele e Jay ouviu o pai gritar. Houve mais dois outros disparos quando Robert e Henry atiraram. No momento exato em que a arma de Jay disparou, um pé calçado de bota chutou o cano, que deu um solavanco para cima, fazendo com que a bala se perdesse inofensivamente no ar. Medo e culpa se apossaram do coração de Jay, que ergueu os olhos para o rosto enfurecido de Sir George.

— Bastardo assassino — disse seu pai.

O dia ao ar livre deixara Lizzie sonolenta, e logo depois da ceia ela anunciou que ia para a cama. Robert aconteceu de não estar presente nesta hora, e Jay polidamente pôs-se de pé de um pulo para iluminar o caminho dela com uma vela. Enquanto subiam a escada de pedra, ele disse, baixinho:

— Levarei você na mina, se quiser.

O sono de Lizzie desapareceu.

— Está falando sério?

— Claro. Não falo nada que não seja a sério — ele sorriu.

— Você tem coragem de ir?

Ela ficou empolgada.

— Sim! — exclamou. Aqui estava um homem querendo o seu coração!

— Quando poderemos ir? — perguntou, impaciente.

— Hoje à noite. Os escavadores começam a trabalhar à meia-noite, os carregadores, uma ou duas horas mais tarde.

— Mesmo? — Lizzie estava aturdida. — Por que eles trabalham à noite?

— Trabalham o dia inteiro também. Os carregadores terminam no fim da tarde.

— Mas eles mal têm tempo para dormir!

— Assim não podem fazer nenhuma besteira.

Ela se sentiu ridícula.

— Passei praticamente toda a minha vida no vale ao lado e não tinha ideia de que os mineiros trabalhavam tanto tempo assim.

Ela perguntou-se se McAsh não teria razão e se a visita à mina não iria modificar totalmente seu ponto de vista sobre os mineiros.

— Esteja pronta à meia-noite — disse Jay. — Vai ter que se vestir como homem de novo. Ainda tem aquelas roupas?

— Tenho.

— Saia pela porta da cozinha, farei com que esteja aberta, e me encontre no estábulo.

Vou selar dois cavalos.

— Isso é tão excitante! — exclamou ela.

Ele lhe entregou a vela.

— Então até a meia-noite — sussurrou.

Lizzie entrou no quarto. Jay estava alegre de novo, tinha notado. De manhã tinha havido uma briga qualquer com o pai, lá em cima da montanha. Ninguém vira exatamente o que acontecera; todos estavam absolutamente concentrados na caça, mas Jay errara o tiro e Sir George tinha ficado branco de raiva. A briga, o que quer que tenha sido, fora facilmente esquecida com a excitação do momento. Lizzie matara seu cervo com um tiro perfeito e limpo.

Tanto Robert quanto Henry tinham ferido seus respectivos alvos.

O de Robert correu alguns metros, caiu e ele o liquidou com outro tiro; mas o de Henry fugiu e os cães foram atrás dele e o trouxeram, após uma perseguição. Todo mundo, contudo, sabia que algo havia acontecido, e Jay passara o resto do dia praticamente em silêncio, até agora, quando se mostrara animado e encantador de novo.

Ela tirou o vestido, as anáguas e os sapatos, embrulhou-se num cobertor e sentou-se em frente ao fogo flamejante. “Jay era um bocado divertido”, pensou. Parecia estar à caça de aventuras, assim como ela. Era bonito, também: alto, bem-vestido e atlético, com uma cabeleira loura abundante e ondulada. Lizzie mal podia esperar pela meia-noite.

Houve uma batida na porta e sua mãe entrou. Lizzie sofreu uma pontada de culpa.

Espero que a mãe não queira conversar muito tempo, pensou, ansiosamente. Mas ainda não eram onze horas: havia muito tempo.

A mãe estava usando uma capa, como todos usavam para ir de um quarto a outro, atravessando as frias passagens do castelo Jamisson. Ela tirou a capa. Por baixo tinha um agasalho sobre a roupa de dormir. Tirou os grampos do cabelo de Lizzie e começou a escová-lo.

Lizzie fechou os olhos e relaxou. Aquilo sempre a levava de volta à infância.

— Você tem que me prometer nunca mais se vestir como homem — disse a mãe.

Lizzie levou um susto. Era quase como se a mãe a tivesse ouvido conversando com Jay. Tinha que ser cuidadosa; a mãe tinha uma notável capacidade de adivinhar quando Lizzie estava querendo sair do sério. — Você está muito velha para essas brincadeiras — acrescentou ela.

— Sir George se divertiu à beça! — protestou Lizzie.

— Talvez, mas não é assim que se arranja marido.

— Robert parece me querer.

— Sim... mas você tem que lhe dar uma oportunidade para que ele lhe faça a corte!

Ontem, quando foi à igreja, você disparou na frente com Jay e deixou Robert para trás. Hoje você preferiu se retirar quando Robert não estava na sala, de modo que ele perdeu a chance de acompanhá-la na subida ao segundo andar.

Lizzie examinou a mãe no espelho. As linhas familiares do seu rosto mostravam determinação. Lizzie amava a mãe e gostaria de agradá-la. Mas não podia ser a filha que a mãe queria: era contra sua natureza.

— Desculpe, mãe — disse ela. — Eu simplesmente não penso nessas coisas.

— Você... gosta de Robert?

— Eu só ficaria com ele se estivesse desesperada.

Lady Hallim deixou de lado a escova e sentou-se na frente de Lizzie.

— Minha querida, nós estamos desesperadas.

— Mas nós sempre tivemos pouco dinheiro, desde que me entendo por gente.

— E verdade. E eu consegui sobreviver pedindo emprestado e hipotecando a nossa terra e vivendo a maior parte do tempo aqui no campo, onde podemos comer o que caçamos e usar as nossas roupas até que fiquem todas esburacadas.

Mais uma vez Lizzie sentiu uma pontada de culpa. Quando a mãe gastava dinheiro, quase sempre era com a filha, e não com ela.

— Então vamos continuar do mesmo modo. Não me importo de ter a cozinha servindo a mesa e de dividir uma criada com você. Gosto de viver aqui. Prefiro passar minha vida andando em High Glen do que fazendo compras em Bond Street.

— Há um teto limite de empréstimo, você sabe. Não vão nos emprestar mais.

— Então viveremos das rendas que recebemos dos colonos. Desistimos das viagens a Londres. Não iremos sequer aos bailes em Edimburgo. Ninguém jantará conosco exceto o pastor. Viveremos como freiras e não teremos companhia do fim de um ano ao ano seguinte.

— Receio que não seja possível nem isso. Estão nos ameaçando tirar Hallim House e as terras.

Lizzie ficou chocada.

— Não podem!

— Eles podem sim. É isto o que uma hipoteca significa.

— Quem são eles?

A mãe pareceu vaga.

— Bem, foi o advogado do seu pai quem me arranhou os empréstimos, mas não sei exatamente de quem era o dinheiro. Mas isto não importa. O que interessa é que o nosso credor quer seu dinheiro... ou executará a dívida.

— Mãe... você está realmente dizendo que nós vamos perder nossa casa?

— Não, querida. Não se você se casar com Robert.

— Eu entendo — disse Lizzie, solenemente.

O relógio do pátio do estábulo bateu as onze horas. A mãe levantou-se e beijou-a.

— Boa noite, querida. Durma bem.

Lizzie contemplou pensativamente o fogo. Há anos sabia que seu destino era salvar o destino de ambas desposando um homem rico, e Robert parecia tão bom quanto qualquer outro. Não pensara seriamente neste assunto até agora; não pensava em nada antes do tempo; de um modo geral preferia deixar tudo para a última hora, um hábito que levava sua mãe à loucura. Mas subitamente a perspectiva de desposá-lo a deixava apavorada. Sentia uma espécie de repulsa física, como se tivesse engolido algo podre.

Mas o que poderia fazer? Não podia deixar os credores de sua mãe porem-nas para fora de casa! O que iriam fazer? Para onde iriam? Como poderiam se sustentar? Sentiu um arrepio de medo quando imaginou as duas morando em gélidos quartos alugados em um cortiço de Edimburgo, escrevendo cartas suplicantes a parentes distantes e costurando para ganhar uns tostões.

Melhor casar com o insípido Robert. Mas será que conseguiria obrigarse a desposá-lo? Sempre que tinha que fazer algo desagradável, mas necessário, como sacrificar um velho cão de caça doente ou comprar material para costura de anáguas, acabava mudando de ideia e se esquivando.

Prendeu o cabelo de qualquer maneira, e depois vestiu o disfarce que usara na véspera: culote, botas de montaria, camisa de linho e casaco, com um chapéu de homem de três bicos que prendeu com um alfinete de chapéu. Escureceu o rosto com fuligem da chaminé, mas decidiu não usar a peruca desta vez.

Para se esquentar, acrescentou luvas de pelo, que também escondiam suas mãos delicadas, além de uma manta xadrez que fazia seus ombros

parecerem mais largos.

Quando ouviu o bater da meia-noite, pegou uma vela e desceu.

Perguntou-se nervosamente se Jay cumpriria o prometido.

Podia ter acontecido alguma coisa que o impedisse de ir, ou ele podia ter caído no sono, enquanto esperava. Como seria desapontador! Mas ela encontrou a porta da cozinha aberta, como ele prometera; e quando emergiu no pátio do estábulo, lá estava ele à sua espera, segurando dois póneis, murmurando qualquer coisa para que ficassem quietos. Lizzie sentiu uma onda de calor prazeroso, quando o viu sorrindo para ela ao luar. Sem dizer nada, passou-lhe as rédeas do cavalo menor, depois foi saindo do pátio pelo caminho dos fundos, evitando a entrada da frente, para onde abriam as janelas dos principais quartos de dormir.

Quando chegaram na estrada, Jay destampou uma lanterna. Eles montaram e saíram ao trote.

— Eu estava com medo de que você não viesse — disse Jay.

— E eu estava com medo de que você tivesse caído no sono enquanto esperava — replicou ela, e os dois caíram na risada.

Subiram o vale na direção das bocas das minas de carvão.

— Você teve outra briga com seu pai esta tarde? — perguntou Lizzie diretamente.

— Sim.

Ele não acrescentou detalhes, mas a curiosidade de Lizzie não requeria encorajamento.

— Sobre o quê? — indagou ela.

Lizzie não podia ver o rosto de Jay, mas sentiu que ele não estava gostando do interrogatório. No entanto, respondeu com bastante polidez.

— Receio que seja a mesma coisa de sempre... meu irmão, Robert.

— Acho que você tem sido muito maltratado, se isto lhe serve de consolo.

— É, muito obrigado. — Ele pareceu relaxar um pouco.

À medida que se aproximavam das minas, a ansiedade e a curiosidade de Lizzie aumentaram, e ela começou a especular sobre como a mina seria, e por que McAsh dera a entender que seria um lugar totalmente desconfortável e imundo. Seria horivelmente quente, ou glacialmente frio? Os homens rosnariam e lutariam, como animais selvagens enjaulados?

Seria um lugar malcheiroso, ou infestado de camundongos, ou silencioso e fantasmagórico?

Lizzie começou a sentir-se apreensiva. “Mas seja como for, eu saberei”, pensou ela “e McAsh não poderá mais fazer pouco de mim com minha ignorância”. Depois de mais ou menos meia hora, eles passaram por uma pequena montanha de carvão para vender.

— Quem vem lá? — vociferou uma voz, e um zelador com um cão veadeiro retesando a trela apareceu no círculo de luz da lanterna de Jay. Os guarda-caças tradicionalmente zelavam pelos veados e tentavam pegar caçadores furtivos, mas nos últimos tempos muitos também ajudavam a manter a disciplina nas minas e a evitar o roubo de carvão.

Jay ergueu a lanterna para iluminar o próprio rosto.

— Desculpe, Sr. Jamisson — disse o guarda.

Eles continuaram. A boca do poço da mina era marcada apenas por um cavalo trotando em círculo, virando um tambor.

Quando se aproximaram mais, Lizzie viu que o tambor enrolava uma corda que puxava baldes de água de dentro do poço.

— Sempre há água lá embaixo — explicou Jay. — Ela mina da terra.

Os velhos baldes de madeira vazavam, transformando o solo em torno da boca da mina em uma traiçoeira mistura de lama e gelo.

Lizzie e Jay amarraram os cavalos e dirigiram-se à boca do poço. Tinha um pouco menos de dois metros quadrados com uma escada de madeira íngreme descendo pelos lados em ziguezague.

Lizzie não conseguiu ver o fundo. A escada não tinha corrimão. Lizzie sofreu um momento de pânico.

— Qual é a profundidade? — indagou, com a voz trémula.

— Se bem me lembro, o poço tem uns sessenta metros — respondeu Jay.

Lizzie engoliu em seco. Se cancelasse a visita, Sir George e Robert viriam a saber e diriam “Eu falei com você que aquilo não era lugar para uma dama”. Lizzie não poderia suportar isto; preferia descer sessenta metros de escada sem corrimão.

Cerrando os dentes, ela perguntou:

— O que estamos esperando?

Se Jay percebeu que estava com medo, nada comentou. Foi na frente, iluminando os degraus para ela, e Lizzie o seguiu com o coração na boca. No entanto, depois de descerem alguns degraus, ele disse:

— Por que você não põe as mãos nos meus ombros, para se firmar? — O que ela fez, agradecida.

Enquanto desciam, os baldes de madeira subiam rodopiando bem no meio do poço, chocando-se com os vazios que desciam, frequentemente jogando água gelada em cima de Lizzie. Ela teve uma visão assustadora de si própria escorregando e caindo loucamente, esbarrando nos baldes, derrubando dúzias deles antes de bater no fundo e morrer.

Após algum tempo Jay parou para deixar que ela descansasse um pouco. Embora Lizzie se visse como uma pessoa em forma e ativa, suas pernas doíam e respirava com dificuldade. Querendo dar a impressão de que não estava cansada, ela puxou conversa:

— Você parece saber um bocado a respeito de minas, de onde vem a água e qual a profundidade do poço e tudo mais.

— O carvão é um assunto de conversa constante na nossa família. É a origem da maior parte do nosso dinheiro. Mas eu passei um verão com Harry Ratchett, o supervisor, há cerca de seis anos. A mãe decidiu que queria que eu aprendesse tudo o que pudesse sobre o negócio, na esperança de que o pai um dia me deixasse dirigi-lo. Tola aspiração!

Lizzie sentiu pena dele.

Eles continuaram. Poucos minutos mais tarde a escada terminou em um dique que dava acesso a dois túneis. Abaixo do nível dos túneis, o poço estava cheio d'água. Esta era a água que os baldes esvaziavam, mas que era constantemente substituída pelas valas que drenavam os túneis. Lizzie observou a escuridão dos túneis, o coração tomado por um misto de curiosidade e medo.

Jay saiu do deque para entrar em um dos túneis, virou-se e deu a mão para Lizzie. Sua mão era firme e seca. Quando entraram no túnel levou a mão dela aos lábios e beijou. Lizzie ficou feliz com aquele pequeno gesto de galanteria.

Virando-se para continuar a conduzi-la, ele não largou sua mão. Ela não soube o que fazer daquilo, mas não teve tempo de pensar. Teve que se concentrar onde pisava. O piso era coberto por uma grossa camada de pó de carvão e ela podia sentir o pó também no ar. O teto era baixo em vários lugares e tinha que permanecer abaixada a maior parte do tempo.

Percebeu que tinha uma noite bastante desagradável diante de si.

Tentou ignorar o desconforto que sentia. Em ambos os lados, velas bruxuleavam nos intervalos entre as largas colunas, o que a fez pensar em uma missa da meia-noite na catedral.

Jay disse:

— Cada mineiro trabalha em uma seção de três metros e meio da superfície do veio, é a sua frente de trabalho, chamada de “salão”. Entre um salão e outro, eles deixam um pilar de carvão, de um metro e vinte por um metro e vinte, para suportar o teto.

Lizzie subitamente percebeu que acima da sua cabeça havia sessenta e tantos metros de terra e rochas que caíam em cima dela se os mineiros não tivessem feito seu trabalho cuidadosamente, e teve que lutar para reprimir a sensação de pânico causada por este pensamento. Involuntariamente, apertou a mão de Jay, e ele apertou a sua também. Daí em diante sentiu-se muito consciente do fato de estarem de mãos dadas. E descobriu que gostava daquilo.

Os primeiros salões por que passaram estavam vazios, presumivelmente exauridos, mas após algum tempo Jay parou ao lado de um salão onde um homem estava cavando. Para surpresa de Lizzie, o homem não estava de pé: trabalhava deitado, de lado, atacando a superfície de carvão ao nível do solo. Uma vela em um suporte de madeira perto de sua cabeça lançava uma luz inconstante no trabalho dele. A despeito da posição desajeitada, ele manejava a picareta vigorosamente. Com cada golpe enterrava a ponta da picareta no carvão e soltava os torrões. Ele estava abrindo uma reentrância de uns sessenta ou noventa centímetros ao longo da largura do salão. Lizzie ficou chocada ao ver que o homem estava deitado dentro da água corrente, a qual minava da superfície do carvão, corria pelo piso do salão e era esgotada pela vala que corria ao longo do túnel. Lizzie mergulhou os dedos na vala. A água estava gélida. Ela estremeceu. E no entanto o mineiro tinha tirado o casaco e a camisa e trabalhava de culotes e pés descalços; Lizzie podia ver o brilho do suor nos seus ombros escurecidos.

O túnel não era nivelado, mas subia e descia — com o veio de carvão, imaginou Lizzie. Agora começava a subir mais acentuadamente. Jay parou e apontou um mineiro mais à frente que estava fazendo qualquer coisa com uma vela.

— Ele está verificando a existência de grisú — explicou Jay.

Lizzie largou a mão de Jay e sentou-se numa pedra, para aliviar as costas do esforço de andar abaixada.

— Você está bem? — perguntou Jay.

— Ótima. O que é grisú?

— Um gás inflamável — Inflamável?

— Sim. É a causa da maior parte das explosões nas minas de carvão.

Aquilo parecia maluquice.

— Se é explosivo, por que ele está usando uma vela acesa?

— É o único jeito de detectar a presença do gás. Não se pode vê-lo ou cheirá-lo.

O mineiro estava erguendo a vela lentamente na direção do teto, e parecia olhar atentamente para a chama.

— O gás é mais leve do que o ar, de modo que se concentra junto do teto — prosseguiu Jay. — Uma pequena quantidade dará um tom azulado à chama da vela.

— E o que fará uma grande quantidade?

— Uma explosão que levará a todos nós para o outro mundo.

Para Lizzie foi a última gota. Estava imunda, exausta, com a boca cheia de pó de carvão e ainda por cima correndo o risco de ir para os ares. Disse a si própria para se conservar muito calma.

Sabia, antes mesmo de ir, que a mineração de carvão era um negócio arriscado e tinha que ser corajosa. Os mineiros desciam ali toda a noite: será que não ia ter coragem de descer uma única vez?

Seria também, contudo, a última vez: disto ela não tinha a menor dúvida.

Observaram o homem por uns momentos. Ele foi subindo o túnel dando poucos passos de cada vez, repetindo o teste.

Lizzie estava determinada a não demonstrar o medo que sentia.

Fazendo a voz parecer normal ela perguntou:

— E se ele encontrar grisú, e aí? Como se livrar do gás?

— Tocando fogo nele.

Lizzie engoliu em seco. Aquilo estava piorando.

— Um dos mineiros é designado bombeiro — prosseguiu Jay. — Nesta mina acredito que seja McAsh, o jovem encrenqueiro. O serviço geralmente é passado de pai para filho. O bombeiro é o perito em gás de mina. Ele sabe o que fazer.

Lizzie teve vontade de sair correndo pelo túnel até o poço e subir a escada para o mundo lá fora. E teria feito isso se não fosse pela humilhação de Jay vê-la em pânico. Para fugir daquele teste insanamente perigoso, apontou para um túnel lateral e perguntou:

— O que há ali?

Jay segurou sua mão de novo.

— Vamos lá ver.

“Havia um estranho silêncio em toda a mina”, pensou Lizzie, enquanto

caminhavam.

Ninguém falava muito: alguns dos homens tinham meninos ajudando-os, mas a maioria trabalhava sozinha, e os carregadores ainda não tinham chegado. O barulho das picaretas furando o veio e o ruído surdo e prolongado do carvão desmoronando era abafado pelas paredes e pela grossa camada de poeira no piso. De vez em quando passavam por uma porta que era fechada atrás deles por um menino pequeno: as portas controlavam a circulação de ar nos túneis, explicou Jay.

Os dois se viram em uma seção deserta. Jay parou.

— Esta parte parece estar esgotada — disse ele, balançando a lanterna em arco.

A luz muito fraca refletiu-se nos olhinhos de ratos no limite do círculo. Sem dúvida que viviam das sobras da comida dos mineiros.

Lizzie notou que o rosto de Jay estava sujo de preto, como o dos mineiros: o pó de carvão se depositava por toda a parte.

Estava engraçado e ela sorriu.

— O que é? — perguntou ele.

— Você está com a cara preta!

Ele sorriu e tocou no rosto dela com a ponta de um dedo.

— E como é que você pensa que o seu rosto está?

Ela se deu conta de que devia estar exatamente igual a ele.

— Oh, não! — exclamou, com uma risada.

— Mas assim mesmo você está linda — disse ele, e beijou-a.

Ela se surpreendeu, mas não esquivou-se: gostou do beijo.

Os lábios dele eram firmes e secos e Lizzie sentiu uma ligeira aspereza da pele sobre seu lábio superior, onde Jay se barbeava. Quando ele recuou, ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Foi para isto que me trouxe aqui?

— Você está ofendida?

Certamente que era contra as regras de uma sociedade polida que um jovem cavalheiro beijassem uma moça que não era sua noiva.

Lizzie sabia que devia estar se sentindo ofendida, mas na verdade gostara. Começou a se sentir embaraçada.

— Talvez devêssemos voltar.

— Posso continuar segurando sua mão?

— Pode.

Jay pareceu satisfeito com isso e levou-a pelo caminho de volta. Após

algum tempo ela viu a pedra sobre a qual se sentara antes. Pararam ali para observar o trabalho de um mineiro.

Lizzie pensou no beijo e estremeceu de excitação.

O mineiro tinha cortado o veio segundo a largura do salão e estava enfiando cunhas na parte de cima da superfície. Como a maioria dos demais, estava seminu, e os maciços músculos das suas costas inchavam e rolavam quando ele balançava o martelo.

O carvão, não tendo nada abaixo para suportá-lo, acabaria por desmoronar por força do seu próprio peso, caindo no solo em forma de blocos. O mineiro recuou rapidamente quando a face recentemente exposta do veio de carvão rachou e deslocou-se, lançando pequenos fragmentos enquanto se ajustava às tensões alteradas.

Neste ponto os carregadores começaram a chegar, carregando velas e pás de madeira, e Lizzie sofreu o seu choque mais horripilante.

Quase todos eram mulheres e garotas.

Lizzie nunca tinha perguntado o que as mulheres e filhas dos mineiros faziam do seu tempo livre. Não lhe ocorrera que passavam os dias, e metade de suas noites, trabalhando debaixo da terra.

Os túneis ficaram barulhentos com sua tagarelice, e o ar esquentou rapidamente, fazendo com que Lizzie desabotoasse o casaco. Por causa do escuro, a maioria das mulheres não notou os visitantes, e sua conversa era desinibida. Bem na frente deles um homem mais idoso esbarrou numa mulher que parecia grávida.

— Sai da merda do caminho, Sally — disse ele, asperamente.

— Sai da merda do caminho você, seu vergalho cego — replicou ela.

Outra mulher disse:

— O vergalho não é cego! Tem um olho! — E todas riram grosseiramente.

Lizzie estava atônita. Em seu mundo as mulheres nunca diziam “merda”, e quanto a “vergalho”, só podia adivinhar o que era. Ficou assombrada também ao ver que aquelas mulheres eram capazes de rir de alguma coisa, tendo saído da cama às duas horas da manhã para trabalhar quinze horas debaixo da terra.

Ela se sentiu estranha. Tudo ali era físico e sensorial: a escuridão, o fato de estar de mãos dadas com Jay, os mineiros de troncos nus escavando carvão, o beijo de Jay, a hilaridade vulgar das mulheres; era irritante e ao mesmo tempo estimulante. Seu pulso batia mais rápido, a pele estava

congestionada e o coração tinha disparado.

A tagarelice cessou quando as carregadoras começaram a jogar o carvão com suas pás dentro de grandes cestas.

— Por que elas trabalham aqui? — perguntou Lizzie, incrédula.

— O mineiro recebe pelo peso do carvão que consegue mandar para a boca do poço — respondeu Jay. — Se ele tiver que pagar a um carregador, o dinheiro sairá da família. Por isso, faz com que sua mulher e filhos o ajudem e fica com o dinheiro todo.

As grandes cestas eram enchidas rapidamente. Lizzie observou quando duas mulheres pegaram uma cesta e a colocaram sobre as costas inclinadas de uma terceira, que grunhiu quando sentiu o peso. A cesta foi presa por uma tira de couro em torno da sua testa, e depois ela foi seguindo vagarosamente pelo túnel, completamente vergada. Lizzie perguntou-se como seria possível subir mais de sessenta metros com aquilo nas costas.

— A cesta é tão pesada quanto parece? — indagou.

Um dos mineiros ouviu sua pergunta.

— Nós chamamos de cesto — disse ele. — Transporta setenta e cinco quilos de carvão. — Gostaria de sentir o peso, jovem senhor?

Jay respondeu, antes que Lizzie pudesse falar.

— Certamente que não — disse, em tom protetor.

O homem persistiu.

— Ou talvez meio cesto, como esta pequena está carregando.

Aproximava-se deles uma menina de uns dez ou doze anos, usando um vestido sem forma e um lenço na cabeça. Estava descalça e carregava nas costas um cesto cheio pela metade de carvão.

Lizzie viu que Jay abria a boca para responder, mas o interrompeu.

— Sim — disse ela. — Deixe-me sentir o peso.

O mineiro deteve a menina e uma das mulheres levantou o cesto. A menina nada disse, mas pareceu satisfeita em poder descansar, respirando forte.

— Abaixese, patrão — disse o mineiro.

Lizzie obedeceu. A mulher jogou o cesto nas costas de Lizzie.

Embora estivesse preparada, o peso era muito maior do que previra, e ela não conseguiu suportá-lo nem por um segundo.

Suas pernas cederam e ela caiu no chão. O mineiro, aparentemente esperando por aquilo, amparou-a e ela sentiu o peso sendo retirado de suas costas quando a mulher removeu o cesto. Eles sabiam o que iria acontecer,

constatou Lizzie, desabando nos braços do mineiro.

As mulheres caíram na risada com a vergonha do que imaginavam que fosse um jovem cavalheiro. O mineiro pegou Lizzie na hora em que ela caía para a frente e sustentou-a facilmente com seu forte antebraço. Uma mão calosa tão dura quanto o casco de um cavalo esmagou seu seio através da camisa. Ela ouviu o homem dar um grunhido de espanto. A mão apertou de novo, como que para certificar-se; mas seus seios eram grandes — embaraçosamente grandes, como muito frequentemente pensava — e um instante depois a mão se afastava. O homem ergueu-a, colocando-a na vertical. Segurou-a pelos ombros e seus olhos atônitos fixaram-se no rosto de Lizzie escurecido pelo carvão.

— Srta. Hallim! — murmurou ele.

Ela percebeu que o mineiro era Malachi McAsh.

Os dois se olharam por um momento de fascinação, enquanto as risadas das mulheres enchiam seus ouvidos. Lizzie descobriu que aquela súbita intimidade era profundamente excitante, após tudo o que houvera antes, e podia asseverar que com ele acontecia a mesma coisa. Por um segundo sentiu-se mais próxima dele do que de Jay, mesmo que este a tivesse beijado e segurado sua mão.

Outra voz então perfurou o silêncio e uma mulher disse:

— Mack, olha só para isto!

Uma mulher de rosto preto de carvão segurava uma vela junto do teto. McAsh olhou para ela, olhou de novo para Lizzie, e depois, parecendo ressentir-se por deixar algo inacabado, soltou Lizzie e foi ter com a outra mulher.

Ele examinou a chama da vela.

— Você tem razão, Esther — disse. Virando-se de costas, McAsh dirigiu-se aos outros, ignorando Lizzie e Jay: — Há um pouco de grisú.

Lizzie teve ímpetos de virar-se e sair correndo, mas McAsh parecia calmo.

— Não é o bastante para soar o alarme, pelo menos por ora — acrescentou. — Vamos examinar em outros lugares para ver por quanto se estende.

Lizzie achou inacreditável sua serenidade. Que espécie de gente eram aqueles mineiros? Embora suas vidas fossem brutalmente árduas, seu espírito parecia inquebrantável. Por comparação, a vida dela pareceu-lhe mimada e sem propósito.

Jay segurou o braço de Lizzie.

— Acho que já vimos o bastante, não acha? — murmurou.

Lizzie não discutiu. Sua curiosidade fora satisfeita há muito tempo. As costas doíam de estarem constantemente curvadas.

Estava cansada, suja, amedrontada e queria subir à superfície e sentir o vento no seu rosto.

Apressaram-se ao longo do túnel na direção do poço. A mina estava cheia de gente agora, com carregadoras na frente deles e também atrás. As mulheres levantavam as saias acima dos joelhos, para terem liberdade de movimentos, e carregavam as velas nos dentes.

Deslocavam-se lentamente sob seus fardos enormes.

Lizzie viu um homem urinando dentro da vala de drenagem, na frente das mulheres e garotas. “Será que não conseguia arranjar um lugar reservado para fazer aquilo?” pensou, percebendo logo que ali embaixo não havia nada que fosse reservado.

Atingiram o poço e começaram a subir a escada. As carregadoras subiam de quatro, como crianças pequenas: era mais adequado para carregar os pesados cestos. Não havia mais tagarelices ou brincadeiras. Mulheres e meninas arquejavam e gemiam sob o tremendo peso que levavam. Após algum tempo Lizzie teve que descansar, mas as carregadoras nunca paravam, e se sentiu humilhada e doente de culpa ao ver meninas pequenas passando por ela com suas cargas, algumas chorando de dor e exaustão.

De vez em quando uma criança seguia mais devagar ou parava por um momento, só para ser apressada por um xingamento ou um tapa brutal da mãe. Lizzie teve vontade de consolá-las. Todas as emoções da noite somaram-se e se transformaram em raiva.

— Juro — disse, com veemência — que jamais permitirei que seja extraído carvão de minha terra, enquanto eu viver.

Antes que Jay pudesse responder qualquer coisa, um sino começou a tocar.

— O alarme — disse Jay. — Devem ter encontrado mais grisú.

Lizzie gemeu e pôs-se de pé. As barrigas das pernas doíam como se tivessem espetado facas nelas. “Nunca mais”, pensou.

— Eu carrego você — disse Jay, e sem mais cerimônia levantou-a, ajeitou-a em cima do ombro e começou a subir a escada.

O grisú espalhou-se com velocidade aterradora.

A princípio o tom azul fora visível apenas quando a vela estava no nível do teto, mas, poucos minutos depois, apareceu uns trinta centímetros abaixo, e Mack teve de parar com os testes, com medo de incendiar o gás antes de a mina ser evacuada.

Ele respirava aos arrancos, em arquejos curtos, apavorados.

Tentou acalmar-se e pensar claramente.

O normal era que o gás se espalhasse gradualmente, mas agora fora diferente. Alguma coisa devia ter acontecido. O mais provável é que tivesse se acumulado em uma área lacrada, e que uma parede velha tivesse rachado, permitindo que o gás vazasse rapidamente para o interior dos túneis ocupados.

Uma pequena quantidade queimaria em segurança: um volume moderado arderia instantaneamente, queimando quem estivesse perto; e uma grande quantidade explodiria, matando todo mundo e destruindo os túneis.

Ele respirou fundo. Sua primeira prioridade era tirar todo mundo da mina o mais depressa possível. Acionou a sineta vigorosamente enquanto contava até doze. Quando terminou, mineiros e carregadoras deslocavam-se velozmente ao longo do túnel na direção do poço, as mães insistindo com as crianças para que andassem mais depressa.

Enquanto todos fugiam, as suas duas carregadoras ficavam: a irmã, Esther, calma e eficiente, e sua prima Annie, forte e rápida, mas também impulsiva e desajeitada. Usando suas pás, as duas mulheres começaram a cavar freneticamente uma vala rasa, do comprimento e da altura de Mack, no chão do túnel. Enquanto isso, Mack pegava um fardo embrulhado em oleado que estava pendurado no teto do seu salão e corria para a boca do túnel. Depois que seus pais morreram, tinha havido comentários entre os homens quanto a se Mack teria idade suficiente para desempenhar o papel de bombeiro que fora de seu pai. Parte à responsabilidade da função, o bombeiro era considerado um líder na comunidade. Na verdade, o próprio Mack compartilhara suas dúvidas. Mas ninguém mais queria ser bombeiro; o cargo era não-remunerado e perigoso. Quando lidou eficientemente com a primeira crise, cessaram os comentários. Agora sentia orgulho de que os mais velhos

confiassem nele, mas seu orgulho também o forçava a demonstrar calma e confiança quando estava sentindo medo.

Ele atingiu a boca do túnel. Os últimos extraviados estavam subindo a escada.

Agora Mack tinha que se livrar do gás.

Queimá-lo era a única maneira de fazê-lo. Tinha que pôr fogo no gás.

Era uma terrível má-sorte que aquilo fosse acontecer logo agora. Era o dia do seu aniversário: ele ia embora. Desejou que tivesse mandado a cautela ao espaço e abandonado o vale na noite de domingo. Tinha dito a si próprio que uma espera de um ou dois dias faria os Jamisson pensarem que ele ia permanecer, induzindo-os a uma falsa sensação de segurança.

Doía-lhe o coração constatar que em suas últimas horas como mineiro tinha que arriscar a vida para salvar a mina que estava prestes a deixar para sempre.

Se o grisú não fosse queimado, a mina fechava. E o fechamento de uma mina em uma aldeia de mineiros era como uma safra perdida para uma comunidade de agricultores: as pessoas morriam de fome. Mack jamais se esqueceria da última vez em que a mina fechara, quatro invernos atrás. Durante as angustiantes semanas que se seguiram, os mais velhos e os mais moços dos moradores da aldeia tinham morrido, inclusive seu pai e sua mãe. No dia seguinte ao da morte da mãe, Mack desencavara um ninho de coelhos que hibernavam e quebrara seus pescoços enquanto eles ainda estavam tontos; fora esta carne que salvara ele e Esther.

Ele chegou ao deque e rasgou o oleado que envolvia o seu embrulho. Dentro havia uma grande tocha feita de galhos secos e trapos, um novelo de barbante e uma versão maior do castiçal hemisférico que os mineiros usavam, fixado numa base de madeira reta para não tombar. Mack prendeu a tocha firmemente no castiçal, amarrou o barbante à base, e acendeu a tocha com a vela.

Ela pegou fogo imediatamente. Ali queimaria em segurança, porque o grisú, mais leve do que o ar, não acumulava no fundo do poço. Mas sua próxima tarefa era levar a tocha em chamas para dentro do túnel. Ele levou mais um tempo para mergulhar na água que a drenagem lançava no fundo do poço, encharcando as roupas e o cabelo na água gelada; a fim de ter uma proteção extra contra queimaduras. Em seguida correu de volta ao longo do túnel, desenrolando a bola de barbante, ao mesmo tempo em que examinava o chão, removendo pedras grandes e outros objetos que pudessem obstruir o

movimento da tocha em chamas que ia ser arrastada para dentro do túnel. Quando alcançou Esther e Annie, viu, graças à luz de uma vela no chão, que tudo estava pronto. A vala estava cavada.

Esther mergulhou um cobertor dentro da vala de drenagem e rapidamente o passou em torno de Mack. Tremendo de frio, ele deitou-se na vala, sempre segurando a ponta do barbante. Annie ajoelhou-se ao lado dele e, de certa forma para sua surpresa, beijou-o em cheio na boca. Aí cobriu a vala com uma tábua pesada, fechando-o lá dentro.

Elas jogaram água na tábua, em mais uma tentativa para protegê-lo das chamas que estava prestes a atear. E finalmente, uma das duas bateu três vezes, sinal de que estavam indo.

Ele contou até cem, a fim de dar-lhes tempo de saírem do túnel. Em seguida, com o coração cheio de medo, começou a puxar o barbante, arrastando a tocha em chamas para dentro da mina, na direção do lugar onde se encontrava, em um túnel cheio pela metade de gás explosivo.

Jay carregou Lizzie até o topo da escadaria e a arriou na lama gelada da boca da mina.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou tão contente por ver-me de novo acima do solo — disse ela, com gratidão — que não sei como agradecer-lhe por ter me carregado. Você deve estar exausto.

— Você pesa bem menos de que um cesto cheio de carvão — disse ele, com um sorriso.

Jay falou como se o peso dela fosse nada, mas deu a impressão de estar com as pernas pouco firmes quando se afastaram do poço.

Mas não vacilara uma só vez na subida.

Ainda faltavam algumas horas para o raiar do dia e começara a nevar, não em flocos flutuando gentilmente, mas em bolinhas geladas que caíam com força e machucavam os olhos de Lizzie.

Quando o último dos mineiros carregadores saiu do poço, ela notou a jovem cujo filho havia sido batizado no domingo; Jen, era o nome dela. Embora a criança tivesse apenas uma semana de vida, a pobre mulher carregava um cesto inteiro. Certamente que deveria ter tirado uma licença para descansar depois de dar à luz!? Ela esvaziou o cesto no monte e entregou ao conferente um marcador de madeira: Lizzie imaginou que os marcadores fossem usados para calcular os salários no fim da semana. Talvez Jen estivesse muito necessitada de dinheiro para poder tirar licença.

Lizzie continuou a observar, porque Jen parecia aflita. Com a vela erguida acima da cabeça, ela disparou no meio da multidão de setenta ou oitenta mineiros, por entre a neve que caía, gritando:

— Wullie! Wullie! — parecia estar procurando uma criança.

Ela encontrou o marido e teve uma conversa rápida e assustada com ele. Aí gritou “Não!” e correu para a boca da mina e começou a descer a escada.

O marido chegou na orla do poço, voltou e olhou de novo para a multidão, visivelmente angustiado e perplexo. Lizzie perguntou a ele:

— O que é que há?

Ele respondeu, com a voz trémula.

— Não conseguimos encontrar o nosso garoto, e ela acha que ele está lá embaixo.

— Oh, não!

Lizzie deu uma olhada na beira da boca da mina. Pôde ver uma espécie de tocha queimando no fundo do poço.

Mas enquanto olhava, a chama deslocou-se e desapareceu dentro do túnel.

Mack tinha feito aquilo em três ocasiões anteriores, mas desta vez era muito mais assustador. Antes a concentração do grisu fora muito mais baixa, um lento exsudar, e não uma repentina concentração. Seu pai tivera que enfrentar grandes vazamentos de gás, claro; e o corpo dele, quando se lavava na frente do fogo nas noites de sábado, era coberto por marcas de antigas queimaduras.

Mack sentiu um calafrio dentro do cobertor encharcado de água gelada. Enquanto enrolava o barbante, puxando a tocha acesa para mais perto dele e do gás, tentou controlar o medo, pensando em Annie. Eles tinham sido criados juntos e sempre gostaram um do outro.

Annie tinha uma alma impetuosa e um corpo musculoso.

Nunca o beijara em público antes, mas o fizera muitas vezes secretamente. Tinham explorado os corpos um do outro e se ensinado um ao outro como dar prazer. Haviam tentado todo o tipo de coisas juntos, detendo-se apenas ante o que Annie chamava de “fazer criança”.

E mesmo assim quase tinham feito isso...

Não adiantou: continuava a se sentir aterrorizado. Para acalmar-se, tentou pensar, de modo distanciado, como o gás se movia e se concentrava. Sua vaga ficava num ponto baixo do túnel, de modo que a concentração ali devia ser menor; não havia, contudo, um modo preciso para calcular isso até

que pegasse fogo. Ele tinha medo da dor e sabia que as queimaduras eram um tormento. Não tinha realmente medo de morrer. Não pensava muito em religião, mas acreditava que Deus devia ser misericordioso. Não queria, contudo, morrer agora: não tinha feito nada, visto nada, não tinha estado em parte alguma. Até aqui passara toda a sua vida como escravo. “Se sobreviver a esta noite”, prometeu a si próprio, “deixarei este vale hoje. Beijarei Annie, direi adeus a Esther, desafiarei os Jamisson e irei embora daqui, juro por Deus.” A quantidade de barbante que tinha nas mãos lhe dizia que a tocha estava agora a meio caminho. O grisu podia queimar a qualquer momento. Podia ser, contudo, que não chegasse a pegar fogo; às vezes, seu pai lhe dissera, o gás parecia desaparecer, ninguém sabia onde.

Sentiu uma ligeira resistência no barbante, e soube que a tocha estava se atritando na parede no ponto onde o túnel fazia uma curva. Se pusesse a cabeça de fora poderia ver isso.

“Certamente que o gás tinha que explodir agora”, pensou.

Aí ouviu uma voz.

Ficou tão chocada a princípio que imaginou estar tendo uma experiência sobrenatural um encontro com um fantasma ou um demônio. Mas logo viu que não era nem uma coisa nem outra; estava ouvindo a voz de uma criança pequena aterrorizada, que chorava e dizia:

— Onde está todo o mundo?

O coração de Mack parou.

Ele soube prontamente o que acontecera. Quando era pequeno e trabalhava na mina, ele tinha caído no sono com frequência durante os dias de quinze horas. Com esta criança acontecera o mesmo, e ela continuara dormindo durante o alarme. Aí acordara, vira que a mina estava deserta e entrara em pânico.

Mack só precisou de uma fração de segundo para saber o que tinha de fazer.

Ele empurrou a tábua para um lado e saltou fora da vala. A cena foi iluminada pela tocha ardente e ele pôde ver o menino saindo de um túnel secundário, esfregando os olhos e se lamuriando; era Wullie, o filho de Jen, a prima de Mack.

— Tio Mack! — disse ele, alegremente.

Mack correu para o garoto, retirando o cobertor molhado que o envolvia. Não havia espaço para os dois na vala muito rasa; teriam que tentar alcançar o poço antes que o gás explodisse.

Mack embrulhou o garoto no cobertor, dizendo:

— É grisú, Wullie, temos que sair daqui! — Depois pegou-o, colocou-o debaixo de um braço e continuou correndo.

Ao se aproximar da tocha, desejou que ela não incendiasse o gás, e ouviu sua própria voz gritando:

— Ainda não! Ainda não! — e passaram por ela.

O menino era leve, mas era difícil correr abaixado, e o piso dificultava mais ainda: lamacento em alguns trechos, grosso de pó de carvão em outros, e irregular em toda a parte, com afloramentos de rocha para derrubar os mais apressados. Mack continuou em frente assim mesmo, tropeçando às vezes, mas conseguindo conservar-se de pé, atento para a explosão que poderia ser o último ruído que ouviria.

Quando fez a curva do túnel a chama da tocha tinha diminuído a quase nada.

Continuou correndo no escuro, mas em segundos esbarrou na parede e caiu de cabeça, largando Wullie.

Praguejou e levantou-se, com dificuldade.

O menino começou a chorar. Mack localizou-o pelo som e pegou-o de novo. Foi obrigado a seguir mais devagar, apalpando a parede com a mão livre, amaldiçoando a escuridão. Aí então, misericordiosamente, a chama de uma vela surgiu mais à frente, na entrada do túnel e Mack ouviu a voz de Jen chamando:

— Wullie! Wullie!

— Estou com ele aqui, Jen! — gritou Mack, disparando a correr. — Vá para a escada!

— Ela ignorou sua instrução e correu na direção dele.

Mack estava apenas a uns poucos metros do fim do túnel e da segurança.

— Volte! — gritou ele, mas ela continuou avançando.

Ele esbarrou nela e lançou-a para a frente com o braço livre.

Aí o gás explodiu.

Por uma fração de segundo houve um sibilo que parecia perfurar os tímpanos e logo em seguida um estrondo imenso e ensurdecedor que sacudiu a terra. Uma força que pareceu um soco terrível golpeou Mack nas costas e ele foi levantado do chão, tendo que largar Wullie e Jen. Ele voou pelo ar. Sentiu uma onda de fortíssimo calor e teve certeza de que ia morrer; logo caiu de cabeça na água gelada e percebeu que tinha sido atirado dentro do tanque de drenagem no fundo do poço da mina.

E ainda estava vivo.

Rompeu a superfície e livrou-se da água nos olhos.

O deque de madeira e a escada estavam incendiando em alguns lugares e as chamas iluminavam a cena. Mack localizou Jen, chapinhando na água, meio afogada. Agarrou-a e retirou-a do poço.

Ela gritou, sufocada:

— Onde está Wullie?

“O menino podia ter desmaiado”, pensou Mack. Empurrou o próprio corpo de um lado para o outro do pequeno tanque, batendo na corrente de baldes, que tinha cessado de operar. Por fim encontrou um objeto flutuando que viu tratar-se de Wullie.

Empurrou o garoto para cima do deque, ao lado da mãe, e subiu também, agarrando-se com as mãos e os pés.

Wullie sentou-se e cuspiu água.

— Graças a Deus! — soluçou Jen. — Ele está vivo.

Mack olhou dentro do túnel. Filetes esparsos de gás queimavam esporadicamente, lembrando fogos-fátuos.

— Agora toca a subir a escada — disse ele. — Pode haver uma explosão secundária.

Ele puxou Jen e Wullie, pondo-os de pé e empurrou-os na frente. Jen levantou Wullie e o colocou sobre o ombro: seu peso não era nada para uma mulher capaz de carregar um cesto de setenta e cinco quilos de carvão naquela escadaria, vinte vezes num turno de quinze horas de trabalho.

Mack hesitou, olhando os pequenos incêndios junto aos primeiros degraus. Se toda a escada queimasse, a mina poderia ficar fora de operação algumas semanas, enquanto se fazia o conserto.

Ele gastou mais alguns segundos para jogar água do tanque em cima das labaredas até apagá-las. Em seguida subiu atrás de Jen.

Quando chegou em cima sentia-se exausto, ferido e atordoado. Foi imediatamente cercado por uma multidão que apertou sua mão, deu tapas nas suas costas e se congratulou com ele. A multidão abriu caminho para Jay Jamisson e seu companheiro, a quem Mack reconheceu ser Lizzie Hallim.

— Muito bem, McAsh — disse Jay. — Minha família aprecia sua coragem.

“Seu calhorda metido a besta”, pensou Mack.

Lizzie perguntou:

— Não há realmente outro jeito para se combater o grisú?

— Não — respondeu Jay.

— Claro que há! — contrapôs Mack, arquejante.

— É mesmo? — quis saber ela. — Qual?

Mack recuperou o fôlego.

— Você constrói túneis de ventilação, que permitem que o gás escape antes que chegue a acumular — ele respirou fundo mais uma vez. — Isto já foi dito aos Jamisson muitas e muitas vezes.

Houve um murmúrio de aprovação dos outros mineiros reunidos em torno deles.

Lizzie virou-se para Jay.

— Então por que vocês não constroem os túneis?

— Você não entende de negócios... por que deveria? — disse Jay. — Nenhum homem de negócios pode pagar um sistema dispendioso, quando um mais barato resulta na mesma coisa. Os rivais dele seriam capazes de pedir preços muito menores. É uma questão de economia política.

— Pode dar o nome bonitinho que quiser — contrapôs Mack, ofegante. — Gente comum chama de ganância nojenta.

Um ou dois dos mineiros gritaram sua aprovação:

— É isso mesmo!

— Agora, McAsh — advertiu Jay. — Não estrague tudo tentando novamente ir além da sua posição. Vai se meter em uma boa encrenca.

— Não estou em encrenca coisa nenhuma — disse Mack. — Hoje é o dia do meu vigésimo-segundo aniversário. — Ele não tencionara dizer aquilo, mas agora não podia mais parar. — Não trabalhei aqui um ano e um dia, integralmente, e não vou trabalhar.

A multidão ficou subitamente em silêncio. Mack foi tomado por uma estimulante sensação de liberdade.

— Vou me embora, Sr. Jamisson — disse ele. — Demito-me. Adeus.

Ele deu as costas para Jay e, em total silêncio, afastou-se.

Quando Jay e Lizzie chegaram no castelo, oito ou dez criados já estavam em ação, acendendo lareiras e varrendo o chão à luz de velas. Lizzie, preta de carvão e quase desmaiando de tão cansada, agradeceu a Jay com um sussurro e subiu cambaleando a escada.

Jay mandou que levassem uma tina com água quente para o seu quarto e tomou um banho, tirando o pó de carvão grudado na pele com uma pedra-pomes.

Nas últimas quarenta e oito horas eventos importantes tinham acontecido em sua vida: o pai lhe dera um patrimônio ridículo, a mãe amaldiçoara o pai e ele tentara matar o irmão, mas nenhuma dessas coisas ocupava sua mente. Deitado ali na tina, pensava em Lizzie.

Seu rosto travesso apareceu diante dele no vapor que se desprendia da água, sorrindo maliciosamente, os olhos fazendo rugas nos cantos, zombando dele, tentando-o, desafiando-o.

Relembrou a sensação de tê-la nos braços ao carregá-la na escada do poço da mina: era tão delicada e leve, comprimira o corpinho dela de encontro ao seu enquanto galgava os degraus.

Perguntou-se se estaria pensando nele. Ela devia ter pedido água quente também: dificilmente poderia ir para a cama suja como estava. Imaginou-a nua diante da lareira do quarto, ensaboando o corpo. Quisera estar em sua companhia, tirar a esponja da mão dela e gentilmente tirar o carvão dos seus seios. O pensamento o excitou e ele pulou fora da tina e secou-se esfregando o corpo com uma toalha áspera.

Não tinha sono. Queria conversar com alguém sobre a aventura daquela noite, mas Lizzie provavelmente dormiria horas a fio.

Pensou em sua mãe. Podia confiar nela. Às vezes o obrigava a fazer coisas que contrariavam sua inclinação, mas estava sempre do seu lado.

Barbeou-se, vestiu roupas limpas e foi até o quarto dela.

Como esperava, Alicia estava acordada, tomando chocolate na sua penteadeira enquanto a criada a penteava. Sorriu para ele. Jay beijou-a e deixou-se cair numa cadeira. Ela era bonita, mesmo de manhã cedo, mas havia aço em sua alma.

Alicia dispensou a criada.

— Por que está acordado tão cedo? — perguntou ao filho.

— Não me deitei. Desci na mina.

— Com Lizzie Hallim?

“Ela era tão esperta”, pensou ele, orgulhoso. Sempre sabia dos seus desejos. Mas não se importava, pois nunca o culpava.

— Como adivinhou?

— Não foi difícil. Ela estava louca para ir, e é o tipo da garota que não aceita um “não” como resposta.

— Escolhemos um mau dia para descer lá. Houve uma explosão.

— Meu Deus do céu, você está bem?

— Sim...

— Vou mandar buscar o Dr. Stevenson...

— Mãe, pare de se preocupar! Eu estava do lado de fora quando o gás explodiu. Lizzie também. Só estou um pouco fraco dos joelhos de carregá-la o tempo todo na subida do poço.

A mãe acalmou-se.

— O que foi que Lizzie achou?

— Jurou que nunca deixará que escavem uma mina na propriedade dos Hallim.

Alicia riu.

— E o seu pai está louco pelo carvão dela. Bem, estou ansiosa por assistir à batalha.

Quando Robert for o marido dela, terá o poder de ir contra seus desejos... em teoria. Veremos.

Mas como você pensa que a corte está progredindo?

— Flertar não é o ponto forte de Robert, para dizer o mínimo — disse Jay, desdenhosamente.

— Mas é o seu, não é? — contrapôs ela, indulgentemente.

Jay deu de ombros.

— Mesmo desajeitado, ele está fazendo o melhor que pode.

— Talvez ela acabe não o desposando.

— Acho que vai ter que se casar com ele.

A mãe lançou-lhe um olhar astuto.

— Você sabe alguma coisa que eu não sei?

— Lady Hallim está tendo problema para renovar suas hipotecas. O pai providenciou isto.

— E mesmo? Como ele é ardiloso.

Jay suspirou.

— Ela é uma garota maravilhosa. Será um desperdício casar com Robert.

A mãe pôs uma das mãos sobre seu joelho.

— Jay, minha doçura, ela ainda não é de Robert.

— Suponho que ainda possa se casar com outro.

— Ela pode se casar com você.

— Meu Deus do céu, mãe!

Embora ele tivesse beijado Lizzie, não tinha ido tão longe a ponto de pensar em casamento.

— Você a ama, posso afirmar isto.

— Amo? É isso que é amor?

— Claro. Seus olhos brilham à menção do nome dela e quando Lizzie se encontra na sala, você não tem olhos para mais ninguém.

Ela descrevera exatamente os sentimentos de Jay. Ele não tinha segredos para sua mãe.

— Mas casar com ela?

— Se está apaixonado por ela, peça sua mão! Você seria o senhor de High Glen.

— O que seria bem feito para Robert — disse Jay com um sorriso. Seu coração tinha disparado com a ideia de ter Lizzie como esposa, mas tentou se concentrar no lado prático. — Sou pobre, não tenho um tostão.

— Você é pobre agora. Mas seria capaz de gerir a propriedade melhor do que Lady Hallim. Ela não é uma mulher de negócios. Aquilo é muito grande, High Glen deve ter uns dezesseis quilômetros de extensão, e ela tem também Craigie e Crook Glen. Você teria campos para pastagem, poderia vender carne de veado, construir um moinho d'água... Você poderia fazer com que aquilo produzisse uma renda decente, mesmo sem extrair o carvão.

— E o que me diz das hipotecas?

— Você é um devedor muito mais atraente do que ela... é jovem e vigoroso e vem de uma família rica. Seria fácil para você renovar os empréstimos. E depois, com o tempo...

— O quê?

— Bem, Lizzie é uma garota impulsiva. Hoje jura que nunca permitirá que extraiam carvão da propriedade dos Hallim. Amanhã, sabe Deus, pode decidir que os veados têm sentimentos e proibir a caça. Na semana seguinte pode ser que esqueça ambas as proibições.

Se vier a consentir na extração do carvão, você será capaz de pagar todas as suas dívidas.

Jay fez uma careta.

— Não fico feliz com a perspectiva de ir contra a vontade de Lizzie em assuntos como este.

Ele estava pensando também que queria ser um plantador de açúcar em Barbados e não o proprietário de uma mina de carvão na Escócia. Mas queria Lizzie também.

Com desconcertante rapidez, a mãe mudou de assunto.

— O que aconteceu ontem, quando vocês estavam caçando?

Jay foi tomado de surpresa e não conseguiu sair-se com uma mentira fluente e tranquila. Ficou vermelho, gaguejou e finalmente disse:

— Tive outra briga com o pai.

— Isto eu sei — disse ela. — Podia ver pelas caras de vocês quando chegaram. Mas não foi só uma briga. Você fez qualquer coisa que o chocou. O que foi?

Jay nunca tinha sido capaz de enganá-la.

— Tentei atirar em Robert — confessou, angustiado.

— Oh, Jay, que coisa horrível!

Ele abaixou a cabeça. O pior de tudo é que falhara. Se tivesse matado o irmão, a culpa teria sido esmagadora, mas teria havido também uma certa sensação selvagem de triunfo. Do jeito como tinham sido as coisas, só lhe cabia a culpa.

A mãe pôs-se de pé do lado da cadeira dele e puxou a cabeça do filho de encontro ao seio.

— Meu pobre filhinho — disse. — Não havia necessidade disso. Nós encontraremos outra maneira, não se preocupe — e balançou para trás e para a frente, acariciando seu cabelo e dizendo: — Pronto, pronto.

— Como você foi capaz de fazer uma coisa dessas? — lastimou-se Lady Hallim enquanto esfregava as costas de Lizzie.

— Eu tinha que ver eu mesma — replicou Lizzie. — Mais de leve!

— Tenho que esfregar com força, senão o pó de carvão não sai.

— Mack McAsh me irritou quando disse que eu não sabia do que estava falando — continuou Lizzie.

— E por que deveria saber? — disse sua mãe. — O que é que uma jovem dama tem que saber a respeito de uma mina de carvão, posso perguntar?

— Odeio quando se livram de mim dizendo que as mulheres não entendem de política, ou agricultura, ou mineração, ou comércio. Assim eles podem dizer toda espécie de tolice.

Lady Hallim resmungou.

— Espero que Robert não se importe por você ser tão masculina.

— Ele terá que me aceitar do jeito que sou, se quiser.

Sua mãe deu um suspiro exasperado.

— Minha querida, assim não vai. Você tem que lhe dar mais encorajamento. Claro que uma garota não quer aparentar excesso de ansiedade, mas você vai longe demais no outro sentido. Agora me prometa que será boazinha para Robert hoje.

— Mãe, o que é que você acha do Jay?

A mãe sorriu.

— Um rapaz encantador, sem dúvida — ela interrompeu-se subitamente e olhou firme para Lizzie. — Por que pergunta?

— Ele me beijou na mina.

— Não! — Lady Hallim pôs-se de pé e arremessou a pedra-pomes no outro lado do aposento. — Não, Elizabeth, não vou tolerar isto! — Lizzie ficou surpresa com a súbita fúria da mãe. — Não vivi vinte anos na penúria para ver você crescer e se casar com um bonito pobretão!

— Ele não é pobretão...

— É sim, você viu aquela cena horrível com o pai dele. O seu patrimônio é um cavalo!

Lizzie, você não pode fazer isso!

A mãe estava possuída pela raiva. Lizzie nunca a vira daquele jeito e não conseguia entender.

— Mãe, calma, por favor, sim? — suplicou. Ela levantou-se e saiu da banheira. — Passe a toalha, por favor?

Para seu assombro a mãe levou as mãos ao rosto e começou a chorar. Lizzie abraçou-a e disse:

— Mãe, querida, o que é?

— Cubra-se, filha malvada — disse ela, entre soluços.

Lizzie passou um cobertor em torno do corpo molhado.

— Sente-se, mãe.

Ela a conduziu até uma cadeira. Após algum tempo a mãe falou.

— Seu pai era exatamente como Jay; exatamente como ele — disse, e havia um ricto amargo em sua boca. — Alto, bonito, sedutor, e muito

entusiasmado para beijar em lugares escuros... e fraco, tão fraco! Cedi à minha natureza inferior e o desposei, contrariando o que eu mesma sabia que seria melhor fazer e muito embora soubesse que não tinha a menor força de vontade. Em menos de três anos tinha perdido minha fortuna, e um ano depois caiu do seu cavalo quando estava bêbado, quebrou sua linda cabeça e morreu.

— Oh, mamãe! — Lizzie ficou chocada com o ódio que havia na voz da sua mãe.

Normalmente ela falava do pai em um tom neutro: sempre dizia a Lizzie que ele fora infeliz nos negócios, que morrera num acidente e que os advogados tinham feito uma confusão nas finanças da propriedade. Quanto a Lizzie não conseguia se lembrar dele, porque tinha três anos quando ele morrera.

— E ainda fazia pouco de mim porque eu não lhe dei um filho — prosseguiu a mãe.

— Um filho que teria sido como ele, infiel e irresponsável e teria despedaçado o coração de alguma garota. Mas eu sabia como evitar isso.

Lizzie ficou chocada de novo. Seria verdade que as mulheres podiam evitar a gravidez? Seria possível que sua mãe tivesse feito uma coisa dessas em desafio à vontade do marido?

A mãe segurou sua mão.

— Prometa que você não vai se casar com ele, Lizzie. Prometa!

Lizzie puxou a mão. Sentia-se desleal, mas tinha que falar a verdade.

— Não posso — disse. — Eu o amo.

Quando Jay saiu do quarto da mãe, a impressão que teve foi de que seus sentimentos de culpa e vergonha tinham se dissipado e, de repente, ele descobriu que estava com fome.

Desceu para a sala de jantar. Seu pai e Robert estavam lá, comendo grossas fatias de presunto assado com maçãs cozidas e açúcar, falando com Harry Ratchett. Ratchett, como gerente das minas, viera relatar a explosão do grisú. O pai olhou severamente para Jay e disse:

— Soube que você desceu na mina de Heugh ontem à noite.

O apetite de Jay começou a sumir.

— Desci sim — disse ele. — Houve uma explosão.

Jay serviu-se de um copo da cerveja que havia numa jarra.

— Sei de tudo sobre a explosão — disse o pai. — Quem o acompanhava?

Jay deu um gole na cerveja.

— Lizzie Hallim — confessou.

Robert ficou vermelho.

— Maldito seja! — disse. — Você sabe que o pai não queria que ela fosse levada à mina.

Jay sentiu-se estimulado a dar uma resposta desafiadora.

— Bem, pai, como você irá me punir? Vai me deserdar? Você já fez isso.

Sir George sacudiu um dedo ameaçador.

— Advirto-o para não desobedecer às minhas ordens.

— Você devia estar preocupado com McAsh, não comigo — disse Jay, tentando desviar a ira do pai para outro alvo. — Ele disse a todo mundo que ia embora hoje.

Robert disse:

— Maldito vagabundo desclassificado! — Não ficou claro se estava se referindo a McAsh ou a Jay.

Harry Ratchett tossiu.

— O senhor bem que podia deixar McAsh ir embora, Sir George — disse. — O homem é um bom trabalhador, mas é um encrenqueiro e seria bom nos livrarmos dele.

— Não posso — replicou o pai. — McAsh assumiu publicamente uma posição contra mim. Se sair dessa impunemente, todo jovem mineiro vai pensar que pode me deixar também.

Robert interrompeu:

— Não somos só nós. Esse advogado, Gordonson, podia escrever para todas as minas da Escócia. Se os mineiros tiverem permissão para ir embora aos vinte e um anos, toda a indústria entrará em colapso.

— Exatamente — concordou o pai. — E aí, o que a nação britânica faria para obter seu carvão? Eu digo uma coisa, se algum dia tiver Caspar Gordonson na minha frente acusado de traição, eu o enforcarei mais depressa do que você consegue dizer a palavra “inconstitucional”, juro.

Robert disse:

— Na verdade é nosso dever patriótico fazer alguma coisa a respeito de McAsh.

Tinham esquecido da transgressão cometida por Jay, para alívio deste. Mantendo a conversa focalizada em McAsh, ele perguntou:

— Mas o que pode ser feito?

— Eu poderia prendê-lo — disse Sir George.

— Não — disse Robert. — ao sair, vai continuar dizendo que é livre. —
Houve um silêncio de reflexão. — Ele podia ser açoitado — sugeriu Robert.

— Pode ser a solução — disse Sir George. — Por lei tenho o direito de
açoitar os mineiros.

Ratchett pareceu contrafeito.

— Faz muito tempo desde que este direito foi exercido, Sir George. E
quem iria brandir o açoite?

Robert perguntou, impaciente:

— Bem, então o que fazemos com encrenqueiros?

Sir George sorriu.

— Colocamos uma coleira neles — respondeu.

Mack teria preferido começar a caminhada para Edimburgo de imediato, mas sabia que seria tolice.

Mesmo que não tivesse trabalhado um turno completo, estava exausto, e a explosão o deixara ligeiramente estonteado. Precisava de tempo para pensar no que os Jamisson poderiam fazer e como poderia sobrepujá-los.

Foi para casa, tirou a roupa molhada, acendeu o fogo e meteu-se na cama. Seu mergulho no tanque de água da drenagem o deixara mais sujo que o habitual, pois a água de lá era grossa de pó de carvão, mas os cobertores de sua cama eram tão pretos que um pouco mais não faria diferença. Como a maioria dos homens, ele se banhava uma vez por semana, nas noites de sábado.

Os outros mineiros tinham voltado ao trabalho após a explosão. Esther permanecera na mina, com Annie, para pegar o carvão que Mack tinha escavado e levá-lo para a superfície: não ia deixar que um trabalho tão duro fosse desperdiçado.

Enquanto caía no sono, ele se perguntou por que os homens se cansavam mais rapidamente do que as mulheres. Os escavadores, todos homens, trabalhavam dez horas, da meia-noite às dez da manhã; os carregadores, cuja maioria absoluta era de mulheres, trabalhavam de duas da manhã às cinco da tarde: quinze horas.

O trabalho das mulheres era mais árduo, subindo aquela escada vezes sem conta com os imensos cestos de carvão nas costas e, no entanto, elas continuavam trabalhando muito tempo depois que seus homens tinham voltado para casa cambaleando de cansaço e se atirado na cama. Às vezes as mulheres tornavam-se escavadoras, mas era raro; a maioria delas não era capaz de acionar a picareta ou o martelo com bastante força e levavam muito tempo para arrancar o carvão da superfície do veio.

Os homens sempre tiravam uma soneca quando chegavam em casa. Iam se levantar após uma hora ou mais. A maioria preparava a comida para suas mulheres e filhos. Alguns passavam a tarde bebendo na Sra. Wheighel: todos tinham muita pena das mulheres destes, pois era muito difícil para uma mulher chegar em casa, após quinze horas carregando carvão, não encontrar o fogo aceso nem comida e, ainda por cima, ver que o marido estava bêbado. A

vida era dura para os mineiros, mas era mais dura ainda para suas mulheres.

Quando Mack acordou, soube que aquele era um dia importante, mas não conseguiu se lembrar por quê. Depois o motivo lhe voltou: ia deixar o vale.

Não ia conseguir ir longe se parecesse um mineiro fugido, de modo que a primeira coisa a fazer era se lavar. Aumentou o fogo e depois fez diversas viagens ao regato com o barril de água.

Aqueceu a água na lareira e trouxe a banheira de folha de flandres que ficava pendurada do lado de fora da porta dos fundos. O quartinho ficou cheio de vapor. Encheu a banheira e depois entrou nela com um pedaço de sabão e uma escova dura com a qual se esfregou.

Começou a se sentir bem. Aquela era a última vez que tirava pó de carvão da sua pele: nunca mais desceria em uma mina de novo. A escravidão tinha ficado para trás. sua frente tinha Edimburgo, Londres, o mundo. Conheceria pessoas que nunca tinham ouvido falar da mina de Heugh. Seu destino era uma folha de papel em branco na qual poderia escrever o que bem entendesse.

Enquanto estava no banho, Annie entrou. Ela hesitou junto da porta, parecendo perturbada e incerta.

Mack sorriu, ofereceu-lhe a escova e perguntou:

— Quer esfregar minhas costas?

Annie adiantou-se e pegou a escova, mas continuou olhando para ele com a mesma expressão infeliz.

— Vamos — disse Mack.

Ela começou a esfregar as costas dele.

— Dizem que os mineiros não devem lavar as costas — disse ela. — Dizem que enfraquece.

— Não sou mais mineiro.

Annie parou.

— Não vá, Mack — suplicou. — Não me deixe aqui.

Ele receara algo assim. Aquele beijo na boca fora um aviso. Sentiu-se culpado.

Gostava da prima e aproveitara bastante as brincadeiras que haviam tido no ver o passado, rolando na urze nas cálidas tardes de domingo; mas não queria passar o resto da vida com ela, especialmente se isto significasse permanecer em Heugh.

Seria capaz de explicar isto sem crucificá-la? Havia lágrimas nos olhos

de Annie, e Mack viu como ansiava para que ele promettesse que ficaria. Mas estava determinado a partir: queria ir embora mais do que já quisera qualquer outra coisa em toda a sua vida.

— Tenho que ir — disse ele. — Vou sentir sua falta, Annie, mas tenho que ir.

— Você pensa que é melhor do que o resto de nós, não pensa? — disse ela, ressentidamente. — Sua mãe tinha ideias acima da posição social dela, e você é igual Você é bom demais para mim, é isso? Vai para Londres para se casar com uma dama fina, suponho!

A mãe dele certamente tinha ideias acima da sua posição social, mas ele não estava indo para Londres a fim de se casar com uma dama. Era melhor que o resto dos mineiros?

Considerava-se bom demais para Annie? Havia um ar de verdade no que ela dissera, e ele se sentiu envergonhado.

— Nós todos somos bons demais para a escravidão — disse.

Ela se ajoelhou ao lado da tina e pôs a mão sobre o joelho dele, acima da água.

— Você não me ama, Mack?

Para sua vergonha, ele começou a se sentir excitado. Teve vontade de abraçá-la e fazer com que ela se sentisse bem de novo, mas endureceu o coração.

— Você é uma pessoa que eu quero muito, Annie, mas nunca disse “eu a amo”, assim também como você mesma.

Annie escorregou a mão por debaixo da água e entre as pernas de Mack. Sorriu ao ver como ele estava excitado.

Ele perguntou:

— Onde está Esther?

— Brincando com o bebê de Jen. Ficaré fora por algum tempo.

Annie pedira-lhe para ficar afastada, deduziu Mack: de outro modo, Esther teria corrido para casa a fim de conversar com ele sobre seus planos.

— Fique e case comigo — disse Annie, acariciando-o.

A sensação foi intensa. Ele lhe ensinara como fazer aquilo no último verão e depois fizera com que ela lhe mostrasse como se satisfazia. Ao se lembrar disto, ficou mais inflamado ainda.

— Poderíamos fazer tudo o que quiséssemos, o tempo todo — disse ela.

— Se me caso, fico preso aqui o resto da vida — disse Mack, sentindo, no entanto, que sua resistência estava enfraquecendo.

Annie levantou-se e tirou o vestido. Não usava nada sob o vestido: a roupa de baixo era reservada para os domingos. Seu corpo era esbelto e musculoso, com seios pequenos e chatos e uma massa de pelos escuros no púbis. A pele dela estava toda cinzenta com o pó de carvão, igual à de Mack. Para assombro dele, pulou na tina também, ajoelhando-se com as pernas por fora das dele.

— É sua vez de me lavar — disse ela, dando-lhe o sabão.

Mack esfregou o sabão bem devagar, fazendo espuma, e depois pôs as mãos sobre os seios dela. Os bicos eram pequenos e estavam duros. Ela deixou escapar um gemido profundo e agarrou os pulsos dele e empurrou suas mãos para baixo, por cima da barriga dura e chata até o púbis. Os dedos de Mack, cheios de sabão, escorregaram entre suas coxas e ele sentiu os ásperos cachos dos seus grossos pelos, assim como a carne firme e macia por baixo.

— Diga que fica — suplicou ela. — Vamos fazer. Quero sentir você dentro de mim.

Ele sabia que se cedesse sua sorte estava selada. Havia algo de irreal naquela cena, como num sonho.

— Não — disse, mas sua voz não passou de um sussurro.

Annie aproximou-se mais, puxando o rosto dele contra seus seios, depois abaixando-se até pousar em cima de Mack, os lábios vaginais tocando a cabeça inchada do seu pênis onde ele aflorava acima da água.

— Diga que sim — insistiu ela.

Mack gemeu e desistiu de lutar.

— Sim — disse. — Por favor. Depressa.

Houve um barulho terrível e a porta foi escancarada. Annie gritou.

Quatro homens irromperam, enchendo o pequenino cômodo: Robert Jamisson, Harry Ratchett e dois dos guardas dos Jamisson. Robert empunhava uma espada e tinha um par de pistolas, enquanto que um dos guardas carregava um mosquete.

Annie saiu de cima de Mack e pulou fora da tina. Atordoado e com medo, Mack levantou-se trémulo.

O guarda armado de mosquete olhou para Annie.

— Os priminhos são bastante íntimos — disse, com um olhar malicioso.

Mack o conhecia; seu nome era McAlistair. Também reconheceu o outro, um valentão chamado Tanner.

Robert deu uma risada áspera.

— É isto o que ela é... prima dele? Suponho que não exista incesto para mineiros de carvão.

O medo e a perplexidade de Mack deram lugar à fúria com a invasão da sua casa.

Conteve a raiva e lutou para permanecer controlado. Encontrava-se em grave perigo e havia uma chance de que Annie sofresse também. Tinha que conservar a cabeça fria e não ceder ao ultraje. Encarou Robert.

— Sou um homem livre e não infringi nenhuma lei — disse. — O que vocês estão fazendo em minha casa?

McAlistair ainda estava olhando fixamente para o corpo de Annie, molhado e desprendendo vapor.

— Que bela visão! — disse ele, com a voz grossa.

Mack virou-se para McAlistair, e, falando baixo e controladamente, disse:

— Se encostar nela, arranco sua cabeça do pescoço com as mãos.

McAlistair avaliou os ombros nus de Mack e concluiu que ele seria capaz de cumprir a ameaça. Ficou branco e deu um passo atrás, muito embora estivesse armado.

Mas Tanner era maior e mais afoito. E esticou a mão e pegou o seio molhado de Annie. Mack agiu sem pensar. Um segundo depois estava fora da tina, agarrando Tanner pelo pulso. Antes que alguém pudesse se mover, ele tinha enfiado a mão de Tanner no fogo.

Tanner gritou e se contorceu, mas não pôde escapar do domínio de Mack.

— Largue-me! — gritou. — Por favor, por favor!

Mack manteve a mão do homem nos carvões ardentes e gritou:

— Corra, Annie!

Annie agarrou o vestido e saiu voando pela porta de trás.

A coroa de um mosquete chocou-se contra a parte de trás da cabeça de Mack. O golpe o enfureceu, e com Annie de fora ele tornou-se imprudente. Solto Tanner, agarrou McAlistair pelo casaco e deu uma cabeçada no seu rosto, esmagando-lhe o nariz. Jorrou sangue e McAlistair urrou de dor. Aí Mack girou e chutou Harry Ratchett entre as pernas com um pé descalço duro como uma pedra.

Ratchett dobrou-se em dois, gemendo.

Todas as lutas de que Mack tinha participado tinham sido no poço da mina, de modo que estava acostumado a combater em espaços confinados;

mas quatro adversários era demais.

McAlistair golpeou-o de novo com a coronha do mosquete e por um momento Mack cambaleou, meio tonto. Aí então Ratchett o pegou por detrás, prendendo-lhe os braços e, antes que pudesse se libertar, a ponta da espada de Robert Jamisson estava no seu pescoço.

Após um momento, Robert disse:

— Amarrem-no.

Atiraram-no atravessado sobre o lombo de um cavalo, cobriram sua nudez com um cobertor, depois o levaram para o castelo Jamisson e o colocaram na despensa, ainda nu e com mãos e pés amarrados. Mack ficou deitado no chão de pedra, tremendo de frio, cercado por carcaças de veado, gado e porcos. Tentou aquecer-se movimentando-se tanto quanto conseguiu, mas com as mãos e pés atados não era possível gerar muito calor. Ao cabo de algum tempo conseguiu sentar com as costas no pelo de um couro de veado.

Por algum tempo ele cantou para conservar o ânimo; primeiro as baladas que cantavam na Sra. Wheighel nas noites de sábado, depois uns poucos hinos, e em seguida algumas velhas canções rebeldes jacobitas; mas quando acabou seu repertório, sentiu-se pior do que antes.

Sua cabeça doía dos golpes de mosquete, mas o que doía mais era a facilidade com que os Jamisson o tinham pegado. Que tolo ele fora por adiar sua partida. Dera a eles tempo para agir. Enquanto planejavam sua derrocada, ele estava apalpando os peitos da prima.

Não adiantava nada especular sobre o que teriam guardado em estoque para ele. Se não morresse congelado ali na despensa, provavelmente o mandariam para Edimburgo e o levariam a julgamento por agredir os guarda-caças. Como a maioria dos crimes, era sujeito a enforcamento.

A luz que entrava pelas frestas em torno da porta desapareceu gradualmente quando a noite caiu. Vieram buscá-lo justo quando o relógio do pátio do estábulo bateu as onze horas.

Eram seis homens desta vez e ele não tentou lutar com eles.

Davy Taggart, o ferreiro que fazia as ferramentas dos mineiros, ajustou uma argola de ferro como a de Jimmy Lee em torno do pescoço de Mack. Era a humilhação final: algo que todo mundo veria e que significava que ele era propriedade de um outro homem. Mack passava a ser menos que um homem, era subumano; era como gado.

Desamarraram Mack e jogaram umas roupas em cima dele: um par de culotes, uma camisa de flanela andrajosa e um colete rasgado. Mack vestiu

aquilo rapidamente, mas continuou com frio.

Os guardas amarraram suas mãos de novo e o puseram em cima de um pónei. Foram para a mina.

O turno da quarta-feira ia começar em poucos minutos, à meia-noite. O cavaleiro estava pondo um cavalo descansado nos arreios para puxar a corrente de baldes. Mack viu logo que iam fazer com que andasse na roda.

Ele resmungou alto. Era uma tortura esmagadora, humilhante. Daria a vida por uma tigela de sopa quente e uns minutos na frente de um fogo alto. Mas seu destino era passar a noite ao ar livre. Teve vontade de cair de joelhos e implorar misericórdia; mas pensar que isto satisfaria o orgulho dos Jamisson despertou seu amor-próprio e, em vez de suplicar, urrou:

— Vocês não têm o direito de fazer isto! Não têm direito!

Os guardas riram dele.

Colocaram-no na lamacenta trilha circular ao longo da qual os cavalos da boca da mina trotavam dia e noite. Mack endireitou os ombros e levantou a cabeça, embora tivesse vontade de cair no choro. Amarraram-no então nos arreios, de frente para o cavalo, de modo que não poderia sair do caminho. Finalmente o cavaleiro chicoteou o cavalo para que saísse trotando.

Mack começou a correr para trás.

Tropeçou quase que imediatamente e o cavalo parou. O cavaleiro chicoteou de novo e Mack conseguiu se levantar bem a tempo. Logo começou a pegar o jeito de correr para trás.

Mas exagerou na autoconfiança e escorregou na lama gelada. Desta vez o cavalo continuou avançando. Mack escorregou para um lado, girando e se contorcendo para fugir dos cascos, e foi arrastado junto com o cavalo por um segundo ou dois, até que perdeu o controle e escorregou debaixo das patas do animal. O cavalo pisou no seu estômago e chutou-Lhe a coxa e aí parou.

Fizeram Mack levantar e chicotearam o cavalo de novo. A patada na barriga o deixara sem fôlego, e sua perna esquerda estava fraca, mas foi forçado a correr mancando para trás.

Cerrou os dentes e tentou estabelecer um ritmo. Tinha visto outros sofrerem aquela punição; Jimmy Lee, por exemplo.

Tinham sobrevivido, embora trouxessem as marcas: Jimmy Lee tinha uma cicatriz sobre o olho esquerdo, no lugar onde o cavalo o pisara, e o ressentimento que queimava por dentro mantinha acesa a lembrança da humilhação. Mack também sobreviveria. Sua mente embotou-se com a dor, o frio e a derrota, e não pensava em nada que não fosse permanecer de pé e

evitar aqueles cascos mortais.

Com o passar do tempo ele começou a sentir uma certa afinidade com o cavalo.

Ambos estavam arreados e forçados a correr em círculo. Quando o cavaliço estalava o chicote, Mack andava um pouco mais depressa, e quando Mack tropeçava, o cavalo parecia reduzir o passo por um momento para que ele se recuperasse.

Ele percebeu os escavadores chegando à meia-noite para começar seu turno de trabalho. Subiram a elevação conversando e gritando, zombando uns dos outros e contando piadas como sempre; depois ficaram silenciosos quando se aproximaram da boca da mina e viram Mack. Os guardas erguiam os mosquetes ameaçadoramente, sempre que um mineiro parecia disposto a parar. Mack ouviu a voz de Jimmy Lee levantar-se, indignada, e viu, com o canto do olho, três ou quatro mineiros cercarem Jimmy, pegando-o pelos braços e empurrando-o na direção da mina para conservá-lo fora de encrenca.

Gradualmente Mack perdeu toda a noção de tempo. As carregadoras chegaram, mulheres e crianças tagarelando durante a subida da montanha e ficando em silêncio, tal como acontecera com os homens, ao passarem por Mack. Ouviu a voz de Annie gritando:

— Oh, meu Deus do céu! Eles fizeram Mack andar na roda!

Ela foi mantida afastada pelos homens de Jamisson, mas exclamou:

— Esther está procurando você. Vou buscá-la.

Esther apareceu algum tempo mais tarde e antes que os guardas pudessem impedi-la, ela parou o cavalo. Levou um frasco de leite quente adocicado aos lábios do irmão. Aquilo lhe pareceu o elixir da vida e ele engoliu freneticamente, quase se engasgando. Conseguiu esvaziar o frasco antes que tirassem Esther dali.

A noite prosseguiu, lenta como um ano. Os guardas arriaram os mosquetes e sentaram-se em torno do fogo do cavaliço. O trabalho de mineração continuou a ser executado. As carregadoras subiam do poço da mina, esvaziavam os cestos no monte e desciam de novo na sua ronda interminável. Quando o cavaliço trocava o cavalo, Mack tinha uns minutos de descanso, mas o cavalo novo trotava mais depressa.

Houve um momento em que ele percebeu que o dia raiava outra vez. Agora só podia faltar uma hora mais ou menos para os escavadores pararem de trabalhar. Mas uma hora era uma eternidade.

Um pônei subiu a colina. Com o canto do olho Mack viu o cavaleiro

saltar e ficar parado, olhando fixamente para ele.

Imediatamente, Mack reconheceu Lizzie Hallim, com o mesmo casaco de pele que usara para ir à igreja. Será que viera para zombar dele?

Sentiu-se humilhado, e desejou que ela fosse embora. Mas quando olhou de novo para o seu rosto de criança, não viu zombaria. O que havia nele era compaixão, raiva e algo mais que não conseguiu interpretar.

Outro cavalo subiu a montanha e Robert saltou. Falou com Lizzie em tom baixo, mas colérico. A resposta dela foi claramente audível:

— Isto é bárbaro!

No seu sofrimento Mack sentiu-se profundamente grato. Sua indignação o confortou.

Era um consolo saber que havia uma pessoa no meio da pequena nobreza que achava que seres humanos não deviam ser tratados daquele modo.

Robert replicou qualquer coisa indignadamente, mas Mack não conseguiu distinguir suas palavras. Enquanto eles discutiam, os homens começaram a sair da mina. Não voltaram, contudo, para suas casas. Ficaram parados em torno do mecanismo de levantar baldes puxado pelo cavalo, observando em silêncio. As mulheres também começaram a se reunir: quando esvaziavam os cestos não retornavam à mina, incorporando-se à multidão silenciosa.

Robert mandou que detivessem o cavalo que tracionava o mecanismo dos baldes.

Mack finalmente parou de correr. Tentou ficar de pé, orgulhosamente, suas pernas não conseguiram sustentá-lo e caiu de joelhos. O cavaleiro foi desamarrá-lo, mas Robert o deteve com um gesto.

Robert falou alto o suficiente para que todos ouvissem.

— Bem, McAsh, você disse ontem que faltava um dia para configurar sua servidão.

Pois agora trabalhou o dia extra que faltava. Mesmo pelas suas tolas regras, você agora é propriedade de meu pai. — Em seguida ele virou-se para se dirigir à multidão.

Mas antes que pudesse falar de novo, Jimmy Lee começou a cantar.

Jimmy tinha uma cristalina voz de tenor e as notas do hino tão conhecido ressoaram no vale:

— “Vejam, um homem em angústia curvado. Marcado pela perda e pela dor. O distante morro pedregoso ele galga. Carregando uma cruz.” Robert

ficou vermelho e gritou:

— Cale-se!

Jimmy ignorou-o e começou a segunda estrofe. Os outros juntaram-se a ele, alguns cantando as harmonias, e uma centena de vozes deram vida à melodia.

— “Ele está agora cheio de dor. Nos olhos dos homens quando virmos o brilhante amanhã. Ele se levantará de novo!” Robert virou de costas, impotente. Furioso, saiu batendo os pés na lama em direção ao seu cavalo, e deixou Lizzie sozinha; um pequeno vulto desafiador. Montou e desceu a montanha, cujo ar as emocionantes vozes dos mineiros sacudiam como uma tempestade:

— “Não olhem mais com olhos de piedade. Vejam a nossa vitória chegando; construirmos aquela cidade celestial. Todos os homens serão livres!”

Jay acordou sabendo que ia propor casamento a Lizzie. Fora tão somente na véspera que a mãe pusera a ideia na sua cabeça, mas ela criara raízes depressa. Parecia-lhe natural até mesmo inevitável. Sua preocupação agora era saber se ela o aceitaria.

“Ela gostava dele”, pensou Jay: “a maioria das garotas gostava”. Mas precisava de dinheiro e ele não tinha nada. A mãe dizia que esses problemas podiam ser resolvidos, mas Lizzie podia preferir a certeza representada por Robert. A ideia de vê-la se casando com Robert era abominável. Para seu desapontamento, descobriu que ela saíra cedo.

Sentia-se tenso, tenso demais para ficar em casa esperando que retornasse. Foi até o estábulo dar uma olhada no garanhão branco que seu pai lhe dera como presente de aniversário. O nome do cavalo era Nevasca. Jay jurara que nunca iria montá-lo, mas não pôde resistir à tentação. Conduziu Nevasca até High Glen e galopou com ele ao longo da pista de grama macia ao lado do regato. Valeu a pena ter quebrado a jura. Parecia estar montado numa águia voando pelos ares, transportado pelo vento.

O que Nevasca fazia de melhor era galopar. A passo ou a trote ele era arisco, inseguro, descontente e mal-humorado. Mas era fácil perdoar um cavalo por ser um mau trotador quando era capaz de correr como uma bala.

Ao voltar para casa Jay deixou-se levar pela lembrança de Lizzie. Ela sempre fora excepcional mesmo para uma garota: bonita, rebelde e divertida. Agora era única. Podia atirar melhor do que qualquer pessoa que Jay conhecia, vencera-o numa corrida a cavalo. Não tinha medo de descer numa mina de carvão e era capaz de disfarçar-se e tapear todo mundo em uma mesa de jantar; ele nunca havia conhecido uma mulher como Lizzie.

Ela era difícil de se lidar, claro: voluntariosa e firme em suas opiniões. Mais disposta do que a maioria das mulheres a contestar o que os homens diziam. Mas Jay e todos os outros a desculpavam porque ela era tão encantadora, inclinando o rostinho petulante para cá e para lá, sorrindo e franzindo os olhos até mesmo enquanto contradizia cada palavra que você dizia.

Jay chegou no estábulo ao mesmo tempo em que seu irmão.

Robert estava de mau humor. Quando furioso, ele ficava ainda mais

parecido com o pai, o rosto vermelho e arrogante.

Jay perguntou:

— Que diabos há com você? — Mas Robert jogou as rédeas para o cavaleiro e entrou na casa batendo os pés.

Quando Jay apeava de Nevasca, Lizzie apareceu, montada. Também estava aborrecida, mas a raiva que lhe coloria as bochechas e aumentava o brilho dos seus olhos a tornava mais bela ainda.

Jay encarou-a fixamente, fascinado. “Quero esta mulher”, pensou; “quero-a para mim”. Estava pronto a pedi-la em casamento naquele exato momento e ali mesmo, mas antes que pudesse falar, ela pulou do cavalo e disse:

— Sei que as pessoas que se comportam mal devem ser castigadas, mas não acredito em tortura, e você?

Jay não via nada demais em torturar criminosos, mas não ia lhe dizer isto; não enquanto estava naquele estado de espírito.

— Claro que não acredito — disse. — Você veio da boca da mina?

— Foi horrível! Eu disse a Robert para soltar o homem, mas ele se recusou.

Então ela havia brigado com Robert. Jay ocultou seu deleite.

— Você nunca tinha visto um homem andar na roda? Não é tão raro.

— Não, nunca vi. E não sei como permaneci tão desgraçadamente ignorante a respeito da vida dos mineiros. Suponho que me protegessem da melancólica verdade porque eu era uma garota.

— Robert também parecia zangado com alguma coisa — sondou Jay.

— Todos os mineiros cantaram um hino e não quiseram se calar quando ele mandou.

Jay ficou satisfeito. Tudo indicava que Robert estava em um dos seus piores momentos. “Minhas chances de sucesso estão melhorando a cada minuto”, pensou ele exultante.

Um cavaleiro levou o cavalo dela e os dois atravessaram o pátio para entrar no castelo. Robert estava conversando com Sir George no saguão.

— Foi um ato de total desafio — estava dizendo Robert. — Seja o que for que aconteça, temos de nos assegurar de que McAsh não saia desta impunemente.

Lizzie fez um barulho inesperado e Jay viu uma chance de marcar pontos com ela.

— Acho que devíamos considerar a possibilidade de deixar McAsh ir

embora — disse para o pai.

Robert disse:

— Não seja ridículo.

Jay lembrou o argumento de Harry Ratchett.

— O homem é um encenqueiro... ficaríamos melhor sem ele.

— Ele nos desafiou abertamente — protestou Robert. — Não se pode permitir que fique impune.

— Ele não ficou impune! — declarou Lizzie. — Sofreu a mais selvagem das punições!

Sir George disse:

— Não é selvagem, Elizabeth. Você tem que compreender que eles não sentem dor como nós sentimos. — Antes que ela pudesse protestar, ele virou-se para Robert. — Mas é verdade que ele não ficou impune. Os mineiros sabem agora que não podem sair aos vinte e um anos: nós provamos o nosso argumento. Pergunto-me se não deveríamos permitir discretamente que ele desaparecesse.

Robert não se satisfez.

— Jimmy Lee é um encenqueiro, mas nós o trouxemos de volta.

— É um caso diferente — arguiu o pai. — Lee é todo coração e não tem cérebro.

Nunca será um líder, não temos nada a temer dele. McAsh é feito de material de melhor qualidade.

— Eu não tenho medo de McAsh — disse Robert.

— Ele pode ser perigoso — disse o pai. — Sabe ler e escrever. É o bombeiro, o que significa que todos o admiram. E, a julgar pela cena que você me descreveu, já está a meio caminho de tornar-se um herói. Se o obrigarmos a permanecer aqui, vai criar caso o resto de sua vida miserável.

Robert bateu a cabeça relutantemente.

— Continuo achando que isto não me parece nada bom.

— Faça então com que pareça melhor — disse o pai. — Deixe um guarda na ponte.

McAsh irá por cima da montanha, provavelmente; nós simplesmente não o caçaremos. Não me importo com que pensem que escapou, desde que saibam que não tinha o direito de partir.

— Muito bem — disse Robert.

Lizzie dirigiu um olhar triunfante a Jay. Por detrás das costas de Robert formulou silenciosamente com a boca as palavras “Bem feito!” — Tenho que

lavar as mãos antes do jantar — disse Robert.

Ele desapareceu na direção dos fundos da casa, parecendo ainda meio irritado.

O pai entrou no seu estúdio. Lizzie lançou os braços em torno do pescoço de Jay.

— Você conseguiu! — disse. — Você o libertou! — Ela lhe deu um beijo exuberante.

Foi escandalosamente ousado e ele se sentiu chocado, mas logo se recuperou.

Envolveu-a pela cintura, puxou-a para junto de si, inclinou-se e beijou-a de novo. Desta vez foi um beijo diferente, lento, sensual e exploratório. Jay fechou os olhos para concentrar-se no que sentia. Esqueceu que estavam no aposento mais público do castelo do seu pai, onde família e convidados, vizinhos e servos passavam constantemente. Por sorte ninguém entrou e o beijo não foi perturbado. Quando se separaram, sem fôlego, ainda estavam sozinhos.

Ansioso, Jay percebeu que aquele era o momento para pedi-la em casamento.

— Lizzie... — Ele não saberia dizer por quê, mas não conseguiu tocar no assunto.

— O quê?

— O que eu quero dizer... você não pode casar com Robert, agora.

— Posso fazer o que eu quiser — respondeu ela, imediatamente.

Claro que aquele era o modo errado de lidar com Lizzie. Nunca lhe dizer o que pode e o que não pode fazer.

— Eu não quis dizer...

— Pode ser que Robert saiba beijar melhor do que você — disse ela, com um sorriso malicioso.

Jay riu.

Lizzie encostou a cabeça no peito dele.

— Claro que eu não posso casar com ele, não agora.

— Porque...

Ela o encarou.

— Porque vou me casar com você, não vou?

Ele mal pôde crer no que acabara de ouvir.

— Bem... sim!

— Não é isto que você ia me perguntar?

— Para falar a verdade... é, sim.

— Pronto, aí está então a sua resposta. Agora pode me beijar de novo.

Sentindo-se um pouco aturdido, ele abaixou a cabeça de encontro à dela. Assim que seus lábios se encontraram, Lizzie abriu a boca e Jay ficou chocado e deliciado ao sentir a ponta da sua língua abrir caminho hesitantemente. Aquilo o fez perguntar-se quantos outros rapazes ela teria beijado, mas não era hora de indagar. Ele reagiu do mesmo modo. Sentiu que ficava excitado, por baixo dos culotes, e ficou embaraçado, receando que ela notasse. Lizzie comprimiu o corpo de encontro ao dele e Jay teve certeza de que sentiu sua excitação. Ela ficou imóvel por um momento, como se insegura quanto ao que fazer, e depois chocou-o de novo, pressionando o corpo contra o dele, como se estivesse ansiosa por sentir sua virilidade.

Jay tinha conhecido garotas experientes, nas tavernas e cafés de Londres que beijavam e se esfregavam nos homens com a maior facilidade; mas com Lizzie era diferente, como se ela estivesse fazendo aquilo pela primeira vez.

Jay não ouviu a porta abrir. De repente Robert estava berrando no seu ouvido:

— Que diabo está acontecendo aqui?

Os enamorados se separaram.

— Calma, Robert — disse Jay.

Robert estava furioso.

— O que é que você pensa que está fazendo? — indagou ele, com veemência.

— Está tudo bem, irmão — disse Jay. — Você vê, estamos noivos e vamos nos casar.

— Seu miserável! — urrou Robert, golpeando-o com um soco.

Foi um golpe violento, mas dado de qualquer maneira, e Jay pôde esquivar-se com facilidade, mas Robert avançou contra ele com uma saraivada de socos. Jay não lutava com o irmão desde quando eram meninos, mas se lembrava de que Robert era forte, embora de movimentos lentos. Depois de se desviar de uma chuva de golpes, ele correu na direção de Robert e atracou-se com ele.

Para seu assombro, Lizzie pulou nas costas de Robert, batendo na cabeça dele com o punho fechado e gritando:

— Deixe-o em paz! Deixe-o em paz!

A cena fez com que Jay risse e ele não pôde continuar brigando. Largou Robert.

Robert acertou-o com um soco que o atingiu bem debaixo do olho. Jay tropeçou e caiu no chão. Com o olho são viu Robert lutando para tirar Lizzie das costas. A despeito da dor que sentia no rosto, Jay caiu na gargalhada de novo.

A mãe de Lizzie entrou na sala, seguida rapidamente por Alicia e Sir George. Após um momento de choque, Lady Hallim disse:

— Elizabeth Hallim, saia de cima desse homem imediatamente!

Jay pôs-se de pé e Lizzie desencostou-se de Robert. Os três pais estavam tão bestificados que não conseguiram falar. Com uma das mãos sobre o olho ferido, Jay fez uma reverência para a mãe de Lizzie e disse:

— Lady Hallim, tenho a honra de pedir a mão de sua filha em casamento.

— Seu maldito idiota, não terá como se sustentar! — disse Sir George, alguns minutos depois.

As famílias tinham se separado para discutir a chocante novidade em particular. Lady Hallim e Lizzie subiram. Sir George, Jay e Alicia foram para o estúdio. Robert saíra batendo com os pés para ficar sozinho em algum lugar.

Jay conteve uma resposta ressentida. Lembrando do que a mãe sugerira, disse:

— Tenho certeza de que sou capaz de administrar High Glen melhor do que Lady Hallim. Tem quinhentos hectares ou mais, pode produzir o bastante para sustentar a todos nós.

— Seu estúpido, você não terá High Glen. Está hipotecada.

Jay ficou humilhado com o repúdio escarninho do pai, e sentiu o sangue subir ao rosto.

Sua mãe intrometeu-se:

— Jay pode levantar novas hipotecas.

O pai pareceu espantar-se.

— Quer dizer então que você está do lado do menino nesta questão?

— Você se recusou a lhe dar alguma coisa. Quer que ele lute por tudo, da maneira como você fez. Pois bem, ele está lutando, e a primeira coisa que conseguiu foi Lizzie Hallim.

Você não pode se queixar.

— Foi ele quem a conseguiu, ou você fez isso por ele? — perguntou Sir George astutamente.

— Não fui eu que a levei à mina — retrucou Alicia.

— Nem a beijou no saguão. — O tom de voz de Sir George passou a ser resignado. — Muito bem. Ambos têm mais de vinte e um anos, de modo que se querem ser idiotas, suponho que não possamos detê-los. — Uma expressão astuciosa surgiu no rosto dele. — De qualquer modo o carvão de High Glen virá para a nossa família.

— Oh, não, não virá — disse Alicia.

Tanto Jay quanto Sir George a encararam espantados. Sir George perguntou:

— O que diabo você está querendo dizer?

— Você não vai escavar minas na terra de Jay. Por que deveria?

— Não seja tola, Alicia! Há uma fortuna em carvão no subsolo de High Glen. Seria um pecado deixá-lo lá.

— Jay pode arrendar os direitos de mineração a alguma outra pessoa. Há diversas companhias ansiosas para abrir novos poços... ouvi você dizendo isso.

— Você não iria fazer negócio com meus rivais! — exclamou Sir George.

A mãe era tão forte, Jay viu-se cheio de admiração. Mas ela parecia ter esquecido as objeções de Lizzie à mineração. Ele disse:

— Mas, mãe, lembra que Lizzie...

Sua mãe lançou-lhe um olhar de advertência e o interrompeu, dizendo para o pai:

— Jay pode preferir fazer negócio com seus rivais. Depois do modo como você o insultou no seu vigésimo-primeiro aniversário, o que é que ele lhe deve?

— Sou o pai dele, droga!

— Então comece a agir como pai dele. Dê-lhe os parabéns pelo noivado. Dê as boas-vindas à noiva como uma nova filha. Planeje uma festa de casamento generosa.

Ele a fitou por um momento.

— É isso que você quer?

— Não é tudo.

— Eu devia ter adivinhado. O que mais?

— O presente de casamento dele.

— O que você está querendo, Alicia?

— Barbados.

Jay quase pulou da cadeira. Não esperava aquilo. Como a mãe era

astuciosa!

— Fora de questão! — trovejou Sir George.

A mãe levantou-se.

— Pense nisso — disse, quase como se para ela tanto fizesse, de um jeito ou de outro.

— O açúcar é um problema, você sempre disse. Os lucros são grandes, mas sempre há dificuldades: falta de chuvas, escravos que adoecem e morrem, guerra de preços dos franceses, navios perdidos no mar. Enquanto que o carvão é fácil. Você escava, retira-o do subsolo e o vende. É como encontrar dinheiro no quintal, você me disse uma vez.

Jay estava entusiasmado. Podia ser que conseguisse o que queria, afinal. Mas e Lizzie?

Seu pai disse:

— Barbados está prometido a Robert.

— Não cumpra a promessa — disse a mãe. — Deus sabe o quanto você desapontou Jay.

— A plantação de açúcar é patrimônio de Robert.

A mãe dirigiu-se para a porta e Jay a seguiu.

— Já passamos por isto antes, George, e eu conheço todas as suas respostas. Mas agora a situação é diferente. Se você quer o carvão de Jay, tem que dar a ele algo em troca. E o que ele quer é a plantação de açúcar. Se não lhe der, não terá a mina. E uma escolha bem simples e você tem um bocado de tempo para pensar.

Dito isto ela saiu.

Jay a acompanhou e, no saguão, exclamou, baixinho:

— Você esteve maravilhosa! Mas Lizzie não permitirá que minerem High Glen.

— Eu sei, eu sei — disse a mãe, impaciente. — Isto é o que ela diz agora. Pode mudar de ideia.

— E se não mudar? — quis saber Jay impacientemente.

— Atravessaremos a ponte quando chegar a hora — respondeu a mãe.

Lizzie desceu a escada usando uma capa de pele tão grande que a embrulhava duas vezes e arrastava no chão. Tinha que sair por algum tempo.

A casa estava cheia de tensões.

Robert e Jay se odiavam, a mãe estava furiosa com Lizzie, Sir George estava com raiva de Jay e havia hostilidade também entre Alicia e Sir George. O jantar fora incrivelmente tenso.

Quando estava atravessando o saguão, Robert surgiu das sombras. Ela parou e olhou para ele.

— Sua vagabunda — disse Robert.

Era um insulto grosseiro a uma dama, mas Lizzie não se deixava ofender facilmente por simples palavras, e de qualquer modo Robert tinha o direito de estar zangado.

— Você devia ser que nem um irmão para mim agora — disse ela, em tom conciliador.

Ele agarrou-a pelo braço, apertando com força.

— Como é que você pôde preferir aquele filho da mãe puxa-saco a mim?

— Apaixonei-me por ele — disse ela. — Largue o meu braço.

Ele apertou com mais força, o rosto congestionado de fúria.

— Vou lhe dizer uma coisa — falou. — Mesmo que não consiga ter você, High Glen será minha.

— Não mesmo — disse ela. — Quando me casar, High Glen passará a ser propriedade do meu marido.

— Espere e verá.

Ele a estava machucando.

— Largue o meu braço senão eu grito — disse ela, em um tom de voz perigoso.

Ele a soltou.

— Você vai se arrepender disto pelo resto da vida — disse, afastando-se.

Lizzie saiu pela porta do castelo e puxou a capa com mais força para abrigar-se. O céu tinha ficado parcialmente claro, e a lua aparecera: ela podia ver o bastante para escolher o caminho que atravessava a entrada do castelo e

descer o gramado que ia dar no rio.

Não sentia remorsos por ter desapontado Robert. Ele nunca a amara. Se a tivesse amado, estaria triste, mas não era o caso. Em vez de ter se aborrecido por perdê-la, estava furioso porque seu irmão levava a melhor sobre ele.

Assim mesmo, o encontro com Robert a abalara. Ele tinha a mesma desumana determinação do pai. Claro que não poderia tirar-lhe High Glen. Mas o que poderia fazer?

Ela o tirou da cabeça. Tinha o que queria: Jay em vez de Robert. Agora estava ansiosa por planejar o casamento e arrumar a casa. Mal podia esperar para viver com ele, e dormir na mesma cama e acordar todas as manhãs com a cabeça dele no travesseiro ao lado da sua.

Estava emocionada e apavorada. Conhecera Jay toda a sua vida, mas desde que se tornara um homem, passara apenas uns poucos dias com ele. Estava dando um salto no escuro. “Mas o casamento”, pensou, “no fim era sempre um salto no escuro: nunca se podia realmente conhecer outra pessoa enquanto não se vivesse com ela.” A mãe ficou transtornada. Seu sonho era que Lizzie desposasse um homem rico e desse um fim aos seus anos de pobreza. Mas tinha que aceitar que Lizzie tivesse seus próprios sonhos.

Lizzie não estava preocupada com dinheiro. No fim Sir George provavelmente daria alguma coisa a Jay, mas se não desse, eles poderiam morar na casa de High Glen. Alguns proprietários de terra escoceses estavam derrubando suas florestas e arrendando a terra para criação de ovelhas: Jay e Lizzie podiam tentar isso no princípio, para conseguir algum dinheiro.

Fosse o que fosse que acontecesse, seria divertido. O que mais apreciava em Jay era o seu senso de aventura. Ele estava disposto a galopar por entre as florestas, mostrar-lhe a mina de carvão ou ir viver nas colônias.

Perguntou-se se isso ainda iria acontecer algum dia. Jay ainda tinha esperança de conseguir a propriedade em Barbados. A ideia de viajar para o exterior excitava Lizzie quase tanto quanto a perspectiva de se casar. Dizia-se que a vida nas colônias era despreocupada e sem cerimônia, sem as formalidades rígidas que ela achava tão irritantes na sociedade britânica. Imaginava-se jogando fora suas anáguas e saias-balão, cortando o cabelo curto e passando o dia inteiro em cima de um cavalo empunhando um mosquete.

Jay tinha defeitos? A mãe dizia que ele era fútil e egoísta, mas Lizzie jamais conhecera um homem que não o fosse. A princípio pensara que fosse

fraco, por não enfrentar mais o irmão e o pai, mas agora achava que tinha se enganado, pois ao pedi-la em casamento, desafiara a ambos.

Lizzie chegou na margem do rio. Não era um regato nas montanhas, um fio d'água descendo o vale. Tinha trinta metros de largura e era uma torrente profunda e ligeira. O luar se refletia na superfície irregular em manchas de prata, como um mosaico esmagado.

O ar estava tão frio que doía respirar, mas a capa de pele mantinha o seu corpo aquecido. Lizzie encostou-se no tronco grosso de um velho pinheiro e ficou contemplando a água agitada.

Enquanto olhava para o rio, viu movimento na margem contrária.

Não era bem na frente de onde se encontrava, e sim um pouco mais acima. A princípio pensou que pudesse ser um cervo: em geral eles se movimentam à noite. Não parecia ser um homem, pois sua cabeça era grande demais. Depois viu que era um homem com uma trouxa na cabeça. No momento seguinte ela entendeu. Ele aproximou-se da margem do rio, o gelo estalando sob seus pés e enfiou-se dentro d'água:

A trouxa devia ser das suas roupas. Mas quem iria nadar ali no meio de uma noite de inverno? Talvez fosse McAsh, atravessando o rio a nado para não ser visto pelo guarda da ponte.

Lizzie chegou a estremecer dentro do casaco de pele, quando pensou como a água devia estar fria. Era difícil imaginar como um homem podia nadar ali e continuar vivo.

Sabia que devia ir embora. Só podia resultar em confusão, ficar ali e observar um homem nu nadar no rio. Mesmo assim sua curiosidade era demasiada para se conter e Lizzie permaneceu imóvel vendo a cabeça dele atravessar a torrente em uma velocidade constante. A forte correnteza obrigou-o a tomar um rumo diagonal, mas o ritmo de suas braçadas não se alterou: ele parecia forte. Alcançaria a margem oposta uns vinte ou trinta metros acima do ponto onde Lizzie se encontrava.

Mas quando estava a meio caminho, ele sofreu um golpe de má sorte. Lizzie viu uma sombra escura correndo na sua direção sobre a superfície da água, e deduziu que se tratava de uma árvore caída. O nadador pareceu não vê-la até quando esta ficou sobre ele.

Um galho grosso bateu na sua cabeça e seus braços ficaram emaranhados na folhagem.

Lizzie levou um susto quando ele afundou. Firmou a vista nos galhos, procurando pelo homem: ainda não sabia se era McAsh. A árvore se

aproximou mais dela mas ele não reapareceu.

— Por favor, não se afogue — murmurou. A árvore passou por onde Lizzie se encontrava, mas ainda não havia sinal dele.

Pensou em correr em busca de ajuda, mas estava a uns quinhentos metros ou mais do castelo: quando voltasse, ele já estaria bem mais abaixo, morto ou vivo. “Mas talvez devesse tentar assim mesmo”, pensou.

Quando estava ali sofrendo a agonia da indecisão, ele voltou à superfície, um metro atrás da árvore flutuante.

Miraculosamente, a trouxa ainda estava amarrada na sua cabeça. Mas ele não conseguia mais nadar com aquelas braçadas firmes de antes: chapinhava n'água sacudindo os braços e chutando, respirando em grandes arquejos, tossindo e cuspiendo.

Lizzie desceu até a linha d'água. A água gelada encharcou suas sapatilhas de seda e congelou-lhe os pés.

— Aqui! — bradou. — Eu vou puxar você para fora d'água!

Ele pareceu não ouvir, mas continuou a se bater, como se, por ter quase se afogado, não pudesse pensar em mais nada senão na sua respiração. Até que pareceu acalmar-se e olhar em torno para ver onde estava. Lizzie o chamou de novo.

— Aqui! Deixa eu ajudar!

O homem cuspiu e arquejou mais e sua cabeça afundou, mas subiu quase que imediatamente e ele nadou na direção dela, batendo exageradamente com os braços mas deslocando-se na direção certa.

Lizzie ajoelhou-se na lama, indiferente ao vestido de seda e à capa de pele. A impressão que tinha era de que seu coração estava na boca. Quando o homem se aproximou, ela estendeu a mão. Ele balançava os braços erratically. Lizzie conseguiu agarrar um pulso e puxou na sua direção. Depois pegou o braço dele com ambas as mãos e o içou. Ele bateu no lado e desabou, metade na margem e metade dentro d'água. Lizzie mudou a posição das mãos, passando a pegá-lo por baixo do braço, enterrou as elegantes sapatilhas na lama e puxou de novo. Ele fez força com as mãos e os pés e, finalmente, conseguiu sair de dentro d'água e passou para a margem.

Lizzie o fitou, jazendo ali nu, encharcado e semimorto como um monstro marinho apanhado por um pescador gigantesco.

Como ela adivinhara, o homem cuja vida salvara era Malachi McAsh.

Ela sacudiu a cabeça, especulando. Que tipo de homem seria ele? Nos últimos dois dias tinha sofrido uma explosão do gás da mina, fora sujeito a

uma tortura excruciante, e mesmo assim ainda tinha resistência e coragem para atravessar a nado aquele rio gelado para fugir. Simplesmente não desistia nunca.

Ele estava deitado de costas, arquejando asperamente e tremendo de maneira incontrolável. A argola de ferro sumira: ela gostaria de saber como teria se livrado dela. Sua pele molhada brilhava como prata à luz da lua. Era a primeira vez que Lizzie via um homem nu e, a despeito de sua preocupação pela vida dele, estava fascinada por ver o seu pênis, um tubo franzido aninhado em uma massa de pelos escuros e anelados na forquilha das coxas musculosas.

Se ficasse deitado ali por muito tempo, Mack ainda podia morrer de frio. Lizzie ajoelhou-se diante dele e desamarrou a trouxa presa à sua cabeça. Em seguida colocou a mão no seu ombro. Ele estava tão frio quanto a morte.

— Levanta! — disse ela, nervosa.

Ele não se mexeu.

Sacudiu-o, sentindo seus músculos poderosos sob a pele.

— Levanta, senão você vai morrer! — Agarrou-o com ambas as mãos, mas sem a vontade dele não era possível nem sacudi-lo; era como se fosse feito de pedra. — Mack, por favor, não morra — disse Lizzie, e havia um soluço em sua voz.

Finalmente ele se moveu. Ficou de quatro, devagar, depois estendeu o braço e pegou a mão de Lizzie. Com sua ajuda conseguiu pôr-se de pé.

— Graças a Deus — murmurou ela.

Mack apoiou-se pesadamente em Lizzie mas ela conseguiu aguentá-lo sem cair. Tinha que aquecê-lo de alguma maneira. Abriu a capa e apertou o corpo de Mack de encontro ao seu. Sentiu nos seios o frio terrível da carne dele através da seda do vestido. Mack agarrou-se a ela, o corpo grande e musculoso sugando o calor do corpo de Lizzie. Era a segunda vez que se abraçavam e de novo ela sentiu uma poderosa sensação de intimidade com ele, quase como se fossem amantes.

Mack não podia esquentar-se enquanto estivesse molhado.

Lizzie tinha que dar um jeito de secá-lo. Precisava de uma fazenda, qualquer coisa que pudesse usar como toalha. Estava usando diversas anáguas de linho: podia gastar uma com ele.

— Você pode ficar de pé sozinho agora? — perguntou.

Ele conseguiu fazer que sim entre dois acessos de tosse. Lizzie soltou-o e levantou a saia. Sentiu os olhos dele, a despeito de sua condição, quando

rapidamente removeu uma anágua. Em seguida começou a esfregar todo o corpo dele com ela.

Secou seu rosto e esfregou lhe o cabelo, em seguida foi para trás e secou-lhe as costas largas e as nádegas duras e compactas.

Ajoelhou-se para esfregar as pernas. Levantou de novo e virou-o para secar-lhe o tórax e ficou chocada ao ver que seu pênis estava crescendo e ficando duro.

Devia ter ficado enojada e horrorizada, mas não ficou.

Ficou fascinada e intrigada; sentiu-se tolamente orgulhosa por ter sido capaz de causar tal efeito num homem; e sentiu algo mais, uma dor dentro dela que a fez engolir em seco. Não era a alegre excitação que sentira ao beijar Jay: isto não tinha nada a ver com provocação e troca de carícias. De repente teve medo de que McAsh a atirasse no chão, rasgasse suas roupas e a violentasse, e a parte mais assustadora de tudo é que havia uma pequena parte dentro dela que queria que isto acontecesse.

Mas seu medo era infundado.

— Desculpe — resmungou ele.

Virou-se de costas, abaixou-se junto da sua trouxa e retirou um par de calções encharcados. Torceu até sair quase toda a água, vestiu e o coração de Lizzie começou a bater no ritmo normal. Quando Mack começou a torcer uma camisa, Lizzie deu-se conta de que, se vestisse roupas molhadas agora, provavelmente morreria de pneumonia ao raiar do dia. Mas não podia ficar nu.

— Deixa eu apanhar umas roupas para você lá no castelo — disse ela.

— Não — disse Mack. — Vão querer saber o que você está fazendo.

— Posso entrar e sair sem que me vejam... e tenho as roupas de homem que usei para descer na mina.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não vou me demorar. Assim que começar a andar ficarei mais quente.

Ele começou a torcer a água de um cobertor xadrez.

Cedendo a um impulso, tirou a capa de pele. Era tão grande que serviria em Mack. Era cara e talvez nunca mais tivesse uma igual, mas salvaria a vida dele. Recusou-se a pensar em como explicaria à sua mãe o desaparecimento da capa.

— Use isto então e carregue o cobertor xadrez até que tenha uma chance para secá-lo.

Sem esperar pela resposta afirmativa de Mack, colocou a capa sobre seus ombros. Ele hesitou, mas se enrolou nela. Agradecido. Era grande o bastante para cobri-lo completamente.

Lizzie pegou a trouxa e tirou as botas de Mack. Ele entregou-lhe o cobertor molhado que ela enfiou dentro da trouxa. ao —fazê-lo, sentiu a argola de ferro. Pegou-a. O anel de ferro fora quebrado e a coleira amassada para poder ser tirada.

— Como conseguiu fazer isto? — quis saber Lizzie.

Ele calçou as botas.

— Arrombei a oficina do ferreiro da boca da mina e usei as ferramentas de Taggart.

“Ele não podia ter feito aquilo sozinho”, pensou ela. “A irmã devia tê-lo ajudado”.

— Por que a está levando?

Ele parou de tremer e seus olhos brilharam de raiva.

— Para nunca esquecer. Nunca.

Lizzie guardou a argola e apalpou um livro grande no fundo da bolsa.

— O que é isto? — quis saber.

— Robinson Crusoé.

— Minha história favorita!

Ele tirou a bolsa de suas mãos. Estava pronto para ir embora.

Lizzie lembrou que Jay persuadira Sir George a deixar McAsh partir.

— Os guardas não o perseguirão — disse ela.

Mack dirigiu-lhe um olhar duro. Havia esperança e ceticismo na sua expressão.

— Como é que você sabe?

— Sir George decidiu que você é tão encraveiro que será melhor se livrar de você.

Deixou um guarda na ponte, porque não quer que os mineiros saibam que está permitindo que vá embora; mas espera que consiga passar, e não vai tentar trazê-lo de volta.

Uma expressão de alívio apareceu no seu rosto fatigado.

— Então eu não preciso me preocupar com os homens do xerife — disse. — Graças a Deus.

Sem a capa, Lizzie estremeceu de frio, mas sentia-se quente por dentro.

— Ande depressa e não pare para descansar — disse. — Se parar antes do raiar do dia, morrerá. — Ela perguntou-se onde ele iria, e o que faria com

o resto da sua vida.

Ele fez que sim e depois esticou a mão. Ela apertou-a, mas, para sua surpresa, ele levou a sua mão aos lábios e beijou. Só então foi embora.

— Boa sorte — disse ela serenamente.

As botas de Mack esmagaram o gelo nos buracos da estrada quando ele começou a descer o vale à luz do luar, mas seu corpo se aqueceu rapidamente sob a capa de pele de Lizzie Hallim.

Sem ser as suas pegadas, o único barulho era o rumorejar do rio que corria ao longo da trilha. Mas o seu espírito cantava o hino da liberdade.

À medida que se afastava do castelo, ele começou a ver o lado curioso e até mesmo engraçado do seu encontro com a Srta. Hallim.

Lá estava ela, num vestido bordado, sapatilhas de seda e um penteado que devia ter exigido pelo menos duas criadas e meia hora para ser feito, e ele tinha vindo nadando pelo rio, nu como no dia em que nascera. Ela devia ter sentido um choque!

No domingo anterior, na igreja, ela agira como uma típica aristocrata escocesa, arrogante, obtusa e presunçosa.

Mas tivera coragem para aceitar o desafio de Mack e descer à mina.

E agora ela salvara sua vida duas vezes: uma puxando-o de dentro d'água, a outra quando lhe dera sua capa. Era uma mulher notável. Pressionara o corpo contra o dele para aquecê-lo, depois se ajoelhara e o secara com uma anágua: haveria alguma outra dama na Escócia que teria feito aquilo por um mineiro?

Lembrou dela caindo nos seus braços lá na mina, e da sensação do seu seio, pesado e macio na mão dele. Era uma pena pensar que nunca mais a veria de novo. Esperava que ela também encontrasse um meio de escapar daquele lugar pequeno. Seu senso de aventura merecia horizontes mais amplos.

Um grupo de fêmeas de veado, pastando ao lado da estrada protegidas pela escuridão, fugiu galopando quando Mack se aproximou... um rebanho de fantasmas; ele ficou sozinho.

Sentia-se muito cansado. “Andar na roda” o desgastara mais do que ele imaginara.

Parecia que um corpo humano não era capaz de se recuperar daquilo em dois dias. Atravessar o rio a nado deveria ter sido fácil, mas o encontro com a árvore flutuante o exaurira por completo de novo. Sua cabeça ainda doía no ponto onde a árvore batera.

Por sorte não tinha que ir muito longe naquela noite. Andaria apenas até Craigie, uma aldeia uns dez quilómetros abaixo. Lá se refugiaria na casa do irmão de sua mãe, tio Eb, e descansaria até o dia seguinte. Dormiria melhor sabendo que os Jamisson não tencionavam persegui-lo.

Pela manhã ele encheria a barriga com mingau e presunto e seguiria para Edimburgo.

Uma vez lá, embarcaria no primeiro navio que o contratasse, não importa para onde se destinasse; qualquer lugar, de Newcastle a Pequim serviria a seu propósito.

Mack sorriu com a própria bravata. Nunca se arriscara além de Coats, a cidade onde ficava o mercado, a trinta e seis quilómetros de distância, não tendo inclusive jamais ido a Edimburgo, mas dizia a si próprio que estava disposto a embarcar para destinos exóticos, como se soubesse o que encontraria lá.

Enquanto percorria a trilha lamacenta cheia de sulcos, começou a se sentir solene a respeito da viagem. Estava deixando o único lar que conhecera, o lugar onde nascera e onde seus pais tinham morrido. Estava deixando Esther, amiga e aliada, embora esperasse tirá-la de Heugh antes que se passasse muito tempo. Estava deixando Annie, a prima que lhe ensinara como beijar e como tocar o corpo como se fosse um instrumento musical. Mas sempre soubera que aquilo ia acontecer. Desde que se entendia por gente que sonhava em fugir. Tinha invejado o mendigo Davey Patch, e ansiara pela liberdade de que ele desfrutava.

Agora ele a tinha. Sentiu-se cheio de entusiasmo de pensar no que fizera. Ele tinha fugido!

Não sabia o que o futuro lhe traria. Poderia haver pobreza, sofrimento e perigo.

Mas não seria outro dia no fundo do poço da mina, outro dia de escravidão, outro dia como propriedade de Sir George Jamisson. Amanhã seria o senhor do seu próprio destino.

Chegou a uma curva da estrada e olhou para trás. Ainda podia ver o castelo Jamisson, a linha do seu telhado de ameias iluminada pela lua. “Nunca verei aquilo de novo”, pensou. E o pensamento o fez tão feliz que ele se pôs a dançar ali mesmo no meio da estrada de lama, assobiando uma melodia e rodopiando. Até que parou, riu baixinho de si próprio, e continuou descendo o vale.

PARTE 2

LONDRES

Shylock usava calças largas, um camisolão preto comprido e um chapéu de três bicos.

O ator era horripilantemente feio, com um nariz enorme, o queixo duplo comprido e uma boca que não passava de uma fenda disposta numa permanente careta de um lado só. Ele entrou no palco com um passo lento e deliberado, a imagem do mal. Em um grunhido voluptuoso, disse:

— Três mil ducados.

Um arrepio percorreu o público.

Mack estava fascinado. Mesmo no fundo da plateia, onde se encontrava com Dermot Riley, a multidão mantinha-se imóvel e em silêncio. Shylock falava cada palavra com a voz rouca entre um grunhido e um ladrido. Seus olhos brilhavam por baixo das sobrancelhas hirsutas.

— Três mil ducados por três meses, e António é obrigado a...

Dermot cochichou no ouvido de Mack.

— Esse é Charles Macklin, um irlandês. Matou um homem e foi a julgamento, mas alegou legítima defesa e foi inocentado.

Mack praticamente não ouviu o que o outro disse. Ele sabia que havia essas coisas de teatros e peças, claro, mas nunca imaginara que seriam assim: o calor, as fumacentas lâmpadas de óleo, os trajes fantásticos, os rostos pintados e acima de tudo a emoção: fúria, paixão, amor, inveja, tudo retratado em cores tão vivas, que o coração dele batia com tanta força como se fosse verdade.

Quando Shylock descobriu que sua filha fugira, deslocou-se ruidosamente pelo palco, sem chapéu, cabelos voando, em uma fúria de dor e aflição, gritando, “Você sabia!” como um homem sofrendo os tormentos do inferno. E quando disse, “Já que sou um cachorro, cuidado com minhas presas!”, lançou-se para a frente como se quisesse voar por cima das luzes do palco. E toda a plateia recuou.

Ao sair do teatro, Mack perguntou a Dermot:

— É assim que são os judeus?

Ele nunca tinha visto um judeu, que soubesse, mas a maioria dos personagens da Bíblia eram judeus e não eram retratados daquele modo.

— Eu conheci judeus, mas nenhum como Shylock, graças a Deus —

respondeu Dermot. — Mas todo mundo odeia os agiotas. Eles são bons quando você precisa de um empréstimo, mas é na hora de pagar que complica.

Londres não tinha muitos judeus, mas estava cheia de estrangeiros. Havia marinheiros asiáticos de pele escura chamados lascars; huguenotes da França; milhares de africanos de pele escura e cabelo encarapinhado e um número incontável de irlandeses como Dermot. Para Mack, aquilo era parte da excitação da cidade. Na Escócia todo mundo parecia ter a mesma cara.

Ele amava Londres. Emocionava-se todas as manhãs quando acordava e se lembrava de onde estava. A cidade era cheia de atrações e surpresas, pessoas estranhas e experiências novas.

Adorava o tentador cheiro de café das dezenas de casas de café, embora não pudesse se dar ao luxo de bebê-lo. Admirava as cores deslumbrantes das roupas — amarelo-brilhante, púrpura, verde-esmeralda, vermelho, azul-celeste — usadas por homens e mulheres.

Ouvia os rebanhos mugindo, apavorados, sendo tocados pelas ruas estreitas da cidade para serem levados aos matadouros, e esquivava-se dos enxames de crianças quase nuas, mendigando e roubando.

Via prostitutas e bispos, ia a touradas e leilões, provou banana, gengibre e vinho tinto.

Tudo era muito excitante. E o melhor era que era livre para ir para onde bem entendesse e fazer o que bem quisesse.

Claro que tinha que ganhar a vida. Não era fácil. Londres estava superlotada, com famílias morrendo de fome, que tinham vindo das regiões rurais onde não havia comida, pois tinham sido dois anos de más colheitas. Havia também milhares de operadores manuais de teares de seda que haviam perdido o emprego por causa das novas fábricas no norte, segundo Dermot. Para cada emprego havia cinco candidatos desesperados. Os infelizes tinham que implorar, roubar, se prostituir ou morrer de fome.

Dermot, por exemplo, era tecelão. Tinha mulher e cinco filhos morando em dois quartos em Spitalfields. A fim de sobreviver, tinham que sublocar o quarto de trabalho de Dermot, e Mack dormia lá, no chão, ao lado do grande e silencioso tear que ali permanecia como um monumento aos azares da vida na cidade.

Mack e Dermot procuravam trabalho juntos. Às vezes eram contratados como garçons em cafés, mas só duravam um dia, ou dois; Mack era grande e desajeitado demais para carregar as bandejas e servir bebidas em copos

pequenos, e Dermot, sendo orgulhoso e desconfiado, sempre acabava insultando um freguês, mais cedo ou mais tarde. Um dia Mack foi contratado como laçao em uma mansão em Clerkenwell mas demitiu-se na manhã seguinte, depois que o dono e a dona da casa pediram para que fosse para a cama com eles.

Naquele dia tinham conseguido trabalho como carregadores de imensas cestas de peixe no mercado do cais em Billingsgate. Ao final do dia Mack relutara em gastar seu dinheiro num ingresso de teatro, mas Dermot jurou que ele não se arrependeria. E Dermot estava com a razão: teria valido a pena pagar duas vezes o preço do ingresso para ver tal maravilha.

Assim mesmo, Mack preocupava-se sobre quanto tempo levaria para economizar o dinheiro necessário para buscar Esther.

Andando na direção leste após o teatro, seguindo para Spitalfields, atravessaram Covent Garden, onde prostitutas os abordaram dos portais das casas. Mack estava em Londres há quase um mês, e estava começando a se acostumar com o sexo sendo oferecido em cada esquina. As mulheres eram de todos os tipos, jovens e velhas, feias e bonitas, algumas vestidas como damas finas e outras esfarrapadas. Nenhuma delas tentava Mack, embora houvesse muitas noites em que ele pensava com desejo em sua luxuriosa prima Annie.

Na Strand ficava The Bear, uma taverna caiada e construída irregularmente em diversas direções, com um salão de café e diversos bares em torno de um pátio. O calor do teatro os deixara sedentos, e os dois entraram para tomar um drinque. A atmosfera era quente e enfumaçada. Compraram um litro de cerveja.

— Vamos dar uma olhada lá nos fundos — disse Dermot.

A taverna era um local de esportes. Mack já estivera ali antes, e sabia das brigas de cães contra ursos acorrentados, brigas de cães entre si, duelos de espada entre mulheres gladiadoras e todos os tipos de divertimento eram realizados no pátio dos fundos.

Quando não havia um entretenimento organizado, o dono jogava um gato no lago dos patos e atiçava quatro cães em cima dele, uma brincadeira que gerava acessos de riso entre os bebedores.

Naquela noite um ringue de boxe fora armado, iluminado por numerosas lanternas a óleo. Um anão, vestindo um terno de seda e sapatos de fivela, arengava para um grupo de bebedores.

— Uma libra para quem quer que consiga derrubar Bermondsey

Grandalhão! Vamos, meus rapazes, há algum corajoso entre vocês?

Ele deu três saltos mortais.

Dermot disse para Mack.

— Você poderia derrubá-lo, na minha opinião.

O tal de Bermondsey Grandalhão era um homem cheio de cicatrizes envergando apenas calções e um par de botas pesadas. Sua cabeça era escanhoada e ele tinha no rosto as marcas de muitas lutas. Era alto e pesado, mas parecia estúpido e lento.

— Suponho que sim — concordou Mack.

Dermot entusiasmou-se.

— Ei, baixinho, aqui está um freguês para você.

— Um desafiante! — berrou o anão, e a multidão gritou e aplaudiu.

Uma libra era um bocado de dinheiro, uma semana de salário para muita gente. Mack sentiu-se tentado.

— Tudo bem — disse.

A multidão aplaudiu de novo.

— Cuidado com os pés dele — alertou Dermot. — Deve ter aço naquelas botas.

Mack fez que sim, tirando o casaco.

— Esteja pronto para se defender assim que entrar no ringue. Não haverá espera por um sinal que dê início à luta, se é que me entende — acrescentou Dermot.

Era um truque comum nas brigas na mina. O meio mais rápido para vencer era começar antes que o outro estivesse pronto. Um homem dizia: “Vamos brigar lá no túnel, onde há mais espaço”, depois golpeava seu oponente assim que ele cruzava a vala de drenagem.

O ringue era um círculo malfeito de corda da altura da cintura, apoiada em velhos degraus de madeira enfiados na lama. Mack aproximou-se, com a advertência de Dermot na cabeça. Quando levantou o pé para passar por cima da corda, Bermondsey Grandalhão avançou contra ele.

Mack estava preparado e recuou, recebendo de raspão na testa um soco do sólido pulso do Grandalhão. A multidão deixou escapar um grito sufocado.

Mack agiu sem pensar, como uma máquina. Pisou rapidamente no ringue e deu um chute na canela do Grandalhão por baixo da corda, fazendo com que ele tropeçasse. Um grito de entusiasmo da plateia saudou o golpe e Mack ouviu a voz de Dermot gritando:

— Mate-o, Mack!

Antes que o homem pudesse recuperar o equilíbrio, Mack golpeou-o dos dois lados da cabeça, esquerdo e direito, e depois mais uma vez na ponta do queixo com um uppercut que tinha toda a força dos seus ombros por trás. As pernas do Grandalhão cederam, seus olhos rolaram para cima, ele cambaleou dois passos para trás e caiu duro de costas.

A multidão urrou de entusiasmo.

A luta estava acabada.

Mack olhou para o homem no chão e viu um monstro destroçado, liquidado e inútil. Desejou que não o tivesse enfrentado. Sentindo-se deprimido, afastou-se.

Dermot tinha dado uma chave de braço no anão.

— O diabinho tentou fugir — explicou. — Queria roubar seu prêmio. Pague, baixinho.

Uma libra.

Com a mão livre, o anão tirou uma moeda de ouro de um bolso interno da camisa.

Fazendo uma careta, entregou-a a Mack.

Mack pegou o dinheiro, sentindo-se como um ladrão.

Um homem de feições grosseiras e roupas caras apareceu ao lado de Mack.

— Lutou bem — disse ele. — Tem experiência?

— De vez em quando lutava, lá na mina.

— Eu achei que você talvez fosse um mineiro. Agora escute. Estou organizando uma luta na Pelican, em Shadwell no sábado que vem. Se quer a chance de ganhar vinte libras em poucos minutos, colocarei você contra Rees Preece, a Montanha de Gales.

— Vinte libras! — exclamou Dermot. — Você não vai derrubá-lo tão rapidamente quanto esse monte de banha, mas terá uma chance.

Mack deu uma espiada no Grandalhão, um monte inútil num canto do

ringue.

— Não — disse.

— Por que diabos não quer lutar? — perguntou Dermot.

O promotor de lutas deu de ombros.

— Se não precisa do dinheiro...

Mack pensou em Esther, sua irmã gêmea, ainda carregando carvão na escadaria da mina de Heugh quinze horas por dia, esperando a carta que a libertaria de uma vida de escravidão. Vinte libras pagariam a passagem dela para Londres e ele poderia ter o dinheiro na mão na noite de sábado.

— Pensando bem, sim — disse Mack.

Dermot deu uma tapa nas suas costas.

— Esse é o meu garoto — disse.

Lizzie Hallim e sua mãe atravessavam a cidade de Londres na direção norte em uma carruagem de aluguel. Lizzie estava excitada e feliz: iam encontrar Jay e olhar uma casa.

— Sir George certamente que mudou de atitude — disse Lady Hallim. — Trazendo-nos a Londres, planejando um casamento suntuoso e agora oferecendo-se para pagar o aluguel de uma casa em Londres para vocês dois morarem.

— Acho que foi Lady Jamisson quem o convenceu — disse Lizzie. — Mas apenas em questões menores. Ele continua sem querer dar a Jay a propriedade de Barbados.

— Alicia é uma mulher esperta — observou Lady Hallim. — Assim mesmo, espantei-me quando conseguiu persuadir o marido, depois daquela briga terrível no aniversário de Jay.

— Talvez Sir George seja do tipo que esquece as brigas que tem.

— Nunca foi assim... a menos que possa obter alguma vantagem. Gostaria de saber qual será o motivo dele. Não há nada que ele queira de você, há?

Lizzie riu.

— O que eu poderia lhe dar?

— Talvez só queira que eu faça o filho dele feliz. O que tenho certeza que você fará.

Chegamos.

A carruagem parou na rua Rugby, uma sequência discretamente elegante de casas em Holborn, não tão elegante quanto Mayfair ou Westminster, mas menos cara. Lizzie desceu da carruagem e examinou o número doze. Tinha quatro andares e um portão, e as janelas eram altas e graciosas.

Duas delas, contudo, estavam quebradas e o número “45” tinha sido grosseiramente pintado na porta da frente, pintada com tinta preta brilhante. Lizzie estava prestes a fazer um comentário quando outra carruagem parou e Jay saltou.

Ele estava usando uma roupa azul-claro com botões dourados, e um arco azul no cabelo louro: tão bonito que dava vontade de comer. Beijou os lábios de Lizzie. Foi um beijo contido, já que estavam em uma via pública, mas ela

gostou muito e esperou que depois houvesse mais. Jay ajudou a mãe dele a saltar da carruagem e foi bater na porta da casa.

— O proprietário é um importador de conhaque que foi passar um ano na França — explicou, enquanto esperavam.

Um zelador idoso abriu a porta.

— Quem quebrou as vidraças? — perguntou Jay, imediatamente.

— Os chapeleiros — respondeu o homem enquanto eles entravam.

Lizzie tinha lido no jornal que as pessoas que faziam chapéus estavam em greve, assim como os alfaiates e os trabalhadores nos moinhos.

— Não sei o que esses malditos idiotas acham que vão conseguir quebrando as vidraças das pessoas respeitáveis — disse Jay.

— Por que estão em greve? — quis saber Lizzie.

— Querem melhores salários, senhorita, e quem pode culpá-los por isso, com o preço do pão subindo dia a dia? Como um homem vai alimentar sua família? — respondeu o zelador.

— Não há de ser pintando “45” em todas as portas das casas de Londres. Mostre-nos a casa, homem.

Lizzie perguntou-se qual seria o significado do número 45, mas estava mais interessada na casa. Ela entrou toda animada, descerrando as cortinas e abrindo as janelas. A mobília era nova e cara e a sala de estar, um aposento amplo e claro com três janelas de cada lado. Tudo cheirava a mofo, como toda casa desabitada, mas só precisava de uma boa limpeza, uma camada de tinta e uma muda de roupa de cama e mesa para tornar-se deliciosamente habitável. Ela e Jay correram na frente das duas mães e do velho vigia, e quando chegaram no sótão estavam sozinhos. Entraram em um dos quartos pequenos destinados aos criados. Lizzie abraçou Jay e beijou-o avidamente. Tinham apenas um minuto, se tanto.

Pegou as mãos dele e colocou-as sobre seus seios. Ele os acariciou delicadamente.

— Aperta com mais força — sussurrou ela, entre um beijo e outro.

Lizzie queria que a pressão das mãos dele permanecesse depois do abraço. Os bicos dos seios ficaram duros e as pontas dos dedos de Jay os encontraram através do tecido do vestido.

— Belisque — disse ela, e quando ele beliscou, a mistura de dor com prazer fez com que ela arquejasse.

Aí então ela ouviu passos no patamar e eles se afastaram, ofegantes. Lizzie virou-se e olhou para fora pela janelinha da água furtada, retomando o

fôlego. Havia um jardim comprido nos fundos. O zelador estava mostrando às duas mãos todos os pequenos quartos de dormir.

— Qual o significado do número quarenta e cinco? — perguntou ela.

— É por causa daquele traidor do John Wilkes — respondeu Jay. — Ele editava um jornal chamado North Briton, e o governo o acusou de sedição por causa do número quarenta e cinco, em que chamava o rei de mentiroso. Fugiu para Paris, mas agora está de volta para provocar mais confusão entre as pessoas comuns e ignorantes.

— É verdade que eles não têm dinheiro para comprar pão?

— Há falta de trigo em toda a Europa, de modo que é inevitável que o preço do pão suba. E o desemprego é causado pelo boicote americano aos produtos britânicos.

Ela se virou para Jay.

— Não suponho que seja um grande consolo para os chapeleiros e alfaiates.

Ele fechou a cara: não parecia gostar de vê-la simpatizando com os descontentes.

— Não sei se você percebe como é perigosa toda essa conversa de liberdade — disse.

— Não percebo mesmo.

— Por exemplo, os destiladores de rum de Boston gostariam de ter a liberdade de comprar melaço onde quisessem. Mas a lei diz que devem comprar de plantações britânicas, como a nossa. Se lhes derem liberdade, eles compram o mais barato, dos franceses, e aí não seremos capazes de pagar uma casa destas.

— Entendo.

Aquilo não provava que estava certo não ter liberdade para comprar onde quisessem, pensou; mas decidiu nada dizer.

— Todo o tipo de gentinha pode querer liberdade, dos mineiros de carvão na Escócia aos negros em Barbados. Mas Deus colocou gente como eu com autoridade sobre as pessoas comuns.

Aquilo era verdade, claro.

— Mas você já se perguntou por quê? — perguntou ela.

— Como assim?

— Por que Deus lhe deu autoridade sobre os mineiros de carvão e os negros?

Ele sacudiu a cabeça irritadamente e ela percebeu que tinha ultrapassado

os limites de novo.

— Não penso que as mulheres sejam capazes de compreender essas coisas — disse.

Ela tomou-lhe o braço.

— Amo esta casa, Jay — disse, tentando abrandá-lo. Podia sentir o bico dos seios onde ele beliscara. Abaixou o volume da voz. — Mal posso esperar mudar para cá com você e dormirmos juntos toda noite.

Ele sorriu.

— Eu também.

Lady Hallim e Lady Jamisson entraram no quarto onde eles estavam. O olhar da mãe de Lizzie baixou para o busto da filha, e ela percebeu que os bicos dos seios deviam estar aparecendo sob o vestido. Obviamente que a mãe adivinhou o que estava se passando. Fechou a cara em sinal de desaprovação, mas Lizzie não se importou. Em breve estaria casada.

— Bem, Lizzie, gostou da casa? — perguntou Alicia.

— Adorei!

— Então você a terá.

Lizzie sorriu, radiante, e Jay apertou-lhe o braço.

— Sir George é tão bondoso, não sei como agradecer-lhe — disse a mãe de Lizzie.

— Agradeça à minha mãe — disse Jay. — Foi ela quem o fez comportar-se decentemente.

Alicia dirigiu-lhe um olhar de reprovação, mas Lizzie podia garantir que na verdade não se importava. Ela e Jay gostavam muito um do outro, isto era óbvio. Lizzie sentiu uma pontada de ciúme e disse a si própria que era tolice: qualquer pessoa gostaria de Jay.

Deixaram o cômodo. O zelador estava na expectativa do lado de fora. Jay disse para ele:

— Verei o advogado do proprietário amanhã para que prepare o rascunho do contrato.

— Muito bem, senhor.

Desciam a escada quando Lizzie se lembrou de algo.

— Oh, tenho que lhe mostrar isto! — disse ela para Jay.

Tinha apanhado um panfleto na rua e guardara para ele. Pegou-o no bolso e deu-lhe para ler. Dizia:

NA PELICAN PERTO DE SHADWELL, CAVALHEIROS E APOSTADORES ATENÇÃO: UM DIA GERAL DE ESPORTE. UM

TOURO FURIOSO SOLTO ENTRE OS CÃES EM MEIO AO FOGO. UMA BRIGA ENTRE DOIS GALOS DE WESTMINSTER E DOIS DE EAST CHEAP, POR CINCO LIBRAS UM COMBATE GERAL COM PORRETES ENTRE SETE MULHERES E UMA LUTA DE BOXE POR VINTE LIBRAS!

REES PREECE, A MONTANHA DE GALES VERSUS MACK MCASH, O MINEIRO ASSASSINO. SÁBADO PRÓXIMO COMEÇANDO ÀS TRÊS HORAS — O que é que você acha? — perguntou ela, impaciente. — Deve ser Malachi McAsh de Heugh, não deve?

— Então foi nisto que ele se tornou — disse Jay. — Um lutador profissional. Estaria melhor trabalhando na mina de carvão do meu pai.

— Nunca vi uma luta de boxe — disse Lizzie melancolicamente.

Jay riu.

— Não deveria mesmo! Não é lugar para uma dama.

— A mina também não era, mas você me levou lá.

— Levei, e você quase morreu numa explosão.

— Pensei que você fosse dar pulos com a chance de me levar em outra aventura.

A mãe dela ouviu e disse:

— O que é isso? Que aventura?

— Quero que Jay me leve a uma luta de boxe profissional — disse Lizzie.

— Não seja ridícula! — disse Lady Hallim.

Lizzie sentiu-se desapontada. A audácia de Jay parecia tê-lo abandonado momentaneamente. Mas ela não deixaria que isto se interpusesse no seu caminho. Se ele não a levasse, iria sozinha.

Lizzie ajustou a peruca e o chapéu e olhou-se no espelho. Um rapaz retribuiu seu olhar. O segredo estava na leve camada de fuligem com que escurecera as faces, o pescoço, o queixo e o lábio superior, imitando o aspecto de um homem que se barbeara.

O corpo era fácil. Um colete pesado achatava-lhe o busto, a cauda do casaco escondia as curvas arredondadas do seu traseiro, e as botas na altura do joelho cobriam as panturrilhas.

O chapéu e a peruca de homem completavam a ilusão.

Ela abriu a porta do quarto. Lizzie e a mãe estavam hospedadas em uma casa pequena, situada no terreno da mansão de Sir George em Grosvenor Square. A mãe estava tirando a sesta.

Lizzie procurou ouvir passos, para o caso de algum dos criados de Sir George estar andando pela casa, mas nada ouviu. Com passos leves, desceu correndo a escada e esgueirou-se pela porta e saiu na travessa que passava pelos fundos.

Era um dia frio e ensolarado de final de inverno. Quando chegou na rua, lembrou a si própria para andar como um homem, usando bastante espaço, balançando os braços e forçando uma atitude arrogante, como se fosse dona da calçada e estivesse pronta a jogar na rua quem quer que disputasse seu direito.

Não seria possível andar daquele jeito até Shadwell que ficava do outro lado da cidade, na zona leste de Londres.

Acenou chamando uma cadeirinha, procurando ficar com o braço firme, para cima, em vez de deixar a mão flutuar, suplicante, como uma mulher. Quando os homens pararam e depositaram a cadeirinha no chão, ela pigarreou, cuspiu na sarjeta e disse, num resmungo rouco:

— Toquem para a taverna Pelican e vamos depressa com isso.

Eles a carregaram muito mais para leste do que jamais tinha ido em Londres, seguindo por ruas de casas cada vez menores e mais pobres, até um bairro de ruelas cheias d'água e praias lamacentas, ancoradouros inseguros e abrigos de barcos caindo aos pedaços, quintais com cercas altas de madeira e armazéns de portas fechadas com correntes. Depositaram-na em frente a uma grande taverna no cais, com o desenho tosco de um pelicano pintado na tabuleta de madeira. O pátio estava cheio de gente barulhenta e excitada: trabalhadores de botas e lenços de pescoço, cavalheiros de coletes, mulheres de classe baixa de xale e tamancos e umas poucas mulheres de rostos pintados e seios expostos que, Lizzie presumiu, eram prostitutas. Não havia mulheres do que sua mãe teria chamado de “classe”.

Lizzie pagou seu ingresso e abriu caminho a cotoveladas na multidão que gritava e escarnecia. Havia um cheiro forte de gente suada que não tomava banho. Ela se sentiu excitada e audaciosa. As gladiadoras estavam em meio à sua luta. Diversas já tinham se retirado: uma estava sentada em um banco segurando a cabeça; outra tentava estancar o sangue que corria de um ferimento na perna, uma terceira jazia deitada de costas a despeito dos esforços das amigas para reanimá-la. As quatro remanescentes moviam-se lentamente em círculos em um ringue de corda, atacando-se com bastões de madeira com uns sessenta centímetros de comprimento, cortados toscamente. Todas estavam nuas da cintura para cima, com saias esfarrapadas, e

descalças. Seus rostos e corpos apresentavam ferimentos e cicatrizes. A multidão de uma centena ou mais de pessoas, estimulava suas favoritas e diversos homens apostavam no resultado. As mulheres brandiam os porretes com toda a força, acertando umas nas outras golpes de quebrar ossos. Sempre que uma conseguia acertar uma pancada bem dirigida, os homens urravam sua aprovação. Lizzie olhava com horrorizada fascinação.

Em pouco tempo uma outra mulher levou um golpe forte na cabeça e caiu inconsciente. A visão do seu corpo seminu jazendo sem sentidos no meio da lama deixou Lizzie enjoada, e ela se afastou.

Entrou na taverna, deu um soco no balcão do bar e disse ao barman:

— Uma garrafa de cerveja forte, homem.

Era maravilhoso dirigir-se ao mundo com tanta arrogância. Se fizesse a mesma coisa vestida de mulher, todos os homens se sentiriam com direito de reprová-la, inclusive taverneiros e carregadores de liteiras. Mas um par de calções equivalia a uma licença para mandar.

O bar cheirava a cinza de tabaco e cerveja derramada. Ela sentou-se num canto e bebeu sua cerveja, perguntando-se por que motivo tinha ido ali. Era um lugar de violência e crueldade, e estava se envolvendo num jogo perigoso. O que aquelas pessoas brutais fariam se percebessem que se tratava de uma mulher da classe alta vestida de homem?

Estava ali em parte porque sua curiosidade era uma paixão irresistível. Sempre fora fascinada pelo proibido, desde criança. A frase “Não é lugar para uma dama” funcionava como um pano vermelho para um touro. Não podia deixar de abrir qualquer porta onde estivesse marcado “Proibida a Entrada”. Sua curiosidade era tão forte quanto sua sexualidade e reprimi-la era tão difícil quanto deixar de beijar Jay.

Mas a razão principal era McAsh. Ele sempre fora interessante. Mesmo quando menino pequeno, ele era diferente: independente, desobediente, sempre questionando o que lhe diziam. Como adulto estava realizando aquilo que prometera quando menino.

Desafiara os Jamisson, conseguira fugir da Escócia — algo que poucos mineiros conseguiam — e fora capaz de chegar em Londres. Agora era um lutador de boxe profissional. O que faria a seguir?

“Sir George fora esperto ao deixá-lo ir embora” , pensou ela.

Como Jay dissera, Deus determinara que alguns homens fossem senhores de outros, mas McAsh nunca aceitaria isso, e, de volta à aldeia, teria provocado encrenca durante anos.

Havia um magnetismo em torno de McAsh que fazia com que os demais o seguissem: o orgulho com que deslocava seu corpo poderoso, o menear confiante de sua cabeça, o olhar intenso nos olhos verdes surpreendentes. Ela própria sentira esta atração: por isto estava ali.

Uma das mulheres pintadas sentou-se ao lado de Lizzie e sorriu insinuantemente. A despeito do ruge, parecia velha e cansada. “Como seria lisonjeiro para ela se o seu disfarce fizesse com que uma prostituta lhe dirigisse uma proposta”, pensou Lizzie. Mas a mulher não se deixava enganar tão facilmente.

— Eu sei o que você é — disse ela.

“As mulheres têm olhos mais penetrantes do que os homens”, refletiu Lizzie.

— Não diga a ninguém — disse.

— Você pode bancar o homem comigo por um shilling — disse a mulher.

Lizzie não entendeu o que ela quis dizer.

— Já fiz isto antes com outras do seu tipo — continuou ela. — Mulheres ricas que gostam de fazer o papel de homem. Tenho uma vela gorda em casa que se ajusta direitinho; entende o que quero dizer?

Lizzie percebeu onde a outra queria chegar.

— Não — disse, com um sorriso. — Não é para isto que estou aqui. — Ela enfiou a mão no bolso para pegar uma moeda. — Mas aqui está um shilling para guardar o meu segredo.

— Deus abençoe sua senhoria — disse a prostituta, e foi embora.

“Pode-se aprender um bocado da vida quando se está disfarçado”, refletiu Lizzie.

Jamais teria adivinhado que uma prostituta teria em casa uma vela especial para mulheres que gostassem de fazer o papel de homem. Era o tipo de coisa que uma dama nunca poderia descobrir, a menos que fugisse da sociedade respeitável e fosse explorar o mundo que ficava além de suas janelas bloqueadas por cortinas.

Uma grande algazarra fez-se ouvir no pátio e Lizzie imaginou que a briga de porretes tinha produzido uma vencedora; a última mulher a ficar de pé, presumivelmente.

Ela saiu, carregando a cerveja como um homem, o braço reto do lado do corpo e o polegar prendendo a tampa do canecão.

As gladiadoras saíam cambaleando ou eram carregadas para fora e o

evento principal estava prestes a ter início. Lizzie viu McAsh de imediato. Não havia dúvida de que era ele: dava para ver seus olhos incrivelmente verdes. Não estava mais enegrecido pelo carvão, e ela viu, com surpresa, que seu cabelo era bem louro.

Ele estava junto do ringue conversando com outro homem. Dirigiu o olhar diversas vezes para Lizzie, mas não penetrou no seu disfarce.

Parecia ferozmente determinado.

Seu oponente, Rees Preece, merecia o apelido de “a Montanha de Gales”. Era o maior homem que Lizzie já vira, pelo menos uns trinta centímetros mais alto do que Mack, pesado e de cara vermelha, com um nariz retorcido que já fora quebrado mais de uma vez. Seu rosto tinha uma expressão maldosa e Lizzie maravilhou-se com a coragem, ou imprudência, de quem quer que se dispusesse a entrar num ringue para lutar com um animal de aparência tão perversa. Sentiu receio por McAsh. Ele podia terminar aleijado ou mesmo morto, constatou ela, com um arrepio de medo. Não queria ver isso. Sentiu-se tentada a sair, mas não conseguiu obrigar-se a ir embora.

A luta estava por começar quando o amigo de Mack começou uma irada discussão com um dos segundos de Preece. Todos gritaram e deu para Lizzie entender que a questão dizia respeito às botas de Preece. O segundo de Mack insistia, com sotaque irlandês, que os dois homens lutassem descalços. A multidão começou a bater palmas ritmadamente, para expressar sua impaciência.

Lizzie teve esperanças de que a luta fosse cancelada. Mas desapontou-se. Após muita discussão veemente, Preece tirou as botas.

Então, de repente, a luta teve início. Lizzie não ouviu o sinal.

Os dois homens se lançaram um contra o outro como dois animais, socando, chutando e dando marradas freneticamente, movendo-se tão depressa que ela mal podia ver quem estava fazendo o quê.

A multidão urrava e Lizzie percebeu que ela própria estava gritando.

Cobriu a boca com a mão.

A pancadaria inicial durou apenas uns segundos: era enérgica demais para se sustentar.

Os homens se separaram e começaram a circular em volta um do outro, os punhos erguidos em frente aos seus rostos, protegendo os corpos com os braços. O lábio de Mack estava inchado e o nariz de Preece sangrando. Lizzie mordeu o dedo, amedrontada.

Preece voou sobre Mack de novo, mas desta vez Mack pulou para trás, esquivando-se, até que subitamente parou e atingiu Preece uma vez, com muita força, no lado da cabeça.

Lizzie estremeceu ao ouvir o barulho do soco: soou como uma marreta atingindo uma rocha.

Os espectadores gritaram selvagememente.

Preece pareceu hesitar, como se espantado com o golpe, e Lizzie imaginou que devia ter se surpreendido com a força de Mack.

Começou a sentir-se esperançosa: afinal de contas, Mack talvez conseguisse derrotar aquele homem imenso.

Mack recuou, dançando. Preece sacudiu-se como um cachorro, depois abaixou a cabeça e arremeteu, socando loucamente.

Mack esquivou-se e saiu de lado, e chutou as pernas de Preece com o pé descalço, mas de um jeito ou de outro, Preece conseguiu atingi-lo com alguns golpes violentos. Aí então Mack pegou-o de novo do lado da cabeça, e mais uma vez Preece teve seu avanço interrompido.

A mesma dança foi repetida e Lizzie ouviu o irlandês gritar:

— Entra pra matar, Mack, não dê tempo a ele de se recuperar!

Ela deu-se conta de que depois de acertar um soco paralisante, Mack sempre recuava e deixava o outro homem se recuperar.

Preece, ao contrário, sempre acompanhava um soco com outro e mais outro até que Mack conseguia esquivar-se.

Após dez horríveis minutos, alguém tocou uma campainha e os lutadores pararam para descansar. Lizzie ficou tão feliz como se ela própria estivesse dentro do ringue. Deram cerveja aos dois lutadores, sentados em bancos rústicos em cantos opostos do ringue. Um dos segundos pegou uma agulha doméstica comum e linha e começou a costurar um rasgão na orelha de Preece.

Lizzie estremeceu e desviou o olhar.

Ela tentou esquecer o dano que estava sendo feito ao esplêndido corpo de Mack e forçou-se a pensar na luta como uma mera competição. Mack era mais ágil e tinha o soco mais poderoso, mas não possuía a selvageria impiedosa, o instinto assassino que fazia um homem querer destruir outro. Precisava ficar com raiva, ou algo assim.

Quando começaram de novo, ambos estavam se movendo mais lentamente, mas o combate seguiu o mesmo padrão: Preece caçava o dançante Mack, encurralava-o, acertava-lhe dois ou três sólidos golpes e

depois era detido pelo tremendo soco da mão direita de Mack.

Em pouco tempo Preece tinha um olho fechado e mancava devido aos chutes repetidos de Mack, mas este sangrava na boca e em um corte acima do olho. Quando a luta teve o ritmo reduzido, tornou-se mais brutal. Carecendo de energia para esquivar-se com agilidade, os homens pareciam aceitar os socos em mudo sofrimento. Quanto tempo poderiam continuar ali se espancando, até transformarem um ao outro em carne sem vida? Lizzie gostaria de saber por que se importava tanto com o corpo de Mack, e disse a si própria que teria se sentido da mesma forma em relação a qualquer um.

Houve outra pausa. O irlandês ajoelhou-se ao lado do banco de Mack e falou nervosamente com ele, enfatizando as palavras com vigorosos gestos dos punhos. Lizzie presumiu que estivesse dizendo a Mack para acabar logo com o outro. Até mesmo ela podia ver que, numa prova de força e resistência, Preece venceria, simplesmente porque era maior e mais rijo para tolerar a punição.

Será que Mack não era capaz de ver isto sozinho?

Começou de novo. Vendo-os martelando-se um ao outro, Lizzie lembrou de Malachi McAsh quando era um menino de seis anos de idade, brincando no gramado da casa de High Glen. Ela era o seu adversário nesse tempo: puxara seu cabelo e o fizera chorar.

A lembrança da cena trouxe lágrimas a seus olhos. Como era triste que o menininho tivesse se transformado naquilo.

Houve uma agitação no ringue. Mack atingiu Preece uma vez, depois outra e uma terceira vez, depois chutou a canela dele, fazendo-o cambalear. Lizzie foi tomada pela esperança de que Preece caísse e a luta terminasse. Os gritos dos seus segundos e da multidão sedenta de sangue instavam para que liquidasse Preece, mas ele pareceu não notar.

Para o espanto de Lizzie, Preece conseguiu se recuperar mais uma vez, e atingiu Mack com um soco na boca do estômago.

Involuntariamente, Mack dobrou o tronco para a frente e soltou um grito sufocado e aí, inesperadamente, Preece deu-lhe uma cabeçada, pondo toda a força de suas costas largas no golpe.

As cabeças dos dois se chocaram com um barulho revoltante. Todo mundo na plateia conteve a respiração.

Mack cambaleou, caindo, e Preece chutou o lado da sua cabeça. As pernas de Mack cederam e ele caiu no chão. Preece chutou-o na cabeça de novo, com ele deitado de bruços.

Mack não se mexeu. Lizzie ouviu-se gritando:

— Deixe-o em paz! — mas Preece continuou chutando Mack sem parar, até que os segundos de ambos os lados pularam dentro do ringue e o arrastaram embora.

Preece parecia aturdido, como se não conseguisse compreender por que as pessoas que o tinham incitado e gritavam por sangue agora queriam que parasse; até que recuperou os sentidos e ergueu as mãos num gesto de vitória, parecendo com um cão que tivesse agradado ao dono.

Lizzie teve medo de que Mack pudesse estar morto. Abriu caminho por entre a multidão e entrou no ringue. O segundo de Mack ajoelhou-se ao lado do seu corpo estendido de rosto para baixo. Lizzie inclinou-se sobre Mack, o coração na boca. Os olhos dele estavam fechados, mas ela viu que respirava.

— Graças a Deus está vivo! — disse.

O irlandês dirigiu-lhe um olhar rápido, mas nada disse.

Lizzie pediu a Deus que Mack não tivesse sido prejudicado irreversivelmente. Na última meia hora ele recebera mais golpes violentos na cabeça do que a maioria das pessoas em toda uma vida. Seu pavor era de que quando retornasse à consciência, tivesse se transformado num idiota babão.

Ele abriu os olhos.

— Como você se sente? — perguntou Lizzie, nervosa.

Mack fechou os olhos de novo sem responder.

O irlandês olhou para ela e disse:

— Quem é você, um rapaz soprano?

Ela se deu conta de que esquecera de imitar voz de homem.

— Um amigo — respondeu. — Vamos carregá-lo para dentro. Ele não deve ficar deitado na lama.

Após um momento de hesitação o homem disse:

— Está certo. — Ele agarrou Mack por baixo dos braços.

Dois espectadores pegaram as pernas e os quatro o ergueram. Lizzie liderou o caminho até a taverna. No seu mais arrogante tom de voz masculino, gritou:

— Estalajadeiro! Mostre-me seu melhor quarto, e ande depressa com isso!

Uma mulher veio de trás do bar.

— Quem paga? — perguntou, desconfiada.

Lizzie deu-lhe uma moeda.

— Por aqui — disse a mulher.

Ela os levou para um quarto no segundo andar que dava para o pátio. O quarto era limpo e tinha uma cama de quatro colunas, muito bem arrumada, forrada por um cobertor comum grosso. Os homens deitaram Mack. Lizzie disse para a mulher:

— Acenda o fogo e nos traga conhaque francês. Conhece algum médico na vizinhança que possa tratar dos ferimentos deste homem?

— Mandarei buscar o Dr. Samuels.

Lizzie sentou na beira da cama. O rosto de Mack estava um horror, inchado e ensanguentado. Abriu a camisa dele e viu que o peito estava coberto de arranhões e esfoladuras.

Os ajudantes foram embora. O irlandês disse:

— Sou Dermot Riley. Mack mora na minha casa.

— Meu nome é Elizabeth Hallim — respondeu ela. — Conheço ele desde quando éramos crianças.

Lizzie decidiu não explicar por que estava vestida de homem: Riley que pensasse o que quisesse.

— Não penso que ele esteja ferido gravemente — disse Riley.

— Deveríamos lavar suas feridas. Peça água quente numa tigela, sim?

— Está bem. — Ele saiu, deixando-a sozinha com Mack, inconsciente.

Lizzie contemplou fixamente sua forma imóvel. Ele mal respirava. Hesitante, pôs a mão no seu peito. A pele estava quente e a carne por baixo era dura. Apertou a mão e sentiu a batida do coração, regular e forte.

Gostou de tocar em Mack. Pôs a outra mão no próprio colo, sentindo a diferença entre seus seios macios e os músculos rijos dele. Apalpou-lhe o mamilo, pequeno e macio, e depois pegou o seu, maior e saliente.

Mack abriu os olhos.

Ela tirou a mão rapidamente, sentindo-se culpada. “O que, em nome do céu, estou fazendo?” pensou.

Ele lhe dirigiu um olhar inexpressivo.

— Onde estou? Quem é você?

— Você esteve numa luta de boxe — respondeu ela. — Perdeu.

Ele fitou-a fixamente por alguns segundos e por fim sorriu.

— Lizzie Hallim, vestida como homem de novo — disse, em tom de voz normal.

— Graças a Deus você está bem!

Ele lhe dirigiu um olhar peculiar.

— É muita... bondade sua se importar.

Ela sentiu-se envergonhada.

— Não posso imaginar o motivo — disse, com a voz tensa. Você não passa de um mineiro de carvão que não sabe seu lugar. — Para seu horror, Lizzie sentiu que as lágrimas escorriam pelo seu rosto. — É muito duro ver um amigo ser espancado até ser reduzido a uma massa sem forma — disse, com a voz incontrolavelmente embargada.

Ele observou-a chorando.

— Lizzie Hallim — disse, espantado. — Algum dia entenderei você?

O conhaque terminou com a dor dos ferimentos de Mack naquela noite, mas na manhã seguinte ele acordou em agonia. Doíam todas as partes do seu corpo que era capaz de identificar, dos dedos dos pés, machucados por chutar Rees Preece com tanta força, ao topo da sua cabeça, onde a dor dava a impressão de que jamais iria embora. O rosto que viu no caco de espelho que usava para se barbear era todo cortes e equimoses, sensível demais para ser tocado, quanto mais barbeado.

Assim mesmo, sentia-se animado. Lizzie Hallim nunca deixava de estimulá-lo. Sua ousadia irreprimível tornava possíveis todas as coisas. O que faria a seguir? Quando a reconhecera, sentada na beira da cama, tivera uma vontade quase incontrolável de tomá-la nos braços. Resistira à tentação, convencendo-se de que um tal gesto significaria o fim da peculiar amizade que os unia. Ela podia infringir as regras: era uma dama. Podia rolar no chão com um cachorrinho, mas se este a mordesse uma vez, ela o poria para fora.

Ela lhe dissera que ia se casar com Jay Jamisson e ele tivera que morder a língua para não lhe dizer que era uma idiota. Não era da sua conta e não queria ofendê-la.

Bridget, a mulher de Dermot, preparou um desjejum de mingau salgado e Mack tomou o seu com as crianças. Bridget era uma mulher de cerca de trinta anos que já fora bonita, mas que agora parecia apenas cansada. Quando toda a comida tinha acabado, Mack e Dermot saíram para procurar trabalho.

— Tragam algum dinheiro para casa — gritou Bridget quando saíram.

Não foi um dia de sorte. Eles percorreram os mercados de comida de Londres, oferecendo-se como carregadores das cestas de peixe fresco, barris de vinho e os quartos sangrentos de carne de que a cidade faminta precisava diariamente; mas eram muitos homens e pouco trabalho. Ao meio-dia desistiram e foram para o West End, tentar as casas de café.

Ao final da tarde estavam tão cansados como se tivessem trabalhado o dia inteiro, mas não tinham recebido nada por esse cansaço.

Quando viraram na Strand, um vulto pequeno saiu de uma viela na disparada, veloz como um coelho. E esbarrou em Dermot.

Era uma garota de cerca de treze anos, esfarrapada, magra e amedrontada. Dermot produziu um barulho como um balão perfurado. A

menina guinchou de medo, cambaleou e recuperou o equilíbrio.

Atrás dela apareceu um rapaz vigoroso, vestindo roupas caras, mas amarfanhadas.

Estava prestes a agarrá-la, uma questão de centímetros, quando ela bateu em Dermot e voltou, mas conseguiu se esquivar e continuou correndo. Aí escorregou e caiu e ele se lançou sobre ela.

A menina gritou aterrorizada. O homem estava louco de raiva. Levantou seu corpinho e socou-lhe o lado da cabeça; derrubou-a de novo e aí chutou-lhe o peito franzino com o pé calçado de bota.

Mack tinha se habituado com a violência das ruas de Londres. Homens, mulheres e crianças brigavam constantemente, socando e se arranhando uns aos outros, as batalhas geralmente sendo estimuladas pelo gim barato vendido a cada esquina. Mas nunca tinha visto um homem forte bater numa criança pequena tão impiedosamente. A impressão que dava era de que ele podia matá-la. Mack ainda sentia dores por causa da luta com a Montanha de Gales, e a última coisa que queria era uma outra luta, mas não podia ficar imóvel observando aquilo. Quando o homem estava prestes a chutar a menina de novo, Mack agarrou-o rudemente e puxou-o para trás.

O homem se virou. Ele era alguns centímetros mais alto do que Mack. Pôs a mão no centro do peito de Mack e deu-lhe um forte empurrão. Mack recuou, cambaleando. O homem voltou-se de novo para a menina. Ela se esforçava para levantar-se. Ele lhe deu uma violenta bofetada na cara, com tanta força que a menina saiu voando.

Mack viu tudo vermelho. Agarrou o homem pelo colarinho e o fundilho dos calções e levantou-o do chão. O sujeito urrou de surpresa e raiva e começou a se contorcer violentamente, mas Mack continuou a segurá-lo e levantou-o acima da sua cabeça.

Dermot viu com surpresa a facilidade com que Mack levantou o homem.

— Você é um garoto forte, por Deus! — disse.

— Tire essas mãos imundas de cima de mim — gritou o homem.

Mack colocou-o no chão, mas continuou segurando um punho.

— Então deixa a menina em paz.

Dermot ajudou a garota a levantar-se e segurou-a delicada, mas firmemente.

— Ela é uma maldita ladra! — exclamou o homem agressivamente; foi nesta hora que reparou no rosto devastado de Mack e decidiu não forçar muito a situação.

— Foi só isso? — perguntou Mack. — Pelo jeito como a chutava, pensei que tivesse matado o rei.

— O que é que você tem com o que ela fez? — O homem estava se acalmando e recuperando o fôlego.

Mack soltou-o.

— Seja o que for, acho que você já a castigou bastante.

O homem olhou para ele.

— Você obviamente não é daqui — disse. — É um sujeito forte, mas, mesmo assim, não vai durar muito tempo em Londres se confiar em gente como essa menina. — Em seguida afastou-se.

A menina disse:

— Obrigada, escocês. Você salvou minha vida.

Todo mundo via que Mack era escocês assim que ele abria a boca. Não sabia que falava com sotaque até que chegara a Londres. Em Heugh todo mundo falava igual: até mesmo os Jamisson tinham uma versão suavizada do dialeto escocês. Aqui era como um rótulo.

Mack examinou a garota. Tinha cabelos escuros cortados de qualquer maneira e um rosto bonito que já começava a ficar inchado com as equimoses oriundas da surra. Seu corpo era de menina, mas havia uma expressão madura nos seus olhos. Fitou-o assustada, evidentemente perguntando-se o que ele ia querer dela.

— Você está bem? — perguntou Mack.

— Está doendo — disse ela, com a mão do lado do corpo. — Queria que você tivesse matado aquele maldito sujeito.

— O que foi que você lhe fez?

— Tentei roubá-lo enquanto ele estava trepando com Cora, mas ele percebeu.

Mack fez que sim. Tinha ouvido falar que às vezes as prostitutas tinham cúmplices que roubavam seus clientes.

— Você gostaria de beber alguma coisa?

— Eu beijaria a bunda do papa por um copo de gim.

Mack nunca ouvira ninguém falar daquele jeito, muito menos uma garotinha. Não sabia se deveria se sentir chocado ou achar graça.

Do outro lado da rua ficava a The Bear, a taverna onde Mack derrubara Bermondsey Grandalhão e ganhara uma libra de um anão. Atravessaram e entraram na taverna. Mack comprou três canecos de cerveja e foram beber num canto.

Peg bebeu quase toda a sua em poucos goles e disse:

— Você é um bom homem, escocês.

— Meu nome é Mack — disse ele. — Este é Dermot.

— Eu sou Peggy. Chamam-me de Peg Ligeira.

— Por causa do modo como bebe, suponho.

Ela riu.

— Nesta cidade, se você não beber depressa, alguém rouba sua bebida.
De onde você é, escocês?

— Uma aldeia chamada Heugh, a uns oitenta quilômetros de Edimburgo.

— Onde fica Edimburgo?

— Escócia.

— É muito longe daqui?

— Levei uma semana de navio, acompanhando a costa. Fora uma semana comprida.

O mar perturbara Mack. Depois de quinze anos trabalhando no fundo do poço de uma mina de carvão, o oceano interminável o deixara zozinho. Mesmo assim tinha sido obrigado a escalar os mastros para prender cordas, com todo o tipo de tempo. Nunca viria a ser um marinheiro.

— Acredito que a diligência leva treze dias — acrescentou.

— Por que saiu de lá?

— Para ser livre. Fugi. Na Escócia os mineiros de carvão são escravos.

— Você quer dizer que nem os negros na Jamaica?

— Você parece conhecer mais coisas sobre a Jamaica do que sobre a Escócia.

Ela ficou ressentida com a crítica implícita.

— E por que não deveria?

— A Escócia é mais perto, é só.

— Eu sei disso.

Ela estava mentindo, Mack podia afirmar. Era apenas uma garotinha, a despeito do seu jeito fanfarrão, e aquilo o comoveu.

Uma voz de mulher perguntou, ofegante:

— Peg, você está bem?

Mack levantou a cabeça para ver uma jovem mulher envergando um vestido cor-de-laranja.

— Olá, Cora. Fui salva por um belo príncipe. Conheça o escocês Mack.
— disse Peg.

Cora sorriu para Mack e disse:

— Muito obrigada por ajudar Peg. Espero que você não tenha conseguido esses machucados aí para salvá-la.

Mack sacudiu a cabeça.

— Não, isto foi outro brutamontes.

— Deixa eu pagar-lhe um copo de gim.

Mack estava prestes a recusar, ele preferia cerveja, mas Dermot antecipou-se:

— Muita gentileza sua, nós ficamos gratos.

Mack olhou para ela enquanto se dirigia ao bar. Devia ter cerca de vinte anos de idade, com um rosto angelical e uma pujante cabeleira ruiva. Era chocante pensar que alguém tão jovem e bonita fosse uma prostituta. Ele perguntou a Peg:

— Então ela trepou com aquele sujeito que perseguiu você, não foi?

— Geralmente ela não tem que ir até o fim — disse Peg, conhecedora do assunto. — Geralmente deixa o cara num beco com o peru pra cima e os calções pra baixo.

— Enquanto você foge correndo com a bolsa dele — disse Dermot.

— Eu? Sai dessa! Sou dama de companhia da rainha Charlotte.

Cora sentou-se ao lado de Mack. Usava um perfume forte e intenso, em que dava para perceber sândalo e canela.

— O que você está fazendo em Londres, escocês?

Ele a encarou. Ela era muito atraente.

— Procurando trabalho.

— Encontrou?

— Não.

Ela sacudiu a cabeça.

— É essa merda de inverno, frio como a morte, e o preço do pão ninguém aguenta. Há um número muito grande de homens na sua situação.

Peg intrometeu-se:

— Foi isto que fez meu pai virar ladrão, dois anos atrás, só que ele não tinha jeito.

Mack desviou relutantemente o olhar de Cora para Peg.

— O que aconteceu a ele?

— Dançou com o pescoço enfiado no colar do xerife.

— O quê?

Dermot explicou.

— Quer dizer que ele foi enforcado.

— Oh, meu Deus, sinto muito! — disse Mack.

— Não sinta pena de mim, seu escocês filho da mãe, me deixa revoltada!

Peg era um caso realmente difícil.

— Tudo bem, tudo bem, não vou sentir — disse Mack brandamente.

— Se você quer trabalhar, sei de alguém que está procurando carregadores de carvão, para descarregar navios. O trabalho é tão pesado que só homens muito jovens podem fazê-lo, e preferem gente de fora porque não são tão rápidos para reclamar — disse Cora.

— Farei qualquer coisa — disse Mack, pensando em Esther.

— As turmas de carregadores são todas chefiadas pelos taverneiros de Wang.

Conheço um deles, Sidney Lennox, da Sun.

— É um bom homem?

Cora e Peg riram.

— Ele é mentiroso, falso, miserável Um porco fedorento e bêbado, mas todos eles são iguais, o que é que se pode fazer? — disse Cora.

— Você nos levará à Sun?

— Você é quem está pedindo — disse Cora.

Uma névoa quente de suor e poeira de carvão enchia o porão abafado do navio de madeira. Mack estava em cima de um monte de carvão, com uma pá de lâmina larga, trabalhando em ritmo constante. A tarefa era brutalmente dura; seus braços doíam e ele estava banhado de suor; mas se sentia bem. Era jovem e forte, estava ganhando um bom dinheiro, e não era escravo de ninguém.

Fazia parte de uma turma de dezesseis, todos debruçados sobre suas pás, resmungando, praguejando e contando piadas. A maioria era de musculosos rapazes irlandeses do campo: aquele trabalho era árduo demais para homens nascidos na cidade.

Dermot, com trinta anos, era o mais velho da turma.

Parecia que ele não era capaz de escapar do carvão. Mas era o que fazia o mundo girar.

Enquanto trabalhava, Mack pensava sobre o destino daquele carvão: todas as salas de estar de Londres seriam aquecidas, todos os milhares de fogos nas cozinhas, fornos de padarias e as destilarias. A cidade tinha um apetite por carvão que nunca era satisfeito.

Era uma tarde de sábado e a turma tinha quase descarregado todo o navio, o Black Swan, de Newcastle. Para Mack era um prazer calcular quanto lhe pagariam de noite. Aquele era o segundo navio que descarregavam naquela semana, e a turma recebia 16 pence, um pêni por homem, por cada vintena, ou seja, vinte sacos de carvão. Um homem forte com uma pá grande era capaz de tirar um saco em dois minutos. Pelas suas contas cada homem tinha ganhado um bruto de seis libras.

Havia, contudo, as deduções. Sidney Lennox, o intermediário ou “empreiteiro”, enviava vastas quantidades de cerveja e gim a bordo para os homens. Tinham que beber muito para repor os galões de líquido que perdiam suando, mas Lennox lhes dava mais do que o necessário e a maioria dos homens bebia, inclusive o gim.

Em consequência, havia geralmente pelo menos um acidente por dia antes de o trabalho terminar. E a bebida tinha que ser paga.

Assim, Mack não tinha muita certeza de quanto iria receber quando entrasse na fila dos salários, na The Sun, naquela noite. No entanto, mesmo que a metade do dinheiro fosse perdida em deduções — uma estimativa certamente muito alta — o remanescente ainda seria o dobro que um mineiro de carvão ganharia por uma semana de seis dias.

E naquele ritmo poderia mandar buscar Esther em algumas semanas. Aí então ele e sua irmã gêmea seriam livres da escravidão. O coração de Mack bateu mais forte ante essa perspectiva.

Escrevera para Esther, assim que se instalara na casa de Dermot, e ela respondera.

“Sua fuga era o grande assunto no vale”, disse ela. “Alguns dos jovens escavadores estavam tentando fazer uma petição ao parlamento inglês protestando contra a escravidão nas minas.

E Annie se casara com Jimmy Lee”. Mack sentiu uma pontada de tristeza por causa de Annie.

Nunca mais rolaria na relva com ela. Mas Jimmy era um bom homem. Talvez a petição fosse o início de uma mudança: talvez os filhos de Jimmy e Annie viessem a ser livres.

O resto do carvão, enfiado em sacos, foi empilhado em uma barçaça que seguiria para terra firme, acionada a remos. No cais ficaria armazenado em um pátio especial. Mack endireitou as costas doídas e apoiou a pá no ombro. Lá em cima, no convés, o ar frio o atingiu com violência e Mack vestiu a camisa e a capa de pele que Lizzie Hallim tinha lhe dado. Os carregadores de

carvão iam para o cais com as últimas sacas e depois andavam até a taverna para receber os salários.

The Sun era uma taverna rústica frequentada por marinheiros e estivadores. Seu piso de terra era lamacento, os bancos e as mesas eram escalavrados e cheios de manchas e o fogo fumacento gerava pouco calor. O proprietário, Sidney Lennox, era um jogador, e sempre havia um jogo de algum tipo sendo disputado: cartas, dados ou um concurso complicado com uma tábua marcada e contadores.

A única coisa boa ali era Black Mary, uma cozinheira africana, que usava mariscos e cortes baratos de carne para fazer ensopados condimentados e substanciais que os fregueses adoravam.

Mack e Dermot foram os primeiros a chegar. Encontraram Peg sentada no bar, com as pernas cruzadas, fumando tabaco da Virgínia em um cachimbo de barro. Ela morava na taverna, dormindo no chão a um canto do bar. Lennox, além de empreiteiro, também era receptador, e Peg lhe vendia as coisas que furtava.

Quando viu Mack, ela cuspiu no fogo e disse, alegre:

— Como é que é, escocês. Salvou mais alguma donzela?

— Hoje não — respondeu ele, com um sorriso.

Black Mary meteu a cara sorridente na porta da cozinha.

— Sopa de rabada, rapazes?

O sotaque dela era dos Países Baixos: dizia que tinha sido escrava de um capitão de navio holandês.

— Só uns dois barris para mim, por favor — replicou Mack.

Ela sorriu.

— Com fome, hem? Trabalhou muito?

— Só fazendo um pouco de exercício para despertar o apetite — disse Dermot.

Mack não tinha dinheiro para pagar a comida, mas Lennox dava crédito a todos os carregadores de carvão, depois descontava dos salários. Depois daquela noite, decidiu Mack, ele pagaria tudo à vista em dinheiro: não queria contrair dívidas. Sentou-se ao lado de Peg.

— Como vão os negócios? — perguntou, jocosamente.

Ela levou a pergunta a sério.

— Eu e Cora derrubamos um velho rico esta tarde, de modo que tiramos a noite de folga.

Mack achava esquisito ser amigo de uma ladra. Sabia o que a levava a

fazer isso: não tinha alternativa a não ser a inanição.

Mesmo assim, havia alguma coisa nele, um resíduo das atitudes de sua mãe, que o fazia desaprovar isso.

Peg era pequena e frágil, muito magra e com belos olhos azuis, mas tinha o ar calejado de uma criminosa empedernida, e era assim que as pessoas a tratavam. Mack suspeitava que seu exterior durão era uma defesa: sob a superfície o que provavelmente havia era apenas uma menina assustada sem ninguém no mundo que cuidasse dela.

Black Mary trouxe a sopa com umas ostras flutuando, uma tora de pão e um canecão de cerveja preta, e ele se atirou na comida como um lobo.

Os outros carregadores de carvão foram aparecendo. Não havia sinal de Lennox, o que não era comum: normalmente ele estava jogando cartas ou dados com seus fregueses. Mack gostaria que ele se apressasse. Estava impaciente para saber quanto dinheiro ganhara naquela semana. Supôs que Lennox estivesse fazendo os homens esperar pelos salários para que pudessem gastar mais no bar.

Cora apareceu mais ou menos após uma hora. Sua aparência era tão atraente quanto sempre, vestindo um traje cor de mostarda com enfeites pretos. Todos os homens a cumprimentaram, mas para surpresa de Mack ela foi se sentar com ele.

— Soube que você teve uma tarde lucrativa — comentou.

— Dinheiro fácil — disse ela. — Um homem com idade suficiente para não cair neste tipo de golpe.

— É melhor me contar como faz isso, para eu não cair vítima de alguém como você.

Ela lhe dirigiu um olhar insinuante.

— Você nunca terá que pagar para ter uma garota, Mack, posso lhe garantir isso.

— Conte-me assim mesmo... estou curioso.

— O modo mais simples é escolher um bêbado rico, fazer com que ele fique amoroso, levá-lo para um beco escuro e depois fugir com o dinheiro dele.

— Foi isso que você fez hoje?

— Não, foi melhor. Achamos uma casa vazia e dei uma gorjeta para o caseiro.

Desempenhei o papel de uma dona-de-casa entediada. Peg era minha criada. Levamos ele para a casa, fingindo que eu morava lá. Tirei as roupas

dele e levei-o para a cama, aí a Peg entrou correndo para dizer que meu marido estava voltando inesperadamente.

Peg riu.

— Pobre velhote, você devia ter visto a cara dele! Estava aterrorizado. Escondeu-se no guarda-roupa!

— E nós saímos, com a carteira dele, seu relógio e todas as suas roupas — completou Cora.

— Provavelmente ele ainda está escondido no guarda-roupa! — disse Peg, e as duas caíram na gargalhada.

As mulheres dos carregadores de carvão começaram a aparecer, muitas delas com bebês nos braços e crianças agarradas nas suas saias. Algumas tinham o espírito e a beleza da juventude, mas outras pareciam cansadas e subnutridas, mulheres espancadas de maridos violentos e bebedores. Mack supôs que todas estavam ali na esperança de pegar um pouco do salário antes que todo o dinheiro fosse bebido, jogado ou roubado por prostitutas. Bridget Riley entrou com seus cinco filhos e sentou-se com Dermot e Mack.

Lennox finalmente apareceu, à meia-noite.

Carregava um saco de couro cheio de moedas e um par de pistolas, presumivelmente para se proteger de roubos. Os carregadores de carvão, a maior parte dos quais já estava embriagada a essa altura, saudaram-no como a um herói conquistador quando ele entrou, e Mack sentiu um desprezo momentâneo pelos seus colegas: por que demonstravam gratidão por algo que lhes era devido?

Lennox era um grosseirão com cerca de trinta anos, botas na altura dos joelhos e um colete de flanela sem camisa. Estava em boa forma física e era musculoso de tanto carregar os pesados barriletes de cerveja e aguardente. Sua boca tinha um ricto cruel. Seu cheiro era característico, um cheiro doce como de uma fruta podre.

Mack notou que Peg estremeceu involuntariamente quando ele passou: ela tinha medo do homem.

Lennox puxou uma mesa a um canto, arriou o saco em cima dela e as pistolas do lado.

Os homens e mulheres acorreram, empurrando e se acotovelando, como se o dinheiro fosse terminar antes de chegar a vez deles. Mack deixou-se ficar; era abaixo de sua dignidade correr por um salário que tinha feito por merecer.

Ele ouviu a voz rouca de Lennox elevar-se acima da algazarra.

— Cada homem fez jus a uma libra e onze pence esta semana, antes das contas do bar.

Mack ficou sem saber se ouvira direito. Tinham descarregado dois navios, cerca de mil e quinhentas vintenas, ou trinta mil sacos de carvão, o que dava a cada homem um salário bruto de cerca de seis libras. Como poderia ter sido reduzido a pouco mais de uma libra cada um?

Houve um gemido de desapontamento da parte dos homens, mas nenhum deles questionou o número. Quando Lennox começou a contar os pagamentos individuais, Mack disse:

— Espere um minuto. Como foi que você chegou a esse número?

Lennox levantou os olhos, furioso.

— Vocês descarregaram mil e quatrocentos e quarenta e cinco vintenas, o que dá a cada um seis libras e cinco pence brutos. Deduzindo quinze shillings por dia pela bebida...

— O quê? — interrompeu Mack. — Quinze shillings por dia? Isso é três quartos do salário!

Dermot Riley resmungou sua concordância.

— Um maldito roubo, isto é que é. — Ele não falou muito alto, mas houve murmúrios de aprovação vindos dos outros homens e mulheres.

— Minha comissão é dezesseis pence por homem, por navio — continuou Lennox. — Há mais dezesseis pence para a gorjeta do capitão, seis pence por dia pelo aluguel de uma pá...

— Aluguel de uma pá! — explodiu Mack.

— Você é novo aqui e não conhece as regras, McAsh — exclamou Lennox, irritado.

— Se não calar a maldita boca e me deixar continuar com isto aqui, ninguém será pago.

Mack sentiu-se ultrajado, mas a razão lhe disse que Lennox não inventara aquele sistema agora; obviamente tratava-se de coisa antiga, e os homens deviam ter aceito. Peg pegou na sua manga e puxou.

— Não cria caso, Jock. Lennox dará um jeito de prejudicar você.

Mack deu de ombros e ficou quieto. Seu protesto, contudo, sensibilizou os outros, e Dermot Riley levantou sua voz.

— Não bebi quinze shillings de cerveja por dia — disse.

A esposa dele acrescentou:

— Com toda a certeza que não bebei.

— Nem eu — disse outro homem. — Quem conseguiria beber tanto?

Um homem explode com essa quantidade de cerveja! — Os homens riram.

Lennox replicou, furioso:

— Isto é quanto despachei para dentro do navio para vocês. Acha que eu posso manter um registro do que cada homem bebe todo dia?

— Neste caso, você é o único taverneiro em Londres que não consegue! — disse Mack e os homens riram.

Lennox ficou furioso com a zombaria de Mack e a risada dos outros homens. Com uma expressão ameaçadora, ele disse:

— O sistema é esse; você paga quinze shillings de bebida, quer consuma ou não.

Mack aproximou-se da mesa.

— Bem, eu também tenho um sistema — disse. — Não pago pela bebida que não encomendei e que não bebi. Você pode não ter mantido um registro, mas eu mantive, e posso dizer exatamente o quanto lhe devo.

— Eu também — disse outro homem. Era Charlie Smith, um negro nascido na Inglaterra e com sotaque de Newcastle. — Bebi oitenta e três canecos da cerveja que você vende aqui por quatro pence o meio litro. O que dá um total de vinte e sete shillings e oito pence pela semana inteira, e não quinze shillings por dia.

— Você tem sorte de estar recebendo alguma coisa, seu negro canalha; você devia ser escravo e estar a ferros! — disse Lennox.

O rosto de Charlie sombreou-se.

— Eu sou inglês e cristão, e sou melhor do que você porque sou honesto — disse ele, controlando sua fúria.

— Eu também posso dizer exatamente quanto bebi — disse Dermot Riley.

Passou pela cabeça de Mack que devia acalmar os ânimos. Tentou pensar em algo conciliatório para dizer. Mas aí viu Bridget Riley e seus filhos famintos, e a indignação levou a melhor. Disse para Lennox:

— Você não deixará essa mesa enquanto não pagar o que deve.

Os olhos de Lennox desviaram-se para suas pistolas. Com um movimento rápido, Mack jogou as armas no chão.

— Você também não vai escapar atirando em mim, seu maldito ladrão! — disse, furioso.

Lennox lembrava um mastim acuado. Mack perguntou-se se não teria ido longe demais: talvez devesse ter deixado espaço para salvar as aparências, não se comprometendo tanto. Mas era tarde demais. Lennox tinha de recuar.

Fizera com que os carregadores se embriagassem e eles o matariam a menos que lhes pagasse.

Ele sentou-se direito na cadeira, semicerrou os olhos, dirigiu a Mack um olhar de puro ódio e disse:

— Você vai pagar por isso, McAsh, juro por Deus que vai!

Mack tentou contemporizar:

— Ora vamos, Lennox, os homens só estão pedindo que você lhes pague o que é devido.

Lennox não mudou de opinião, mas cedeu. Com a cara fechada, começou a contar o dinheiro. Pagou primeiro a Charlie Smith, depois a Dermot Riley, em seguida a Mack, aceitando a palavra deles pela quantidade de bebida que tinham consumido.

Mack afastou-se da mesa entusiasmado. Tinha três libras e nove shillings na mão: se pusesse de lado a metade para Esther, ainda assim continuaria rico.

Outros carregadores arriscaram seus palpites quanto à bebida que teriam ingerido, mas Lennox não discutiu, exceto no caso de Sam Potter, um rapaz imenso de gordo de Cork, que dizia ter bebido apenas três litros, fazendo com que os demais caíssem na gargalhada: no final acabou aceitando um número três vezes superior.

Uma atmosfera de júbilo espalhou-se entre os homens e suas mulheres quando embolsaram os salários. Diversos deles foram até Mack bater nas suas costas e Bridget Riley deu-lhe um beijo.

Ele percebia que tinha feito algo de notável, mas receava que o drama ainda não tivesse terminado. Lennox cedera com demasiada facilidade.

Quando o último homem tinha sido pago, Mack pegou as armas de Lennox no chão.

Soprou a pólvora das pederneiras, para que não pudessem disparar, e colocou-as em cima da mesa. Lennox pegou as pistolas desarmadas e o saco de dinheiro quase vazio e se levantou. O salão ficou em silêncio. Ele foi até a porta que dava nos seus aposentos privados. Todos o fitaram intensamente, como se temessem que pudesse encontrar um jeito de pegar o dinheiro de volta. Chegando à porta, Lennox virou-se.

— Vão para casa, vocês todos — disse, maldosamente. — E não voltem na segunda-feira. Não haverá trabalho para vocês. Estão todos demitidos.

Mack ficou acordado quase que a noite toda, preocupado. Alguns dos carregadores disseram que Lennox já teria esquecido tudo na segunda-feira

de manhã, mas Mack duvidava.

Lennox não parecia o tipo de homem que engolisse derrotas e podia facilmente arranjar outros dezesseis homens jovens e fortes para formar sua turma.

A culpa fora de Mack. Os carregadores de carvão eram como bois, fortes e estúpidos e facilmente liderados: não teriam se rebelado contra Lennox se Mack não os tivesse encorajado. Agora, pensava Mack, cabia a ele acertar as coisas.

Ele se levantou cedo na manhã de domingo e foi até o outro quarto. Dermot e a mulher dormiam num colchão e as cinco crianças dormiam juntas no canto oposto. Mack sacudiu Dermot para acordá-lo.

— Temos que arranjar trabalho para a nossa turma antes de amanhã — disse.

Dermot levantou-se. Bridget resmungou, da cama:

— Vistam qualquer coisa respeitável se vão querer impressionar um outro empreiteiro.

Dermot vestiu um velho colete vermelho, e emprestou a Mack o lenço de pescoço de seda azul que comprara para o seu casamento. No caminho, passaram na casa de Charlie Smith. Charlie trabalhava naquilo há cinco anos e conhecia todo mundo. Ele vestiu seu melhor casaco azul e juntos os três seguiram para Wang.

As ruas lamacentas da zona portuária estavam quase desertas.

Os sinos das centenas de igrejas de Londres chamavam os devotos para as orações, mas a maioria dos marinheiros, estivadores e trabalhadores nos depósitos aproveitavam seu dia de descanso e estavam em casa. A água marrom do rio Tâmis marulhava, preguiçosa, nos cais desertos, enquanto os ratos passeavam atrevidamente ao longo da parte da praia descoberta pela maré baixa.

Todos os empreiteiros que trabalhavam com descarga de carvão eram taverneiros. Os três homens foram primeiro à Frying Pan, a uns poucos metros da Sun. Encontraram o dono cozinhando um presunto no quintal. O cheiro fez a boca de Mack encher-se de água.

— Como é que é, Harry — cumprimentou Charlie, alegremente.

Ele lhes dirigiu um olhar azedo.

— O que é que vocês querem, rapazes, se não for cerveja?

— Trabalho — respondeu Charlie. — Você tem um navio para descarregar amanhã?

— Tenho, e também tenho uma turma para descarregá-lo. De qualquer forma, obrigado.

Eles foram embora. Dermot disse:

— O que é que há com ele? Olhou para nós como se fôssemos leprosos.

— Gim demais ontem à noite — especulou Charlie.

Mack receou que fosse algo mais sinistro, mas por ora guardou para si seus pensamentos.

— Vamos até a King's Head — disse.

Diversos carregadores de carvão estavam bebendo cerveja no bar, e cumprimentaram Charlie pelo nome.

— Vocês estão ocupados, rapazes? — perguntou Charlie. — Estamos procurando um navio.

O dono da taverna ouviu.

— Vocês estavam trabalhando para Sidney Lennox, na The Sun?

— Sim, mas ele não precisa de nós na semana que vem — explicou Charlie.

— Nem eu — disse o taverneiro.

Quando saíram, Charlie disse:

— Vamos tentar Buck Delaney, na Swan. Ele chefia duas ou três turmas ao mesmo tempo.

A The Swan era uma taverna movimentada com estábulos, um salão de café, um pátio de carvão e diversos bares.

Encontraram o dono, um irlandês, em seu quarto particular que dava para o pátio.

Delaney tinha sido carregador de carvão na juventude, mesmo que agora usasse uma peruca e uma gravata de renda para comer o seu desjejum de café e carne fria.

— Deixem que eu lhes dê uma dica, meus rapazes — disse ele. — Todo empreiteiro de carvão de Londres soube do que aconteceu na Sun ontem à noite. Ninguém empregará vocês, Sidney Lennox providenciou isso.

O coração de Mack sofreu um aperto. Ele vinha temendo algo assim.

— Se eu fosse vocês — prosseguiu Delaney — tomaria um navio e ficaria fora da cidade um ano ou dois. Na volta tudo estaria esquecido.

Dermot ficou furioso:

— Quer dizer então que os carregadores sempre serão roubados por vocês, empreiteiros?

Se Delaney ofendeu-se, não deu mostra.

— Olhe à sua volta, meu rapaz — disse, em tom ameno, indicando com um gesto vago o serviço de café em prata, o quarto atapetado e o movimento dos negócios que pagavam por tudo aquilo. — Eu não consegui isto que você está vendo sendo justo com as pessoas.

— O que nos impede de ir procurar os capitães nós mesmos, e contratarmos a descarga dos navios? — perguntou Mack.

— Tudo — respondeu Delaney. — De vez em quando aparece um carregador de carvão como você, McAsh, com um pouco mais de iniciativa que o resto e quer dirigir sua própria turma e eliminar o empreiteiro e os pagamentos de bebida e tudo mais. Mas há muita gente ganhando muito dinheiro com este esquema. — Ele sacudiu a cabeça. — Você não é o primeiro a protestar contra o sistema, McAsh, e não será o último.

Mack ficou enojado com o cinismo de Delaney, mas sentiu que o homem estava falando a verdade. Foi incapaz de pensar em qualquer outra coisa para dizer ou fazer.

Sentindo-se derrotado, dirigiu-se para a porta, seguido por Dermot e Charlie.

— Aceite meu conselho, McAsh — disse Delaney. — Faça como eu. Arranje uma pequena taverna e venda bebida para os carregadores de carvão. Pare de tentar ajudá-los e comece a ajudar a si mesmo. Você poderá se sair bem. Tem tudo para isso, posso garantir.

— Ser como você? — disse Mack. — Você enriqueceu enganando os seus companheiros. Por Cristo, eu não seria como você nem por um reino!

Quando saiu ele sentiu-se gratificado por ver que o rosto de Delaney finalmente exprimia raiva. Mas sua satisfação não durou mais do que o tempo de fechar a porta. Ganhara uma discussão e perdera tudo o mais. Se ao menos tivesse engolido seu orgulho e aceito o sistema de Sidney Lennox, teria trabalho na manhã do dia seguinte. Agora não tinha nada e pusera quinze outros homens e suas famílias na mesma situação desesperadora. A perspectiva de trazer Esther para Londres ficava mais distante do que nunca. Cuidara de tudo erradamente. Era um maldito idiota.

Os três homens sentaram-se em um dos bares e pediram pão e cerveja para seu desjejum. Mack refletiu que ele tinha sido arrogante de olhar com desprezo para os outros carregadores por aceitarem seu destino em silêncio. Na sua cabeça os chamara de bois, mas o boi era ele mesmo.

Pensou em Caspar Gordonson, o advogado radical que começara tudo aquilo dizendo a Mack quais eram seus direitos legais. Se eu pudesse pegar

esse tal de Gordonson, pensou Mack, ia lhe mostrar o quanto valem os direitos legais.

A lei só valia para aqueles que tinham o poder de fazê-la cumprir, ao que parecia.

Mineiros e carregadores de carvão não tinham advogado na corte. Eram tolos em falar de seus direitos. As pessoas espertas ignoravam o certo e o errado e tomavam conta de si, como Cora e Peg e Buck Delaney.

Pegou o caneco de cerveja, mas sua mão imobilizou-se a meio caminho da boca.

Caspar Gordonson morava em Londres, claro.

Mack podia pegá-lo... Podia mostrar a ele o quanto valiam seus direitos legais. Mas talvez pudesse fazer melhor do que isto. Talvez Gordonson viesse a ser o advogado dos carregadores de carvão. Ele era advogado, e escrevia constantemente sobre a liberdade inglesa: devia ajudar.

Valia a pena tentar.

A carta fatal que Mack recebera de Caspar Gordonson tinha vindo de um endereço na rua Fleet. O Fleet era um córrego imundo que desaguava no Tâmisa ao pé da colina onde ficava a catedral de St. Paul. Gordonson morava numa casa de tijolos de três andares perto de uma grande taverna.

— Deve ser solteiro — disse Dermot.

— Como é que você sabe? — indagou Charlie Smith.

— Janelas sujas, degraus da porta sem polimento. Não tem mulher em casa.

Um criado os conduziu para o interior da casa, não demonstrando surpresa quando pediram para ver o Sr. Gordonson. Quando entraram, dois homens bem-vestidos estavam saindo, prosseguindo numa discussão que envolvia William Pitt, o Lorde do Selo Privado e o Visconde de Weymouth, um dos secretários de Estado.

Não interromperam a discussão, mas um deles cumprimentou Mack abanando a cabeça com distraída polidez, o que o surpreendeu muito, já que cavalheiros normalmente ignoravam as pessoas das classes baixas.

Mack imaginara que a casa de um advogado devia ser um lugar de documentos empoeirados e segredos sussurrados, na qual o maior ruído seria o lento arranhar de penas escrevendo. A casa de Gordonson, contudo, era mais como uma gráfica. Havia jornais e panfletos amarrados em maços no saguão, o ar cheirava a papel cortado e tinta de impressão e o barulho das máquinas que vinha de baixo sugeria que uma impressora estava sendo

operada no porão.

O criado entrou numa sala que dava no corredor. Mack perguntou-se se não estaria perdendo seu tempo. Pessoas que escreviam artigos inteligentes em jornais provavelmente não sujavam as mãos envolvendo-se com trabalhadores braçais. O interesse de Gordonson por liberdade podia ser inteiramente teórico. Mas Mack tinha que tentar tudo. Conduzira a sua turma de carregadores de carvão a uma rebelião e agora estavam todos sem trabalho: ele tinha que fazer alguma coisa.

Uma voz alta e estridente veio de dentro.

— McAsh? Nunca ouvi falar! Quem é? Você não sabe? Então pergunte! Deixa para lá...

Um momento depois um homem calvo e sem peruca apareceu no portal e deu uma espiada nos três carregadores de carvão através das lentes dos seus óculos.

— Não creio que conheça qualquer um de vocês — disse ele. — O que desejam de mim?

Foi um início desencorajador, mas Mack não desanimava facilmente e disse, com bom humor:

— O senhor me deu um péssimo conselho recentemente, mas, a despeito disso, vim em busca de mais.

Houve uma pausa e Mack pensou que tivesse ofendido o advogado; mas aí Gordonson riu vigorosamente e, num tom de voz amigo, disse:

— Quem é você, afinal?

— Malachi McAsh, conhecido como Mack. Eu era minerador de carvão em Heugh, perto de Edimburgo, até que o senhor me escreveu e me disse que eu era um homem livre.

A compreensão iluminou o rosto de Gordonson.

— Você é o mineiro amante da liberdade! Toque aqui, homem.

Mack apresentou Dermot e Charlie.

— Entrem, todos vocês. Tomam um copo de vinho?

Eles o seguiram no interior de uma sala desarrumada com uma escrivaninha e as paredes forradas de livros. Havia mais publicações empilhadas no chão e em cima da mesa estavam espalhadas provas de impressão. Um cachorro velho e gordo estava deitado sobre um tapete manchado em frente à lareira.

Podia se sentir um cheiro desagradável que devia vir do tapete ou do cachorro, ou talvez de ambos. Mack levantou um livro de direito aberto de

cima de uma cadeira e sentou-se.

— Não vou tomar vinho, obrigado — disse. Queria estar em plena posse de suas faculdades mentais.

— Uma xícara de café, talvez? O vinho adormece, mas o café desperta. Café para todo mundo — disse para o criado, sem esperar resposta. Ele virou-se de novo para Mack: — Agora, McAsh, por que meu conselho foi tão ruim para você?

Mack contou como tinha deixado Heugh. Dermot e Charlie ouviram atentamente a história: nunca a tinham ouvido.

Gordonson acendeu um cachimbo e soprou nuvens de fumaça, sacudindo a cabeça, irritado, de tempos em tempos. Quando o café chegou, Mack estava terminando.

Conheço os Jamisson há muito tempo, são pessoas gananciosas, impiedosas e brutais — disse Gordonson, com sentimento.

— O que foi que você fez quando veio para Londres?

— Fui trabalhar como carregador de carvão. — Mack relatou o que acontecera na The Sun na noite anterior.

— Os pagamentos em bebida feitos aos carregadores de carvão são um antigo escândalo — disse Gordonson.

Mack fez que sim.

— Disseram-me que não fui o primeiro a protestar.

— E na verdade não foi. O Parlamento passou uma lei contra esta prática há dez anos.

Mack ficou assombrado.

— Então como é que continua?

— A lei nunca foi posta em execução.

— Por quê?

— O governo tem medo de interromper o fornecimento de carvão. Londres funciona na base do carvão... nada acontece aqui sem ele: não se assa pão, não se fabrica cerveja, não se pode soprar vidros, fundir ferro, ferrar cavalos ou fabricar pregos...

— Eu entendo — disse Mack, impaciente. — O que eu não devia era ficar surpreso porque a lei nada faz por homens como nós.

— Não, você está errado quanto a isto — disse Gordonson, em tom pedante. — A lei não toma decisões. Ela não tem vontade própria. É como uma arma, uma ferramenta: trabalha para quem a pega e usa.

— Os ricos.

— Geralmente — concedeu Gordonson. — Mas pode trabalhar para você.

— Como? — quis saber Mack, ansioso.

— Suponha que você imagine um método alternativo de formação de turmas para descarregar os navios de carvão.

Era isso que Mack estava esperando.

— Não seria difícil — disse. — Os homens poderiam escolher um deles para ser seu intermediário e lidar com os capitães dos navios. O dinheiro seria repartido assim que fosse recebido.

— Presumo que os carregadores iam preferir trabalhar sob o novo sistema, e serem livres para gastar seus salários como bem entendessem.

— Sim — concordou Mack, contendo seu entusiasmo, cada vez maior. — Poderiam pagar pela cerveja que bebessem, como qualquer um.

Mas Gordonson iria se alinhar ao lado dos carregadores? Se fosse, tudo podia mudar.

Charlie Smith disse, desanimado:

— Já foi tentado. Não funciona.

Charlie trabalhava descarregando carvão há muitos anos, lembrou Mack. E perguntou:

— Por que não funciona?

— O que acontece é que os empreiteiros subornam os capitães dos navios para não usar as novas turmas. Depois há encrencas e brigas entre as turmas. E são as turmas novas que são punidas pelas brigas, porque os juízes são, eles próprios, empreiteiros, ou amigos de empreiteiros... e no fim todos os carregadores de carvão voltam aos velhos costumes.

— Malditos idiotas! — disse Mack.

Charlie pareceu ofendido.

— Suponho que se fossem mais inteligentes não seriam carregadores de carvão.

Mack percebeu ter sido arrogante, mas se enfurecia ao ver que o homem é o pior inimigo do próprio homem.

— Eles só precisam ter um pouco mais de determinação e solidariedade — disse.

Gordonson acrescentou:

— Há mais do que isso. É uma questão de política. Eu me lembro da última disputa dos carregadores de carvão. Foram derrotados porque não tinham um defensor. Os empreiteiros eram contra eles e eles não tinham

quem estivesse do seu lado.

— E por que deveria ser diferente desta vez? — quis saber Mack.

— Por causa de John Wilkes.

Wilkes era um defensor da liberdade, mas estava exilado.

— Ele não pode fazer muito por nós em Paris.

— Ele não está em Paris. Já voltou.

Aquilo foi uma surpresa.

— O que é que ele vai fazer?

— Candidatar-se ao Parlamento.

Mack podia imaginar como aquilo ia agitar os círculos políticos de Londres.

— Mas ainda não vejo como isso possa nos ajudar.

— Wilkes ficará com os carregadores de carvão e o governo se alinhará com os empreiteiros. Uma disputa dessas, com os trabalhadores visivelmente com a razão e tendo também a lei ao seu lado, só poderá ajudar Wilkes.

— Como você sabe o que Wilkes fará?

Gordonson sorriu.

— Sou cabo eleitoral dele.

Gordonson era mais poderoso do que Mack imaginara. Aquilo era uma sorte.

Charlie Smith, ainda cético, disse:

— Então você está planejando usar os carregadores de carvão em benefício dos seus objetivos políticos.

— Bem pensado — concordou Gordonson, condescendente. — Ele descansou o cachimbo. — Mas por que apoio Wilkes? Eu explico. Vocês vieram me procurar hoje queixando-se de uma injustiça. Este tipo de coisa acontece com muita frequência: homens e mulheres comuns explorados cruelmente em benefício de um tipo ganancioso como George Jamisson ou Sidney Lennox. Isso prejudica o comércio, porque o mau empreendimento prejudica o bom. E mesmo que fosse bom para o comércio seria ruim. Amo meu país e odeio os covardes que querem destruir seu povo e arruinar sua prosperidade. Assim, passo a vida lutando por justiça. — Ele sorriu e recolocou o cachimbo na boca. — Espero não ter sido pomposo demais.

— Em absoluto — disse Mack. — Estou satisfeito porque você está do nosso lado.

O dia do casamento de Jay Jamisson foi frio e úmido. Do seu quarto na Grosvenor Square ele podia ver o Hyde Park, onde seu regimento estava acampado. Uma neblina baixa cobria o solo, e as barracas dos soldados pareciam velas de navios num irrequieto mar cinzento. Fogueiras sem brilho soltavam fumaça aqui e ali, tornando a atmosfera mais abafada. Os homens podiam ser infelizes, mas os soldados eram sempre infelizes.

Deu as costas à janela. Chip Marlborough, que o estava ajudando na cerimônia do casamento, segurava o novo casaco de Jay. Jay o enfiou com um grunhido de agradecimento.

Chip era capitão no Terceiro Regimento de Infantaria da Guarda, como Jay.

O pai dele era Lorde Arebury, que tinha negócios com o pai de Jay. Jay sentia-se lisonjeado por um herdeiro tão aristocrático ter concordado em ficar a seu lado no dia de seu casamento.

— Você já viu os cavalos? — perguntou Jay, ansiosamente.

— Claro — disse Chip.

Embora o Terceiro fosse um regimento de infantaria, os oficiais sempre andavam montados, e a responsabilidade de Jay era supervisionar os homens que cuidavam dos cavalos. Ele era talentoso, quando se tratava de cavalos; compreendia-os instintivamente.

Tinha dois dias de licença por causa do casamento, mas ainda assim se preocupava em saber se os animais estavam sendo tratados adequadamente.

A licença era tão curta porque o regimento estava em serviço ativo. Não havia guerra: a última guerra que o exército britânico combatera fora a Guerra dos Sete Anos, contra os franceses na América, a qual terminara quando Jay e Chip eram garotos de escola. Mas o povo de Londres estava tão inquieto e turbulento que as tropas estavam prontas para reprimir os distúrbios. Quase que diariamente um grupo qualquer de artesãos entrava em greve, marchava sobre o Parlamento ou corria pelas ruas quebrando vidraças. Só naquela semana os tecelões de seda, ultrajados por uma redução nos seus salários, destruíram três dos novos teares motorizados em Spitalfields.

Espero que o regimento não seja convocado enquanto eu estiver de licença — disse Jay. — Seria muita falta de sorte minha perder a ação.

— Pare de se preocupar! — Chip serviu conhaque em dois copos. Ele era um grande bebedor de conhaque. — Ao amor!

— Ao amor — repetiu Jay.

“Não sabia muito sobre o amor”, refletiu ele. Perdera sua virgindade cinco anos atrás com Arabella, uma das criadas da casa de seu pai. Pensou naquele tempo que a estivesse seduzindo, mas, rememorando, podia ver agora que tinha sido exatamente o contrário. Depois de estar com ela na cama três vezes, ela lhe dissera que estava grávida. Pagara-lhe trinta libras, que pedira a um agiota, para que desaparecesse. Hoje suspeitava que ela nunca estivera grávida e que tudo não passara de um golpe estudado.

Desde então flertara com dúzias de garotas, beijara muitas delas e fora para a cama com poucas. Achava fácil seduzir uma garota: era principalmente uma questão de fingir-se interessado em tudo quanto ela dissesse, embora boa aparência e bons modos ajudassem. Ele as deixava indefesas sem muito esforço. Mas agora, pela primeira vez, sofrera o mesmo tratamento. Quando estava com Lizzie sentia-se sempre ligeiramente sem fôlego, e sabia que a fitava como se ela fosse a única pessoa na sala, do mesmo modo como uma garota olhava para ele quando estava sendo fascinante. Será que isto era amor? Ele achava que sim.

Seu pai passara a encarar melhor o casamento por causa da possibilidade de conseguir explorar o carvão de Lizzie. Era por isto que estava fazendo com que Lizzie e a mãe permanecessem na casa de hóspedes e ia pagar o aluguel da casa da rua Rugby onde Jay e Lizzie iam morar após o casamento. Não tinham prometido nada ao pai, mas também não tinham lhe dito que Lizzie era terminantemente contrária a minerar carvão em High Glen. Jay só esperava que tudo desse certo no final. A porta abriu-se e um laçao perguntou:

— O senhor pode atender um certo Sr. Lennox?

Jay sentiu um aperto no coração. Devia dinheiro a Sidney Lennox: dívidas de jogo.

Mandaria o homem embora, afinal era apenas um taverneiro, mas Lennox podia mostrar-se desagradável por causa da dívida.

— É melhor fazer com que ele entre — disse Jay. — Sinto muito por isto — disse para Chip.

— Conheço Lennox — disse Chip. — Eu mesmo perdi dinheiro para ele. — Lennox entrou, e Jay reparou no cheiro de suor azedo que exalava, como alguma coisa que fermentasse. Chip cumprimentou-o:

— Como vai, seu maldito tratante?

Lennox dirigiu-lhe um olhar glacial.

— Você não me chama de maldito tratante quando ganha.

Jay fitou-o nervosamente. Lennox trajava uma roupa amarela com meias de seda e sapatos de fivela, mas lembrava um chagal vestido de homem; havia um ar de ameaça nele que roupas elegantes não eram capazes de esconder. Jay não podia, contudo, romper com Lennox. Era um sujeito bastante útil: sempre sabia onde havia uma briga de galos, combate de gladiadores ou corrida de cavalos e se tudo mais falhasse, ele mesmo organizava um jogo de cartas ou de dados.

Lennox estava sempre disposto a dar crédito a jovens oficiais que ficavam sem dinheiro, mas queriam continuar jogando, e este era o problema. Jay devia a Lennox cento e cinquenta libras. Seria embaraçoso se Lennox insistisse em cobrar a dívida agora.

— Você sabe que estou me casando hoje, Lennox — disse Jay.

— Sim, eu sei disso — confirmou Lennox. — Vim para beber à sua saúde.

— Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma. Chip, um trago para o nosso amigo.

Chip serviu três doses generosas de conhaque.

— A você e sua noiva — disse Lennox.

— Muito obrigado — agradeceu Jay, e os três homens beberam.

Lennox dirigiu-se a Chip.

— Haverá um grande jogo de cartas amanhã à noite, capitão Marlborough, no café Lord Archer's.

— Parece bom para mim — disse Chip.

— Espero vê-lo lá. Sem dúvida você estará muito ocupado, capitão Jamisson.

— Espero que sim — respondeu Jay.

De qualquer modo, ele lembrou a si próprio, não teria dinheiro para jogar.

Lennox descansou seu copo.

— Espero que tenham um bom dia e que a neblina levante — disse, e saiu.

Jay disfarçou o alívio que sentiu. Nada tinha sido dito a respeito de dinheiro. Lennox sabia que o pai de Jay pagara o último débito e talvez se sentisse confiante de que Sir George fosse fazer o mesmo de novo. Jay

perguntou-se por que Lennox teria vindo: certamente que não para beber um copo de conhaque de graça?

Teve a sensação desagradável de que Lennox tinha querido dar uma espécie de mensagem. Havia uma ameaça muda no ar. Mas o que poderia um taverneiro fazer ao filho de um rico comerciante. No final de tudo?

Vindo da rua, Jay ouviu o barulho das carruagens parando diante da casa. Expulsou Lennox de sua cabeça.

Vamos descer — disse.

A sala de estar era um grande espaço com uma mobília caríssima feita por Thomas Chindale. Cheirava à cera de polimento. A mãe de Jay, o pai e o irmão estavam lá, todos vestidos para a igreja. Alicia beijou Jay. Sir George e Robert cumprimentaram-no embaraçadamente: nunca tinham sido uma família afetuosa e a briga por causa do vigésimo-primeiro aniversário de Jay ainda estava recente na memória de todos.

Um lacaios estava servindo café. Jay e Chip tomaram uma xícara cada um. Antes que pudessem engolir, a porta foi escancarada e Lizzie entrou como um furacão:

— Como se atreve? — esbravejou. — Como é que você se atreve?

O coração de Jay falhou uma batida. O que seria agora?

Lizzie estava vermelha de indignação, com os olhos faiscantes, o colo arfando.

Trajava o vestido de noiva, um vestido branco simples com uma touca branca, mas parecia encantadora.

— O que foi que eu fiz? — queixou-se Jay.

— O casamento está cancelado! — replicou ela.

— Não! — gritou Jay.

Certamente que ela não ia ser tirada dele no último momento? A ideia era insuportável Lady Hallim entrou correndo atrás da filha, com uma expressão perturbada no rosto.

— Lizzie, por favor, pare com isso — disse ela.

A mãe de Jay assumiu o controle.

— Lizzie querida, qual é o problema? Por favor, conte-nos o que a deixou tão aborrecida.

— Isto! — disse ela, e sacudiu um maço de papéis.

Lady Hallim contorcia as mãos.

— É uma carta do meu guarda-chefe — disse.

Lizzie explicou:

— Diz que topógrafos contratados pelos Jamisson estiveram cavando na propriedade Hallim.

— Cavando? — disse Jay, desorientado.

Ele olhou para Robert e percebeu uma expressão furtiva no rosto dele.

Lizzie disse, impaciente:

— Estão procurando carvão, claro.

— Oh, não! — protestou Jay.

Compreendeu o que acontecera. Seu impaciente pai se precipitara. Estava tão ansioso para pôr as mãos no carvão de Lizzie que não conseguira esperar pelo casamento. Mas a impaciência do pai podia ter feito com que Jay perdesse a noiva. Só de pensar nisto Jay ficou tão furioso que gritou com o pai:

— Seu maldito idiota! — disse, atrevido. — Olhe só o que fez!

Era algo de chocante para um filho dizer, e Sir George não estava acostumado com oposição da parte de ninguém. Ficou vermelho, com os olhos esbugalhados e gritou:

— Pois então cancele o maldito casamento! O que me importa?

Alicia interveio.

— Calma, Jay, e você também, Lizzie — disse. Ela também se referia a Sir George, mas diplomaticamente não disse o nome dele. — Obviamente houve um erro. Sem dúvida os topógrafos de Sir George entenderam mal as instruções que receberam. Lady Hallim, por favor leve Lizzie de volta à casa de hóspedes e nos permita esclarecer tudo isto. Sinto-me segura de que não será preciso nada de tão drástico quanto cancelar o casamento.

Chip Marlborough tossiu. Jay tinha esquecido que ele estava ali.

— Se me dão licença... — disse ele, dirigindo-se para a porta.

— Não saia da casa — pediu Jay. — Fique lá em cima.

— Certamente — concordou Chip, embora seu rosto demonstrasse que preferia estar em qualquer outro lugar do mundo.

Alicia conduziu delicadamente Lizzie e Lady Hallim para a porta, atrás de Chip.

— Por favor, deem-me uns minutinhos e daqui a pouco vou chamá-las e tudo estará bem.

Quando Lizzie saiu, estava parecendo mais em dúvida do que furiosa, e a esperança de Jay era de que ela se desse conta de que ele não tinha tomado conhecimento das perfurações.

Alicia fechou a porta e virou-se. Jay rezou para que ela pudesse fazer

algo para salvar o casamento. Teria um plano? Ela era tão inteligente. A sua única esperança. Ela não protestou com seu pai. Ao invés, disse:

— Se não houver casamento, você não terá seu carvão.

— High Glen está falida — replicou Sir George.

— Mas Lady Hallim pode renovar suas hipotecas com outro que lhe empreste.

— Ela não sabe disso.

— Alguém Lhe dirá.

Houve uma pausa enquanto a ameaça era digerida. Jay teve medo de que seu pai explodisse. Mas a mãe sabia avaliar bem o quanto ele podia ser pressionado, e no fim Sir George disse, resignado:

— O que você quer, Alicia?

Jay deixou escapar um suspiro de alívio. Talvez seu casamento pudesse ser salvo.

A mãe disse:

— Antes de mais nada, Jay tem que falar com Lizzie e convencê-la de que não sabia das perfurações.

— É verdade! — aparteou Jay.

— Cala a boca e escuta — disse seu pai, brutalmente.

A mãe prosseguiu:

— Se ele conseguir convencê-la, os dois poderão se casar conforme o planejado.

— E depois?

— Depois é ter paciência. Com o tempo, Jay e eu podemos convencer Lizzie a mudar de ideia, ou pelo menos a tornar-se menos passional a esse respeito... especialmente quando ela tiver uma casa e um filho e começar a entender a importância do dinheiro.

Sir George sacudiu a cabeça.

— Não é bastante bom, Alicia. Não posso esperar.

— Por que não?

Ele fez uma pausa, olhou para Robert e deu de ombros.

— Suponho que seja melhor contar — disse. — Estou endividado. Você sabe que sempre recorremos a empréstimos, a maioria dos quais de Lorde Arebury. No passado lucrávamos o que dava para nós e para ele. Mas o nosso comércio com a América caiu a um nível muito baixo desde que começou o problema com as colônias. E é quase impossível receber pagamento pelo pouco que restou. O nosso maior devedor quebrou, deixando-me com uma

plantação de tabaco na Virgínia que não consigo vender.

Jay ficou atônito. Nunca lhe ocorrera que os empreendimentos da família estivessem correndo risco e que a fortuna que sempre conhecera podia não ser eterna. Começou a entender por que seu pai ficara tão enfurecido por ter de pagar suas dívidas de jogo.

O pai continuou:

— O carvão tem nos sustentado, mas não basta. Lorde Arebury quer o seu dinheiro.

Assim, eu preciso da propriedade Hallim. Caso contrário, posso perder todos os meus negócios.

Houve um silêncio. Tanto Jay quanto sua mãe estavam chocados demais para falar.

Finalmente Alicia disse:

— Então só há uma solução. High Glen terá que ser explorada sem o conhecimento de Lizzie.

Jay franziu a testa, preocupado. A proposta o assustava. Mas decidiu não dizer nada ainda.

— Como isto poderia ser feito? — indagou Sir George.

— Mande ela e Jay para outro país.

Jay ficou espantado. Que ideia inteligente!

— Mas Lady Hallim saberia — disse ele — e com certeza contaria a Lizzie.

Alicia sacudiu a cabeça.

— Não, não contaria. Ela fará qualquer coisa para que este casamento aconteça. Ficará quieta se lhe dissermos para nada dizer.

Jay perguntou:

— Mas para onde nós iríamos? Que país?

— Barbados — disse sua mãe.

— Não! — interpôs Robert. — Jay não pode ter a plantação de cana-de-açúcar.

Alicia disse serenamente:

— Acho que seu pai desistirá de Barbados se os negócios de toda a família dependerem disso.

O rosto de Robert exibiu uma expressão de triunfo.

— O pai não pode, mesmo que queira. A plantação já me pertence.

Alicia dirigiu um olhar indagador a Sir George.

— É verdade? É dele?

Sir George fez que sim.

— Já a transferi para ele.

— Quando?

— Há três anos.

Aquilo causou outro choque. Jay não tinha ideia. Sentiu-se ferido.

— Foi por isto que você não me deu a plantação no dia do meu aniversário — disse, tristemente. — Você já a tinha dado para Robert.

Alicia perguntou:

— Mas, Robert, certamente que você a devolveria para salvar o conjunto dos negócios da família?

— Não! — exclamou Robert, furioso. — Isso é apenas o começo... você começará roubando a plantação e no fim ficará com tudo! Eu sei que sempre quis me tirar o negócio e dar para o bastardinho.

— Tudo o que quero para Jay é uma parte justa — replicou ela.

Sir George disse:

— Robert, se você não fizer isso poderá significar a bancarrota para todos nós.

— Não para mim — disse ele, triunfante. — Ainda tenho a plantação.

— Mas poderia ter muito mais — contrapôs Sir George.

Robert fez uma cara astuciosa.

— Tudo bem. Eu devolvo, com uma condição: que você passe todo o resto do negócio para mim, e estou me referindo a tudo. E você se aposenta.

— Não! — gritou Sir George. — Não vou me aposentar, ainda não tenho cinquenta anos!

Os dois se encararam, Robert e Sir George, e Jay pensou em como eram parecidos. Ele sabia que nenhum dos dois cederia, e sentiu um aperto no coração. Era um impasse. Os dois homens, teimosos, tinham se metido num beco sem saída e com isso arruinariam tudo: o casamento, o negócio e o futuro da família.

Mas Alicia não estava pronta para desistir.

— O que é essa propriedade na Virgínia, George?

— Mockjack Hall é uma plantação de tabaco, com cerca de quatrocentos hectares e cinquenta escravos... O que é que você está pensando?

— Você poderia dá-la para Jay.

O coração de Jay deu um salto. Virgínia! Seria o começo pelo qual ansiava, longe do pai e do irmão, uma propriedade sua para administrar e cultivar. E Lizzie vibraria de felicidade com a chance.

Os olhos de Sir George estreitaram-se.

— Eu não poderia lhe dar dinheiro — disse. — Ele teria que pedir emprestado o que fosse preciso para tocar a plantação.

Jay disse rapidamente:

— Não me importo com isso.

Alicia lembrou:

— Mas você teria que pagar os juros das hipotecas de Lady Hallim, caso contrário ela poderia perder High Glen.

— Isto eu posso fazer com a renda do carvão — o pai continuou, pensando nos detalhes. — Eles terão que partir para a Virgínia imediatamente, dentro de umas poucas semanas.

— Eles não podem — protestou Alicia. — Têm que fazer seus preparativos. Dê a eles um mínimo de três meses.

Ele sacudiu a cabeça.

— Preciso do carvão antes disso.

— Tudo bem. Lizzie não vai querer viajar de volta para a Escócia... estará ocupada demais se preparando para a vida nova.

Toda aquela conversa de enganar Lizzie deixou Jay apreensivo. Ele é quem iria sofrer sua ira se ela descobrisse.

— E se alguém escrever a ela? — indagou.

Alicia ficou pensativa.

— Precisamos saber quais dos criados de High Glen poderiam fazer isto... o que você pode descobrir, Jay.

— Como os impediremos?

— Mandaremos alguém lá para dispensá-los.

Sir George disse:

— Isto podia dar certo. Tudo bem, nós o faremos.

Alicia virou-se para Jay e sorriu triunfantemente. Afinal conseguira o patrimônio do filho. Passou os braços em torno dele e o beijou.

— Deus o abençoe, meu querido filho. Agora vá e diga a ela que você e sua família estão sentidíssimos com o erro acontecido, e que seu pai deu a você Mockjack Hall como presente de núpcias.

Jay abraçou-a e sussurrou:

— Muito bem feito, mãe. Obrigado.

Ele saiu. Ao atravessar o jardim, sentia-se jubiloso e apreensivo ao mesmo tempo.

Tinha conseguido o que sempre quisera. Queria que houvesse

acontecido sem que sua noiva fosse enganada, mas não havia outro jeito. Se ele tivesse recusado, teria perdido a propriedade e poderia também ter perdido Lizzie.

Entrou na pequena casa de hóspedes junto dos estábulos. Lady Hallim e Lizzie estavam na modesta sala de estar sentadas diante de um fumacento fogo de carvão. As duas tinham chorado.

Jay sentiu um súbito e perigoso impulso de contar a verdade a Lizzie. Se revelasse a trama planejada pelos seus pais e lhe pedisse para desposá-lo e viver na pobreza, ela talvez dissesse que sim.

O risco, contudo, o apavorou. E o sonho deles de ir para um novo país morreria. “Às vezes”, disse a si próprio, “a mentira era mais bondosa.” Mas será que ela acreditaria?

Ajoelhou-se em frente a ela. Seu vestido de noiva cheirava a lavanda.

— Meu pai sente muito — disse. — Ele mandou seus topógrafos para me fazer uma surpresa. Achou que ficaríamos satisfeitos por saber que havia carvão na sua terra. Não sabia como são fortes seus sentimentos a respeito de mineração.

Ela pareceu cética.

— Por que você não lhe contou?

Ele levantou as mãos num gesto de impotência.

— Ele nunca perguntou — disse. Ela ainda parecia obstinada, mas Jay tinha outra carta na manga. — E tem algo mais. Nosso presente de casamento.

Ela franziu a testa.

— O que é?

— Mockjack Hall, uma plantação de tabaco na Virgínia. Podemos partir para lá assim que quisermos.

Ela o encarou, surpresa.

— É o que sempre quisemos, não é? — perguntou ele. — Um novo começo em um novo país: uma aventura!

Lentamente o rosto dela abriu-se num sorriso.

— Verdade mesmo? Virgínia? Será que é verdade, Jay?

Ele mal podia acreditar que ela fosse consentir.

— Você aceita, então? — disse, temeroso.

Ela sorriu. Seus olhos encheram-se de lágrimas e não conseguiu falar. Fez que sim, balançando a cabeça, aturdida.

Jay viu que ganhara. Tinha tudo o que queria. A sensação foi igual a de

ganhar uma mão valiosa num jogo de cartas. Era hora de recolher o lucro.

Ele levantou-se. Puxou-a da cadeira e deu-lhe o braço.

— Venha comigo, então — disse. — Vamos nos casar.

Ao meio-dia do terceiro dia o porão do Durham Primrose não tinha mais carvão.

Mack olhou em torno, mal podendo acreditar que realmente acontecera. Tinham feito tudo sem precisar de um intermediário.

Tinham ficado observando o cais e escolheram um navio de carvão que chegara no meio do dia, quando as outras turmas já estavam trabalhando. Enquanto os homens esperavam na margem, Mack e Charlie remaram até o navio que ancorava e ofereceram seus serviços, começando imediatamente. O capitão sabia que se fosse querer contratar uma turma das habituais teria que esperar até o dia seguinte e como tempo era dinheiro para os capitães de navio, contratou-os.

Os homens pareciam trabalhar mais depressa sabendo que seriam pagos sem descontos. Ainda tomavam cerveja o dia inteiro, mas, pagando jarra por jarra, só bebiam o que precisavam. E descarregaram o navio em quarenta e oito horas.

Mack pôs a pá em cima do ombro e foi para o convés. O tempo estava frio e enevoadado, mas Mack ainda estava quente do porão.

Quando a última saca de carvão foi jogada na barca, os carregadores a saudaram com uma grande gritaria.

Mack conferiu com o imediato. O barco transportava quinhentas sacas e ambos tinham contado o número de viagens de ida e volta que fizera. Agora contaram os sacos que sobraram para a última viagem e concordaram quanto ao total. Em seguida foram para a cabine do capitão.

Mack esperou que não houvesse obstáculos de último minuto. Tinham feito o trabalho: agora tinham que ser pagos, não tinham?

O capitão era um homem magro, de meia-idade, com um nariz grande e vermelho.

Cheirava a rum.

— Terminado? — perguntou. — Vocês foram mais rápidos do que as turmas normais.

Qual foi a quantidade?

— Seiscentas vintenas, abatendo noventa e três — respondeu o imediato, e Mack fez que sim.

Eles contavam em vintenas porque cada homem recebia um pêni por vinte sacas.

Chamaram-no para dentro da cabine e se sentaram diante de um ábaco.

Seiscentas vintenas menos noventa e três, a dezesseis pence por vintena... — era uma soma complicada, mas Mack estava acostumado a ser pago pelo peso do carvão que produzia, e era capaz de fazer contas de cabeça quando seu salário dependia disto.

O capitão tinha uma chave em uma corrente presa no cinto. Usou-a para abrir um cofre que ficava num canto. Mack ficou olhando fixamente enquanto ele tirou uma caixa menor de dentro do cofre, pôs em cima da mesa e abriu.

— Se considerarmos as sete sacas meia vintena, devo a vocês exatamente trinta e quatro libras e quatorze shillings — e ele contou o dinheiro.

O capitão deu-lhe um saco de pano para carregar o dinheiro e incluiu moedas em número suficiente para que ele pudesse fazer a divisão exata com os homens. Mack sentiu uma tremenda sensação de triunfo quando segurou o dinheiro com suas mãos.

Cada homem ganhara quase duas libras e dez shillings; mais em dois dias do que em duas semanas de trabalho com Lennox. Mais importante ainda, tinham provado que podiam lutar pelos seus direitos e conquistar justiça.

Ele sentou de pernas cruzadas no convés do navio para pagar os homens. O primeiro da fila, Amps Tipe, disse:

— Muito obrigado, Mack, e Deus o abençoe, rapaz.

— Não me agradeça, você mereceu — protestou Mack.

A despeito do protesto, o homem seguinte agradeceu do mesmo modo, como se ele fosse um príncipe concedendo favores.

— Não é só o dinheiro — disse Mack quando o terceiro homem, Slash Harley, deu um passo em frente. — Conquistamos a nossa dignidade também.

— Você pode ficar com a dignidade, Mack — disse Slash. — Só quero o dinheiro. — Os outros riram.

Mack sentiu-se um pouco furioso com eles, enquanto continuava a contar as moedas.

Por que não eram capazes de ver que aquilo era mais do que uma questão do salário do dia?

Por se mostrarem tão estúpidos em relação a seus próprios interesses, ele achou que mereciam ser roubados pelos empreiteiros.

Nada podia, contudo, estragar sua vitória. Quando todos remaram para o cais, puseram-se a cantar uma canção muito obscena chamada “O Prefeito de Bayswater”, e Mack juntou-se ao coro com toda a força dos seus pulmões.

Ele e Dermot andaram até Spitalfields. A cerração da manhã estava levantando. Mack tinha uma melodia nos lábios e a primavera no passo. Quando entrou no seu quarto, uma agradável surpresa o esperava. Sentada num banco de três pernas, cheirando a sândalo e balançando uma perna bem-torneada, estava a amiga ruiva de Peg, Cora, com um casaco castanho e um chapéu vistoso e elegante.

Cora havia apanhado a capa de Mack, que normalmente ficava sobre o colchão de palha onde ele dormia, e estava esfregando a pele.

— Onde foi que você arranjou isto? — perguntou.

— Foi presente de uma fina dama — disse ele com um sorriso.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim ver você — disse ela. — Se lavar o rosto, poderá sair comigo, isto é, se não tiver que ir tomar um chá com alguma dama fina.

Ele deve ter ficado em dúvida, pois ela acrescentou:

— Não fique tão espantado. Você provavelmente pensa que sou uma prostituta, mas não sou, exceto por desespero.

Ele pegou sua barra de sabão e desceu para o cano d'água do quintal. Cora seguiu-o e ficou vendo enquanto tirava a camisa e se livrava do pó de carvão entranhado na pele e no cabelo. Ele pediu uma camisa limpa emprestada a Dermot, vestiu o casaco e um chapéu e saiu de braço com Cora.

Seguiram andando na direção oeste, através do coração da cidade. Em Londres, Mack descobrira, as pessoas andavam pelas ruas a fim de se distraírem, do mesmo modo como caminhavam pelas montanhas na Escócia. Ele gostava de ter Cora segurando seu braço.

Gostava do modo como seus quadris oscilavam, de modo a tocar nele de vez em quando. Por causa do seu colorido notável e de suas roupas vistosas, ela atraía muita atenção e Mack recebia olhares invejosos dos outros homens.

Entraram numa taverna e pediram ostras, pão e cerveja preta.

Cora comeu com gosto, engolindo as ostras inteiras com a ajuda de goles de cerveja.

Quando saíram de novo, o tempo tinha mudado. Ainda estava frio, mas havia um sol fraco. Foram passear no rico bairro residencial chamado

Mayfair.

Em seus vinte e dois anos de idade Mack vira apenas duas casas palacianas, o castelo Jamisson e High Glen. Nesse bairro havia duas casas iguais em cada rua e mais umas cinquenta só um pouco menos magníficas. A riqueza de Londres nunca deixava de assombrá-lo.

Do lado de fora da maior de todas, uma série de carruagens estava chegando e depositando convidados, como se fosse para uma festa. Na calçada de ambos os lados reunira-se uma pequena multidão de transeuntes e servos das casas vizinhas, de cujas portas e janelas havia também gente olhando. A casa era um esplendor de luzes, embora fosse meio de tarde ainda, e a entrada estava decorada com flores.

— Só pode ser um casamento — disse Cora.

Enquanto observavam, outra carruagem chegou e saltou uma figura familiar. Mack teve um sobressalto quando reconheceu Jay Jamisson. Jay ajudou a noiva a saltar da carruagem e os assistentes gritaram e aplaudiram.

— Ela é bonita — disse Cora.

Lizzie sorriu e olhou em torno, agradecendo os aplausos.

Seus olhos encontraram os de Mack e, por um momento, ela ficou imóvel. Ele sorriu e acenou. Lizzie desviou os olhos rapidamente e entrou correndo.

A cena levava apenas uma fração de segundo, mas os olhos penetrantes de Cora não a perderam.

— Você a conhece?

— Foi quem me deu a capa de pele — respondeu Mack.

— Espero que o marido não saiba que dá presentes para carregadores de carvão.

— Ela está se desperdiçando com Jay Jamisson. Ele é bonito, mas fraco.

— Suponho que você ache que ela faria melhor se casando com você.

— Faria, sim — disse Mack, sério. — Vamos ao teatro?

Tarde da noite Lizzie e Jay se sentaram na cama da alcova nupcial envergando suas roupas de dormir, cercados por parentes e amigos que riam sem parar, e todos mais ou menos bêbados. Os mais velhos tinham deixado o quarto há bastante tempo, mas o costume insistia para que os convidados permanecessem, atormentando o casal que, resumidamente, estava desesperado para consumir o casamento.

O dia se passara num turbilhão. Ela mal tivera tempo para pensar na

traição de Jay, seu pedido de desculpas, como o perdoara e o futuro que os aguardava na Virgínia. Não tivera tempo sequer para se perguntar se havia tomado a decisão certa.

Chip Marlborough entrou carregando uma jarra de posset.

Preso com um alfinete no seu chapéu estava uma das ligas de Lizzie. Ele pôs-se a encher os copos de todo mundo.

— Um brinde! — exclamou.

— Um último brinde! — disse Jay, mas todos riram e zombaram.

Lizzie bebeu sua bebida, uma mistura de vinho, leite e gema de ovo com açúcar e canela. Estava exausta. Fora um longo dia; desde a terrível briga matinal; com seu final surpreendentemente feliz, passando pelo serviço religioso, o jantar de casamento, música e dança e agora o ritual cômico para terminar.

Katie Drome, uma parente dos Jamisson, sentou-se na beira da cama com uma das meias brancas de seda de Jay na mão e jogou-a para trás, por cima da sua cabeça. Se batesse em Jay, assim dizia a superstição, em breve ela estaria casada. Katie jogou a meia de qualquer maneira, mas Jay, bem-humoradamente, esticou o braço, pegou-a e colocou-a na cabeça como se tivesse caído ali, e todo mundo bateu palmas.

Um bêbado chamado Peter McKay sentou-se na cama ao lado dela.

— Virgínia — disse. — Hamish Drome foi para a Virgínia, você sabe, depois que foi ludibriado pela mãe de Robert e perdeu sua herança.

Lizzie ficou espantada. A história que corria na família era de que a mãe de Robert, Olive, servira de enfermeira a um primo solteirão moribundo e que ele havia modificado seu testamento em favor dela como prova de gratidão.

Jay ouviu o que McKay dissera.

— Ludibriado? — perguntou.

— Olive falsificou aquele testamento, é claro. Mas Hamish nunca conseguiria prová-lo, e por isso teve que aceitar. Foi para Virgínia e nunca mais se ouviu falar dele.

Jay deu uma risada.

— Ah! A santa Olive, uma falsária!

— Silêncio! — disse McKay. — Sir George nos matará se escutar!

Lizzie ficou curiosa mas já estava farta dos parentes de Jay por aquele dia.

— Bote essa gente para fora! — cochichou.

Todas as exigências do costume tinham sido satisfeitas menos uma.

— Certo — concordou Jay. — Se vocês não forem por bem... — ele atirou fora as cobertas da cama e levantou.

Ao avançar para cima do grupo, levantou a camisa de dormir até a altura dos joelhos.

Todas as garotas gritaram como se estivessem aterrorizadas. O papel delas era fingir que a visão de um homem de camisola de dormir era mais do que uma donzela podia aguentar, e todas saíram correndo do quarto, em bando, caçadas pelos homens.

Jay fechou a porta e trancou. Em seguida empurrou uma cômoda pesada para o portal, querendo se assegurar de que não seriam interrompidos.

De repente a boca de Lizzie ficou seca. Aquele era o momento pelo qual vinha esperando desde que Jay a beijara no saguão do castelo Jamisson e a pedira em casamento.

Desde então seus abraços, acontecidos nos poucos momentos em que eram deixados sozinhos, foram se tornando mais e mais apaixonados. Do beijo de boca aberta progrediram para carícias ainda muito mais íntimas.

Tinham feito tudo que duas pessoas podiam fazer num quarto destrancado com uma ou duas mãos podendo aparecer a qualquer momento. Agora, finalmente, eram autorizados a trancar a porta.

Jay saiu pelo quarto a apagar velas. Quando chegou a vez da última, Lizzie disse:

— Deixe uma acesa.

Ele pareceu surpreso.

— Por quê?

— Porque quero olhar para você. — Jay ficou meio em dúvida, e ela acrescentou: — Tudo bem?

— Sim, suponho que sim — disse ele, metendo-se na cama.

Quando ele começou a beijá-la e acariciá-la, ela desejou que ambos estivessem nus, mas decidiu não sugerir isso. Deixaria que ele fizesse ao seu modo, desta vez.

A excitação que tão bem conhecia fez com que as pernas de Lizzie formigassem e ardessem quando as mãos dele correram por todo o seu corpo. Em um momento Jay abriu-lhe as pernas e passou para cima dela. Lizzie ergueu o rosto para beijá-lo quando ele a penetrou.

Mas Jay estava muito concentrado, não viu. Ela sentiu uma dor súbita e aguda e quase gritou, mas passou logo.

Jay moveu-se dentro dela, e ela se moveu com ele. Não estava segura se era o que devia fazer, mas achou que estava indo bem, e já começava a gostar quando Jay parou, arquejando, arremeteu de novo e caiu em cima dela, respirando forte.

Lizzie ficou preocupada.

— Você está bem? — perguntou.

— Estou — resmungou ele.

“Será que é só isso?”, pensou ela, sem dizer nada.

Ele rolou para o lado e ficou olhando para Lizzie.

— Gostou? — perguntou.

— Foi um tanto rápido — respondeu ela. — Podemos fazer de novo de manhã?

Usando apenas sua camisa, Cora deitou de costas sobre a capa de pele e puxou Mack.

Quando ele pôs a língua dentro de sua boca, sentiu o gosto de gim. Levantou a camisa dela. O pelo fino e ruivo alourado não escondia as dobras do seu sexo. Acariciou-o, do modo como fazia com Annie, e Cora perguntou, ofegante:

— Quem lhe ensinou a fazer isso, meu rapazinho virgem?

Mack arriou seus calções. Cora esticou a mão e pegou uma caixinha na bolsa. Dentro havia algo que parecia pergaminho. Uma fita cor-de-rosa passava pela sua extremidade aberta.

— O que é isto? — perguntou Mack.

— É uma camisa-de-vénus — respondeu ela.

— Pra que diabo serve isso?

Em vez de responder, ela passou a camisinha pelo seu pênis ereto e apertou a fita com força.

— Bem — disse ele, achando graça — sei que meu pinto não é muito bonito, mas nunca pensei que uma garota fosse cobri-lo.

Ela começou a rir.

— Seu camponês ignorante, não é para decoração, é para não me engravidar!

Ele rolou de lado e penetrou-a, e ela parou de rir. Desde que tinha quatorze anos que imaginava como seria, mas ainda achava que não sabia direito, pois aquilo não era bem nem uma coisa nem outra. Parou e contemplou o rosto angelical de Cora. Ela abriu os olhos.

— Não pare — disse.

— Depois disto, eu ainda serei virgem?

— Se for, eu serei uma freira — respondeu ela. — Agora pare de falar.
Vai precisar de todo o seu fôlego.
E ele precisou.

Jay e Lizzie mudaram-se para a casa da rua Rugby um dia depois do casamento. Pela primeira vez cearam sozinhos, com ninguém presente, exceto os servos. Pela primeira vez subiram a escada de mãos dadas, despiram-se juntos e deitaram em sua cama. Pela primeira vez despertaram juntos em sua própria casa.

Estavam nus: Lizzie persuadira Jay a tirar sua camisa de dormir na noite anterior.

Agora comprimiu o corpo contra o seu e acariciou-o, excitando-o; em seguida rolou para cima dele. Pôde ver que Jay ficou surpreso.

— Você se importa? — perguntou.

Ele não replicou, mas começou a se mover dentro dela. Quando acabou, ela disse:

— Eu choco você, não é?

Após uma pausa Jay respondeu.

— Bem, sim.

— Por quê?

— Porque não... não é normal a mulher ficar em cima.

— Não tenho ideia do que as pessoas pensam que seja normal. Nunca estive na cama com um homem antes.

— Espero que não!

— Mas como você sabe o que é normal?

— Esquece.

Jay provavelmente seduzira umas poucas costureirinhas e caixeiras que ficaram deslumbradas com ele e deixaram que assumisse o controle. Lizzie não tinha experiência, mas sabia o que queria e acreditava em pegar o que queria. Não ia mudar agora. Estava gostando muito daquilo. Jay também estava, muito embora estivesse chocado: ela podia afirmar isso pelos seus movimentos vigorosos e pelo ar de satisfação do seu rosto depois.

Lizzie levantou-se e foi nua até a janela. O dia estava frio, mas ensolarado. Os sinos da igreja dobravam abafados, porque era dia de enforcamento: um ou mais criminosos seriam executados naquela manhã. Metade da população trabalhadora da cidade faria um feriado não-oficial e muitos deles iriam até Tyburn, a encruzilhada do canto noroeste de Londres

onde se erguiam as forcas, a fim de ver o espetáculo. Era o tipo da ocasião onde podiam irromper perturbações da ordem nas ruas e por isto o regimento de Jay ficaria em estado de alerta o dia inteiro. Jay, contudo, ainda tinha mais um dia de licença.

Ela o encarou e disse:

— Leve-me ao enforcamento.

Ele lhe dirigiu um olhar desaprovador.

— Um pedido horrível.

— Não me diga que não se trata de um lugar para uma dama.

Ele sorriu.

— Eu não me atrevera.

— Eu sei que homens e mulheres ricos e pobres vão ver o enforcamento.

— Mas por que você quer ir?

Era uma boa pergunta. Lizzie tinha sentimentos misturados a esse respeito. Era uma vergonha transformar a morte em entretenimento, e ela sabia que depois ficaria com nojo de si própria. Mas sua curiosidade era avassaladora.

— Quero saber como é — respondeu. — Como se comportam os condenados?

Choram, rezam ou falam incoerentemente com medo? E os espectadores? Como é observar uma vida humana chegar ao fim?

Ela sempre fora assim. A primeira vez que vira um cervo ser abatido, quando tinha apenas nove ou dez anos de idade, observara fascinada o guarda-caça eviscerar o animal retirando-lhe as entranhas. Ficara fascinada com os múltiplos estômagos e insistira em tocar na carne para ver como era. Era quente e escorregadia. O animal era uma fêmea, prenhe de dois ou três meses e o guarda lhe mostrara o feto dentro do útero transparente. Nada daquilo a revoltara: era demasiado interessante.

Lizzie compreendia perfeitamente bem por que as pessoas iam em bandos ver o espetáculo. Compreendia também por que outras pessoas se revoltavam com a simples ideia de ver a execução. Mas ela fazia parte do grupo inquisitivo.

Jay disse:

— Talvez pudéssemos alugar um quarto com vista para as forcas. É o que muita gente faz.

Mas Lizzie achou que reduziria a intensidade da experiência.

— Oh, não, eu quero estar no meio da multidão! — protestou.

— Mulheres da nossa classe não fazem isto.

— Então eu me vestirei de homem.

Ele ficou na dúvida.

— Jay, não me faça caretas! Você bem que gostou de me levar na mina vestida de homem.

— É um pouco diferente para uma mulher casada.

— Se você me disser que todas as aventuras estão acabadas, só porque estamos casados, fugirei para o mar.

— Não seja ridícula!

Lizzie sorriu para ele e pulou na cama.

— Não seja um velho rabugento — ela deu uns pinotes. — Vamos ao enforcamento!

Ele não pôde deixar de rir.

— Está certo — concordou.

— Bravo!

Ela realizou suas tarefas diárias rapidamente. Disse à cozinheira o que comprar para o jantar; decidiu que aposentos as criadas iriam limpar; disse ao cavaleiro que não ia montar; aceitou um convite em nome do casal para ir jantar com o capitão Marlborough e sua esposa na quarta-feira seguinte; adiou um encontro com uma chapeleira e recebeu uma encomenda de doze arcas reforçadas com metal para a viagem para a Virgínia.

Só então vestiu seu disfarce.

A rua conhecida como Tyburn ou Oxford estava apinhada de gente. As forcas ficavam no fim da rua, fora do Hyde Park.

Casas com vista para as forcas estavam lotadas de ricos espectadores, que tinham alugado cômodos para o dia da execução. Tinha gente encostada no muro de pedra do parque, ombro contra ombro.

Ambulantes se deslocavam por entre a multidão vendendo salsichas quentes, doses de gim e cópias impressas do que passava por ser as últimas palavras dos condenados.

Mack segurou a mão de Cora e abriu caminho por entre a multidão. Não queria ver ninguém morrendo, mas Cora insistira em ir. A única coisa que ele queria era passar todo o seu tempo livre com Cora. Gostava de segurar-lhe a mão, beijar seus lábios sempre que quisesse e tocar no seu corpo de vez em quando. Gostava de simplesmente ficar olhando para ela. Divertia-se com sua atitude descuidada, linguagem rude e olhar malicioso. Por isso foi com ela ao enforcamento.

Uma amiga de Cora ia ser enforcada. Seu nome era Dolly Macaroni, e tomava conta de um bordel, mas seu crime era falsificação.

— O que foi que ela falsificou, afinal? — indagou Mack, enquanto avançavam na direção das forcas.

— Uma ordem de pagamento. Mudou a quantia de onze libras para oitenta.

— Onde foi que ela conseguiu uma ordem de onze libras?

— De Lorde Massey. Ela diz que ele lhe deve mais.

— Ela devia ser desterrada e não enforcada.

— Eles quase sempre enforcam falsários.

Cora e Mack estavam o mais perto que conseguiriam ir, cerca de vinte metros de distância. As forcas eram uma estrutura tosca de madeira; apenas três postes com vigas transversais. Havia cinco cordas penduradas nas travessas, com os laços corrediços prontos para os condenados. Um capelão estava por perto, com um punhado de homens de aparência oficial que, presumivelmente, eram agentes da lei. Soldados com mosquetes mantinham a multidão à distância.

Gradualmente Mack foi se tornando consciente de uma espécie de ronco

que vinha de longe, ao longo da rua Tyburn.

— Que barulho é esse? — perguntou a Cora.

— Eles estão chegando.

Primeiro vinha uma esquadra de guardas civis a cavalo, liderados por um personagem que presumivelmente era o chefe de polícia da cidade. A seguir vinham os policiais, a pé e armados com bastões. Depois, a carreta dos presos, uma carroça de quatro rodas altas puxada por dois cavalos de tração. Uma companhia de lanceiros vinha à retaguarda, mantendo suas lanças pontiagudas rigidamente na vertical. Dentro da carroça, sentados sobre o que pareciam ser caixões, mãos e braços atados com cordas, havia cinco pessoas; três homens, um menino de cerca de quinze anos e uma mulher.

— Olha lá a Dolly — disse Cora, e começou a chorar.

Mack firmou a vista, em horrível fascinação, nos cinco que iam morrer. Um dos homens estava embriagado. Os outros dois pareciam desafiadores. Dolly rezava em voz alta e o menino estava chorando.

A carroça foi levada até sob o cadafalso. O bêbado acenou para alguns amigos, uns tipos com aparência de vilões, que estavam na frente da multidão. Eles gritaram piadas e comentários irreverentes : “Bondade a do xerife ter convidado você!” e “Espero que tenha aprendido a dançar!” e “Experimente o nó para ver se é do seu tamanho!” Dolly pedia perdão a Deus em voz alta e clara.

O menino gritava:

“Salve-me, mamãe, salve-me, por favor!” Os dois homens sóbrios foram cumprimentados por um grupo na frente da multidão. Após um momento Mack reconheceu o sotaque deles como sendo irlandês. Um dos condenados gritou:

— Não deixem que os cirurgiões me peguem, rapazes! — houve um bramido de aprovação da parte dos amigos.

— De que estão falando? — Mack perguntou a Cora.

— Ele deve ser um assassino. Os corpos dos assassinos pertencem à Companhia de Cirurgiões. Cortam para ver o que tem dentro.

Mack estremeceu.

O carrasco subiu na carroça. Colocou um por um os laços nos pescoços e os apertou bem. Ninguém lutou, protestou ou tentou escapar. Teria sido inútil cercados como estavam por guardas, mas Mack achou que ele teria tentado de qualquer maneira.

O padre, um careca de batina manchada, subiu na carroça e falou com

cada um de uma vez: só por uns poucos momentos com o bêbado, quatro ou cinco minutos com os outros dois homens e mais tempo com Dolly e o menino.

Mack ouvira dizer que às vezes as execuções saíam erradas e começou a esperar que fosse este o caso agora. Cordas cederiam; a multidão cercaria o cadafalso e libertaria os prisioneiros; o carrasco cortaria os prisioneiros antes que estivessem mortos.

Era horrível pensar que aqueles cinco seres humanos estariam mortos dentro de poucos minutos.

O padre terminou seu trabalho. O carrasco vendou as cinco pessoas com tiras de trapos e desceu, deixando apenas os condenados na carroça. O bêbado não foi capaz de se equilibrar, tropeçou e caiu; e o laço começou a estrangulá-lo. Dolly continuou a rezar audivelmente.

O carrasco chicoteou os cavalos.

Lizzie ouviu sua própria voz gritar:

— Não!

A carroça sacudiu e deslocou-se.

O carrasco chicoteou os cavalos de novo e os animais esforçaram-se para sair trotando.

A carroça foi puxada de sob os condenados e, um por um, eles caíram até a extensão máxima das respectivas cordas: primeiro o bêbado, já meio morto; depois os dois irlandeses; em seguida o garoto chorão; e por fim a mulher, cuja prece foi interrompida em meio a uma sentença.

Lizzie olhou para os cinco corpos balançando e sentiu-se encher de nojo por si própria e pela multidão à sua volta.

Nem todos eles morreram. O menino, misericordiosamente, pareceu ter quebrado o pescoço de imediato, assim como os dois irlandeses; mas o bêbado ainda se movia, e da mulher, cuja venda escorregara, podia se ver os olhos esbugalhados cheios de medo, enquanto ela morria lentamente.

Lizzie enterrou o rosto no ombro de Jay. Ficaria satisfeita em ir embora, mas obrigou-se a ficar. Quisera ver aquilo e agora tinha que ficar até o fim. Abriu os olhos de novo.

O bêbado expirara, mas o rosto da mulher se contorcia, na agonia da morte. Os barulhentos assistentes silenciaram, imobilizados pelo horror em frente a eles. Diversos minutos se passaram.

Finalmente os olhos dela se fecharam.

O xerife adiantou-se para abater os corpos, e foi aí que a encrenca

começou.

O grupo irlandês adiantou-se, tentando passar pelos guardas para chegar no cadafalso.

Os policiais reagiram, e os lanceiros juntaram-se a eles, golpeando os irlandeses. O sangue começou a correr.

— Eu estava com medo de que acontecesse isto — disse Jay. — Eles querem impedir que os corpos dos amigos cheguem às mãos dos cirurgiões. Vamos sair daqui o mais depressa que for possível. Muitos entre os que os rodeavam tiveram a mesma ideia, mas os que estavam mais atrás estavam tentando se aproximar e ver o que estava acontecendo. Quando uns empurraram numa direção e outros na direção contrária, irromperam diversas brigas aos socos.

Jay tentou forçar passagem. Lizzie manteve-se grudada nele. Os dois se viram indo de encontro a uma onda de gente que vinha na direção contrária. Todos falavam alto ou gritavam. Jay e Lizzie foram forçados a voltar na direção do cadafalso, que agora fervilhava de irlandeses, alguns dos quais mantinham os guardas a distância e fugiam das estocadas dos lanceiros enquanto outros tentavam descer os corpos dos dois amigos.

Por nenhuma razão aparente o aperto em torno de Lizzie e Jay afrouxou de repente.

Ela virou-se e viu um vazio entre dois homens enormes e rudes.

— Vamos, Jay! — gritou, e disparou entre eles.

Virou-se para se assegurar de que Jay estava atrás dela, mas aí o espaço vazio fechou-se. Jay adiantou-se, mas um dos homens levantou a mão ameaçadoramente. Ele vacilou e recuou, momentaneamente temeroso. A hesitação foi fatal: foi separado dela. Lizzie viu sua cabeça loura acima da multidão e lutou para voltar para junto dele, mas foi detida por uma muralha de gente.

— Jay! — gritou. — Jay! — ele também gritou, respondendo, mas a multidão forçou-os a se separarem mais.

Jay foi empurrado na direção da rua Tyburn enquanto a multidão a levava para o lado contrário, na direção do parque. Um momento depois ele estava fora de vista.

Lizzie ficou sozinha. Cerrou os dentes e deu as costas para o cadafalso. Ficou de frente a um sólido bloco de pessoas. Tentou forçar caminho entre um homem pequeno e uma senhora de busto enorme.

— Fique quieto com essas mãos, rapaz — disse a mulher.

Lizzie insistiu e conseguiu espremer-se entre os dois. Pisou nos dedos dos pés de um homem de rosto azedo e ele socou-a nas costelas. Lizzie deu um grito abafado de dor e prosseguiu.

Aí então viu um rosto familiar e reconheceu Mack McAsh. Ele também lutava para abrir caminho por entre a multidão.

— Mack! — gritou, aliviada. Ele estava com a mesma ruiva com que o vira em Grosvenor Square. — Aqui! — gritou Lizzie. — Ajude-me!

Mack a viu e reconheceu-a. Aí então o cotovelo de um homem alto atingiu-a no olho e por alguns segundos não conseguiu enxergar praticamente nada. Quando sua visão voltou ao normal, Mack e a mulher tinham desaparecido.

Inflexivelmente, ela continuou a forçar caminho.

Centímetro a centímetro foi conseguindo se afastar da balbúrdia. A cada passo ia achando um pouco mais fácil deslocar-se. Em questão de cinco minutos não estava mais se espremendo entre pessoas coladas umas nas outras e sim passando por espaços com diversos centímetros de largura. Ao cabo de algum tempo viu-se diante da parede da frente de uma casa. Abriu caminho ao longo do canto do prédio e entrou numa viela com sessenta centímetros ou um metro de largura.

Encostou-se na parede da casa, recuperando o fôlego. A viela era imunda e fedia a detritos humanos. As costelas de Lizzie doíam onde fora socada. Apalpou o rosto cuidadosamente e descobriu que a regi o em volta do olho estava inchando.

Esperava que Jay estivesse bem. Virou-se para procurá-lo e assustou-se ao ver dois homens olhando-a fixamente.

Um era de meia-idade, barrigudo e com a barba por fazer; o outro era um jovem com cerca de dezoito anos. Alguma coisa no jeito deles a fitarem a amedrontou, mas antes que pudesse afastar-se, eles avançaram. Agarraram-na pelos braços e a atiraram no chão.

Arrancaram-lhe o chapéu e a peruca de homem que estava usando, tiraram seus sapatos com fivela de prata e examinaram lhe os bolsos com espantosa rapidez, tirando-lhe a bolsa, o relógio e um lenço.

O homem mais velho enfiou o fruto da pilhagem em um saco, encarou-a por um momento e disse:

— Esse é um bom casaco... quase novo.

Ambos se lançaram de novo sobre ela e começaram a tirar-lhe o casaco e o colete que combinava. Lizzie lutou, mas só conseguiu rasgar a camisa. Os

ladrões enfiaram a roupa num saco. Ela percebeu que seus seios estavam expostos. Cobriu-se rapidamente com os farrapos das roupas que lhe restaram, mas já era tarde demais.

— Ei, é uma garota! — exclamou o homem mais moço.

O gordo a contemplou, deliciado.

— E por sinal bem bonita, por Deus! — disse, lambendo os beiços. — Vou fodê-la — disse, decididamente.

Horrorizada, Lizzie lutou violentamente, mas não conseguiu se livrar das garras do rapaz.

Ele olhou para trás, ao longo da viela, para a multidão na rua.

— O quê, aqui?

— Não tem ninguém olhando pra cá, seu idiota. — Ele esfregou-se entre as pernas. — Tire esses calções dela e vamos dar uma olhada.

O rapaz atirou-a no chão, sentou-se pesadamente sobre ela e começou a arrancar-lhe os calções enquanto o outro homem observava. O medo se apoderou de Lizzie e ela gritou com toda a força dos seus pulmões, mas havia muito barulho na rua e duvidava que alguém fosse ouvi-la.

Aí então, subitamente, Mack McAsh apareceu.

Ela viu de relance seu rosto e um punho erguido e, em seguida, ele golpeou o mais velho do lado da cabeça. O ladrão balançou de lado e cambaleou. Mack atingiu-o de novo, e os olhos do homem rolaram para cima. Mack bateu uma terceira vez, e o homem esparramou-se no chão e ficou imóvel. O rapaz levantou-se de cima de Lizzie e tentou fugir correndo, mas ela o agarrou pelo tornozelo e o derrubou. O sujeito caiu por inteiro no chão. Mack levantou-o e o atirou contra o muro da casa, depois deu-lhe um soco no queixo que veio de baixo para cima. Com todo o seu peso ele caiu inconsciente em cima do seu parceiro de crime.

Lizzie pôs-se de pé.

— Graças a Deus você estava aqui! — exclamou ela, ardentemente. Lágrimas de alívio escorriam pelos seus olhos. Ela passou os braços pelo pescoço dele e disse: — Você me salvou... muito obrigada, muito obrigada!

Ele lhe deu um abraço apertado.

— Você me salvou uma vez... quando me tirou do rio.

Ela continuou abraçada a ele com força e tentou parar de tremer. Sentiu que a mão dele estava atrás da sua cabeça, acariciando lhe o cabelo. De calções e camisa, sem anáguas para atrapalhar, ela podia sentir todo o corpo dele pressionado contra o seu.

Era completamente diferente do seu marido. Jay era alto e flexível; Mack, baixo e encorpado.

Ele mudou de posição e fitou-a. Os olhos verdes de Mack eram hipnóticos; o resto do seu rosto pareceu ficar embaçado.

— Você me salvou, eu salvei você — disse ele, com um sorriso torto. — Sou seu anjo da guarda e você é o meu.

Ela começou a se acalmar. Lembrou que sua camisa estava rasgada e os seios de fora.

— Se eu fosse um anjo, não estaria em seus braços — disse ela, forçando-se a se libertar do abraço dele.

Mack a fitou nos olhos por um momento, depois deu aquele seu sorriso torto e fez que sim, como se concordando com ela.

Mack virou, abaixou-se e pegou o saco que tinha ficado na mão inerte do ladrão mais velho. Tirou o colete e o entregou a Lizzie, que o vestiu rapidamente para cobrir sua nudez.

Assim que se sentiu segura de novo, começou a preocupar-se com Jay.

— Tenho que procurar meu marido — disse, enquanto Mack a ajudava a vestir o casaco. — Você me ajuda?

— Claro. — Ele lhe passou a peruca e o chapéu, bolsa, relógio e lenço.

— E a sua amiga ruiva? — perguntou Lizzie.

— É Cora. Eu assegurei-me de que estava a salvo antes de vir procurar você.

— É mesmo? — Lizzie sentiu-se irracionalmente irritada. — Você e Cora são amantes? — perguntou ela, rudemente.

Mack sorriu.

— Somos — respondeu. — Desde anteontem.

— O dia do meu casamento...

— Estou me divertindo muito. Você está?

Uma resposta brusca veio aos lábios de Lizzie, mas, a despeito de si própria, ela riu.

— Obrigada por ter me salvado — disse, inclinando-se um pouco para a frente e beijando-o rapidamente nos lábios.

— Eu faria tudo de novo por outro beijo desses.

Ela sorriu para ele e virou-se para a rua. Jay estava lá, observando. Ela sentiu-se terrivelmente culpada. Será que ele a teria visto beijando McAsh? Adivinhou que sim, pela expressão ameaçadora do seu rosto.

— Oh, Jay! — exclamou ela. — Graças a Deus que você está bem!

— O que aconteceu aqui?

— Esses dois homens me assaltaram e roubaram.

— Eu sabia que não deveríamos ter vindo. — Ele a segurou pelo braço para levá-la para fora da viela.

— McAsh derrubou-os e me salvou — disse ela.

— O que não é motivo para você beijá-lo — disse seu marido.

O regimento de Jay estava de serviço no pátio do Palácio no dia do julgamento de John Wilkes.

O herói liberal tinha sido condenado por crime de calúnia anos atrás, e fugira, refugiando-se em Paris. Na sua volta, no início daquele ano, estava sendo acusado de ser um fora-da-lei. Mas enquanto a ação legal contra ele se arrastava, ele ganhara com larga margem a eleição suplementar de Middlesex. No entanto, ainda não havia assumido seu posto no Parlamento, e o governo esperava impedi-lo fazendo-o condenar por um tribunal. Jay acalmou seu cavalo e olhou nervosamente por cima da multidão de diversas centenas de defensores de Wilkes que se agrupavam em torno de Westminster Hall onde o julgamento estava tendo lugar. Muitos deles tinham espetado nos chapéus o penacho azul que os identificava como partidários de Wilkes.

Tories como o pai de Jay queriam Wilkes silenciado, mas todos se preocupavam com o que os seus defensores iriam fazer.

Se houvesse violência, o regimento de Jay deveria manter a ordem. Havia um pequeno destacamento de guardas — pequeno demais, na opinião de Jay: apenas quarenta homens e uns poucos oficiais sob as ordens do coronel Cranbrough, o comandante de Jay, que formavam uma tênue linha branca e vermelha entre o prédio do tribunal e a multidão.

Cranbrough recebia suas ordens de dois magistrados de Westminster, representados por Sir John Fielding. Fielding era cego, mas isto não parecia prejudicá-lo no seu trabalho.

Era um famoso juiz reformador, embora Jay o achasse indulgente demais.

Era sabido que costumava dizer que o crime era causado pela pobreza. O que era como dizer que o adultério era causado pelo casamento.

Os oficiais jovens estavam sempre querendo ver ação e Jay dizia que também queria, mas também sentia medo. Na verdade nunca usara sua espada ou pistola numa briga de verdade.

Foi um dia comprido, e os capitães se revezaram para descansar do

serviço de patrulha e tomar um copo de vinho. Já mais para o fim da tarde, quando Jay estava dando uma maçã a seu cavalo, foi abordado por Sidney Lennox.

Seu coração ficou pequeno. Lennox queria seu dinheiro. Sem dúvida a intenção dele fora pedi-lo quando fora a Grosvenor Square, mas deixara para depois por causa do casamento.

Jay não tinha o dinheiro. Mas estava apavorado com a possibilidade de Lennox ir falar com seu pai. Decidiu representar uma fanfarronada.

— O que está fazendo por aqui, Lennox? — perguntou. — Não sabia que era partidário de Wilkes.

— Por mim Wilkes pode ir para o inferno — replicou Lennox. — Vim por causa das cento e cinquenta libras que você perdeu no jogo.

Jay empalideceu à lembrança da quantia. Seu pai lhe dava trinta libras por mês, mas não era bastante e ele não sabia quando ia pôr as mãos em cento e cinquenta. O pensamento de que seu pai podia descobrir que ele perdera mais dinheiro no jogo fez com que sentisse as pernas bambas. Faria qualquer coisa para evitar isso.

— Posso ter de pedir a você para esperar um pouco mais — disse ele, numa frágil tentativa de exibir um ar de indiferença superior.

Lennox não respondeu diretamente.

— Acredito que você conhece um homem chamado Mac McAsh.

— Infelizmente, sim.

— Começou a trabalhar com uma turma de descarregamento de carvão dele mesmo, graças à ajuda de Caspar Gordonson. Os dois estão causando um bocado de confusão.

— Não me surpreende. Ele foi um maldito aborrecimento na mina do meu pai.

— O problema não é só McAsh — prosseguiu Lennox. — Seus dois amigos, Dermot Riley e Charlie Smith, também têm turmas próprias, e haverá mais até o fim da semana.

— Isto custará uma fortuna a vocês, intermediários.

— Arruinará o negócio a menos que seja interrompido.

— Mesmo assim, o problema não é meu.

— Mas você poderia me ajudar com ele.

— Duvido. — Jay não queria se envolver com os negócios de Lennox.

— Valeria dinheiro para mim.

— Quanto? — perguntou Jay, apreensivo.

— Cento e cinquenta libras.

O coração de Jay deu um salto. A perspectiva de liquidar sua dívida era um presente dos céus. Só que Lennox não ia dar tanto dinheiro tão facilmente. Devia estar querendo um favor imenso.

— O que é que eu teria de fazer? — perguntou Jay, desconfiado.

— Quero que os proprietários de navios se recusem a contratar as turmas de McAsh.

— Ora, alguns dos transportadores de carvão são, eles próprios, intermediários, de modo que irão cooperar.

— Mas a maioria é de independentes. O maior proprietário em Londres é seu pai. Se ele liderasse, os outros o seguiriam.

— Mas por que deveria ele fazer isso? Ele não tem nada a ver com empresários ou carregadores de carvão.

— Ele é vereador de Wang, e os empreiteiros das turmas de carregadores de carvão têm um bocado de votos. Ele deve defender os nossos interesses. Além do mais, os carregadores são um bando de desordeiros e nós os mantemos sob controle.

Jay franziu a testa, preocupado. Era uma difícil missão. Ele não tinha a menor influência sobre o pai. Poucas pessoas tinham. Sir George não era homem de ser influenciado por ninguém. Mas Jay tinha que tentar.

Um urro da multidão assinalou a saída de Wilkes. Jay montou apressadamente.

— Verei o que posso fazer — disse a Lennox, afastando-se ao trote.

Jay encontrou Chip Marlborough e perguntou:

— O que está acontecendo?

— Wilkes teve recusado seu pedido de fiança e foi mandado para a prisão de King's Bench.

O coronel estava reunindo os oficiais e disse a Jay:

— Espalhe a ordem. Ninguém deve atirar a menos que Sir John dê ordem. Diga a seus homens.

Jay conteve um protesto ansioso. Como os soldados podiam controlar a multidão se suas mãos estavam atadas? Mas saiu e transmitiu a instrução.

Uma carruagem saiu pelo portão. A multidão soltou um berro pavoroso e Jay sentiu uma punhalada de medo. Os soldados abriram o caminho para a carruagem, espancando o povo com seus mosquetes. Os partidários de Wilkes correram a atravessar a ponte de Westminster e Jay percebeu que a carruagem teria que atravessar o rio no Surrey para chegar à prisão. Esporeou

o cavalo na direção da ponte, mas o coronel Cranbrough fez um gesto para que parasse.

— Não atravesse a ponte — comandou. — Nossas ordens são para manter a paz aqui, do lado de fora do tribunal Jay puxou as rédeas. Surrey era um outro distrito, e os magistrados de Surrey não tinham pedido o apoio do exército.

Aquilo era ridículo. Observou, impotente, a carruagem atravessar o Tâmisa. Antes que chegasse do outro lado, a multidão a deteve e desatrelou os cavalos.

Sir John Fielding estava no meio da aglomeração, seguindo a carruagem com dois assistentes para guiá-lo e dizer-lhe o que estava acontecendo. Enquanto Jay observava, uns doze homens fortes começaram eles próprios a puxar a carruagem, virando-a e trazendo-a de volta para Westminster, enquanto a multidão rugia sua aprovação.

O coração de Jay começou a bater mais depressa. O que aconteceria quando atingissem o pátio do Palácio? O coronel Cranbrough mantinha uma das mãos erguidas, num gesto de cautela, indicando que nada fariam.

Jay perguntou a Chip:

— Você acha que a gente conseguiria tirar a carruagem da multidão?

— Os magistrados não querem derramamento de sangue — disse Chip.

Um dos auxiliares de Sir John disparou a correr por entre a multidão e conferenciou com Cranbrough.

Uma vez atravessada a ponte a carruagem foi virada na direção leste. Cranbrough gritou para seus homens:

— Sigam à distância. Não façam nada!

O destacamento de guardas saiu atrás do populacho. Jay cerrou os dentes. Aquilo era humilhante. Algumas salvas de tiro de mosquete dispersariam a multidão num minuto. Podia ver que Wilkes capitalizaria politicamente em seu proveito o fato de ter sido alvejado por tiros da tropa, mas e daí?

A carruagem foi puxada ao longo da Strand e entrou no coração da cidade. A multidão cantava, dançava e gritava “Wilkes e liberdade” e “Número quarenta e cinco”. Não pararam até que atingiram Spitalfields. Ali a carruagem foi detida do lado de fora da igreja. Wilkes saltou e entrou na taverna Three Tuns, seguido rapidamente por Sir John Fielding.

Alguns dos seus partidários entraram atrás deles, mas nem todos puderam passar.

Ficaram circulando pela rua durante algum tempo, e depois Wilkes apareceu em uma janela do segundo andar, para uma sessão tumultuada de aplausos. Começou a falar e, embora estivesse longe demais para ouvir tudo, Jay pegou o sentido geral: Wilkes estava apelando para que houvesse ordem.

Durante o discurso o escrevente de Fielding veio falar com o coronel Cranbrough de novo. Cranbrough cochichou a notícia para seus capitães: Wilkes ia se esgueirar por uma porta nos fundos e se entregaria à prisão King's Bench naquela noite.

Wilkes terminou seu discurso, acenou, fez uma reverência e desapareceu. Quando tornou-se claro que não ia reaparecer, a multidão começou a ficar entediada e dissolveu-se.

Sir John saiu da Three Tuns e apertou a mão de Cranbrough.

— Um esplêndido trabalho, coronel e meus agradecimentos a seus homens. Evitou-se o derramamento de sangue e a lei foi cumprida.

“Ele estava agora pintando o quadro com tintas mais amenas”, pensou Jay, “mas a verdade é que a multidão fizera pouco da lei.” A guarda marchou de volta a Hyde Park e Jay sentiu-se deprimido. Passara o dia todo se preparando para um combate e o desapontamento era difícil de suportar. Só que o governo não poderia ficar eternamente satisfazendo o populacho. Mais cedo ou mais tarde eles tentariam exigir mais. E aí haveria ação.

Depois de dispensar seus homens e verificar se os cavalos tinham sido tratados, Jay se lembrou da proposta de Lennox. Relutava em colocá-la para seu pai, mas seria mais fácil do que pedir mais cento e cinquenta libras para saldar outra dívida de jogo. Assim decidiu dar uma passada em Grosvenor Square no caminho de volta para casa.

Era tarde. A família já ceara, disse o laçao, e Sir George estava no pequeno estúdio nos fundos. Jay hesitou no saguão frio de piso de mármore. Detestava pedir qualquer coisa ao pai. Ou Sir George fazia pouco dele por querer a coisa errada ou o repreendia por pedir mais do que devia. Mas tinha que tentar. Bateu na porta e entrou.

Sir George estava bebendo vinho e bocejando em cima de uma lista de preços de melaço. Jay sentou-se e disse:

— Recusaram fiança a Wilkes.

— Ouvi dizer.

Talvez seu pai gostasse de saber como o regimento de Jay mantivera a paz.

— O populacho puxou sua carruagem até Spitalfields, e nós seguimos,

mas ele prometeu se entregar hoje à noite.

— Ótimo. O que o traz aqui tão tarde?

Jay desistiu de tentar interessar o pai no que fizera hoje.

— Você sabia que Malachi McAsh reapareceu aqui em Londres?

O pai sacudiu a cabeça.

— Não penso que tenha importância — disse, dando o assunto por terminado.

— Ele está procurando confusões entre os carregadores de carvão.

— O que não precisa muita coisa. É uma gente que gosta de confusões.

— Pediram-me para falar com você em nome dos empreiteiros.

Sir George levantou as sobrancelhas.

— Por que você? — perguntou, num tom de voz que dava a entender que ninguém em seu juízo perfeito empregaria Jay como embaixador.

Jay deu de ombros.

— Acontece que eu conheço um determinado empreiteiro, e ele me pediu para falar com você.

— Os taverneiros são um poderoso grupo de eleitores — disse Sir George, pensativo.

— Qual é a proposta?

— McAsh e seus amigos formaram turmas independentes que não trabalham através de intermediários. E os empreiteiros estão querendo que os proprietários de navio sejam leais a eles e não contratem as novas turmas. Acham que se você der o exemplo os outros o acompanharão.

— Não estou certo se eu devo interferir. É uma briga que não é nossa.

Jay ficou desapontado. Achava que tinha colocado bem a proposta. Fingiu indiferença.

— Não tenho nada com isso, mas fico surpreso. Você está sempre dizendo que devemos tomar uma atitude firme com trabalhadores sediciosos que tenham ideias acima de sua posição social.

Neste exato momento houve um terrível martelar na porta da frente. Sir George franziu a testa e Jay foi até o saguão dar uma olhada. Um laçao passou apressado e abriu a porta. Diante dela estava um corpulento trabalhador de tamancos nos pés e penacho azul no boné engordurado.

— Ilumine a casa! — ordenou ao laçao. — Ilumine por Wilkes!

Sir George saiu do estúdio e parou ao lado de Jay, observando. Jay explicou:

— Eles fazem isto. Obrigam as pessoas a porem velas acesas em suas

janelas em apoio a Wilkes.

Sir George perguntou:

— O que é aquilo na porta?

Eles adiantaram-se. O número 45 tinha sido escrito a giz na porta. Do lado de fora, na praça, uma pequena multidão ia de casa em casa.

Sir George defrontou-se com o homem na escada.

— Você sabe o que fez? — disse. — Esse número é um código. Significa: “O Rei é um mentiroso.” O seu precioso Wilkes foi para a cadeia por causa disso, e você pode ir também.

— Vai acender as velas por Wilkes? — quis saber o homem, ignorando o discurso de Sir George.

Sir George ficou vermelho. Ficava enfurecido quando as camadas mais baixas não o tratavam com deferência.

— Vá para o inferno! — disse, e bateu com a porta na cara do homem.

Ele voltou para o estúdio e Jay o seguiu. Quando se sentaram, ouviram o barulho de vidro se quebrando. Ambos deram um pulo e foram correndo para a sala de jantar, na frente da casa.

Havia um vidro quebrado em uma das duas janelas e uma pedra no soalho de madeira encerada.

— Esse é um vidro caro! — exclamou Sir George, furioso. — É um Best Crown Glass, de dois shillings o pedaço de trinta centímetros por trinta!

Enquanto pai e filho estavam ali olhando, uma nova pedra quebrou um segundo vidro de outra janela.

Sir George foi para o saguão e falou com o lacaio.

— Diga a todo mundo para passar para a parte de trás da casa, a fim de ficar fora de perigo.

O lacaio, parecendo assustado, disse:

— Não seria melhor simplesmente acender as velas nas janelas, como eles disseram, senhor?

— Cale essa maldita boca e faça o que eu lhe disse! — replicou Sir George.

Houve um terceiro impacto em algum ponto qualquer do segundo andar e Jay ouviu a mãe gritar de medo. Subiu correndo a escada, o coração disparado, e a encontrou saindo da sala de estar.

— Você está bem, mamãe?

Ela estava pálida, mas calma.

— Estou ótima. O que está acontecendo?

Sir George vinha subindo a escada com fúria contida.

— Nada que se deva recer, só uma maldita ralé de defensores de Wilkes. Basta que fiquemos fora do alcance deles até que se vão embora.

Quando mais vidraças foram quebradas, todos correram para uma saleta de estar nos fundos da casa. Jay podia ver que o pai estava fervendo de raiva. Ser forçado a bater em retirada era o caminho mais garantido para enfurecê-lo. Podia ser a hora de trazer à baila o pedido de Lennox de novo. Abandonando todas as precauções, disse:

— Sabe, pai, nós realmente devíamos começar a lidar mais decididamente com esses agitadores.

— De que diabos você está falando?

— Eu estava pensando em McAsh e nos carregadores de carvão. Se deixarem que desafiem a autoridade uma vez, eles desafiar o de novo.

Não era o jeito habitual de Jay falar, e ele percebeu que a mãe lhe dirigia um olhar de curiosidade. Resolveu ir em frente.

— É melhor cortar essas coisas pela raiz. Ensinar a essa gente a conhecer seu lugar.

Sir George deu a impressão de que estava prestes a dar outra resposta furiosa; mas depois hesitou, fez uma careta e disse:

— Você está absolutamente certo. Faremos isto amanhã mesmo.

Jay sorriu.

Mack desceu a travessa lamacenta da rua Wang, achando que sabia como era ser rei. De toda porta de taverna, das janelas, pátios e telhados, homens acenavam para ele, gritavam seu nome e apontavam-no para os amigos. Todos queriam apertar-lhe a mão.

Mas a admiração dos homens não era nada comparada com a de suas esposas. Os homens não só levavam para casa três ou quatro vezes mais dinheiro que antes, como também terminavam o dia muito mais sóbrios. As mulheres o abraçavam na rua, beijavam-lhe as mãos e chamavam as vizinhas, dizendo: “Este é Mack McAsh, o homem que desafiou os empreiteiros, venham depressa para ver!” Ele chegou ao cais e contemplou o rio cinzento e largo. A maré subira e havia diversos novos navios ancorados. Procurou um barqueiro para levá-lo. Os empreiteiros tradicionais esperavam em suas tavernas até que os capitães os procurassem e pedissem uma turma para descarregar o carvão de seus navios: Mack e suas turmas iam aos capitães, economizando o tempo deles e assegurando-se de que teriam mais um trabalho a realizar.

Ele foi até o Prince of Denmark e subiu a bordo. A tripulação desembarcara, deixando um velho marujo a fumar seu cachimbo no convés. Ele conduziu Mack à cabine do capitão.

Este encontrava-se sentado a uma mesa, registrando laboriosamente qualquer coisa no livro de bordo com uma pena de escrever.

— Bom dia, capitão — disse Mack, com um sorriso amistoso. — Eu sou Mack McAsh.

— O que é que há? — resmungou o homem, de mau humor.

Não convidou Mack para se sentar. Mack ignorou sua rudeza; os capitães nunca eram muito polidos.

— Gostaria de ter o seu navio descarregado rápida e eficientemente amanhã? — perguntou, em tom amável.

— Não.

Mack ficou surpreso. Teria alguém chegado antes dele?

— Quem vai descarregar o seu navio?

— Não é da sua conta.

— Certamente que é o meu negócio; mas se não quer me dizer, não faz

mal; outra pessoa me dirá.

— Bom dia para você, então.

Mack fechou a cara. Relutou em ir embora sem descobrir o que havia de errado.

— Que diabo deu em você, capitão? Fiz alguma coisa que lhe ofendesse?

— Não tenho mais nada para lhe dizer, rapaz, e você me fará um favor indo embora.

Mack teve um mau pressentimento, mas não conseguiu imaginar nada mais para dizer, e foi embora. Os capitães de navio eram uma classe notoriamente mal-humorada, talvez porque ficassem longe de suas mulheres tanto tempo.

Ele voltou os olhos para o rio. Outro navio novo, Whitehaverc Jack, estava ancorado perto do Prince. A tripulação ainda dobrava as velas e enrolava as cordas em rolos bem-arrumados no convés.

Mack decidiu tentar aquele navio e pediu ao seu barqueiro para levá-lo.

Encontrou o capitão no tombadilho de popa com um jovem cavalheiro de espada e peruca. Cumprimentou-os com descontraída cortesia, o que, ele já descobrira, era o meio mais rápido para angariar a confiança dos outros.

— Capitão, senhor, bom dia para ambos.

O capitão foi polido.

— Bom dia. Este é o Sr. Tallow, filho do proprietário. Qual é o seu negócio?

Mack respondeu:

— Gostaria de ter o carvão do seu navio descarregado amanhã por uma turma rápida e sóbria?

O capitão e o cavalheiro falaram juntos.

— Sim — disse o capitão.

— Não — disse Tallow.

O capitão demonstrou surpresa e dirigiu um olhar indagador a Tallow. O rapaz dirigiu-se a Mack, dizendo:

— Você é McAsh, não é?

— Sim. Acredito que o meu nome esteja começando a ser conhecido como garantia de um trabalho bem-feito...

— Não queremos você — disse Tallow.

A segunda rejeição exasperou Mack.

— Por que não? — quis saber, em tom desafiador.

— Fazemos negócio com Harry Nir da Frying Pan há anos e nunca tivemos qualquer problema.

O capitão interpôs:

— Eu não diria exatamente a mesma coisa.

Tallow fulminou-o com um olhar.

Mack disse:

— E não é justo que os homens sejam forçados a beber seus salários, é?

Tallow pareceu melindrado.

— Não vou discutir com um sujeito como você. Não há trabalho aqui para você, e por isso dê o fora.

Mack insistiu.

— Mas por que você ia preferir ter o navio descarregado em três dias por uma turma bêbada e arruaceira quando poderia ter a mesma coisa em menos tempo pelos meus homens?

O capitão, que claramente não se deixava impressionar pelo filho do proprietário do navio, acrescentou:

— Sim, eu gostaria de saber isso.

— Não se atrevam a me questionar, nenhum dos dois — disse Tallow. Tentava conservar sua dignidade, mas era jovem demais para ter êxito.

Uma suspeita cruzou o cérebro de Mack.

— Alguém lhe disse para não contratar minha turma?

A expressão do rosto de Tallow lhe disse que sua suposição fora correta.

— Você vai descobrir que ninguém neste rio vai contratar a sua turma, ou a de Riley e nem a de Charlie Smith — disse Tallow, petulantemente. — Correu a notícia de que você é um agitador.

Mack concluiu que aquilo era muito sério e um frio penetrante instalou-se no seu coração. Sabia que Lennox e os outros iriam se movimentar contra ele mais cedo ou mais tarde, mas não esperara que fossem apoiados pelos proprietários de navios.

Era intrigante. O sistema antigo não era particularmente bom para os proprietários. No entanto, eles tinham trabalhado anos com os empreiteiros e talvez o puro conservadorismo os levasse a ficar do lado de pessoas a quem conheciam, independente de ser mais ou menos justo.

Seria inútil mostrar raiva. E ele falou de modo ameno com Tallow.

— Sinto muito que tenha tomado essa decisão. É ruim para os homens e ruim para os proprietários. Espero que reconsidere, e lhe desejo um bom dia.

Tallow nada respondeu e Mack mandou que o barqueiro o levasse de

volta à terra firme. Sentia-se frustrado. Apoiou a cabeça em ambas as mãos e ficou olhando para a água imunda e escura do Tâmis. O que o fizera pensar que poderia derrotar um grupo de homens tão ricos e insensíveis quanto os empreiteiros? Todos tinham conhecimentos e quem os defendesse. E quem era ele? Mack McAsh, de Heugh.

Devia ter previsto aquilo.

Pulou em terra firme e foi caminhando até o café St. Luke, que tinha se tornado seu quartel-general não oficial. Eram agora pelo menos cinco turmas trabalhando no novo sistema.

Na noite do próximo sábado, quando as turmas remanescentes do velho estilo recebessem seus salários dizimados pelos gananciosos taverneiros, a maioria ia mudar. Só que o boicote dos donos de navio arruinaria esta perspectiva.

O café ficava perto da igreja de St. Luke. Servia cerveja e bebidas assim como café e comida também, mas todo mundo sentava para comer e beber, enquanto que nas tavernas a maioria dos frequentadores ficava de pé.

Viu Cora, comendo pão com manteiga. Embora a tarde já estivesse pelo meio, aquele era o café da manhã dela: Cora ficava quase sempre acordada metade da noite. Mack pediu um prato de guisadinho de carneiro e um caneco de cerveja e sentou-se. Sem rodeios, ela perguntou:

— O que é que há?

Ele contou. Enquanto falava, observava seu rosto inocente. Pronta para trabalhar, trajava o mesmo vestido cor de laranja que usava na primeira vez em que a vira e exalava o mesmo perfume provocante. Parecia uma estampa da Virgem Maria, mas cheirava como o harém de um sultão. “Não era de espantar que os bêbados com ouro nas bolsas estivessem dispostos a segui-la nos becos escuros”, pensou.

Ele tinha passado três das últimas seis noites com ela. Cora queria lhe comprar um novo casaco. Ele queria que ela desistisse da vida que levava. Cora era a sua primeira amante de verdade.

Concluía sua história quando Dermot e Charlie entraram.

Mack vinha nutrindo uma ténue esperança de que eles pudessem ter tido melhor sorte, mas suas expressões lhe disseram que não. O rosto negro de Charlie era a imagem do desalento, e Dermot disse no seu sotaque irlandês:

— Os proprietários conspiraram contra nós. Não há um só capitão no rio que queira nos dar trabalho.

— Malditos sejam! — disse Mack.

O boicote tinha funcionado e o deixara encrencado.

Ele sofreu um momento de justa indignação. Só queria trabalhar duro e ganhar o dinheiro para comprar a liberdade de sua irmã, mas era constantemente impedido por pessoas que tinham sacos de dinheiro.

Dermot disse:

— Estamos liquidados, Mack.

A rapidez com que ele se dispunha a desistir enfureceu Mack mais que o próprio boicote.

— Liquidados? — perguntou, sarcástico. — Você é um homem ou o quê?

— Mas o que é que nós podemos fazer? — perguntou Dermot. — Se os donos de navio não contratarem nossas turmas, os homens voltarão ao velho sistema. Eles têm que viver.

Sem pensar, Mack disse:

— Podemos organizar uma greve.

Os outros homens ficaram em silêncio. Foi Cora quem falou:

— Greve?

Mack quisera se livrar da ideia assim que surgira na sua cabeça, mas agora, pensando melhor, pareceu-lhe a única coisa a fazer.

— Todos os carregadores de carvão querem mudar para o nosso sistema — disse ele.

— Podíamos convencê-los a parar de trabalhar para os antigos empreiteiros. Os donos teriam então que contratar as novas turmas.

Dermot mostrou-se cético.

— E se eles se recusarem a nos contratar?

O pessimismo dele enfureceu Mack. Por que os homens sempre esperavam o pior?

— Neste caso nenhum carvão será desembarcado.

— De que os homens viverão?

— Eles podem aguentar uns poucos dias sem trabalhar. Acontece a toda hora. Quando não há navios de carvão no porto nenhum de nós trabalha.

— É verdade. Mas não poderíamos aguentar para sempre.

Mack teve vontade de gritar de frustração.

— E os donos de navio também não podem. Londres precisa de carvão!

Dermot ainda parecia na dúvida. Cora disse:

— Mas que outra coisa você poderia fazer, Dermot?

Dermot franziu a testa e pensou por um momento, depois seu rosto

clareou.

— Eu odiaria voltar aos velhos tempos. Farei uma tentativa, por Deus!

— Ótimo! — exclamou Mack, aliviado.

— Estive numa greve uma vez — disse Charlie, lugubrememente. — são as esposas que sofrem.

— Quando você esteve numa greve? — quis saber Mack. Ele não tinha experiência: greve era algo sobre o que lera nos jornais.

— Três anos atrás, em Tyneside. Eu trabalhava numa mina de carvão.

— Eu não sabia que você tinha sido mineiro. — Nunca ocorrera a Mack, ou a qualquer pessoa em Heugh, que os mineiros pudessem fazer uma greve. — E como foi que terminou?

— Os donos da mina cederam.

— Aí está! — exclamou Mack, triunfante.

Cora disse, ansiosa:

— Você não está contrariando proprietários de terra do norte, Mack. Você aqui está falando de taverneiros londrinos, a escória da terra. Eles poderiam simplesmente mandar alguém cortar seu pescoço enquanto você estivesse dormindo.

Mack fitou-a nos olhos e viu que se preocupava genuinamente com ele.

— Eu tomarei precauções — garantiu.

Cora dirigiu-lhe um olhar cético, mas não falou mais.

Dermot disse:

— São os homens que ter o de ser convencidos.

— Tem razão — disse Mack, decididamente. — Não adianta nós quatro ficarmos discutindo, se não temos poder de decidir pelo grupo. Vamos convocar uma reunião. Que horas são?

Todos olharam para fora. A noite caía. Cora disse:

— Devem ser seis horas.

Mack continuou:

— As turmas que estão trabalhando vão terminar assim que escurecer. Vocês dois podiam percorrer todas as tavernas da rua alta e espalhar a notícia.

Os dois fizeram que sim. Charlie disse:

— Não podemos nos reunir aqui... é pequeno demais. Há um total de cerca de cinquenta turmas.

— A Jolly Sailor tem um pátio grande — disse Dermot. — E o dono não é empreiteiro.

— Certo — concordou Mack. — Diga a eles para estarem lá uma hora

depois de anoitecer.

— Eles não vão todos — disse Charlie.

— A maioria vai.

Dermot afirmou:

— Vamos arrebanhar tantos quanto pudermos. — Ele e Charlie saíram.

Mack olhou para Cora.

— Vai tirar folga esta noite? — perguntou ele, esperançoso.

Ela sacudiu a cabeça.

— Só estou esperando minha comparsa.

Perturbava a Mack que Peg fosse uma ladra e Cora a responsável.

— Eu quisera que conseguíssemos encontrar um modo para aquela criança ganhar a vida sem furtar — disse ele.

— Por quê?

A pergunta o desconcertou.

— Bem, obviamente...

— Obviamente o quê?

— Seria melhor se ela crescesse honesta.

— Como seria melhor?

Mack percebia a nota de raiva nas perguntas de Cora, mas não podia recuar agora.

— O que ela faz é perigoso. Pode terminar enforcada em Tyburn.

— Estaria melhor se fosse lavar o chão da cozinha de alguma casa rica, espancada pela cozinheira e estuprada pelo dono?

— Não sei se toda ajudante de cozinha é estuprada...

— Toda ajudante bonita é. E como eu ganharia a vida sem ela?

— Você é capaz de fazer qualquer coisa, é inteligente e bonita...

— Eu não quero fazer qualquer coisa, Mack, eu quero fazer isto.

— Por quê?

— Eu gosto. Gosto de me vestir enfeitada, de beber gim e de flertar. Furto o dinheiro de homens estúpidos que têm mais do que merecem. É excitante, é fácil e eu ganho dez vezes mais do que ganharia se fosse costureira ou tivesse uma lojinha ou se servisse aos fregueses de um café.

Ele ficou chocado. Tinha pensado que ela diria que roubava porque não tinha outro jeito. A ideia de que gostava daquilo reverteu suas expectativas.

— Eu realmente não conheço você — disse.

— Você é inteligente, Mack, mas não sabe de nada.

Peg chegou. Pálida, magra e cansada, como sempre. Mack perguntou:

— Já comeu?

— Não — disse ela, sentando. — Adoraria um copo de gim.

Mack acenou para o garçom.

— Uma tigela de mingau com creme, por favor.

Peg fez uma careta, mas quando a comida chegou, comeu com prazer. Quando ela tomava seu mingau, Caspar Gordonson chegou.

Mack ficou contente: estivera pensando em ir vê-lo na rua Fleet para discutir o boicote dos donos de navio e a ideia de uma greve. Descreveu rapidamente os acontecimentos do dia enquanto o desmazelado advogado bebericava seu conhaque.

À medida que Mack ia falando, Gordonson parecia mais e mais preocupado. Quando terminou, o advogado começou a falar na sua voz muito aguda.

— Você tem que compreender que nossos governantes estão preocupados. Não só a corte real e o governo, mas toda a camada de cima: duques e condes, vereadores, juízes, mercadores, proprietários de terra. Toda esta conversa de liberdade os enerva, e os distúrbios por causa de comida no ano passado e no ano anterior mostraram a eles o que o povo pode fazer quando está furioso.

— Ótimo! — disse Mack. — Assim nos darão o que queremos.

— Não obrigatoriamente. Eles têm medo de que se derem, vocês apenas pedirão mais.

O que realmente querem é uma desculpa para convocar a tropa e atirar no povo.

Mack sentiu que por trás da fria análise de Gordonson havia medo real.

— E eles precisam de uma desculpa?

— Oh, sim, precisam. É por causa de John Wilkes. Ele é realmente um espinho enterrado na carne deles. Wilkes acusa o governo de ser despótico. E assim que a tropa for usada contra os cidadãos, milhares de pessoas entre a gente comum dirão: “Pronto, o Wilkes estava certo, este governo é tirano.” E toda essa gente, lojistas, ourives e padeiros votam.

— Então que tipo de desculpa o governo precisa?

— O governo quer que você assuste essa gente comum com violência e distúrbios de rua. Isto fará com que as pessoas se preocupem com a necessidade de manter a ordem e fará com que parem de pensar na liberdade de expressão. Aí, quando a tropa avançar em cima do povo, haverá um suspiro coletivo de alívio, em vez de um urro de ultraje.

Mack sentiu-se ao mesmo tempo fascinado e enervado. Nunca tinha pensado em política desse modo. Tinha discutido elaboradas teorias tiradas dos livros e fora vítima indefesa de leis injustas, mas aquilo era o meio-caminho entre uma coisa e outra.

Aquilo era a zona onde as forças adversárias lutavam e a tática usada podia alterar o resultado. Aquilo era a prática; e era perigoso.

O encantamento de Gordonson desaparecera: ele parecia preocupado.

— Eu meti você nisto, Mack, e se você for morto vai pesar na minha consciência.

O medo dele começou a contagiar Mack. “Quatro meses atrás eu era apenas um mineiro de carvão”, pensou; “agora sou um inimigo do governo, alguém que eles querem matar. Eu pedi que isto acontecesse?” Mas sua obrigação era enorme. Da mesma maneira que Gordonson se sentia responsável por ele, ele se sentia responsável pelos carregadores de carvão. Não podia fugir e se esconder. Seria um gesto vergonhoso e covarde. Tinha posto os homens naquela encrenca e agora tinha que tirá-los.

— O que é que você acha que devemos fazer? — perguntou a Gordonson.

— Se os homens concordarem em fazer greve, o seu trabalho será conservá-los sob controle. Terá que impedir que ateiem fogo nos navios e assassinem os fura-greve ou que cerquem as tavernas. Esses homens não são padres, como você sabe muito bem. São jovens, fortes e estarão furiosos. Se se decidirem pela desordem, incendiarão Londres.

— Acho que serei capaz de controlá-los — disse Mack. — Eles me ouvem. Parece que me respeitam.

— Eles adoram você — disse Gordonson. — E isto o coloca num perigo ainda maior.

Você é o líder e o governo poderá quebrar a greve enforcando você. A partir do momento em que os homens disserem sim, você estará em um terrível perigo.

Mack começava a desejar que nunca tivesse pronunciado a palavra “greve”. E perguntou:

— O que devo fazer?

— Saia de onde está morando e mude para outro lugar. Conserve seu endereço secreto para todos, exceto para muito poucas pessoas em quem confie.

Cora disse:

— Venha morar comigo.

Mack conseguiu sorrir. Esta parte não seria difícil. Gordonson continuou:

— Não se mostre nas ruas de dia. Apareça nas reuniões e depois suma. Torne-se um fantasma.

Era levemente ridículo, na opinião de Mack, mas o medo o fez aceitar tudo aquilo.

— Está certo.

Cora levantou-se para ir embora. Para surpresa de Mack, Peg passou os braços com força pela sua cintura.

— Tenha cuidado, escocês— disse ela. — Não vá ser esfaqueado.

Mack ficou surpreso e comovido ao ver o quanto todos se importavam com ele. Três meses antes nem conhecia Cora, Peg ou Gordonson.

Cora beijou-o nos lábios e saiu, sempre sacudindo as cadeiras sedutoramente. Peg seguiu-a.

Poucos momentos depois Mack e Gordonson saíram para a taverna Jolly Sailor.

Mesmo no escuro a rua Wang tinha bastante movimento, com as portas das tavernas iluminadas, assim como as janelas das casas, para não falar dos lampiões que as pessoas conduziam. Com a maré baixa subia da margem do rio um forte cheiro de podre.

Mack ficou surpreso de ver o pátio da taverna apinhado de gente. Havia uns oitocentos carregadores de carvão no porto de Londres e pelo menos a metade disso se fizera presente.

Alguém erguera rapidamente uma tosca plataforma e colocara em cima dela quatro tochas acesas. Mack abriu caminho através da multidão.

Todos os homens o reconheceram e falaram qualquer coisa com ele ou lhe deram palmadas nas costas enquanto avançava. A notícia da sua chegada espalhou-se rapidamente e começaram os aplausos.

Quando chegou à plataforma, eles urravam. Mack subiu no tosco estrado e olhou para eles. Centenas de rostos sujos de pó de carvão olhavam para ele, iluminado pelas tochas.

Mack lutou para conter as lágrimas de gratidão pela confiança que depositavam nele.

Não conseguiu falar: gritavam alto demais. Levantou as mãos para pedir silêncio, mas não adiantou. Alguns gritaram seu nome, outros gritaram “Wilkes e liberdade!” e outras palavras de ordem.

Gradualmente uma palavra foi se destacando e veio a dominar o resto, até que todos berraram a mesma coisa:

Greve! Greve! Greve!

Mack, ali de pé olhando para aquela gente, pensou: “O que foi que eu fiz?”

Jay Jamisson recebeu um bilhete do pai à hora do desjejum. Era caracteristicamente lacônico.

Grosvenor Square 8:00 da manhã Encontre-me no meu local de trabalho ao meio-dia.

G.J.

Sua primeira sensação foi de culpa, achando que o pai descobrira o trato que fizera com Lennox.

Tudo saíra perfeitamente. Os donos de navio tinham boicotado as novas turmas de descarregamento de carvão, como Lennox quisera; e Lennox devolvera os vales de Jay, de acordo com o combinado. Mas agora, com a greve, nenhum carvão era descarregado em Londres há uma semana. Será que o pai descobrira que nada daquilo teria acontecido não fossem as dívidas de jogo de Jay? A simples possibilidade de ser isso era apavorante.

Ele foi até o acampamento no Hyde Park como sempre, e pediu permissão ao coronel Cranbrough para se ausentar no meio do dia. Passou a manhã inteira tão preocupado e com tanto mau humor que seus homens ficaram mal-humorados e os cavalos assustadiços.

Os sinos da igreja batiam as doze horas quando ele entrou no trapiche dos Jamisson, à beira do rio.

O ar poeirento, carregado de cheiros fortes — café e cravo, rum e vinho do porto, pimenta e laranjas — sempre fazia Jay pensar na infância, quando os barris e as caixas de madeira leve revestidas de chumbo para importação de chá pareciam-lhe muito maiores.

Sentia-se agora como se fosse um rei, recebendo os cumprimentos reverentes dos homens, e galgou a frágil escada de madeira que dava na contabilidade. Passando por uma antesala ocupada por escreventes, entrou no escritório do pai, cheio de mapas, cartazes e desenhos de navios.

— Bom dia, pai — disse ele. — Onde está Robert? — Seu irmão se alinhava quase sempre ao lado do pai.

— Teve que ir a Rochester. Mas isto diz respeito mais a você do que a ele. Sir Sidney Armstrong quer me ver.

Armstrong era o braço-direito do secretário de Estado, o Visconde Weymouth. Jay sentiu-se ainda mais nervoso. Estaria metido em encrencas com o governo, além de com o pai?

— O que Armstrong quer?

— Ele quer que a greve do carvão termine e sabe que fomos nós que a iniciamos.

“Isto não parecia ter nada a ver com dívidas de jogo”, concluiu Jay. Mas ainda assim continuou ansioso.

— Ele chegará a qualquer momento — acrescentou o pai.

— Por que ele está vindo aqui?

Um personagem tão importante normalmente convocava as pessoas a procurarem-no em seu escritório em Whitehall.

— Sigilo, imagino.

Antes que ele pudesse fazer outras perguntas, a porta abriu-se e Armstrong entrou.

Tanto Jay quanto Sir George se levantaram.

Armstrong era um homem de meia-idade formalmente vestido, de peruca e espada.

Andava com o nariz empinado, como se para mostrar que normalmente não descia no lodaçal das atividades comerciais. Sir George não gostava dele; Jay podia dizer isto pela expressão de seu pai quando apertou a mão de Armstrong e pediu para que se sentasse. Armstrong recusou um copo de vinho.

— Esta greve tem que terminar — disse ele. — Os carregadores de carvão fecharam metade da indústria de Londres.

Sir George disse:

— Nós tentamos fazer com que os marinheiros descarregassem os navios. Só funcionou um ou dois dias.

— O que saiu errado?

— Eles foram persuadidos, ou intimidados ou ambos, e agora também estão em greve.

— E os barqueiros também — disse Armstrong, irritado. — E mesmo antes que a briga do carvão começasse houve problemas com os alfaiates, tecelões de seda, chapeleiros, serradores... isto não pode continuar deste jeito.

— Mas por que veio me procurar, Sir Sidney?

— Porque no meu entendimento você teve participação no boicote dos donos de navio que deu início à greve dos carregadores de carvão.

— É verdade.

— Posso perguntar por quê?

Sir George olhou para Jay, que engoliu em seco, nervosamente, e disse:

— Fui procurado pelos intermediários que organizam as turmas de descarregamento de carvão. Meu pai e eu não queríamos que a ordem estabelecida no cais do porto fosse perturbada.

— O que está muito certo, sem dúvida nenhuma — disse Armstrong, fazendo com que Jay pensasse: “Vá logo ao ponto”. — Sabe quem são os líderes da greve?

— Certamente que sim — respondeu Jay. — O mais importante é um homem chamado Malachi McAsh, conhecido como Mack. Que, por acaso, era mineiro nas minas de carvão de meu pai.

— Eu gostaria de ver esse McAsh preso e acusado de grave perturbação da ordem.

Mas que a coisa seja plausível: nada de acusações falsas ou testemunhas subornadas. Teria que haver um distúrbio verdadeiro, inegavelmente conduzido pelos trabalhadores em greve, com armas de fogo usadas contra agentes da Coroa e numerosas pessoas mortas ou feridas.

Jay ficou confuso. Armstrong estaria dizendo aos Jamisson para organizar um distúrbio naqueles moldes?

Seu pai não mostrou sinais de dúvida.

— O senhor se fez muito claro, Sir Sidney. — Ele olhou para o filho. — Você sabe onde McAsh pode ser encontrado?

— Não — respondeu. Depois, vendo a expressão de escárnio no rosto do pai, apressou-se a acrescentar. — Mas tenho certeza de que posso descobrir.

Ao raiar do dia Mack acordou Cora e fez amor com ela. Ela viera para a cama nas primeiras horas da madrugada, cheirando a fumo, e ele a beijara e voltara a dormir. Agora ele estava totalmente desperto e ela sentia-se sonolenta. Mack admirou lhe o corpo quente e relaxado, a pele macia, o cabelo ruivo emaranhado.

Ela passou os braços em torno dele, frouxamente, gemeu baixinho, e no fim deu um gritinho de prazer. Em seguida voltou a dormir.

Mack observou-a por algum tempo. Seu rosto era perfeito, pequeno, rosa e regular.

Mas seu modo de vida o perturbava cada vez mais. Parecia-lhe uma maldade usar uma criança como cúmplice. Se falava com ela sobre isso,

ficava furiosa e dizia que ele também era culpado, pois morava ali sem pagar aluguel e comendo a comida que ela comprava com seus ganhos ilícitos.

Ele suspirou e se levantou.

Cora morava no andar de cima de uma casa em ruínas em um pátio de carvão. O dono tinha residido ali e mudara-se ao prosperar. Hoje usava o andar térreo como escritório e alugava o segundo andar para Cora.

Havia dois aposentos, uma cama grande em um deles e uma mesa com cadeiras no outro. O quarto transbordava com aquilo em que Cora gastava todo o seu dinheiro: roupas.

Tanto Esther quanto Annie tinham dois vestidos, um para trabalhar e outro para os domingos, mas Cora tinha oito ou dez trajes diferentes, todos de cores de chamar a atenção: amarelo, vermelho, verde-claro e marrom intenso. Tinha sapatos para combinar com cada roupa, e tantas meias, luvas e lenços quanto uma dama fina.

Ele lavou o rosto, vestiu-se rapidamente e saiu. Poucos minutos depois entrava na casa de Dermot. A família fazia o seu desjejum tomando mingau. Mack sorriu para as crianças.

Cada vez que usava a “camisinha” de Cora perguntava-se se um dia viria a ter filhos. Às vezes achava que gostaria que Cora tivesse um filho seu; depois se lembrava de como ela vivia e mudava de ideia.

Mack recusou uma tigela de mingau, pois sabia que faria falta a eles. Dermot, como Mack, vivia à custa da mulher, que lavava louça em um café à noite, enquanto ele tomava conta das crianças.

— Você recebeu uma carta — disse Dermot, entregando a Mack um envelope selado.

Mack reconheceu a caligrafia. Era quase idêntica à sua. A carta era de Esther. Sentiu uma pontada de culpa. Devia estar economizando dinheiro para ela, mas o que fazia era liderar uma greve sem dispor de um centavo.

— Onde vai ser hoje? — perguntou Dermot.

Todos os dias Mack se encontrava com seus companheiros em um ponto diferente.

— O bar dos fundos da taverna Queen's Head — respondeu Mack.

— Vou espalhar a notícia. — Dermot pôs o chapéu na cabeça e saiu.

Mack abriu a carta e começou a ler.

Eram muitas as notícias. Annie ficara grávida, e tivera um menino a quem chamariam de Mack. Por alguma razão isto trouxe lágrimas aos olhos de Mack. Os Jamisson perfuravam uma nova mina de carvão em High Glen,

na propriedade Hallim; a escavação tinha sido muito rápida e Esther estaria trabalhando lá como carregadora dentro de poucos dias. Esta notícia foi surpreendente:

Mack ouvira Lizzie dizer que jamais permitiria que explorassem carvão em High Glen. A esposa do reverendo Sr. York contraíra uma febre e morrerá: nenhuma surpresa, ela sempre fora doente.

E Esther continuava determinada a deixar Heugh assim que Mack pudesse economizar o dinheiro.

Ele dobrou a carta e guardou-a no bolso. Não podia deixar que nada minasse sua determinação. Primeiro ganharia a greve e depois teria condições de economizar.

Beijou as crianças de Dermot e seguiu para a Queen's Head. Seus homens já tinham chegado, e ele foi direto ao assunto.

Wilson Caolho, o carregador que fora mandado verificar os novos navios que tinham ancorado no rio, disse que dois carvoeiros tinham chegado com a maré da manhã.

— De Sunderland, os dois — disse ele. — Falei com um marinheiro que desembarcou para comprar pão.

Mack dirigiu-se para Charlie Smith.

— Suba a bordo desses navios e fale com os capitães, Charlie. Explique o motivo pelo qual estamos em greve e peça para que esperem com paciência. Diga que temos esperança de que os donos de navios cedam em breve e permitam às novas turmas descarregar o carvão.

— Por que mandar um negro? — interpôs o Caolho. — Pode ser que prefiram escutar um inglês.

— Eu sou inglês! — reclamou Charlie, indignado.

— A maioria desses capitães é da região nordeste da zona carbonífera e Charlie fala com o sotaque deles. De qualquer modo ele já fez esse tipo de coisa antes e provou ser um bom embaixador. — disse Mack.

— Sem ofensa, Charlie — desculpou-se o Caolho.

Charlie deu de ombros e saiu para cumprir a tarefa recebida.

Uma mulher entrou correndo, empurrou-o e aproximou-se da mesa de Mack, ofegante e com o rosto congestionado. Mack reconheceu Sairey, a mulher de um carregador belicoso chamado Buster McBride.

— Mack, pegaram um marinheiro descarregando um saco de carvão e estou com medo de que Buster o mate.

— Onde estão eles?

— Puseram o marinheiro dentro da casinha da Swan e trancaram lá dentro, mas Buster está bebendo e quer pendurar o sujeito de cabeça para baixo na torre do relógio, e alguns dos outros estão encorajando.

Este tipo de coisa acontecia constantemente. Os carregadores viviam à beira da violência. Até agora Mack tinha sido capaz de contê-los. Escolheu um rapaz enorme e afável conhecido como Pollard Pele de Porco.

— Vá até lá e acalme os rapazes. A última coisa que queremos aqui é um assassinato.

— Estou a caminho — disse ele.

Caspar Gordonson chegou com gema de ovo na camisa e um bilhete na mão.

— Tem uma barça com carvão para Londres vindo pelo rio Lea. Deve chegar na comporta de Enfield esta tarde.

— Enfield — disse Mack. — A que distância fica daqui?

— Quase vinte quilômetros — respondeu Gordonson. — Podemos chegar lá por volta de meio-dia, mesmo que tenhamos que caminhar.

— Ótimo. Precisamos assumir o controle da comporta e impedir a passagem das barças. Eu gostaria de ir eu mesmo. Levarei doze homens de confiança.

Entrou outro carregador.

— O Sam Barrows, dono da Green Man, está tentando recrutar uma turma para descarregar o carvão do Spirit of Jarrow — disse ele.

— Só com muita sorte — comentou Mack. — Ninguém gosta do Sam; ele jamais pagou um salário decente em toda a sua vida. Ainda assim é melhor ficarmos de olho na taverna, só como medida de precaução. Will Trimble, vá até lá e dê uma espiada. Mande me avisar se houver perigo de Sam reunir dezesseis homens.

— Ele sumiu — disse Sidney Lennox. — Deixou o lugar onde morava e ninguém sabe para onde foi.

Jay sentiu-se péssimo. Dissera ao pai, na frente de Sir Philip Armstrong, que poderia localizar McAsh. Gostaria de não ter dito nada. Se não conseguisse cumprir a promessa, o escárnio de seu pai seria intolerável. Tinha contado com Lennox para descobrir onde encontrar McAsh.

— Mas se ele está escondido, como dirige a greve? — perguntou.

— Aparece a cada manhã em um café diferente. De algum modo seus companheiros sabem onde ir. Ele dá suas ordens e desaparece até o dia seguinte.

— Alguém deve saber onde dorme — disse Jay melancolicamente. — Se pudéssemos encontrá-lo, poderíamos esmagar esta greve.

Lennox fez que sim. Ele, mais do que ninguém, queria ver aquela greve derrotada.

‘ — Bem, Caspar Gordonson deve saber.

Jay sacudiu a cabeça.

— Ele não adianta para nós. McAsh tem mulher?

— Tem, Cora. Mas é dura como uma bota. Não vai dizer nada.

— Tem que haver alguma outra pessoa.

— Tem a criança — disse Lennox, pensativamente.

— Criança?

— Peg Ligeira. Furta com Cora. Não sei se...

À meia-noite, no café Lord Archer's, apinhado de oficiais, cavalheiros e prostitutas, o ar era cheio de fumaça de tabaco e cheiro de vinho derramado. Um violinista tocava a um canto, mas mal podia ser ouvido em meio a uma centena de conversas gritadas.

Havia diversos jogos de cartas em andamento, mas Jay não jogava. Bebia. A ideia era fingir estar bêbado, e no princípio derramara a maior parte do conhaque no colete; mas à medida que a noite passava, ele bebia mais, e após algum tempo não foi preciso esforçar-se para atingir seu objetivo. Chip Marlborough estava bebendo muito desde o início da noite, mas nunca parecia ficar embriagado.

Jay preocupava-se demais para poder se divertir. Seu pai não ia querer saber de desculpas. Precisava fornecer-lhe um endereço para McAsh. Brincara com a ideia de inventar um, alegando depois que ele devia ter se mudado de novo; mas achou que o pai saberia que estava mentindo.

Assim, ele bebia no Archer's, na esperança de encontrar Cora. No decurso da noite numerosas garotas tinham se aproximado, mas nenhuma se ajustava à descrição de Cora: rosto bonito, flamejante cabelo ruivo, idade entre dezenove e vinte anos. A cada vez, ele e Chip flertavam por algum tempo até que a garota percebia que não a levavam a sério e seguia em frente. Sidney Lennox era uma presença atenta do outro lado do salão, fumando um cachimbo e jogando cartas com apostas baixas.

Jay começava a pensar que não teriam sorte naquela noite.

Havia uma centena de garotas como Cora em Covent Garden. Ele poderia ter que repetir aquela performance no dia seguinte, e até mesmo no outro até encontrá-la. E ele tinha uma esposa esperando em casa que não

compreendia por que precisava passar a noite em um lugar onde damas respeitáveis não eram vistas.

Justo quando ele pensava melancolicamente em se deitar numa cama quente e encontrar Lizzie deitada, ansiosa e à sua espera, Cora entrou.

Jay teve certeza de que era ela. Inegavelmente era a garota mais bonita do lugar e seu cabelo realmente tinha a cor das chamas de uma lareira. Vestia-se como uma prostituta, num vestido de seda vermelha decotado e sapatos vermelhos de laços, e esquadrinhou o salão com um olhar profissional Jay virou-se para Lennox e o viu balançar a cabeça devagar duas vezes.

“Graças a Deus”, pensou ele. Desviou o rosto, atraiu o olhar de Cora e sorriu.

Viu um débil relâmpago de reconhecimento na expressão dela, como se soubesse quem era ele; depois sorriu em resposta e aproximou-se.

Jay sentiu-se nervoso, e disse a si próprio que só tinha de ser sedutor. Já seduzira uma centena de mulheres. Beijou-lhe a mão. Ela usava um perfume forte à base de sândalo.

— Pensei que conhecia todas as mulheres bonitas de Londres, mas enganei-me — disse, galante. — Sou o capitão Jonathan e este é o capitão Chip.

Jay decidira não usar o nome verdadeiro, para o caso de Mack tê-lo mencionado a Cora. Se descobrisse quem era, certamente que ficaria desconfiada.

— Eu sou Cora — disse ela, dirigindo-lhes um olhar superficial — Que par elegante!

Não sou capaz de decidir de qual dos dois capitães eu gosto mais.

Chip disse:

— Minha família é mais nobre que a de Jay.

— Mas a minha é mais rica — retrucou Jay e, por alguma razão, isto fez ambos rirem.

— Se você é tão rico, me paga uma dose de conhaque — disse ela.

Jay acenou para um garçom e ofereceu-lhe um lugar. Ela se espremeu entre ele e Chip num banco. Jay sentiu cheiro de gim no seu hálito. Observou-lhe os ombros e a curva dos seios.

Não pôde deixar de compará-la com sua esposa. Lizzie era baixa, mas voluptuosa, com quadris largos e seios fartos. Cora era mais alta e mais esbelta e seus seios lhe pareceram duas maçãs colocadas lado a lado sobre

uma bandeja.

Dirigindo-lhe um olhar intrigado, ela perguntou:

— Eu conheço você?

Ele sentiu uma ponta de ansiedade. Será que já haviam se encontrado?

— Acho que não — respondeu.

Se ela o reconhecesse, o jogo terminava.

— Você me parece familiar. Sei que nunca nos falamos, mas já vi você antes.

— Agora então é a nossa chance de nos conhecermos — disse ele, com um sorriso de desespero.

Pôs a mão por trás do encosto e esfregou o pescoço dela. Cora fechou os olhos, como se estivesse se deleitando com aquilo, e Jay começou a relaxar. Ela foi tão convincente que ele quase esqueceu de que fingia.

Pôs a mão sobre a sua coxa, perto do membro. Jay disse a si próprio para não gostar demais: o que devia fazer era representar. Gostaria de não ter bebido tanto. Podia precisar estar de posse das suas faculdades mentais.

O conhaque veio e foi bebido de um gole.

— Vamos, garotão — disse ela. — É melhor irmos tomar um pouco de ar fresco antes que você estoure os calções.

Jay percebeu que tivera uma ereção visível e corou. Cora levantou-se, dirigiu-se para a porta e Jay seguiu-a.

Do lado de fora pôs a mão na cintura dele e o conduziu ao longo da calçada, rodeada por uma série de colunas, da praça de Covent Garden. Jay passou um braço pelos seus ombros, enfiou a mão pelo decote do vestido e brincou com o bico do seu peito.

Ela deu um risinho e entrou num beco.

Eles se abraçaram e se beijaram e ele esfregou lhe ambos os seios. Esqueceu de tudo sobre Lennox e a trama: sentia o corpo quente de Cora, tinha certeza de que ela o desejava e ele também a desejava. Suas mãos o apalpavam todo, desabotoando lhe o colete, esfregando lhe o peito e mergulhando dentro dos calções dele. Jay meteu a língua dentro da sua boca e tentou levantar-lhe as saias ao mesmo tempo. Ele sentiu o ar frio na barriga.

Vindo de trás de Jay, ouviu-se um grito de criança. Cora estremeceu e empurrou Jay para longe. Olhou por cima do ombro e virou-se como se fosse correr, mas Chip Marlborough apareceu e agarrou-a antes que desse o primeiro passo.

Jay virou-se e viu Lennox lutando para segurar uma criança que berrava,

unhava e se contorcia. Enquanto lutavam, a criança deixou cair diversos objetos. À luz das estrelas Jay reconheceu sua própria carteira, relógio de bolso, lenço de seda e selo de prata. Ela esvaziara seus bolsos enquanto ele beijava Cora. Mesmo que tivesse esperado algo assim, nada sentira.

Mas acontece também que entrara demasiado no papel que representava.

A criança parou de lutar e Lennox disse:

— Vamos levar vocês duas diante de um juiz. Bater carteiras é um crime passível de enforcamento.

Jay olhou em torno, meio que esperando que os amigos de Cora viessem correndo em sua defesa; mas ninguém tinha visto o tumulto no beco.

Chip deu uma espiada entre as pernas de Jay e disse:

— Pode guardar a arma, capitão Jamisson. A batalha terminou.

Quase todos os homens ricos e poderosos eram magistrados e Sir George não era exceção. Embora nunca atuasse em corte aberta, tinha o direito de julgar os processos em casa. Podia mandar que os infratores fossem açoitados, marcados ou aprisionados e tinha também o poder de enviar os infratores com acusações mais graves para Old Bailey, a fim de serem julgados.

Esperava Jay, e por isso não tinha ido para a cama, mas assim mesmo mostrou-se irritado por ter ficado acordado até tão tarde.

— Eu esperava você por volta das dez horas — resmungou, quando todos marcharam para dentro da sala de estar da casa de Grosvenor Square.

Cora, de mãos atadas, arrastada por Chip Marlborough, disse:

— Então você nos esperava! Isto foi tudo planejado, seus porcos do demônio!

— Cale a boca ou farei com que a açoitem na praça antes de começarmos! — disse Sir George.

Cora pareceu acreditar, pois não falou mais nada. Ele puxou uma folha de papel e mergulhou a pena no tinteiro.

— Jay Jamisson é o queixoso. Ele se queixa de que teve a carteira furtada por...

— Peg Ligeira, senhor — disse Lennox.

— Não posso escrever isto — retrucou Sir George. — Qual é o seu verdadeiro nome, menina?

— Peggy Knapp, senhor.

— E o nome da mulher?

— Cora Higgins — disse Cora.

— Carteira furtada por Peggy Knapp, cúmplice de Cora Higgins. O crime foi testemunhado por...

— Sidney Lennox, dono da taverna The Sun, em Wang.

— E o capitão Marlborough?

Chip ergueu as mãos num gesto defensivo.

— Eu preferia não me envolver, se o testemunho do Sr. Lennox for suficiente.

— Certamente que será, capitão — afirmou Sir George.

Ele sempre era polido com Chip porque devia dinheiro ao pai dele.

— Muito meritório o seu gesto de ajudar na prisão dessas ladras. Agora, as acusadas têm alguma coisa a dizer?

— Eu não sou cúmplice dela. Nunca a vi antes em toda a minha vida — disse Cora e Peg arquejou e fitou Cora, incrédula, mas Cora continuou. — Eu saí para dar uma volta com um rapaz bonito, mais nada. Nem cheguei a perceber que ela tinha batido a carteira dele.

— As duas são cúmplices conhecidas, Sir George. — Eu já as vi juntas muitas vezes — disse Lennox.

— Já ouvi o bastante — disse Sir George. — Vocês duas estão condenadas à prisão de Newgate pelo crime de furto.

Peg começou a chorar. Cora ficou branca de medo.

— Por que vocês estão fazendo isso? — Apontou um dedo acusador para Jay. — Você me esperava no Archer's. — Apontou para Lennox. — Você nos seguiu lá fora. E o senhor, Sir George Jamisson, ficou acordado até tarde, quando devia estar na cama, para nos prender.

Para que tudo isto? O que Peg e eu fizemos a vocês?

Sir George ignorou-a.

— Capitão Marlborough, faça-me o favor de levar a mulher lá fora e vigiá-la por um momento.

Todos esperaram enquanto Chip levou Cora para fora e fechou a porta. Sir George virou-se então para Peg.

— Agora, menina, sabe qual é a punição por furto?

Pálida, ela não parava de tremer.

— O colar do xerife — murmurou.

— Se está querendo dizer a forca, está certa. Mas sabia que algumas pessoas não são enforcadas, que em vez disso são mandadas para a América?

A menina fez que sim.

— São as pessoas que têm amigos influentes para pedir por elas e

imploram a misericórdia do juiz. Você tem amigos influentes?

Ela sacudiu a cabeça.

— Bem, e se eu lhe disser que eu serei seu amigo influente e intercederei por você?

Ela levantou os olhos para ele, a esperança brilhando no rosto miúdo.

— Mas você vai ter que fazer uma coisa para mim.

— O quê?

— Salvarei você de ser enforcada se você nos contar onde Mack McAsh está morando.

A sala ficou em silêncio por um longo momento.

— No sótão da casinha do pátio de carvão na rua Alta de Wang — disse ela, e caiu no choro.

Mack ficou surpreso por acordar sozinho.

Cora nunca ficava na rua até o raiar do dia. Vivia com ela apenas há duas semanas e não conhecia todos os seus hábitos, mas assim mesmo se preocupava.

Levantou-se e seguiu sua rotina costumeira. Passou a manhã no café St. Luke, enviando mensagens e ouvindo relatórios.

Perguntou a todos se tinham visto Cora ou sabido dela, mas ninguém soube dizer.

Mandara alguém à taverna The Sun para falar com Peg Ligeira, mas ela também havia passado toda a noite fora e ainda não retornara.

De tarde foi até Covent Garden e percorreu as tavernas e cafés, interrogando prostitutas e garçons. Diversas pessoas tinham visto Cora na noite anterior. Um garçom da taverna Lord Archer reparou que ela saíra com um jovem rico embriagado. Depois disso, não havia sinal dela.

Foi até a casa de Dermot, em Spitalfields, na esperança de ter notícias. Dermot dava a ceia aos filhos, uma sopa feita de ossos.

Perguntara por Cora o dia inteiro e não soubera de nada.

Mack voltou para sua casa no escuro, imaginando que iria encontrar Cora, deitada na cama só de roupa de baixo, esperando por ele. Mas a casa estava fria, escura e vazia.

Acendeu uma vela e ficou sentado, pensando. Lá fora, na rua, as tavernas iam se enchendo de gente. Embora em greve, os carregadores de carvão ainda arranjavam dinheiro para a cerveja.

Mack gostaria de se juntar a eles, mas por segurança não mostrava a cara nas tavernas à noite.

Comeu um pedaço de pão com queijo e leu um livro que Gordonson lhe emprestara, um romance chamado Tristram Shandy, mas não conseguiu se concentrar. Tarde da noite, quando começava a se perguntar se Cora estaria morta, aconteceu uma confusão na rua.

Ouviu homens gritando, o barulho de pés correndo e o que parecia diversos cavalos e carroças. Receando que os carregadores de carvão pudessem dar início a uma confusão qualquer, foi até a janela.

Com o céu claro e a meia-lua Mack pôde ver toda a cena.

Dez ou doze carroças puxadas por cavalos vinham se deslocando pesada e desajeitadamente sobre o irregular piso de terra ao luar, dirigindo-se evidentemente ao pátio de carvão. Seguia as carroças uma multidão que gritava e fazia chacota, e que era engrossada a cada esquina, à medida que mais grevistas iam saindo das tavernas.

A cena tinha todos os componentes de um distúrbio de rua.

Mack praguejou. Era a última coisa que queria. Virou-se e desceu correndo a escada.

Se pudesse falar com os homens das carroças e persuadi-los a não descarregar, podia evitar a violência.

Quando chegou na rua, a primeira carroça começara a descarregar no pátio. Ao adiantar-se correndo, os homens pularam de cima das carroças e, sem aviso, começaram a jogar pedras de carvão nos grevistas. Alguns dos carregadores foram atingidos; outros pegaram o carvão para atirar de volta. Mack ouviu uma mulher gritar e crianças sendo arrastadas para dentro das casas.

— Parem! — gritou ele, correndo entre os carregadores de carvão e as carroças com as mãos levantadas. — Parem!

Os homens o reconheceram e, por um momento, houve silêncio. Ele ficou satisfeito ao ver o rosto de Charlie Smith na multidão.

— Tente manter a ordem aqui, Charlie, pelo amor de Deus! — disse. — Vou falar com esse pessoal.

— Todo mundo fica calmo — gritou Charlie. — Vamos deixar por conta de Mack.

Mack deu as costas para os grevistas. De ambos os lados da rua estreita havia pessoas de pé nas escadas das portas, curiosas para ver o que ocorria, mas prontas para sumir rapidamente dentro de casa. Havia pelo menos cinco homens em cima de cada carroça.

No silêncio carregado de expectativa, Mack aproximou-se da primeira.

— Quem é o encarregado aqui? — perguntou.

Um vulto adiantou-se iluminado pelo luar.

— Eu.

Mack reconheceu Sidney Lennox. Sentiu-se chocado e intrigado. O que estaria acontecendo? Por que Lennox tentava descarregar carvão? Teve uma fria premonição de desastre. Localizou o dono do pátio que servia como depósito de carvão, um homem chamado Jack Cooper, mais conhecido como Jack Preto, porque era visto sempre coberto de pó preto, como um mineiro.

— Jack, feche o portão do seu pátio, pelo amor de Deus! — pediu Mack.
— Haverá mortes aqui se isto continuar.

Jack pareceu esquivo.

— Tenho que ganhar a vida.

— E vai, assim que a greve terminar. Você não quer ver sangue derramado aqui na rua, quer?

— Já pus mãos à obra e não vou olhar para trás.

Mack dirigiu-lhe um olhar duro.

— Quem lhe pediu para fazer isto, Jack? Há alguém mais envolvido?

— Sou dono do meu nariz. Ninguém me diz o que fazer.

Mack começou a entender o que se passava, o que o deixou furioso. Virou-se para Lennox.

— Você pagou a ele. Mas por quê?

Foram interrompidos pelo som de uma sineta sendo acionada ruidosamente. Mack virou-se para ver três pessoas de pé na janela do segundo andar da taverna da Frying Pan.

Uma acionava a sineta, outra segurava um lampião. A terceira, no meio, usava a peruca e a espada que o marcava como pessoa de importância. Quando a sineta silenciou, o terceiro homem anunciou a si próprio.

— Eu sou Roland MacPherson, Juiz de Paz em Wang, e neste instante declaro a existência de uma grave perturbação da ordem. — Em seguida leu a seção principal da lei contra distúrbios de rua.

Uma vez que um distúrbio de rua fosse declarado, todos tinham que se dispersar em uma hora. A desobediência era punida com a morte.

“O magistrado chegou aqui depressa”, pensou Mack. Evidente que esperara aquilo e aguardara na taverna a hora de entrar em cena. Todo o episódio fora cuidadosamente planejado.

Mas com que fim? Parecia-lhe que queriam provocar um distúrbio que desacreditasse os grevistas e lhes desse um pretexto para enforcar os líderes. O que significava ele.

Sua primeira reação foi agressiva. Teve ímpetos de gritar que se queriam um distúrbio de rua iam ter um que jamais esqueceriam; “incendiaremos Londres no final!” Quis agarrar o pescoço de Lennox. Mas obrigou-se a se acalmar e pensar com clareza. Como podia frustrar o plano de Lennox? Sua única esperança era ceder e deixar o carvão ser descarregado.

Virou-se para os carregadores, reunidos numa furiosa multidão em torno do portão aberto do pátio.

— Escutem aqui — começou. — Isto é uma trama para nos provocar a causar um distúrbio. Se formos todos para casa pacificamente, passaremos a perna em nossos inimigos.

Se ficarmos e lutarmos, estamos perdidos.

Houve um resmungo de descontentamento.

“Deus meu”, pensou Mack, “esses homens são burros.” — Vocês não compreendem? — disse ele. — Eles querem uma desculpa para enforcar alguns de nós. Por que dar o que eles querem? Vamos para casa hoje e lutamos amanhã!

— Ele está certo — disse Charlie. — Olhem só quem está aqui: Sidney Lennox. Ele não quer nada de bom, podemos ter certeza disso.

Alguns dos grevistas começaram a balançar a cabeça afirmativamente. Aí então ele ouviu a voz de Lennox gritar:

— Peguem-no!

Diversos homens se atiraram sobre Mack ao mesmo tempo. Ele virou-se para correr, mas um o agarrou e ele se esborrachou no chão lamacento. Enquanto lutava ouviu o urro dos grevistas, e soube que o que tanto temera parecia prestes a começar: uma batalha campal.

Levou socos e pontapés, mas quase não sentiu os golpes enquanto lutava para se levantar. Aí então os homens que o atacavam foram jogados de lado pelos carregadores e Mack conseguiu ficar de pé.

Olhou em torno rapidamente. Lennox desaparecera. As turmas rivais encheram a rua estreita. Por todo lado ele viu lutas corpo-a-corpo. Os cavalos pinoteavam e relinchavam aterrorizados. O instinto de Mack fazia com que ele quisesse se juntar à briga e comesse a derrubar uns e outros, mas conteve-se. Qual era o meio mais rápido para terminar aquilo?

Tentou pensar depressa.

Os carregadores de carvão não iriam retroceder: era contra a natureza deles. A melhor aposta podia ser levá-los a assumir uma posição defensiva e esperar que se distanciassem.

Agarrou Charlie.

— Tentaremos entrar no pátio de carvão e fechar os portões com eles de fora. Diga aos homens!

Charlie correu de um em um espalhando a ordem, gritando com todas as suas forças para poder ser ouvido acima do barulho da batalha:

— Dentro do pátio com portão fechado! Manter esses sujeitos fora do pátio!

Neste ponto, para seu horror, Mack ouviu um tiro de mosquete.

— O que diabo está acontecendo? — exclamou, embora ninguém o estivesse ouvindo.

Desde quando carregadores de carvão portavam armas de fogo? Quem era aquela gente?

Mack viu um bacamarte, apontado para ele. Antes que pudesse se mover, Charlie agarrou a arma, virou-a contra o homem que a apontava e alvejou-o à queima-roupa. O sujeito caiu morto.

Alguém avançou sobre Mack. Mack esquivou-se e deu um soco. O golpe acertou na ponta do queixo e o homem desabou.

Mack recuou e tentou pensar. Tudo aquilo acontecia bem em frente à janela dele. Só podia ser intencional. Eles encontraram seu endereço. Mas quem o traíra?

Os primeiros tiros foram seguidos por uma rajada irregular de armas de fogo. Clarões iluminaram a noite e o cheiro da pólvora misturou-se com o pó do carvão no ar. Mack gritou, protestando, quando diversos carregadores caíram mortos ou feridos: as esposas e viúvas dos atingidos o culpariam, e teriam razão: ele começara algo que não pudera controlar.

A maioria dos grevistas entrou no pátio, onde havia um suprimento de carvão para arremessar. Lutaram freneticamente para conservar de fora os homens que traziam o carvão nas carroças. Os muros do pátio lhes davam proteção do fogo de mosquete que pipocava intermitentemente.

O corpo-a-corpo era mais feroz na entrada, e Mack viu que se pudesse manter o alto portão de madeira fechado, a batalha toda podia ir se esvaziando aos poucos. Abriu caminho por entre a confusão, meteu-se atrás do portão e começou a empurrar.

Alguns dos grevistas viram o que queria fazer e juntaram-se a ele. O enorme portão varreu diversos homens que brigavam e Mack achou que iam fechá-lo num momento; mas aí foi bloqueado por uma carroça.

Ofegante, Mack berrou:

— Afastem a carroça, afastem a carroça.

Seu plano já começava a produzir algum efeito, ele avaliou com um acesso de esperança. Meio fechado, o portão já servia como uma barreira parcial entre os dois lados.

Além do mais, a excitação inicial da luta cessara, e o entusiasmo dos homens pela briga fora contrabalançado pelos ferimentos e arranhões, assim como a visão de alguns dos seus camaradas mortos ou feridos. O instinto de

autopreservação começava a se impor novamente, e eles procuravam meios de sair do combate com dignidade.

Mack começou a pensar que poderia cessar a luta dentro de pouco tempo. Se a briga terminasse antes que alguém chamasse a tropa, a coisa toda podia passar como uma escaramuça menor e a greve continuaria sendo vista como um protesto basicamente pacífico.

Uns doze carregadores de carvão começaram a arrastar a carroça para fora do pátio, enquanto outros empurravam o portão. Alguém cortou os tirantes do cavalo, e o animal saiu correndo apavorado, relinchando e escoiceando.

— Continuem empurrando, não parem! — berrou Mack, a plenos pulmões, enquanto grandes pedaços de carvão choviam em cima deles.

A carroça acabou de sair aos poucos e o portão fechou-se com irritante lentidão. Foi quando Mack ouviu um barulho que acabou com todas as suas esperanças de um só golpe: o som de passos marchando.

Os guardas desceram marchando a rua Wang, os uniformes brancos e vermelhos brilhando ao luar. Jay cavalgava à testa da coluna, mantendo o cavalo a passo brusco, com as rédeas curtas. Breve teria o que tanto desejava: ação.

Conservou o rosto inexpressivo, mas o coração batia com força. Podia ouvir o barulho da arruaça que Lennox iniciara: homens gritando, cavalos relinchando, mosquetes atirando.

Jay nunca usara a espada ou uma arma de fogo num assomo de raiva: esta noite seria o seu primeiro engajamento. Dizia a si próprio que aquela rale de carregadores de carvão ficaria aterrorizada ante uma tropa de guardas disciplinados e bem-treinados, mas achou difícil ser confiante.

O coronel Cranbrough lhe atribuía aquela missão e mandara que saísse sem um oficial superior. Normalmente ele próprio, Cranbrough, teria comandado o destacamento. Mas Cranbrough sabia que aquela era uma situação especial, com fortes implicações políticas, e fizera questão de ficar de fora. Jay ficara satisfeito, a princípio, mas desejava agora ter um superior experiente ao lado.

O plano de Lennox parecera à prova de erro, em teoria, mas enquanto avançava em direção ao local da briga, achava-o cheio de falhas. E se McAsh estivesse em algum outro lugar? E se ele fugisse antes que Jay pudesse prendê-lo?

À medida que se aproximavam do pátio de carvão a marcha parecia

mais lenta até que Jay sentiu que progrediam aos centímetros. Vendo os soldados, muitos dos arruaceiros fugiram enquanto outros se esconderam. Mas houve quem jogasse carvão, e uma chuva de torrões caiu sobre Jay e seus homens.

Haveria apenas uma rajada. A proximidade do inimigo era tanta que não haveria tempo para recarregar.

Jay levantou a espada. Os carregadores de carvão em greve viam-se encurralados dentro do pátio. Tinham quase conseguido fechar o portão, mas agora desistiram e o portão escancarou-se.

Alguns tentavam escalar o muro, outros procuravam pateticamente encontrar abrigo entre os montes de carvão ou por trás das rodas de uma carroça. Era como atirar em galinhas num terreiro.

De repente McAsh apareceu em cima do muro, um vulto de ombros largos e o rosto iluminado pela lua.

— Parem! — gritou ele. — Não atirem!

“Vá para o inferno”, pensou Jay.

Ele abaixou a espada e gritou:

— Fogo!

Os mosquetes estalaram como um trovão. Uma nuvem de fumaça escondeu os soldados por um momento. Dez ou doze grevistas caíram, uns gritando de dor, outros mortalmente silenciosos. McAsh pulou de cima do muro e ajoelhou ao lado do corpo imóvel e encharcado de sangue de um negro. Quando levantou a cabeça, seu olhar encontrou o de Jay e o ódio expresso em seu rosto congelou o sangue de Jay.

Jay gritou:

— Carga!

Os grevistas enfrentaram os guardas agressivamente, surpreendendo Jay. Esperava que eles fugissem, mas desviaram-se de espadas e mosquetes e engalfinharam-se no corpo-a-corpo, usando como armas pedaços de pau, torrões de carvão e os próprios punhos e pés. Jay ficou assombrado ao ver diversos homens uniformizados tombarem.

Olhou em torno, procurando McAsh, e não conseguiu vê-lo. Jay praguejou. O propósito de tudo aquilo era prender McAsh. Fora o que Sir Sidney pedira, e Jay prometera.

Não queria nem pensar que ele conseguiria fugir!

De repente, McAsh surgiu à sua frente. Em vez de fugir, o homem fora atrás de Jay.

McAsh agarrou o bridão de Jay. Jay levantou a espada e McAsh esquivou-se para o lado esquerdo do outro. O golpe saiu desajeitado e Jay errou. McAsh deu um pulo, agarrou a manga de Jay e puxou. Jay tentou libertar o braço, mas McAsh não soltou.

Com uma horrível sensação de impotência, Jay escorregou de lado na sela. McAsh deu um puxão poderoso e arrancou-o do cavalo.

Subitamente Jay temeu pela própria vida. Conseguiu cair de pé. As mãos de McAsh agarraram-lhe o pescoço na mesma hora. Começou a brandir a espada, mas antes que pudesse atacar, McAsh deu uma cabeçada brutal no rosto de Jay, que ficou cego por um momento e sentiu o sangue quente escorrer. Brandiu a espada loucamente. Ela bateu em algo e ele achou que tinha ferido McAsh, mas o aperto no seu pescoço não afrouxou. Sua visão retornou e ele encarou McAsh nos olhos, onde viu um brilho homicida. Sentiu-se apavorado e se conseguisse falar teria implorado misericórdia.

Um de seus homens o viu em dificuldades e golpeou Mack com a coronha do mosquete. Mack foi atingido na orelha. Por um momento a mão dele afrouxou, mas logo apertou mais do que nunca. O soldado agiu de novo. McAsh tentou esquivar-se, mas não foi suficientemente rápido e a pesada coronha de madeira da arma o atingiu com um barulho que pôde ser ouvido acima do fragor da batalha. Por uma fração de segundo a mão de Mack apertou com mais força ainda e Jay lutou para respirar, como se estivesse se afogando; mas os olhos de McAsh rolaram para cima, as mãos largaram o pescoço de Jay e ele desabou no chão, inconsciente.

Jay respirou ofegante e apoiou-se na espada. Lentamente o terror passou. Seu rosto doía como fogo: devia estar com o nariz quebrado. Mas quando olhou para o homem derrubado no chão aos seus pés, só sentiu satisfação.

Lizzie não dormiu naquela noite.

Jay dissera-lhe que podia haver confusão e ela ficou sentada em seu quarto esperando por ele, com um romance aberto, mas não lido, no joelho. Ele chegou em casa de madrugada, coberto de sangue e todo sujo, com uma bandagem no nariz. Ficou tão satisfeita por vê-lo vivo, que lançou os braços em torno dele e o abraçou, arruinando seu robe de seda branca.

Lizzie acordou os criados, mandou que trouxessem água quente e Jay contou a história do distúrbio, detalhe por detalhe, enquanto ela o ajudou a tirar o uniforme imundo, lavou lhe o corpo machucado e deu-lhe uma camisa de dormir limpa.

Mais tarde, deitados lado a lado na enorme cama de quatro postes, ela disse, hesitante:

— Você acha que McAsh será enforcado?

— Certamente que é o que espero — respondeu Jay, tocando cuidadosamente na bandagem com um dedo. — Temos testemunhas para dizer que ele incitou a multidão a se revoltar e atacou pessoalmente integrantes da tropa. Não posso imaginar que um juiz lhe dê uma sentença leve no clima atual. Agora, se tivesse amigos influentes para pedir por ele, seria diferente:

Ela franziu a testa.

— Nunca o vi como um homem particularmente violento. Insubordinado, desobediente, insolente, arrogante, mas não selvagem.

— Pode ser que você tenha razão — comentou Jay, presunçoso. — Mas acontece que as coisas foram ajeitadas para que ele não tivesse escolha.

— Como assim?

— Sir Sidney Armstrong fez uma visita clandestina ao trapiche para falar comigo e o pai. Ele nos disse que queria McAsh preso por ser responsável pelo distúrbio. Ele praticamente nos disse para montar o esquema. Assim, Lennox e eu arranjamos para que houvesse um distúrbio.

Lizzie ficou chocada. Sentia-se ainda pior sabendo que Mack fora deliberadamente provocado.

E Sir Sidney está satisfeito com o que vocês fizeram?

— Está. E o coronel Cranbrough ficou impressionado com o modo pelo

qual conduzi tudo. Posso abandonar a minha patente de oficial e deixar o exército com uma reputação impecável.

Jay fez amor com Lizzie, mas ela estava perturbada demais para desfrutar de seus carinhos. Normalmente gostava de brincar pela cama, rolando e às vezes ficando por cima dele, trocando de posições, beijando, falando e rindo; e, naturalmente, Jay notou a diferença.

Quando terminou, disse:

— Você está muito quieta.

Lizzie pensou em uma desculpa.

— Tive medo de machucar você.

Ele aceitou e poucos momentos depois dormia. Lizzie permaneceu acordada. Era a segunda vez que se chocava com a atitude do marido para com a justiça; em ambas as ocasiões com envolvimento de Lennox. Jay não era mau, tinha certeza, mas podia ser levado ao mal pelos outros, particularmente homens de vontade forte como Lennox. Ainda bem que iam deixar a Inglaterra dentro de um mês. Uma vez que zarpassem, nunca mais veriam Lennox de novo.

Mesmo assim não conseguiu dormir. Sentia um frio na boca do estômago, um peso desagradável. Mack McAsh ia ser enforcado. Revoltara-se ao ver o enforcamento de completos estranhos naquela manhã em que fora a Tyburn, disfarçada. A ideia de a mesma coisa acontecer a seu amigo de infância era intolerável. “Mack não era problema seu”, disse a si própria. Fugira, infringira a lei, entrara em greve e tomara parte num distúrbio de rua.

Fizera tudo o que pudera para meter-se em encrenca: salvá-lo não era sua responsabilidade.

Sua obrigação era para com o homem com quem se casara. Era tudo verdade, mas ainda assim ela não conseguiu dormir.

Quando a luz do dia começou a aparecer nas frestas das cortinas, ela se levantou.

Decidiu começar com os preparativos para a viagem, e quando as criadas apareceram, pediu que enchessem as arcas à prova d'água que comprara com seus presentes de casamento: roupa de cama, talheres, porcelana, louças, panelas e facas de cozinha.

Jay acordou doído e mal-humorado. Bebeu um gole de brandy como desjejum e saiu para o seu regimento. A mãe de Lizzie, que ainda morava na ala de hóspedes da casa dos Jamisson, foi visitar a filha logo depois que Jay saiu e no quarto as duas se puseram a dobrar meias, anáguas e lenços de

Lizzie.

— Em que navio vocês vão viajar? — perguntou a mãe.

— No Rosebud. É um navio da família Jamisson.

— E quando chegarem na Virgínia, como ir até a fazenda?

— Navios transoceânicos podem subir o rio Rapahannock até Fredericksburg, que fica apenas a dezesseis quilômetros de Mockjack Hall — Lizzie podia ver que a mãe sentia-se ansiosa por vê-la fazer uma longa viagem por mar. — Não se preocupe, mãe, não há mais piratas.

— Você deve levar a sua própria água fresca e guardar o barril na cabine. Não compartilhe com a tripulação. Vou arrumar uma arca de remédios para você, em caso de doença.

— Muito obrigado, mãe.

Lizzie tinha mais probabilidade de vir a morrer por causa do espaço exíguo, da comida contaminada e da água podre, do que de um ataque dos piratas.

— Quanto tempo vai levar?

— Seis ou sete semanas.

Lizzie sabia que aquilo era um mínimo; caso os ventos levassem o navio para fora do rumo, a viagem podia se estender para uns três meses. Aí a chance de doença era muito maior.

No entanto, ela e Jay eram jovens, fortes e saudáveis, e sobreviveriam. E seria uma aventura!

Mal podia esperar para conhecer a América. Era todo um novo continente e tudo seria diferente: os pássaros, as árvores, a comida, o ar, o povo. Ficava excitadíssima sempre que pensava na América.

Morava em Londres já há quatro meses e desgostava da cidade a cada dia. A sociedade polida a matava de tédio. Ela e Jay frequentemente jantavam com outros oficiais e suas esposas, mas os oficiais falavam de jogos de cartas e generais incompetentes, e as mulheres se interessavam apenas por chapéus e criadas.

Lizzie achava impossível conversar sobre banalidades, mas se falava o que pensava, sempre chocava.

Uma ou duas vezes por semana ela e Jay jantavam em Grosvenor Square. Lá, pelo menos, a conversa tratava de algo real: negócios, política e a onda de greves e perturbações da ordem que engolfara Londres naquela primavera. Mas o modo de os Jamisson verem os acontecimentos não podia ser mais parcial. Sir George verberava contra os trabalhadores, Robert antevia

desastres e Jay propunha que os militares os esmagassem. Ninguém, nem mesmo Alicia, tinha imaginação para ver o conflito segundo o ponto de vista contrário. Lizzie não pensava que os trabalhadores tivessem razão para fazer greve, é claro, mas acreditava que tinham razões que lhes pareciam fortes. Esta possibilidade nunca foi admitida em torno da mesa de jantar de Grosvenor Square.

— Espero que você fique satisfeita por voltar à propriedade Hallim — disse Lizzie para a mãe.

A mãe fez que sim.

— Os Jamisson são muito bons, mas sinto falta da minha casa, mesmo que seja humilde.

Lizzie punha os livros favoritos em uma arca: Robinson Crusoe, Tom Jones, Roderick Random — todas histórias de aventura — quando um laçao bateu e disse que Caspar Gordonson a aguardava embaixo.

Pedi que o homem repetisse o nome da visita, porque dificilmente podia crer que Gordonson se atrevesse a visitar qualquer membro da família Jamisson. Devia recusar-se a vê-lo, sabia disso: ele tinha encorajado e apoiado aquela greve que vinha prejudicando os negócios de seu sogro. Mas a curiosidade levou a melhor, como sempre, e ela disse ao laçao que o levasse para a sala de visita.

Não tinha, contudo, a intenção de dar-lhe boas-vindas.

— Você causou muitos problemas — disse, quando entrou.

Para sua surpresa, ele não era o sabichão agressivo e provocador que esperava, mas um homem desmazelado e míope, com a voz aguda e os modos de um professor distraído.

— Eu não tive intenção — disse ele. — Quer dizer... causei problemas, é claro... mas não à senhora pessoalmente.

— Por que veio aqui? Se meu marido estivesse em casa pegaria você pela orelha e o atiraria na rua.

— Mack McAsh foi acusado de infringir a lei contra distúrbios de rua e levado para a prisão de Newgate. Será julgado em Old Bailey dentro de três semanas. É um crime passível de enforcamento.

A lembrança atingiu Lizzie como um golpe, mas ela escondeu o que sentia.

— Eu sei — disse, friamente. — Uma tragédia. Um homem jovem e forte com toda uma vida à sua frente.

— A senhora devia se sentir culpada — disse Gordonson.

— Seu tolo insolente! — exclamou ela, furiosa. — Quem encorajou McAsh a pensar que era um homem livre? Quem disse a ele que tinha direitos? Você! Você é quem devia se sentir culpado!

— Eu me sinto — disse ele, baixinho.

Lizzie ficou surpresa: esperava uma negativa acalorada. A humildade dele a acalmou.

Lágrimas vieram-lhe aos olhos, mas ela lutou para contê-las.

— Ele deveria ter ficado na Escócia.

— A senhora sabe que muitas pessoas condenadas por crimes assim, no final não são enforcadas.

— Sim. — Ainda havia esperança. Ela se animou um pouco. — Você acha que Mack conseguirá um perdão real?

— Depende de quem estiver disposto a pedir por ele. Amigos influentes são tudo em nosso sistema legal. Apelarei pela vida dele, mas minhas palavras não valer o muito. Muitos juízes me odeiam. No entanto, se a senhora pedir por ele...

— Não posso fazer isso! — protestou ela. — Meu marido está acusando McAsh. Seria uma coisa terrivelmente desleal da minha parte.

— A senhora poderia salvar a vida dele.

— Mas isto faria de Jay um idiota!

— Não acha que ele poderia compreender...

Não! Eu sei que não entenderia. Nenhum marido entenderia.

Pense a respeito...

Não vou pensar! Vou fazer uma outra coisa. Eu... — ela procurou encontrar uma ideia. — Eu escreverei para o Sr. York, o pastor da igreja em Heugh. Pedirei para que venha a Londres pedir pela vida de Mack no julgamento.

— Um pastor do interior da Escócia? — disse Gordonson. — Não penso que ele vá ter muita influência. O único modo de se ter certeza é a senhora mesma pedir por McAsh.

— Está fora de questão.

— Não vou discutir com a senhora. Só servirá para torná-la mais determinada — disse Gordonson, astutamente. Ele foi para a porta. — A senhora pode mudar de ideia a qualquer hora. Basta ir a Old Bailey em três semanas a contar de amanhã. Lembre-se de que a vida dele pode depender disto.

Gordonson saiu e Lizzie permitiu-se chorar.

Mack foi levado para a ala comum da prisão de Newgate.

Não conseguia lembrar de tudo que lhe acontecera na noite anterior. Tinha uma vaga lembrança de haver sido amarrado, jogado em cima de um cavalo e carregado através de Londres. Havia um prédio alto com janelas de grades, um pátio revestido com pedras arredondadas, uma escada e uma porta reforçada. Aí tinha sido levado para onde se encontrava agora. No escuro, ele não fora capaz de enxergar direito. Machucado e fatigado, caíra no sono.

Ao acordar, descobriu-se em um cômodo mais ou menos do tamanho do apartamento de Cora. Fazia frio: não havia vidro nas janelas e fogo na lareira. O lugar cheirava mal. Havia pelo menos mais umas trinta pessoas com ele: homens, mulheres e crianças, mais um cachorro e um porco. Todo mundo dormia no chão e compartilhava um enorme urinol. Havia um constante movimento de entrada e saída. Algumas das mulheres saíram de manhã cedo e Mack descobriu que não eram prisioneiras e sim mulheres de prisioneiros que subornavam os guardas e passavam a noite ali. Os carcereiros traziam comida, cerveja, gim e jornais para aqueles que podiam pagar seus preços grandemente inflacionados. Alguns foram ver amigos em outras alas. Um prisioneiro foi visitado por um sacerdote, outro por um barbeiro. Tudo era permitido, ao que parecia, desde que se pagasse.

Havia quem risse da situação difícil em que se encontrava e fizesse brincadeira com os crimes cometidos. O ar de alegria generalizada aborreceu Mack. Mal acordara e ofereceram-lhe um gole de gim da garrafa de alguém e uma tragada num cachimbo, como se estivessem todos em uma festa de casamento.

Mack sentia dor no corpo todo, mas a cabeça era o pior. Havia uma protuberância nas suas costas com uma crosta de sangue. Sentia-se totalmente desanimado. Falhara de todas as maneiras.

Fugira de Heugh para ser livre, e contudo terminara na prisão.

Lutara pelos direitos dos carregadores de carvão e conseguira que alguns deles fossem mortos. Perdera Cora. Seria julgado por traição, ou distúrbio, ou homicídio. E provavelmente morreria na forca. Muitos daqueles que o cercavam agora tinham tanta razão quanto ele para se lamentar, mas talvez fossem estúpidos demais para compreender a própria sina.

A pobre Esther jamais conseguiria sair da aldeia agora.

Desejou que a tivesse trazido consigo. Ela podia ter se vestido de homem, como Lizzie Hallim fizera. Teria administrado o trabalho dos marinheiros com mais facilidade que o próprio Mack, porque era mais

esperta. E seu bom senso poderia tê-lo conservado fora de encrencas.

Esperava que o bebê de Annie fosse um menino. Assim pelo menos continuaria havendo um outro Mack. Talvez Mack Lee tivesse uma vida mais feliz e mais longa que a de Mack McAsh.

Mack encontrava-se no auge do desânimo quando um carcereiro abriu a porta e Cora entrou. Tinha o rosto sujo e o vestido vermelho rasgado, mas ainda era uma mulher encantadora, e todo mundo virou-se para olhar.

Mack ficou de pé com um salto e abraçou-a, debaixo de uma salva de palmas e gritos dos outros prisioneiros.

— O que aconteceu com você? — quis saber ele.

— Fui condenada por furto, mas tudo por sua causa.

— Como assim?

— Foi uma armadilha. O rapaz parecia ser como qualquer outro jovem rico bêbado, mas era Jay Jamisson. Prenderam a gente e nos levaram ao pai dele. É um crime punido com enforcamento, furtar carteiras. Mas ofereceram o perdão a Peg, se ela contasse onde você morava.

Mack sentiu um momento de raiva contra Peg por tê-lo traído; mas ela era apenas uma criança, não podia ser culpada.

— Então foi assim que eles descobriram.

— O que aconteceu com você?

Ele lhe contou a história da briga. Quando terminou, Cora disse:

— Por Cristo, McAsh, você é um homem que não dá sorte a gente conhecer.

“Era verdade”, pensou ele. Todo mundo que ele conhecia tinha se metido numa encrenca qualquer.

— Charlie Smith está morto — disse.

— Você precisa falar com Peg — disse Cora. — Ela pensa que você a deve estar odiando.

— Eu me odeio por ter metido ela nisto.

Cora deu de ombros.

— Você não disse a ela para roubar. Vamos.

Ela bateu na porta e um carcereiro a abriu. Deu uma moeda a ele, apontou um polegar para Mack e disse:

— Ele está comigo.

O carcereiro fez que sim e deixou que os dois saíssem.

Cora o conduziu ao longo de um corredor e os dois entraram num aposento bem parecido com o de onde haviam saído. Peg estava sentada no

chão a um canto. Quando viu Mack ela se levantou, parecendo apavorada.

— Desculpe — disse. — Eles me obrigaram, desculpe!

— A culpa não foi sua — disse ele.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Eu o desapontei — murmurou.

— Não seja tola — ele tomou-a em seus braços, e o corpinho de Peg se sacudiu enquanto ela soluçava sem parar.

Caspar Gordonson chegou com um banquete: sopa de peixe numa grande terrina, um peso de carne com o osso inteiro, pão fresco, diversos jarros de cerveja e uma torta. Pagou ao carcereiro por uma sala privada com mesa e cadeiras. Mack, Cora e Peg foram trazidos e todos se sentaram para comer.

Mack sentia fome, mas descobriu que tinha pouco apetite. Preocupado, tinha a cabeça voltada para o futuro. Queria saber o que Gordonson pensava de suas chances no julgamento.

Obrigou-se a ser paciente e bebeu um pouco de cerveja.

Quando tinham terminado de comer, o criado de Gordonson retirou tudo e trouxe cachimbos e tabaco. O advogado pegou um cachimbo e Peg também, pois ela cultivava aquele vício dos adultos.

Gordonson começou examinando o caso de Peg e Cora.

— Falei com o advogado da família Jamisson sobre a acusação de furto — disse ele.

— Sir George manterá a promessa de pedir misericórdia para Peg.

— O que me surpreende — comentou Mack. — Não é próprio dos Jamisson cumprir a palavra.

— Ah, bem, eles querem algo — disse Gordonson. — Você entende, será embaraçoso para eles se Jay contar ao tribunal que escolheu Cora pensando que ela fosse uma prostituta.

Assim, querem fingir que ela apenas o encontrou na rua e o fez conversar, enquanto Peg esvaziava lhe os bolsos.

Peg disse com menosprezo:

— E nós devemos confirmar esse conto de fadas e proteger a reputação de Jay.

— Se você quiser que Sir George peça pela sua vida, sim.

— Não temos outra escolha. Claro que faremos isso — disse Cora.

— Ótimo — Gordonson virou-se para Mack. — Gostaria que o seu caso fosse tão fácil Mack protestou:

— Mas eu não sou responsável por nenhum distúrbio!

— Você não se afastou depois da leitura da lei.

— Pelo amor de Deus, tentei fazer com que todo mundo fosse embora, mas os rufiões de Lennox atacaram!

— Vamos examinar tudo passo a passo.

Mack respirou fundo e conteve sua irritação.

— Tudo bem.

— O promotor dirá apenas que a lei contra os distúrbios de rua foi lida e você não dispersou e, sendo assim, você é culpado e deve ser enforcado.

— Sim, mas todo mundo sabe que há mais do que isto!

— Aí está: esta é a sua defesa. Você simplesmente diz que o promotor só contou metade da história. Pode trazer testemunhas para confirmar que você pediu a todos para dispersar?

— Tenho certeza que sim. Dermot Riley pode trazer qualquer número de carregadores de carvão para testemunhar. Mas devemos perguntar aos Jamisson por que o carvão estava sendo entregue àquele pátio, entre tantos outros existentes, àquela hora da noite!

— Bem...

Mack bateu na mesa, impaciente.

— Todo o distúrbio foi previamente arranjado, temos que dizer isso.

— Será difícil de provar.

Mack enfureceu-se com a atitude desinteressada de Gordonson.

— O distúrbio foi obra de uma conspiração. Certamente que você não vai deixar isto de fora, vai? Se os fatos não forem levados diante da corte, para onde devem ser levados?

Peg perguntou:

— O senhor estará no julgamento, Sr. Gordonson?

— Sim, mas pode ser que o juiz não me deixe falar.

— Pelo amor de Deus, por quê? — quis saber Mack, indignado.

— A teoria é que, se você é inocente, não precisa de um perito em leis para prová-lo.

Mas às vezes os juízes fazem exceções.

— Espero que tenhamos um juiz amistoso — disse Mack, ansioso.

— O juiz tem que ajudar o acusado. Tem o dever de assegurar-se de que o processo, tal como é visto pela defesa, está claro para o júri. Mas não confie nisto. Coloque sua fé na verdade, na pura verdade. É a única coisa que pode salvá-lo do carrasco.

No dia do julgamento os prisioneiros foram acordados às cinco horas da manhã.

Dermot Riley chegou poucos minutos depois com uma roupa para emprestar a Mack; era a roupa com que Dermot se casara, e Mack ficou comovido. Trouxe também uma navalha e um pedaço de sabão. Meia hora mais tarde Mack tinha uma aparência respeitável e se sentia pronto para enfrentar o juiz.

Na companhia de Cora e Peg e de quinze ou vinte outros, ele foi amarrado e levado para fora da prisão, ao longo da rua Newgate, descendo uma ruazinha secundária chamada Old Bailey e subindo uma viela que dava no prédio do tribunal. Caspar Gordonson o encontrou lá e explicou quem era quem.

O pátio em frente ao prédio já estava cheio de gente: promotores, testemunhas, jurados, advogados, amigos e parentes, espectadores ociosos e, provavelmente, prostitutas e ladrões em busca de oportunidade de negócios. Todos foram levados através do pátio e por um portão para o Bail Dock, o lugar onde ficavam os prisioneiros durante o julgamento. Já estava cheio de réus, presumivelmente de outras prisões: Fleet, Bridewell e Ludgate. Dali Mack podia ver o imponente prédio do tribunal. Degraus de pedra levavam ao piso térreo, que era aberto de um lado, exceto por uma fileira de colunas.

Dentro ficava a bancada dos juízes, sobre uma plataforma alta. Dos lados havia espaços delimitados por uma balaustrada para os jurados e balcões destinados aos funcionários do tribunal e espectadores privilegiados.

Lembrou a Mack de um teatro; só que ele era o vilão da peça.

Ele observou com horrível fascínio quando a corte iniciou seu longo dia de julgamentos. O primeiro réu era uma mulher, acusada de furtar quinze metros de baetilha, um tecido barato feito com uma mistura de algodão e lã. O dono da loja era o queixoso e avaliou o tecido em quinze shillings. A testemunha, um empregado, jurou que a mulher pegou a peça de fazenda e dirigiu-se para a porta e, ao perceber que era observada, largou o material e fugiu.

A mulher alegava que só tinha examinado o tecido e jamais tencionara sair da loja com ele.

Os jurados conferenciaram em segredo. Vinham de uma classe social conhecida como “classe média”: pequenos comerciantes, artesãos bem-sucedidos e lojistas. Odiavam a desordem e o roubo, mas não tinham a confiança do governo e defendiam zelosamente a liberdade; pelo menos a deles.

Consideraram a mulher culpada, mas avaliaram o tecido em quatro shillings, muito menos do que valia. Gordonson explicou que ela poderia ser enforcada por furtar de uma loja bens de valor maior que cinco shillings. O veredicto destinava-se a impedir que o juiz a condenasse à morte.

Ela não foi sentenciada imediatamente, contudo: as sentenças seriam lidas no final do dia.

Toda a coisa não tomara mais que um quarto de hora. Os casos seguintes foram tratados com igual rapidez, poucos deles tomando mais de meia hora. Cora e Peg foram julgadas juntas lá pela metade da tarde. Mack sabia que o resultado do julgamento fora previamente arranjado, mas ainda assim cruzou os dedos e torceu para que tudo saísse de acordo com o plano.

Jay Jamisson testemunhou que Cora puxara conversa com ele na rua enquanto Peg esvaziava seus bolsos. Chamou Sidney Lennox como uma testemunha que vira tudo o que acontecera e o avisara. Nem Cora nem Peg contestaram a versão dele.

A recompensa delas foi o aparecimento de Sir George, que testemunhou que elas haviam sido úteis na prisão de um outro criminoso e pediu que o juiz as sentenciasse ao desterro, e não ao enforcamento.

O juiz balançou a cabeça compreensivamente, mas a sentença não seria pronunciada senão no fim do dia.

O caso de Mack foi anunciado poucos minutos depois.

Lizzie não conseguia pensar em outra coisa que não fosse o julgamento.

Jantara às três horas e, com Jay no tribunal o dia inteiro, sua mãe fora comer com ela e fazer-lhe companhia.

— Você está bem gordinha, minha querida — disse Lady Hallim. — Tem comido muito?

— Ao contrário — respondeu Lizzie. — Às vezes a comida me faz mal. Tudo por conta da ansiedade da viagem para a Virgínia, eu acho. E agora este julgamento horrível!

— Não é da sua conta — disse Lady Hallim bruscamente. — Dezenas de pessoas são enforcadas todos os anos por crimes muito menos horríveis. Ele não pode ter a pena suspensa só porque você o conheceu quando criança.

— Como é que você sabe que ele cometeu um crime?

— Se não cometeu, vão considerá-lo inocente. Tenho certeza de que será tratado igual a qualquer pessoa tola o bastante para se envolver em um tumulto.

— Mas não — protestou Lizzie. — Jay e Sir George provocaram deliberadamente aquele tumulto para que pudessem prender Mack e terminar com a greve... Jay me contou.

— Então estou segura de que eles tiveram uma boa razão.

Os olhos de Lizzie encheram-se de lágrimas.

— Mãe, você não acha que isso é errado?

— Tenho certeza absoluta de que não é da minha conta ou da sua, Lizzie

— respondeu ela, com firmeza.

Querendo esconder da mãe o seu sofrimento, Lizzie comeu uma colher cheia da sobremesa, maçãs esmagadas com açúcar, mas aquilo a enjoou e ela descansou a colher.

— Caspar Gordonson disse que eu poderia salvar a vida de Mack se depusesse a favor dele.

— Deus me livre! — A mãe ficou chocada. — Você ir contra seu próprio marido em uma sala de tribunal na frente de todo mundo... nem fale uma coisa dessas!

— Mas é a vida de um homem! Pense na pobre irmã dele... como sofrerá quando descobrir que foi enforcado.

— Minha querida, eles são mineiros, não são como nós. A vida é barata, não sofrem como nós. A irmã dele só vai ficar embriagada com gim e voltar ao fundo da mina.

— Você não acredita nisso, mãe, eu sei.

— Talvez eu esteja exagerando. Mas tenho certeza de que não adianta nada se preocupar com essas coisas.

— Não posso evitar. Ele é um rapaz corajoso que só queria ser livre, e não posso tolerar a ideia de vê-lo enforcado.

— Você pode rezar por ele.

— Eu rezo — disse Lizzie. — Eu rezo.

O promotor foi um advogado, Augustus Pym.

— Ele costuma trabalhar muito para o governo — cochichou Gordonson. — Devem estar pagando para que trabalhe neste caso.

Então o governo queria Mack enforcado. Saber disto o deixou deprimido. Gordonson aproximou-se da bancada e dirigiu-se ao juiz.

— Excelência, como a acusação está sendo feita por um advogado profissional, terei sua permissão para falar pelo Sr. McAsh?

— Certamente que não — respondeu o juiz. — Se McAsh não puder convencer o júri sem ajuda de fora, é porque o caso dele não tem defesa.

A garganta de Mack ficou seca e ele foi capaz de ouvir as batidas do seu coração.

Bem, não cederia um centímetro de terreno sem lutar.

Pym começou.

— No dia em questão, um carregamento de carvão ia sendo entregue no pátio do Sr.

John Cooper, conhecido como Black Jack, na rua Wang.

— Não era dia, era noite — interveio Mack.

O juiz disse:

— Não faça comentários tolos.

— Não é tolice — contrapôs Mack. — Quem já ouviu falar de carvão ser entregue às onze horas da noite?

— Fique quieto. Continue, Sr. Pym.

— Os entregadores foram atacados por um grupo de carregadores de carvão em greve, e os magistrados de Wang foram alertados.

— Por quem? — quis saber Mack.

Pym respondeu.

— Pelo proprietário da taverna chamada Frying Pan, o Sr. Harold Nir.

— Um empreiteiro — disse Mack.

O juiz acrescentou:

— E um comerciante respeitável quero crer.

Pym prosseguiu:

— O Sr. Roland MacPherson, Juiz de Paz, chegou e leu a lei. Os carregadores de carvão recusaram-se a dispersar.

— Fomos atacados! — alegou Mack.

Eles o ignoraram.

— O Sr. MacPherson então convocou a tropa, como era seu dever e seu direito. Um destacamento do Terceiro Regimento de Infantaria de Guarda chegou sob o comando do capitão Jamisson. O prisioneiro encontrava-se entre os que foram presos. A primeira testemunha da Coroa é John Cooper.

Black Jack testemunhou ter descido o rio e ido até Rochester a fim de comprar o carvão que fora descarregado. Mandara que o levassem para Londres em carroças.

— A quem pertencia o navio? — perguntou Mack.

— Não sei, tratei com o capitão.

— De onde era o navio?

— Edimburgo.

— Poderia pertencer a Sir George Jamisson?

— Não sei.

— Quem lhe deu a sugestão de comprar carvão em Rochester?

— Sidney Lennox.

— Um amigo dos Jamisson.

— Nada sei sobre isto.

A testemunha seguinte de Pym foi Roland MacPherson, que jurou ter

lido a lei contra os distúrbios de rua às onze e quinze da noite e que a multidão se recusara a dispersar-se.

— Você chegou muito depressa.

— Sim.

— Quem o chamou? O proprietário da taverna Frying Pan?

— Sim.

— Ele teve que andar muito?

— Não sei o que você está querendo dizer.

— Onde você estava quando ele o chamou?

— Na sala de trás da taverna dele.

— Muito conveniente! Isso foi planejado?

— Eu sabia que ia haver uma entrega de carvão e receei que pudesse haver problema.

— Quem o avisou da entrega?

— Sidney Lennox.

Um dos jurados fez:

— Oh!

Mack olhou para ele. Era um homem jovem com uma expressão cética, a quem marcou como um aliado em potencial. Finalmente Pym chamou Jay Jamisson. Jay tinha facilidade de expressão e o juiz parecia ligeiramente entediado, como se fossem amigos discutindo um assunto sem importância. Mack teve vontade de gritar: “Não seja tão indiferente; minha vida está em jogo!” Jay explicou que se encontrava no comando de um destacamento de guardas na Torre de Londres.

O jurado cético interrompeu:

— O que você estava fazendo lá?

Jay deu a impressão de ter sido apanhado de surpresa. Nada disse.

— Responda à pergunta — insistiu o jurado.

Jay olhou para o juiz, que parecia aborrecido com o jurado, mas disse, com óbvia relutância:

— É preciso responder às perguntas do júri, capitão.

— Estávamos lá de prontidão — disse Jay.

— Para quê? — quis saber o jurado.

— Para o caso de ser preciso nossa ajuda para manter a paz na zona leste da cidade.

— O seu quartel normalmente é lá? — indagou o jurado.

— Não.

— Onde é então?
— Hyde Park, por ora.
— Do outro lado de Londres.
— Sim.
— Quantas noites você fez esse deslocamento especial para a Torre?
— Só uma.
— Como se explica você estar lá especificamente nessa noite?
— Presumo que meus comandantes temeram problemas.
— Sidney Lennox avisou a eles, eu suponho — disse o jurado, e aí houve um riso abafado.

Pym continuou a interrogar Jay, que disse que quando ele e seus homens chegaram ao pátio do depósito de carvão havia um distúrbio em pleno andamento, o que era verdade.

Contou como Mack o atacara, também verdade, e tinha sido derrubado por um soldado.

Mack perguntou:

— O que você acha de carregadores de carvão que se metem em arruaças e distúrbios de rua?

— Estão violando a lei e devem ser punidos.

— Acredita que a maioria das pessoas pensa como você, tudo considerado?

— Acredito.

— Acha que o distúrbio vai fazer com que o povo fique contra os carregadores de carvão?

— Tenho certeza.

— Então o distúrbio torna possível que as autoridades tomem uma atitude drástica para acabar com a greve?

— Certamente que espero que isso aconteça.

Ao lado de Mack, Caspar Gordonson murmurava: “Brilhante, brilhante, ele caiu direitinho na sua armadilha.” — E quando a greve terminar, os navios carvoeiros da família Jamisson serão descarregados e vocês serão capazes de vender seu carvão de novo.

Jay começou a ver para onde estava sendo levado, mas demasiado tarde.

— Sim.

— E o término da greve vale muito dinheiro para vocês.

— Sim.

— Então o distúrbio dos carregadores de carvão trará dinheiro para

vocês?

— Pode fazer com que minha família pare de perder dinheiro.

— Foi por isto que você cooperou com Sidney Lennox na provocação do distúrbio?

Mack virou-se na direção contrária.

— Eu não fiz isso — exclamou Jay, mas falando para a nuca de Mack.

Você devia ser advogado, Mack — disse Gordonson. — Onde aprendeu a argumentar desse jeito?

— Na sala de visitas da Sra. Wheighel — respondeu ele.

Gordonson estava assombrado.

Pym não tinha mais testemunhas. O jurado cético disse:

— Não vamos ouvir o depoimento desse tal de Lennox?

— A Coroa não tem mais testemunhas — repetiu Pym.

— Bem, acho que devíamos ouvir esse sujeito. Ele parece estar por trás de tudo.

— Os jurados não podem convocar testemunhas — disse o juiz.

Mack chamou sua primeira testemunha, um irlandês conhecido como Michael Ruivo por causa da cor do cabelo. Ruivo contou como Mack estava a ponto de persuadir os grevistas a irem para casa quando foram atacados.

Quando terminou, o juiz quis saber:

— E qual é o seu trabalho, rapaz?

— Sou carregador de carvão, senhor — respondeu o Ruivo.

O juiz disse:

— O júri levará isto em conta quando considerar se deve ou não acreditar no seu relato.

Mack sentiu o coração apertar. O juiz fazia tudo o que pudesse para predispor o júri contra ele. Chamou sua segunda testemunha, mas era outro carregador de carvão e sofreu o mesmo destino. A terceira e última também. Isso era porque eles tinham estado bem no centro dos acontecimentos e visto tudo exatamente como acontecera.

As testemunhas de Mack haviam sido destruídas. Agora só havia ele mesmo, seu caráter e eloquência.

— Descarregar o carvão trazido pelos navios é trabalho duro, cruelmente duro — começou ele. — Somente homens jovens e fortes podem realizá-lo. Mas é muito bem pago; na minha primeira semana ganhei seis libras. Fiz por merecer esse dinheiro, mas não o recebi: a maior parte foi roubada pelo meu empreiteiro.

— Isto nada tem a ver com o caso — interrompeu o juiz. — A acusação é distúrbio, desordem.

— Eu não iniciei qualquer tumulto — disse Mack. Ele respirou fundo, ordenou os pensamentos e prosseguiu. — Eu simplesmente me recusei a deixar que os empreiteiros furtassem o meu salário. Este é o meu crime. Os empreiteiros ficam ricos apropriando-se do dinheiro dos homens que descarregam o carvão dos navios. Mas quando estes homens decidiram ser seus próprios patrões, o que aconteceu? Foram boicotados pelos donos de navio. E quem são os donos de navio, cavalheiros? A família Jamisson, que está inextricavelmente envolvida com os fatos trazidos a este julgamento.

O juiz perguntou, irritado:

— Pode provar que não participou da arruaça?

O jurado cético interveio:

— A questão é que a briga foi provocada por outros.

Mack não se atrapalhou com a interrupção. Continuou simplesmente com o que queria dizer.

— Cavalheiros do júri, façam a si próprios algumas perguntas — ele deu as costas aos jurados e encarou Jay. — Quem ordenou que as carroças de carvão fossem levadas à rua Wang a uma hora em que as tavernas estavam cheias de carregadores em greve? Quem as mandou para o pátio de carvão onde moro? Quem pagou aos homens que escoltavam as carroças?

O juiz tentou interromper de novo, mas Mack levantou a voz e prosseguiu vigorosamente.

— Quem lhes deu mosquetes e munição? Quem se assegurou de que a tropa estaria por perto? Quem orquestrou todo o distúrbio? — Ele virou-se rapidamente e olhou para o júri.

— Vocês conhecem a resposta, não conhecem? — Mack sustentou o olhar deles por mais um momento e virou-se.

Sentia-se trémulo. Fizera o melhor de que era capaz, e agora sua vida estava à mercê dos outros.

Gordonson levantou-se.

— Esperávamos uma testemunha para depor sobre o caráter do réu... o reverendo Sr.

York, pastor da igreja na aldeia onde ele nasceu, mas ainda não chegou.

Mack não se sentia muito desapontado por causa de York, pois não esperava que seu testemunho tivesse muito efeito, e tampouco Gordonson.

O juiz disse:

— Se ele chegar poderá falar antes de a sentença ser proclamada.

Gordonson levantou as sobrancelhas, manifestando sua estranheza, e o juiz acrescentou:

— Isto é, a menos que o júri considere o réu inocente, caso em que qualquer outro testemunho seria supérfluo, desnecessário dizer. Cavalheiros, deliberem para chegar a um veredicto.

Mack estudou os jurados, apreensivo, enquanto eles deliberavam. Achou que, para seu espanto, pareciam insensíveis. Talvez tivesse sido demasiado enfático.

— O que é que você acha? — perguntou a Gordonson.

O advogado sacudiu a cabeça.

— Vão achar difícil acreditar que toda a família Jamisson entrou em uma conspiração mesquinha e vergonhosa com Sidney Lennox. Você teria se saído melhor se apresentasse os carregadores de carvão como bem-intencionados, mas mal orientados.

— Falei a verdade — retrucou Mack. — Não posso deixar de falar a verdade.

Gordonson sorriu melancolicamente.

— Se você não fosse este tipo de homem, talvez não estivesse metido numa encrenca tão grande.

Os jurados discutiam.

— Que diabos eles tanto falam? — disse Mack. — Gostaria de poder ouvir.

Era possível ver o tal jurado cético argumentando acaloradamente, sacudindo o dedo.

Os outros o ouviam atentamente, ou cerravam fileiras contra ele?

— Ainda bem — disse Gordonson. — Quanto mais tempo falarem, melhor para você.

— Por quê?

— Se estão discutindo, deve haver dúvidas: e se há dúvidas, têm que considerar você inocente.

Mack observou, receoso. O cético deu de ombros e fez uma meia-volta. Mack receou que tivesse perdido a discussão. O primeiro jurado disse-lhe algo, e ele fez que sim.

O primeiro jurado aproximou-se da bancada do juiz. O juiz perguntou:

— Os jurados chegaram a um veredicto?

— Chegamos.

Mack prendeu a respiração.

— E qual foi?

— Nós o consideramos culpado, de acordo com a acusação.

Lady Hallim disse:

— O seu sentimento por esse mineiro é bastante estranho, minha querida. Um marido poderia achá-lo censurável.

— Oh, mãe, não seja ridícula.

Bateram na porta da sala de jantar e entrou um laçao.

— O reverendo Sr. York, madame — disse ele.

— Que surpresa agradável! — disse a mãe. Ela sempre gostara de York. Em voz baixa acrescentou: — A mulher dele morreu, Lizzie... contei a você? Deixou-o com três filhos.

— Mas o que ele está fazendo aqui? — perguntou Lizzie, ansiosa. — Devia estar em Old Bailey. Mande que entre, rápido.

O pastor entrou, e sua aparência era de quem se vestira apressadamente. Antes que Lizzie pudesse perguntar por que não se encontrava no julgamento, ele disse algo que momentaneamente desviou sua atenção de Mack.

— Lady Hallim, Sra. Jamisson, cheguei em Londres poucas horas atrás e vim vê-las o mais cedo que pude a fim de apresentar minhas condolências. Que golpe...

A mãe de Lizzie tentou interrompê-lo.

— Não... — mas cerrou os lábios com força.

— Que golpe horrível para ambas!

Lizzie dirigiu um olhar intrigado para sua mãe e perguntou:

— De que está falando, Sr. York?

— O desastre da mina, claro.

— Não sei de nada a esse respeito, embora veja que minha mãe sabe...

— Meu Deus, sinto muitíssimo ter chocado a senhora! Houve um desabamento na sua mina e vinte pessoas morreram.

Lizzie sentiu-se abalada.

— Que coisa realmente horrível! — exclamou, comovida.

Via mentalmente vinte novas sepulturas no pequeno cemitério perto da igreja. Todos na aldeia estariam chorando a perda de alguém, e o sofrimento seria enorme. Mas uma outra coisa a preocupou:

— O que o senhor quis dizer quando falou a “sua” mina?

— High Glen.

Lizzie gelou.

— Não há mina em High Glen.

— Só a nova, é claro, a que foi aberta quando a senhora desposou o Sr. Jamisson.

Lizzie ficou furiosa e virou-se para a mãe:

— Você sabia, não é?

Lady Hallim teve a gentileza de parecer envergonhada.

— Minha querida, era a única coisa a fazer. Foi por isto que Sir George deu a vocês a propriedade na Virgínia...

— Você me traiu! — gritou Lizzie. — Vocês todos me enganaram! Inclusive o meu marido. Como puderam? Como você pôde mentir para mim?

A mãe dela começou a chorar.

— Pensamos que você nunca saberia, você está indo para a América...

Suas lágrimas não conseguiram amortecer o ultraje de Lizzie.

— Vocês pensaram que eu nunca saberia? Mal posso acreditar no que estou ouvindo!

— Não faça nada irrefletido, eu lhe suplico.

Um pensamento horrível passou pela cabeça de Lizzie. Ela virou-se para o pastor.

— A irmã gémea de Mack...

— Receio que Esther McAsh estivesse entre os mortos — disse ele.

— Oh, não!

Mack e Esther foram os primeiros gémeos que Lizzie vira e ficara fascinada por eles.

Quando crianças era difícil distinguir um do outro, até que se viesse a conhecê-los bem.

Nos últimos tempos Esther parecia uma versão feminina de Mack, com os mesmos olhos verdes surpreendentes e o corpo musculosamente atarracado dos mineiros. Lizzie lembrava dos dois irmãos há poucos meses, de pé, juntos, do lado de fora da igreja. Esther dissera a Mack para calar a matraca e isto fizera Lizzie rir.

Agora Esther estava morta e Mack prestes a ser condenado à forca...

Lembrando de Mack, ela disse:

— O julgamento é hoje!

— Oh, meu Deus — exclamou York. — Eu não sabia que era tão cedo. Será que estou atrasado?

— Talvez não, se for agora.

— Eu irei. É muito longe?

— Quinze minutos a pé, cinco minutos numa cadeirinha. Eu também vou.

— Não, por favor — pediu a mãe.

Lizzie retrucou com aspereza:

— Não tente me impedir, mãe. Vou pedir pela vida de Mack eu mesma. Matamos a irmã, talvez possamos salvar o irmão.

— Vou com você — disse Lady Hallim.

O pátio do tribunal estava apinhado de gente. Lizzie viu-se confusa e perdida, e nem York nem sua mãe poderiam ajudá-la. Abriu caminho, procurando Gordonson ou Mack.

Chegou a uma parede baixa que cercava um pátio interno e por fim viu os dois através da balaustrada.

Quando o chamou, Gordonson saiu por um portão. Ao mesmo tempo, Sir George e Jay apareceram.

— Lizzie, por que está aqui? — perguntou Jay, em tom de reprovação.

Ela o ignorou e falou com Gordonson.

— Este é o reverendo Sr. York, de nossa aldeia na Escócia. Veio pedir pela vida de Mack.

Sir George sacudiu um dedo para o pastor.

— Se você tiver um mínimo de bom senso fará meia-volta e voltará para a Escócia.

Lizzie disse:

— E eu vou pedir pela vida dele também.

— Muito obrigado — disse Gordonson, ardorosamente. — É a melhor coisa que a senhora podia fazer.

— Tentei impedi-la, Sir George — disse Lady Hallim.

Jay ficou vermelho de raiva e agarrou Lizzie pelo braço, apertando com força.

— Como você se atreve a me humilhar deste jeito? — exclamou, veemente. — Eu a proíbo terminantemente de falar!

— Está intimidando esta testemunha? — questionou Gordonson.

Jay pareceu acovardar-se e deixou passar. Um advogado carregando uma pilha de documentos abriu caminho pelo meio do pequeno grupo. Jay perguntou:

— Temos que ter esta discussão aqui, onde todo mundo pode ver?

— Sim, temos — disse Gordonson. — Não podemos nos afastar do

tribunal.

Sir George dirigiu-se a Lizzie:

— Que diabo está querendo com isto, minha filha?

O tom arrogante enfureceu Lizzie.

— Você sabe muito bem que porcaria de coisa estou querendo — disse ela.

Os homens ficaram espantados ao ouvi-la praguejar e duas ou três pessoas mais próximas se viraram para encará-la. Lizzie ignorou as reações.

— Vocês todos planejaram esse distúrbio para pegar McAsh numa armadilha. Não vou ficar parada vendo vocês o enforcarem.

Sir George ficou vermelho.

— Lembre-se de que você é minha nora e...

— Cale-se, George — ela o interrompeu. — Não vou me deixar intimidar.

Ele calou-se, estupefato. Ninguém jamais lhe dissera para calar a boca, Lizzie tinha certeza.

Jay saiu em defesa da família.

— Você não pode ir contra o seu marido — vociferou. — É desleal!

— Desleal? — ela repetiu a palavra com escárnio. — Quem diabos você pensa que é para falar de lealdade? Você me jurou que não ia explorar carvão na minha terra e foi em frente e fez exatamente o contrário. Você me traiu no dia do nosso casamento!

Todos ficaram quietos e por um instante Lizzie pôde ouvir uma testemunha depondo em voz alta do outro lado do muro.

— Então você está sabendo do acidente — disse Jay.

Ela respirou fundo.

— Aproveito a ocasião para dizer agora que Jay e eu levaremos vidas separadas a partir de hoje. Seremos casados apenas formalmente. Voltarei à minha casa na Escócia e nenhum membro da família Jamisson será bem-vindo lá. E quanto a falar em defesa de McAsh: não vou ajudá-los a enforcar o meu amigo e vocês podem, os dois, ir tomar no rabo!

O espanto de Sir George foi tão grande que ele não conseguiu dizer nada. Ninguém falava desse jeito com ele há muitos anos. Ficou vermelho como uma beterraba, os olhos esbugalhados, bufando, mas não saiu uma só palavra.

Caspar Gordonson dirigiu-se a Jay.

— Posso dar uma sugestão?

Jay dirigiu-lhe um olhar hostil, mas disse, lacônico:

— Pode, pode.

— A Sra. Jamisson poderia ser persuadida a não testemunhar, sob uma condição.

— Qual?

— Que você, Jay, peça pela vida de Mack.

— De jeito nenhum! — respondeu Jay.

Gordonson prosseguiu.

— Seria igualmente efetivo. Mas pouparia a família da vergonha de ter uma esposa indo contra o marido em um tribunal aberto. — Gordonson de repente pareceu malicioso. — Em vez disso, você pareceria magnânimo. Poderia dizer que Mack trabalhou em uma das minas dos Jamisson e que por este motivo a família deseja ser generosa.

O coração de Lizzie deu um pulso, cheio de esperança. Um pedido de perdão feito por Jay, o oficial que esmagara o distúrbio, seria muito mais efetivo.

Ela pôde ver a hesitação surgir no rosto de Jay enquanto ele avaliava as consequências. Ele disse, de mau humor:

— Suponho que tenho de aceitar isso.

Antes que Lizzie tivesse tempo de se sentir exultante, Sir George interveio.

— Há uma condição, na qual sei que Jay vai insistir.

Lizzie teve o pressentimento desagradável de que sabia o que estava por vir.

Sir George olhou para ela.

— Você terá que esquecer toda essa bobagem de vidas separadas. Você será uma esposa adequada para Jay, em todos os sentidos.

— Não! — exclamou ela. — Jay me traiu, como posso confiar nele? Não, a minha resposta é não!

Sir George disse:

— Então Jay não pedirá pela vida de McAsh.

Foi a vez de Gordonson intervir:

— Devo lembrar, Lizzie, que o pedido de Jay será muito mais efetivo do que o seu, porque ele é o queixoso.

Lizzie sentiu-se desorientada. Não era justo; estava sendo forçada a escolher entre a vida de Mack e a sua. Como podia decidir uma coisa dessas? Era puxada para os dois lados e isso a feria. Todos olhavam para ela: Jay, Sir

George, Gordonson, sua mãe e York. Sabia que devia ceder, mas algo no seu íntimo não permitia.

— Não — disse desafiadoramente. — Não trocarei a minha vida pela de Mack.

Gordonson aconselhou:

— Pense mais um pouco.

E a sua mãe:

— Você tem que trocar.

Lizzie olhou para a mãe. Claro que ia instar para que fizesse o que fosse convencional Mas a mãe estava quase chorando.

— O que é?

As lágrimas começaram a escorrer.

— Você tem que ser uma esposa adequada para Jay.

— Por quê?

— Por que você vai ter um filho.

Lizzie fitou-a espantada.

— O quê? De que é que você está falando?

— Você está grávida.

— Como é que você sabe?

A mãe falou por entre os soluços.

— Seu busto está muito mais cheio e a comida a deixa enjoada. Você está casada há dois meses; não é exatamente uma coisa inesperada.

— Oh, meu Deus — murmurou Lizzie, estarrecida.

Tudo tinha virado de cabeça para baixo. Um bebê! Estaria grávida mesmo?

Rememorou os últimos tempos e viu que não tinha as regras desde o dia do casamento. Então era verdade. Fora presa na armadilha do próprio corpo. Jay era o pai do seu filho. A mãe vira que isso era a única coisa que podia fazer Lizzie mudar de ideia. Olhou para Jay. No rosto dele viu raiva misturada a uma expressão de súplica.

— Por que mentiu para mim? — perguntou.

— Eu não queria, mas fui obrigado — disse ele.

Lizzie sentiu-se amargurada. Seu amor por ele nunca mais seria o mesmo, sabia disso.

Mas ainda assim era o seu marido.

— Está bem — concordou. — Eu aceito.

Caspar Gordonson disse:

— Então estamos todos de acordo.

A frase pareceu a Lizzie uma condenação à prisão perpétua.

— Oh sim! Oh sim! Oh sim! — gritou o pregoeiro da corte. Meus Lordes, os Juízes do Rei, ordenam terminantemente a toda a sorte de pessoas que façam silêncio enquanto a sentença de morte é conferida aos prisioneiros em tribunal pleno, sob pena de prisão.

O juiz colocou na cabeça o barrete preto e levantou-se.

Mack estremeceu de ódio. Dezenove casos haviam sido julgados no mesmo dia, e doze pessoas consideradas culpadas. Mack sentiu-se dominar por uma onda de terror. Lizzie forçara Jay a pedir misericórdia, mas e se o juiz decidisse não levar em conta o pedido dele, ou simplesmente cometesse um erro?

Lizzie encontrava-se no fundo do salão do tribunal. Mack atraiu-lhe o olhar. Ela parecia pálida e abatida. Não tivera uma chance de lhe falar. Lizzie tentou lhe dar um sorriso de encorajamento, mas não passou de uma careta de medo.

O juiz olhou para os doze prisioneiros, de pé, em linha, e falou, após um momento.

— A lei é que vós deveis retornar daqui para o lugar de onde viestes e de lá para o Lugar de Execução, onde sereis pendurados pelo pescoço, até que o corpo esteja morto!

Morto! Morto! E que Deus tenha piedade de vossas almas!

Seguiu-se uma pausa horrível. Cora segurou o braço de Mack e ele sentiu os dedos dela enterrando na sua carne, ambos sofrendo a mesma ansiedade pavorosa. Os outros prisioneiros tinham pouca esperança de serem perdoados. Ao ouvirem suas sentenças de morte, alguns gritaram inocência, outros choraram e houve os que rezaram ruidosamente.

— Peg Knapp tem sua pena comutada e é recomendada para o desterro — anunciou o juiz. — Cora Higgins tem a pena comutada e é recomendada para o desterro. Malachi McAsh tem a pena comutada e é recomendado para o desterro. O resto será enforcado.

Mack passou os braços em torno de Cora e Peg e os três se abraçaram. A vida deles fora salva.

Caspar Gordonson juntou-se ao abraço e depois pegou o braço de Mack e disse, solenemente:

— Tenho que lhe dar uma notícia pavorosa.

Mack sentiu medo de novo: será que as penas deles deixariam de ser

comutadas?

— Houve um desabamento em uma das minas dos Jamisson — continuou ele. O coração de Mack falhou; ele teve medo do que estava por ser dito. — Vinte pessoas morreram — disse Gordonson.

— Esther...?

— Sinto muito, Mack. Sua irmã estava entre os mortos.

— Morta?

Difícil de aceitar. Vida e morte haviam sido jogadas como cartas naquele dia. Esther, morta? Como era possível não ter uma gémea? Sempre tivera Esther, desde que nascera.

— Eu devia tê-la deixado vir comigo — disse ele, com os olhos cheios de lágrimas.

— Por que a deixei lá?

Peg o fitava com os olhos arregalados. Cora segurou-lhe a mão e disse:

— Uma vida salva, uma vida perdida.

Mack levou as mãos ao rosto e chorou.

O dia da partida chegou rapidamente.

Uma manhã, sem aviso, todos os prisioneiros que tinham sido condenados ao desterro receberam ordens para recolher suas coisas e foram conduzidos para o pátio.

Mack tinha poucas coisas. A não ser por suas roupas, só o seu Robinson Crusoe, a argola de ferro que trouxera de Heugh e a capa de pele que Lizzie lhe dera.

No pátio um ferreiro os prendeu aos pares com pesados grilhões. Mack sentiu-se humilhado com os ferros. Aquela sensação de frio no tornozelo o deprimiu.

Lutara pela liberdade, perdera a batalha e mais uma vez se via acorrentado como um animal. Queria que o navio afundasse para morrer afogado.

Homens e mulheres não podiam ser acorrentados juntos.

Mack ficou com um bêbado velho e imundo chamado Barney Maluco. Cora fez charme com o ferreiro e conseguiu ficar acorrentada com Peg.

— Não acredito que Caspar saiba que estamos partindo hoje — disse Mack, preocupado. — Talvez eles não tenham que notificar ninguém.

Ele examinou de alto a baixo a fila de condenados. Havia mais de cem, avaliou: cerca de um quarto de mulheres, com um punhado de crianças de mais ou menos nove anos para cima. Entre os homens podia ver Sidney Lennox.

A queda de Lennox causara muito regozijo. Ninguém confiava mais nele depois que prestara depoimento incriminando Peg.

Os ladrões que passavam adiante os objetos roubados na taverna The Sun procuraram outro lugar. E embora a greve dos carregadores de carvão tivesse acabado e a maioria dos homens voltado ao trabalho, ninguém queria trabalhar para Lennox por preço nenhum. Ele arrumara uma mulher chamada Gwen Sixpence a furtar para ele, mas ela e duas amigas o denunciaram como receptador e ele fora devidamente condenado. Os Jamisson intervieram e o salvaram da forca, não conseguindo, contudo, impedir que fosse desterrado.

As grandes portas de madeira da prisão foram escancaradas.

Um grupo de oito guardas esperava do lado de fora para escoltar os

prisioneiros. Um carcereiro deu um tranco violento na dupla da frente da fila e, lentamente, todos se deslocaram para a movimentada rua da cidade.

— Não estamos longe da rua Fleet — disse Mack. — É possível que Caspar possa vir a saber disto.

— Que diferença faz? — quis saber Cora.

— Ele pode subornar o capitão do navio para nos dar tratamento especial.

Mack aprendera um pouco sobre a travessia do Atlântico, interrogando prisioneiros, guardas e visitantes em Newgate. O único fato indubitável que descobrira era que a viagem matava muita gente. Quer os passageiros fossem escravos, prisioneiros ou criados contratados, as condições sob o convés eram mortalmente insalubres. Os donos dos navios eram motivados pelo lucro: enfiavam tantas pessoas quanto podiam nos seus porões. Mas os capitães também eram mercenários, e um prisioneiro com dinheiro para gorjetas podia viajar numa cabine.

Os londrinos largavam o que faziam para assistir à passagem dos condenados, em sua última e vergonhosa progressão pelo coração da cidade. Alguns gritavam condolências, outros zombavam e ridicularizavam e uns poucos jogaram pedras ou detritos.

Mack pediu a uma mulher de aparência amável que levasse uma mensagem a Caspar Gordonson, mas ela se recusou. Tentou de novo, mais duas vezes, com o mesmo resultado.

Os grilhões reduziam o ritmo deles e foi preciso mais de uma hora para chegarem ao cais. O rio estava cheio de navios, chatas, barcas e balsas, pois a greve terminara, esmagada pela tropa.

Era uma quente manhã de primavera. A luz do sol se refletia no Tâmis lamacento.

Um bote esperava para levá-los ao navio, ancorado no meio do rio. Mack leu o nome: Rosebud.

— É um navio dos Jamisson? — indagou Cora.

— Acho que a maioria dos navios de prisioneiros é.

Ao descer da margem lamacenta para o bote, Mack deu-se conta de que aquela era a última vez em que pisava em solo britânico por muitos anos, talvez para sempre. Teve sentimentos conflitantes: medo e apreensão, misturados com uma certa ansiedade imprudente ante a perspectiva de um novo país e uma nova vida.

Subir a bordo do navio foi difícil: tiveram que escalar a escada aos pares

com os grilhões nas pernas. Peg e Cora conseguiram com alguma facilidade, sendo jovens e ágeis, mas Mack teve que carregar Barney. Uma dupla de homens caiu no rio. Nem os guardas nem os marinheiros fizeram qualquer coisa para ajudar e eles teriam se afogado se os outros prisioneiros não tivessem se esforçado para puxá-los de volta para o bote.

O navio tinha cerca de doze metros de comprimento por quatro e meio de largura. Peg comentou:

— Já roubei salas de visita maiores do que isso aí, por Cristo.

No convés havia galinhas numa gaiola, uma pequena pocilga e uma cabra presa em uma corda. Do outro lado do navio um magnífico cavalo branco era içado de um bote com a ajuda da ponta da verga usada como guindaste. Um gato esquelético mostrou os dentes para Mack. Ele teve uma rápida visão de rolos de cordas e velas dobradas, percebeu o cheiro de verniz e o balanço sob os pés; logo foram empurrados para um alçapão e obrigados a descer uma escada.

Parecia haver três conveses inferiores. No primeiro, quatro marinheiros faziam sua refeição do meio-dia, sentados de pernas cruzadas no chão, cercados por sacos e caixas contendo, presumivelmente, gêneros para a viagem. No terceiro, ao pé da escada, dois homens empilhavam barris e prendiam cunhas entre eles, para que não se deslocassem durante a viagem. No nível do convés do meio, que obviamente destinava-se aos condenados, um marinheiro puxou rudemente Mack e Barney e os empurrou por uma porta.

Mack sentiu o odor de alcatrão e vinagre e procurou ver onde se encontrava, apesar da escuridão. O teto era uns dois ou três centímetros acima da sua cabeça: um homem alto teria que curvar-se. Entrava um pouco de luz e ar através de dois gradis, mas não de fora e sim do convés fechado acima, o qual por sua vez, era iluminado por vigias abertas. De ambos os lados do porão havia umas armações de madeira com um metro e oitenta de largura, uma no nível da cintura e a outra a poucos centímetros do chão.

Horrorizado, Mack percebeu que aquelas armações destinavam-se aos condenados.

Fariam a viagem deitados naquelas prateleiras toscas.

Eles se arrastaram pelo corredor estreito entre as fileiras. Os primeiros cinco beliches já tinham sido ocupados por presos que lá jaziam estirados, ainda acorrentados aos pares.

Silenciosos, sentiam-se aturdidos com o que lhes estava acontecendo.

Um marinheiro orientou Peg e Cora para deitarem ao lado de Mack e Barney, como facas em uma gaveta.

Elas tomaram posição, e o marinheiro empurrou-as brutalmente, de modo que ficassem se tocando. Peg conseguia sentar-se na vertical, mas os adultos não, pois o espaço não dava para a cabeça. O melhor que Mack pôde fazer foi apoiar-se num cotovelo.

Na extremidade da fileira Mack viu um grande recipiente de cerâmica, com pouco mais de cinquenta centímetros de altura, em forma de cone, com a base chata e larga. Havia três outros espalhados no porão. Eram as únicas peças de mobília visíveis e ele percebeu que deviam ser toaletes.

— Quanto tempo leva até a Virgínia? — perguntou Peg.

— Sete semanas — respondeu ele. — Com sorte.

Lizzie ficou observando sua arca ser carregada para a cabine grande na parte de trás do Rosebud. Ela e Jay tinham seus próprios alojamentos, um quarto de dormir e uma sala, e havia mais espaço do que esperara. Todo mundo falava dos horrores da viagem transatlântica, mas Lizzie decidira aproveitar ao máximo e tentar desfrutar a experiência nova.

Aproveitar ao máximo era sua nova filosofia de vida. Não era capaz de esquecer a traição de Jay — ainda cerrava os punhos e mordida o lábio toda vez que pensava na promessa vazia que ele lhe fizera no dia do casamento — mas sempre tentava empurrar esta lembrança para um canto da memória.

E poucas semanas atrás teria se entusiasmado com aquela viagem. Ir para a América era sua maior ambição: fora um dos motivos pelos quais se casara com Jay. Antecipara uma nova vida nas colônias, uma existência ao ar livre mais à vontade, sem anáguas ou cartões de visita, onde uma mulher pudesse ficar com as unhas sujas e falar o que pensasse como um homem. Mas o sonho perdera um pouco do brilho quando soubera o que Jay tinha feito.

Tentou fingir que Jay continuava tão querido quanto sempre, mas o seu corpo dizia uma verdade bem diferente. Quando a tocava de noite, ela não reagia como antes. Beijava-o e o acariciava, mas os dedos dele não mais a incendiavam, da mesma forma que a língua de Jay não mais parecia ser capaz de invadi-la até alcançar sua alma. Antigamente, só de vê-lo sentia-se molhada entre as pernas; agora, disfarçadamente, lubrificava-se com creme de limpeza antes de deitar, para que a penetração não a machucasse.

Ele sempre acabava grunhindo e arquejando de prazer ao derramar seu sémen, mas não havia êxtase semelhante para ela. Ao contrário,

experimentava uma sensação de profunda insatisfação. Mais tarde, quando o ouvia ressonando, consolava-se com os dedos e sua cabeça enchia-se de estranhas imagens de homens lutando e prostitutas com os seios expostos.

A vida de Lizzie, contudo, era dominada pelos pensamentos a respeito do bebê. A gravidez pareceu tornar menos importante seu desapontamento. Amaria o filho sem reservas.

O filho seria a razão de ser de sua vida. E, homem ou mulher, cresceria sendo um virginiano.

Quando tirava o chapéu, bateram à porta da cabine. Um homem magro e rijo, de casaco azul e chapéu de três bicos entrou e fez uma reverência.

— Silas Bone, imediato, a seu serviço, Sra. Jamisson, Sr. Jamisson — disse ele.

— Bom dia, Bone — respondeu Jay tenso, assumindo a dignidade de filho do dono.

— Os cumprimentos do capitão para ambos — disse Bone. Eles já haviam conhecido o capitão Parridge, um homem arredio e severo de Rochester, em Kent. — Estaremos a caminho com a mudança da maré — continuou Bone. Ele dirigiu a Lizzie um sorriso condescendente. — No entanto, continuaremos dentro do estuário do Tâmsa por mais um ou dois dias, de modo que a madame não precisa se preocupar ainda com o balanço provocado pelo mau tempo.

— Meus cavalos estão a bordo? — perguntou Jay.

— Sim, senhor.

— Vamos dar uma olhada na acomodação deles.

— Certamente. Talvez a Sra. Jay queira ficar para desfazer a mala.

Lizzie disse:

— Eu vou com vocês. Quero dar uma olhada por aí.

— A senhora vai achar melhor permanecer na cabine tanto quanto possível durante a viagem — disse Bone. — Os marinheiros são pessoas rudes e o tempo é ainda pior.

Lizzie empertigou-se.

— Não tenho intenção de passar as próximas sete semanas trancada neste cubículo — retorquiu. — Vá andando, Sr. Bone.

— Sim, senhora, Sra. Jay.

Eles saíram da cabine e caminharam pelo convés até uma vigia aberta. O imediato desceu uma escada, ágil como um macaco.

Jay o seguiu e Lizzie foi depois. Passaram assim para o segundo dos

conveses inferiores. A luz do sol filtrava-se para o seu interior pela vigia aberta e era um pouco aumentada por um lampião pendurado num gancho.

Os cavalos favoritos de Jay, os dois cinzentos, e o que ganhara de presente de aniversário, Nevasca, encontravam-se em baias estreitas. Todos os três tinham uma correia passada pela barriga e presa numa viga em cima, para que não caíssem se perdessem o equilíbrio quando o mar estivesse muito agitado.

Havia forragem em uma manjedoura do lado das cabeças dos cavalos e areia no piso para proteger seus cascos. Eram animais valiosos e seriam difíceis de substituir na América.

Todos os três mostravam sinais de nervosismo e Jay os acariciou por algum tempo, falando com eles apaziguadoramente.

Lizzie ficou impaciente e saiu andando até onde havia uma porta pesada aberta. Bone seguiu-a.

— No seu lugar eu não entraria aí. Pode ver coisas que a deixarão aflita, Sra. Jay.

Ela o ignorou e seguiu adiante. Não era melindrosa.

— Aí na frente é o porão dos condenados — disse ele. — Não é lugar para uma dama.

E assim ele disse as palavras mágicas que garantiam que Lizzie ia insistir. Virou-se e fulminou-o com um olhar.

— Sr. Bone, este navio pertence ao meu sogro e eu irei aonde bem entender, está claro?

— Sim senhora, Sra. Jay.

— E pode me chamar de Sra. Jamisson.

— Sim senhora, Sra. Jamisson.

Fazia questão de ver o porão dos condenados porque McAsh podia estar ali: aquele era o primeiro navio de prisioneiros a sair de Londres após o julgamento. Seguiu em frente uns dois passos, abaixou a cabeça sob uma viga, abriu uma porta e viu-se no porão principal. Além do calor havia o forte mau cheiro característico das aglomerações humanas. Lizzie firmou a vista na obscuridade. A princípio não conseguiu ver ninguém, embora ouvisse o murmúrio de muitas vozes. Encontrava-se em um grande espaço cheio do que pareciam armações para armazenamento de barris. Alguma coisa moveu-se na prateleira ao lado dela, que deu um pulo. Aí então viu, para seu horror, que o que tinha se movido era um pé humano preso a um grilhão de ferro. Havia alguém deitado na prateleira; não, eram duas pessoas, acorrentadas uma à

outra pelos tornozelos.

Quando seus olhos se adaptaram, viu outra dupla deitada ombro-a-ombro com a primeira, depois mais outra e constatou então que eram dúzias delas, acomodadas como arenques na bandeja de um peixeiro.

Pensou que certamente aquilo seria apenas uma acomodação temporária e que eles receberiam beliches adequados, para a viagem... ou não? Logo viu que esta era uma ideia tola.

Onde poderiam se encontrar tais beliches? Aquele era o porão principal, ocupando a maior parte do espaço sob o convés. Não havia outro lugar para onde aqueles infelizes pudessem ir.

Passariam pelo menos sete semanas deitados ali naquela escuridão abafada.

— Lizzie Jamisson! — exclamou uma voz.

Ela sobressaltou-se. Reconheceu o sotaque escocês: era Mack.

Meio que esperara que ele estivesse ali: a maior parte dos desterrados cruzavam o oceano em navios da família Jamisson. Mas não antecipara as condições horríveis em que ele se encontrava. Tentou enxergar na escuridão, dizendo:

— Mack, onde você está?

— Aqui.

Ela deu uns poucos passos no corredor estreito entre as armações de madeira. Um braço foi estendido em sua direção, uma imagem cinzenta fantasmagórica na semiobscuridade. Apertou com força a mão de Mack.

— Isto é horrível — disse. — O que posso fazer?

— Nada, por ora — respondeu ele.

Viu Cora deitada ao lado dele, e a criança, Peg, perto dela. Pelo menos os três estavam juntos. Algo na expressão de Cora fez Lizzie largar a mão de Mack.

— Talvez eu possa me assegurar de que vocês recebam água e comida suficientes.

— Seria muita bondade.

Lizzie não conseguiu imaginar nada mais para dizer. Ficou parada em silêncio por uns poucos momentos.

— Vou descer aqui todo dia, se puder — disse, finalmente.

— Muito obrigado.

Ela virou-se e saiu correndo.

Lizzie refez o caminho com um protesto indignado nos lábios, mas ao

ver a expressão de escárnio no rosto de Silas Bone, engoliu as palavras. Os condenados estavam a bordo, o navio ia zarpar e nada do que pudesse dizer mudaria as coisas agora. O protesto serviria apenas para provar que o imediato tinha razão quando avisara que mulheres não deviam descer aos conveses inferiores.

— Os cavalos encontram-se confortavelmente instalados — informou Jay, com ar de satisfação.

Lizzie não pôde resistir a uma resposta incisiva.

— Estão melhores do que os seres humanos!

— Ah, isto me faz lembrar — disse Jay. — Bone, há um condenado no porão chamado Sidney Lennox. Mande tirar-lhe os grilhões e o instale em uma cabine, por favor.

— Sim, senhor.

— Por que Lennox está conosco? — disse Lizzie, estupefata.

— Foi condenado por receptar produtos roubados. Mas a família usou seus serviços no passado e não podemos abandoná-lo. Ele pode morrer no porão.

— Oh, Jay! — exclamou Lizzie, desanimada. — Ele é um homem tão mau!

Ao contrário, é muito útil Lizzie deu-lhe as costas. Sentira-se feliz por ter deixado Lennox para trás, na Inglaterra. Que falta de sorte ele também ter sido desterrado. Será que Jay nunca seria capaz de escapar de sua influência maligna?

— A maré está mudando, Sr. Jamisson. O capitão com certeza estará impaciente para levantar âncora — disse Bone.

— Meus cumprimentos ao capitão e diga a ele para prosseguir.

Todos subiram a escada.

Poucos minutos depois Lizzie e Jay encontravam-se na proa e o navio começava a descer o rio aproveitando a maré. Ela sentiu no rosto a fresca brisa da tarde. Quando a cúpula de St. Paul passou atrás da silhueta dos trapiches, disse:

— Não sei se um dia veremos Londres de novo.

PARTE 3

VIRGÍNIA

Mack jazia no porão do Rosebud, tremendo de febre. Sentia-se como um animal: imundo, quase nu, acorrentado e indefeso. Mal podia levantar, mas sua cabeça estava bastante clara. Jurou que nunca mais deixaria que alguém lhe colocasse grilhões de ferro. Lutaria e tentaria fugir: seria melhor que o matassem do que sofrer de novo aquela degradação.

Um grito nervoso vindo do convés penetrou no porão.

— Sondagens a trinta e cinco braças, capitão, areia e juncos!

A tripulação saudou a notícia entusiasmada. Peg perguntou:

— O que é uma braça?

— Um metro e oitenta de água — respondeu Mack, exausto, mas aliviado. — Quer dizer que estamos nos aproximando da terra.

Muitas vezes ele achara que não conseguiria. Vinte e cinco prisioneiros tinham morrido no mar.

Eles não tinham passado fome: tudo indicava que Lizzie, embora não tivesse aparecido de novo lá embaixo, cumprira sua promessa e assegurara-se de que tivessem o suficiente para comer e beber. Mas a água de beber era insalubre e a dieta de carne salgada com pão doentiamente monótona, de modo que todos os condenados haviam ficado violentamente enfermos com o tipo de doença às vezes chamada de febre de hospital e às vezes de febre de cadeia. Barney Maluco fora o primeiro a morrer; os mais velhos iam mais depressa.

Doença não foi a única causa de morte. Cinco pessoas morreram numa tempestade pavorosa, quando os prisioneiros foram atirados de um lado para o outro no porão, machucando-se uns aos outros com as correntes de ferro.

Peg sempre fora magra mas agora parecia só ossos. Cora envelhecera. Mesmo na semiescuridão em que viviam, Mack podia ver que o cabelo dela estava caindo, o rosto chupado e o corpo, antes voluptuoso, ficara descarnado e desfigurado com chagas. Mack sentia-se contente simplesmente por estarem vivos.

Um pouco mais tarde ouviu outra sondagem: “Dezoito braças e areia branca” da vez seguinte foram treze braças e, por fim, o grito:

— Terra!

A despeito da fraqueza, Mack gostaria de se encontrar no convés. “É a

América”, pensou. “Cruzei o mundo para tão longe e ainda estou vivo; queria ver a América.” Naquela noite o Rosebud ancorou em águas calmas. O marinheiro que trazia a ração dos prisioneiros de carne de porco salgada e água insalubre era um dos membros da tripulação mais amistosos. Chamava-se Ezekiel Bell. Era um homem desfigurado — tinha perdido uma orelha, estava quase completamente careca e tinha um bócio do tamanho de um ovo de galinha no pescoço — e ironicamente o chamavam de Bell Bonitão. Foi ele quem lhes disse que se encontravam diante de cabo Henry, perto da cidade de Hampton, na Virgínia.

No dia seguinte o navio permaneceu ancorado. Mack perguntou-se, furioso, o que estaria prolongando a viagem deles. Alguém devia ter descido à terra para trazer suprimentos, porque de noite veio da cozinha um cheiro de carne assada fresca de dar água na boca.

Torturou os prisioneiros e provocou câibras no estômago de Mack.

— Mack, o que acontece quando chegarmos à Virgínia? — perguntou Peg.

— Seremos vendidos e teremos que trabalhar para quem nos comprar — respondeu ele.

— Vamos ser vendidos juntos?

Ele sabia que havia pouca chance de isso acontecer, mas não disse.

— É possível. Vamos esperar pelo melhor.

Fez-se silêncio enquanto Peg digerira as palavras de Mack. Quando falou de novo, sua voz estava amedrontada.

— Quem nos comprará?

— Fazendeiros, agricultores, donas-de-casa... quem quer que precise de trabalhadores e os queira baratos.

— Alguém podia querer a nós três.

— Quem iria querer um minerador de carvão e duas ladras?

— Ou talvez possamos ser comprados por pessoas que morem bem perto umas das outras — disse Mack.

— Que trabalho vamos fazer?

— Qualquer coisa que nos mandem, eu acho: trabalhos na fazenda, limpeza, construção...

— Seremos então exatamente como escravos.

— Mas apenas por sete anos.

— Sete anos — repetiu Peg tristemente. — Serei adulta!

— E eu terei quase trinta — disse Mack. Parecia meia-idade.

— Vão bater na gente?

Mack sabia que a resposta era sim, mas mentiu.

— Não se trabalharmos duro e ficarmos de boca calada.

, — Quem recebe o dinheiro que pagarem por nós?

— Sir George Jamisson. — A febre o esgotara, e ele acrescentou impacientemente: — Tenho certeza de que você já me fez metade dessas malditas perguntas antes.

Peg deu-lhe as costas, magoada. Cora disse:

— Ela está preocupada, Mack; é por isto que fica fazendo as mesmas perguntas.

“Também estou preocupado”, pensou Mack, infeliz.

— Não quero chegar na Virgínia — disse Peg. — Quero que a viagem continue para sempre.

Cora deu um riso amargo.

—Você gosta de viver deste modo?

, — É como ter pai e mãe — disse Peg.

Cora passou o braço em torno da menina e apertou carinhosamente.

Levantaram âncora na manhã seguinte e Mack pôde sentir o navio deslizando à frente, levado por forte vento favorável. De noite soube que se encontravam quase na foz do rio Rapahannock.

Depois, ventos contrários os conservaram ancorados durante dois dias desperdiçados antes que pudessem subir o rio.

A febre de Mack cedeu e ele ficou forte o bastante para subir ao convés para um dos intermitentes períodos de exercício, quando teve sua primeira visão da América.

Densos bosques e campos cultivados alinhavam-se em ambas as margens do rio. A intervalos surgia um cais, uma extensão limpa da margem, e um gramado que subia até uma grande casa. Aqui e ali em torno dos cais, ele viu os imensos barris conhecidos, não se sabia por que, como cabeças-de-porco, e que eram usados para transportar tabaco. Mack tinha visto esses barris serem descarregados no porto de Londres e agora ocorreu-lhe que era notável o fato de eles sobreviverem à perigosa e violenta viagem transatlântica e chegarem à Inglaterra.

A maioria das pessoas nos campos era negra, ele notou. Os cavalos e os cachorros pareciam iguais aos que conhecia, mas as aves que se empoleiravam na amurada do navio não eram familiares. Havia muitas outras embarcações no rio, uns poucos navios mercantes como o Rosebud e muitos

barcos menores.

Esta breve visão foi tudo o que viu nos quatro dias seguintes, mas conservou o quadro na cabeça como um valioso souvenir enquanto estava no porão: o sol, as pessoas caminhando ao ar livre, os bosques, gramados e as casas. Desejou com tanta força desembarcar e caminhar ao ar livre, que chegou a doer.

Quando por fim ancoraram, ele soube que estavam em Fredericksburg, seu porto de destino. A viagem tinha durado oito semanas.

Naquela noite os condenados receberam comida cozida: um caldo de carne de porco com milho e batatas, uma tora de pão fresco e um litro de cerveja. A comida rica e a cerveja forte a que não estava acostumado fizeram com que Mack ficasse tonto e enjoado a noite toda.

Na manhã seguinte foram levados ao convés em grupos de dez, e aí viram Fredericksburg. estavam ancorados em um rio lamacento com ilhas no leito.

Havia uma estreita praia de areia, um trecho arborizado, depois uma curta e íngreme subida até a cidade propriamente dita, que era construída em torno de um penhasco. Parecia que umas duzentas pessoas viviam ali; não era muito maior que Heugh, a aldeia onde Mack nascera, mas parecia um lugar alegre e próspero, com casas de madeira pintadas de branco e verde. Na margem oposta, um pouco mais acima, ficava outra cidade, que Mack descobriu chamar-se Falmouth.

O rio estava cheio de embarcações, umas menores, de cabotagem, dois navios tão grandes quanto o Rosebud, umas barcas e uma balsa para a travessia entre as duas cidades.

Deram sabão aos prisioneiros para se lavarem e um barbeiro subiu a bordo para barbear os homens e cortar seus cabelos.

Aqueles cujas roupas tinham ficado tão rasgadas a ponto de serem indecentes receberam outras, embora sua gratidão houvesse diminuído quando descobriram que haviam sido tiradas dos mortos.

Mack ficou com o casaco de Barney Maluco, infestado de parasitas: colocou-o em cima de uma grade e bateu com um pedaço de pau até que os piolhos pararam de cair.

O capitão fez uma lista dos prisioneiros sobreviventes e perguntou o que cada um fazia antes. Alguns tinham sido biscateiros ou, como Cora e Peg, jamais haviam ganho a vida honestamente; esses eram encorajados a exagerar ou inventar alguma coisa.

Peg foi registrada como aprendiz de costureira e Cora como atendente de bar. Mack percebeu que era um esforço tardio para torná-las atraentes aos compradores.

Foram devolvidos ao porão e de tarde dois homens foram trazidos para inspecioná-los.

Os dois constituíam um par de estranha aparência: um usava a túnica vermelha de um soldado britânico sobre calções de tecido feito em casa e o outro um colete amarelo que um dia fora elegante com calças de pele de gamo toscamente costuradas. A despeito das roupas estranhas, pareciam bem-nutridos, e tinham o nariz vermelho de homens que podiam beber tudo o que quisessem. Bell Bonitão cochichou para Mack que eram “condutores de almas”, e explicou o que isto queria dizer: compravam grupos de escravos, presos e criados contratados e os conduziam pelo interior, a fim de vendê-los a fazendeiros e colonos que viviam nas montanhas. Mack não gostou da cara deles. Foram embora sem fazer nenhuma compra. O dia seguinte seria Dia de Corrida, disse Bell: vinha gente de toda a parte para as corridas de cavalos. A maior parte dos condenados estaria vendida no fim do dia. Aí então os condutores de almas ofereceriam um preço aviltado pelos que sobrassem. Mack esperava que Cora e Peg não terminassem nas mãos deles.

Naquela noite houve outra boa refeição. Mack comeu devagar e dormiu a sono solto.

Ao acordar todos estavam com aparência um pouco melhor; os olhos brilhavam mais e pareciam capazes de sorrir. Durante toda a viagem tinham feito apenas uma refeição por dia, mas naquela manhã tiveram um desjejum de mingau e melado e uma ração de rum com água.

Consequentemente, a despeito do futuro incerto que os aguardava, foi um grupo animado que galgou a escada para sair do porão e arrastou seus grilhões no convés. Havia mais atividade na região junto ao cais, com diversos botes atracando, numerosas carroças passando pela rua principal, assim como grupinhos de pessoas bem-vestidas passeando sem pressa, obviamente aproveitando o dia de folga.

Um homem gordo de chapéu de palha subiu a bordo acompanhado por um negro alto de cabelos grisalhos. Os dois examinaram os condenados, escolhendo uns e rejeitando outros.

Logo Mack percebeu que selecionavam os homens mais jovens e fortes e, inevitavelmente, ele estava entre os quatorze ou quinze escolhidos.

Nenhuma mulher ou criança foi escolhida. Quando a seleção terminou, o

capitão disse:

— Certo, vocês aí, acompanhem esses homens.

— Onde estamos indo? — indagou Mack.

Eles ignoraram.

Peg começou a chorar. Mack abraçou-a. Sabia que aquilo ia acontecer, mas mesmo assim partiu seu coração. Todo adulto em que Peg confiara havia sido tirado dela. A mãe morrera de doença, o pai enforcado e agora Mack era vendido separadamente da menina.

Abraçou-a com força e ela agarrou-se nele.

— Me leva com você! — gritou Peg.

Mack afastou-se.

— Tente ficar com Cora, se puder — disse.

Cora beijou-o nos lábios com desesperada paixão. Era difícil acreditar que ele podia nunca mais vê-la; nunca mais deitar na cama ao seu lado nem fazê-la gemer de paixão.

Lágrimas quentes escorreram pelo rosto dela e entraram na boca de Mack enquanto se beijavam.

— Tente nos encontrar, Mack, pelo amor de Deus — suplicou.

— Vou me esforçar ao máximo...

— Prometa! — insistiu ela.

— Eu prometo, vou encontrar vocês.

O barrigudo disse:

— Vamos andando, rapaz apaixonado. — E puxou Mack para longe dela.

Mack olhou por cima do ombro quando desceu a prancha de desembarque. Cora e Peg ficaram olhando, abraçadas e chorando. Mack se lembrou da despedida de Esther. "Não vou falhar com Cora e Peg do jeito como falhei com Esther", prometeu. E depois as perdeu de vista.

Foi estranho pisar em terra firme de novo, depois de oito semanas tendo o movimento incessante do mar debaixo dele.

Enquanto seguia mancando pela rua principal que não era pavimentada, virava para todos os lados, contemplando a América. O centro da pequena cidade tinha uma igreja, uma casa de comércio, um pelourinho e uma forca. Casas de tijolos e madeira levantavam-se, largamente espaçadas, em ambos os lados da rua. Carneiros e galinhas andavam pela rua lamacenta. Algumas construções pareciam antigas, mas muitas tinham ar de novas.

A cidade estava apinhada de gente, cavalos, carroças e carruagens, a

maioria das quais devia ter vindo do interior.

As mulheres exibiam fitas e bonés novos e os homens botas polidas e luvas limpas. As roupas de muitas daquelas pessoas tinham a aparência de haver sido feitas em casa, mesmo que o tecido fosse caro. Ouviu muita gente falando de corridas e chances nas apostas.

Os virginianos pareciam gostar de jogo.

Os habitantes da cidade olhavam para os presos com uma certa curiosidade, do modo como teriam observado um cavalo a meio-galope pela rua, algo que já tinham visto antes mas que continuava a interessá-los.

A cidade terminava depois de uns seiscentos metros. Atravessaram o rio a vau e continuaram ao longo de uma trilha acidentada através de uma região coberta por um bosque.

Mack colocou-se ao lado do negro de meia-idade.

— Meu nome é Malachi McAsh — disse. — Todos me chamam de Mack.

O homem continuou olhando em frente, mas falou de um modo bastante amistoso.

— Meu nome é Kobe — disse, pronunciando o nome de modo a rimar com Toby. — Kobe Tambala.

— O gordo de chapéu de palha, ele agora é o nosso dono?

— Não. Bill Sowerby só é o capataz. Mandaram eu e ele ir a bordo do Rosebud escolher os melhores trabalhadores para o campo.

— Quem nos comprou?

— Vocês não foram exatamente comprados.

— O que, então?

— O Sr. Jay Jamisson decidiu ficar com vocês para ele mesmo, para trabalhar na propriedade dele, Mockjack Hall.

— Jamisson!

— Isso mesmo.

Mais uma vez Mack era propriedade da família Jamisson. A ideia o deixou furioso.

“Malditos, eu fugirei de novo!” prometeu. “Serei meu próprio dono.” Kobe perguntou:

— Que trabalho você fazia antes?

— Eu era mineiro de carvão.

— Carvão? Já ouvi falar. Uma pedra que queima como lenha, mas é mais quente?

— Exatamente. O problema é que você tem que ir ao fundo da terra para encontrar o carvão. E você?

— Minha família era de fazendeiros na África. Meu pai tinha uma grande extensão de terra, mais do que o Sr. Jamisson.

Mack ficou surpreso; nunca pensara que os escravos podiam vir de famílias ricas.

— Que tipo de fazenda?

— Mista. Trigo, um pouco de gado, mas não tabaco. Temos uma raiz chamada inhame que cresce lá. Mas nunca vi aqui.

— Você fala inglês bem.

— Já estou aqui há quase quarenta anos. — Uma expressão de amargura toldou seu rosto. — Eu só era um menino quando fui roubado.

Peg e Cora vieram à mente de Mack.

— Havia duas pessoas no navio comigo, uma mulher e uma garota — disse. — Vou ser capaz de descobrir quem foi que as comprou?

Kobe deu uma risada sem alegria.

— Todo mundo está sempre tentando encontrar alguém que foi vendido à parte. As pessoas perguntam isso o tempo todo. Quando escravos se encontram, na rua ou no campo, é só sobre o que falam.

— O nome da menina é Peg — insistiu Mack. — Só tem treze anos. Não tem mãe ou pai.

— Quando se é comprado, ninguém tem mãe ou pai.

Mack concluiu que Kobe desistira. Crescera acostumado com a escravidão e aprendera a viver com ela. Amargurava-se, mas abandonara toda esperança de liberdade. “Juro que nunca serei assim”, pensou.

Caminharam cerca de quinze quilômetros. Devagar, porque os condenados estavam agrilhoados. Alguns ainda permaneciam presos a seus pares. Aqueles cujos parceiros haviam morrido na viagem tinham os tornozelos acorrentados, de modo que podiam andar, mas não correr. Nenhum poderia andar depressa e teriam caído se tentassem, tão fracos estavam depois de oito semanas deitados. O capataz, Sowerby seguia a cavalo, mas não parecia apressado e de vez em quando tomava um trago de uma bebida qualquer que trazia em um frasco.

A paisagem do campo era mais parecida com a da Inglaterra do que com a da Escócia, e não tão estranha quanto Mack previra. A estrada seguia um rio de leito pedregoso, que seguia um curso sinuoso através de uma floresta luxuriante. Mack gostaria de poder deitar à sombra daquelas árvores enormes

por algum tempo.

Gostaria também de saber dentro de quanto tempo veria a surpreendente Lizzie.

Amargurava-o saber que mais uma vez era propriedade de um Jamisson, mas a presença dela representaria um certo consolo. Ao contrário do sogro, Lizzie não era cruel, embora pudesse ser imprudente. Seu jeito de ser nada ortodoxo e sua personalidade vivaz deliciavam Mack. E tinha um senso de justiça que salvara sua vida uma vez e podia ser que salvasse novamente.

Chegaram na fazenda ao meio-dia. Uma trilha que passava por entre um pomar onde o gado pastava os levou a um cercado lamacento com mais ou menos doze cabanas. Duas negras idosas cozinhavam em fogos ao ar livre e quatro ou cinco crianças nuas brincavam na terra. As cabanas eram construídas toscamente com tábuas rústicas e as janelas tinham tabuinhas, como persianas, mas não tinham vidros.

Sowerby trocou umas poucas palavras com Kobe e desapareceu.

Kobe disse aos condenados:

— Estas são suas acomodações.

Alguém perguntou:

— Temos que ficar com os pretos?

Mack riu. Depois de oito semanas no inferno do porão do navio, era um milagre que pudessem se queixar de alguma coisa.

— Pretos e brancos vivem em cabanas separadas — disse Kobe. — Não há lei que mande assim, mas parece que sempre funciona assim. Cada cabana é para seis pessoas. Antes de descansar, temos mais uma tarefa. Sigam-me.

Seguiram por uma trilha que cortava campos de trigo verde, altos pés de milho crescendo em pequenas colinas e a fragrante planta do fumo. Homens e mulheres eram vistos trabalhando em todos os campos, capinando entre as fileiras e tirando insetos das folhas de tabaco.

A trilha terminou num amplo gramado, onde eles subiram na direção de um dilapidado barraco de sarrafos com a tinta pardacenta descascada e as janelas fechadas com tabuinhas: Mockjack Hall presumivelmente. Contornando a casa, atingiram um grupo de dependências anexas nos fundos. Uma delas era um barraco onde funcionava um ferreiro. Trabalhando ali havia um negro a quem Kobe dirigiu-se como Cass. Ele começou a abrir os grilhões das pernas dos condenados.

Mack observou-os sendo libertados das correntes, um por um. Teve uma sensação de liberdade, embora soubesse que fosse falsa. Aquelas correntes

havam sido postas nele na prisão de Newgate, do outro lado do mundo. Ressentira-se contra elas a cada minuto das oito semanas degradantes em que as usara.

Do ponto alto onde a casa fora edificada podia ver o brilho do rio Rapahannock, a uns quinhentos metros de distância, serpenteando por entre o bosque. “Quando minhas correntes forem abertas, eu podia simplesmente sair correndo e descer até o rio”, pensou ele, “e lá me atirava dentro d’água, nadava e tentava alcançar a liberdade.” Era melhor conter-se. Ainda se encontrava tão fraco que provavelmente não seria capaz de correr quinhentos metros. Além do mais, prometera procurar Peg e Cora e teria que encontrá-las antes de fugir, pois podia ser que não fosse capaz depois. E tinha que planejar tudo cuidadosamente. Não conhecia nada da geografia daquela terra. Ia precisar saber onde ia e como chegaria lá.

Assim mesmo, quando finalmente sentiu os grilhões caírem de suas pernas, teve que fazer um esforço para não sair correndo. Enquanto ainda lutava para reprimir o impulso, Kobe começou a falar.

— Agora que perderam as correntes, alguns de vocês já estão imaginando quão longe poderão ir ao cair do sol. Antes que fujam, há algo importante que precisam saber, de modo que escutem e prestem atenção.

Ele fez uma pausa dramática e continuou:

— As pessoas que fogem geralmente são apanhadas e punidas. Primeiro são açoitadas, mas esta é a parte fácil. Depois têm de usar a argola de ferro, que alguns acham vergonhoso.

Mas o pior é que o tempo da sentença aumenta. Se ficarem fora uma semana, vão ter que ficar mais duas semanas extras. Temos pessoas aqui que fugiram tantas vezes que só serão libertadas quando tiverem cem anos de idade. — Ele olhou em torno e encarou Mack. — Se estiverem querendo correr um risco tão grande — concluiu — tudo o que posso fazer é lhes desejar boa sorte.

De manhã, as velhas prepararam um prato de milho cozido chamado canjica para o café. Os condenados e os escravos comeram com os dedos em tigelas de madeira.

Havia cerca de quarenta peles ao todo. Sem contar a nova leva de condenados, a maioria era de escravos negros. Havia quatro servos contratados, gente que vendera quatro anos de trabalho em adiantamento a fim de pagar a viagem de navio.

Mantinhavam-se separados dos demais e, evidentemente, consideravam-se

superiores.

Os empregados assalariados comuns eram apenas três, dois negros livres e uma mulher branca, todos com mais de cinquenta anos. Alguns negros falavam bem inglês, mas muitos usavam seus idiomas africanos e se comunicavam com os brancos numa língua infantilmente simplificada. A princípio Mack inclinou-se a tratá-los como crianças, mas depois deu-se conta de que eram superiores a ele por falarem um idioma e meio, pois ele conhecia apenas um.

Caminharam uns dois ou três quilômetros por entre extensos campos onde o fumo estava pronto para ser colhido. Os pés de fumo eram plantados em fileiras perfeitamente regulares separadas mais ou menos meio metro uma da outra e com uns quinhentos metros de comprimento. Tinham por volta da altura de Mack, cada pé com doze ou mais folhas largas e bem verdes.

Os peões recebiam ordens de Bill Sowerby e Kobe. Foram divididos em três grupos. O primeiro recebeu facas amoladas com as quais deveriam cortar as plantas maduras. O segundo foi para um campo que havia sido cortado na véspera. As plantas tinham ficado no chão, as grandes folhas murchas após um dia secando ao sol. Mostraram aos recém-chegados como dividir as hastes das plantas cortadas e espetá-las em compridos espigões de madeira.

Mack integrou o terceiro grupo, com a tarefa de carregar os espigões até o galpão onde seriam pendurados no teto alto para que as folhas de fumo fossem curadas pelo ar. Foi um dia longo e quente de verão. Os homens do Rosebud não foram capazes de trabalhar duro como os outros. Mack viu-se constantemente ultrapassado por mulheres e crianças. A doença, a desnutrição e a inatividade o haviam enfraquecido. Bill Sowerby carregava um chicote, mas Mack não o viu usá-lo.

Ao meio-dia comeram pão de milho; enquanto comiam, Mack ficou assombrado, mas não completamente surpreso ao ver a figura familiar de Sidney Lennox, envergando roupa nova, conduzido por Sowerby numa volta para conhecer a fazenda. Sem dúvida Jay achava que Lennox lhe fora útil no passado e podia ser de novo.

Ao pôr-do-sol exaustos, eles deixaram os campos; mas em vez de retornarem às cabanas marcharam até o galpão onde o fumo era curado, agora iluminado por dezenas de velas. Após uma rápida refeição, continuaram trabalhando, arrancando as folhas das plantas curadas, removendo a grossa nervura central e comprimindo as folhas em feixes. Quando foi ficando tarde, algumas das crianças e dos mais velhos adormeceram durante o trabalho e

um elaborado sistema de alarme entrou em ação, no qual os mais fortes protegiam os fracos e os acordavam quando Sowerby se aproximava.

Devia passar da meia-noite, calculou Mack, quando por fim as velas foram apagadas e os trabalhadores autorizados a regressar às suas cabanas e deitar nas tarimbas de madeira.

Mack caiu no sono imediatamente. Parecia terem se passado apenas alguns segundos quando foi sacudido para acordar e voltar ao trabalho. Cansado, levantou-se e saiu, cambaleando.

Encostado na parede da cabana, tomou seu prato de canjica. Nem bem tinha engolido a última porção, eles tiveram que sair andando de novo.

Foi quando entraram no campo, à primeira luz da manhã, que ele viu Lizzie. Não a via desde o dia em que embarcaram. Ela montava um cavalo branco e atravessava o campo a passo. Usava um vestido largo de algodão e um chapéu grande. O sol estava para nascer e a luz era clara e ainda fraca. Lizzie parecia bem: descansada, confortável: a senhora do solar cavalgando em sua propriedade. Mack notou que ganhara um pouco de peso, enquanto ele emagrecia de fome. Mas não podia sentir ressentimento dela, pois era uma pessoa que lutava pelo que era direito e que por isto salvara-lhe a vida mais de uma vez.

Lembrou de quando a abraçara, na sala de costura de Dermot Riley, em Spitalfields.

Tivera aquele corpo macio junto do seu, inalara a fragrância de sabonete e suor feminino; por um louco momento pensara que Lizzie, e não Cora, era a mulher da sua vida. Mas logo a sanidade retornara.

Olhando de novo seu corpo arredondado, percebeu que ela não tinha engordado e, isto sim, que ficara grávida. “Teria um filho e a criança cresceria para ser um Jamisson, cruel ganancioso e sem coração”, pensou Mack. “Teria sua própria plantação e compraria seres humanos a quem trataria como gado, e seria rico.” O olhar de Lizzie fixou o seu. Mack sentiu-se culpado por pensar coisas tão más sobre o filho dela que ainda não nascera.

Lizzie olhou-o, sem saber ao certo quem ele era; depois pareceu reconhecê-lo com um sobressalto. Talvez tivesse ficado chocada com a mudança na sua aparência causada pela viagem. Mack sustentou o olhar dela por longo tempo, na esperança de que viesse ter com ele; mas Lizzie acabou por virar-se sem falar nada; fez o cavalo sair a trote e, um momento depois, desapareceu no bosque.

Uma semana depois de chegar a Mockjack Hall, Jay Jamisson, sentado, observava duas escravas desembalarem uma arca de cristais. Belle era de meia-idade e gorda, com seios enormes e traseiro imenso; mas Mildred tinha cerca de dezoito anos, com uma pele perfeita cor de tabaco e olhos preguiçosos. Quando se esticava para alcançar as prateleiras do armário, ele podia ver-lhe os seios movendo-se sob a camisa de tecido feito em casa. O olhar dele deixou as mulheres sem graça e elas desembrulharam os cristais delicados com as mãos trémulas. Se quebrassem alguma coisa, teriam que ser punidas. Jay perguntou-se se deveria bater nelas.

A ideia deixou-o agitado e ele se levantou e saiu.

Mockjack Hall era uma casa grande de testada larga com um pórtico de colunas dando para um gramado que descia até as margens do lamacento rio Rapahannock. Qualquer casa daquele tamanho na Inglaterra teria sido construída de pedra ou tijolo, mas aqui era de madeira.

Fora pintada de branco com as persianas de madeira há muitos anos, mas agora a tinta estava descascando e as cores tinham desbotado e se igualado num pardo uniforme. Nos fundos e dos lados havia numerosas edificações contendo a cozinha, lavanderia e estábulos.

A casa principal tinha grandes salões de recepção — sala de estar, de jantar e inclusive salão de baile — além de quartos espaçosos no andar de cima, mas todo o interior precisava ser redecorado.

Havia muita mobília importada que já estivera na moda, cortinas de seda desbotada e tapetes gastos. O ar de grandeza perdida do lugar era desagradável e disseminado como cheiro de esgoto.

Mesmo assim, Jay sentia-se bem ao contemplar sua propriedade de cima do pórtico.

Eram quinhentos hectares de campos cultivados, elevações com as encostas cobertas de bosques, regatos de águas claras e lagos extensos, com quarenta peões e três casas para servos; e tanto a terra quanto as pessoas lhe pertenciam.

Não à sua família, ou a seu pai, mas a ele. Finalmente era um cavalheiro por sua própria conta.

E aquilo era só o começo. Planejava também fazer figura na sociedade

da Virgínia.

Não sabia exatamente como o governo colonial funcionava, mas entendia que havia líderes locais chamados conselheiros paroquiais e a assembleia em Williamsburg era composta de representantes dos burgos, o equivalente dos membros do parlamento. Tendo em vista sua posição, Jay achava que podia passar por cima dos trâmites locais e candidatar-se à eleição à Casa de Burgueses, a assembleia legislativa das colônias anglo-americanas assim que surgisse a primeira oportunidade. Queria que todos soubessem que Jay Jamisson era um homem importante.

Lizzie cruzou o gramado, montando Nevasca, que sobrevivera à viagem incólume.

“Ela o estava montando bem”, pensou Jay, “quase tão bem quanto um homem”, e aí ele percebeu, para sua irritação, que Lizzie montava com uma perna de cada lado. Era tão vulgar para uma mulher andar para cima e para baixo assim, com as pernas abertas. Quando ela parou o cavalo, ele disse:

— Você não devia montar assim.

Ela pôs a mão na barriga arredondada.

— Andei muito devagar, só ao passo e ao trote.

— Eu não pensava no bebê. Espero que ninguém a tenha visto assim.

Lizzie ficou frustrada, mas sua resposta foi desafiadora, como sempre:

— Não tenciono montar de lado aqui.

— Aqui? — repetiu ele. — Que importa o local onde nos encontramos?

— Mas não tem ninguém aqui para me ver.

— Eu posso ver você. Os criados também. E podemos ter visitas. Você não andaria nua “aqui”, andaria?

— Montarei de lado quando formos à igreja e quando tivermos companhia, mas não sozinha.

Não adiantava discutir com ela naquele estado de espírito.

— De qualquer modo, dentro em breve você vai ter que deixar completamente de montar, por causa do bebê — disse ele, emburrado.

— Mas ainda não — disse ela, alegremente.

Estava de cinco meses: planejava parar de montar no sexto mês de gravidez. Mudou de assunto.

— Dei uma olhada por aí. A terra encontra-se em melhores condições do que a casa.

Sowerby é um bêbado, mas tem conservado o lugar em boas condições. Provavelmente deveríamos ser gratos a ele, considerando que seus salários

não são pagos há quase um ano.

— Ele pode ter que esperar um pouco mais, o dinheiro está curto.

— O seu pai disse que eram cinquenta trabalhadores, mas na verdade são apenas vinte e cinco. É uma boa coisa termos os quinze condenados que vieram no Rosebud. — Ela franziu a testa. — McAsh está entre eles?

— Está.

— Pensei tê-lo visto no campo.

— Eu disse a Sowerby para escolher os mais jovens e mais fortes.

Jay não percebera que McAsh viera no navio. Se tivesse pensado nisso, podia ter adivinhado e dito a Sowerby para deixar o encenqueiro para trás. Mas relutava em mandá-lo embora: não queria parecer sentir-se intimidado por um mero condenado.

— Presumo que não tenhamos pago pelos novos homens — comentou Lizzie.

— Certamente que não. Por que deveria eu pagar por algo que pertence à minha família?

— Seu pai pode descobrir.

— Com toda a certeza. O capitão Parridge exigiu um recibo por quinze condenados, e, naturalmente, eu dei. Ele entregará esse recibo ao pai.

— E aí?

Jay deu de ombros.

— O pai provavelmente mandará uma conta, que eu pagarei, quando puder.

Ele se sentia bastante satisfeito com aquela pequena tacada comercial. Tinha quatorze homens fortes para trabalhar por sete anos, sem ter pago nada por eles.

— Qual será a reação do seu pai?

Jay sorriu.

— Vai ficar furioso, mas o que pode fazer de tão longe?

— Suponho que tudo esteja certo — disse Lizzie, desconfiada.

Ele não gostou que Lizzie questionasse uma decisão sua.

— É melhor que essas coisas fiquem por conta dos homens.

Aquilo a aborreceu, como sempre. Ela atacou:

— Não gostei de ter visto Lennox aqui. Não consigo compreender a sua fixação a esse homem.

Jay tinha sentimentos conflitantes a respeito de Lennox.

— Ele podia ser tão útil aqui quanto fora em Londres — mas era uma

presença desagradável.

No entanto, uma vez que fora resgatado do porão do navio, presumira que ia morar na plantação dos Jamisson, e Jay não tivera coragem para discutir o assunto.

— Pensei que seria útil ter um homem branco às minhas ordens — disse.

— Mas o que é que ele vai fazer?

— Sowerby precisa de um assistente.

— Lennox nada sabe sobre fumo, a não ser fumar.

— Pode aprender. Além do mais, é basicamente uma questão de fazer os negros trabalharem.

— Nisso ele será bom — disse Lizzie, causticamente.

Jay não queria discutir Lennox.

— Eu posso entrar na vida pública aqui — disse. — Gostaria de ser eleito para a Casa de Burgueses. Não tenho ideia de quão depressa isto poderá ser arranjado.

— É melhor você conhecer nossos vizinhos e conversar com eles.

Ele fez que sim.

— Em mais ou menos um mês, quando a casa estiver pronta, daremos uma grande festa e convidaremos todas as pessoas de importância que morem em torno de Fredericksburg.

Isso me dará uma chance de avaliar as melhores famílias da terra.

— Uma festa — disse Lizzie, em dúvida. — Podemos fazer face às despesas?

Mais uma vez ela questionava seu julgamento.

— Deixe as finanças por minha conta — retrucou asperamente Jay. — Estou seguro de que podemos comprar a crédito. Nossa família vem comerciando nesta região pelo menos há dez anos e meu nome deve valer um bocado.

Ela persistiu com as perguntas.

— Não seria melhor concentrar-se na plantação, pelo menos por um ou dois anos?

Então você poderia ter certeza de dispor de uma base sólida para sua carreira pública.

— Não seja burra. Não vim aqui para ser fazendeiro.

O salão de baile era pequeno, mas tinha um bom piso e uma sacada pequena para os músicos. Vinte ou trinta pares estavam dançando, com suas

roupas brilhantes de cetim, os homens de peruca e as mulheres com chapéus rendados. Dois violinistas, um percussionista e um tocador de trompa executavam um minueto. Dezenas de velas iluminavam a tinta fresca e os enfeites de flores. Nos outros aposentos da casa os convidados jogavam cartas, fumavam, bebiam e flertavam.

Jay e Lizzie passaram do salão de baile para o de jantar, sorrindo e acenando com a cabeça para os convidados. Jay vestia o novo traje verde-maçã de seda que comprara em Londres pouco antes de viajarem; Lizzie estava de púrpura, sua cor favorita.

Jay pensara que as roupas deles podiam ofuscar a dos convidados, mas para sua surpresa descobriu que os virginianos eram tão elegantes quanto os londrinos.

Ele bebera um bocado de vinho e sentia-se bem. Tinham servido o jantar mais cedo, mas agora havia um lanche em cima da mesa: vinho, gelatinas, tortas de queijo, creme batido com vinho e frutas. A festa custara uma pequena fortuna, mas era um sucesso: Todas as pessoas importantes haviam comparecido.

A única nota amarga fora dada pelo capataz, Sowerby, que escolhera aquele dia para cobrar o que lhe era devido. Quando Jay disse que só seria possível pagar quando a primeira safra de fumo fosse vendida, Sowerby perguntara, insolentemente, como é então que Jay tivera dinheiro para dar uma festa para cinquenta convidados. A verdade é que Jay não tinha o dinheiro da festa — tudo fora comprado a crédito — mas era orgulhoso demais para dizer isso ao capataz. Assim, teve que mandar que se calasse. Sowerby parecera desapontado e preocupado e Jay perguntara-se se o homem não teria algum problema específico de dinheiro.

No entanto, nada perguntou.

Na sala de refeições os vizinhos mais próximos dos Jamisson comiam bolo de pé junto à lareira. Eram três casais: o coronel e Sra Thomson, Bill e Susy Delahaye e os irmãos Armstead, dois solteirões. Os Thomson eram muito importantes; o coronel era membro da Assembleia Geral grave e presunçoso. Distinguiu-se no exército britânico e na milícia da Virgínia e depois aposentara-se para cultivar fumo e ajudar a governar a colônia.

Jay sentiu que podia tomá-lo como modelo. Conversavam sobre política, e Thomson explicou:

— O governador da Virgínia faleceu em março e estamos aguardando seu substituto.

Jay assumiu o ar de bem-informado sobre os assuntos da corte de Londres:

— O rei nomeou Norborne Berkeley, o barão de Botetourt.

John Armstead, que estava bêbado, deu uma risada rouca.

— Que nome!

Jay dirigiu-lhe um olhar glacial.

— Acredito que o barão tinha esperança de deixar Londres logo depois de mim.

— O presidente do Conselho está agindo como seu substituto neste ínterim — disse Thumson.

Jay queria mostrar que sabia muito acerca dos assuntos locais, e disse:

— Presumo que seja por isto que os burgueses foram imprudentes ao ponto de apoiar a Carta de Massachusetts.

A carta em questão era um protesto contra os impostos alfandegários. Fora enviada pela legislatura de Massachusetts para o rei George. Depois a legislatura da Virgínia passara uma resolução aprovando-a. Jay e a maioria dos conservadores de Londres, os tories, consideravam tanto uma quanto a outra desleais.

Thumson pareceu discordar, e disse, formalmente:

— Creio que os burgueses não tenham sido insensatos.

— Pois certamente foi isto que Sua Majestade achou — replicou Jay.

Não explicou como sabia o que o rei pensava, mas deixou espaço para que pensassem que o rei lhe dissera pessoalmente.

— Bem, sinto muito em saber disso — disse Thumson, dando a impressão de que não sentia coisa alguma.

Jay sentiu que podia estar pisando em terreno perigoso, mas queria impressionar aquela gente com sua sagacidade, e prosseguiu.

— Tenho quase certeza de que o novo governador exigirá que a resolução seja anulada. — Ele soubera disto antes de sair de Londres.

Bill Delahaye, mais jovem que Thumson, disse, colérico:

— Os burgueses se recusarão. — Sua bela esposa, Suzy, pôs uma mão sobre seu braço, mas ele estava exaltado e acrescentou: — O dever deles é dizer a verdade ao rei, e não soltar frases vazias para agradar aos seus sicofantas do partido Tory.

— Nem todos os tories são sicofantas — disse Thumson, diplomaticamente.

— Se os burgueses se recusarem a retirar a resolução, o governador terá

que dissolver a assembleia — disse Jay.

— É curioso — disse Roderick Armstead, mais sóbrio que o irmão — como isso atualmente faz pouca diferença.

Jay ficou aturdido.

— Como assim?

— Os parlamentos coloniais são constantemente dissolvidos por uma razão ou outra.

Seus integrantes simplesmente se reúnem informalmente em uma taverna ou na casa de alguém e continuam a fazer o que têm de fazer.

— Mas nestas circunstâncias eles não têm status legal! — protestou Jay.

Foi o coronel Thumson quem respondeu.

— Ainda assim, eles têm o consentimento do povo a que governam, e isto parece o suficiente.

Jay ouvira este tipo de coisa antes, de homens que liam filosofia demais. A ideia de que os governos devem sua autoridade ao consentimento do povo era uma tolice perigosa.

— O que se podia deduzir daí era que os reis não tinham o direito de governar.

Era o tipo de coisa que John Wilkes dizia na Inglaterra. Jay começou a ficar furioso com Thumson.

— Em Londres um homem podia ir para a cadeia por falar assim, coronel — disse.

— Realmente — disse Thumson, enigmático.

Lizzie interveio.

— Experimentou o creme batido com vinho, Sra. Thumson?

A esposa do coronel respondeu com entusiasmo exagerado.

— Sim, sim, está ótimo, delicioso!

— Fico tão satisfeita. É o tipo da coisa que desanda com facilidade.

Jay sabia que Lizzie não dava a mínima para o tal creme; o que queria era desviar a conversa da política. Mas ele não terminara.

— Devo dizer que algumas de suas atitudes me surpreendem, coronel — disse.

— Ah, vejo ali o Dr. Martin. Preciso ter uma palavrinha com ele — disse Thumson, e deslocou-se, com a esposa, para outro grupo.

Bill Delahaye disse:

— Você acaba de chegar, Jamisson. Talvez descubra que viver aqui por algum tempo dá às pessoas uma perspectiva diferente.

Seu tom de voz não foi rude, mas o que ele disse foi que Jay ainda não sabia o bastante para ter um ponto de vista próprio.

Jay ofendeu-se.

— Acredito, senhor, que minha lealdade para com o meu soberano se conservará intocada independentemente do lugar que escolha para morar.

Uma sombra toldou o rosto de Delahaye.

— Sem dúvida — disse, em seguida também afastou-se, levando a mulher consigo.

Roderick Armstead disse:

— Tenho que provar esse creme de vinho. — E virou-se para a mesa, deixando Jay e Lizzie com seu irmão bêbado.

— Política e religião — disse John Armstead. — Nunca fale sobre política e religião numa festa.

E com isto ele inclinou-se para trás, fechou os olhos e caiu duro.

Jay desceu para o café ao meio-dia. Tinha dor de cabeça.

Ele não tinha visto Lizzie; eles tinham quartos separados, um luxo que não fora possível em Londres. Mas a encontrou comendo presunto grelhado enquanto os escravos da casa limpavam os restos e marcas do baile.

Havia uma carta para ele. Sentou-se e abriu-a, mas antes que pudesse ler, Lizzie fulminou-o com um olhar e perguntou:

— Por que cargas d'água você provocou aquela briga ontem?

— Que briga?

— Com Thumson e Delahaye, claro.

— Não foi uma briga, foi uma discussão.

— Você ofendeu os nossos vizinhos mais próximos.

— Então eles se ofendem com muita facilidade.

— Você praticamente chamou o coronel Thumson de traidor!

— Parece-me que ele provavelmente é um traidor.

— Ele é um proprietário de terras, membro da Casa de Burgueses e oficial aposentado.

Como em nome dos céus pode ser traidor?

— Você o ouviu falar.

— Obviamente isso é normal aqui.

— Bem, não vai ser normal nunca na minha casa.

Sarah, a cozinheira, entrou, interrompendo a discussão. Jay mandou preparar chá com torradas.

Lizzie ficou com a última palavra, como sempre:

— Depois de gastar todo aquele dinheiro para conhecer nossos vizinhos, você conseguiu fazer com que não gostassem de você. — Ela voltou a comer.

Jay examinou a carta. Era de um advogado de Williamsburg:

“Rua Duque de Gloucester Williamsburg 29 de agosto de 1768. Cumpro o dever de escrever-lhe, caro Sr. Jamisson, por determinação do seu pai, Sir George. Dou-lhe as boas-vindas à Virginia e espero em breve vir a ter o prazer de vê-lo aqui na capital colonial.” Jay ficou surpreso. Aquele gesto de consideração era tão pouco característico do seu pai. Será que ia começar a ser bondoso agora que Jay estava a um mundo de distância?

“Até lá, por favor, diga-me se puder ajudá-lo. Sei que está assumindo uma plantação em dificuldades e pode ser que prefira buscar ajuda financeira. Permita-me oferecer meus serviços caso precise de uma hipoteca. Tenho certeza de que pode ser encontrado sem dificuldade quem empreste o dinheiro. Sinceramente, seu humilde e fiel criado Matthew Murchman.” Jay sorriu. Aquilo era exatamente o que precisava. O reparo e a redecação da casa, assim como a festa pródiga, já o tinham posto em dívidas até o pescoço com os comerciantes locais. Além disso, Sowerby vivia pedindo suprimentos: sementes, ferramentas novas, roupas para os escravos, corda, tinta; a lista era interminável.

— Bem, você não precisa mais se preocupar com dinheiro — disse para Lizzie quando largou a carta em cima da mesa.

Ela o fitou com ceticismo.

— Vou a Williamsburg — disse ele.

Enquanto Jay estava em Williamsburg, Lizzie recebeu uma carta da mãe. A primeira coisa que estranhou foi o endereço do remetente:

“O Presbitério Igreja de St. John Aberdeen 15 de agosto de 1768”

O que a mãe estava fazendo em um presbitério em Aberdeen? Continuou a leitura:

“Tenho tanto que lhe contar, minha querida filha! Mas preciso cuidar para escrever contando passo a passo, como aconteceu. Logo depois que retornei a High Glen, o seu cunhado Robert Jamisson assumiu a administração da propriedade. Sir George está pagando os juros das minhas hipotecas, de modo que não estou em posição de discutir. Robert me pediu para deixar a casa grande e morar na velha cabana de caça, como medida de economia. Confesso que não fiquei nada satisfeita com isso, mas ele insistiu e eu tenho que lhe dizer que ele não foi amável ou afetuoso como deveria ser um membro da família.”

Uma onda de ódio impotente engolfou Lizzie. Como Robert podia se atrever a expulsar a mãe de Lizzie da casa dela?

Relembrou as palavras dele depois que o recusara e aceitara Jay. “Mesmo que não possa ter você, ainda assim terei High Glen.” Parecia-lhe impossível naquele tempo, mas agora concretizara-se.

Cerrando os dentes, continuou a leitura.

“Ai então o reverendo Sr. York anunciou que ia nos deixar. Ele foi pastor em Heugh quinze anos e é o meu amigo mais antigo. Entendi que após a trágica e prematura morte da esposa ele sentiu necessidade de ir morar em outro lugar. Mas você pode muito bem imaginar como me senti desesperada com seu afastamento, justo quando eu mais precisava de amigos.

Foi quando aconteceu a coisa mais espantosa. Minha querida, fico vermelha de vergonha de lhe contar que ele me pediu em casamento! E

eu aceitei!”

— Ótimo! timo! — exclamou Lizzie, em voz alta.

“Assim, estamos casados e nos mudamos para Aberdeen, de onde estou escrevendo.

Muitos dirão que não me casei com alguém à altura, sendo viúva de Lorde Hallim; mas eu sei quão inútil é um título, e John não se importa nem um pouco com o que as pessoas da sociedade pensam. Vivemos discretamente, sou conhecida como Sra. York e sou mais feliz agora do que nunca em minha vida.”

Havia mais: acerca de três enteados, os criados do presbitério, o primeiro sermão do Sr. York e as senhoras da congregação, mas Lizzie ficou chocada demais para assimilar tudo isso.

Nunca pensara em sua mãe se casando de novo. Não havia motivo pelo qual não devesse, claro: a mãe só tinha quarenta anos.

Podia inclusive ter mais filhos: não era impossível. O que chocou Lizzie foi a sensação de ter sido lançada ao sabor da corrente. High Glen sempre fora sua casa. Embora tivesse passado a viver na Virgínia com o marido e o bebê, pensava em High Glen como um lugar ao qual sempre poderia retornar, se realmente precisasse de um refúgio. Agora contudo, High Glen estava em mãos de Robert.

Lizzie sempre fora o centro da vida de sua mãe. Nunca lhe ocorrera que isto mudaria.

Mas agora a mãe era a esposa de um ministro da igreja morando em Aberdeen, com três enteados para amar e cuidar, e podia inclusive estar esperando um filho seu mesmo.

Tudo isto significava que Lizzie não tinha uma casa que não fosse aquela plantação e não tinha família, exceto Jay.

Muito bem, estava determinada a construir uma boa vida para si ali na Virgínia. Tinha privilégios que muitas mulheres invejariam: uma casa grande, uma propriedade de quinhentos hectares, um belo marido e escravos às suas ordens. As escravas da casa haviam gostado muito dela. Sarah era a cozinheira, a gorda Belle fazia quase toda a limpeza e Mildred era sua criada pessoal e às vezes também servia a mesa. Belle tinha um filho de doze anos de idade, Jimmy, que era o cavaleiro; o pai dele fora vendido anos atrás.

Lizzie ainda não conhecia muitos dos que trabalhavam nos campos, à exceção de Mack, mas gostava de Kobe, o supervisor, e do ferreiro, Cass, cuja oficina ficava nos fundos da casa.

A casa era espaçosa e grande, mas dava a impressão de vazia e abandonada. Era grande demais. Seria adequada a uma família com seis filhos, tias, avós e uma tropa de escravos para acender as lareiras e servir vastos jantares comunitários. Para Lizzie e Jay era um mausoléu. Mas a fazenda era linda: densas florestas, amplos campos ondulados e centenas de pequenos cursos d'água.

Sabia que Jay não era bem o homem que pensara que fosse.

Não tinha o espírito livre e ousado que parecera ter quando a levava ao fundo da mina de carvão. E o fato de lhe ter mentido sobre a exploração da jazida de High Glen a abalara; depois daquilo nunca mais pudera sentir-se da mesma forma a. seu respeito. Não mais brincavam na cama pelas manhãs. Passavam a maior parte do dia separados. Jantavam e ceavam juntos, mas nunca se sentavam diante do fogo de mãos dadas e falando de nada em particular, como antigamente. Mas talvez Jay pudesse sentir-se desapontado também. Podia ter sentimentos similares a seu respeito: achar que não era tão perfeita quanto lhe parecera no princípio. Só que de nada adiantavam lamentações. Tinham que se amar um ao outro tal como eram agora.

Mesmo assim, Lizzie sentia com frequência forte desejo de fugir. Mas sempre que isto acontecia, lembrava da criança que crescia dentro dela. Não podia mais pensar apenas em si própria.

O bebê precisava do pai.

Jay não falava muito sobre o bebê. Parecia desinteressado. Mas ele mudaria quando a criança nascesse, especialmente se fosse um menino.

Guardou a carta na gaveta.

Depois de dar as ordens do dia às escravas da casa, ela vestiu o casaco e saiu. Fazia frio. Já era meados de outubro: estavam na América há dois meses. Atravessou o gramado e desceu até o rio. Foi caminhando a pé: já passara do sexto mês e podia sentir o bebê dar pontapés, às vezes dolorosamente. Tinha medo de prejudicar à criança se montasse.

Mesmo assim caminhava pela propriedade quase todo dia. Levava diversas horas andando. Geralmente ia acompanhada por Roy e Rex, dois cães de caça que Jay comprara.

Observava atentamente o trabalho na fazenda, pois Jay não tinha o menor interesse em nada.

Assistia ao processamento do fumo e contava os fardos; via os homens cortando árvores e fabricando barris; olhava as vacas e cavalos na campina e as galinhas e os gansos no quintal.

Era domingo, o dia de descanso dos peões, e isto lhe proporcionava uma oportunidade especial para bisbilhotar, enquanto Sowerby e Lennox estavam longe. Roy seguiu-a, mas Rex deixou-se ficar preguiçosamente na varanda.

A safra de fumo fora colhida. Ainda havia um bocado de trabalho para processá-la: curar, destalar, separar e comprimir as folhas para que pudessem ser embaladas em barris para a viagem até Londres ou Glasgow. Havia trigo de inverno semeado no campo que chamavam de “Quadra do Rio” e cevada, centeio e trevo no “Carvalho Baixo”. Mas tinham chegado ao fim do período de mais intensa atividade, quando trabalhavam nos campos do raiar do sol ao anoitecer e depois continuavam trabalhando nos galpões de fumo até meia-noite.

“Os peões deviam ter alguma recompensa”, pensou ela, “por todo o esforço que tinham feito”. Até mesmo escravos e condenados precisavam de encorajamento. Ocorreu-lhe que podia oferecer-lhes uma festa.

Quanto mais pensava nisso, mais gostava da ideia. Jay podia ser contra, mas ficaria fora de casa por duas semanas Williamsburg ficava a três dias de distância, de modo que a festa já teria sido dada e encerrada quando ele voltasse.

Caminhou ao longo da barranca do rio Rapahannock, brincando mentalmente com a ideia da festa. O rio era raso e pedregoso ali, a montante de Fredericksburg, que marcava a linha de queda, o limite da navegação. Ela contornou uns arbustos meio submersos e parou de repente. Havia um homem dentro da água até a cintura, banhando-se, as costas largas viradas para ela. Era McAsh.

Roy rosnou, e depois reconheceu Mack.

Lizzie já o vira nu em um rio uma vez, quase um ano atrás.

Lembrava de ter enxugado a pele dele com sua anágua. Naquele tempo parecera-lhe natural, mas rememorando agora, via que a cena tivera uma estranha qualidade, como um sonho: o luar, a água rumorejando, o homem forte parecendo tão vulnerável e o modo como o abraçara e aquecera com o seu corpo.

Deteve-se agora, observando-o, quando ele saiu de dentro d'água. Estava completamente nu, como naquela outra noite.

Lizzie lembrou de outro momento no passado. Uma tarde em High Glen

ela surpreendera um jovem cervo bebendo em um riacho. A imagem voltou a ela como um quadro. Acabara de sair de sob as árvores e viu-se a poucos metros de um cervo com dois ou três anos de idade. O animal levantou a cabeça e a encarou.

A margem do riacho era íngreme, de modo que o animal foi forçado a mover-se na direção dela. Quando ele saiu de dentro da corrente, a água cintilava nos seus flancos musculosos. Lizzie empunhava o rifle, carregado e pronto para atirar, mas não conseguiu: estar tão perto parecia torná-la íntima do animal.

Ao ver a água escorrer da pele de Mack, ela pensou que, a despeito de tudo pelo que havia passado, ele ainda tinha a graça vigorosa de um jovem animal. Quando vestiu os calções, Roy correu para ele. Mack levantou a cabeça e, quando viu Lizzie, ficou imóvel e assustado. Até que disse:

— Você podia virar de costas.

— Você podia virar! — retrucou ela.

— Eu estava aqui primeiro.

— Eu sou a dona do lugar! — exclamou Lizzie.

Era assombroso como ele era capaz de irritá-la rapidamente. Claro que se sentia tão bom quanto ela em todos os sentidos. Lizzie era uma fina dama e ele um peão de fazenda condenado, mas para Mack isto não era razão para demonstrar respeito: era um ato de uma providência arbitrária que não dava a ela qualquer crédito e não provocava nele a menor vergonha. A audácia dele a aborrecia, mas pelo menos era sincera. McAsh jamais fora dissimulado. Jay, pelo contrário, com frequência a confundia. Não sabia o que pensava, e quando perguntava, ele caía na defensiva, como se estivesse sendo acusado de alguma coisa.

Mack pareceu achar graça no incidente, ao amarrar o cordão que prendia seus calções.

— Você é minha dona também — disse ele.

Lizzie examinava seu peito. Ele começava a recuperar os músculos.

— E já vi você nu antes.

De repente a tensão desapareceu e os dois caíram na risada, exatamente como acontecera na frente da igreja, quando Esther disse a Mack para fechar a matraca.

— Vou dar uma festa para os trabalhadores do campo — disse ela.

Ele vestiu a camisa.

— Que tipo de festa?

Lizzie descobriu-se desejando que ele tivesse ficado sem camisa um pouco mais de tempo: gostava de olhar para o corpo dele.

— Que tipo você gostaria?

Ele ficou pensativo.

— Você podia mandar acender uma fogueira no quintal. O que essa gente ia gostar seria de uma boa comida, com bastante carne. Eles nunca têm o suficiente para comer.

— Que comida eles gostariam?

— Hum... — Ele lambeu os lábios. — O cheiro do presunto frio que vem da cozinha é tão bom que chega a doer. Todo mundo adora batata doce. E pão de trigo... os peões só comem aquele pão grosseiro de milho.

Lizzie ficou satisfeita por ter se lembrado de falar com Mack a esse respeito: estava sendo muito útil.

— O que eles gostam de beber?

— Rum. Mas alguns dos homens ficam agressivos quando bebem. Se eu fosse você, servia sidra de maçã ou cerveja.

— Boa ideia.

— Que tal um pouco de música? Os negros gostam de dançar e cantar.

Lizzie estava se divertindo. Era divertido planejar uma festa com Mack.

— Tudo bem, mas quem ia tocar?

— Tem um negro livre chamado Peter Jones que toca nos ordinários em Fredericksburg. Você pode contratar ele. Toca banjo.

Lizzie sabia que “ordinário” era o termo local para taverna, mas nunca tinha ouvido falar de banjo.

— Que é isto? — perguntou.

— Acho que é um instrumento africano. Não é tão melodioso como o violino, mas é mais ritmado.

— Como sabe a respeito desse homem? Você já foi a Fredericksburg?

Uma sombra toldou o rosto dele.

— Fui uma vez, num domingo.

— Para quê?

— Procurar Cora.

— Você a achou?

— Não.

— Sinto muito.

Mack deu de ombros.

— Todo mundo perdeu alguém. — Ele virou o rosto, parecendo triste.

Lizzie teve vontade de abraçá-lo e reconfortá-lo, mas conteve-se. Grávida do jeito que estava, não podia abraçar nenhuma outra pessoa que não fosse seu marido. Deu um tom de animação novamente à voz.

— Você acha que Peter Jones pode ser persuadido a vir tocar aqui?

— Com toda certeza. Eu o vi tocar nos alojamentos dos escravos da fazenda Thumson.

Lizzie ficou intrigada.

— O que você estava fazendo lá?

— Visitando.

— Nunca pensei que escravos fizessem visitas.

— Temos que fazer alguma coisa de nossas vidas além de trabalhar.

— O que é que vocês fazem?

— Os rapazes gostam das brigas de galo, andam quinze quilômetros para ver uma. As moças amam os rapazes. Os mais velhos só querem saber de ver os filhos uns dos outros e falar sobre irmãos e irmãs que perderam. E cantam. Os africanos têm umas canções tristes que cantam em harmonia. Não se pode entender as palavras, mas as melodias deixam a gente de cabelo em pé.

— Os mineiros de carvão costumavam cantar.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Costumávamos mesmo.

Lizzie viu que o entristecera.

— Você acha que vai voltar um dia a High Glen?

— Não. Você acha?

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Não — respondeu. — Acho que nem eu nem você jamais voltaremos para lá.

O bebê chutou-a, e ela exclamou:

— Ai!

— Que foi? — perguntou Mack.

Ela pôs uma das mãos sobre a barriga.

— O bebê está chutando. Não quer que eu fique com saudade de High Glen. Ele vai ser um virginiano. Ai! Ele chutou de novo.

— Dói mesmo?

— Dói sim, sente só.

Ela pegou a mão dele e colocou-a sobre sua barriga. Os dedos eram duros e calosos, mas o toque foi gentil. O bebê ficou quieto. Mack perguntou:

— Para quando é?

— Daqui a dez semanas.

— Como vai se chamar?

— Meu marido decidiu que vai ser Jonathan caso seja menino e Alicia, se for menina.

O bebê chutou de novo.

— Foi forte! — disse Mack, rindo. — Não admira que você sinta dor. — Ele tirou a mão.

Lizzie gostaria que Mack tivesse deixado a mão ali por mais tempo. Para esconder o que sentia, mudou de assunto.

— É melhor eu falar com Bill Sowerby sobre a festa.

— Você não soube?

— O quê?

— Ah. Bill Sowerby foi embora.

— Foi embora? Como assim?

— Ele desapareceu.

— Quando?

— Duas noites atrás.

Lizzie deu-se conta de que não via Sowerby há dois dias. Não ficara alarmada porque não o via obrigatoriamente todo dia.

— Ele falou quando voltava?

— Não sei se ele falou com alguém, diretamente. Mas eu diria que não vai voltar.

— Por que?

— Deve dinheiro a Sidney Lennox, um bocado de dinheiro, e não pode pagar.

Lizzie sentiu-se indignada.

— E eu suponho que Lennox tem atuado como capataz desde então.

— Só houve um dia de trabalho... mas sim, tem atuado.

— Não quero aquele bruto assumindo o controle da fazenda! — disse ela, exaltada.

— Amém — concordou Mack, com sentimento. — Nenhum dos peões quer isso também.

Lizzie franziu a testa desconfiada. Sowerby tinha um bocado de dinheiro e salários por receber. Jay dissera a ele que seria pago quando a primeira safra de fumo fosse vendida. Por que não esperara, simplesmente? Um dia seria capaz de pagar suas dívidas. Deve ter se assustado. Tinha certeza de que

Lennox o ameaçara.

Quanto mais pensava naquilo, mais furiosa ficava.

— Creio que Lennox forçou a saída de Sowerby.

Mack fez que sim.

— Não sei direito o que aconteceu, mas esse também é o meu palpite. Fui enfrentar Lennox, e olhe só o que me aconteceu.

Não havia auto piedade em sua voz, só um amargurado senso prático, mas o coração de Lizzie comoveu-se. Ela tocou no seu braço e disse:

— Você deve se orgulhar. É corajoso e honrado.

— E Lennox é corrupto e selvagem, e o que acontece? Ele será o capataz aqui, depois roubará bastante de vocês, de um jeito ou de outro, e abrirá uma taverna em Fredericksburg.

Em breve estará vivendo como em Londres.

— Não se depender de mim — disse Lizzie, determinada. — Vou falar com ele agora mesmo. — Lennox tinha uma casinha de dois cômodos mais abaixo, ao lado dos galpões de fumo, perto de casa de Sowerby. — Espero que ele esteja em casa.

— Ele não está lá agora. A esta hora de um domingo ele com certeza está na Ferry House, um ordinário a uns cinco ou seis quilômetros rio acima, contando daqui. E fica por lá até tarde da noite.

Lizzie não podia esperar pelo dia seguinte: não tinha paciência quando tinha uma coisa daquelas na cabeça.

— Irei até a Ferry House. Não posso montar, irei na carruagem.

Mack fechou a cara.

— Não seria melhor ter essa conversa com ele aqui, onde você é a dona da casa?

Lennox é um sujeito grosseiro.

Lizzie sentiu uma pontada de medo. Mack tinha razão. Lennox era perigoso. Mas não podia tolerar o adiamento do confronto. Mack poderia protegê-la.

— Você irá comigo? — perguntou. — Eu me sentirei segura se você estiver lá.

— Naturalmente.

— Você pode conduzir a carruagem.

— Vai ter que me ensinar.

— Não há nada que ensinar.

Os dois subiram da margem do rio até a casa e lá encontraram Jimmy, o

cavaliço, dando de beber aos cavalos. Mack e ele puseram para fora a carruagem leve, de duas rodas, e arrearam o pônei que a puxaria, enquanto Lizzie entrava para colocar um chapéu.

Saíram da propriedade e tomaram a estrada que margeava o rio, seguindo-o até o local da travessia por balsa. A Ferry House era uma construção de madeira não muito maior que as casas de dois cômodos em que moravam Sowerby e Lennox. Lizzie deixou Mack ajudá-la a descer da carruagem e abrir a porta da taverna para ela.

Era escuro e fumacento lá dentro. Dez ou doze pessoas, sentadas em bancos e cadeiras de madeira, bebiam de canecos de metal e cerâmica. Uns jogavam cartas e dados, outros fumavam cachimbo. O estalido das bolas de bilhar vinha da outra sala.

Não havia mulheres ou pretos.

Mack entrou também, mas ficou para trás, junto da porta, o rosto na sombra.

Um homem surgiu através do portal que dava para o outro aposento, esfregando as mãos numa toalha e disse:

— O que posso lhe trazer, senhor, oh! Uma dama!

— Nada, muito obrigada — respondeu Lizzie, com bastante clareza, e o salão ficou em silêncio.

Ela examinou os rostos virados na sua direção. Viu Lennox no canto, debruçado sobre um copo e um par de dados. A mesinha na frente dele tinha diversas pilhas de pequenas moedas. Seu rosto mostrava ressentimento por ter sido interrompido.

Lennox recolheu cuidadosamente as moedas, demorando-se bastante, antes de se levantar e tirar o chapéu.

— O que está fazendo aqui, Sra. Jamisson?

— Não vim jogar dados, obviamente — disse ela, ríspida. — Onde está o Sr.

Sowerby?

Lizzie ouviu um ou dois murmúrios de aprovação, como se houvesse ali mais gente querendo saber o que acontecera a Sowerby; e viu um homem de cabelos grisalhos virar-se na cadeira e fitá-la.

— Ele fugiu, ao que parece — respondeu Lennox.

— Por que não me disse?

Lennox deu de ombros.

— Porque não há nada que possa fazer.

— Quero saber de tudo o que se passa, assim mesmo. Não faça isto de novo. Está claro?

Lennox não respondeu.

— Por que Sowerby fugiu?

— Como é que eu posso saber?

O homem de cabelo grisalho disse, com a voz estridente:

— Ele devia dinheiro.

Lizzie virou-se para ele.

— A quem?

O homem sacudiu o polegar.

— A Lennox, ele devia dinheiro a Lennox.

Ela se virou de novo para Lennox.

— É verdade?

— É.

— Por quê?

— Não sei o que quer dizer.

— Por que motivo ele pediu dinheiro a você?

— Ele não pediu, exatamente. Ele perdeu.

— No jogo.

— Isso.

— E você o ameaçou?

O homem de cabelos grisalhos deu uma risada sarcástica.

— Será que ameaçou? Eu sou capaz de jurar.

— Eu pedi a ele o meu dinheiro — disse Lennox friamente.

— E por causa disso ele foi embora.

— Já falei que não sei por que ele se foi.

— Creio que ficou com medo de você.

Um sorriso desagradável cruzou o rosto de Lennox.

— Muita gente tem medo de mim — disse ele, e a ameaça em sua voz era evidente.

Lizzie sentiu-se tão assustada quanto furiosa.

— Vamos deixar uma coisa bem clara — disse ela. Havia um tremor em sua voz e ela engoliu para controlá-la. — Sou a dona da fazenda e você fará o que eu disser. Assumirei agora o controle de tudo até meu marido retornar. Aí então ele decidirá como substituir o Sr.

Sowerby.

Lennox sacudiu a cabeça.

— Oh, não — disse ele. — Sou eu o substituto de Sowerby. O Sr. Jamisson me disse muito em particular que devo passar a capataz caso o Sr. Sowerby caia doente ou aconteça qualquer coisa. Além do mais, Sra. Jamisson, o que sabe sobre cultivo de fumo?

— No mínimo, tanto quanto um taverneiro de Londres.

— Bem, não é assim que o Sr. Jamisson vê as coisas, e eu recebo ordens dele.

Lizzie teve vontade de dar um grito de tanta frustração. Não podia deixar aquele homem dar ordens na sua fazenda!

— Estou avisando você, Lennox, é melhor me obedecer!

— E se eu não quiser? — Ele deu um passo na direção dela, sorrindo, e Lizzie sentiu seu cheiro de azedo característico.

Ela foi forçada a recuar. Os outros fregueses da taverna ficaram imóveis, sentados em seus lugares.

— O que vai fazer, Sra. Jamisson? — perguntou ele, sempre avançando na direção dela. — Vai me derrubar? — ao dizer isto ele levantou a mão sobre a cabeça, num gesto que poderia servir de ilustração para o que dissera, mas que também podia ser facilmente tomado por uma ameaça.

Lizzie deu um grito de medo e pulou para trás. Suas pernas bateram de encontro ao assento de uma cadeira e ela sentou com o choque.

Mack surgiu de repente, pondo-se entre Lennox e ela.

— Você levantou a mão contra uma mulher, Lennox — disse. — Vamos ver agora se levanta contra um homem.

— Você! — exclamou Lennox. — Eu não sabia que era você, escondido ali num canto, como um negro.

— E agora que sabe, o que é que vai fazer?

— Você é um maldito idiota, McAsh! Sempre toma o lado do perdedor.

— Você acaba de insultar a mulher do homem que é o seu proprietário; não chamo isso de inteligente.

— Não vim aqui para discutir, vim para jogar dados.

Lennox virou-se e voltou para sua mesa.

Lizzie sentiu-se tão furiosa e frustrada como quando chegara. Levantou-se.

— Vamos — disse para Mack.

Ela abriu a porta e saiu.

Tinha que saber mais a respeito do cultivo do fumo, decidiu ela quando se acalmou.

Lennox ia tentar assumir o controle, e a única maneira de derrotá-lo seria persuadindo Jay que seria capaz de fazer um trabalho melhor. Já sabia um bocado a respeito de administrar a fazenda, mas não entendia realmente nada da planta em si.

No dia seguinte pegou o pônei e a carruagem de novo e foi até a casa do coronel Thumson, com Jimmy levando-a.

Nas semanas que se seguiram à festa, os vizinhos tinham se mostrado frios para com Lizzie e Jay, particularmente com este.

Tinham sido convidados para duas grandes ocasiões sociais, um baile e uma recepção de casamento, mas ninguém os chamara para uma pequena reunião ou um jantar íntimo. No entanto, pareceram ter sabido da viagem de Jay para Williamsburg, pois desde então a Sra.

Thumson visitara Lizzie e Suzy Delahaye a convidara para um chá. O fato de terem preferido vê-la sozinha a deixou constrangida, mas Jay ofendera a todos com suas opiniões.

Ao atravessar a plantação dos Thumson, ela ficou impressionada com sua aparência próspera. Havia filas de barris para transporte de fumo no cais; os escravos pareciam ativos e em boa forma física; os balcões eram pintados e os campos muito bem tratados. Viu o coronel num campo, falando com um pequeno grupo de peões, apontando qualquer coisa. Jay nunca ia ao campo dar instruções.

A Sra. Thumson era uma mulher gorda e bondosa com mais de cinquenta anos. Os filhos, ambos homens, já eram crescidos e moravam em outro lugar. Ela serviu chá e perguntou a respeito da gravidez. Lizzie confessou que sentia de vez em quando dor nas costas e uma azia constante, e sentiu-se aliviada ao saber que a Sra Thumson sofrera exatamente o mesmo. Notara também um ligeiro sangramento uma ou duas vezes, e a Sra.

Thumson franziu a testa, preocupada e disse que isso não lhe acontecera, mas que não era incomum, e que devia descansar mais.

Mas ela não fora ali para falar da gravidez e ficou satisfeita quando o coronel entrou para o chá. Ele tinha seus cinquenta e tantos anos, era alto e de cabelos brancos, além de vigoroso para a idade. Apertou-lhe a mão rigidamente, mas ela o amaciou com um sorriso e um cumprimento.

— Por que a sua plantação é muito mais impressionante do que a de qualquer outro?

— Bem, é muita gentileza sua dizer isso — respondeu ele. — Mas eu diria que o fator principal é a minha presença. Veja bem, Bill Delahaye está

sempre fora por causa de corridas de cavalo e brigas de galo. John Armstead prefere beber a trabalhar, e o irmão dele passa todas as tardes jogando bilhar e dados na Ferry House. Ele nada comentou sobre Mockjack Hall.

— E por que os seus escravos parecem tão cheios de energia?

— Ora, isso depende de como você os alimenta. — Evidentemente ele sentia prazer em compartilhar seus conhecimentos com aquela jovem tão atraente. — Eles podem viver na base de canjica e pão de milho todo dia, mas vão trabalhar melhor se você lhes der peixe salgado todos os dias e carne uma vez por semana. É dispendioso, mas não tão ruim quanto comprar escravos novos de vez em quando.

— Por que tantas plantações foram à falência ultimamente?

— Você tem que compreender a planta do fumo. Ela exaure o solo. Após quatro ou cinco anos a qualidade deteriora. Você tem que mudar para o cultivo do trigo ou do milho índio e arranjar nova terra para o seu fumo.

— Mas assim tem que estar constantemente desmontando os campos.

— É verdade. Todo inverno eu desmato um trecho da região coberta por floresta e abro novos campos de cultivo.

— Mas o senhor tem sorte por ter tanta terra.

— Há muitas florestas na sua propriedade. E quando terminar, será preciso comprar ou alugar mais. O único modo de cultivar fumo é fazer sempre o rodízio das culturas.

— Todo mundo faz isso?

— Não. Alguns pedem crédito aos comerciantes, e ficam na esperança de que o preço do fumo suba e os salve. Dick Richard, o dono anterior da sua propriedade, seguiu este caminho, o que explica como o seu sogro acabou dono de tudo.

Lizzie não disse que Jay tinha ido a Williamsburg arranjar dinheiro emprestado.

— Podíamos desmatar Stafford Park em tempo para a próxima primavera...

Stafford Park era um trecho de terra separado da propriedade principal, dezesseis quilômetros rio acima. Por causa da distância era negligenciado e Jay tentara vender ou arrendar, mas não apareceram candidatos.

— Por que não começar com Capão do Lago? — disse o coronel — É perto dos galpões de curar fumo e o solo é bom. O que me lembra — ele deu uma espiada no relógio sobre o consolo da lareira. — Tenho que visitar meus galpões antes que escureça.

Lizzie levantou-se.

— Tenho que voltar e falar com meu capataz.

A Sra. Thumson falou:

— Não se esforce demais, Sra. Jamisson, lembre-se do bebê.

Lizzie sorriu.

— Também vou descansar bastante, eu prometo.

O coronel Thumson beijou a esposa e saiu com Lizzie. Ajudou-a a sentar na carruagem e depois foi do lado dela até os galpões.

— Se me desculpa o comentário pessoal a senhora é uma jovem dama notável, Sra.

Jamisson.

— Ora, muito obrigada.

— Espero vê-la mais vezes.

Ele sorriu, e seus olhos azuis cintilaram. Pegou a mão dela e quando a ergueu para beijá-la, o braço esbarrou no seio de Lizzie, como se tivesse sido por acaso.

— Por favor, mande me chamar a qualquer hora em que eu puder ajudá-la, de qualquer forma.

Lizzie afastou-se.

“Acredito que tenha acabado de receber minha primeira proposição adúltera”, pensou. “E estou com uma barriga de seis meses. Oh velhinho sem-vergonha!” Supôs que deveria sentir-se ultrajada, mas na verdade sentia-se satisfeita. Claro que jamais aceitaria a oferta dele. Na verdade, teria todo o cuidado para evitar o coronel de agora em diante. Mas era lisonjeiro saber-se desejável.

— Vamos mais depressa, Jimmy — disse ela. — Quero a minha ceia.

Na manhã seguinte mandou Jimmy convocar Lennox à sua sala de visitas. Não falara com ele desde o incidente na Ferry House. Tinha medo dele e chegou a pensar em chamar Mack para protegê-la. Mas recusou-se a crer de que precisasse de um guarda-costas na sua própria casa.

Lizzie sentou-se em uma enorme cadeira entalhada que devia ter sido trazida da Grã-Bretanha um século atrás. Lennox chegou duas horas depois, com as botas enlameadas. Ela sabia que o atraso dele era o seu modo de demonstrar que não era obrigado a sair correndo quando assobiasse. Se o desafiasse, tinha certeza de que ele apresentaria alguma desculpa, por isto decidiu agir como se tivesse chegado imediatamente.

— Vamos preparar a terra em Capão do Lago para plantar fumo na

próxima primavera — disse. — Quero que você comece hoje.

Ele foi apanhado de surpresa.

— Por quê? — perguntou.

— Os plantadores de fumo devem desmatar novas áreas de plantio todo inverno. É o único modo para continuar obtendo boas safras. Já andei olhando por aí e Capão do Lago parece ser a área mais promissora. O coronel Thumson concorda comigo.

— Bill Sowerby nunca fez isso.

— Bill Sowerby nunca conseguiu ganhar dinheiro.

— Não há nada de errado com os velhos campos.

— O plantio de fumo cansa muito a terra.

— Ah, sim — concordou ele. — Mas nós adubamos intensamente.

Ela franziu a testa. Thumson não falara em adubar.

— Não sei...

A hesitação dela foi fatal.

— Essas coisas são melhores se ficam por conta dos homens — disse ele.

— Esquece o sermão — retorquiu Lizzie. — Fale-me sobre o adubo.

— Nós deixamos o gado cercado nos campos de fumo à noite, para aproveitar o esterco. Renova a terra para a safra seguinte.

— Não pode ser tão bom quanto terra nova — disse ela, mas não se sentia segura.

— É a mesma coisa — insistiu ele. — Mas se quiser mudar vai ter que falar com o Sr.

Jamisson.

Detestava deixar Lennox vencer, mesmo que temporariamente, mas ia ter que esperar pela volta de Jay. Irritada, dispensou-o:

— Pode ir agora.

Ele deu um sorriso de vitória e saiu sem mais uma palavra.

Lizzie obrigou-se a descansar pelo resto do dia, mas na manhã seguinte deu o seu giro habitual pela plantação.

Nos galpões, os fardos de plantas que secavam estavam sendo descidos dos ganchos onde haviam sido pendurados para que as folhas pudessem ser separadas dos talos e as pesadas fibras retiradas. A seguir eram enfardadas de novo e cobertas com tecido para que “suassem”.

Alguns dos peões tinham ido para a floresta, a fim de cortar madeira destinada à confecção de barris. Outros plantavam trigo de inverno na Quadra

do Rio. Lizzie localizou Mack ali, trabalhando ao lado de uma jovem negra. Cruzaram o campo arado em linha, espalhando as sementes que retiravam de pesadas cestas. Lennox seguia-os, apressando os trabalhadores mais lentos com um chute ou o toque do chicote. Era um chicote curto de cabo duro e um látigo com qualquer coisa entre sessenta e noventa centímetros, feito de alguma madeira flexível. Depois de ver que Lizzie o observava, começou a usar mais o chicote, como que desafiando-a a tentar detê-lo.

Lizzie virou-se e começou a refazer o caminho para a casa. Mas antes que estivesse muito longe, ouviu um grito e voltou-se. A mulher que trabalhava ao lado de Mack caíra. Era Bess, uma adolescente de cerca de quinze anos de idade, alta e magra: a mãe de Lizzie a definiria dizendo que tinha crescido além do que suas forças permitiam.

Lizzie apressou-se na direção do vulto caído, mas Mack estava mais perto. Ele descansou sua cesta e ajoelhou-se ao lado de Bess. Tocou na testa dela e em suas mãos.

— Acho que só desmaiou — disse.

Lennox aproximou-se e chutou a garota nas costelas com o pé calçado com uma bota pesada. O corpo sacudiu com o impacto, mas os olhos não abriram.

Lizzie gritou:

— Pare com isso, não a chute!

— Cadela negra preguiçosa, vou ensinar-lhe uma lição! — disse Lennox, levantando a mão que empunhava o chicote.

— Não se atreva! — disse Lizzie, furiosa.

Ele baixou o chicote nas costas da garota inconsciente.

Mack pôs-se de pé num pulo.

— Pare! — gritou Lizzie.

Lennox levantou o chicote de novo.

Mack colocou-se entre Lennox e Bess.

— Sua dona mandou que parasse — disse Mack.

Lennox mudou a empunhadura e golpeou Mack no rosto.

Mack tropeçou de lado e levou a mão rapidamente ao rosto. Um vergão roxo apareceu imediatamente e um fio de sangue escorreu por entre seus lábios.

Lennox levantou o chicote de novo, mas o golpe nunca foi desferido.

Lizzie mal viu o que aconteceu, tão rápido foi, mas em um instante Lennox estava esparramado no chão, gemendo, e o chicote estava com Mack.

Segurava-o com ambas as mãos. Quebrou-o no joelho e, desdenhosamente, atirou-o em cima de Lennox.

Lizzie sentiu a alegria da vitória. O valentão fora domado.

Todo mundo ficou olhando fixamente por um longo momento. Lizzie então disse:

— Voltem para o trabalho, todos vocês!

Os peões viraram de costas e recomeçaram a sementeira. Lennox levantou-se, lançando um olhar maldoso a Mack.

— Dá para você carregar Bess para casa? — perguntou Lizzie a Mack.

— Claro. — Ele a pegou nos braços.

Atravessaram a extensão do campo que os separava da casa e levaram Bess para a cozinha, que ficava numa casinha nos fundos. Quando Mack a colocou numa cadeira, ela havia recuperado a consciência.

Sarah, a cozinheira, era uma mulher de meia-idade, sempre ansiosa, cheia de medos.

Lizzie mandou que fosse buscar o conhaque de Jay. Após um gole Bess declarou que se sentia bem, a não ser pelas costelas machucadas, e que não podia compreender por que desmaiara. Lizzie lhe disse para comer qualquer coisa e descansar até o dia seguinte. Ao deixar a cozinha, notou que Mack tinha um ar solene.

— O que é? — perguntou.

— Eu devo estar maluco — disse ele.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — protestou Lizzie. — Lennox desobedeceu uma ordem direta minha!

— Ele é um homem vingativo. Eu não devia tê-lo humilhado.

— Como ele pode se vingar de você?

— Facilmente. Ele é o supervisor.

— Eu não permitirei — afirmou Lizzie, decidida.

— Você não pode tomar conta de mim o dia inteiro.

— Que droga! — Não podia permitir que Mack sofresse pelo que ela fizera.

— Eu fugiria se soubesse para onde ir. Você já viu algum mapa da Virgínia?

— Não fuja. — Ela franziu a testa, pensando, e aí teve uma ideia. — Já sei! Você pode trabalhar na casa.

Ele sorriu.

— Eu adoraria. Mas talvez eu não dê um bom mordomo.

— Não, não, não como lacaio. Podia ficar encarregado dos reparos. Preciso reformar e pintar o quarto da criança.

Ele pareceu desconfiado.

— Você está falando sério?

— Claro!

— Seria... simplesmente maravilhoso me afastar de Lennox.

— Então é o que você deverá fazer.

— Você não tem ideia de como isto representa uma boa notícia para mim.

— Para mim, também. Eu me sentirei mais segura com você por perto. Também tenho medo de Lennox.

— Com razão.

— Você terá uma camisa nova e um colete. E sapatos de andar em casa também. — Seria um prazer vesti-lo com boas roupas.

— Que luxo! — disse Mack, sorrindo.

— Então está combinado — disse ela, resolutamente.

As escravas da casa a princípio resistiram um pouco à ideia da festa. Consideravam-se superiores aos que trabalhavam no campo.

Sarah, em particular, ressentiu-se de ter que cozinhar para “aquele lixo que come canjica e pão de milho”. Mas Lizzie zombou do esnobismo delas e as animou, de modo que no fim todas entraram no espírito da coisa.

Ao pôr-do-sol do sábado todo o pessoal da cozinha trabalhava na preparação de um banquete. Peter Jones, o homem do banjo, chegara bêbado ao meio-dia. McAsh fez com que bebesse litros de chá e o pôs para dormir numa casinha, e agora já estava sóbrio de novo. Seu instrumento tinha quatro cordas de categute esticadas sobre uma cabaça e o som que produzia ficava a meio caminho entre o piano e um tambor.

Ao percorrer o terreno em volta da casa verificando os preparativos, Lizzie sentia-se excitada. Aguardava ansiosa pela celebração. Não ia aderir à alegria geral claro: tinha que bancar a Senhora generosa, serena e distante. Mas ia gostar de ver outras pessoas caírem na farra.

Quando a noite caiu, tudo estava pronto. Um barril de sidra fora aberto; diversos presuntos gordos assavam em fogueiras; centenas de batatas doces cozinham em caldeirões de água fervente e compridas bisnagas de pão branco, pesando dois quilos cada, aguardavam a hora de serem fatiadas.

Lizzie andava de um lado para o outro impientemente, esperando que os escravos viessem dos campos. Esperava que cantassem. Algumas vezes os

ouvira à distância, cantando lamentos pungentes ou canções ritmadas de trabalho, mas eles sempre se calavam quando um dos senhores se aproximava mais.

Quando a lua apareceu, as mulheres mais velhas vieram dos seus alojamentos com os bebês montados nos quadris, seguidas pelos pequeninos que já andavam. Não sabiam onde se encontravam os trabalhadores do campo: elas os haviam alimentado pela manhã e não os viram mais até o fim do dia.

Todos sabiam que deveriam ir para a casa de noite. Lizzie falara com Kobe para se assegurar de que todos tivessem entendido bem e ele sempre fora de confiança. Estivera muito ocupada para poder ir até os campos, mas supunha que todos tivessem ido trabalhar na região mais distante da fazenda e por isso demoravam tanto para voltar. Esperava que as batatas doces não cozinhassem demais e virassem papa.

O tempo passou e ninguém apareceu. Uma hora depois de escurecer ela admitiu que algo saíra errado. Foi com uma raiva que só fazia aumentar que chamou Mack e mandou:

— Vá trazer Lennox aqui.

Foi preciso quase uma hora, mas McAsh acabou voltando com Lennox, que obviamente já começara sua noitada de bebida.

A essa altura Lizzie já estava furiosa.

— Onde estão os peões? — quis saber ela. — Deviam estar aqui!

— Ah, sim — disse Lennox, falando lenta e deliberadamente. — Isso não foi possível hoje.

A insolência dele advertiu-a de que ele tinha encontrado algum jeito infalível de frustrar seus planos.

— Que diabos você quer dizer com isso de não foi possível?

— Eles estão cortando madeira para barris em Stafford Park. — Stafford Park ficava dezesseis quilômetros rio acima. — Há trabalho para alguns dias e por isso nós acampamos.

Os peões ficarão lá, com Kobe, até terminarmos.

— Você não tinha que cortar madeira hoje.

— Nada melhor que o momento presente.

Ele fizera aquilo para desafiá-la. Era o bastante para que tivesse ímpetos de berrar.

Mas enquanto Jay não voltasse para casa, não havia nada que pudesse fazer.

Lennox olhou para a comida em cima das mesas montadas sobre cavaletes.

— É uma pena, sinceramente — disse, mal escondendo sua alegria. Esticou a mão imunda e arrancou um pedaço de presunto.

Sem pensar, Lizzie pegou um garfo de cabo comprido e fincou nas costas da mão dele, dizendo:

— Larga isso aí!

Ele gritou de dor e deixou cair a carne. Lizzie puxou os dentes do garfo para fora da mão dele. Lennox urrou de dor novamente.

— Sua vaca maluca! — gritou.

— Saia daqui e fique fora de minha vista até que meu marido volte para casa — disse Lizzie.

Ele a fitou furioso, por longo tempo, como se estivesse prestes a atacá-la. Até que enfiou a mão que sangrava embaixo do braço e saiu apressado.

Lizzie sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Não querendo que o pessoal que trabalhava na casa a visse chorando, virou-se e entrou. Assim que se viu sozinha na sala de estar, começou a soluçar de frustração. Sentia-se infeliz e sozinha.

Após um minuto ouviu a porta abrir e a voz de Mack:

— Sinto muito.

A compaixão dele provocou novas lágrimas. Um momento depois sentia os braços dele envolvendo-a. Foi profundamente reconfortante. Deixou a cabeça descansar no ombro de Mack e chorou e chorou. Ele acariciou seu cabelo e beijou-lhe as lágrimas. Lentamente os soluços dela foram se acalmando e a dor cessou.

Queria que ele pudesse abraçá-la daquele jeito a noite toda. Aí então percebeu o que estava fazendo. Afastou-se dele, horrorizada. Era uma mulher casada, grávida de seis meses e tinha deixado um servo beijá-la!

— O que é que estou pensando? — disse, em voz alta.

— Você não está pensando — disse ele.

— Agora estou — disse ela. — Vá embora!

Com um ar triste, ele virou-se e deixou a sala.

No dia seguinte ao da festa fracassada de Lizzie, Mack teve notícias de Cora. Era domingo e ele foi a Fredericksburg usando a roupa nova. Precisava libertar a cabeça de pensamentos a respeito de Lizzie Jamisson, com seu cabelo negro abundante, rosto macio e lágrimas salgadas. Peter Jones, que passara a noite no alojamento dos escravos, foi com ele, carregando seu banjo.

Peter era um homem magro e cheio de energia, com cerca de cinquenta anos. Seu inglês fluente indicava que se encontrava na América há muitos anos. Mack perguntou-lhe:

— Como foi que você veio a ser livre?

— Nasci livre — respondeu ele. — Mamãe era branca, embora não pareça. Papai era fugido, recapturado antes de eu nascer. Eu nunca o vi.

Sempre que tinha chance, Mack fazia perguntas sobre fugir.

— É verdade o que Kobe diz, que todo fugitivo é recapturado?

Peter riu.

— Diabos, não. A maioria é apanhada, mas acontece que a maioria é burra, o que explica a captura, antes de mais nada.

— Assim, se você não for burro...

Peter deu de ombros.

— Não é fácil Assim que você foge, o seu dono põe um anúncio no jornal dando a sua descrição e a descrição das roupas que você estiver usando.

As roupas custavam tão caro que era difícil para os fugitivos trocá-las.

— Mas você pode se manter escondido.

— Só que tem de comer. O que significa que você precisa de um emprego, se vai ficar nas colônias, e qualquer homem que vai empregar você provavelmente leu a seu respeito no jornal. Esses fazendeiros realmente organizaram tudo.

— Não é de espantar. Todas as plantações funcionam com base em escravos, condenados e servos contratados. Se não tivessem um sistema para pegar fugitivos, os fazendeiros já teriam morrido de fome muito tempo atrás.

Mack ficou pensativo.

— Mas você disse que isso acontecia se a pessoa ficasse nas colônias.

Como assim?

— A Oeste daqui há as montanhas e do outro lado das montanhas, um território selvagem. Nada de jornais por lá. Tampouco há fazendas. Nada de xerifes, juízes ou carrascos.

— É grande esse território?

— Não sei. Há quem diga que se estende por centenas de quilômetros antes que se possa ver o mar de novo, mas nunca conheci quem tivesse estado lá.

Mack falara sobre as terras selvagens com muita gente, mas Peter era o primeiro a quem ele se via inclinado a confiar. Outros contavam o que obviamente eram histórias fantásticas, em lugar de citar fatos concretos; Peter pelo menos admitia não saber tudo.

Como sempre, Mack achava excitante falar sobre aquele assunto.

— Certamente que um homem poderia desaparecer do outro lado das montanhas e nunca mais ser encontrado!

— É verdade. E também poderia ser escalpelado pelos índios e morto pelos leões das montanhas. Mais provável ainda, poderia morrer de fome.

— Como é que você sabe?

— Já estive com pioneiros que voltaram. Eles se matam de trabalhar por uns poucos anos, transformando um pedaço de terra perfeitamente bom em uma área inútil de lama e desistem.

— Mas há quem consiga?

— Tem que haver, eu acho, caso contrário não haveria tal lugar na América.

— A oeste daqui, você disse — murmurou Mack. — A que distância ficam as montanhas?

— Cerca de cento e cinquenta quilômetros, é o que dizem.

— Tão perto?

— É mais longe do que você imagina.

Um dos escravos do coronel Thumson, que estava levando uma carroça para a cidade, lhes ofereceu uma carona. Escravos e condenados sempre davam uns aos outros caronas nas estradas da Virgínia.

A cidade estava apinhada: domingo era o dia dos peões das fazendas aparecerem para ir à igreja e se embriagarem ou ambos.

Alguns dos condenados olhavam para os escravos com menosprezo, mas Mack achava que não havia motivo para se sentir superior.

Consequentemente, tinha muitos amigos e conhecidos, e em cada

esquina tinha gente que acenava para ele.

Eles foram ao ordinário de Branquela Jones. Branquela era chamado assim por causa da cor da sua pele, uma mistura de branco com preto; ele vendia bebida alcoólica aos pretos mesmo que fosse contra a lei. Era capaz de conversar igualmente bem na língua franca falada pela maioria dos escravos ou no dialeto virginiano dos nascidos na América. Sua taverna era um salão de teto baixo, cheirando a fumaça de madeira, cheio de pretos e brancos pobres jogando cartas e bebendo. Mack não tinha dinheiro, mas Peter Jones fora pago por Lizzie e comprou para Mack um litro de cerveja.

Mack deliciou-se com a cerveja, um prazer raro naqueles dias. Enquanto bebiam, Peter perguntou ao dono da taverna:

— Ei, Branquela, já conheceu alguém que atravessou as montanhas?

— Com certeza que sim — respondeu o taverneiro. — Esteve aqui um sujeito que caçava com armadilhas, e que disse que lá tem a melhor caça que ele já tinha visto. Parece que todo um bando de caçadores vai lá todos os anos e volta carregado de peles de animais.

— Ele lhe contou que rota que seguia? — perguntou Mack.

— Parece-me que ele falou numa passagem chamada desfiladeiro Cumberland.

— Desfiladeiro Cumberland — repetiu Mack.

— Ei, Mack — disse o Branquela. — Você não andou perguntando por uma garota branca chamada Cora?

O coração de Mack deu um salto.

— Sim, você teve notícias dela?

— Eu a vi, e por isso agora sei por que você é maluco por ela.

Ele rolou os olhos para cima.

— É uma garota bonita, Mack? — brincou Peter.

— Mais bonita do que você, Peter. Vamos, Branquela, onde foi que a viu?

— No rio. Vestia um casaco verde, carregava uma cesta e ia tomar a balsa para Falmouth.

Mack sorriu. O casaco e o fato de que estava tomando a balsa em vez de vadear o rio, indicava que ela já dera um jeito na vida.

— Devia ter sido vendida a uma pessoa bondosa.

— Como soube que era ela?

— O balseiro a chamou pelo nome.

— Deve estar morando na margem do rio onde fica Falmouth, por isso

não tive notícias dela quando perguntei se alguém a conhecia em Fredericksburg.

— Bem, acaba de ter notícias dela agora.

Mack engoliu o resto da cerveja.

— E vou encontrá-la. Branquela, você é um amigão. Peter, obrigado pela cerveja.

— Boa sorte!

Mack saiu da cidade. Fredericksburg tinha sido construída logo abaixo da linha que demarcava o fim da navegação no rio Rapahannock. Navios transoceânicos podiam ir até ali, mas a menos de dois quilômetros o rio tornava-se pedregoso e só batelões de fundo chato podiam navegar por ele. Mack caminhou até o ponto onde a água era tão rasa que permitia a vadeação.

Sentia-se animadíssimo. Quem teria comprado Cora? Como estava vivendo? Saberia notícias de Peg? Se ao menos conseguisse localizá-las e cumprir a promessa, poderia planejar seriamente sua fuga. Nos últimos três meses estivera reprimindo seu desejo por liberdade, mas a conversa de Peter sobre o território selvagem situado do outro lado das montanhas trouxera tudo de volta e agora ansiava por fugir. Devaneava sobre fugir da fazenda ao cair da noite, caminhando na direção oeste, para nunca mais trabalhar para um capataz armado de chicote.

Queria muito rever Cora. Provavelmente ela não estava trabalhando: talvez pudesse fugir com ele. Podiam ir para algum lugar escondido. Quando pensou em beijá-la, sentiu uma pontada de culpa. Acordara naquela manhã pensando em beijar Lizzie Jamisson e agora tinha o mesmo tipo de pensamentos em relação a Cora. Mas era tolice sentir-se culpado por causa de Lizzie: ela era mulher de um outro homem e não havia futuro para ele com ela. Assim mesmo sua excitação misturava-se a um certo desconforto.

Falmouth era uma versão menor de Fredericksburg: tinha o mesmo cais, trapiches, tavernas e casas de madeira pintadas.

Mack era capaz de bater em todas as casas; em umas provavelmente seria atendido.

Pensou que Cora devia morar fora da cidade.

Entrou na primeira taverna e perguntou ao proprietário:

— Estou procurando uma mulher chamada Cora Higgins; você conhece?

— É na casa branca perto da primeira esquina. Você verá três gatos dormindo na varanda.

Aquele era um dia de sorte para Mack!

— Muito obrigado!

O homem tirou um relógio do bolso do colete e deu uma espiada. Eram quase duas horas.

— Ela provavelmente estará na igreja. Mas se ela não estiver lá...

— Vi onde fica a igreja. Eu vou lá.

“Cora nunca frequentara igrejas, mas talvez seu proprietário a forçasse agora”, pensou Mack ao sair. Atravessou a rua e caminhou duas quadras até a igreja. O serviço religioso estava terminando e a congregação estava saindo, todos com suas melhores roupas de domingo, apertando-se as mãos e conversando.

Mack viu Cora imediatamente. Certamente ela tivera sorte. Ele sorriu um largo sorriso quando a viu. Era como se a mulher imunda e faminta que deixara no Rosebud fosse outra pessoa. Cora voltara a ser o que sempre fora: corpo cheio de curvas, pele clara, cabelo lúcido. Estava tão bem vestida como nos velhos tempos, com um casaco castanho-escuro e uma saia de lã, além de usar boas botas. De repente ele ficou contente por estar com a camisa nova e o colete que Lizzie lhe dera.

Cora conversava animadamente com uma velha de bengala. Interrompeu a conversa quando ele se aproximou.

— Isto é um milagre! Mack! — exclamou, deliciada.

Ele abriu os braços, mas ela estendeu a mão e Mack supôs que não queria dar espetáculo diante da igreja. Apertou a mão dela nas suas e disse:

— Você está maravilhosa. — E não era só a aparência, o cheiro também era bom; não era mais o perfume forte, com base de madeira, que usava em Londres, mas um cheiro delicado, floral mais apropriado a uma dama.

— O que foi que aconteceu a você? — perguntou ela. — Quem foi que o comprou?

— Estou na fazenda Jamisson... e Lennox é o capataz.

— Ele bateu no seu rosto?

Mack tocou no lugar ferido onde Lennox o chicoteara.

— Sim, mas tirei o chicote das mãos dele e quebrei ao meio.

Ela sorriu.

— O mesmo Mack de antigamente, sempre metido em confusões.

— É verdade. Tem tido notícias de Peg?

— Ela foi levada por condutores de almas, Bates e Makepiece.

Mack sentiu um aperto no coração.

— Droga. Vai ser difícil achá-la.

— Sempre pergunto por ela mas nunca tive notícias.

— E quem foi que comprou você? Uma pessoa bondosa, a julgar pela sua aparência.

Enquanto Mack falava, um homem cheio de corpo, ricamente vestido e com cerca de cinquenta anos, aproximou-se.

— Aqui está — disse Cora. — Alexander Rowley, o corretor de fumo.

— Ele evidentemente a trata muito bem! — murmurou Mack.

Rowley apertou a mão de uma velha senhora, disse qualquer coisa e voltou-se para Mack.

— Este é Malachi McAsh, um velho amigo de Londres. Mack, este é o Sr. Rowley, meu marido — disse Cora.

Mack ficou olhando fixamente para ela, sem fala. Rowley passou um braço pelos ombros de Cora, com ar de proprietário e ao mesmo tempo apertou a mão de Mack.

— Como vai, McAsh? — disse, e sem mais uma palavra levou Cora dali.

Mack refez o caminho para a plantação Jamisson pensando: “por que não? Cora não sabia se o veria de novo.” Obviamente fora comprada por Rowley e fizera com que ele se apaixonasse por ela.

Devia ter sido um escândalo para um comerciante desposar uma condenada, mesmo numa cidadezinha colonial como Falmouth.

No entanto, a atração sexual era mais poderosa do que as regras sociais e Mack podia facilmente imaginar como Rowley fora seduzido. Podia ter sido difícil persuadir gente como aquela velha senhora da bengala a aceitar Cora como uma esposa respeitável, mas Cora tinha coragem para qualquer coisa e, obviamente, se saíra bem. Melhor para ela. Provavelmente teria filhos de Rowley.

Ao mesmo tempo que encontrava desculpas para ela, Mack sentia-se desapontado. Em um momento de pânico tinha feito com que ele promettesse procurá-la; mas o esquecera assim que tivera a chance de desfrutar de uma vida fácil. Estranho: ele tivera duas amantes, Annie e Cora, e ambas haviam se casado com outros. Cora ia para a cama todas as noites com um corretor gordo com o dobro da sua idade e Annie esperava um filho de Jimmy Lee. Gostaria de saber se teria uma família normal com esposa e filhos.

Mack reagiu e mudou o rumo de seus pensamentos. Podia ter tido uma família se tivesse querido mesmo. Mas se recusara a aceitar o que o mundo lhe oferecia.

Queria mais. Queria ser livre.

Jay foi a Williamsburg com grandes esperanças.

Ficara desanimado ao saber das afinidades políticas de seus vizinhos — eram todos liberais Whigs, não havia um conservador Tory entre eles — mas tinha certeza de que na capital da colônia encontraria homens leais ao rei que o receberiam como um aliado valioso e promoveriam sua carreira política.

Williamsburg era pequena, mas magnífica. A rua principal chamada de Duque de Gloucester, tinha mil e seiscentos metros de comprimento e trinta e três metros de largura.

O Capitólio ficava numa ponta e o Colégio de William e Mary na outra; dois prédios imponentes de tijolos cuja arquitetura em estilo inglês deu a Jay a tranquilizadora sensação do poder da monarquia. Havia um teatro e diversas lojas, com artesãos fazendo candelabros de prata e mesas de jantar em mogno. No escritório da gráfica Purdie & Dixon, Jay comprou o Virginia Gazette, um jornal cheio de anúncios de escravos fugidos.

Os fazendeiros ricos que constituíam a elite dirigente da colônia residiam em suas propriedades, mas afluíam para Williamsburg quando a legislatura encontrava-se em sessão no prédio do Capitólio e, conseqüentemente, a cidade estava cheia de estalagens com quartos para alugar. Jay hospedou-se na taverna Raleigh, uma construção baixa de tábuas brancas com quartos no sótão.

Deixou seu cartão e um bilhete no palácio, mas teve que esperar três dias para uma entrevista com o novo governador, o barão de Botetourt. Quando finalmente recebeu o convite, não foi para uma audiência pessoal como esperara, mas para uma recepção com cinquenta convidados. Era evidente que ele ainda teria que descobrir que Jay era um aliado importante em um ambiente hostil. O palácio ficava no fim de um longo caminho que seguia para o norte a partir da metade da rua Duque de Gloucester. Era outra construção de tijolos com aparência inglesa, com chaminés altas e águas-furtadas no telhado, como uma casa de campo. O imponente saguão de entrada era decorado com punhais, pistolas e mosquetes dispostos em padrões elaborados, como que para realçar o poder militar do rei.

Infortunadamente Botetourt era exatamente o oposto do que Jay tinha esperado encontrar. A colônia de Virgínia precisava de um governador duro e

austero que incutisse o medo nos corações dos colonos amotinados, mas Botetourt revelou ser um homem gordo e amigoso, com ar de um próspero comerciante de vinhos recebendo os amigos para uma sessão de degustação.

Jay observou-o recebendo os convidados no comprido salão de baile. O homem não tinha ideia dos planos subversivos que podiam estar sendo tramados na cabeça dos fazendeiros.

Bill Delahaye estava lá, e apertou a mão de Jay.

— O que você pensa do nosso novo governador?

— Não sei se ele tem conhecimento do que está acontecendo — respondeu Jay.

— Ele pode ser mais inteligente do que parece — disse Delahaye.

— Espero que sim.

— Vai haver um grande jogo de cartas amanhã à noite, Jamisson. Gostaria que eu o apresentasse?

Jay não jogara uma só noite desde que deixara Londres.

— Certamente.

Na sala de refeições, além da de baile, foram servidos vinhos e bolos. Delahaye apresentou Jay a diversos outros homens. Um tipo corpulento e de ar próspero, com cerca de cinquenta anos, disse:

— Jamisson? Da família Jamisson de Edimburgo?

O tom de sua voz era um tanto hostil. O rosto dele tinha algo vagamente familiar, embora Jay tivesse certeza de que jamais o encontrara.

— A sede da família é o castelo Jamisson, em Fife — replicou Jay.

— O castelo que antes pertencia a William McClyde?

— Exatamente. — Jay percebeu que o homem o fazia lembrar-se de Robert: tinha os mesmos olhos claros e boca determinada. — Receio não ter ouvido o seu nome...

— Eu me chamo Hamish Drome. Aquele castelo devia ser meu.

Jay levou um susto. Drome era o nome de família da mãe de Robert, Olive.

— Então você é o parente desaparecido há muito tempo e que foi para a Virgínia!

— E você deve ser o filho de George e Olive.

— Não, esse é meu meio-irmão, Robert. Olive morreu e meu pai se casou de novo.

Sou o filho mais moço.

— Ah. E Robert empurrou você para fora do ninho, exatamente como a

mãe dele fez comigo.

Havia um tom insolente nas observações de Drome, mas Jay ficou intrigado com o que ele estava querendo dizer. Relembrou as revelações feitas por Peter McKay bêbado no casamento.

— Ouvi dizer que Olive falsificou o testamento.

— Isso mesmo, e também matou tio William.

— O quê?

— Não há a menor dúvida. William não tinha doença alguma. Era hipocondríaco, adorava pensar que estava doente. Devia ter vivido até uma idade bem avançada. Mas seis semanas depois que Olive chegou, ele mudou o testamento e morreu. Mulher perversa!

— Ah.

Jay sentiu uma estranha satisfação. A sacrossanta Olive, cujo retrato fora pendurado em lugar de honra no saguão do castelo Jamisson, era uma assassina que devia ter sido enforcada.

Jay sempre se ressentira do modo como falavam dela com reverência e agora recebeu jubilosamente a notícia de que era uma criminosa cruel — Você não recebeu nada? — perguntou a Drome.

— Nem um hectare. Cheguei aqui com meia dúzia de pares de meias e agora sou o dono do maior armário da Virgínia. Mas nunca escrevi para casa. Tinha medo de que Olive desse um jeito para me tomar isto também.

— Como?

— Sei lá. Superstição minha, talvez. Fico satisfeito de saber que ela está morta. Mas parece que o filho é igual a ela.

— Sempre pensei nele como sendo como o meu pai. Ele é insaciavelmente ganancioso, seja a quem for que tenha saído.

— Se eu fosse você, não deixava ele saber meu endereço.

— Ele vai herdar todas as empresas do meu pai. Não posso imaginar que vá querer também minha pequena plantação.

— Não esteja tão certo assim — disse Drome; mas Jay achou que estava sendo excessivamente dramático.

Jay não conseguiu conversar a sós com o governador Botetourt senão no fim da festa, quando os convidados saíam pela entrada do jardim. Pegou o governador pela manga e disse em voz baixa:

— Quero que saiba que sou completamente leal ao senhor e à Coroa.

— Esplêndido, esplêndido — disse Botetourt, em voz alta. — É muito gentil da sua parte dizer isso.

— Cheguei aqui recentemente e fiquei escandalizado com as atitudes dos homens mais proeminentes da colônia. Escandalizado! Quando quer que o senhor esteja pronto para reprimir a traição e esmagar a oposição desleal estarei a seu lado.

Botetourt fitou-o, tomando-o finalmente a sério, e Jay percebeu que havia um político astuto sob o exterior afável.

— Que bom, mas esperemos que não sejam necessárias muitas repressões e esmagamentos. Considero que a persuasão e a negociação sejam muito melhores. Os efeitos são mais duradouros. Major Wilkinson, adeus! Sra. Wilkinson, foi muita gentileza sua vir.

“Persuasão e negociação”, pensou Jay, passando para o jardim. Botetourt caíra num ninho de víboras e queria negociar. Jay disse a Delahaye:

— Imagino quanto tempo vai ser preciso para que perceba a realidade daqui.

— Acho que já compreende — disse Delahaye. — Só não acredita em mostrar os dentes antes de estar pronto para morder.

O fato é que no dia seguinte o amável novo governador dissolveu a Assembleia Geral.

Matthew Murchman morava em uma casa de tábuas pintada de verde perto da livraria na rua Duque de Gloucester. Ele trabalhava na parte da frente, cercado por livros de direito e papéis.

Era um homenzinho nervoso que lembrava um esquilo, correndo em disparada pelo escritório para tirar um papel de uma pilha e esconder em outra.

Jay assinou os papéis hipotecando a plantação. Ficou desapontado com o total do empréstimo: apenas quatrocentas libras esterlinas.

— Tive sorte em conseguir tanto — disse Murchman com sua voz de passarinho. — Com o fumo vendendo tão mal não sei se a fazenda conseguiria ser vendida por esse preço.

— Quem está emprestando? — quis saber Jay.

— Um grupo econômico, capitão Jamisson. E como essas coisas são feitas hoje em dia. O senhor tem compromissos que deseja que eu salde imediatamente?

Jay levava uma pilha de contas, todos os débitos que contraíra desde que chegara na Virgínia, quase três meses atrás.

Entregou a Murchman, que as examinou rapidamente e disse:

— Tem cerca de cem libras aqui. Eu lhe darei os recibos antes que deixe

a cidade. E me informe se comprar alguma coisa enquanto estiver aqui.

— Provavelmente comprarei — disse Jay. — Um tal de Sr. Smythe está vendendo uma carruagem com um belo par de cavalos cinzentos. E eu preciso de dois ou três escravos.

— Farei com que saibam que o senhor tem fundos comigo.

Jay não gostou da ideia de pedir emprestado tanto dinheiro e deixar tudo na mão do advogado.

— Quero que me dê cem libras em ouro — disse. — Há um jogo de cartas no Raleigh hoje à noite.

— Certamente, capitão Jamisson. O dinheiro é seu.

Não restava muito das quatrocentas libras quando Jay chegou de volta à plantação em sua nova carruagem. Perdera nas cartas, comprara quatro escravos jovens e não conseguira fazer o Sr. Smythe reduzir o preço da carruagem e dos cavalos.

Pagara, contudo, todas as dívidas. Simplesmente conseguiria crédito com os comerciantes locais, como fizera antes. A primeira safra de fumo estaria pronta para a venda logo depois do Natal e ele pagaria as contas com o resultado.

Sentia-se apreensivo com o que Lizzie poderia dizer acerca da carruagem, mas para seu alívio ela mal tocou neste assunto. Obviamente tinha alguma outra coisa na cabeça que ardia para lhe contar.

Como sempre, era mais atraente quando animada: os olhos escuros cintilavam e a pele reluzia, cor-de-rosa. No entanto, ele não mais se sentia tomado de desejo cada vez que a via.

Desde que ficara grávida ele se sentia acanhado. Imaginava que era ruim para o bebê se a mãe tivesse relações sexuais durante a gravidez. Mas não era esta a verdadeira razão. Era o fato de Lizzie ser mãe. Ele não gostava da ideia de mães lascivas. De qualquer forma, estava se tornando rapidamente impraticável; a barriga estava se tomando grande demais.

Assim que a beijou ela disse:

— Bill Sowerby foi embora.

— É mesmo? — Jay ficou surpreso. O homem se fora sem receber os salários. — Ainda bem que temos Lennox para assumir.

— Acho que Lennox o expulsou. Parece que Sowerby perdeu um bocado de dinheiro para ele nas cartas.

Aquilo fazia sentido.

— Lennox é um bom jogador.

Lennox quer ser capataz aqui.

Eles estavam de pé na varanda da frente e, naquele momento, Lennox apareceu contornando o lado da casa. Com sua usual falta de cortesia ele não deu as boas-vindas a Jay.

Em vez disso, disse:

— Acabaram de chegar uns barris com bacalhau salgado em consignação.

— Fui eu que encomendei — disse Lizzie. — É para os peões que trabalham no campo.

Jay ficou aborrecido.

— Por que você quer alimentá-los com peixe?

— O coronel Thumson diz que trabalham melhor. Ele dá peixe salgado e carne a seus escravos uma vez por semana.

— O coronel Thumson é mais rico do que eu. Devolva esse troço, Lennox.

— Eles vão ter que trabalhar duro este inverno, Jay — protestou Lizzie. — Temos que desmatar a terra em Capão do Lago e deixar pronto para plantar fumo na próxima primavera.

Lennox disse rapidamente:

— Não precisa. A terra dos campos ainda está muito boa, bem estrumada.

— Não se pode ficar adubando para sempre — retorquiu Lizzie. — O coronel Thumson limpa a terra a cada inverno.

Jay percebeu que já tinha havido antes aquela discussão entre os dois.

Lennox disse:

— Não temos peões em número suficiente. Mesmo com os homens do Rosebud, podemos apenas plantar os campos que temos. O coronel Thumson tem mais escravos que nós.

— Porque ele ganha mais dinheiro... por empregar melhores métodos — disse Lizzie, triunfante.

Lennox escarneceu:

— Mulheres não entendem dessas coisas.

Lizzie exclamou bruscamente:

— Deixe-nos, por favor, Sr. Lennox. Imediatamente.

Lennox pareceu ficar furioso, mas foi embora.

— Você precisa se livrar dele, Jay — disse Lizzie.

— Não vejo por que...

— Não é só porque ele é bruto. Assustar as pessoas é a única coisa em que é bom. Não é capaz de compreender a atividade agrícola e não sabe coisa alguma sobre fumo. E o pior é que não está interessado em aprender.

— Ele sabe como fazer os homens trabalharem duro.

— Não adianta nada fazer com que trabalhem duro se estiverem fazendo o trabalho errado!

— Você de repente tornou-se perita em fumo.

— Jay, eu cresci numa grande propriedade e a vi falir, não por causa da preguiça dos camponeses, mas porque meu pai morreu e minha mãe não soube administrar tanta terra: Agora vejo você cometendo todos os erros que conheço tão bem, afastando-se tempo demais, confundindo brutalidade com disciplina, deixando que outra pessoa tome decisões estratégicas. Você não comandaria um regimento deste modo!

— Você não sabe nada sobre comandar regimentos.

— E você não sabe nada sobre administrar fazendas!

Jay estava ficando furioso, mas se conteve.

— O que é então que você está querendo que eu faça?

— Dispense Lennox.

— Mas quem assumiria?

— Nós poderíamos administrar a fazenda juntos.

— Não quero ser fazendeiro!

— Então deixe por minha conta.

Jay balançou a cabeça.

— Era o que eu pensava.

— Como assim?

— Tudo isto é só para você mandar em tudo, não é?

Ele receou que ela fosse explodir, mas ao contrário, Lizzie ficou quieta.

— É isso mesmo que você acha?

— Para falar a verdade, é.

— Estou tentando salvá-lo. Você está avançando no rumo do desastre; estou lutando para evitar que isto aconteça e você pensa que só quero é mandar nos outros. Se é o que pensa de mim, por que diabos se casou comigo?

Ele não gostava que ela usasse linguagem forte: era masculina demais.

— Naquele tempo você era bonita — disse.

Os olhos de Lizzie dardejaram chispas de fogo, mas ela nada disse. Limitou-se a virar as costas e entrar.

Jay deu um suspiro de alívio. Não era sempre que ele conseguia vencê-la. Seguiu-a após um momento e ficou surpreso de ver McAsh no saguão, vestindo um colete e sapatos de andar em casa, pondo um vidro novo numa janela. Que diabo estaria ele fazendo na casa?

— Lizzie! — gritou Jay. Ele entrou na sala de visitas e a encontrou. — Lizzie, acabo de ver McAsh no saguão.

— Eu o coloquei como encarregado da manutenção. Está pintando o quarto do bebê.

— Não quero aquele homem na minha casa.

A reação dela o surpreendeu.

— Pois então vai ter que aguentar assim mesmo! — explodiu Lizzie.

— Bem...

— Não vou ficar aqui sozinha com Lennox solto por aí. Recuso-me categoricamente, está entendendo?

— Está bem...

— Se McAsh for embora, eu também vou! — ela saiu pisando firme.

— Está bem! — repetiu ele, quando a porta bateu.

Não ia se meter em uma guerra por causa de um maldito condenado. Se queria que o sujeito pintasse o quarto do bebê, que pintasse.

Em cima do aparador Jay viu uma carta fechada endereçada a ele. Pegou-a e reconheceu a letra da mãe. Sentou perto da janela e abriu o envelope.

7, Grosvenor Square Londres 15 de setembro de 1768 Meu querido filho.

A nova mina de carvão em High Glen foi reativada após o acidente, e a mineração recomeçou.

Jay sorriu. Sua mãe sabia ser muito prática.

Robert passou diversas semanas lá, consolidando as duas propriedades e providenciando para que sejam administradas como uma só. Ela disse a seu pai que você deveria receber um royalty sobre o carvão extraído, já que a terra é sua. Ele respondeu dizendo que está pagando os juros das hipotecas. Receio, contudo, que o fator decisivo tenha sido o modo como você pegou os melhores condenados do Rosebud. Seu pai ficou furioso e Robert também.

Jay sentiu-se tolo e ficou furioso. Tinha pensado que poderia ficar impunemente com aqueles homens. Não devia ter subestimado o pai.

Continuarei atormentando seu pai por causa disso.

Com o tempo estou certa de que ele cederá.

— Deus a abençoe, mãe — disse Jay. Ela ainda estava trabalhando duro no seu interesse, mesmo que estivesse tão longe que podia nunca mais vê-la de novo.

Tendo tratado dos assuntos importantes, prosseguiu escrevendo sobre ela mesma, parentes e amigos e a vida social de Londres. No final ela retornou aos negócios.

Robert viajou para Barbados. Não sei ao certo o motivo. Meu instinto me diz que ele está planejando algo contra você. Não sou capaz de imaginar como seria possível prejudicá-lo, mas ele é determinado e impiedoso. Esteja sempre em guarda, meu filho. Sua mãe que muito o ama, Alicia Jamisson.

Jay pôs a carta de lado pensativamente. Tinha o mais profundo respeito pela intuição da mãe, mas assim mesmo achava que estava sendo medrosa demais. Barbados era muito longe. E mesmo que Robert viesse à Virgínia, não havia nada que ele pudesse fazer para prejudicar Jay agora; ou havia?

Na ala do antigo quarto de crianças, Mack achou um mapa.

Ele havia redecorado dois dos três cômodos e estava limpando a sala de aula. Era o fim da tarde e começaria a trabalhar convenientemente no dia seguinte. Havia uma arca cheia de livros velhos e frascos de tinta vazios, e ele examinou aquilo, tentando decidir o que valeria a pena salvar. O mapa estava lá, cuidadosamente dobrado dentro de um estojo de couro. Ele abriu e o estudou.

Era um mapa da Virgínia.

Sua primeira reação foi dar um pulo de alegria, mas desanimou quando viu que não conseguia entender o que estava escrito.

Os nomes o intrigaram até que percebeu que estavam escritos em um idioma estrangeiro, que adivinhou ser francês. Virgínia aparecia como “Virginie”, o território a nordeste era intitulado como “Partie de New Jersey”, e tudo a oeste das montanhas recebia o nome de “Louisiane”. Embora, a não ser pelo nome, esta parte do mapa estivesse em branco.

Devagar, Mack começou a entender melhor. As linhas finas eram rios, linhas mais grossas representavam as fronteiras entre uma colônia e outra e as linhas realmente bastante grossas delineavam as cadeias de montanhas. Estudou cuidadosamente o mapa, fascinado e emocionado: ali estava seu passaporte para a liberdade.

Descobriu que o Rapahannock era um dos diversos rios que atravessavam a Virgínia, vindos das montanhas, a oeste, até a baía de Chesapeake a leste. Encontrou Fredericksburg na margem sul do Rapahannock. Não havia como avaliar as distâncias, mas Peter Jones dissera que até as montanhas eram cento e cinquenta quilômetros. Se o mapa estivesse certo, era a mesma distância de novo do outro lado das montanhas. Mas não havia indicação de uma rota que as atravessasse.

Sentiu uma mistura de júbilo com frustração. Finalmente sabia onde se encontrava, mas o mapa parecia dizer que não havia fuga possível. A cadeia de montanhas estreitava-se ao sul e Mack deteve-se nesta parte, seguindo o percurso dos rios, procurando um caminho para a travessia. Bem para o sul deu com o que lhe pareceu ser um desfiladeiro, onde nascia o rio Cumberland. Lembrou-se de ter ouvido Branquela Jones ter falado sobre um

desfiladeiro Cumberland.

Ali estava: aquele era o caminho.

Tratava-se de uma longa jornada. Mack avaliou que devia ser qualquer coisa entre seiscentos e setecentos quilômetros, tão longe quanto Edimburgo de Londres. Eram duas semanas de diligência e mais tempo para um homem com um cavalo. E seria mais ainda nas estradas rudimentares e trilhas de caça da Virgínia. Mas do outro lado daquelas montanhas um homem poderia ser livre.

Dobrou o mapa com cuidado, recolocou-o no estojo e voltou a trabalhar. Haveria de examiná-lo de novo.

“Se ao menos pudesse encontrar Peg”, pensou, enquanto varria a sala. Tinha que saber se ela estava bem antes de fugir. Se se sentisse feliz, ele a deixaria, mas se seu proprietário fosse cruel teria que levá-la.

Tornou-se escuro demais para trabalhar. Mack saiu e desceu a escada. Pegou sua velha capa de pele em um cabide perto da porta dos fundos e embrulhou-se nela: fazia frio lá fora.

Quando saiu, um grupo de escravos muito nervosos veio na sua direção. No meio do grupo viu Kobe, que carregava uma mulher; após um momento Mack reconheceu Bess, a jovem escrava que desmaiara no campo poucas semanas atrás. Tinha os olhos fechados e havia sangue na sua bata. A garota era propensa a sofrer acidentes.

Mack manteve a porta aberta e seguiu Kobe. Os Jamisson deviam estar na sala de refeições, terminando o jantar da tarde.

— Deixe-a na sala de visitas que eu vou buscar a Sra. Jamisson — disse ele.

— Sala de visitas? — indagou Kobe, na dúvida.

Era o único aposento onde o fogo estava aceso, a não ser pela sala de jantar.

— Confie em mim. É o que a Sra. Jamisson ia preferir — assegurou Mack.

Kobe fez que sim.

Mack bateu na porta da sala de jantar e entrou.

Lizzie e Jay estavam sentados a uma mesinha redonda, os rostos iluminados pelo candelabro ao centro. Lizzie estava roliça e linda, com um vestido longo decotado que revelava o contorno dos seios e que se espalhava como uma barraca sobre seu volumoso abdome. Ela comia passas enquanto Jay comia nozes. Mildred, uma criada alta que tinha a pele perfeita, cor de

tabaco, servia vinho para Jay. O fogo crepitava na lareira. Era uma tranquila cena doméstica e por um momento Mack sentiu-se confuso por ser lembrado com tanta força que eles eram marido e mulher.

Aí então olhou de novo. Jay estava sentado meio de lado, virado para a janela, contemplando a noite cair sobre o rio. Lizzie estava virada para o outro lado, vendo Mildred servir o vinho. Nem Jay nem Lizzie sorriam. Era como se fossem estranhos em uma taverna, forçados a compartilhar uma mesa, mas sem interesse um pelo outro.

Jay viu Mack e perguntou:

— Que diabos você quer?

Mack dirigiu-se a Lizzie.

— Bess teve um acidente. Kobe colocou-a na sala de visitas.

— Estou indo agora mesmo — disse Lizzie, empurrando sua cadeira para trás.

— Não deixe que ela sangre no estofamento de seda amarela! — advertiu Jay.

Mack segurou a porta e seguiu Lizzie.

Kobe acendia velas. Lizzie debruçou-se sobre a garota ferida.

A pele escura de Bess ficara mais pálida e seus lábios estavam sem sangue. Tinha os olhos fechados e a respiração era curta.

— O que foi que aconteceu? — quis saber Lizzie.

— Ela se cortou — respondeu Kobe, ainda ofegante do esforço feito para carregá-la.

— Bess cortava uma corda com uma faca de mato. A lâmina escorregou da corda e pegou na barriga dela.

Mack estremeceu. Viu quando Lizzie alargou o rasgo na bata de Bess e examinou a ferida. A aparência era péssima. Havia muito sangue e o corte parecia fundo.

— Vá até a cozinha, um de vocês, e me arranje uns panos limpos e uma tigela com água quente.

Mack admirou seu espírito decidido.

— Eu vou — disse.

Correu até a casinha do lado de fora onde ficava a cozinha.

Sarah e Mildred lavavam os pratos do jantar. Sarah, suando como sempre, indagou:

— Ela está bem?

— Não sei. A Sra. Jamisson pediu uns panos limpos e água quente.

Sarah passou-lhe uma tigela.

— Aqui está um pouco de água que estava no fogo. Vou pegar os panos para você.

Poucos momentos depois Mack voltava à sala de visitas. Lizzie tinha cortado o vestido de Bess em torno do machucado. Mergulhou um pedaço de pano na água e limpou a pele.

Quando o ferimento tornou-se mais claramente visível pareceu pior.

Mack receou que algum órgão interno pudesse ter sido atingido. Lizzie pensou a mesma coisa.

— Não sou capaz de tratar disso — disse. — Ela precisa de um médico.

Jay entrou na sala, deu uma olhada e empalideceu. Lizzie disse para ele:

— Vou ter que chamar o Dr. Finch.

— Como queira — concordou ele. — Vou para Ferry House. Há uma briga de galos — disse, e saiu.

“Bom passeio”, pensou Mack desdenhosamente.

Lizzie olhou para Kobe e Mack.

— Um de vocês tem que ir a cavalo até Fredericksburg no escuro.

— Mack não é grande coisa como cavaleiro — disse Kobe. — Eu vou.

— Ele tem razão — concordou Mack. — Eu poderia dirigir a charrete, mas é mais lenta.

— Então está decidido — disse Lizzie. — Não seja imprudente, Kobe, mas vá o mais depressa que puder. Esta garota pode morrer.

Fredericksburg ficava a dezesseis quilômetros de distância, mas Kobe conhecia a estrada e estava de volta duas horas mais tarde. Quando entrou na sala de visitas, seu rosto era como um trovão. Mack nunca o vira tão zangado.

— Onde está o médico? — perguntou Lizzie.

— O doutor Finch não vai sair a esta hora da noite para ver uma negra — disse Kobe, com a voz trémula.

— Maldito idiota! — exclamou Lizzie, furiosa.

Todos olharam para Bess. Sua pele estava recoberta de suor e a respiração ficara entrecortada. De vez em quando gemia, mas não abriu os olhos. A seda amarela que forrava o sofá estava vermelha com o seu sangue. Obviamente estava morrendo.

— Não podemos ficar aqui sem fazer nada — disse Lizzie. — Ela pode ser salva!

— Não penso que ela tenha muito tempo de vida — disse Kobe.

— Se o doutor não vem, só nos resta ter que levá-la para ele — disse

Lizzie. — Vamos colocá-la na charrete.

— Não é bom deslocá-la — disse Mack.

— Se não deslocarmos, ela morrerá de qualquer maneira! — gritou Lizzie.

— Está bem, está bem. Vou tirar a charrete do estábulo.

— Kobe, pegue o colchão da minha cama e põe na parte de trás para deitarmos a Bess.

E uns cobertores.

Mack correu até o estábulo. Os cavaliários todos tinham ido para seus alojamentos, mas não lhe tomou muito tempo para pôr Stripem, o pónei, nos varais da charrete. Pegou uma brasa no fogão da cozinha e acendeu as lanternas da charrete. Quando parou na frente da casa, Kobe estava esperando.

Quando Kobe acabou de arrumar o leito para o transporte de Bess, Mack entrou.

Lizzie acabava de vestir um casaco.

— Você vai? — perguntou Mack.

— Vou.

— Acha que deve, na sua condição?

— Receio que o maldito médico se recuse a tratar dela se eu não for.

Mack sabia que não adiantava discutir quando ela se encontrava naquele estado de espírito. Pegou Bess delicadamente nos braços e levou-a para fora. Deitou-a cuidadosamente no colchão e Kobe ajeitou os cobertores sobre ela. Lizzie subiu atrás e acomodou-se ao lado da garota, aninhando sua cabeça nos braços.

Mack foi para a boleia e pegou as rédeas. Três pessoas era um peso muito grande para o pónei, e Kobe teve que dar um empurrão na charrete para que saísse do lugar. Mack desceu a estrada e virou na direção de Fredericksburg.

Não havia lua, mas a luz das estrelas dava para que enxergasse onde estava indo. A trilha era pedregosa e cheia de sulcos, fazendo com que a charrete balançasse muito. Mack ficou preocupado com sacudir Bess, mas Lizzie não parava de dizer para que ele fosse mais depressa. O caminho seguia ao longo da margem do rio, atravessava uma floresta e margens de plantações como a dos Jamisson. Não viram ninguém; o povo não viajava de noite, se pudesse evitar.

Com a insistência de Lizzie, Mack fez boa velocidade e chegaram em

Fredericksburg por volta da hora da ceia. Havia gente nas ruas e luzes nas casas. Ele parou a charrete diante da casa do Dr. Finch. Lizzie foi até a porta enquanto Mack embrulhava Bess nos cobertores e cuidadosamente a tomava nos braços. Estava inconsciente, mas viva.

A porta foi aberta pela Sra. Finch, uma mulher tímida com seus quarenta anos. Fez com que Lizzie entrasse na sala de visita e Mack foi atrás carregando Bess. O médico, um homem corpulento de jeito agressivo, demonstrou claramente sentir-se culpado por ter forçado uma mulher grávida a ter feito uma viagem daquelas à noite para lhe trazer a paciente.

Disfarçou, andando de um lado para o outro, afobado, e dando ordens abruptas à mulher.

Depois de examinar o ferimento pediu a Lizzie para ajeitar-se confortavelmente na outra sala. Mack foi com ela e a Sra. Finch ficou para ajudar o marido.

Os restos de uma ceia podiam ser vistos em cima da mesa.

Lizzie ajeitou-se rapidamente numa poltrona.

— O que é que há? — perguntou Mack.

— Esta viagem me deu uma dor nas costas horrível. Você acha que a Bess ficará boa?

— Não sei. Ela não é muito robusta.

Uma criada apareceu e ofereceu a Lizzie um pouco de chá e bolo, que Lizzie aceitou.

Ela examinou Mack de cima abaixo, identificou-o como um criado também e disse:

— Se você quiser chá, pode ir pegar na cozinha.

— Preciso primeiro ver o cavalo — disse ele.

Mack saiu e levou o pônei até o estábulo do Dr. Finch, onde lhe deu água e um pouco de grão: depois foi esperar na cozinha. A casa era pequena e ele podia ouvir o médico e sua mulher falando enquanto trabalhavam. A criada, uma preta de meia-idade, tirou a mesa e trouxe a xícara de chá de Lizzie. Mack decidiu que era bobagem ficar ali sentado na cozinha, com Lizzie na sala de jantar, de modo que foi sentar-se com ela, a despeito das caras feias da criada do médico. Lizzie pareceu-lhe pálida e ele resolveu levá-la para casa o mais cedo possível. Finalmente o Dr. Finch apareceu, secando as mãos.

— É um ferimento feio, mas acredito que fiz tudo o que era possível — disse. — Detive o sangramento, costurei o corte e dei-lhe uma bebida. Ela é

jovem e vai sarar.

— Graças a Deus! — disse Lizzie.

O doutor fez que sim.

— Estou certo de que ela é uma escrava valiosa. Não deve viajar para longe esta noite.

Ela pode ficar aqui e dormir no alojamento da minha criada, e a senhora pode mandar buscá-la amanhã ou depois. Quando o ferimento cicatrizar, eu tiro os pontos. Ela não deve fazer trabalho pesado até então.

— É claro.

— A senhora já ceou, Sra. Jamisson? Posso lhe oferecer alguma coisa?

— Não, obrigada. Só quero ir para casa e cair na cama.

— Vou encostar a charrete na frente — disse Mack.

Poucos minutos mais tarde começavam a fazer o caminho de volta. Lizzie foi na boleia enquanto estavam na cidade, mas assim que passaram pela última casa deitou no colchão.

Mack conduziu devagar a charrete e desta vez não houve gritos impacientes às suas costas. Quando já havia decorrido cerca de meia hora, ele perguntou:

— Você está dormindo?

Não houve resposta e ele presumiu que estivesse.

De vez em quando Mack olhava para trás. Lizzie resmungava no seu sono, inquieta, mudando de posição a toda hora.

Atravessavam um trecho deserto a uns três ou cinco quilômetros da fazenda quando o silêncio da noite foi cortado por um grito.

Era Lizzie.

— O que foi? O que foi? — exclamou Mack freneticamente enquanto puxava as rédeas.

Antes que o pônei parasse, já tinha pulado para a parte de trás.

— Oh, Mack, está doendo!

Ele passou as mãos em torno dos ombros dela e levantou-a um pouco.

— O que é? O que é que dói?

— Oh, Deus, acho que o bebê está vindo.

— Mas não é hora...

— É para daqui a dois meses.

Mack pouco entendia dessas coisas, mas desconfiou que o nascimento da criança fora apressado pelo estresse da emergência médica ou pela viagem sacudida até Fredericksburg, ou ambos.

— De quanto tempo dispomos?

Ela gemeu e respondeu, falando bem alto:

— Não muito.

— Pensei que levasse horas.

— Eu não sei. Acho que a dor nas costas que tive era dor de parto. Talvez o bebê esteja por nascer todo esse tempo.

— Devo continuar em frente? Chegaremos em cerca de quinze minutos.

— Tempo demais. Fica onde está e me abraça.

Mack percebeu que o colchão estava molhado e visguento.

— Por que o colchão está molhado?

— Penso que a bolsa d'água arrebentou. Queria que minha mãe estivesse aqui.

Mack achou que fosse sangue no colchão, mas não falou. Ela gemeu de novo. Quando a dor passou, teve um calafrio.

Mack cobriu-a com a capa de pele.

— Você pode ter sua capa de volta — disse e ela sorriu brevemente antes de mais um espasmo.

Quando conseguiu falar de novo, ela disse:

— Você tem que pegar o bebê quando ele sair.

— Está bem — concordou Mack, sem saber ao certo o que ela estava querendo dizer.

— Abaixese entre minhas pernas — disse ela.

Ele ajoelhou-se a seus pés e levantou as saias. Os calções de baixo estavam ensopados.

Mack despira apenas duas mulheres, Annie e Cora, e nenhuma das duas tinha aquela roupa de baixo, de modo que ele não sabia ao certo como abrir, mas acabou conseguindo. Lizzie levantou as pernas e colocou os pés de encontro aos ombros dele para se firmar.

Mack olhou para a cabeleira densa e escura entre as pernas de Lizzie e foi tomado por uma sensação de pânico. Como um bebê poderia passar por ali? Não tinha ideia de como acontecia. Disse a si próprio para ficar calmo: aquilo acontecia milhares de vezes por dia em todo o mundo. Ele não precisava entender. O bebê nasceria sem a sua ajuda.

— Estou com medo — disse Lizzie, durante uma breve trégua.

— Eu ajudo você — disse ele, e acariciou suas pernas, a única parte dela que podia alcançar.

O bebê veio muito depressa.

Mack não pôde ver muito bem à luz das estrelas, mas quando Lizzie deu um gemido mais forte, algo começou a emergir de dentro dela. Mack pôs duas mãos trêmulas lá embaixo e sentiu uma coisa quente e escorregadia abrindo caminho para fora. Um momento mais tarde a cabeça do bebê estava em suas mãos. Lizzie pareceu descansar por uns minutos e depois começou de novo.

Ele segurou a cabeça com uma das mãos e pôs a outra sob os minúsculos ombros quando apareceram. Um segundo depois o resto do bebê escorregou. Ele segurou e examinou a criança: os olhos fechados, o cabelo escuro, os membros em miniatura.

— É uma garota — disse.

— Ela tem que chorar! — exclamou Lizzie, nervosa.

Mack ouvira falar que é preciso dar uma palmada em recém-nascidos para que respirem. Era difícil fazer uma coisa dessas, mas sabia que era necessário. Virou-a de cabeça para baixo numa das mãos e deu uma palmada no seu traseiro com a outra.

Nada aconteceu.

Ao segurar o minúsculo peitinho na palma da sua mão, sentiu que havia algo assustadoramente errado. Não conseguia sentir o coração batendo.

Lizzie lutou para sentar.

— Me dá a menina aqui! — disse ela.

Mack entregou-lhe a criança. Lizzie pegou a menina e olhou para sua carinha. Colocou os lábios sobre os lábios dela, como se fosse beijá-la, e soprou dentro de sua boca.

Mack rezou para que o ar entrasse nos pulmões da criança e ela chorasse, mas nada aconteceu.

— Está morta — disse Lizzie. Ela levou o bebê ao colo e passou a capa de pele em volta do seu corpinho nu. Minha filhinha está morta — disse e começou a chorar.

Mack abraçou a ambas e as amparou enquanto Lizzie se desfazia em lágrimas.

Depois que sua filha nasceu morta, Lizzie passou a viver em um mundo cinzento, de silêncio, chuva e névoa. Deixou que os criados da casa fizessem o que bem entendessem, percebendo vagamente, após algum tempo, que Mack assumira a direção deles. Não corria mais a plantação todos os dias: deixou os campos de fumo por conta de Lennox. As vezes visitava a Sra. Thumson ou Suzy Delahaye, pois elas se mostravam dispostas a falar sobre o bebê por tanto tempo quanto ela quisesse; mas não ia a bailes ou festas. Todo domingo ia à missa em Fredericksburg e após o serviço religioso passava uma ou duas horas no cemitério, de pé, olhando para o túmulo minúsculo, pensando sobre como tudo poderia ter sido diferente.

Estava segura de que a culpa fora toda sua. Continuara a montar até quando estava com quatro ou cinco meses de gravidez; não descansara tanto quanto as pessoas diziam para descansar; e andara dezesseis quilômetros na charrete, mandando que Mack corresse mais e mais, na noite em que dera luz ao bebê morto.

Tinha raiva de Jay por estar fora de casa naquela noite; do Dr. Finch por ter se recusado a atender uma escrava; e de Mack por ter feito a sua vontade e ido tão depressa. Mas acima de tudo estava furiosa consigo própria. Odiava-se e desprezava-se por ser uma futura mãe incompetente; pela sua impulsividade, impaciência e incapacidade de ouvir conselhos.

“Se eu não fosse assim, seria uma pessoa normal, sensata, razoável e cautelosa e teria agora minha filhinha.” Não dava para falar com Jay a esse respeito. No princípio ele ficara furioso, jurara dar um tiro no doutor Finch e ameaçara mandar açoitar Mack; mas sua raiva evaporara quando soube que o bebê era uma menina e agora agia como se Lizzie jamais tivesse ficado grávida.

Durante algum tempo conversou com Mack. O parto os aproximara muito. Ele a cobrira com sua capa, segurara seus joelhos e amparara ternamente a pobre criança. A princípio representou um grande conforto para ela, mas após algumas semanas Lizzie sentiu que começava a tornar-se impaciente. “O filho não era dele”, pensou, “e não podia verdadeiramente compartilhar de sua dor.” Ninguém podia; assim, retirou-se para dentro de si própria.

Um dia, três meses depois, ela foi até a ala do antigo quarto de crianças, ainda reluzente com a tinta fresca, e sentou sozinha.

Imaginou uma garotinha ali no berço, balbuciando alegremente ou chorando de fome, metida num lindo vestidinho branco e com sapatinhos de tricô, sugando seu seio ou sendo banhada. A visão foi tão intensa que as lágrimas encheram-lhe os olhos e rolaram pelo seu rosto, embora ela não produzisse um único som.

Mack entrou quando ela estava assim. Uma tempestade tinha feito com que caísse um pouco de entulho pela chaminé e ele ajoelhou-se ante a lareira e começou a limpar. Não comentou as lágrimas de Lizzie.

— Sinto-me tão infeliz — disse ela.

Ele não parou o trabalho.

— Isto não lhe fará nenhum bem — replicou, em tom duro.

— Eu esperava mais compreensão da sua parte — disse ela, desesperada.

— Você não pode passar o resto da vida aqui chorando. Todo mundo morre mais cedo ou mais tarde. As outras pessoas têm que continuar vivendo.

— O que na verdade eu não quero. Viver para quê?

— Não seja tão exageradamente dramática, Lizzie. Não é da sua natureza.

Ela ficou chocada. Ninguém tinha lhe falado duramente desde o parto. Que direito tinha Mack de torná-la mais infeliz ainda?

— Você não devia falar comigo assim — disse ela.

Ele a surpreendeu aproximando-se. Largando a escova, agarrou-a por ambos os braços e levantou-a da cadeira.

— Não me fale sobre meus direitos — disse.

Mack parecia tão furioso que Lizzie teve medo de que fosse cometer uma violência com ela.

— Deixe-me em paz!

— Tem muita gente deixando você em paz ultimamente — disse ele, mas largou-a.

— O que devo fazer? — disse ela.

— O que você quiser. Tome um navio de volta para casa e vá viver com sua mãe em Aberdeen. Tenha um caso amoroso com o coronel Thumson. Fuja para a fronteira com algum vagabundo imprestável — Ele fez uma pausa e olhou sério para ela. — Ou... decida-se a ser esposa de Jay e tenha outro filho.

Isto a surpreendeu.

— Eu pensava...

— O que é que você pensava?

— Nada.

Há algum tempo que Lizzie sabia que Mack estava pelo menos meio apaixonado por ela. Após a festa fracassada para os peões, ele a tocara ternamente e a acariciara de um modo que só podia ser amoroso. Beijara as lágrimas escaldantes que escorriam pelo seu rosto.

Houve mais do que piedade no seu abraço.

E havia mais na reação de Lizzie do que necessidade de compreensão. Agarrara-se ao seu corpo rígido e saboreara o contato dos lábios dele na sua pele e isto não fora só porque sentia pena de si própria.

Todos esses sentimentos, contudo, haviam desaparecido desde o bebê. Seu coração estava vazio. Não tinha paixões, só pesares.

Sentia-se envergonhada e embaraçada por ter tido aqueles desejos. A esposa lasciva que tenta seduzir o jovem lacaio bonito era um personagem batido nos romances cômicos.

Mack não era apenas um lacaio bonito, claro. Aos poucos ela viera a perceber que ele era o homem mais notável que já conhecera. Sabia que era também arrogante e dogmático. A ideia que fazia da própria importância era ridiculamente inflada e o levava a ter ou causar muitos problemas. Mas não podia deixar de admirar o modo como se levantava contra autoridades tirânicas, desde a mina de carvão na Escócia às plantações da Virgínia. E quando se metia em encrenca, muitas vezes era para defender outra pessoa.

Mas Jay era seu marido. Podia ser fraco e bobo, além de lhe ter mentido, mas o desposara e tinha que ser fiel a ele.

Mack continuava encarando-a. Ela perguntou-se em que pensaria. Achou que estava se referindo a si próprio quando dissera para fugir para a fronteira com algum vagabundo imprestável. Mack levantou a mão, timidamente, e acariciou-lhe o rosto.

Lizzie fechou os olhos. Se sua mãe pudesse ver aquilo, saberia exatamente o que dizer.

“Você se casou com Jay e prometeu ser leal a ele. Você é uma mulher ou uma criança? A mulher cumpre o que promete quando é difícil não só quando é fácil. É disto que se trata prometer.” E aqui estava ela deixando que outro homem acariciasse seu rosto. Abriu os olhos e olhou para Mack por um longo momento.

Havia desejo em seus olhos verdes. Ela endureceu o coração. Um súbito impulso a empolgou de repente e deu-lhe um tapa no rosto com toda a força que conseguiu.

Foi como esbofetear uma rocha. Ele nem se mexeu. Mas sua expressão alterou-se. Não lhe machucara o rosto, mas golpeara seu coração. Pareceu ficar tão chocado e assombrado que Lizzie teve ímpetos de desculpar-se e abraçá-lo. Resistiu com todas as forças, e, com a voz trémula, disse:

— Não se atreva a me tocar!

Ele nada disse; ficou olhando fixamente para ela, horrorizado e magoado. Lizzie não foi capaz de ver aquela expressão magoada mais tempo e por isto levantou-se e saiu dali.

Ele dissera para que se decidisse a ser a esposa de Jay, e para ter outro filho. Lizzie passou o dia pensando só nisso. A ideia de ter Jay na sua cama tornara-se desagradável para ela, mas era seu dever como esposa. Se se recusasse a cumprir esse dever, não merecia um marido.

Naquela tarde tomou um banho. Era uma operação complicada, envolvendo uma banheira de metal no quarto de dormir e cinco ou seis garotas fortes, trazendo a água quente da cozinha e subindo as escadas correndo com os jarros pesados. Quando terminou a função, ela vestiu roupa limpa antes de descer para a ceia.

Era uma noite fria de janeiro e o fogo crepitava na lareira.

Lizzie bebeu um pouco de vinho e tentou conversar alegremente com Jay como fazia antes de se casarem. Ele não reagiu. “No entanto”, pensou ela, “isso era de se esperar, depois de ter sido uma companhia desagradável por tanto tempo.” Depois que a refeição terminou ela disse:

— Já faz três meses do bebê. Estou bem agora.

— Como assim?

— Meu corpo voltou ao normal.

Não ia lhe dar os detalhes. Seus seios tinham parado de vazar leite poucos dias depois do parto da criança natimorta. Perdera um pouco de sangue todos os dias por muito mais tempo, mas isto também terminara.

— O que quero dizer é que minha barriga nunca voltará a ser tão chata quanto antes, mas... em outros aspectos, estou curada.

Ele continuou sem compreender.

— Por que você está me dizendo isso?

Tentando conservar a exasperação fora da sua voz, ela disse:

— Podemos fazer amor de novo, é isto que estou querendo dizer.

Ele deu um resmungo e acendeu o cachimbo. Não foi uma reação que uma mulher poderia esperar.

— Você irá ao meu quarto hoje à noite? — insistiu Lizzie.

Ele pareceu aborrecido.

— E o homem que deve fazer essas sugestões — disse, irritado.

Ela se levantou.

— Eu só queria que você soubesse que estou pronta — disse.

Sentindo-se magoada, ela subiu para o seu quarto. Mildred subiu também para ajudá-la a despir-se. Quando tirou a anágua, Lizzie perguntou-lhe, no tom de voz mais casual que conseguiu:

— O senhor Jamisson já foi deitar?

— Não, acredito que não.

— Ele ainda está lá embaixo?

— Acho que saiu.

Lizzie examinou o rosto bonito da criada. Havia algo intrigante na expressão dela.

— Mildred, você está escondendo alguma coisa de mim?

Mildred era jovem, cerca de dezoito anos, não tinha talento para mentir. Desviou os olhos.

— Não, Sra. Jamisson.

Lizzie teve certeza de que ela estava mentindo. Mas por quê?

Mildred começou a escovar o cabelo de Lizzie, que pensava sobre onde Jay teria ido.

Com frequência ele saía após a ceia. Às vezes falava que ia a um jogo de cartas ou a uma briga de galos e às vezes nada dizia. Lizzie presumia vagamente que fosse beber rum nas tavernas com os outros homens. Mas se fosse só isso, Mildred diria. Lizzie passou a pensar em uma alternativa. “O seu marido teria outra mulher?” Uma semana depois Jay ainda não havia ido ao quarto de Lizzie. Ela tornou-se obcecada com a ideia de que ele estivesse tendo um caso. A única pessoa em quem podia pensar era Suzy Delahaye.

Era jovem e bonita, e seu marido viajava constantemente; como muitos virginianos, ele era maluco por corridas de cavalos e viajava dois dias para assistir a uma. Será que Jay estaria esgueirando-se para fora de casa após a ceia, pegando o cavalo, galopando até a casa dos Delahaye e se metendo na cama de Suzy?

Disse a si própria que estava sendo fantasiosa, mas a ideia não a abandonou.

Na sétima noite deu uma olhada pela janela do quarto e viu a luz trémula de um lampião atravessando o gramado escuro.

Decidiu segui-la.

Estava frio e escuro, mas não perdeu tempo se vestindo. Pegou um xale, atirou-o em cima dos ombros e desceu correndo. Esgueirou-se para fora da casa. Os dois cães, que dormiam na varanda, olharam para ela curiosamente.

— Vamos, Roy, vamos, Rex! — exclamou.

Correu pela relva, seguindo a luz do lampião e com os cães nos seus calcanhares.

Logo a luz desaparecia no meio do bosque, mas aí já estava próxima o bastante para ver que Jay, se é que era ele, tomara o caminho que ia dar nos galpões de fumo e no alojamento do capataz.

Talvez Lennox tivesse um cavalo encilhado para que Jay fosse até a casa dos Delahaye. Lizzie sentia que, de um jeito ou de outro, Lennox tinha que estar metido naquilo; aquele homem sempre estava envolvido quando Jay procedia erradamente.

Não viu o lampião de novo, mas encontrou as casas facilmente. Havia duas. Lennox ocupava uma. A outra fora de Sowerby e agora estava vaga.

Havia alguém no seu interior. As janelas estavam fechadas por causa do frio, mas a luz brilhava através das frestas.

Lizzie fez uma pausa, esperando que o coração voltasse à calma, mas era o medo e não o cansaço, que o fazia bater tão depressa. Tinha medo do que ia ver lá dentro. A ideia de Jay tomando Suzy Delahaye nos braços do modo como abraçara Lizzie e beijando-a com os lábios que Lizzie beijara a deixou doente de ódio. Chegou inclusive a pensar em dar meia-volta e ir embora.

Mas não saber seria pior que tudo.

Experimentou a porta. Não estava trancada. Abriu e entrou.

A casa tinha dois cômodos. A cozinha, na frente, estava vazia, mas podia ouvir uma voz baixa vindo do quarto de dormir no fundo.

Já estariam na cama? Foi na ponta dos pés até a porta, pegou a maçaneta, respirou fundo e escancarou a porta.

Suzy Delahaye não estava ali dentro.

Mas Jay estava. Deitado na cama, de camisa e calções, descalço e sem casaco.

De um lado da cama, de pé, havia uma escrava.

Lizzie não sabia o nome da garota: tratava-se de uma das quatro que Jay comprara em Williamsburg. Tinha mais ou menos a idade de Lizzie; era

magra e muito bonita, dona de suaves olhos castanhos. Estava completamente nua e Lizzie pôde ver seus orgulhosos seios de bicos castanhos e o cabelo fortemente encaracolado entre as pernas.

Enquanto Lizzie olhava espantada, a garota lançou-lhe um olhar que ela jamais esqueceria: um olhar insolente, cheio de desprezo, triunfante. “Você pode ser a dona da casa”, dizia o olhar, “mas ele vem para a minha cama toda noite, e não para a sua.” Ouviu a voz de Jay como se estivesse a uma grande distância:

— Lizzie, oh, meu Deus!

Virou-se para encará-lo e viu que ele baixava os olhos. Mas aquilo não lhe deu satisfação: há muito tempo sabia que era um homem fraco. Finalmente conseguiu falar:

— Vá para o inferno, Jay — disse, baixinho, virando-se e indo embora.

Lizzie foi para o quarto, pegou suas chaves na cômoda e desceu para a sala das armas.

Os rifles de caça Griffin que trouxera da Inglaterra estavam guardados junto das armas de Jay, mas ela os deixou e pegou um par de pistolas de bolso em um estojo de couro.

Verificando o conteúdo do estojo, encontrou um chifre de pólvora cheio, bastante algodão de rama para bucha e umas pederneiras de reserva, mas nenhuma bala de chumbo. Procurou por toda a parte, mas não achou nada, só uma pilha pequena de minúsculos lingotes de chumbo.

Pegou um dos lingotes e um molde de balas — um instrumento pequeno parecido com uma tenaz — e foi embora, trancando de novo a porta.

Na cozinha, Sarah e Mildred a fitaram com os olhos arregalados de medo quando entrou carregando o estojo das pistolas debaixo do braço. Sem uma palavra, foi até o armário e tirou uma faca bem forte e uma caçarola pequena e pesada de ferro, com bico. Feito isto, voltou para o seu quarto e trancou a porta.

Reavivou o fogo da lareira até que ficou tão quente que não podia se aproximar por mais que alguns segundos. Aí pôs o lingote na caçarola e a caçarola no fogo.

Lembrou de Jay voltando de Williamsburg com quatro jovens escravas. Perguntara-lhe por que não tinha comprado homens e ele lhe dissera que garotas eram mais baratas e mais obedientes.

Na época, esquecera o assunto: sua preocupação maior foi com a extravagância da carruagem nova. Agora, amargurada, compreendia.

Bateram na porta e ela ouviu a voz de Jay dizendo:

— Lizzie?

A maçaneta foi virada e ele tentou abrir a porta. Vendo que estava trancada, disse:

— Lizzie, quer me deixar entrar?

Ela o ignorou. Naquele momento ele estava acovardado e se sentindo culpado. Mais tarde encontraria um modo de convencer-se de que não fizera nada de errado e aí então ficaria furioso, mas por enquanto era inofensivo.

Ele bateu e chamou por um minuto ou dois, desistiu e foi embora.

Quando o chumbo do lingote derreteu, ela tirou a caçarola do fogo. Movendo-se rapidamente, despejou um pouco de chumbo dentro do molde, através do bico. No interior da cabeça do instrumento havia uma cavidade esférica, agora cheia com chumbo derretido.

Mergulhou o molde dentro da tigela de água do seu lavatório, para esfriar e endurecer o chumbo. Quando apertou os dois braços do instrumento, a cabeça abriu e uma balinha esférica caiu. Pegou-a. Era perfeita, exceto por uma pequena cauda formada pelo chumbo que permanecera no bico. Cortou-a com a faca de cozinha.

Continuou fazendo mais balas esféricas até usar todo o chumbo. Aí então carregou ambas as pistolas e colocou-as ao lado da sua cama. Verificou a tranca da porta. Depois foi se deitar.

Mack odiou Lizzie por aquele tapa.

Toda vez que pensava naquilo sentia-se enfurecido. Ela lhe deu sinais falsos e depois o punira quando ele respondera. “Era uma vagabunda”, disse a si próprio; uma namoradeira sem coração, da classe alta, que brincara com seus sentimentos.

Sabia, porém, que isto não era verdade, e após algum tempo mudou seu ponto de vista.

A reflexão levou-o a concluir que Lizzie estava à mercê de emoções conflitantes. Sentia-se atraída por ele, mas era casada com outro homem. Tinha um senso de dever bem desenvolvido e estava assustada porque este senso de dever estava sendo solapado. Em seu desespero, tentou pôr fim ao dilema que enfrentava brigando com ele.

Teve vontade de dizer-lhe que sua lealdade a Jay era mal direcionada. Há meses que todos os escravos sabiam que Jay passava as noites com Felia, uma bela e disposta garota do Senegal Mas ele tinha certeza de que Lizzie descobriria sozinha, mais cedo ou mais tarde, o que acontecera duas noites atrás. A reação dela fora caracteristicamente extrema: trancara a porta do seu quarto e armou-se com pistolas.

Por quanto tempo ela aguentaria aquilo? Como tudo aquilo terminaria? “Fugindo para a fronteira com um vagabundo imprestável” ele tinha dito, pensando em si próprio. Mas Lizzie não reagira à sua sugestão. Claro que jamais lhe ocorreria passar a vida com Mack.

Não havia dúvida de que gostava dele; Mack tinha sido mais que um servo para ela; ele a ajudara a ter a criança. E Lizzie gostara quando a abraçara. Tudo isso, contudo, era muito diferente de largar o marido e fugir com ele.

Mack estava deitado em sua cama antes do raiar do dia, irrequieto, revirando essas coisas na sua cabeça, quando ouviu o relincho de um cavalo do lado de fora.

Quem poderia ser àquela hora da noite? Preocupado, escorregou para fora do catre e foi até a porta da cabana de camisa e calções.

Do lado de fora o ar estava frio e ele tremeu quando abriu a porta. Era uma manhã enevoad, com uma chuva fina, mas o dia raiava e ele pôde ver, à

luz prateada, duas mulheres entrando no conjunto, uma delas conduzindo um pónei.

Um momento mais tarde ele reconheceu a mais alta como sendo Cora. Por que teria viajado de noite para vir aqui? O mais provável parecia ser alguma má notícia. Só então reconheceu a outra mulher.

— Peg! — exclamou, encantado.

Ela o viu e veio correndo na sua direção. Crescera, pensou ele; tinha mais alguns centímetros de altura e seu corpo adquirira uma forma diferente.

— Mack! — exclamou ela. — Oh, Mack, estou tão apavorada!

— Pensei que nunca mais fosse vê-la de novo. O que foi que aconteceu? Foi Cora quem respondeu.

— Ela está encarcerada. Foi comprada por um fazendeiro da região montanhosa chamado Burgo Marler. Ele tentou estuprá-la e ela o apunhalou com uma faca de cozinha.

— Pobre Peg! — disse Mack, abraçando-a. — O homem morreu?

Peg fez que sim.

— A história foi publicada no Virginia Gazette e agora todos os xerifes da colônia a estão procurando — disse Cora.

Mack ficou horrorizado. Se Peg fosse presa, certamente seria enforcada.

Os outros escravos foram acordados pela conversa. Alguns dos condenados saíram, reconheceram Peg e Cora e confraternizaram-se.

Mack quis saber de Peg.

— Como foi que você chegou a Fredericksburg?

— Andei — disse ela, com um toque lacônico da sua antiga personalidade desafiadora. — Eu sabia que tinha de seguir rumo leste e achar o rio Rapahannock. Viajei de noite e consegui informações das pessoas que estão na rua à noite: escravos, fugitivos, desertores do exército e índios.

— Eu a escondi em minha casa por alguns dias. Meu marido está em Williamsburg, a negócios. Mas aí ouvi dizer que o xerife local estava prestes a investigar todos os que estavam a bordo do Rosebud — disse Cora.

— Mas isto quer dizer que ele virá aqui! — disse Mack.

— Sim, ele não está muito tempo atrás de mim. Estava reunindo uma equipe de busca quando deixei a cidade.

— O quê?

— Tenho certeza de que ele está a caminho agora. Ele reunia uma equipe de busca quando deixei a cidade.

— Então para que você a trouxe?

O rosto de Cora endureceu.

— Por que ela é um problema seu. Consegui um marido rico, uma bela casa e meu próprio banco na igreja e não quero que o xerife procure um assassino no meu quintal!

Os outros condenados resmungaram sua desaprovação. Mack ficou olhando fixamente para Cora, assombrado. Um dia pensara em passar sua vida com aquela mulher!

— Meu Deus, você tem o coração duro! — disse, furioso.

— Eu a salvei, não foi? — exclamou Cora, indignada. — Agora tenho que me salvar!

— Obrigada por tudo, Cora — disse Peg. — Você realmente me salvou.

Kobe assistia à conversa em silêncio e agora Mack se virou para ele automaticamente a fim de discutir o problema.

— Poderíamos escondê-la na propriedade dos Thumson — disse.

— Tudo bem, desde que o xerife não a procure lá também — respondeu Kobe.

— Droga! Não pensei nisso. Onde ela poderia se esconder? Eles vão revistar cada palmo dos alojamentos, estábulos, galpões de fumo...

Cora quis saber:

— Você já foi para cama com Lizzie Jamisson?

Mack viu-se surpreendido com a pergunta.

— O que você quer dizer com esse “já”? Claro que não fui para a cama com ela!

— Não banque o bobo. Aposto como Lizzie quer que você se deite com ela.

Mack ressentiu-se com a atitude nada romântica de Cora, mas não pôde fingir-se de inocente.

— O que é que tem, se ela quiser mesmo?

— Será que esconderia Peg... para agradar a você?

Mack não tinha certeza. Como poderia sequer fazer-lhe a pergunta? Não podia amar uma mulher que se recusasse a proteger uma criança naquela situação. No entanto, havia uma dúvida em sua cabeça quanto a se Lizzie concordaria em fazer uma coisa dessas. E, por alguma razão isto o enfureceu.

— Pode ser que ela esconda Peg por pura generosidade — disse, incisivamente.

— Sem dúvida. Mas um forte desejo sexual seria um motivo mais confiável.

Mack ouviu cães ladrando. Achou que fossem os cães de caça na varanda da casa-grande. O que os perturbara? Houve depois um latido de resposta vindo da margem do rio.

— Cães estranhos na região — disse Kobe. — Foi o que perturbou Roy e Rex.

— Será que já é o grupo de busca? — perguntou Mack, cada vez mais ansioso.

— Acho que sim — respondeu Kobe.

— Eu esperava ter um pouco mais de tempo para formular um plano! — Cora afastou-se e montou no seu pónei. — Vou dar o fora daqui antes de ser vista. — Ela conduziu o animal a passo para fora do conjunto. — Boa sorte — disse, baixinho. Depois desapareceu no bosque nevoento como um mensageiro fantasmagórico.

Mack virou-se para Peg.

— Estamos ficando sem tempo. Venha comigo para a casa. É a nossa melhor chance.

Ela parecia amedrontada.

— Farei o que você quiser.

— Vou ver quem são os visitantes — disse Kobe. — Se for a equipe de busca, vou tentar fazer com que percam tempo.

Peg segurou a mão de Mack quando eles saíram correndo através dos campos gelados, pisando na grama molhada, à luz cinzenta do raiar do dia. Os cachorros desceram a escada galopando ao encontro deles. Roy lambeu a mão de Mack e Rex farejou curiosamente Peg, mas não fizeram barulho.

As portas ali nunca eram trancadas, e Mack entrou com Peg pela entrada dos fundos.

Eles se esgueiraram escada acima.

Mack deu uma espiada pela janela e viu, nos tons preto-e-branco da madrugada, cinco ou seis homens e alguns cães vindo da direção do rio. Enquanto observava, o grupo dividiu-se: dois homens seguiram para a casa e o resto virou nos alojamentos dos escravos com os cães.

Mack foi bater na porta do quarto de Lizzie. “Não me desaponte agora”, pensou.

Experimentou a porta. Estava trancada. Bateu delicadamente, com medo de acordar Jay no quarto ao lado. Nada aconteceu. Bateu com mais força.

Ouviu passos delicados e depois a voz de Lizzie através da porta.

— Quem é?

— Psiu! É o Mack! — cochichou ele.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— Não é o que você pensa. Abra a porta!

Ele ouviu uma chave girar e a porta se abriu. Na obscuridade, mal conseguiu ver Lizzie, que voltou para o interior do quarto. Ele entrou, arrastando Peg. O quarto estava no escuro.

Os passos dela atravessaram o cômodo e uma persiana foi levantada. Na luz fraca Mack viu que usava uma espécie de penhoar e que estava deliciosamente despenteada.

— Explique-se, depressa — disse. — E é melhor que seja uma boa explicação. — Nesta hora ela viu Peg e sua atitude mudou. — Você não está sozinho.

— Peg Knapp — disse ele.

— Eu me lembro. Como vai, Peggy?

— Estou encrencada de novo — disse Peg.

Mack explicou.

— Ela foi vendida a um fazendeiro das montanhas que tentou estuprá-la.

— Oh, meu Deus.

— Ela matou o homem.

— Pobre criança — disse Lizzie, abraçando Peg. — Pobre criança.

— O xerife a procura. Está aí fora, revistando o alojamento dos escravos. — Mack examinou o rosto magro de Peg e, mentalmente, viu as forcas de Fredericksburg. — Temos que escondê-la! — disse.

— Deixe o xerife por minha conta — afirmou Lizzie.

— Como assim? — retrucou Mack, nervoso ao vê-la tentando assumir o controle.

— Explicarei a ele que Peg só queria se defender contra uma tentativa de estupro.

Quando Lizzie se sentia convicta de alguma coisa, costumava imaginar que ninguém podia discordar dela. Era uma característica exasperante. Mack sacudiu a cabeça, impaciente.

— Não adianta, Lizzie. O xerife vai dizer que é a corte que tem que decidir se ela é culpada, e não você.

— Então ela pode ficar aqui até o julgamento.

As ideias de Lizzie eram tão irritantemente fora da realidade que Mack teve de se obrigar a falar calma e ponderadamente.

— Você não pode impedir que um xerife prenda uma pessoa acusada de

assassinato, não importa o que pense sobre o que é certo e errado no caso.

— Talvez ela devesse enfrentar um julgamento. Se é inocente não poder o condená-la...

— Lizzie, seja realista! — exclamou Mack, num arroubo de exasperação. — Que corte da Virgínia vai absolver uma condenada que mata seu proprietário? Todos aqui têm pavor de ser atacados pelos seus próprios escravos. Mesmo que acreditem na história dela, a enforcarão, só para amedrontar o resto.

Lizzie parecia furiosa e estava prestes a retrucar quando Peg começou a chorar. O que fez Lizzie hesitar. Mordeu o lábio e perguntou:

— O que pensa que devemos fazer?

Um dos cachorros rosou lá fora, e Mack ouviu a voz de um homem falando com ele e acalmando-o.

— Quero que esconda Peg aqui dentro enquanto eles revistam a casa — disse para Lizzie. — Você faria isso?

Mack ficou examinando atentamente o rosto de Lizzie. “Se ela disser não”, pensou, “é porque estou apaixonado pela mulher errada.” — Claro que vou fazer! — respondeu ela. — O que você pensa que sou?

Ele sorriu alegremente, inundado por um enorme alívio. Amava-a tanto que teve que lutar para conter as lágrimas. Engoliu em seco.

— Acho você maravilhosa — disse, com a voz embargada.

Falavam baixo e Mack ouviu então um barulho vindo do quarto de Jay, do outro lado da parede. Tinha muito que fazer antes que Peg estivesse a salvo.

— Tenho que dar o fora daqui — disse. — Boa sorte!

Atravessou o patamar e desceu correndo, mas silenciosamente, a escada. Quando chegou no saguão pensou ter ouvido a porta do quarto de Jay abrir-se, mas não olhou para trás para conferir.

Parou no saguão e respirou fundo. “Sou um lacaio da casa e não tenho ideia do que o xerife possa estar querendo”, disse a si próprio.

Fixou um sorriso polido nos lábios e abriu a porta.

Havia dois homens na varanda. Vestiam-se como prósperos residentes da Virgínia: botas de montaria, coletes compridos e chapéus de três bicos. Ambos carregavam pistolas em estojos de couro com tiras passadas pelo ombro. Cheiravam a rum: tinham se armado contra o ar frio da noite.

Mack parou bem no meio do portal para desencorajá-los de entrar.

— Bom dia, cavalheiros — disse. Verificou que seu coração batia

depressa. Lutou para manter a voz relaxada e calma. — Isto parece ser um grupo de busca.

O mais alto dos dois disse:

— Sou o xerife do condado de Spotsylvania e procuro uma garota de nome Peggy Knapp.

— Vi os cães. Foram mandados ao alojamento dos escravos?

— Sim.

— Bem pensado, xerife. Deste jeito vai pegar os negros dormindo e eles não serão capazes de esconder a fugitiva.

— Fico contente em ver que você aprova — disse o xerife, com uma ponta de sarcasmo. — Vamos entrar.

Um condenado não tinha escolha quando recebia ordens de um homem livre e Mack teve que ficar de lado e levá-los até o saguão. Ainda tinha esperanças de que eles achassem desnecessário revistar a casa.

— Por que você está acordado? — perguntou o xerife desconfiado. — Esperávamos ter que acordar todo mundo.

— Sou madrugador.

O homem deu um grunhido neutro.

— O seu senhor está em casa?

— Está.

Mack não queria que subissem; ficariam desconfortavelmente próximos de Peg. .

— Acredito que ouvi o Sr. Jamisson andando por aí — disse. — Devo pedir a ele para que desça?

— Não, não quero que tenha o trabalho de vestir-se.

Mack praguejou silenciosamente. Não havia dúvida de que o xerife dispunha-se a pegar todo mundo de surpresa, se possível. Mas não podia discutir.

— Por aqui, por favor — disse, e levou-os pela escada.

Bateu na porta de Jay. Um momento depois Jay abria, usando um agasalho sobre a camisa de dormir.

— Que diabo é tudo isso? — perguntou, irritado.

— Sou o xerife Abraham Barton, Sr. Jamisson. Desculpe-me pelo incômodo, mas é que estamos procurando a assassina de Burgo Marler. O nome Peggy Knapp significa alguma coisa para o senhor?

Jay encarou Mack.

— Certamente que sim. Essa garota sempre foi uma ladra e não me

surpreende que tenha se transformado numa assassina. Já perguntou ao McAsh aqui se ele sabe onde ela está?

Barton olhou para Mack, espantado.

— Então você é o McAsh! Você não disse quem era.

— Vocês não perguntaram — disse Mack.

Barton não ficou satisfeito com a resposta.

— Você sabia que eu estava vindo para cá agora?

— Não.

Jay ficou desconfiado.

— Então por que está acordado tão cedo?

— Quando eu trabalhava na mina de carvão do seu pai costumava acordar às duas da manhã. Agora sempre acordo cedo.

— Nunca reparei.

— Você nunca está acordado.

— Não me venha com essa sua maldita insolência!

Barton voltou-se para Mack.

— Quando foi a última vez que viu Peggy Knapp?

— Quando desembarquei do Rosebud, seis meses atrás.

O xerife virou-se outra vez para Jay.

— Pode ser que os negros a estejam escondendo. Nós trouxemos cães.

Jay acenou uma mão generosa.

— Vá em frente, faça o que quer que seja necessário.

— Devemos revistar a casa também.

Mack prendeu a respiração. Tinha esperado que isto não fosse ser necessário.

Jay fechou a cara.

— Não é provável que a garota esteja aqui.

— Ainda assim, para fazer um serviço bem-feito...

Jay hesitou, e Mack esperou que ele perdesse o controle e dissesse ao xerife para ir para o inferno. Mas após um momento deu de ombros e disse:

— Claro.

Mack sentiu um aperto no coração.

Jay prosseguiu.

— Apenas minha esposa e eu moramos aqui. O resto da casa está vazio. Mas procure em toda a parte, sem dúvida nenhuma.

— Deixo por sua conta. — E com isto, ele fechou a porta.

Barton perguntou a Mack:

— Onde é o quarto da Sra. Jamisson?

Mack engoliu em seco.

— Aquela porta — disse, adiantando-se para bater delicadamente. Com o coração na boca, disse: — Sra. Jamisson? Está acordada?

Houve uma pausa e Lizzie abriu a porta. Fingindo sono, perguntou:

— Que diabos você quer aqui a esta hora?

— O xerife está procurando uma fugitiva.

Lizzie abriu totalmente a porta.

— Bem, não tenho nenhuma fugitiva aqui dentro.

Mack deu uma olhada, perguntando-se onde Peg teria se escondido. Barton perguntou:

— Posso entrar por um momento?

Houve um quase imperceptível lampejo de medo nos olhos de Lizzie e Mack perguntou-se se Barton teria percebido. Ela deu de ombros simulando uma certa apatia e disse:

— À vontade.

Os dois homens entraram, parecendo um pouco contrafeitos.

Lizzie deixou o penhoar abrir um pouco, como se fosse por acidente. Mack não pôde deixar de notar o modo como a camisola envolvia os seus seios redondos. Os outros dois homens reagiram com o mesmo reflexo. Lizzie encarou diretamente o xerife e ele virou-se, com um ar de culpado. Ela estava deliberadamente fazendo com que se sentissem pouco à vontade, para que passassem a revista apressadamente.

O xerife deitou-se no chão e olhou debaixo da cama enquanto seu assistente abria o guarda-roupa. Lizzie sentou na cama.

Com um gesto rápido, pegou um canto da colcha e esticou-o. Mack ainda vislumbrou um pé pequeno e sujo por uma fração de segundo antes de ser coberto. Peg estava na cama.

Era tão magra que não fazia quase volume sob as cobertas.

O xerife abriu uma arca e o outro homem espiou atrás de um biombo. Não havia muitos lugares para procurar. Será que iam puxar as cobertas da cama?

A mesma ideia deve ter ocorrido a Lizzie, pois ela disse:

— Agora, se já terminaram, vou dormir de novo. — E meteu-se na cama.

Barton olhou sério para Lizzie e a cama. Teria a coragem de exigir que se levantasse de novo? Mas na verdade ele não estava pensando que o dono e

a dona da casa estivessem escondendo a assassina; estava revistando apenas para poder eliminar confortavelmente a possibilidade. Após um momento de hesitação, ele disse.

— Muito obrigado, Sra. Jamisson. Sentimos muito ter perturbado seu descanso.

Vamos continuar revistando o alojamento dos escravos.

Mack sentiu-se fraco, de tão aliviado. Segurou a porta para eles, escondendo seu júbilo.

— Boa sorte — disse Lizzie. — E, xerife, quando terminar seu trabalho, traga seus homens para tomarem café.

Lizzie permaneceu no quarto enquanto os homens e os cães revistavam a fazenda. Ela e Peg conversaram em voz baixa e Peg contou-lhe a história de sua vida. Lizzie ficou horrorizada e abalada. Peg era apenas uma menina, magra, bonita e atrevida.

O bebê de Lizzie natimorto fora uma menina.

Trocaram confidências, contaram sonhos. Lizzie revelou que gostaria de viver ao ar livre, usar roupas de homem e passar o dia inteiro montada, com uma arma. Peg pegou uma folha de papel dobrada e desgastada pelo uso, dentro da sua camisa. Era um desenho colorido à mão mostrando um pai, uma mãe e uma criança de pé, do lado de fora de uma bela casa no campo.

— Eu sempre quis ser a garotinha desse desenho — disse ela. — Mas agora às vezes eu quero ser a mãe.

Na hora de sempre, Sarah, a cozinheira, trouxe o desjejum de Lizzie numa bandeja.

Peg escondeu-se debaixo das cobertas quando ela bateu, mas a mulher entrou e disse para Lizzie:

— Sei de tudo a respeito de Peggy, não precisa se preocupar.

Peg apareceu de novo e Lizzie perguntou, bem-humorada:

— Quem não sabe?

— O Sr. Jamisson e o Sr. Lennox.

Lizzie dividiu seu desjejum com Peg. A menina comeu com tal sofreguidão o presunto grelhado com ovos mexidos, que parecia não comer a um mês.

A equipe de busca foi embora quando ela terminava. Lizzie e Peg foram até a janela e viram os homens atravessarem o gramado e seguirem na direção do rio. Estavam desapontados e vencidos, andando com os ombros recurvados, e os cães, percebendo seu estado de espírito, seguiam atrás obedientemente.

Quando eles desapareceram de suas vistas, Lizzie suspirou de alívio e disse:

— Agora você está a salvo.

Elas se abraçaram alegremente. Peg era puro osso e Lizzie sentiu uma onda de sentimento maternal pela pobre menina.

— Estou sempre segura com Mack — disse Peg.

— Você terá que ficar aqui neste quarto até termos certeza de que Jay e Lennox estão fora do caminho.

— Não tem medo de que o Sr. Jamisson venha aqui?

— Não.

Peg ficou intrigada mas não fez mais perguntas. Em vez de perguntar, afirmou:

— Quando eu for mais velha, vou me casar com Mack.

Lizzie teve a estranhíssima sensação de que estava sendo avisada para se manter à distância.

Mack sentou-se no velho quarto de criança, onde podia ter certeza de que não seria perturbado, examinando seu estojo de sobrevivência. Tinha uma bola roubada de barbante e seis anzóis, feitos para ele por Cass, o ferreiro, para que pudesse pescar. Tinha um caneco e um prato de metal do tipo fornecido aos escravos. Tinha também uma caixa de iscas e pavios para que pudesse acender fogo e uma panela de ferro para cozinhar. O estojo também incluía um machado e uma faca pesada que ele furtara quando os escravos estavam cortando árvores e fazendo barris.

No fundo da bolsa, embrulhada num trapo, o último item era uma chave da sala de armas. Seu último ato antes de fugir seria roubar um rifle e munição. Na bolsa de lona pusera também seu exemplar de Robinson Crusóe e a argola de ferro que trouxera da Escócia. Pegou a argola, lembrando de como a quebrara no ferreiro na noite em que fugira de Heugh.

Rememorou como dançara livre ao luar. Mais de um ano se passara e ainda não era um homem livre. Mas não desistira.

O retorno de Peg removera o último obstáculo que o impedia de fugir de Mockjack Hall. Ela se instalara no alojamento dos escravos e dormia em uma cabana de garotas solteiras. Todos guardariam seu segredo. Sempre protegiam uma igual a eles. Não era a primeira vez que um fugitivo se escondia ali; sempre era possível conseguir uma tigela de canjica e uma cama dura para passar a noite em qualquer fazenda da Virgínia.

Durante o dia ela vagava pelo mato, conservando-se fora das vistas até que escurecesse. Aí retornava para comer com as mãos.

Mack sabia que aquilo não podia continuar por muito tempo. Em breve o tédio a deixaria descuidada e ela seria apanhada. Só que Peg não teria que viver daquele modo por muito tempo mais.

Mack sentiu a pele formigando, de tanta ansiedade. Cora se casara, Peg

estava salva e um mapa lhe ensinara onde tinha que ir.

A liberdade era o desejo do seu coração. Tão cedo quanto quisessem, ele e Peg podiam simplesmente fugir da fazenda ao cabo de um dia de trabalho. Pela madrugada poderiam estar a mais de quarenta quilômetros de distância. Permaneceriam escondidos durante as horas de claridade e prosseguiriam à noite. Como todos os fugitivos, pediriam comida nos alojamentos de escravos da fazenda mais próxima a cada manhã e a cada noite.

Diferentemente da maioria dos fugitivos, Mack não tentaria arranjar um trabalho assim que tivesse ultrapassado o limite dos cento e cinquenta quilômetros. Era assim que sempre os apanhavam. Ele iria mais longe. Seu destino eram as terras selvagens além das montanhas. Lá seria livre.

Mas Peg voltara havia uma semana e ele ainda se encontrava em Mockjack Hall.

Olhou para o seu mapa, os anzóis e a caixa de iscas.

Estava a um passo da liberdade, mas não podia dar esse passo.

Apaixonara-se por Lizzie, e não poderia ir embora sem ela.

Nua, Lizzie estava de pé diante do espelho grande do quarto, contemplando seu corpo.

Dissera a Jay que voltara ao seu normal, mas a verdade é que jamais seria exatamente a mesma de antes da gravidez. Os seios haviam voltado ao tamanho anterior, mas não eram mais tão firmes e pareciam estar um pouco caídos. A barriga nunca retornaria ao normal, via agora: a ligeira protuberância e a falta de elasticidade da pele ficariam com ela para sempre.

Haviam aparecido linhas brancas finas nos pontos onde a pele esticara. Elas desapareceram, mas não por completo, e a impressão que tinha era de que estariam sempre ali. Mais embaixo, o lugar por onde o bebê saía, também estava diferente. Antes era tão apertado que mal podia enfiar um dedo. Aquilo também esticara.

Gostaria de saber se era por este motivo que Jay não mais a desejava. Ele não via seu corpo nu desde o parto, mas talvez soubesse como era, ou adivinhasse, e tivesse nojo. Felia, a garota que era a escrava dele, obviamente jamais tivera um filho. Seu corpo ainda era perfeito.

Jay a engravidaria, mais cedo ou mais tarde. Mas aí então ele a abandonaria, da mesma forma como fizera com Lizzie, e arranjaría outra. Era esse o jeito como ele desejava viver sua vida?

Todos os homens seriam iguais? Lizzie gostaria de poder consultar sua mãe.

Estava sendo tratada como algo que fora usado; que não prestava mais, como um par de sapatos velhos ou um prato rachado. E isto a deixava furiosa. O bebê que crescera dentro dela e fizera com que sua barriga crescesse e alargara sua vagina, era filho de Jay. Ele não tinha o direito de rejeitá-la depois.

Lizzie suspirou. Não adiantava ficar zangado com ele. Ela o escolhera e fora uma idiota por escolhê-lo.

Perguntou-se se alguém acharia seu corpo atraente de novo.

Sentia falta de sentir as mãos de um homem acariciando-a como se nunca fosse se satisfazer. Queria que alguém a beijasse ternamente, apertasse seus seios e enfiasse os dedos dentro dela. Não podia tolerar a ideia de que isto nunca mais fosse acontecer.

Respirou fundo, encolhendo a barriga e projetando o peito para fora. Pronto, lá estava ela quase do jeito como era antes da gravidez. Sopesou os seios, passou a mão nos pelos entre as pernas e brincou com o botão do desejo.

A porta se abriu.

Mack tinha que consertar um ladrilho quebrado na lareira do quarto de Lizzie. Ele perguntara a Mildred:

— A Sra. Jamisson já acordou?

E Mildred respondera:

— Acabou de ir para o estábulo.

Ela devia ter ouvido o Sr. Jamisson. O fato é que tudo isso passou pela sua cabeça numa fração de segundo. Depois não pensou em mais nada a não ser em Lizzie.

Lizzie escava linda de doer. Com ela parada diante do espelho, podia ver seu corpo de ambos os lados. As costas dela estavam voltadas para Mack, cujas mãos ansiaram por acariciar a curva dos seus quadris. No espelho podia ver a curva dos seios redondos e os macios bicos cor-de-rosa. O cabelo entre as pernas era como os cachos escuros da cabeça.

Ele ficou ali parado sem fala. Sabia que devia resmungar um pedido de desculpas e dar o fora depressa, mas seus pés pareciam grudados no chão.

Lizzie voltou-se. Seu rosto estava perturbado, e Mack gostaria de saber o motivo. Nua, parecia vulnerável quase amedrontada.

Finalmente ele reencontrou a voz.

— Oh, mas você é linda — sussurrou.

A expressão do rosto de Lizzie alterou-se, como se uma pergunta

houvesse sido respondida.

— Feche a porta — disse ela.

Ele empurrou a porta e atravessou o quarto em três passadas.

Um momento depois tinha Lizzie nos braços. Esmagou seu corpo nu, sentindo os seios macios no peito. Beijou-lhe os lábios e sua boca abriu-se imediatamente. A língua de Mack encontrou a dela e ele alcançou a glória no calor molhado e na voracidade do seu beijo.

Sentindo que Mack atingia a ereção, Lizzie puxou-lhe os quadris e se esfregou contra ele.

Mack afastou-se, arquejando, com medo de gozar imediatamente. Ela puxou com força seu colete e camisa tentando sentir-lhe a pele nua. Mack atirou de lado o colete e puxou a camisa por cima da cabeça. Lizzie abaixou a cabeça e colocou a boca no bico do peito dele. Seus lábios se fecharam num beijo e depois ela lambeu com a ponta da língua; finalmente mordeu devagar, com os dentes da frente. A dor foi refinada e ele arquejou de prazer.

— Agora faz em mim — disse ela, e arqueou as costas, oferecendo o seio à sua boca.

Mack ergueu o seio com a mão e beijou o bico, que estava duro de desejo. Ele saboreou aquele momento.

— Não tão delicadamente — murmurou ela.

Mack sugou com força e depois a mordeu como Lizzie o havia mordido. Ouviu-a respirar fundo. Teve medo de machucar seu corpo delicado, mas ela pediu:

— Com mais força, quero que doa! — E ele mordeu mais. — Sim, sim — disse ela e puxou a cabeça dele, tanto que seu rosto achatou-lhe o seio.

Parou, com medo de tirar sangue. Quando se endireitou, Lizzie abaixou-se até a sua cintura, arrancou o cordão que segurava os calções e puxou-os para baixo. O pênis dele libertou-se, pulando para cima. Lizzie o tomou com ambas as mãos, esfregou-o nas faces muito lisas e beijou-o. O prazer foi tanto que mais uma vez Mack afastou-se, não querendo terminar tão cedo.

Ele olhou para a cama.

— Lá não — disse Lizzie. — Aqui.

Ela se deitou no tapete em frente ao espelho. Mack ajoelhou-se entre as pernas dela, regalando os olhos.

— Agora, depressa — disse ela.

Ele colocou-se por cima, apoiando o peso nos cotovelos, e ela o conduziu na penetração. O olhar de Mack fixou-se naquelas feições lindas. O

rosto dela estava congestionado e a boca ligeiramente aberta, exibindo os lábios úmidos e os dentes pequenos.

Os olhos muito abertos o encaravam, enquanto ele se mexia.

— Mack — gemeu Lizzie. — Oh, Mack!

Ela mexeu o corpo junto com o dele e cravou os dedos com força nos músculos das suas costas. Mack beijou-a e moveu-se gentilmente, mas, como antes, Lizzie queria mais.

Pegou o lábio inferior dele com os dentes e mordeu. Mack sentiu o gosto de sangue.

— Mais depressa! — disse ela, freneticamente, e seu desespero o contaminou, fazendo com que se movesse cada vez mais rápido, arremetendo para dentro dela quase que com brutalidade.

— Sim, sim, desse jeito! — exclamou Lizzie.

Ela fechou os olhos, entregando-se à sensação e gritou. Mack tapou-lhe a boca com a mão para silenciá-la, e ela mordeu-lhe o dedo com força.

Lizzie puxou os quadris dele de encontro aos seus com tanta força quanto pôde e contorceu-se, os gritos abafados pela mão dele, os quadris se levantando vezes sem conta, até que por fim parou e mergulhou, exausta.

Ele beijou-lhe os olhos e o queixo, ainda movendo-se gentilmente dentro dela. Após um momento a respiração de Lizzie voltou à calma e ela abriu os olhos e disse:

— Olhe ali no espelho.

Ele olhou no espelho grande e viu outro Mack em cima de outra Lizzie, os corpos unidos na altura dos quadris. Viu seu pênis entrando e saindo do corpo dela.

— Uma bela imagem — murmurou ela.

Mack a encarou. Como seus olhos eram escuros, quase negros...

— Você me ama? — perguntou.

— Oh, Mack, como pode perguntar uma coisa dessas? — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Claro que eu o amo, eu o amo, eu o amo!

Só então, ele, finalmente, gozou.

Quando a primeira safra de fumo finalmente ficou pronta para ser vendida, Lennox levou quatro barris para Fredericksburg numa chata. Jay esperou impacientemente pela sua volta, ansioso por saber que preço o fumo alcançaria.

Não ia receber dinheiro vivo: não era assim que o mercado funcionava. Lennox levaria o fumo a um armazém público onde o inspetor oficial

expediria um certificado dizendo que o produto era “comerciável”. Tais certificados, conhecidos como notas de tabaco, eram usados como dinheiro em toda Virgínia. Com o tempo, o último proprietário da nota a resgataria entregando-a ao capitão de um navio em troca de dinheiro ou, o que seria mais provável, de produtos importados da Grã-Bretanha. O capitão pegaria então a nota ao armazém público e a trocaria por fumo.

Jay usaria a nota para pagar as dívidas mais prementes. O ferreiro estava parado há um mês por falta de ferro para fazer ferramentas e ferraduras.

Por sorte Lizzie não notara que estavam quebrados. Depois que o bebê nascera morto, ela vivera numa espécie de transe por três meses. Depois, quando o pegara com Felia, tornara-se furiosamente silenciosa.

Hoje ela estava diferente de novo. Aparentava sentir-se mais feliz e parecia quase amigável.

— O que há de novo? — perguntou ao jantar.

— Problemas em Massachusetts — respondeu ele. — Há um grupo de radicais chamado Filhos da Liberdade. Eles tiveram inclusive o topete de remeter dinheiro para aquele maldito sujeito chamado John Wilkes, em Londres.

— Estou surpresa que saibam da existência dele.

— Pensam que representa liberdade. Enquanto isso, os Comissários Aduaneiros estão com medo de pisar em Boston. Refugiaram-se a bordo do HMS Romney.

— Parece que os colonos encontram-se prontos para se rebelar.

Jay sacudiu a cabeça.

— Eles só precisam de uma dose do remédio que demos aos carregadores de carvão no porto de Londres, uns tiros de rifle e meia dúzia de bons enforcamentos.

Lizzie estremeceu e não fez mais perguntas. Concluíram a refeição em silêncio. Jay acendia o cachimbo quando Lennox entrou. Jay pôde ver que ele estivera bebendo, tanto quanto fazendo negócios em Fredericksburg.

— Está tudo bem, Lennox?

— Não exatamente — disse Lennox, com sua insolência habitual.

Lizzie perguntou, impaciente:

— O que aconteceu?

Lennox respondeu sem olhar para ela.

— Queimaram nosso fumo, foi isto que aconteceu.

— Queimaram? — exclamou Jay.

— Como? — quis saber Lizzie.

— Pelo inspetor. Queimado como lixo. Não comerciável.

Jay sentiu como se tivesse uma pedra de gelo na boca do estômago. Engoliu em seco e disse:

— Eu não sabia que podiam fazer isso.

— O que havia de errado com o nosso fumo? — perguntou Lizzie.

Lennox pareceu contrafeito, algo que não era nada característico nele. Por um momento não disse nada.

— Vamos, conte logo! — disse Lizzie, furiosa.

— Falaram que é fumo de curral — disse Lennox por fim.

— Eu sabia! — exclamou Lizzie.

Jay não tinha ideia de que falavam.

— Como assim, fumo de “curral”? O que é isso?

Lizzie respondeu, friamente:

— Significa que o gado foi preso na terra onde o fumo foi plantado. Quando a terra é adubada em excesso com esterco, o fumo adquire um sabor forte, desagradável.

— Quem são esses inspetores que têm o direito de queimar minha safra? — perguntou Jay, furioso.

— São nomeados pela Casa de Burgueses — respondeu Lizzie.

— É ultrajante!

— Eles têm que manter a qualidade do fumo da Virgínia.

— Vou recorrer à Justiça.

— Jay — disse Lizzie — em vez de recorrer à Justiça, por que não

administra direito a sua plantação? Você pode colher fumo de excelente qualidade se ao menos se interessar.

— Não preciso de uma mulher para me dizer como administrar meus negócios! — berrou ele.

Lizzie olhou para Lennox.

— E tampouco precisa de um idiota — disse.

Uma dúvida terrível acometeu Jay.

— Quanto da nossa safra foi cultivada desse modo?

Lennox nada disse.

— E então? — insistiu Jay.

Foi Lizzie quem respondeu:

— Toda.

Jay compreendeu então que estava arruinado. A fazenda fora hipotecada, ele se encontrava mergulhado em dívidas até as orelhas e toda a safra de fumo nada valia. De repente ele descobriu que não conseguia respirar. A garganta parecia ter fechado. Abriu a boca como um peixe, mas não conseguiu. Finalmente Jay respirou, como um afogado que ia à superfície pela última vez.

— Que Deus me ajude! — disse, e enterrou o rosto nas mãos.

Naquela noite ele bateu na porta do quarto de Lizzie.

Lizzie estava sentada junto do fogo, de camisola de dormir, pensando em Mack.

Sentia-se em êxtase, de tanta felicidade. Ela o amava e ele a amava. Mas o que iam fazer?

Firmou a vista nas chamas. Tentou ser prática, mas a toda hora sua mente voltava a rememorar como tinham feito amor ali em cima do tapete, diante do espelho grande. Queria fazer de novo.

A batida na porta assustou-a. Deu um salto da cadeira e ficou olhando para a porta trancada. A maçaneta foi sacudida, mas ela trancava a porta todas as noites desde que pegara Jay com Felia. Ouviu a voz de Jay:

— Lizzie, abra a porta!

Ela não disse nada.

— Vou a Williamsburg de manhã cedo tentar arranjar mais dinheiro emprestado — disse ele. — Quero ver você antes de ir.

Ela continuou sem dizer nada.

— Sei que você está aí dentro, agora abra! — Ele parecia meio alcoolizado.

Um momento mais tarde houve um baque surdo, como se ele tivesse metido o ombro na porta. Lizzie sabia que não conseguiria nada: as dobradiças eram de metal e o trinco pesado. Os passos recuaram, mas ela imaginou que Jay ainda não desistira. E não errou. Três ou quatro minutos mais tarde ele voltou e disse:

— Se você não abrir a porta, vou botá-la abaixo.

Lizzie ouviu o barulho quando alguma coisa bateu na porta e imaginou que ele fora apanhar um machado. A pancada seguinte abriu uma fenda na madeira e ela viu a lâmina.

Começou a se sentir assustada. Quisera que Mack estivesse por perto, mas ele estava lá embaixo no alojamento dos escravos, dormindo num catre duro. Tinha que se defender sozinha.

Sentindo-se abalada, foi até a mesinha-de-cabeceira e apanhou suas pistolas.

Jay continuou a atacar a porta, desferindo golpes ensurdecadores com o machado, estilhaçando a madeira e fazendo com que as paredes da casa tremessem. Lizzie verificou a carga das pistolas. Com a mão trémula despejou um pouco de pólvora na caçoleta de escorva de ambas. Liberou o fecho de segurança das pederneiras e engatilhou-as.

“Não me importo com mais nada agora”, pensou, fatalisticamente. “O que será, será.” A porta abriu-se e Jay irrompeu quarto adentro, rosto vermelho e arquejante. Com o machado na mão avançou em direção a Lizzie.

Ela esticou o braço esquerdo e disparou um tiro sobre a cabeça dele. No espaço confinado soou como um tiro de canhão. Jay parou e ergueu ambas as mãos num gesto defensivo, parecendo assustado.

— Você sabe como atiro bem quando quero — disse ela. — Mas agora só me resta um tiro e ele irá acertar direto no seu coração.

Enquanto falava, mal podia acreditar que fosse dura o bastante para pronunciar palavras tão violentas ao homem cujo corpo tinha amado. Teve vontade de chorar, mas cerrou os dentes e o encarou sem piscar os olhos.

— Sua vagabunda frígida! — disse ele.

Foi uma farpa inteligente. Frieza era exatamente aquilo de que ela se acusava.

Lentamente, abaixou a pistola. Claro que não ia atirar nele.

— O que você quer? — perguntou.

Ele largou o machado.

— Deitar com você uma vez antes de eu partir — respondeu.

Lizzie sentiu-se enojada. A imagem de Mack retornou à sua mente. Ninguém senão Mack poderia fazer amor com ela agora. A ideia de ir para a cama com Jay era horripilante.

Jay agarrou as pistolas pelos canos, desengatilhou a que ela não disparara e largou ambas no chão.

Lizzie fitou-o, horrorizada. Não podia acreditar que aquilo fosse acontecer. Ele aproximou-se e deu-lhe um soco no estômago. Ela deu um berro de choque e dor e dobrou-se em duas.

Jay gritou:

— Nunca mais aponte uma arma para mim!

Em seguida esmurrou-a no rosto, derrubando-a. Aí chutou-lhe a cabeça, e Lizzie desmaiou.

Na manhã seguinte, Lizzie permaneceu deitada na cama com uma dor de cabeça tão forte que mal conseguia falar.

Sarah entrou com o desjejum, parecendo assustada. Lizzie tomou um pouco de chá e fechou os olhos de novo. Quando Sarah veio pegar a bandeja de volta, Lizzie perguntou:

— O Sr. Jamisson viajou?

— Viajou sim, madame. Foi para Williamsburg ao raiar do dia. O Sr. Lennox foi com ele.

Lizzie sentiu-se um pouco melhor.

Poucos minutos mais tarde Mack irrompeu dentro do seu quarto. Parou do lado da cama e encarou-a, trémulo de raiva.

Esticou a mão e passou-a no rosto dela, com os dedos trêmulos.

Embora os ferimentos fossem recentes, o toque dele foi muito leve, e não a machucou; na verdade, Lizzie achou reconfortante. Pegou a mão dele e beijou-lhe a palma.

Sentaram juntos por longo tempo, sem falar. A dor começou a ceder.

Após algum tempo ela caiu no sono. Só que, quando despertou, ele havia desaparecido.

De tarde Mildred entrou e abriu as persianas. Lizzie sentou onde Mildred penteava seu cabelo. Foi aí que Mack entrou com o Dr. Finch.

— Não mandei buscar o senhor — disse Lizzie.

Mack explicou:

— Eu fui buscá-lo.

Por uma razão qualquer Lizzie sentiu-se envergonhada do que lhe acontecera e desejou que Mack não tivesse ido buscar o médico.

— O que o faz pensar que estou doente?

— Você passou a manhã na cama.

— Eu podia ser apenas preguiçosa.

— E eu podia ser o governador da Virgínia.

Ela abrandou e sorriu. Ele se preocupava com ela, e isto a deixava feliz.

— Sinto-me grata — disse.

— Disseram-me que você só tinha uma dor de cabeça — disse o médico.

— Mas eu não estou doente — replicou ela. “Que diabos”, pensou, “por que não dizer a verdade?” — Minha cabeça dói porque meu marido a chutou.

— Humm... — Finch pareceu envergonhado. — Como está sua visão? Embaçada?

Ele pôs as mãos nas suas têmporas e examinou delicadamente com os dedos.

— Sente-se confusa?

— Amor e casamento me confundem, mas não porque minha cabeça esteja danificada.

Ai!

— Foi neste ponto o golpe?

— Foi; sim, droga!

— Você tem sorte de ter tanto cabelo e do seu cabelo ser encaracolado. Amorteceu o impacto. Alguma náusea?

— Só quando penso no meu marido. — Ela percebeu que estava soando frágil — Mas isto não é da sua conta, doutor.

— Vou lhe passar um remédio para minorar a dor. Não se entusiasme muito, porque cria dependência. Mande me chamar de novo, se tiver qualquer problema com a vista.

Depois que ele se foi, Mack sentou na beira da cama e segurou-lhe a mão. Após algum tempo, disse:

— Se não quer que ele chute sua cabeça de novo, deve deixá-lo.

Lizzie tentou pensar em um motivo pelo qual devesse ficar. Seu marido não a amava.

Não tinham filhos e ao que parecia não iam ter nunca. A casa deles estava quase que certamente perdida. Não havia nada para segurá-la.

— Eu não saberia para onde ir — disse.

— Pois eu saberia. — O rosto dele mostrava profunda emoção. — Eu vou fugir, Lizzie.

O coração dela parou de bater. Não podia tolerar a ideia de perdê-lo.

— Peg irá comigo — acrescentou Mack.

Lizzie olhou espantada para ele, sem dizer nada.

— Venha conosco — disse Mack.

Pronto, ele ia fugir! Já tinha dado a entender antes “fugir com algum vagabundo imprestável” dissera, mas agora não estava sugerindo. Queria que ela dissesse que sim, que ia com ele, agora! Mas Lizzie se conteve. Tinha medo.

— Para onde você irá? — quis saber.

Mack tirou do bolso o estojo de couro e desdobrou um mapa.

— Cento e cinquenta quilômetros a oeste daqui há uma comprida cadeia de montanhas. Ela começa lá em cima na Pensilvânia e desce para o sul, numa extensão muito grande, que ninguém sabe ao certo qual seja. É alta, também. Mas dizem que há um desfiladeiro, chamado Cumberland, lá embaixo, onde nasce o rio Cumberland. Do outro lado das montanhas é território selvagem. Dizem que não há sequer índios lá nessa região, porque há gerações, os sioux e os cherokee vêm guerreando entre si por causa desse território e nenhum dos lados consegue dominar o outro a ponto de poder se estabelecer.

Ela começou a se animar.

— Como você chegaria lá?

— Peg e eu vamos andar. Daqui eu seguiria rumo a oeste até o pé da serra. Peter Jones diz que há uma trilha no sentido sudoeste, mais ou menos paralela às montanhas. Eu seguiria por essa trilha até o rio Holston, aqui no mapa. Depois subiria a serra.

— E... se você não estivesse sozinho?

— Se você fosse comigo, podíamos pegar uma carroça e mais provisões: ferramentas, sementes e comida. Não seria um fugitivo e sim um escravo viajando com sua senhora e a criada dela. Neste caso eu iria para o sul até Richmond e depois para oeste, para Staunton.

Anda-se mais, mas Peter diz que o caminho é melhor. Peter pode estar errado, mas é a única informação que tenho.

Lizzie sentia-se ao mesmo tempo apavorada e emocionada.

— E depois de atingir as montanhas?

Ele sorriu.

— Procuraria um vale cujo rio tivesse peixes e onde houvesse cervos na mata e talvez um casal de águias fazendo ninho nas árvores mais altas. E lá construiríamos uma casa.

Lizzie embalou cobertores, meias de lã, tesouras, agulha e linha.

Enquanto trabalhava, seus sentimentos oscilavam do entusiasmo ao terror. Sentia-se delirantemente feliz com a ideia de fugir na companhia de Mack. Imaginava-se cavalgando ao lado dele na região coberta de bosques, e os dois dormindo juntos em um cobertor sob as árvores. Depois pensava nos riscos. Teriam que caçar sua comida todos os dias; construir uma casa; plantar milho; tratar dos seus cavalos. Os índios podiam ser hostis. Podia

haver criminosos vagando pelo território. E se fossem detidos pela neve? Podiam morrer de fome!

Espiando pela janela do quarto viu a charrete da taverna MacLaine em Fredericksburg.

Havia bagagem na parte de trás e uma única figura no banco do passageiro. O condutor, um velho bêbado chamado Simmns, tinha obviamente vindo para a fazenda errada. Desceu para orientá-lo. Mas quando pôs o pé fora da varanda reconheceu a passageira.

Era a mãe de Jay, Alicia. Ela estava de preto.

— Lady Jamisson! — disse Lizzie, horrorizada. — A senhora devia estar em Londres!

— Olá, Lizzie — disse sua sogra. — Sir George está morto.

— Ataque do coração — disse ela, alguns minutos mais tarde, sentada na sala de visita, com uma xícara de chá na mão. — Teve um colapso no escritório. Levaram-no para Grosvenor Square, mas ele morreu no caminho.

Não havia sinal de soluços em sua voz, ou de lágrimas nos seus olhos, enquanto falava da morte do marido.

Lizzie lembrava da jovem Alicia como uma pessoa atraente, mesmo que não chegasse a ser bonita, mas agora pouco restava do seu antigo fascínio. Não passava de uma mulher de meia-idade que via chegar ao fim um casamento desapontador. Lizzie teve pena dela. “Jamais serei assim”, prometeu.

— Sente falta dele? — perguntou, hesitante.

Alicia dirigiu-lhe um olhar penetrante.

— Eu me casei por fortuna e posição, e foi isto o que tive. Olive foi a única mulher que ele amou e nunca deixou que eu me esquecesse disso. Não quero que sintam pena de mim! Fui eu que quis e aguntei isso por vinte e quatro anos. Mas não me peça para chorar a morte dele. Tudo o que sinto é alívio.

— Que coisa horrível — sussurrou Lizzie.

“Um destino igual estava nas cartas para ela”, pensou, com um arrepio de medo. Mas não ia aceitar. Ia fugir. Mas tinha que ter cuidado com Alicia.

— Onde está Jay? — perguntou Alicia.

— Foi a Williamsburg tentar conseguir dinheiro emprestado.

— A plantação não prosperou então.

— Nossa safra de fumo foi condenada.

Uma sombra de tristeza cruzou o rosto de Alicia. Lizzie percebeu que

Jay era um desapontamento para a mãe, assim como era para a esposa, embora Alicia nunca fosse admitir isso.

— Suponho que você esteja querendo saber o que havia no testamento de Sir George — disse Alicia.

O testamento nem passara pela cabeça de Lizzie.

— Ele tinha muita coisa para legar? Eu achava que o negócio estivesse mal.

— Foi salvo pelo carvão de High Glen. Ele morreu muito rico.

Lizzie perguntou-se se ele teria deixado alguma coisa para Alicia. Se não houvesse deixado, ela talvez esperasse viver com o filho e a nora.

— Sir George deixou você amparada?

— Oh, sim. A minha parte foi definida antes do casamento, é com satisfação que o digo.

— E Robert herdou todo o resto?

— É o que todos nós esperávamos. Mas meu marido deixou um quarto da fortuna para ser dividido entre os netos legítimos que estiverem vivos um ano após sua morte. Assim, o seu bebê é uma criança rica. Quando vou vê-lo? Foi menino ou menina?

Alicia obviamente deixara Londres antes que a carta de Jay chegasse.

— Foi uma menina — disse Lizzie.

— Que bom. Vai ser uma mulher rica.

— Ela nasceu morta.

Alicia não manifestou compaixão.

— Diabos! — praguejou. — Você tem que ter outro filho, depressa.

Mack carregara a carroça com sementes, ferramentas, corda, pregos, fubá e sal. Abriu a sala de armas com a chave de Lizzie e pegara todos os rifles e munição. Pegara também uma aiveca. Quando chegassem no seu destino, ele converteria a carroça em um arado.

Colocaria quatro éguas nos tirantes, decidiu, e levaria também dois garanhões, para que elas pudessem cruzar. Jay Jamisson ficaria furioso com o furto dos seus preciosos cavalos: isto o aborreceria muito mais do que a perda de Lizzie, Mack tinha certeza.

Enquanto amarrava os suprimentos, Lizzie apareceu.

— Quem é sua visitante? — perguntou ele.

— A mãe de Jay, Alicia.

— Meu Deus! Eu não sabia que ela vinha.

— Nem eu.

Mack fechou a cara, preocupado. Alicia não representava ameaça para os seus planos, mas o marido dela sim.

— Sir George também virá?

— Ele morreu.

— Que alívio!

— Bem, que Deus o tenha. O mundo fica melhor sem ele.

— Ainda podemos partir?

— Não vejo por que não. Alicia não pode nos impedir.

— E se ela for ao xerife e disser que fugimos e roubamos tudo isto? — ela indicou a pilha de suprimentos na carroça.

— Lembre-se de nossa história. Você vai visitar um primo que acaba de começar uma fazenda na Carolina do Norte. Você está levando presentes.

— Mesmo que estejamos falidos.

— Os virginianos são famosos por serem generosos, mesmo quando não podem se dar ao luxo de serem.

Lizzie fez que sim.

— Vou me assegurar de que o coronel Thumson e Suzy Delahaye saibam dos meus planos.

— Diga também que sua sogra não aprova e pode tentar criar dificuldades para você.

— Boa ideia! O xerife não vai querer se meter numa briga de família — ela hesitou.

A expressão no seu rosto fez o coração dele disparar. Hesitante, Lizzie perguntou: — Quando... quando partiremos?

Ele sorriu.

— Antes do raiar do dia. Vou levar a carroça para perto do alojamento à noite, para que não façamos muito barulho quando sairmos. Quando Alicia acordar já teremos partido.

Ela apertou o braço dele rapidamente e voltou correndo para dentro de casa.

Mack visitou a cama de Lizzie naquela noite. Ela estava acordada, cheia de medo e excitação, pensando na aventura que começaria pela manhã, quando ele entrou silenciosamente no quarto. Beijou-lhe os lábios, tirou a roupa e meteu-se na cama ao seu lado.

Fizeram amor, conversaram baixinho sobre o dia seguinte e fizeram amor de novo.

Quando se aproximou o raiar do dia, Mack cochilou, mas Lizzie

permaneceu desperta, contemplando as feições dele à luz do fogo na lareira, pensando na jornada que os trouxera de High Glen até aquela cama.

Logo Mack acordou. Beijaram-se, um beijo longo e contente, e se levantaram.

Mack foi até o estábulo enquanto Lizzie se aprontava. Seu coração disparou ao se arrumar. Prendeu o cabelo no alto e vestiu culote, botas de montaria, uma camisa e um colete.

Embrulhou um vestido que poderia vestir rapidamente, caso fosse preciso reverter à condição de mulher rica. Sentia medo em relação à viagem que iam empreender, mas não tinha dúvidas quanto a Mack. Sentia-se tão ligada a ele que lhe confiaria a própria vida.

Quando Mack foi buscá-la, estava sentada na janela, de casaco e chapéu de três bicos.

Ele sorriu ao vê-la em suas roupas favoritas. Deram-se as mãos e desceram na ponta dos pés a escada.

A carroça esperava na estrada, escondida. Peg já estava sentada no banco, embrulhada num cobertor. Jimmy, o cavaleiro, pusera quatro cavalos nos tirantes e prendera outros dois com cordas atrás. Todos os escravos estavam ali para se despedir.

Lizzie beijou Mildred e Sarah, e Mack apertou as mãos de Kobe e Cass. Bess, a menina que se ferira na noite em que Lizzie perdera o bebê, abraçou Lizzie e soluçou. Todos permaneceram em silêncio à luz das estrelas e observaram Mack e Lizzie subirem na carroça.

Mack estalou as rédeas e disse:

— Eh! Vamos!

Os cavalos retesaram os tirantes, a carroça sacudiu e lá se foram eles. Na estrada, Mack virou os cavalos na direção de Fredericksburg. Lizzie olhou para trás. Os trabalhadores da fazenda estavam todos acenando, em completo silêncio. Um momento mais tarde desapareciam de vista. Lizzie olhou para a frente. À distância, o dia raiava.

Matthew Murchman estava fora da cidade quando Jay e Lennox chegaram em Williamsburg. Podia ser que voltasse no dia seguinte, disse sua criada.

Jay rabiscou um bilhete dizendo que precisava de mais dinheiro emprestado e que gostaria de ver o advogado o mais cedo que este pudesse. Deixou o escritório de mau humor.

Seus negócios encontravam-se na mais completa desordem e ele estava impaciente para fazer algo a respeito.

No dia seguinte, obrigado a matar o tempo, foi visitar o prédio vermelho e cinzento de tijolos do Capitólio. Dissolvida pelo governador no ano anterior, a assembleia reunira-se novamente após uma eleição. A Sala dos Burgueses era uma sala modesta e escura, com filas de bancos de ambos os lados e uma espécie de guarita no meio para o presidente. Jay e uma porção de outros observadores ficaram ao fundo, atrás de um gradil. Logo ele percebeu que a política da colônia estava numa confusão. A Virgínia, a colônia mais antiga dos ingleses no continente, parecia pronta para desafiar seu rei legítimo.

Os burgueses discutiam a última ameaça de Westminster: o parlamento britânico dizia que quem quer que fosse acusado de traição poderia ser obrigado a retornar a Londres, segundo uma lei do tempo de Henrique VIII.

Era alto o nível das emoções na sala. Jay observou, enojado, um respeitável proprietário de terras após o outro levantar e atacar o rei. No fim passaram uma resolução dizendo que aquela lei contrariava o direito dos súditos britânicos de serem julgados por um júri de seus pares.

Em seguida passaram às queixas usuais sobre o pagamento de impostos sem ter voz no parlamento de Westminster. “Sem representação, nada de taxaço”, era a palavra de ordem deles.

Desta vez, contudo, foram longe demais e afirmaram seu direito em cooperar com outras assembleias coloniais em oposição às exigências reais.

Jay sentiu-se convicto de que o governador não podia deixar aquilo passar e tinha razão. Pouco antes da hora do jantar, quando os burgueses discutiam uma questão menos importante, o funcionário encarregado de manter a ordem na assembleia interrompeu os trabalhos para anunciar:

— Sr. Presidente, uma carta do governador.

Ele entregou uma folha de papel a um escrivão, que leu e disse:

— Sr. Presidente, o governador ordena o comparecimento imediato de todos os senhores na câmara do conselho.

“Agora eles estão encareados”, pensou Jay, vibrando de entusiasmo.

Jay seguiu os burgueses quando se deslocaram em conjunto, subindo uma escada e atravessando uma passagem. Os espectadores permaneceram no saguão do lado de fora da câmara do conselho e podiam observar o que se passava lá dentro através das portas abertas.

O governador Botetourt, a encarnação da ideia do punho de ferro em luva de veludo, sentou-se à cabeceira de uma mesa oval. Ele foi muito lacônico:

— Eu soube das suas decisões — disse. — Os senhores fizeram com que o meu dever fosse dissolver a Assembleia. Sendo assim, é o que faço neste instante: a Assembleia está dissolvida.

Houve um silêncio atônito.

— Isto é tudo — acrescentou ele, impaciente.

Jay disfarçou seu júbilo quando os burgueses, lentamente, saíram da câmara em fila.

Recolheram seus papéis no salão no andar de baixo e foram saindo para o pátio.

Jay dirigiu-se para a taverna de Raleigh e sentou-se no bar. Pediu sua refeição do meio-dia e flertou com uma garçonete que estava se apaixonando por ele. Enquanto aguardava, viu muitos dos burgueses passarem na direção de uma das salas maiores, nos fundos. Perguntou-se se estariam tramando mais traições. Quando terminou de comer, foi investigar. Conforme imaginara, os burgueses realizavam um debate.

Nem sequer tentavam esconder sua sedição. Estavam cegamente convencidos da correção de sua causa, e isto lhes proporcionava uma espécie de louca autoconfiança. “Será que não entendem”, perguntou-se Jay, “que estão desafiando a ira de uma das maiores monarquias do mundo? Será que imaginam que no fim conseguirão sair impunes? Não percebem que o poderio do exército britânico mais cedo ou mais tarde os esmagará a todos?” A resposta, evidentemente, era não, e tão arrogante eles eram que ninguém protestou quando Jay sentou-se numa cadeira no fundo da sala, embora muitos soubessem que era leal à coroa.

Um deles estava falando, e Jay reconheceu George Washington, um

antigo oficial do exército que ganhara muito dinheiro especulando com terras. Não era grande coisa como orador, mas tinha uma determinação férrea que causou forte impressão em Jay.

Washington tinha um plano. “Nas colônias do norte”, disse ele, “os homens mais importantes haviam formado associações cujos membros concordaram em não importar artigos britânicos. Se os virginianos realmente quisessem pressionar o governo de Londres, deveriam fazer o mesmo.” “Se jamais ouvi um discurso traiçoeiro, aí está um”, pensou Jay.

Os negócios de seu pai iriam sofrer mais ainda se Washington conseguisse fazer valer aquela ideia. Tanto quanto os condenados, Sir George expedia cargas de chá, mobília, corda, maquinaria e uma série de luxos e manufaturas que os colonos não podiam produzir eles próprios. O comércio dele com o norte já fora reduzido a uma fração do nível anterior, motivo pelo qual a firma entrara em crise um ano atrás.

Nem todos concordaram com Washington. Alguns burgueses disseram que as colônias do norte tinham mais indústrias e poderiam produzir muitos artigos essenciais, enquanto o sul dependia mais das importações. O que faremos, queriam saber, sem linha de costura ou tecidos?

Washington disse que podia haver exceções, e o grupo começou a tratar dos detalhes.

Alguém propôs que fosse proibido o abate de carneiros, a fim de aumentar a produção de lã.

Antes que decorresse muito tempo, Washington sugeriu a criação de um pequeno comitê para resolver os detalhes técnicos. A proposta foi aprovada e os membros do comitê escolhidos.

Jay deixou a sala revoltado. Quando atravessava o saguão, Lennox aproximou-se dele com uma mensagem. Era de Murchman.

Tinha voltado, lera o bilhete do Sr. Jamisson e se sentia muito honrado em receber o Sr. Jamisson às nove horas da manhã.

A crise política distraía Jay por um curto período, mas agora seus problemas pessoais voltaram e o mantiveram acordado a noite toda. Ora ele culpava o pai por ter lhe dado uma plantação que não podia fazer dinheiro, ora amaldiçoava Lennox por ter exagerado no esterco, em vez de desmatar novos campos. Perguntou-se também se a safra não seria perfeita e os inspetores a houvessem queimado para puni-lo pela sua lealdade ao rei inglês. Enquanto ele se revirava na cama estreita, chegou inclusive a pensar que Lizzie tinha desejado que a criança nascesse morta para irritá-lo.

Foi cedo para a casa de Murchman. Aquela era sua única chance. Não importava de quem tinha sido a culpa, ele não conseguira fazer com que a plantação fosse lucrativa. Se não conseguisse mais dinheiro emprestado, seus credores iriam executar a hipoteca e ele, além de não ter dinheiro, passaria também a não ter teto.

Murchman parecia nervoso.

— Providenciei para que o seu credor viesse encontrar-se com o senhor — disse ele.

— Credor? Você tinha me dito que era um grupo econômico.

— Ah, sim, um pequeno logro, sinto muito. A pessoa queria permanecer anônima.

— Por que então ele decidiu revelar-se agora?

— Eu... não poderia dizer.

— Bem, suponho que ele esteja planejando me emprestar o dinheiro de que preciso; caso contrário, para que se dar ao trabalho de me ver?

— Eu me atreveria a dizer que o senhor tem razão, mas ele não me confidenciou seus motivos.

Jay ouviu uma batida na porta da frente e vozes baixas quando alguém foi admitido.

— Quem é ele, afinal?

— Acho que eu deixarei que ele próprio se apresente.

A porta abriu-se e entrou o irmão de Jay, Robert. Jay pôs-se de pé de um salto, atônito.

— Você! — exclamou. — Quando foi que chegou?

— Há alguns dias — respondeu Robert.

Jay estendeu a mão e Robert apertou-a brevemente. Fazia quase um ano desde que Jay o vira pela última vez, e Robert estava ficando cada dia mais parecido com o pai: robusto, carrancudo, lacônico.

— Então, foi você que me emprestou o dinheiro? — disse Jay.

— Foi o pai — disse Robert.

— Graças a Deus! Eu estava com medo de não conseguir mais dinheiro emprestado de um estranho.

— Mas o pai não é mais seu credor — esclareceu Robert. — Ele está morto.

— Morto? — Jay desabou na cadeira, abruptamente. O choque foi profundo. O pai não chegara a completar sessenta anos. — Como...?

— O coração falhou.

Jay teve a impressão de que lhe tivessem tirado um suporte de sob os pés. Seu pai o tratara mal, mas estivera sempre presente, consistente e aparentemente indestrutível. De repente o mundo tornara-se um lugar mais inseguro. Embora já se encontrasse sentado, Jay quis se apoiar em alguma coisa. Olhou de novo para o irmão. Havia uma expressão de triunfo e vingança no semblante de Robert. Por que ele estava satisfeito?

— Há mais alguma coisa — disse Jay. — Por que você está com esse ar tão presunçoso?

— Agora sou eu o seu credor — disse Robert.

Jay viu o que estava por vir. Sentiu como se tivesse levado um soco na boca do estômago.

— Seu porco — murmurou.

Robert fez que sim.

— Vou executar sua hipoteca. A plantação de fumo é minha. Fiz o mesmo com High Glen: comprei as hipotecas e executei. Aquilo lá agora também me pertence.

Jay mal podia falar.

— Você deve ter planejado isso — disse, com esforço.

Robert fez que sim. Jay conteve as lágrimas.

— Você e o pai...

— Sim.

— Fui arruinado pela minha própria família.

— Você foi arruinado por você mesmo. Você é preguiçoso, insensato e fraco.

Jay ignorou os insultos. Só conseguia pensar em que seu próprio pai planejava sua derrocada. Lembrou de como a carta de Murchman tinha chegado apenas alguns dias após sua chegada na Virgínia. O pai devia ter escrito antecipadamente, mandando que o advogado lhe oferecesse uma hipoteca. Antecipara que a plantação enfrentaria dificuldades e planejava tirá-la de Jay. Seu pai estava morto, mas enviara aquela mensagem de rejeição do além-túmulo.

Jay levantou devagar, com muito esforço, como um velho.

Robert guardou silêncio, observando com uma expressão de escárnio e desdém.

Murchman teve a delicadeza de agir como se fosse culpado. Contrafeito, apressou-se a abrir a porta e segurou-a para Jay. Lentamente, Jay atravessou o saguão e saiu para a rua lamacenta.

Jay estava bêbado por volta da hora do jantar. Tão bêbado que até mesmo Mandy, a garçonete que estava se apaixonando por ele, pareceu perder o interesse. Naquela noite Jay desmaiou no bar do Raleigh. Lennox deve tê-lo levado para a cama, porque acordou no seu quarto na manhã seguinte.

Pensou em se matar. Não tinha nenhum motivo para continuar vivendo: nem casa, nem futuro, nem filhos. Jamais conseguiria ser alguma coisa na Virgínia, agora que fora à bancarrota e não tolerava a ideia de regressar para a Grã-Bretanha. Sua mulher o odiava e até mesmo Felia agora pertencia ao seu irmão. A única questão era saber se metia uma bala na cabeça ou se bebia até morrer.

Bebia conhaque de novo às onze da manhã quando sua mãe entrou no bar. Quando a viu, pensou que talvez estivesse enlouquecendo. Levantou-se e encarou-a, assustado. Lendo seus pensamentos, como sempre, ela disse:

— Não, não sou um fantasma. — Beijou-o e sentou-se.

Quando recuperou a compostura, ele quis saber:

— Como foi que você me encontrou?

— Fui a Fredericksburg e me disseram que você estava aqui. Prepare-se para um choque. Seu pai morreu.

— Eu sei.

Aquilo a surpreendeu.

— Como?

— Robert está aqui.

— Por quê?

Jay contou a história e explicou que Robert agora era o proprietário, tanto de High Glen quanto da plantação.

— Eu receava que aqueles dois estivessem aprontando algo assim — disse ela, amargurada.

— Estou arruinado — disse ele. — Pensava em me matar.

Ela arregalou os olhos.

— Robert não lhe contou o que estava no testamento do seu pai.

De repente Jay viu um brilho de esperança.

— Ele deixou alguma coisa para mim?

— Não, para você não. Para o seu filho.

O coração de Jay apertou de novo.

— A criança nasceu morta.

— Um quarto da herança foi para qualquer neto do seu pai nascido

dentro de um ano após a morte dele. Se não houver netos após um ano, Robert fica com tudo.

— Um quarto? É uma fortuna!

— Tudo o que você tem a fazer é engravidar a Lizzie de novo.

Jay conseguiu forçar um sorriso.

— Bem, isso pelo menos eu sei fazer.

— Não tenha tanta certeza assim. Ela fugiu com aquele mineiro de carvão.

— O quê?

— Ela fugiu, com McAsh.

— Meu Deus! Ela me deixou? E fugiu com um condenado? — Era humilhante demais. Jay desviou o rosto. — Nunca me reabilitarei disso. Meu Deus!

— Levaram uma carroça, seis dos seus cavalos e suprimentos suficientes para começar diversas fazendas.

— Malditos ladrões! — Ele se sentia ultrajado e impotente. — Você não pôde detê-los?

— Tentei o xerife, mas Lizzie foi esperta. Inventou uma história de que ia levar presentes para uma prima na Carolina do Norte. Os vizinhos disseram ao xerife que eu não passava de uma sogra rabugenta tentando criar caso.

— Eles todos me odeiam porque sou leal ao rei. — A gangorra da esperança e do desespero foi demais para Jay, que mergulhou num estado letárgico. — Não adianta — disse.

— O destino está contra mim.

— Não desista ainda!

Mandy, a garçonete, interrompeu para perguntar a Alicia o que ela desejava. Alicia pediu chá. Mandy dirigiu um sorriso coquete para Jay.

— Eu poderia ter um filho com outra mulher — disse ele, quando Mandy afastou-se.

Alicia olhou desdenhosamente o traseiro ondulante da garçonete e disse:

— Não adianta. O neto tem que ser legítimo.

— Eu poderia me divorciar de Lizzie?

— Não. É necessário que o parlamento aprove e uma fortuna em dinheiro, e de qualquer forma não temos tempo. Enquanto Lizzie estiver viva, tem que ser ela.

— Não tenho ideia de para onde ela terá ido.

— Eu tenho.

Jay olhou espantado para a mãe. Sua esperteza nunca deixava de assombrá-lo.

— Como sabe?

— Eu os segui.

Ele sacudiu a cabeça, com incrédula admiração.

— Como foi que você fez isso?

— Não foi difícil Perguntei a todo mundo se alguém tinha visto uma carroça puxada por quatro cavalos com um homem, uma mulher e uma criança. Não há tanto tráfego assim que as pessoas esqueçam.

— Para onde eles foram?

— Seguiram para o sul até Richmond. Lá pegaram uma estrada chamada de Trilha dos Três Desfiladeiros e rumaram para oeste, na direção das montanhas. Eu virei para leste e vim parar aqui. Se você partir na manhã de hoje, estará apenas três dias atrás deles.

Jay avaliou as palavras da mãe. Detestava a ideia de caçar uma mulher fugida: fazia com que parecesse um idiota. Mas era sua única chance de herdar. E um quarto da fortuna do pai era uma vasta fortuna.

O que faria quando voltasse com ela?

— E se Lizzie não quiser voltar? — perguntou.

O rosto de sua mãe exibiu as linhas severas da determinação.

— Há uma outra possibilidade, é claro — disse. Olhou para Mandy e depois voltou a dirigir o olhar frio para o filho. — Você poderia engravidar outra mulher e desposá-la e herdar, se Lizzie morresse de repente.

Ele olhou fixamente para a mãe por um longo momento. Ela continuou:

— Eles estão se dirigindo para um território selvagem, despovoado, além do alcance da lei. Qualquer coisa pode acontecer lá: não há xerifes, nem magistrados encarregados de investigar casos de mortes suspeitas. A morte súbita é normal e ninguém questiona.

Jay engoliu em seco e quis apanhar o copo. Alicia estendeu a mão, impedindo-o.

— Chega — disse ela. — Você tem que se preparar para a viagem.

Relutantemente, ele desistiu do resto do conhaque.

— Leve Lennox com você — aconselhou ela. — Se o pior vier a acontecer e você não for capaz de persuadir ou forçar Lizzie a voltar em sua companhia, ele saberá como resolver.

Jay balançou a cabeça.

— Muito bem — disse. — Eu vou fazer isso.

A antiga trilha de caça de búfalos conhecida como Trilha dos Três Desfiladeiros seguia para oeste, quilómetro após quilómetro, atravessando a paisagem ondulada da Virgínia.

Ela corria paralela ao rio James, como Lizzie pôde ver no mapa de Mack. Atravessava uma série de elevações e vales formados pelas centenas de riachos que desaguavam no rio, ao sul.

A princípio passaram por inúmeras propriedades grandes, como as que existiam nas cercanias de Fredericksburg, mas à medida que avançavam para oeste, as casas e campos se tornavam menores, e as extensões de terra devoluta maiores.

Lizzie sentia-se feliz. Também sentia medo, ansiedade e culpa, mas não podia deixar de sorrir. Estava ao ar livre, a cavalo, ao lado do homem que amava, começando uma grande aventura.

Sua cabeça preocupava-se com o que podia acontecer, mas seu coração cantava.

Forçaram bastante os cavalos, pois temiam que pudessem ser seguidos. Alicia Jamisson não ia ficar sentada quietinha em Fredericksburg, aguardando que Jay voltasse para casa. Teria enviado uma mensagem para Williamsburg, ou ido lá ela própria, para avisá-lo do que acontecera. Não fosse pela notícia que ela trouxera sobre o testamento de Sir George, Jay poderia dar de ombros e deixar que se fossem. Mas agora precisava da esposa para providenciar o neto indispensável. Quase que certamente iria perseguir Lizzie.

Tinham diversos dias de vantagem sobre Jay, mas ele viajaria mais depressa, pois não precisava de uma carroça de suprimentos.

Como seguiria a trilha dos fugitivos? Teria que fazer indagações nas casas e tavernas ao longo do caminho na esperança de que as pessoas reparassem em quem passasse. Havia poucos viajantes na estrada e a carroça podia muito bem ser lembrada.

No terceiro dia a paisagem tornou-se mais acidentada. Campos cultivados cederam lugar a pastagens, e uma cadeia de montanhas azuis apareceu ao longe, em meio à névoa.

À medida que os quilómetros iam sendo vencidos, os cavalos tornavam-

se exaustos, tropeçando na estrada de solo muito irregular e teimosamente reduzindo a velocidade. Nos trechos de subida, Mack, Lizzie e Peg saltavam e caminhavam, para reduzir a carga, mas não era o bastante. As cabeças dos animais abaixavam, seu ritmo reduzia-se ainda mais e eles não mais reagiam ao chicote.

— O que é que há com eles? — perguntou Mack, ansioso.

— Temos que alimentá-los melhor — respondeu ela. — Estão vivendo do que conseguem pastar de noite. Para um trabalho destes, puxar uma carroça o dia inteiro, os cavalos têm que comer aveia.

— Eu devia ter trazido um pouco — replicou ele, lastimando se. — Nem pensei nisso; não sei muitas coisas sobre cavalos.

Naquela tarde chegaram a Charlottesville, um novo povoado estabelecido onde a Trilha dos Três Desfiladeiros cortava a Trilha dos Semínolas, uma velha rota indiana no sentido norte-sul. A cidade fora projetada em ruas paralelas que subiam a montanha vindas da estrada, mas a maioria dos lotes ainda não tinha nada, havendo apenas umas doze casas ao todo. Lizzie viu um tribunal com um pelourinho na frente, e uma taverna identificada por um cartaz onde haviam pintado toscamente um cisne.

— Podemos comprar aveia aqui — disse ela.

— Não vamos parar — disse Mack. — Não quero que se lembrem de nós.

Lizzie compreendeu o raciocínio dele. A encruzilhada apresentaria um problema a Jay.

Ele teria que descobrir se os fugitivos tinham virado para o sul ou continuado para oeste. Se chamassem a atenção parando na taverna para comprar suprimentos, facilitariam a tarefa de Jay. Os cavalos teriam que sofrer mais um pouco.

Poucos quilômetros além de Charlottesville eles pararam onde a estrada era atravessada por uma trilha quase invisível. Mack acendeu uma fogueira e Lizzie preparou canjica. Sem sombra de dúvida havia peixe nos riachos e cervo nos bosques, mas os fugitivos não tinham tempo para pescar ou caçar, de modo que tomaram mingau. Aquilo não tinha gosto de nada, foi o que Lizzie descobriu, e a textura pegajosa era nauseante. Ela obrigou-se a tomar algumas colheres, mas ficou enjoada e jogou o resto fora.

Sentiu-se envergonhada ao se lembrar de que os peões de Mockjack Hall tinham comido aquilo todos os dias.

Enquanto Mack lavava as tigelas num regato, Lizzie amarrava os

cavalos de modo que pudessem pastar à noite, mas não fossem capazes de fugir. Por fim, os três se embrulharam em cobertores e se deitaram debaixo da carroça, lado a lado. Lizzie gemeu quando se deitou, e Mack perguntou:

— O que é que há?

— Minhas costas doem — respondeu ela.

— Você estava acostumada com um colchão de penas.

— Prefiro deitar no chão frio com você do que dormir sozinha num colchão de penas.

Não fizeram amor, com Peg ao lado, mas quando acharam que ela estava dormindo, falaram, cochichando bem baixinho, sobre todas as coisas que tinham passado juntos.

— Quando puxei você de dentro do rio e o sequei com minha anágua — disse Lizzie.

— Você se lembra?

— Claro. Como poderia esquecer?

— Enxuguei suas costas, e depois, quando você se virou... — ela hesitou, subitamente tímida. — Você tinha ficado... excitado.

— Muito. Eu estava tão exausto que mal conseguia me aguentar de pé, mas mesmo assim queria fazer amor com você.

— Eu nunca tinha visto um homem daquele jeito antes. Achei tão excitante que sonhei depois. Fico envergonhada ao me lembrar de quanto gostei de ver aquilo.

— Você mudou muito. Você era muito arrogante.

Lizzie riu baixinho.

— Eu pensava a mesma coisa de você.

— Eu era arrogante?

— Claro! Levantar-se na igreja e ler uma carta para o lorde proprietário das terras onde trabalhava!

— É, acho que fui arrogante mesmo.

— Talvez nós dois tenhamos mudado.

— Ainda bem. — Mack acariciou-lhe o rosto. — Acho que me apaixonei por você naquele dia na igreja, quando você me disse para desaparecer.

— Amei você durante muito tempo sem saber. Lembro-me da luta de boxe. Cada soco que o atingia me machucava. Odiei ver seu belo corpo danificado. Depois, quando você ainda estava inconsciente, eu o acariciei. Toquei no seu peito. Eu o desejei naquela hora, antes de me casar. Mas não

admiti a mim mesma.

— Eu vou lhe dizer quando começou para mim. No fundo do poço da mina, quando você caiu em meus braços e eu, acidentalmente, apertei seu seio e percebi quem você era.

Ela deu uma risadinha.

— Você me segurou um tantinho a mais do que realmente teria sido necessário?

Ele pareceu ter ficado com vergonha ali, à luz da fogueira.

— Não, mas depois me arrependi.

— Agora você pode me segurar tanto quanto queira.

Posso. — Ele a abraçou e puxou-a para junto de si. Ficaram em silêncio por longo tempo, e nessa mesma posição caíram no sono.

No dia seguinte cruzaram uma cadeia de montanhas através de um desfiladeiro e desceram para uma planície do outro lado. Lizzie e Peg conduziram a carroça na descida enquanto Mack ia à frente montado em um dos cavalos sobressalentes. Lizzie estava doída por dormir no chão e começava a sentir falta de boa comida. Mas era preciso se acostumar: tinham um longo caminho pela frente. Cerrou os dentes e pensou no futuro.

Podia dizer que Peg tinha algo em mente.

Lizzie gostava de Peg. Sempre que olhava para ela pensava no bebê que morrerá. Peg fora um bebezinho, amada pela mãe. Pensando nessa mãe, Lizzie amaria e cuidaria de Peg.

— O que a está preocupando? — perguntou Lizzie.

— Essas fazendas montanhosas me lembram da propriedade de Burgo Marler.

“Devia ser horrível” pensou Lizzie, “ter matado alguém”, mas ela sentiu que devia ser alguma outra coisa, e antes que se passasse muito tempo, Peg revelou o que era.

— Por que você decidiu fugir conosco?

Era difícil achar uma resposta simples para esta pergunta. Lizzie pensou e acabou por responder:

— Principalmente porque meu marido não me ama mais, acho eu. — Alguma coisa na expressão de Peg fez com que ela acrescentasse: — Parece que você preferiria que eu tivesse permanecido em casa.

— Bem, você não consegue comer nossa comida e não gosta de dormir no chão, e se nós não a tivéssemos trazido, não precisávamos ter a carroça e poderíamos andar mais depressa.

— Eu vou me acostumar. E os suprimentos na carroça vão tornar muito mais fácil para nós montarmos uma casa na selva.

Peg continuou parecendo emburrada e Lizzie adivinhou que havia mais por vir. Sem dúvida, pois após um silêncio, Peg disse:

— Você está apaixonada por Mack, não está?

— Claro!

— Mas você acaba de se livrar do seu marido. Não é um pouquinho cedo, não?

Lizzie estremeceu. Ela própria pensava daquela forma, nos seus momentos de dúvida; mas era irritante ouvir as mesmas críticas feita por uma criança.

— Meu marido não tocou em mim nos últimos seis meses. Quanto tempo mais você acha que eu deveria esperar?

— Mack me ama.

Aquilo estava se tornando complicado.

— Acho que ele ama a nós duas — disse Lizzie. — Mas de modo diferente.

Peg sacudiu a cabeça.

— Ele me ama. Eu sei.

— Ele tem sido como um pai para você. E eu tentarei ser como uma mãe, se você deixar.

— Não! — disse Peg, furiosa. — Não vai ser assim!

Lizzie ficou sem saber o que dizer. Olhando em frente, viu um rio raso, com uma construção de madeira baixa ao lado.

Obviamente a estrada atravessava o rio num vau naquele ponto, e a construção era uma taverna usada pelos viajantes. Mack estava amarrando seu cavalo a uma árvore perto da casa. Ela fez a carroça parar. Um homem grande adiantou-se, usando calças de couro, sem camisa e um velho chapéu de três bicos.

— Precisamos comprar aveia para os nossos cavalos — disse Mack.

O homem replicou com uma pergunta.

— Vocês vão descansar as parelhas, entrar e tomar uma bebida?

De repente Lizzie achou que um caneco de cerveja era a coisa mais desejável na face da terra. Ela trouxera dinheiro de Mockjack Hall; não muito, mas o bastante para as compras essenciais na viagem.

— Sim — disse ela, em tom decidido e pulou de cima da carroça.

— Eu sou Barney Tobold; me chamam de Baz — disse o taverneiro, que

dirigiu um olhar zombeteiro para Lizzie.

Ela estava usando roupas de homem, mas não completara o disfarce e seu rosto era obviamente feminino. Mas não fez comentário e os conduziu para dentro. Quando seus olhos se ajustaram à obscuridade, Lizzie viu que a taverna era um salão de chão batido com dois bancos e um balcão, e uns poucos canecos de madeira em uma prateleira. Baz pegou um barril de rum, mas ela fez que não, dizendo:

— Rum, não. Só cerveja, por favor.

— Eu vou querer rum — apressou-se a dizer Peg.

— Não, se sou eu que estou pagando, você não vai tomar rum. — Lizzie a contradisse.

— Cerveja para ela também, Baz, por favor.

Ele serviu a cerveja de um barril em canecos de madeira.

Mack entrou com o mapa na mão e perguntou:

— Que rio é esse?

— Nós o chamamos de rio sul. Depois de atravessá-lo, onde a estrada vai dar?

— Uma cidade chamada Staunton, a uns trinta e cinco quilômetros de distância.

Depois de Staunton não há muita coisa: umas poucas trilhas, uns fortes da fronteira, depois montanhas de verdade, que ninguém jamais atravessou. Para onde é que vocês vão, afinal?

Mack hesitou e, por isso, Lizzie respondeu:

— Estou indo visitar um primo.

— Em Staunton?

Lizzie ficou aturdida com a pergunta.

— Humm... Perto de lá.

— É mesmo? Qual é o nome dele?

Ela disse o primeiro nome que lhe veio à cabeça.

— Angus... Angus James.

Baz franziu a testa.

— É engraçado. Pensei que conhecesse todo mundo, mas não reconheço este nome.

Lizzie improvisou.

— Pode ser que sua fazenda seja um tanto afastada da cidade. Nunca estive lá.

Ouviu-se o barulho de cascos vindo de fora. Lizzie se lembrou de Jay.

Teria emparelhado com eles tão cedo? O barulho deixou Mack inquieto também, e ele disse:

— Se queremos chegar a Staunton ao cair da noite...

— Não temos tempo para nos demorar — concluiu Lizzie. Ela esvaziou o caneco.

— Vocês mal molharam as gargantas — reclamou Baz. Bebam mais uma.

— Não — disse Lizzie, decidida. Ela pegou a bolsa. — Deixa eu pagar você.

Dois homens entraram, piscando à luz mortíça. Pareciam ser habitantes das proximidades: ambos vestiam calças de couro e botas feitas em casa. Com o canto do olho, Lizzie viu Peg sobressaltar-se e voltar às costas aos recém-chegados, como se não quisesse que vissem seu rosto.

Um deles cumprimentou alegremente:

— Olá, estranhos! — Era um homem feio com o nariz quebrado e um olho fechado.

— Eu sou Chris Dobbs, conhecido como Zarolho Dobbs. É um prazer conhecer vocês. Quais são as notícias do leste? Os ingleses continuam gastando o dinheiro dos nossos impostos em novos palácios e jantares elegantes? Deixem que eu lhes pague uma bebida. Rum para todo mundo, Baz, por favor.

— Estamos de saída — disse Lizzie. — Mas obrigado, assim mesmo.

Dobbs examinou-a mais detidamente e disse:

— Uma mulher de calças de couro!

Ela o ignorou e disse:

— Adeus, Baz, e obrigado pela informação.

Mack saiu e Lizzie e Peg deslocaram-se para a porta. Dobbs olhou para Peg e registrou a surpresa que sentiu.

— Eu conheço você — disse ele. — Vi você com Burgo Marler. Que Deus o tenha.

— Nunca ouvi falar dele — disse Peg, ousadamente, e passou direto.

No segundo seguinte o homem chegou à conclusão lógica.

— Jesus Cristo, você deve ser a pequena vagabunda que o matou!

— Espere um minuto — disse Lizzie. Queria que Mack não tivesse saído tão depressa.

— Não sei que ideia maluca o senhor tem na sua cabeça, mas Jenny é criada na minha família desde que tinha dez anos de idade e nunca conheceu

ninguém chamado Burgo Marler, o que dirá matá-lo.

Ele não era um tipo de quem se podia livrar com facilidade.

— O nome dela não é Jenny, embora seja parecido: Betty, ou Milly ou Peggy. É isso sim, é Peggy Knapp.

Lizzie ficou doente de medo.

Dobbs virou-se para o seu companheiro, em busca de apoio.

— É ela, não é?

O outro homem deu de ombros.

— Não vi a condenada do Burgo mais que uma ou duas vezes, e as garotas são todas iguais — respondeu, na dúvida.

Baz disse:

— Mas ela se ajusta à descrição do jornal — Ele enfiou a mão sob o balcão e tirou um mosquete.

O medo de Lizzie desapareceu e ela ficou furiosa.

— Espero que você não esteja pensando em me ameaçar, Barney Tobold — disse ela, e sua voz a surpreendeu pela força.

Ele replicou:

— Talvez vocês todos devessem estar por perto enquanto mandamos uma mensagem para o xerife de Staunton. Ele anda aborrecido por não ter apanhado a assassina de Burgo. Sei que ele vai querer verificar a sua história.

— Não vou ficar esperando que vocês descubram que estão enganados.

Ele apontou-lhe a arma.

— Acho que você vai ter que esperar.

— Deixa eu explicar uma coisa. Vou sair daqui com esta criança, e só há uma coisa que você precisa saber: se matar a esposa de um rico cavalheiro da Virgínia, nenhuma desculpa será capaz de salvá-lo da força.

Com estas palavras, Lizzie pôs a mão sobre os ombros de Peg, parou entre ela e a arma e empurrou-a para a frente.

Baz engatilhou a pederneira com um clique ensurdecador.

Peg retorceu-se sob as mãos de Lizzie, e esta aumentou mais a pressão dos braços, sentindo que a garota queria sair correndo.

Eram três metros até a porta, mas elas tiveram a impressão de que foi preciso uma hora para chegar lá.

Nenhum tiro foi disparado.

Lizzie sentiu a luz do sol no seu rosto. Não pôde se conter mais. Empurrando Peg, lançou-se em desabalada carreira. Mack já estava montado. Peg pulou na boleia da carroça e Lizzie a seguiu.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Mack. — Parece que você viu um fantasma.

— Vamos dar o fora daqui! — disse Lizzie, estalando as rédeas. — Aquele sujeito que só tem um olho reconheceu Peg!

Ela virou a carroça para leste. Se fossem para Staunton teriam primeiro que vadear o rio, o que levaria tempo demais e depois estariam se lançando nos braços do xerife. Tinham que voltar pelo caminho pelo qual tinham vindo.

Olhando por cima do ombro, ela viu os três homens na porta da taverna, Baz ainda empunhando o mosquete. Ela chicoteou os cavalos, fazendo-os que rompessem num trote.

Baz não atirou.

Poucos segundos depois estavam fora de alcance.

— Por Deus — exclamou Lizzie, aliviada. — Que momento mais difícil!

A estrada fez uma curva na floresta e eles desapareceram das vistas da taverna. Após algum tempo, Lizzie reduziu a andadura dos cavalos, fazendo com que seguissem a passo.

Mack aproximou-se no seu cavalo.

— Esquecemos de comprar aveia — disse.

Mack sentiu-se aliviado com a fuga, mas lamentou a decisão de Lizzie de voltar.

Deviam ter vadeado o rio e seguido em frente.

Staunton obviamente era onde ficava a fazenda de Burgo Marler, mas podia ser que encontrassem uma trilha que contornasse a cidade, ou se esgueirado por dentro dela à noite.

Não a criticou, contudo, pois ela se vira forçada a tomar uma decisão instantânea.

Pararam onde haviam acampado na noite anterior, no lugar onde a Trilha dos Três Desfiladeiros era cortada por um caminho secundário. Tiraram a carroça da estrada principal e a esconderam debaixo das árvores; agora eram fugitivos da justiça.

Mack examinou o mapa e decidiu que teriam que voltar a Charlottesville e tomar a Trilha dos Semínolas na direção sul. Poderiam virar para oeste de novo um ou dois dias passando a cerca de oitenta quilômetros de distância de Staunton.

No entanto, pela manhã ocorreu a Mack que Dobbs podia estar se

dirigindo a Charlottesville. Poderia ter passado pelo acampamento oculto após o escurecer, alcançando assim a cidade antes deles. Contou a Lizzie sua preocupação e propôs ir a cavalo a Charlottesville sozinho para ver se o caminho estava limpo.

Ela concordou.

Ele forçou o cavalo e chegou na cidade antes do sol nascer.

Reduziu a marcha e se aproximou da primeira casa a passo. O lugar estava silencioso: nada se movia, exceto um cachorro velho que se coçava no meio da rua. A porta da taverna Swane estava aberta e saía fumaça de sua chaminé. Mack desmontou, amarrou o cavalo em um arbusto e aproximou-se cautelosamente da taverna.

Não havia ninguém no bar.

Talvez Dobbs e seu companheiro inseparável tivessem ido na direção contrária, rumo a Staunton.

Um cheiro de dar água na boca vinha de alguma parte. Ele contornou o prédio pelos fundos e viu uma mulher de meia-idade fritando bacon.

— Preciso comprar aveia — disse ele.

Sem levantar a cabeça do seu trabalho, ela disse:

— Há uma loja em frente ao tribunal. Obrigado. Você viu Zarolho Dobbs?

— Quem diabos é ele?

— Esquece.

— Gostaria de comer qualquer coisa antes de ir?

— Não, obrigado. Gostaria de ter tempo.

Deixando o cavalo, ele subiu a colina até a construção de madeira onde funcionava o tribunal. Do outro lado da praça havia uma construção menor com um cartaz pintado toscamente que dizia “Vendo Sementes”. Estava fechada, mas numa casinha nos fundos encontrou um homem semidespido fazendo a barba.

— Preciso comprar aveia — disse ele, mais uma vez.

— E eu preciso fazer a barba.

— E eu não vou esperar. Venda-me duas sacas de aveia agora ou vou comprar no vau do rio sul.

Resmungando, o homem enxugou o rosto e levou Mack até o interior da loja.

— Estranhos na cidade?

— Só você — respondeu ele.

Parecia que Dobbs não tinha vindo na noite anterior.

Mack pagou com o dinheiro de Lizzie e levou os dois grandes sacos nas costas.

Quando saiu, ouviu um tropel e levantou a cabeça para ver três cavaleiros vindo do leste, e depressa.

Seu coração falhou uma batida.

— Amigos seus? — perguntou o comerciante.

— Não.

Mack desceu a colina depressa. Os cavaleiros pararam na Swan. Ele diminuiu o passo e abaixou a aba do chapéu sobre os olhos. Quando desmontaram, estudou-lhes os rostos.

Um deles era Jay Jamisson.

Mack praguejou mentalmente. Jay quase os pegara, graças à confusão da véspera no rio sul. Por sorte Mack fora cauteloso e como resultado estava sabendo dos movimentos de Jay. Agora tinha que pegar seu cavalo e ir embora sem ser visto.

De repente ele percebeu que o “seu” cavalo tinha sido roubado de Jay, e estava amarrado por uma corda a um arbusto a menos de três metros de distância do lugar onde Jay agora se encontrava.

Jay adorava seus cavalos. Se desse uma espiada na direção daquele, reconheceria como sendo um dos seus. E saberia na mesma hora que os fugitivos não estariam longe.

Mack atravessou uma cerca quebrada que demarcava um lote cheio de mato e ficou observando, protegido por um renque de arbustos. Lennox acompanhava Jay e havia um terceiro homem que ele não conhecia. Lennox amarrou sua montaria ao lado da de Mack, escondendo parcialmente das vistas de Jay o cavalo roubado. Lennox não adorava cavalos e não reconheceria aquele. Jay amarrou o seu ao lado do de Lennox.

“Entrem, entrem!” gritou Mack mentalmente, mas Jay virou-se e disse qualquer coisa para Lennox.

Lennox disse qualquer coisa e o outro homem deu uma risada grosseira. Uma gota de suor rolou pela testa de Mack e caiu dentro do seu olho. Ele piscou e quando sua visão clareou, os três estavam entrando na Swan.

Ele deixou escapar um suspiro de alívio. Mas ainda não tinha acabado.

Saiu de trás dos arbustos, ainda recurvado sob o peso de duas sacas de aveia e atravessou a estrada rapidamente para o lado da taverna. Transferiu os sacos para o cavalo.

Ouviu o barulho de alguém às suas costas. Não se atreveu a virar-se. Pôs um pé no estribo e uma voz exclamou:

— Ei, você!

Mack virou-se devagar. Era o estranho. Respirou fundo e disse:

— O que é?

— Queremos comer.

— Fale com a mulher nos fundos.

Mack montou no seu cavalo.

— Ei.

— O que agora?

— Passou por aqui uma carroça puxada por quatro cavalos, com uma mulher, uma menina e um homem?

Mack fingiu pensar.

— Recentemente, não — respondeu, saindo.

Não se atreveu a olhar para trás. Um minuto depois tinha deixado a cidade. Sentia-se ansioso para voltar para junto de Lizzie e Peg, mas viu-se forçado a ir devagar por causa do peso da aveia e o sol estava escaldante na hora em que chegou à encruzilhada. Saiu da estrada principal e tomou a trilha secundária, até o acampamento oculto.

— Jay está em Charlottesville — disse, assim que viu Lizzie.

Ela empalideceu.

— Tão perto!

— Provavelmente ele seguirá a Trilha dos Três Desfiladeiros atravessando as montanhas mais tarde, ainda hoje. Mas assim que chegar no vau do rio sul, descobrirá que voltamos. Isto o colocará apenas um dia e meio atrás de nós. Teremos que abandonar a carroça.

— E todos os nossos suprimentos!

— A maior parte deles. Temos três cavalos sobressalentes: poderemos levar tudo o que eles conseguirem carregar.

Mack deu uma olhada na trilha estreita que buscava o sul saindo do ponto onde tinham acampado.

— Em vez de voltar para Charlottesville, podíamos tentar seguir por esta trilha para o sul. Provavelmente ela corta caminho e se encontra com a Trilha dos Semínolas a poucos quilômetros da cidade. E parece que dá passagem para cavalos.

Lizzie não era do tipo de se lamentar. Sua fisionomia assumiu uma expressão determinada.

— Tudo bem — disse, muito séria. — Vamos começar a descarregar.

Tiveram que abandonar o arado, a arca de Lizzie cheia de roupas e um pouco do fubá, mas conseguiram continuar com as armas, as ferramentas e as sementes. Amarraram os cavalos de carga um no outro e montaram.

Lá pelo meio da manhã estavam a caminho.

Por três dias eles seguiram pela antiga Trilha dos Semínolas na direção sudoeste através de uma majestosa série de vales e desfiladeiros sinuosos cercados pelas exuberantes florestas que recobriam as montanhas. Viram fazendas isoladas, mas pouca gente e nenhuma cidade. Os três seguiam lado a lado, com os cavalos com a carga atrás, em fila. Mack ficou machucado por montar tanto tempo, mas a despeito disto sentia-se feliz. As montanhas eram magníficas, o sol estava brilhando e ele era um homem livre.

Na manhã do quarto dia eles enfrentaram uma elevação e avistaram, no vale lá embaixo, um rio largo de águas escuras e uma série de ilhas. Na outra margem, um punhado de edificações de madeira e uma balsa larga de fundo chato amarrada a um cais.

Mack parou o cavalo.

— Meu palpite é de que esse é o rio James, e que aquele casario é um lugarejo chamado Lynch's Ferry.

Lizzie adivinhou o que Mack estava pensando.

— Você quer virar para o oeste de novo.

Ele fez que sim.

— Não vimos praticamente ninguém nestes três dias, Jay terá dificuldade em descobrir nosso rastro. Mas se atravessarmos por aquela balsa, teremos que conhecer o balseiro, e talvez seja difícil evitar o taverneiro, o dono da venda e todos os comerciantes locais.

— Bem pensado — aprovou Lizzie. — Se sairmos da estrada aqui, ele não será capaz de imaginar que caminho teremos seguido.

Mack examinou o mapa.

— O vale sobe na direção noroeste e leva a um desfiladeiro. Do outro lado desse desfiladeiro deveremos poder pegar a trilha que parte de Staunton no rumo sudoeste.

— Ótimo.

Mack sorriu para Peg, que se conservava em silêncio e indiferente.

— Você concorda? — perguntou, tentando fazer com que ela opinasse também.

— Tanto faz — disse ela.

Peg parecia infeliz e Mack imaginou que fosse por sentir medo de ser

apanhada. Devia estar cansada, também; às vezes ele esquecia de como Peg era tão pequena.

— Anime-se! — disse ele. — Estamos fugindo!

Ela desviou o rosto. Mack trocou olhares com Lizzie, que fez um gesto de impotência.

Abandonaram a trilha numa curva e desceram uma encosta recoberta por uma floresta para afinal atingirem o rio, mais ou menos um quilômetro acima do lugarejo. Mack achou que provavelmente não haviam sido observados.

Seguiram então por um caminho plano que corria para oeste ao longo da margem por diversos quilômetros. Depois ele se afastou do rio, margeando uma cadeia de montanhas. O trajeto foi difícil e com frequência tiveram que desmontar e conduzir os cavalos por caminhos pedregosos. Mack, contudo, jamais perdeu a inebriante sensação de liberdade.

Terminaram o dia ao lado de um riacho cujas águas desciam céleres a montanha.

Lizzie caçou um pequeno cervo que tinha ido beber água em um remanso pedregoso. Mack o carneou e fez um espeto para assar um pernil. Deixando Peg cuidando do fogo, foi lavar as mãos sujas de sangue.

Dirigiu-se à parte mais baixa do riacho, onde uma pequena cascata se lançava numa espécie de piscina funda. Ajoelhou-se na saliência de uma rocha e lavou as mãos na água que caía. Depois decidiu tomar banho, e tirou toda a roupa. Quando acabou de tirar os calções, levantou os olhos e viu Lizzie.

— Toda vez que tiro a roupa e pulo num rio...

— Você me vê olhando!

Os dois riram.

— Venha tomar banho comigo — disse ele.

O coração de Mack bateu mais depressa quando ela tirou a roupa. Contemplou amorosamente seu corpo. Ela parou diante dele nua, com uma expressão de desafio no rosto.

Eles se abraçaram e se beijaram. Quando pararam para respirar, Mack foi assaltado por uma ideia tola. Olhou para a piscina, uns três metros abaixo, e disse:

— Vamos pular.

— Não! — disse ela. Mas mudou de ideia em seguida: — Está bem!

Eles se deram as mãos, colocaram-se na beirada da margem e pularam, rindo sem parar. Caíram ainda de mãos dadas.

Mack mergulhou e largou Lizzie, e quando voltou à superfície, viu que ela estava perto, resfolegando, soprando e rindo ao mesmo tempo. Juntos eles nadaram para a margem, até sentirem o leito do rio sob seus pés e aí pararam para descansar.

Mack puxou-a e sentiu, excitado, suas coxas nuas encostarem nas dele. Não quis beijá-la naquele instante, pois fazia questão de contemplar seu rosto. Acariciou-lhe os quadris. A mão de Lizzie fechou-se em torno do seu pênis rígido e ela o encarou nos olhos.

Mack teve a impressão de que ia explodir.

Ela passou os braços em torno do pescoço dele, de forma que as suas coxas apertaram-lhe a cintura. Mack firmou bem os pés no leito do rio e levantou-a um pouco. Lizzie contorceu-se um pouco e encaixou-se nele. Mack penetrou-a com tanta facilidade como se viessem praticando aquela posição há anos.

Depois da água fria, a carne de Lizzie foi como óleo quente na sua pele. Subitamente Mack se sentiu como se vivesse um sonho. Estava fazendo amor com a filha de Lady Hallim numa queda d'água: como uma coisa dessas podia ser real?

Lizzie pôs a língua dentro da boca de Mack e ele a sugou. Ela riu, mas logo concentrou-se e seu rosto ficou sério de novo.

Levantou o corpo, apoiando-se no pescoço dele, e deixou-se mergulhar repetidamente.

Gemeu uns gemidos graves e guturais e meio que fechou os olhos. Ele ficou observando seu rosto, hipnotizado.

Com um canto do olho Mack viu algo se movendo na margem. Virou a cabeça e teve um vislumbre de algo colorido, que desapareceu em seguida. Alguém estava espiando. Teria Peg tropeçado neles, acidentalmente, ou seria um estranho?

Ele sabia que devia se preocupar, mas Lizzie gemia cada vez mais alto e o pensamento fugiu de sua mente. Ela começou a gritar, suas coxas o apertaram num ritmo que aumentava cada vez mais e por fim esmagou o corpo de encontro ao dele e gritou; Mack segurou-a com força e sacudiu-a com paixão até que se sentiu esvaziado.

Quando voltaram ao local do acampamento, Peg havia desaparecido. Mack teve um mau pressentimento.

— Pensei ter visto alguém, lá embaixo na piscina, quando estávamos fazendo amor.

Foi só um vislumbre, e eu não seria capaz de dizer nem se era homem, mulher ou criança.

— Tenho certeza de que foi Peg — disse Lizzie. — Acho que ela fugiu. Mack semicerrou os olhos.

— O que lhe dá tanta certeza?

— Ela sente ciúmes de mim porque você me ama.

— O quê?

— Peg ama você, Mack. Ela me disse que ia se casar com você. Claro que é apenas uma fantasia de menina, mas ela não sabe disso. Há dias que vem sofrendo muito e agora acho que nos viu fazendo amor e fugiu.

Mack teve a horrível impressão de que aquilo era verdade. Imaginou como Peg se sentiria e foi angustiante. Agora a pobre menina estava vagando sozinha nas montanhas à noite.

— Oh, meu Deus, o que vamos fazer?

— Procurá-la.

— É isso mesmo. — Mack obrigou-se a reagir. — Ainda bem que ela não levou um cavalo. Não pode ter ido muito longe.

— Vamos procurar. Vamos fazer archotes. Provavelmente terá voltado pelo mesmo caminho que viemos. Aposto como a encontraremos dormindo debaixo de uma árvore.

Procuraram a noite inteira. Recuaram na trilha por onde tinham vindo durante horas, mostrando a luz dos archotes na floresta de ambos os lados do caminho sinuoso. Depois retornaram ao acampamento, fizeram novos archotes e seguiram o curso do riacho subindo a montanha, tendo que galgar muitas pedras com a ajuda das mãos. Nem sinal dela.

De madrugada comeram um pouco do pernil carregaram os suprimentos nos cavalos e seguiram em frente. Era possível que ela tivesse seguido no rumo oeste e Mack tinha esperanças de que esbarrassem nela, mas andaram a manhã inteira sem encontrá-la.

Ao meio-dia deram com outra trilha. Era uma mera estradinha de terra, mas mais larga que uma carroça e havia marcas de cascos na lama. Vinha do nordeste para o sudoeste e ao longe era possível ver uma cadeia de majestosas montanhas se erguendo no céu azul. Aquela era a estrada que tinham procurado, o caminho para o desfiladeiro Cumberland.

Com os corações pesados, eles viraram para sudoeste e seguiram.

Na manhã do dia seguinte, Jay Jamisson conduziu seu cavalo pela encosta da montanha e desceu até o rio James. Do outro lado, podia ver o povoado chamado Lynch's Ferry.

Jay estava exausto, dolorido e desanimado. Detestava intensamente Binns, o rufião que Lennox contratara em Williamsburg.

Estava cansado de comida ruim, roupas imundas, longos dias em cima da sela e noites curtas no chão duro. Nos últimos dias suas esperanças subiram e desceram como as intermináveis trilhas nas montanhas que seguia.

Ficara tremendamente animado quando chegara no vau do rio sul e soubera que Lizzie e seus comparsas tinham sido forçados a recuar. No entanto, ficara intrigado a respeito de como tinham passado por ele na estrada.

— Eles saíram da trilha em algum lugar — dissera Zanolho Dobbs confiantemente quando se sentaram na taverna ao lado do rio.

Dobbs vira os três fugitivos no dia anterior e reconhecera Peg Knapp como a condenada fugitiva que matara Burgo Marler.

Jay supôs que ele devia estar com a razão.

— Mas eles foram para o norte ou para o sul? — perguntou, preocupado.

— Se você estiver fugindo da lei, sul é a direção de que precisa, longe dos xerifes, tribunais e juízes.

Jay não tinha tanta certeza assim. Devia haver montes de lugares nas treze colônias onde um grupo familiar aparentemente respeitável — marido, mulher e criada — poderia estabelecer-se discretamente e desaparecer. Mas o palpite de Dobbs parecia mais provável. Ele disse a Dobbs, como dissera a todo mundo, que pagaria uma recompensa de cinquenta libras inglesas a quem prendesse os fugitivos. O dinheiro, suficiente para comprar uma fazendinha ali, viera da sua mãe. Quando partiram, Dobbs vadeou o rio e seguiu para oeste, rumo a Staunton. Jay esperava que ele espalhasse a notícia da recompensa. Se os fugitivos conseguissem dar um jeito de passar por Jay, ainda assim poderiam ser apanhados por outros.

Jay retornou a Charlottesville, esperando descobrir que Lizzie tivesse passado pela cidade e seguido para o sul. A carroça, contudo, não fora vista

de novo. Jay só podia imaginar que tivessem conseguido desviar-se de Charlottesville e encontrado outra rota que os levasse à Trilha dos Semínolas, que demandava o sul. Apostando nesta hipótese, ele conduziu sua turma pela trilha. Mas o campo ficava cada vez mais despovoado e não encontraram ninguém que se lembrasse de ter visto um homem, uma mulher e uma menina na estrada.

Mas ele tinha grandes esperanças de conseguir alguma informação ali em Lynch's Ferry. Chegaram na margem e gritaram para o outro lado do rio de águas rápidas. Um vulto saiu de dentro de uma casa e entrou na balsa. Havia uma corda esticada de uma margem à outra e a balsa era presa a esta corda engenhosamente, de tal jeito que a pressão da correnteza a impulsionava na travessia. Quando chegou na margem onde se encontravam, Jay e seus companheiros embarcaram as montarias. O balseiro ajustou as cordas e voltou para o outro lado.

O homem tinha as roupas escuras e as maneiras sóbrias de um quaker.

— Estamos procurando um grupo de três pessoas: uma mulher jovem, um escocês mais ou menos da mesma idade dela, e uma menina de quatorze anos. Passaram aqui?

O homem sacudiu a cabeça.

Jay sentiu um aperto no coração. Talvez estivesse totalmente na trilha errada.

— Alguém poderia ter passado por aqui sem você ver?

O homem custou a responder, e acabou dizendo:

— Teria que ser um danado de um bom nadador.

— E se atravessaram o rio em algum outro lugar?

Houve outra pausa e ele disse:

— Então não atravessaram aqui.

Binns deu uma risadinha e Lennox o silenciou com um olhar malévolo.

Jay deu uma olhada no rio e praguejou baixinho. Lizzie não era vista há seis dias.

Conseguira escapular de algum modo. Podia estar em qualquer lugar. Podia ter ido para a Pensilvânia. Podia ter retornado para a costa leste e estar a bordo de um navio destinado a Londres. Ele a perdera. Lizzie fora mais esperta e o impediria de receber a herança do pai.

“Se algum dia eu a vir de novo, por Deus que lhe darei um tiro na cabeça”, pensou ele.

Na verdade ele não sabia o que ia fazer se a encontrasse.

Preocupava-se constantemente com esta questão, enquanto ia percorrendo as trilhas irregulares. Sabia que ela não ia querer voltar para ele de boa vontade. Teria que levá-la de pés e mãos amarrados. Podia não ceder mesmo depois disso; provavelmente seria obrigado a estuprá-la. A ideia o excitou estranhamente.

No caminho foi perturbado por lembranças lascivas: os dois se acariciando no sótão da casa vazia, com as mãos de ambos do lado de fora. Lizzie se balançando na cama, nua e despudorada; fazendo amor com Lizzie, ela em cima, gemendo e se contorcendo. Mas quando estivesse grávida, como faria para ela ficar? Poderia trancá-la em um local afastado até que desse à luz?

Tudo seria muito mais simples se ela morresse. Não era improvável: ela e McAsh certamente iam querer resistir. Jay não pensava que fosse capaz de matar a mulher a sangue-frio. Mas podia esperar que ela fosse morta numa briga. Aí então poderia se casar com uma garçonne saudável, engravidá-la e tomar um navio para Londres a fim de reclamar sua herança.

Este, contudo, era um sonho feliz. A realidade era que quando finalmente se defrontasse com ela, teria que tomar uma decisão. Ou a levava para casa viva, dando-lhe ampla oportunidade para frustrar seus planos, ou tinha que matá-la.

Como acabaria com ela? Nunca matara ninguém, e só uma vez usara a espada para ferir pessoas: no distúrbio dos mineiros de carvão em que capturara McAsh. Mesmo odiando Lizzie, não era capaz de se imaginar enfiando uma espada naquele corpo com que fizera amor. Uma vez tinha apontado o rifle para o seu irmão e puxado o gatilho. Se tivesse que matar Lizzie, o melhor seria atirar de longe, como se fosse um cervo. Mas não podia garantir que seria capaz de fazer nem mesmo isto.

A balsa completou a travessia. Lado a lado do desembarcadouro, havia um sólido edifício de madeira com dois andares e um sótão. Havia também diversas outras casas também sólidas, cuidadosamente distribuídas, na colina íngreme que vinha logo depois do rio.

O lugar parecia ser uma comunidade próspera dedicada ao comércio. Quando desembarcaram, o balseiro disse, em tom casual:

— Tem uma pessoa esperando por vocês ali na taverna.

— Esperando por nós? — exclamou Jay, atônito. — Como alguém poderia saber que vínhamos para cá?

O balseiro respondeu uma outra pergunta.

— Um sujeito com cara de mau e um olho fechado.

— Dobbs! Como foi que ele chegou aqui na nossa frente?

Lennox acrescentou:

— E por quê?

— Pergunte a ele — sugeriu o balseiro.

A notícia animara Jay, que ficou ansioso para resolver o enigma.

— Vocês vão tratar dos cavalos — ordenou. — Vou entrar e falar com Dobbs.

A taverna era a construção de altos e baixos ao lado do atracadouro da balsa. Ele entrou e viu Dobbs sentado a uma mesa comendo ensopado em uma tigela.

— Dobbs, que diabos você está fazendo aqui?

Dobbs levantou o olho bom e falou com a boca cheia:

— Vim reclamar a recompensa, capitão Jamisson.

— De que é que você está falando?

— Olha só ali. — Ele apontou para o canto.

Lá estava, amarrada a uma cadeira, Peg Knapp. Jay a fitou espantado. Aquilo era uma sorte e tanto!

— De onde diabos ela veio?

— Eu a encontrei na estrada, ao sul de Staunton.

Jay franziu a testa, curioso.

— Para onde se dirigia?

Para o norte, na direção da cidade. Eu estava saindo da cidade, indo ao moinho do Miller.

— Gostaria de saber como chegou lá.

— Eu perguntei, mas ela não quer falar.

Jay olhou de novo para a garota e viu equimoses no seu rosto. Dobbs não tinha sido gentil com ela.

— Vou lhe dizer o que penso — disse Dobbs. — Eles chegaram aqui, mas não atravessaram o rio. Em vez de cruzar o rio, seguiram para oeste. Devem ter abandonado a carroça em algum lugar. Subiram a cavalo o vale do rio até a estrada de Staunton.

— Mas você encontrou Peg sozinha.

— Sim.

— E assim, foi preciso apenas pegá-la.

— Não foi tão fácil assim — protestou Dobbs. — Ela corria como o vento, e cada vez que eu a agarrava, escorregava por entre meus dedos. Mas

eu estava montado num cavalo e ela não, e no fim se cansou.

Uma mulher quaker apareceu e perguntou se Jay queria alguma coisa para comer.

Ele fez um gesto impaciente para que se afastasse; estava demasiado ansioso para interrogar Dobbs.

— Mas como foi que você chegou aqui antes de nós?

Ele sorriu.

— Eu desci o rio numa jangada.

— Deve ter havido uma briga — disse Jay, entusiasmado. — Esta pequena cadela assassina deixou os outros e tomou o rumo norte. Assim eles devem ter seguido para o sul — ele franziu a testa.

— Onde imagina que estejam indo?

— A estrada vai dar em Fort Chiswell. Depois desse ponto, não há muita terra colonizada. Um pouco mais ao sul há um lugar chamado Colina do Lobo, depois é território cherokee. Eles não vão se unir à tribo, de modo que eu diria que vão se virar para oeste em Colina do Lobo, de onde seguir o direto para as montanhas.

— Os caçadores falam de um desfiladeiro chamado Cumberland, através do qual se cruza as montanhas, mas nunca estive lá.

— O que é que há do outro lado?

— Terra selvagem, é o que dizem. Boa caçada, tipo de terra de ninguém entre os cherokee e os sioux. Chamam-na por aqui de terra da grama azul.

Jay finalmente entendeu. Lizzie planejava começar vida nova em um território inabitado. “Mas não ia conseguir”, pensou excitadamente. “Ele a pegaria e traria de volta — viva ou morta.” — A criança não vale grande coisa por ela em si — disse ele a Dobbs. — Você vai ter que nos ajudar a pegar os outros dois, se quer mesmo suas cinquenta libras.

— Quer que eu seja seu guia?

— Quero.

— Eles estão uns dois dias na frente de vocês agora, e podem viajar depressa sem a carroça. Vai ser preciso uma semana ou mais para pegá-los.

— Você terá o total das cinquenta libras se conseguirmos.

— Espero que possamos reduzir a diferença que nos separa antes que abandonem a trilha e finquem pé na mata.

— Amém a isto — disse Jay.

Dez dias depois da fuga de Peg, Mack e Lizzie atravessaram uma larga planície e alcançaram o poderoso rio Holston.

Mack estava entusiasmado. Tinham cruzado numerosos regatos e riachos, mas não havia dúvida na sua cabeça de que aquele era o rio que procuravam. Além de muito mais largo do que os outros, tinha uma ilha comprida no meio do leito.

— É este — disse ele para Lizzie. — Aqui é o limite da civilização.

Durante alguns dias tinham se sentido quase que sós no mundo. Na véspera viram um homem branco, um caçador de peles, e três índios em um morro distante; hoje, nenhum homem branco e diversos grupos de índios. Os índios não eram amistosos nem hostis: conservavam-se à distância.

Mack e Lizzie não passavam por um campo cultivado há muito tempo. As fazendas eram cada vez em menor número e a caça aumentara: bisões, cervos, coelhos e milhões de aves comestíveis: perus, patos, galinhas e codornas. Lizzie caçou mais do que os dois seriam capazes de comer.

O tempo tinha sido generoso com eles. Chovera uma vez, e tinham enfrentado lama o dia inteiro e tremido, encharcados, a noite toda; mas no dia seguinte o sol os secara. Estavam machucados pela sela e com os ossos doendo, mas os cavalos aguentavam, fortificados pela grama verdejante que havia em toda a parte e pela aveia que Mack comprara em Charlottesville.

Não tinham visto nem sinal de Jay, mas isto não queria dizer nada; Mack tinha que presumir que ele ainda os estivesse seguindo.

Fizeram os cavalos beber água no Holston e sentaram-se para descansar na margem pedregosa. A trilha sumira aos poucos, enquanto atravessavam a planície, e depois do rio não havia o menor sinal de um caminho. Para o norte o terreno ganhava altura e lá no fundo, talvez a uns quinze quilômetros de distância, uma alta cadeia de montanhas erguia-se, assustadora, no céu. Era para lá que se dirigiam.

— Deve haver uma passagem — disse Mack.

— Não estou vendo — disse Lizzie.

— Nem eu.

— Se não houver...

— Procuraremos outra — afirmou ele, resolutivo.

Mack falou procurando parecer que sentia muita confiança, mas no fundo do coração tinha medo. Estavam entrando em território não mapeado. Podiam ser atacados por leões da montanha ou ursos selvagens. Os índios podiam se mostrar hostis.

Naquela oportunidade havia bastante comida para quem quer que dispusesse de um rifle de caça, mas o que aconteceria no inverno?

Pegou o mapa, embora soubesse que sua imprecisão era cada vez maior.

— Queria encontrar alguém que soubesse o caminho — choramingou Lizzie.

— Encontramos diversas pessoas — disse ele.

— E cada uma contou uma história diferente.

— Mesmo assim, todas pintaram o mesmo quadro — contrapôs Mack. — Os vales dos rios cortam o território de nordeste para sudoeste, justo como o mapa mostra e temos que ir para noroeste, em ângulo reto com os rios. Atravessando uma série de elevações altas.

— O problema será encontrar os desfiladeiros que dão passagem através das cadeias de montanha.

— Teremos que andar em ziguezague. Sempre que virmos um desfiladeiro que possa nos levar para o norte, seguimos por ele.

— Quando dermos com uma cadeia de montanhas que pareça impossível de atravessar, viramos para oeste e seguimos o vale, o tempo todo procurando outra chance de virar para o norte. Os desfiladeiros podem não existir no lugar mostrado no mapa, mas tem que haver em alguma parte.

— Bem, não nos resta nada a fazer senão tentar — disse ela.

— Se nos metermos em problemas, teremos que refazer nossa rota e tentar uma outra diferente, mais nada.

Ela sorriu.

— Prefiro fazer isso do que fazer visitas em Grosvenor Square.

Ele retribuiu o sorriso. Lizzie estava disposta a qualquer coisa: amava esta sua característica.

— É melhor que escavar carvão, também.

O rosto de Lizzie ficou novamente sério.

— Quisera que Peg estivesse conosco.

Mack sentia-se do mesmo modo. Não tinham visto sinal de Peg depois que ela fugira.

Esperaram encontrá-la no primeiro dia, mas isto não acontecera.

Lizzie chorara toda aquela noite: para ela, era como se tivesse perdido

duas filhas, primeiro o bebê e depois Peg. Não tinham ideia de onde podia se encontrar e mesmo se ainda estaria viva.

Tinham feito tudo o que podiam para encontrá-la, mas esta certeza significava um pequeno consolo. Depois que tudo que ele e Peg tinham passado juntos, ele acabara por perdê-la. Os olhos de Mack se enchiam de lágrimas sempre que pensava nela.

Mas agora ele e Lizzie podiam fazer amor todas as noites, sob as estrelas. Era primavera, e a temperatura se mantinha amena: por sorte não chovia. Logo construiriam sua casa e fariam amor sob um teto. Depois teriam que armazenar carne salgada e peixe defumado para o inverno. Até lá ele roçaria um campo e plantaria as sementes que trouxeram...

Mack ficou de pé.

— Este foi um descanso curto — disse Lizzie, quando se levantou.

— Vou me sentir mais feliz quando estivermos longe deste rio — explicou Mack. — Jay pode adivinhar nossa rota até aqui, mas este é o ponto onde nos livramos dele.

Involuntariamente, ambos olharam na direção pela qual tinham vindo. Ninguém à vista. Mas Jay estava na estrada, em algum ponto, Mack tinha certeza. Foi neste instante que ele sentiu que estavam sendo observados. Percebera o movimento com o canto do olho e agora confirmava.

Tenso, virou lentamente a cabeça. Viu dois índios de pé, a poucos metros de distância.

Aquele era o limite norte do território cherokee e eles vinham vendo os nativos à distância já há três dias, mas nenhum se aproximara.

Aqueles dois eram rapazes de cerca de dezessete anos de idade. Tinham o cabelo preto liso e a pele avermelhada escura característica dos primitivos americanos, e usavam túnica e calças de couro de gamo que os novos imigrantes tinham copiado.

O mais alto levantou um peixe grande que parecia um salmão.

— Eu quero faca — disse.

Mack supôs que tivessem andado pescando naquele rio.

— Você quer trocar?

O rapaz sorriu.

— Eu quero faca.

Lizzie disse:

— Nós não precisamos de um peixe, mas sim de um guia. Aposto como ele sabe onde fica o desfiladeiro.

Aquela era uma boa ideia. Seria um tremendo alívio saber onde estavam indo. Mack perguntou, ansioso:

— Você vai nos guiar?

O rapazinho sorriu, mas era óbvio que não entendera. Seu companheiro permaneceu silencioso e imóvel Mack tentou de novo.

— Você será nosso guia?

Ele começou a parecer perturbado.

— Não troca hoje — disse, inseguro.

Mack deixou escapar um suspiro de frustração e disse:

— Ele é um garoto esperto que aprendeu umas poucas frases em inglês, mas que na verdade não fala a língua. — Era de enlouquecer se perderem ali só por não serem capazes de se comunicar com o povo local.

— Deixa eu tentar — disse Lizzie.

Ela foi até um dos cavalos, abriu um saco de couro e pegou uma faca de lâmina comprida. Tinha sido feita na forja da plantação, e a letra “J” de Jamisson fora gravada a fogo no cabo.

Uma ferramenta tosca, em comparação com o que se podia comprar em Londres, mas sem dúvida superior a qualquer coisa que os cherokee fossem capazes de fabricar. Ela mostrou a faca ao rapaz. Ele abriu um sorriso largo.

— Eu comprar isso — disse, esticando a mão.

Lizzie recolheu a faca.

O garoto ofereceu o peixe, mas ela o afastou. Ele pareceu perturbado de novo.

— Olha — disse Lizzie.

Inclinou-se sobre uma pedra larga de superfície plana. Usando a ponta da faca, começou a riscar um desenho. Primeiro uma linha denteada. Apontou para as montanhas distantes e depois para a linha.

— Isto é a serra — disse.

Mack não seria capaz de dizer se o garoto tinha entendido ou não.

Embaixo da serra, Lizzie desenhou dois bonecos de traços retos e apontou para si própria e para Mack.

— Isto somos nós — disse. — Agora, presta atenção. — Ela desenhou uma segunda cadeia de montanhas ao lado da primeira, com um V bem pronunciado entre as duas. — Isto é o desfiladeiro — esclareceu. Finalmente pôs um boneco no V. — Precisamos encontrar o passo — disse, olhando para o garoto com enorme expectativa.

Mack conteve a respiração.

— Eu comprar isso — disse o garoto, e ofereceu o peixe a Lizzie.
Mack gemeu.

— Não perca as esperanças — exclamou Lizzie, asperamente. —
Dirigiu-se de novo ao índio. — Isto é a serra. Isto somos nós. Aqui é o
desfiladeiro. Precisamos achar o desfiladeiro. — Depois apontou para ele. —
Você nos leva ao desfiladeiro e você ganha a faca.

Ele olhou para as montanhas, depois para o desenho e por fim para
Lizzie.

— Desfiladeiro — disse.

Lizzie apontou para as montanhas.

Ele desenhrou um V no ar e apontou pelo meio.

— Desfiladeiro — disse de novo.

— Eu comprar isso — afirmou Lizzie.

O garoto deu um sorriso largo e balançou vigorosamente a cabeça.

— Será que ele captou a mensagem? — perguntou Mack.

— Não sei — ela hesitou, pegou a cabeça do cavalo e saiu andando. —
Vamos? — perguntou ao garoto, convidando-o com um gesto a ir também.

Ele começou a andar ao seu lado.

— Aleluia! — exclamou Mack.

O outro índio foi também.

Eles saíram andando ao longo da margem de um curso d'água. Os
cavalos adotaram a andadura constante e firme com que os tinham levado por
mais de seiscentos e cinquenta quilômetros em vinte e dois dias. Aos poucos
a serra distante foi ficando maior, mas Mack não viu sinal de um desfiladeiro.

O terreno ia ganhando altura sem piedade, mas o piso parecia menos
irregular e os cavalos podiam se deslocar um pouco mais depressa. Mack
percebeu que os dois rapazes estavam seguindo uma trilha que só eles eram
capazes de enxergar. Deixando que os índios seguissem à frente, continuaram
a se dirigir diretamente para a serra.

Seguiram toda a vida até o sopé da montanha e de repente viraram para
leste. Aí, para enorme alívio de Mack, viram o desfiladeiro.

— Bravo, Pescador! — exclamou, contente.

Vadearam um rio e contornaram a montanha para emergir do outro lado
da serra.

Quando o sol se pôs, eles se encontravam em um vale estreito com um
rio com cerca de oito metros de largura e águas rápidas que corriam de norte
para leste. À frente deles havia outra cadeia de montanhas.

— Vamos acampar— disse Mack. — Pela manhã subimos o vale e procuramos outro desfiladeiro.

Mack sentia-se bem. Não haviam seguido uma rota óbvia e o desfiladeiro era invisível da margem do rio; não era possível que Jay os seguisse até ali. Começou a crer que finalmente escapara.

Lizzie deu a faca ao garoto mais alto.

— Muito obrigada, Pescador — disse.

Mack tinha esperança de que os índios ficassem com eles.

Poderiam ter todas as facas que quisessem se guiassem Mack e Lizzie pelas montanhas. Mas os dois se viraram e voltaram pelo mesmo caminho que tinham vindo, o mais alto ainda carregando seu peixe.

Alguns momentos depois eles desapareceram no crepúsculo.

Jay estava convencido de que alcançariam Lizzie naquele dia. Manteve um ritmo forçado, exigindo bastante dos cavalos.

— Não podem estar muito longe — ia repetindo.

No entanto, não havia nem sinal dos fugitivos quando chegaram ao rio Holston, ao anoitecer. Sentia-se furioso.

— Não podemos prosseguir no escuro — disse, enquanto seus homens davam de beber aos cavalos. — Eu achava que a esta altura os teríamos alcançado.

— Não estamos muito atrás, calma — disse Lennox, irritado.

Quanto mais longe da civilização, mais insolente ele se mostrava.

Dobbs interveio:

— Mas não podemos dizer que caminho tomaram a partir daqui. Não há trilha atravessando as montanhas; qualquer idiota que queira ir para lá vai ter que achar seu próprio caminho.

Amarraram as patas dos cavalos, para que não pudessem fugir e prenderam Peg numa árvore, enquanto Lennox preparava canjica para a ceia. Há quatro dias que não encontravam uma taverna e Jay estava farto de comer o mingau com que alimentava seus escravos, mas agora estava escuro demais para caçar.

Estavam todos exaustos. Binns caíra fora em Fort Chiswell e agora Dobbs começava a desanimar.

— Eu devia desistir e voltar — disse. — Não vale cinquenta libras me perder nas montanhas e morrer.

Jay não queria que ele se fosse: era o único com algum conhecimento do local.

— Mas ainda não alcançamos minha mulher — disse Jay.

— Não ligo a mínima para sua mulher.

— Espere mais um dia. Todo mundo diz que a passagem nas montanhas é ao norte deste ponto. Vamos ver se conseguimos encontrar o desfiladeiro. Talvez os alcancemos amanhã.

— E talvez desperdicemos o nosso maldito tempo.

Lennox serviu a canjica em tigelas. Dobbs soltou as mãos de Peg o suficiente para que ela pudesse comer, depois amarrou-a de novo e jogou um

cobertor em cima dela. Ninguém se interessava muito pelo seu bem-estar, mas Dobbs queria levá-la para o xerife de Staunton: parecia pensar que seria admirado por tê-la capturado.

Lennox sacou uma garrafa de rum. Eles se embrulharam em seus cobertores, passaram a garrafa e tentaram manter uma conversa desconexa. Passaram-se as horas e a lua nasceu. Jay cochilou, acordando a toda hora. Em dado instante abriu os olhos e viu um rosto estranho na orla do círculo iluminado pela fogueira.

Ficou tão assustado que não foi capaz de emitir um som.

Era um rosto diferente; jovem, mas estranho e após um instante ele se deu conta de que pertencia a um índio.

O rosto sorria, mas não para Jay. Jay seguiu seu olhar e viu que estava focalizado em Peg. Ela fazia caretas para o índio, sem dúvida tentando fazer com que ele a soltasse.

Jay permaneceu absolutamente imóvel e observou.

Havia dois índios, constatou. Eram jovens rapazes.

Um deles entrou silenciosamente no círculo. Carregava um peixe grande. Colocou-o delicadamente no chão, puxou uma faca e debruçou-se sobre Peg.

Lennox foi rápido como uma serpente. Jay mal viu o que aconteceu. Houve um movimento indistinto e Lennox prendeu o rapaz numa chave de braço. A faca caiu no chão.

Peg deu um grito de desapontamento.

O segundo índio sumiu.

Jay levantou-se.

— O que temos aqui?

Dobbs esfregou os olhos e firmou a vista.

— Só um garoto índio, tentando nos roubar. Deveríamos enforcá-lo como uma lição para os outros.

— Ainda não — disse Lennox. — Pode ser que ele tenha visto as pessoas que seguimos.

A possibilidade levantou as esperanças de Jay, que adiantou-se e parou diante do menino.

— Diga qualquer coisa, selvagem.

Lennox torceu o braço dele com mais força. Ouviu um grito e um protesto na língua do índio.

— Fale inglês — vociferou Lennox.

— Presta atenção — disse Jay, bem alto. — Você viu duas pessoas, um homem e uma mulher, nesta estrada?

— Não troca hoje — disse o garoto.

— Ele fala inglês! — afirmou Dobbs.

— Mas não creio que possa nos dizer alguma coisa — disse Jay, desanimado.

— Oh, pode sim — disse Lennox. — Segure-o para mim, Dobbs. — Dobbs substituiu Lennox, que abaixou-se e pegou a faca que o índio deixara cair. — Veja só isto aqui. É uma das nossas. Tem a letra “J” gravada a fogo no cabo.

Jay olhou. Era verdade. A faca tinha sido fabricada na plantação!

— Ora, então ele encontrou Lizzie!

Lennox concordou:

— Exatamente.

Jay sentiu-se esperançoso de novo.

Lennox segurou a faca diante dos olhos do índio e disse:

— Que direção eles seguiram, rapaz?

Ele lutou, mas Dobbs o manteve preso.

— Não troca hoje — disse ele, aterrorizado.

Lennox pegou a mão esquerda do rapaz e enfiou a ponta da faca sob a unha do dedo indicador.

— Que direção? — repetiu, e arrancou fora a unha.

O rapaz e Peg gritaram ao mesmo tempo.

— Pare! — gritou Peg. — Deixa ele em paz!

Lennox pegou a mão direita e arrancou outra unha. O índio começou a soluçar.

— Qual é a direção do desfiladeiro? — perguntou Lennox.

— Desfiladeiro — disse o índio e com a mão sangrando apontou para o norte.

Jay deu um suspiro de satisfação.

— Você pode nos levar lá — disse.

Mack sonhou que vadeava um rio para um lugar chamado Liberdade. A água era fria, o leito do rio irregular e a correnteza forte.

Ele andava para a frente sem parar, mas a margem nunca chegava mais perto, e o rio ficava mais fundo a cada passada. Mesmo assim ele sabia que se continuasse tentando acabaria chegando lá. Mas a água foi ficando sempre mais e mais funda e acabou por cobrir sua cabeça. Lutava para respirar, quando acordou.

Ouviu um dos cavalos relinchar.

— Alguma coisa os perturbou — disse ele.

Não houve resposta. Ele se virou e viu que Lizzie não estava ao seu lado.

Podia ter ido atender a um chamado da natureza atrás de um arbusto, mas ele teve um mau pressentimento. Rolou rapidamente para fora do cobertor e pôs-se de pé.

O céu apresentava faixas cinzentas e ele viu as quatro éguas e os dois garanhões, todos imóveis, como se ouvissem outros cavalos à distância. Alguém estava vindo.

— Lizzie! — ele chamou.

Foi Jay quem saiu de trás de uma árvore com um rifle apontado para o coração de Mack.

Mack ficou absolutamente imóvel Um momento depois Sidney Lennox apareceu com uma pistola em cada mão.

Mack ficou ali imóvel O desespero o dominou como o rio no seu sonho. Não conseguira fugir, afinal: eles o tinham apanhado.

Mas onde estava Lizzie?

O homem de um olho só do vau do rios sul, Zarolho Dobbs, aproximou-se, também carregando um rifle, com Peg em outro cavalo ao seu lado, os pés amarrados sob a barriga do animal para que não pudesse saltar. Não parecia estar machucada, mas seu aspecto não podia ser mais desesperadamente angustiado e Mack soube que se culpava por aquilo. O garoto índio que haviam chamado de Pescador caminhava ao lado do cavalo de Dobbs, amarrado à sela dele por uma corda comprida. Devia ter ensinado o caminho a eles. Tinha as mãos cobertas de sangue. Por um momento Mack ficou

atônito: o garoto não tinha sinais de ferimentos antes. Depois percebeu que ele fora torturado. Sentiu nojo de Jay e Lennox.

Jay ficou olhando fixamente para os cobertores no chão. Era óbvio que Mack e Lizzie vinham dormindo juntos.

— Seu porco imundo — disse ele, o rosto contorcido de ódio.

— Onde está minha mulher?

Ele reverteu a posição do rifle e golpeou com a coronha a cabeça de Mack, atingindo-o com uma pancada no lado do rosto tão forte que Mack balançou e caiu.

— Onde ela está, seu animal escavador de carvão, onde está minha mulher?

Mack sentiu gosto de sangue na boca.

— Não sei.

— Se não sabe, posso muito bem ter a satisfação de dar um tiro no meio da sua cabeça!

Mack viu que Jay falava a sério. O suor cobriu todo o seu corpo. O impulso que sentiu foi o de suplicar pela sua vida, mas cerrou os dentes com força.

Peg gritou:

— Não, não atire, por favor!

Jay apontou o rifle para a cabeça de Mack. Sua voz alçou-se a um nível de histeria.

— Isto é por todas as vezes que você me desafiou! — berrou ele.

Mack o encarou e viu a morte em seus olhos.

Lizzie estava deitada de bruços num tufo de grama, atrás de uma pedra, com o rifle na mão, esperando.

Escolhera aquele lugar na noite anterior, depois de examinar a margem do rio e ver pegadas e fezes de cervos. Quando a luz foi ficando mais forte, ela deitou-se ali imóvel, aguardando que os animais aparecessem para beber água.

“Sua habilidade com o rifle ia mantê-los vivos”, avaliou.

Mack podia construir uma casa, roçar os campos e plantar as sementes, mas se passaria pelo menos um ano para que pudessem ter algo suficiente para mantê-los um inverno.

Havia, contudo, três grandes sacos de sal entre seus suprimentos. Lizzie sentara-se muitas vezes na cozinha da casa de High Glen vendo Jeannie, a cozinheira, salgar presuntos e pernis de cervo em grandes barris. Sabia

defumar peixe também. Iam precisar de muito; do jeito como estavam se comportando, haveria três bocas para alimentar antes que se passasse um ano. Ela sorriu de felicidade.

Houve um movimento nas árvores. Um momento mais tarde um cervo jovem saiu do bosque e parou, delicadamente, à margem do rio. Inclinando a cabeça, pôs a língua para fora e começou a beber.

Lizzie engatilhou o rifle silenciosamente. Antes que pudesse mirar, outro cervo seguiu-se ao primeiro, e dentro de poucos momentos havia doze ou quinze. “Se toda essa terra for assim”, pensou Lizzie, “vamos engordar!” Ela não queria um animal de grande porte. Os cavalos estavam totalmente carregados e não poderiam transportar carne sobressalente e de qualquer forma os animais mais jovens eram mais tenros. Escolheu o alvo e mirou, apontando o rifle para o seu quarto dianteiro, logo acima do coração. Respirou com tranquilidade e ficou imóvel como aprendera na Escócia.

Como sempre, sofreu um momento de pesar pelo belo animal que estava prestes a destruir. Aí então puxou o gatilho.

O tiro veio lá de cima do vale, duzentos ou trezentos metros de distância.

Jay parou a arma ainda apontada para Mack.

Os cavalos se inquietaram, mas o tiro fora longe demais para causar um susto mais sério.

Dobbs controlou a montaria e disse, no seu falar arrastado:

— Se atirar agora, Jamisson, vai avisá-la e ela poderia fugir.

Jay hesitou e abaixou lentamente a arma. Mack arqueou o corpo, aliviado.

Jay disse:

— Vou atrás dela. O resto de vocês fica aqui.

Mack viu que se pudesse avisá-la, Lizzie talvez conseguisse fugir. Quase desejou que Jay tivesse atirado nele. O tiro podia tê-la salvo.

Jay abandonou a clareira e seguiu rio acima, a arma na mão, pronta para atirar.

“Tenho que fazer um deles atirar”, pensou Mack.

Havia um modo fácil de conseguir isto: fugir.

“Mas e se atirarem em mim? “Não me importo, prefiro morrer do que ser recapturado.” Antes que a cautela pudesse abalar sua resolução, saiu correndo.

Houve um momento de assombrado silêncio, antes que percebessem o

que estava acontecendo.

Aí então Peg gritou.

Mack correu para as árvores, esperando receber um tiro nas costas a qualquer momento.

Houve um tiro, seguido por outro. Mack nada sentiu. Não tinham acertado nele.

Antes que fossem disparados outros tiros, ele parou e levantou as mãos. Conseguiu.

Tinha conseguido avisar Lizzie.

Virou-se devagar, conservando as mãos levantadas. “Agora é por sua conta, Lizzie”, pensou. “Boa sorte, meu amor.” Jay parou quando ouviu os tiros. Tinham vindo de trás dele. Não fora Lizzie quem atirara e sim alguém lá na clareira. Aguardou, mas não houve mais tiros.

O que acontecera? McAsh dificilmente poderia ter conseguido se apoderar de uma arma e carregá-la. De qualquer forma, o homem era um mineiro de carvão, não entendia nada de armas.

Jay supôs que Lennox ou Dobbs tinham atirado em McAsh.

Fosse o que fosse, a tarefa mais importante era capturar Lizzie.

Lamentavelmente, os tiros a tinham advertido. Ele conhecia sua esposa. O que iria fazer? Paciência e cautela eram qualidades estranhas a ela. Lizzie raramente hesitava. Reagia rápida e decisivamente. A esta altura estaria correndo naquela direção. Teria se voltado para a clareira antes de pensar em ir devagar e planejar qualquer coisa.

Jay encontrou um lugar de onde podia ver com clareza trinta ou quarenta metros de margem do rio. Escondeu-se entre os arbustos. Depois engatilhou a arma.

A indecisão o assaltou com uma dor repentina. O que faria quando ela surgisse no seu campo de visão? Se a matasse, todos os seus problemas teriam terminado. Tentou fingir que estava caçando cervos. Apontaria no coração, logo abaixo do ombro, para uma morte limpa.

Ela apareceu.

Estava meio andando e meio correndo, tropeçando no piso irregular da margem do rio.

Usava novamente roupas de homem, mas pôde ver seu busto ofegando com o esforço.

Carregava dois rifles debaixo de um braço.

Apontou para o seu coração, mas a viu nua, montada nele na cama, os

seios tremendo enquanto faziam amor; e não pôde atirar.

Quando Lizzie estava a dez metros, ele saiu do esconderijo. Ela parou de repente e deu um grito de horror.

— Olá, querida — disse ele.

Ela lhe dirigiu um olhar de ódio.

— Por que você não pode simplesmente me deixar ir embora? — disse.
— Você não me ama!

— Não, mas preciso de um neto.

— Prefiro morrer — assegurou ela, com menosprezo.

— É esta a alternativa — disse ele.

Houve um momento de caos depois que Lennox disparou suas pistolas em Mack.

Os cavalos se assustaram com os tiros à queima-roupa. Peg fugiu. Conservou-se montada, amarrada como se encontrava, e puxou as rédeas com as mãos atadas, mas não pôde deter sua montaria e desapareceu entre as árvores. O cavalo de Dobbs corcoveou e ele lutava para controlar o animal. Lennox apressou-se a recarregar as pistolas.

Foi quando o Pescador entrou em ação. Correu para o cavalo de Dobbs, pulou na garupa dele e empurrou Dobbs para fora da sela.

Mack percebeu, entusiasmado, que ainda não estava vencido.

Lennox largou as pistolas e correu para ajudar Dobbs.

Mack esticou um pé e derrubou Lennox.

Dobbs caiu do cavalo, mas seu tornozelo ficou preso na corda pela qual o Pescador estava amarrado na sela. O cavalo, agora apavorado, disparou. O Pescador agarrou-se ao seu pescoço para salvar a vida. E assim o animal sumiu de vista, arrastando Dobbs pelo chão.

Com uma alegria selvagem, Mack virou-se para enfrentar Lennox. Só restavam os dois na clareira. Finalmente surgia a chance para uma briga a socos entre eles. “Eu o matarei”, pensou Mack.

Lennox rolou no chão e levantou com uma faca na mão. Mergulhou contra Mack.

Mack esquivou-se, chutou a rótula de Lennox e pulou fora do alcance dele.

Mancando, Lennox aproximou-se. Desta vez ele fez uma finta com a faca, deixou Mack esquivar-se para o lado errado e atacou de novo. Mack sentiu uma dor aguda no seu lado esquerdo.

Com a mão direita deu um soco poderoso no lado da cabeça de Lennox,

que piscou e levantou a faca.

Mack recuou. Era mais jovem e mais forte que Lennox, mas este provavelmente tinha muito mais experiência de brigas de faca.

Com uma pontada de pânico, deu-se conta de que um combate corpo a corpo não era a melhor maneira de derrotar um homem armado de faca. Tinha que mudar de tática. Virou-se e correu uns metros, procurando uma arma. Deu com uma pedra mais ou menos do tamanho do seu punho. Abaixou-se, pegou-a e virou-se.

Lennox corria para ele.

Mack atirou a pedra. Acertou bem no meio da testa de Lennox e Mack deu um grito de triunfo. Lennox tropeçou, estonteado. Mack tinha que aproveitar ao máximo aquela vantagem.

Agora era o momento para desarmar Lennox. Mack deu um chute que acertou no cotovelo direito de Lennox.

Lennox largou a faca e deu um grito de desalento. Mack o pegara. Acertou um soco no queixo de Lennox com toda a sua força. O golpe doeu-lhe a mão, mas lhe deu profunda satisfação. Lennox recuou, medo nos olhos, mas Mack o seguiu depressa. Acertou Lennox na barriga e depois em ambos os lados da cabeça. Tonto e aterrorizado, Lennox tropeçou. Estava liquidado, mas Mack não era capaz de parar. Queria matar o homem. Agarrou-o pelo cabelo, puxou sua cabeça para baixo e deu-lhe uma joelhada na cara. Ele caiu de joelhos, tossiu e vomitou. Já ia bater de novo quando ouviu a voz de Jay dizer:

— Pare ou atiro nela.

Lizzie entrou na clareira e Jay a seguiu, apontando o rifle para a sua nuca.

Mack olhou para aquilo paralisado. Viu que a arma de Jay estava pronta para atirar.

Inclusive, se ele simplesmente tropeçasse, arrancaria a cabeça de Lizzie com o tiro. Mack afastou-se de Lennox e aproximou-se de Jay. Ainda estava possuído pela selvageria do momento anterior.

— Você só tem um tiro — disse, ríspidamente. — Se matar Lizzie, eu mato você.

— Então talvez eu deva matar você.

— Sim — disse Mack, enlouquecido, aproximando-se mais de Jay. — Atire em mim.

Jay mudou a posição do rifle.

Mack sentiu uma onda de júbilo selvagem: a arma não estava mais apontada para Lizzie. Com passos firmes, continuou andando na direção de Jay.

Jay apontou cuidadosamente para Mack. Houve um ruído estranho e, de repente, um objeto cilíndrico de madeira saía pela bochecha de Jay.

Ele deu um grito de dor e largou o rifle. A arma disparou ruidosamente e a bala raspão a cabeça de Mack.

Jay havia sido atingido no rosto por uma flecha.

Mack sentiu os joelhos bambos.

O barulho foi ouvido de novo e uma segunda flecha perfurou o pescoço de Jay. Jay desabou.

Na clareira apareceram o Pescador, seu amigo e Peg, seguidos por cinco ou seis índios adultos, todos carregando arcos.

Mack começou a tremer de alívio. Supôs que, quando Jay capturara o Pescador, o outro índio fora buscar ajuda. O grupo de resgate devia ter encontrado os cavalos disparados.

Não sabia o que acontecera com Dobbs, mas um dos índios estava usando suas botas.

Lizzie parou ao lado de Jay, olhando fixamente para ele, a mão cobrindo sua boca.

Mack adiantou-se e a abraçou. Olhou para o homem estirado no chão. O sangue jorrava pela boca. A flecha abrira uma veia do pescoço.

— Ele está morrendo — disse Lizzie, com a voz trémula.

Mack fez que sim.

O Pescador apontou para Lennox, que ainda se encontrava de joelhos. Os outros índios o pegaram, jogaram no chão, deitado, e o prenderam assim. Houve uma conversa entre o Pescador e o mais velho dos outros. O Pescador mostrou inúmeras vezes os dedos. Parecia que as unhas tinham sido arrancadas e Mack achou que devia ter sido assim que Lennox torturara o menino.

O índio mais velho puxou uma machadinha do cinto. Com um movimento vigoroso e rápido, cortou a mão direita de Lennox na altura do pulso.

Mack exclamou:

— Por Jesus!

O sangue jorrou da ferida e Lennox desmaiou.

O homem pegou a mão decepada e, com um jeito formal presenteou-a

ao Pescador. O garoto a recebeu solenemente. Depois virou-se e arremessou-a longe. Ela voou por cima das árvores e foi cair em algum lugar do bosque.

— Uma mão por uma mão — disse Mack, baixinho.

— Deus os perdoe — acrescentou Lizzie.

Mas eles não haviam terminado. Pegaram Lennox, que sangrava sem parar, e o colocaram sob uma árvore. Depois amarraram uma corda no seu tornozelo, prenderam a ponta livre da corda num galho da árvore e o levantaram até que ficasse pendurado de cabeça para baixo. O sangue que jorrava do pulso cortado encharcou o chão debaixo dele. Os índios permaneceram em volta, olhando para aquela cena medonha. Parecia que iam assistir à morte de Lennox. Eles fizeram com que Mack se lembrasse da multidão no enforcamento de Londres.

Peg adiantou-se para eles e disse:

— Temos que fazer alguma coisa a respeito dos dedos do índio.

Lizzie desviou os olhos do marido moribundo.

Peg perguntou:

— Você tem alguma coisa para fazer uma atadura na mão dele?

Lizzie pestanejou e fez que sim.

— Tenho um pouco de unguento e um lenço que podemos usar como bandagem.

Deixa que eu faço isso.

— Não — disse Peg, firmemente. — Eu faço.

— Se quiser.

Lizzie encontrou o pote de unguento e um lenço que deu para Peg.

Peg fez com que o Pescador se afastasse do grupo em volta da árvore. Embora não falasse a língua do índio, parecia ser capaz de comunicar-se com ele. Conduziu-o até a margem do rio e começou a lavar suas feridas.

— Mack — disse Lizzie.

Ele virou-se para ela. Lizzie estava chorando.

— Jay morreu — disse ela.

Mack olhou para ele. Estava completamente branco. O sangramento cessara e ele ficara imóvel. Mack agachou-se e procurou sentir o coração. Nada.

— Eu o amei — disse Lizzie.

— Eu sei.

— Quero enterrá-lo.

Mack pegou uma pá nas ferramentas que trouxera. Enquanto os índios

observavam Lennox sangrar até morrer, cavou uma cova rasa. Ele e Lizzie ergueram o corpo de Jay e o colocaram dentro do buraco. Lizzie agachou-se e, cuidadosamente, arrancou as flechas do cadáver. Mack empurrou terra para cima do corpo e Lizzie começou a cobrir o túmulo com pedras.

De repente Mack quis ir embora daquele lugar de sangue. Foi reunir os cavalos. Havia agora dez: os seis da plantação, mais os quatro que Jay e seu grupo haviam trazido. Ocorreu a Mack o estranho pensamento de que agora era um homem rico. Tinha dez cavalos. Começou a carregar os suprimentos.

Os índios se mexeram. Lennox parecia ter morrido. Eles deixaram a árvore e vieram para o lugar onde Mack carregava os cavalos. O mais velho deles falou com Mack. Este não entendeu uma só palavra, mas o tom era formal. O homem devia estar dizendo que justiça fora feita.

Estavam prontos para partir.

O Pescador e Peg subiram da margem do rio juntos. Mack olhou para a mão do rapaz: Peg fizera um bom trabalho, com a atadura.

O Pescador disse qualquer coisa e seguiu-se uma conversa na língua dos índios na qual todos pareciam bastante zangados. Finalmente todos os índios menos o Pescador foram embora.

— Ele vai ficar? — perguntou Lizzie a Peg.

Ela deu de ombros.

Os outros índios seguiram no rumo leste, na direção do sol nascente ao longo do vale do rio, e logo desapareceram no meio das árvores.

Mack montou no seu cavalo. O Pescador soltou um dos cavalos sobressalentes da fila e montou. Seguiu na frente. Peg foi ao seu lado. Mack e Lizzie os seguiram.

— Acha que o Pescador vai nos guiar? — perguntou Mack a Lizzie.

— É o que parece.

— Mas ele não estipulou nenhum preço.

— Gostaria de saber o que deseja.

Lizzie olhou para os dois jovens cavalgando lado a lado.

— Você não consegue adivinhar?

— Oh — fez Mack. — Você acha que ele está apaixonado por ela?

— Acho que quer passar muito mais tempo na companhia de Peg.

— Ora, ora. — Mack tornou-se pensativo.

Enquanto seguiam para oeste, o sol que nascia nas suas costas subiu e projetou as sombras deles na terra que se estendia à sua frente.

Era um vale largo, que ficava além da serra mais alta, mas ainda nas

montanhas. Havia uma corredeira de água pura e gelada rumorejando na calha do vale, transbordando de peixes.

As encostas das montanhas eram densamente arborizadas e cheias de caça. Na elevação mais alta, um par de águias douradas ia e vinha, levando comida no ninho para os filhotes.

— Isto me faz lembrar da minha casa — disse Lizzie.

— Então vamos dar-lhe o nome de High Glen — replicou Mack.

Descarregaram os cavalos na parte mais plana do fundo do vale, onde construiriam uma casa e roçariam um campo. Acamparam sobre um trecho de grama seca sob uma árvore muito copada.

Peg e o Pescador mexiam num saco, procurando uma serra, quando Peg encontrou a argola de ferro quebrada. Puxou-a para fora e examinou-a com um olhar curioso. Olhou para as letras sem compreender; nunca aprendera a ler.

— Por que você trouxe isto? — indagou.

Mack trocou olhares com Lizzie. Ambos recordavam a cena perto do rio na velha High Glen, lá na Escócia, quando Lizzie fizera a Mack a mesma pergunta.

Agora ele deu a Peg a mesma resposta, mas desta vez não havia amargura em sua voz, apenas esperança.

— Para não esquecer nunca — disse, com um sorriso. — Nunca.

Fim

Agradecimentos

Pelo auxílio inestimável com este livro, agradeço às seguintes pessoas: Minhas editoras de texto, Suzanne Baboneau e Ann Patty; Pesquisadores Nicholas Courtney e Daniel Starer; Historiadores Anne Goldgar e Thad Tate; Ramsey Dow e John Brown-Wright, de Longannet Colliery; Lawrence Lambert, do Museu de Mineração Escocês; Gordon e Dorothy Grant, de Glen Lyon; Os membros do Parlamento escocês Gordon Brown, Martin O'Neill e o falecido John Smith, Ann Duncombe; Colin Tett; Barbara Follett, Emanuele Follett, Katya Follett e Kim Turner; E, como sempre, AL Zuckerman.

(Livro corrigido por Angelo Miguel Abrantes, em 25 de fevereiro de 1999)

Este *ePub* teve como base digitalizações em *Doc* e *Txt* feita por um autor desconhecido.

Algumas correções no texto foram feitas utilizando-se o *ePub* formatado pelo Henrique do **Clubinho**. Para a capa, utilizei como modelo uma edição norte-americana.

Junho de 2014

LeYtor

Table of Contents

[Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[PARTE 1 - ESCÓCIA](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[PARTE 2 - LONDRES](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[PARTE 3 - VIRGÍNIA](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[Agradecimentos](#)